# UM ENSAIO SOBRE A HISTÓRIA E REALIDADE DAS APARIÇÕES

## DANIEL DEFOE

Tradução: Amadeu António

# UM ENSAIO SOBRE A

# HISTÓRIA E REALIDADE DAS APARIÇÕES

## DANIEL DEFOE

(Publicado de forma anónima em 1727)

SENDO

UM RELATO DO QUE ELAS SÃO, E DO QUE NÃO SÃO; DE ONDE VÊM, E DE ONDE NÃO VÊM.

ASSIM COMO

COMO PODEMOS DISTINGUIR ENTRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS BONS E MALIGNOS, E COMO DEVEMOS COMPORTAR-NOS PERANTE ELES.

COM

UMA GRANDE VARIEDADE DE EXEMPLOS SURPREENDENTES E DIVERTIDOS, NUNCA ANTES PUBLICADOS.

Pela Morte transportadas para a *Eterna Margem*, Almas assim removidas não nos revisitam mais: Absorvidas por Alegrias de uma *Espécie Superior*, elas deixam os fúteis *Pensamentos da Vida* para trás.

LONDRES, Impresso: E Vendido por J. Roberts em Warwick-Lane, MDCCXXVII.

## PREFÁCIO

Um Prefácio muito curto pode bastar para uma Obra desta Natureza.

*Espectro* e *Aparição* fazem um grande alarido no Mundo; e tiveram (pelo menos antigamente) uma grande influência entre nós.

Entre os nossos Antepassados, que depositavam demasiada ênfase neles, e a presente Era, que tenta totalmente explodi-los e desprezá-los, o Mundo parece quase nunca ter chegado a um entendimento correto sobre eles.

Alguns desprezam-nos de tal maneira extraordinária que pretendem não desejar nada mais do que serem convencidos por *Demonstração*; como se nada exceto ver o Diabo pudesse satisfazê-los de que tal Pessoa existe; e nada é mais maravilhoso para mim, em todo o *Sistema de Espíritos*, do que Satanás não considerar adequado *justificar a Realidade do seu Ser*, aparecendo a tais pessoas nalgumas das suas piores *Figuras*, e dizer-lhes com total careta quem ele é; quando não duvido de que eles ficariam tão cheios de *Pânico* como as outras Pessoas.

Por outro lado, algumas Pessoas ficam tão horrivelmente assustadas à mera menção de uma *Aparição*, que não conseguem dar dois Passos no escuro, ou no crepúsculo da Noite, sem olhar para trás; e se virem apenas um Morcego a voar, pensam no Diabo, por causa das suas *Asas*; e quanto a um *Mocho*, à sua primeira aparição, não hesitam em correr para dentro de Casa num Susto, afirmando terem visto o Diabo.

Como trazer o Mundo a um *Temperamento* correto entre estes Extreams é uma Dificuldade pela qual não podemos responder; mas se colocar as coisas sob uma luz verdadeira, entre a *Imaginação* e um *sólido Fundamento*, ajudar para *isso*, esperamos que esta Obra possa ter algum Sucesso.

Não que eu espere fortificar os meus Leitores, e estabelecer as suas Mentes contra os Medos do que possam ver, de modo a tornarem a Aparição do Diabo familiar para eles; existe uma tal Espécie de *Aversão* nas Mentes dos Homens pelo *Anjo da Luz*, que ninguém deseja vê-lo em *Imaginação*, muito menos ser forçado a vê-lo quer queira quer não.

Mas agora, por outro lado, se é verdade que o Diabo muito raramente aparece, que quase todas as reais *Aparições* são de *Anjos* amigáveis e auxiliadores, e vêm numa Missão bondosa e benfazeja para nós, e que portanto não precisamos de estar tão aterrorizados com elas como estamos; se for verdade que quando qualquer espírito maligno aparece, ele está limitado por um *Poder Superior*, e não nos pode fazer mal sem *Licença especial*; parece-me que isto deveria retirar o Terror das nossas Mentes, e fazer-nos armar as nossas Almas com Resolução suficiente para encontrar o *Diabo*, qualquer que seja a Forma em que ele ache adequado aparecer: Pois devo dizer-vos, Boa Gente, como foi dito noutro Caso, aquele que não é capaz de ver o Diabo em qualquer Forma que lhe agrade

aparecer, não está realmente qualificado para viver neste Mundo; não, nem sequer na qualidade de um habitante comum.

Mas o erro reside principalmente aqui: ou não permitimos nenhuma *Aparição* de todo, ou queremos que toda a *Aparição* seja o Diabo; como se nenhum dos Habitantes do *Mundo superior* fosse capaz de se mostrar aqui, ou tivesse qualquer Assunto entre nós, exceto o Diabo — que, sou de opinião, tem realmente menos que fazer aqui do que qualquer um deles; aliás, temos alguma razão para acreditar que ele não tem, de facto, nenhum Assunto aqui, exceto o de um *leão que ruge*, etc. e, portanto, se o encontrar, e tiver Coragem para isso, a pergunta mais adequada que lhe poderia fazer seria, não:

*Em Nome de Deus, quem és tu?*, mas sim: *Em Nome de Deus, que Assuntos tens tu aqui?* Mande-o ir para a sua Toca, e diga-lhe que, de outro modo, rogará a Deus que o encadeie: ouso dizer que ele bateria em retirada perante tal Ataque feito seriamente; e seria a melhor maneira no Mundo de se ver livre dele.

Para que possamos então estar perfeitamente tranquilos sobre esta coisa indeterminada chamada *Aparição*, tentei aqui trazer o assunto para um Âmbito estreito e vê-lo sob uma luz verdadeira. Primeiro, dei-vos vários Exemplares de reais *Aparições* bem atestadas, e a verdade delas tão afirmada que se pode nelas confiar: se em alguma delas não estou tão seguro do *Facto*, embora possam ser igualmente certas, disse-vos francamente e aderi apenas ao *Moral*: mas tudo junto poderá convencer o Leitor da Razão e Realidade da coisa em si.

Por outro lado, dei-vos Exemplares daqueles Entretenimentos e Delírios que foram impostos ao Mundo como *Aparições*; e podereis ver que a diferença é tão Notória (seja a Fraude *Política* ou *Excêntrica*, *Mágica* ou *Imaginária*), que nenhum Homem pode ser facilmente enganado, desde que faça uso dos Olhos do seu *Entendimento*, bem como daqueles que tem na Cabeça.

Se, depois de tudo, quiserdes entregar a vossa Razão à vossa Fantasia, que, na melhor das hipóteses, não passa de uma Doença, e se chamardes a cada Sombra uma *Aparição*, e a cada *Aparição* um Diabo, deveis contentar-vos em ser o Objeto de uma constante Delusão; pois aquele que imaginar ver o Diabo sempre perto de si, quer Satanás esteja realmente próximo ou não, nunca lhe faltarão Sombras errantes para o entreter, até que ele realmente invoque o Diabo que teme e atraia a Desgraça de que antes estava em Perigo.

## ÍNDICE


- **INTRODUÇÃO.** Sobre as *Aparições* em Geral: a Certeza e a Natureza delas. (Página 1)

- **Cap. I.** Sobre as *Aparições* em particular, a Realidade delas, a sua Antiguidade, e a Diferença entre as *Aparições* de Tempos passados e aquelas a que podemos chamar *Modernas*; com algo da Razão e Ocasião dessa Diferença. (p. 8)

- **Cap. II.** Sobre a Aparição de *Anjos* imediatamente em Missão como que do Céu; e por que devemos supor que esses tipos de *Aparições* chegaram ao Fim. (p. 18)

- **Cap. III.** Sobre a Aparição do Diabo em Forma Humana. (p. 21)

- **Cap. IV.** Sobre a Aparição de Espíritos *Desincorporados*, e que nunca foram Incorporados; não aqueles que são vulgarmente chamados *Fantasmas*, isto é, almas partidas que regressam e aparecem visivelmente na Terra, mas Espíritos de uma natureza superior e angélica; com uma Opinião sobre outra Espécie. (p. 35)

- **Cap. V.** Sobre a Aparição de *Almas Desincorporadas Partidas*. (p. 44)

- **Cap. VI.** Sobre a Maneira Como os Espíritos de toda a Espécie que podem ou aparecem entre nós gerem a sua Aparição, e Como procedem. (p. 58)

- **Cap. VII.** Sobre os muitos estranhos Inconvenientes e más Consequências que nos assistiriam neste Mundo, se as Almas de Homens e Mulheres, desincorporadas e partidas, tivessem a Liberdade de visitar a Terra, de onde foram dispensadas, e de se preocuparem com Assuntos Humanos, fossem eles os seus próprios ou pertencentes a outras Pessoas. (p. 85)

- **Cap. VIII.** A Realidade da *Aparição* reafirmada; e quais Espíritos são os que realmente aparecem. (p. 113)

- **Cap. IX.** Mais Relatos de Factos particulares, provando a Realidade das Aparições; com algumas observações justas sobre a Diferença entre os bons e maus Espíritos, a partir da Missão ou Assunto que os traz. (p. 166)

- **Cap. X.** Sobre a natureza diferente das Aparições; como nos devemos Comportar perante elas; quando ter medo ou preocupar-nos com elas, e quando não. (p. 191)

- **Cap. XI.** Sobre Aparições em Sonho, e até que ponto são ou não são Aparições reais. (p. 201)

- **Cap. XII.** Sobre dizer-se que as Aparições acontecem precisamente no momento em que a Pessoa que assim aparece está em fase de partida; a Ficção disso refutada. (p. 265)

- **Cap. XIII.** Sobre a Consequência desta Doutrina; e vendo que as *Aparições* são reais, e podem ser esperadas em muitas Ocasiões, e que temos a certeza de que não são as Almas dos nossos Amigos falecidos; como devemos agir, e como comportar-nos perante eles, quando surgem entre nós, e quando fingem ser este ou aquele, e falam na primeira Pessoa desses Amigos falecidos, como se fossem realmente os próprios?

- **Cap. XIV.** Sobre Falsas Aparições, e *Aparições* que foram o Efeito de Fraude. (p. 344)

- **Cap. XV.** Sobre *Aparições* Imaginárias, as Aparições da Fantasia, Vapores, Sonhos acordados, Cabeças delirantes e a *Hipocondria*. (p. 364)


## INTRODUÇÃO

## SOBRE AS APARIÇÕES EM GERAL: A CERTEZA E A NATUREZA DELAS.

De todos os *Arcanos* do mundo invisível, não conheço nenhuma única Coisa sobre a qual mais se tenha dito, e menos se tenha compreendido, do que isto da *Aparição*: está tão dividida entre a Aparição de bons e a Aparição de maus Espíritos, que os nossos Pensamentos estão estranhamente confusos a esse respeito.

Primeiro, fazemos uma grande Dificuldade em resolver se existem tais coisas como Aparições ou não; e algumas Pessoas inclinam-se para as reduzir todas a Fantasia, Capricho e *Vapores*; e assim, fechando a Porta contra as Aparições em geral, resolvem não receber nenhumas Visitas do mundo invisível, nem ter qualquer Conhecimento com os seus Habitantes até que lá cheguem; não satisfeitos com isso, resolvem por todos nós, bem como por si mesmos, e querem que, porque eles próprios não têm Noção disso, portanto não existe realmente tal coisa; e isto avançaram com grande Garantia, tanto em Impressão como noutros Discursos. Não nomeio ninguém.

Eu tenho, creio, uma noção tão verdadeira do Poder da Imaginação como devo ter, e ouvireis mais de mim sobre esse Ponto; acredito que formamos tantas Aparições nas nossas Fantasias quantas vemos realmente com os nossos Olhos, e muitas mais; aliás, as nossas Imaginações por vezes são muito diligentes em envolver os Olhos (e os Ouvidos também) na Delusão, e persuadir-nos a acreditar que vemos *Espectros* e Aparições, e ouvimos Ruídos e Vozes, quando na verdade, nem o Diabo nem qualquer outro Espírito, bom ou mau, se deu ao trabalho de nos incomodar.

Mas não se segue daí que, por conseguinte, não existam tais Coisas na Natureza; que não haja Intercâmbio ou Comunicação entre o Mundo dos Espíritos e o Mundo em que vivemos; que os Habitantes dos Espaços invisíveis, *estejam eles onde quiserdes*, não tenham Conversa connosco, e que nunca tomem a Liberdade de descer sobre este Globo, ou de visitar os seus Amigos aqui; e, em suma, que não tenham nada a ver com ou a dizer-nos, ou nós com ou a eles. A Investigação não é, como eu a entendo, se eles realmente vêm cá ou não, mas **quem são eles que vêm?**

O Espírito é certamente algo que não compreendemos totalmente, nas nossas atuais Circunstâncias limitadas; e como não compreendemos totalmente a coisa, também não podemos distinguir as suas Operações. Conforme o concebemos atualmente, é um Ser sem restrições, ilimitado; exceto por tais Leis do estado invisível, das quais presentemente pouco sabemos; da sua forma de conversar nada sabemos, além disto, que acreditamos, e de facto vemos Razão para tal, que ele pode agir de uma maneira invisível e impercetível; move-se sem ser prescrito

ou limitado pelo Espaço, pode vir e não ser visto, ir e não ser percebido; não pode ser encerrado por Portas, nem deixado de fora por Trincos e Barras; numa Palavra, não é confinado por todos aqueles Métodos pelos quais nós confinamos as nossas Ações, ou pelos quais entendemos que somos limitados e prescritos.

Contudo, apesar de tudo isto, ele conversa aqui, está connosco e entre nós; corresponde-se, embora *desincorporado*, com os nossos Espíritos que estão incorporados; e este conversar faz-se por uma via não apenas invisível, mas para nós inconcebível; não está preso nem à Fala nem à Visão, mas movendo-se numa Órbita superior, transmite o seu Significado aos nossos Entendimentos, as suas Medidas às nossas Conceções; lida com a Imaginação e trabalha-a para receber tais Impressões que servem o seu propósito; e no entanto, ao mesmo tempo, somos perfeitamente passivos, e não temos Agência ou Conhecimento do Assunto.

Por esta conversa silenciosa, todos os avisos gentis de Mal ou Bem que se aproximam são-nos transmitidos; os quais são por vezes tão evidentes, e vêm com uma Força tão irresistível sobre a Mente, que teríamos de ser mais do que estúpidos se não os percebêssemos; e se não formos extremamente omissos connosco próprios, poderemos receber por eles o devido Aviso, de modo a evitar os Males de que fomos avisados dessa maneira, e abraçar o Bem que nos é oferecido: Nem há muitas Pessoas vivas que possam negar ter tido tais Avisos, pelos quais, se lhes tivessem dado a devida Atenção, teriam sido assistidas para se salvarem das Desgraças que se seguiram; ou teriam, por outro lado, aproveitado tais e tais Vantagens que lhes foram oferecidas para o seu Bem. Pois é certamente uma das grandes e mais importantes dificuldades da vida humana saber se tais ou tais coisas, que se apresentam nas nossas circunstâncias ordinárias ou extraordinárias, são para nosso bem, como parecem ser, e como se pode pretender, ou não, e se é adequado para nós aceitá-las ou não; e muitos, infelizmente, colocam-se no caminho da sua própria prosperidade por falta de saberem o que aceitar e o que recusar.

Ora, por que agência deve ser que temos instruções para o bem ou pensamentos pressagiadores de males que nos assistem, e dos quais seria, de outra forma, impossível sabermos algo; se algum ser inteligente, que pode ver o futuro, não tivesse transmitido as apreensões para a mente, e não tivesse causado a emoção que alarma a alma?

E como deveria esse ser inteligente (seja ele qual for) transmitir estes presságios e súbitos *maus pressentimentos*, como lhes chamamos corretamente, para a mente, se não houvesse uma certa correspondência entre eles, uma forma

de falar perfeitamente inteligível para nós, incomum, e sem o auxílio de sons ou qualquer outra via percetível?

*Pois os Espíritos sem o auxílio da Voz conversam,*

Assim como existe uma conversa de espíritos, uma inteligência, ou chamem-lhe o que quiserem, entre os nossos espíritos incorporados e encerrados em carne, e os espíritos desincorporados que habitam os labirintos desconhecidos do mundo invisível — aquelas costas que a nossa geografia não pode descrever; que, entre *Algures* e *Lugar nenhum* habitam, nenhum de nós sabe onde; e no entanto temos a certeza de que devem ter localidade e, pelo que sabemos, estão muito perto de nós — por que deveria ser considerada uma coisa tão estranha que esses espíritos fossem capazes de assumir um exterior ou invólucro? Por que não deveriam eles ser capazes, ocasionalmente, ou quando acharem conveniente, de se vestirem como nós fazemos *à la Masquerade*, num hábito disfarçado de carne e sangue, para enganar a visão humana, de modo a tornarem-se visíveis para nós? Como são espíritos livres, por que não podem ser como aquilo que o meu Lord *Rochester* expressa noutro caso:

*Um Espírito livre para escolher para sua própria parte Que invólucro de Carne e Sangue lhe agrada vestir? — Roch. Sat. contra o Homem.*

Não afirmo com isto que seja assim, e que um espírito possa assim assumir um invólucro real de carne e sangue; pois resolvi não afirmar nada que não suporte uma prova, e não sugerir nada sem probabilidade em toda esta obra.

Mas é suficiente para o propósito presente se estes habitantes invisíveis puderem assumir uma Aparição, uma forma suficiente para os tornar percetíveis para nós; ao mesmo tempo não sendo de todo revestidos de qualquer substância, muito menos da espécie que representam.

Se eles podem assumir uma forma visível, como não vejo razão para dizer que não podem, não há lugar então para duvidar da realidade do seu aparecimento; porque o que *pode ser* não podemos senão acreditar que por vezes *tenha sido*, tal como o que *tem sido*, temos a certeza de que *pode ser*.

Dizer que os espíritos desincorporados nada podem ter a ver connosco, e que temos razão para acreditar que não estão de todo familiarizados com os assuntos humanos, é dizer o que nenhum homem pode assegurar, e portanto, é pedir a questão da maneira mais grosseira.

Dedicarei, por isso, muito pouco tempo a provar ou a argumentar a favor da realidade da Aparição. Que o Sr. *Glanville* e os seus antagonistas, os *Hobbeístas* e Saduceus daqueles tempos, sejam os vossos disputadores sobre esse assunto; nem vos incomodarei com muita antiguidade ou história: um pouco do que é

mais inatacável poderá ser necessário. Se existe um mundo invisível, e se os espíritos que aí residem ou habitam podem lá estar, ou foram lá colocados pelo supremo poder governante do universo; será difícil provar que é impossível que venham cá, ou que não devam ter liberdade para se mostrarem aqui, e conversarem neste globo, bem como em todos os outros globos ou mundos que, pelo que sabemos, se encontram nesse espaço imenso; a razão não os exclui.

A natureza cede à possibilidade, e a experiência com uma nuvem de testemunhas em todas as idades confirma a realidade da afirmativa.

A questão perante mim não é, portanto, tanto se existem tais coisas como aparições de espíritos; mas **QUEM**, e **O QUÊ**, e **DE ONDE** eles são; em que missão vêm, quem os envia ou direciona, e como e de que maneira devemos pensar e agir, e comportar-nos sobre eles, e para com eles; e esta é a substância deste empreendimento.

Diz-se que os Anjos são *espíritos ministradores*, e sabemos que têm sido utilizados (como tal) em muitas ocasiões, por nomeação superior daquele que os criou; por que razão então não se pode considerar adequado pelo mesmo poder, fazer ou substituir uma ministração destes espíritos desincorporados para o serviço das almas incorporadas dos homens, que são também criaturas de Deus, não o podemos dizer.

Sobre que base, e para que fim, seja do lado deles ou do nosso, e a partir de que nomeação, é muito difícil de asseverar; e no entanto alguns palpites prováveis poderiam ser feitos também, se fosse esse o trabalho que tenho em mãos; mas estou antes a ajustar o facto, e a asseverar a realidade das aparições em geral, do que a inquirir a razão delas; seja as razões na natureza, ou na Providência, que estão talvez mais fora do nosso alcance do que algumas pessoas imaginam.

É igualmente difícil determinar se os espíritos que aparecem são bons ou maus, ou ambos; a única conclusão sobre esse ponto deve ser feita a partir da missão em que vêm; e é uma conclusão muito justiça, creio eu; pois se um espírito ou aparição nos vem ou nos assombra apenas para aterrorizar e assustar, para encher a mente de horror e a casa de desordem, não podemos razoavelmente supor que seja um bom espírito; e, por outro lado, se vem para direcionar para algum bem, ou para prevenir e preservar de algum mal iminente, não pode então ser razoável supor que é um espírito maligno.

A história de uma aparição que perturbou um jovem cavalheiro, em ou perto de *Cambridge*, é notável para este propósito: ele dedicava-se, ao que parece, a uma espécie de ateísmo professo; mas ouvindo uma voz, supôs que era o diabo que lhe falava, e, no entanto, confessou que a voz lhe assegurou que havia um

Deus e lhe ordenou que se arrependesse. Era uma sugestão extremamente incongruente que o diabo devesse vir voluntariamente a um ateu e ordenar-lhe que se arrependesse; ou que o diabo devesse, com igual liberdade, afirmar a existência de um **DEUS**.

Se, então, foi uma aparição real de, ou uma voz de um espírito invisível; (digo *se*, porque poderia ser um fantasma da sua própria imaginação) deveria ser de um bom espírito, ou de um espírito maligno dominado por um poder superior e benéfico; e se isso fosse suposto, então justificaria o facto de prestarmos mais atenção a essas coisas chamadas vozes e aparições do que me aventurarei a aconselhar.

Quanto à possibilidade, no entanto, de aparições, e à certeza de um mundo de espíritos, como de forma alguma posso duvidar, não tomarei mais o vosso tempo para responder às objeções e cavilações de outras pessoas sobre o assunto; porque creio que a evidência equivalerá a uma demonstração dos factos, e a demonstração põe fim ao argumento.

1. Fonte desconhecida.
2. *Um Espírito livre para escolher, por minha própria conta, / Que invólucro de carne e sangue me apraza envergar.* ("A Satyre Against Mankind", linhas 3-4). *The Complete Poems of John Wilmot, Earl of Rochester*, ed. David M. Vieth. Yale UP: New Haven, 1968. p.94.
3. Joseph Glanvill (1636-1680), teólogo. DNB Vol. 7, p. 1287-88. As mais importantes para esta obra foram as suas publicações sobre fantasmas e bruxas.
4. Uma pessoa de disposição *saduceia*; um materialista, um negador da ressurreição. OED, p.352.
5. Defoe poderá ter obtido esta história de George Duckett quando o visitou em 1705 [das notas finais de Baines, esta informação provém de: Defoe para Robert Harley, cerca de 6 de novembro de 1705, em *Letters*, p.111]. *Defoe and the Supernatural*, p.85.

## CAPÍTULO I

### SOBRE AS APARIÇÕES EM PARTICULAR, A REALIDADE DELAS, A SUA ANTIGUIDADE, E A DIFERENÇA ENTRE AS APARIÇÕES DE TEMPOS PASSADOS E AQUELAS A QUE PODEMOS CHAMAR MODERNAS; COM ALGO DA RAZÃO E OCASIÃO DESSA DIFERENÇA.

NADA pode ser um testemunho mais forte da Realidade das Aparições em Geral do que descer às Aparições particulares que temos a certeza de terem sido vistas e com as quais se conversou, provenientes do Mundo superior. E começo

primeiro com aquelas que foram evidentemente do próprio Céu, e por determinação soberana da Providência em Ocasiões extraordinárias. E embora vá maçar os meus Leitores com o menos possível das Escrituras, especialmente no Princípio da minha Obra, porque não quero que a ponham de lado antes de a lerem até ao fim — o que haveria algum Perigo de acontecer se eu começasse de forma demasiado grave! Contudo, como não posso remontar aos Originais, ou começar pelo Princípio, sem um pouco de História desses Tempos antigos, deveis tolerar que eu apenas mencione os Historiadores Sagrados. Serei tão breve quanto puder.

Nada é mais certo, se é que se deve de todo acreditar na Escritura entre nós, do que o facto de o próprio Deus ter tido o prazer, na Infância das Coisas, de aparecer Visivelmente, e em Forma, a várias Pessoas, e em várias Ocasiões, sobre a Terra; assumindo ou tomando a Forma da sua Criatura Homem, quando achava adequado conversar com ele, para que não lhe causasse Terror.

Assim, *Adão* era frequentemente visitado no *Éden*; e não temos razão para duvidar de que fosse numa forma visível, porque *Adão* tanto o ouviu falar como, diz o Texto, *Eles ouviram a Voz do Senhor Deus que passeava no Jardim pela viração do Dia*. Gen. iii. 8.

Por toda a História do Mundo Antediluviano, temos razão para acreditar que, tal como Deus falava frequentemente aos Homens, também lhes aparecia com a mesma frequência; pois descobrimos que eles conversavam com Deus Face a Face. *Caim*, embora iníquo, falou com Deus, e Deus com ele, quando foi acusado do Assassinato do seu Irmão *Abel*; e o Texto é expresso, Gen. iv. 16, que depois disso, *Caim saiu da Presença do Senhor*. De modo que Deus não apenas lhe falou através de uma voz, mas estava Visível e Presente perante ele.

E como devo levar o Diabo comigo, lado a lado, em cada Período de Tempo, saiba-se que mesmo no Paraíso o Diabo assumiu uma Forma. Pois devemos admitir que Satanás é um Espírito e, de facto, temos boas razões para dizer que ele é um *Espírito livre para Escolher que invólucro de Carne e Sangue lhe agrada vestir*, ou pelo menos parecer vestir.

Assim, ele sem dúvida falou pela Boca da Serpente no Jardim, ou então tomou sobre si essa Forma, embora o primeiro seja o mais provável; porque a Serpente foi amaldiçoada por ser apenas o Instrumento, por muito passiva que pudesse ter sido.

O Sr. *Milton* não tem dúvidas de que o Diabo assumiu uma Forma de qualquer tipo, tanto de *Animal* como de Homem, quando o apresenta a sussurrar a *Eva* no seu Sono, e colocando-se perto do seu Ouvido, na Forma de um Sapo, o que ele

expressa no seu Sublime Poema, e com aquele Modo inimitável, que lhe é peculiar.

Primeiro, ele apresenta Satanás a saltar sobre o Monte ou Vedação que Deus colocara em volta do Jardim, como um Lobo salta sobre as grades para dentro de um Curral de ovelhas; e tendo entrado no Paraíso, coloca-se sobre a Árvore da Vida, na Forma de um Corvo ou Corvo-marinho. Aí está a primeira Aparição do Diabo.

Dali ele observa todo o Jardim e todas as Criaturas nele, e finalmente avista *Adão* e *Eva*, para sua grande surpresa. Mas após algum tempo passado a admirar a Forma deles, a sua Beleza, Felicidade e Inocência, como resolveu arruiná-los, desce da Árvore para estar mais perto deles; e misturando-se entre o Gado, onde assume agora uma forma, depois outra, conforme melhor lhe servia para estar perto de *Adão* e *Eva*, e no entanto não ser percebido por eles; isto o Poeta descreve assim:

*Então, do seu posto elevado naquela árvore alta, Ele desce entre o rebanho brincalhão Daquelas Espécies de quatro patas; ele próprio agora uma, Ora outra, conforme a forma melhor servia o seu Fim Para ver de perto a sua Presa, e não ser visto Para notar o que mais da sua Condição poderia aprender, — em volta deles rodeando Um Leão agora ele espreita com Clarão ardente; Depois como um Tigre, — Milt. Parad. lib. IV. ver. 395.*

Novamente, quando faz os Anjos encontrarem Satanás, como observei, a sussurrar maus Pensamentos a *Eva* num Sonho, e no seu Sono, diz ele:

*Ali o encontraram, Acocorado como um Sapo, junto ao Ouvido de Eva; Tentando, pela sua arte diabólica, alcançar Os Órgãos da sua Fantasia, e com eles forjar Ilusões, conforme quisesse, Fantasmas e Sonhos, — Ib. ver. 799.*

É evidente, então, que o Diabo pode assumir uma Forma, seja de Homem ou de Animal, e aparecer como tal, a fim de se disfarçar da nossa Visão. Teremos mais relatos dele em breve, mas entretanto olhemos para mais alto e entremos nas Eras Posteriores.

**ABRAÃO** é o primeiro Exemplo, depois de Noé, de uma conversa aberta com o seu Criador; e a Escritura distingue a própria maneira; por vezes diz-se que *o Senhor dissera a Abrão*, Gen. xii. 1. e novamente, *o Senhor disse a Abrão*, Gen. xiii. 14. e novamente *A Palavra do Senhor veio a Abrão*, e *a Palavra do Senhor veio a Abrão numa Visão*. Gen. xv. 1.4. até ao 7.º.

Mas há outros Lugares expressos nos quais se diz em Palavras claras que Deus lhe apareceu. Gen. xii. 7. *O Senhor apareceu a Abrão*: e Gen. xvii. 1. *O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe*: e ver. 22. *E ele acabou de falar com ele, e Deus*

*subiu de Abraão*. É inegável que Deus apareceu, e esteve com ele, e acabou de falar com ele, e partiu dele: todos Marcas de uma Aparição visível.

Novamente, Cap. xviii. aqui é ainda mais explícito, e Deus não apenas apareceu, mas apareceu numa Forma Humana. Ver. 1. *E o Senhor apareceu-lhe nos Carvalhais de Mamre, quando ele estava sentado à Porta da sua Tenda*. Primeiro diz-se que ele levantou os Olhos e olhou, e eis que três Homens estavam de pé junto a ele. Tão visíveis eram eles que ele os entretém, convida-os para Jantar e prepara um Vitelo gordo para ser cozinhado, e Bolos, e Manteiga, e Leite. Em suma, ele fez um Banquete; tanto estava ele, como se pode dizer, iludido; tão real era a Aparição; aliás, quando ele pôs tudo diante deles, diz-se que eles COMERAM.

Ora, ver. 13. diz-se expressamente que um destes era o SENHOR; aliás, no Original é *Jehovah*; isso foi quando ele acusou *Sara* de se rir, e ela negou. *N.B. Sara foi o primeiro Ser Humano que alguma vez disse uma Mentira a Deus na sua Face.* Mas ela estava assustada, isso é certo; o Texto diz-no.

No Versículo 17.º, quando Deus diz a *Abraão* o que resolvera fazer a Sodoma; é claro que ele fala na primeira Pessoa como Deus; *e o Senhor disse: Esconderei eu de Abraão o que faço?* Sobre isto, *Abraão* toma para si o encargo de pleitear com Deus em favor de Sodoma; e nisto ele fala como ao próprio Deus, ver. 30. *Oh, não se ire o Senhor, e eu falarei*: e antes disso, ver. 27. *Eis que agora tomei sobre mim falar ao Senhor, eu que sou apenas Pó e Cinzas*.

Assim, creio que é evidente que o próprio Deus apareceu em Forma Humana a *Abraão*, e isso mais do que uma vez. O capítulo seguinte é igualmente claro sobre ele ter feito o mesmo a LÓ; ou se se objetar que não é tão claro que fosse o próprio Deus, eram dois Anjos; embora os Intérpretes geralmente concordem que era o próprio Cristo, que é chamado um Anjo, o Anjo da Aliança. Mas se isso fosse duvidoso, então ainda se admitiria que foi uma Aparição de Anjos em Forma Humana, o que se manterá válido no meu próximo Artigo.

Mas como estou primeiro nos Exemplos mais Elevados e Supremos, devo terminá-lo por duas Citações particulares, que não podem ser contestadas. (1.) Uma é de *Jacob*, Gen. xxxii. 24. *Ali lutou um homem com ele*: e ver. 28. diz-se que o Homem é o próprio Deus, *como um príncipe tens Poder com Deus e prevaleceste*: e ver. 30. depois de ele o ter abençoado, *Jacob* chamou ao Lugar *Peniel*, isto é, a Face de Deus. Pois, diz ele, *vi Deus Face a Face*. Novamente *Jacob* diz, Gen. xlviii. 3. *Deus Todo-Poderoso apareceu-me em Luz, na Terra de Canaan, e abençoou-me*.

(2.) Mas há ainda um Testemunho mais forte do que tudo isto, pois é dito da Boca do próprio Deus numa Ocasião muito particular, que foi para honrar *Moisés*

e estabelecê-lo na Reverência e Respeito do Povo, quando os Setenta Homens ou Anciãos foram nomeados para retirar Parte do seu Trabalho das suas Mãos e julgar Assuntos menores entre o Povo; o que é nobremente expresso. Numb. xi. 17. *Eles levarão o Fardo do Povo contigo*. No capítulo seguinte, *Miriã,* e até o próprio *Aarão,* falaram contra *Moisés*; isto é, em suma, ergueram-se em Rebelião; e Deus, para honrar o seu Servo, diz-lhes como ele tinha distinguido, e distinguiria, *Moisés* de todos os outros. ver. 8. *Com ele falarei Boca a Boca, até Aparentemente, e não em Discursos Escuros, e a Semelhança do Senhor ele Contemplará*.

Aqui está uma declaração positiva do Céu de que Deus apareceria visivelmente a *Moisés*; exemplo semelhante não se vê em toda a Bíblia. A Palavra *Aparentemente* é clara; não pode ser entendida de outra forma sem um grosseiro Equívoco com o Texto.

Passemos agora aos Tempos do nosso Bendito Salvador, e aí temos duas aparições eminentes dentro do Âmbito do nosso presente Argumento.

1. O Espírito Santo aparecendo na *Forma de uma Pomba*.

2. A Aparição de JESUS CRISTO após a sua Ressurreição, no corpo glorificado com que ascendeu; e que isto foi uma Aparição é claro, pelas várias Circunstâncias da sua Aparição.

**PRIMEIRO**, Quando ele se juntou aos dois Discípulos que iam para *Emaús*: que ele apareceu como um Homem, o Texto é claro pelo seu caminhar com eles e o seu Discurso para com eles; e que foi apenas uma Aparição é também claro. Luke xxiv. 16. *Os seus Olhos estavam retidos, para que não o conhecessem*: e ver. 31. quando os seus Olhos se abriram para o conhecerem, ele desvaneceu-se da sua Visão.

**SEGUNDO**, Quando ele apareceu a *Maria Madalena* junto ao Sepulcro, mas proibiu-a de lhe tocar, John xx. 17. E novamente ver. 19. quando ele entrou na Sala onde os Discípulos estavam reunidos, e quando as Portas estavam fechadas, e disse: *Paz seja convosco*. Assim é evidente que Cristo apareceu; e ele disse-nos que aparecerá novamente, vindo nas Nuvens do Céu; e aguardamos essa esperança bendita e gloriosa Aparição.

Tendes assim o próprio Deus, *Pai, Filho e Espírito Santo*, aparecendo em Tempos distintos, em várias Formas ou Modos de Aparição, todos dando Testemunho em geral da Realidade desta Verdade: Que os Espíritos podem assumir Formas Humanas ou outras, e tornar-se visíveis à Humanidade; e é a isto que chamamos Aparição.

Tendo assim trazido um Exemplo do Género mais exaltado, até a Aparição ou Aparição do próprio Deus, é necessário estabelecer um pouco a Diferença entre essas Aparições e aquela de que vamos agora discorrer.

É uma Objeção natural ao Caso em questão: Não questionamos, muito menos inquirimos, se o poder infinito, para quem todas as coisas não são apenas possíveis, mas fáceis, pode assumir uma Forma Humana, ou qualquer outra; e aparecer quando, onde, como e em que Forma ele achar adequado; e que ele assim apareceu ou possa ter aparecido. Mas há uma Diferença manifesta entre o que Deus é capaz ou pode ter o prazer de fazer em Ocasiões extraordinárias, e o que qualquer uma das suas Criaturas pode ou consegue fazer.

Além disso, é evidente, ou pelo menos temos razão para acreditar, que o próprio Deus apareceu naqueles Tempos apenas naquelas Ocasiões extraordinárias, e que nunca mais apareceu desde então; a menos que se deva chamar uma Aparição ou Aparição àquilo que falou a S. Paulo na sua Conversão, quando se diz expressamente que ele viu uma Luz e ouviu uma Voz, mas não viu Homem nenhum; embora depois ele lhe chame *vê-lo*, 1 Cor. xv. 8. *Por último, ele foi visto por mim também*. Onde S. Paulo, todos sabemos, falava ali de ver Cristo na Carne, enquanto ele estava na Terra. Mas digo, exceto isto, não temos exemplo de qualquer Aparição da Divina Majestade em Forma Humana, ou de qualquer outra maneira que seja.

Que, portanto, devemos distinguir isto do Assunto em que estamos agora a entrar, pois as Aparições de Deus são extremamente diferentes das Aparições de Criaturas, sejam Anjos, Diabos ou Almas de Homens. Que a Questão não é se Deus pode fazer isto ou aquilo; mas se os Espíritos, Espíritos Inferiores, o podem fazer: e, o que é ainda mais para o nosso Propósito, supondo que tenha sido assim anteriormente e em tempos antigos, se eles continuam a fazê-lo ainda, ou têm poder para o fazer, seja qual for a Ocasião.

Assim, a Investigação reduz-se a um Âmbito mais estreito. Tomo para mim a Afirmativa; e devemos agora olhar para trás no Tempo para a Confirmação ou Prova da mesma e, ao inquirir o que foi, informarmo-nos do que pode ser, é, ou deve ser esperado, conforme a ocasião o exija.

E primeiro, para descrever a Coisa e explicar o que é geralmente entendido pela Aparição de Espíritos; para que não vos mantenha em Suspenso, ou critique as meras Palavras *Espírito* e *Aparição*, venho claramente ao Significado, tal como devo ser entendido nesta Obra: por *Aparição de Espíritos*, então, quero dizer quando os Habitantes Invisíveis do mundo desconhecido, sejam eles quem forem, assumem Formas Humanas, ou outras Formas, e se mostram visivelmente

a nós, de modo a que possamos vê-los, falar com eles, ouvi-los falar, e coisas semelhantes.

Isto é o que o nosso Povo vulgarmente chama de *Caminhadas*; e quando qualquer coisa assim aparece, não sabem de que outra forma lhe chamar, dizem que *Algo caminha*; e se for a Aparição de alguma Pessoa conhecida recentemente morta, dizem que *Fulano de Tal Caminha*. Assim, exponho tudo com a máxima clareza, para que possa deixar o Leitor sem Incerteza sobre o meu Significado no Assunto em que me encontro, ou dar lugar a Cavilações ou Disputas, seja sobre a Coisa em si, ou sobre a maneira de a Exprimir.

*Falamos em Vão Da própria Verdade, a menos que a falemos Claro, Palavras envoltas em Nuvens, até que o seu pleno Significado seja conhecido; Tais Palavras não são do Ouvinte, mas nossas, O Fim de Falar perde-se, Pois a Fala foi dada para ser entendida.*

Pedindo Perdão por dar este Alento aos meus Pensamentos, regresso ao Assunto, para que eu próprio não acabe por ser apenas uma Aparição.

As Aparições de que irei falar são estas:

1. A Aparição de Anjos.
2. De Diabos.
3. Das Almas partidas dos Homens.

Estes são aqueles que entendemos pelos Habitantes do Mundo, ou Mundos, Invisíveis; o Mundo dos Espíritos e os Seres Superiores, que se diz conversarem com os Espíritos incorporados, por Visão ou Aparição, ou qualquer outra Via Superior.

Por Aparição também devo entender tais Aparições destes seres superiores que são Espontâneas e Voluntárias, ou pelo menos no que nos diz respeito; isto é, distingo entre aquelas Aparições que aparecem por sua própria vontade, ou por Missão e Autoridade superior; e aquelas de que fala aquela raça sombria de Pessoas entre nós, que gostariam de ser chamadas Magos; Espíritos, ou coisas chamadas Espíritos, que são *invocados*, como tolamente lhe chamamos, pelas Artes dos Homens; por Bruxaria, Feitiçaria, Magia e outras Artes Infernais, que são, ou foram, utilizadas para esse Propósito; e pelas quais nos dizem que os Espíritos são chamados das regiões superiores (ou de onde quer que tenha sido a sua Morada) para se mostrarem visivelmente, falarem e conversarem com a Humanidade, responderem a Perguntas, preverem Eventos e coisas semelhantes; como se diz que *Samuel* foi levado a aparecer a *Saul*; 1 Sam. xxviii. 14.

Até que ponto estes Magos, Bruxas e outros Negociantes nestas Coisas sombrias têm ou não Poder para causar tais Aparições, e para formar Aparições; e até que ponto enganam e iludem o Mundo nisso, disso poderei falar por si só, e de facto merece bem Consideração. Mas, por agora, digo, estou a falar de outro Género de Aparições.

1. Livro Quatro de *Paradise Lost*.
2. Estes dois versículos estão em ordem inversa, "a Palavra do Senhor veio a Abraão numa Visão" está no versículo 1. "A Palavra do Senhor veio a Abraão" está no versículo 4.
3. João 1:32.
4. Fonte desconhecida.

## CAP. II

### SOBRE A APARIÇÃO DE ANJOS IMEDIATAMENTE EM MISSÃO COMO QUE DO CÉU; E POR QUE DEVEMOS SUPOR QUE ESSES TIPOS DE APARIÇÕES CHEGARAM AO FIM

QUE os Anjos apareceram aos Homens, temos abundante Testemunho nas Histórias dos Tempos Passados, tanto Sagradas como Profanas; nem gastarei um Momento do vosso Tempo para o examinar ou confirmar, exceto conforme venha necessariamente a propósito de outro Discurso: Pois não é a Aparição de Anjos como tais, mas a Aparição de Anjos na Forma de Homens, que é a presente Investigação.

Que isto aconteceu é evidente, e em geral a Escritura dá-lhe este Testemunho: quando o Apóstolo aconselha à Hospitalidade e a entreter Estranhos, acrescenta:

*Pois por ela alguns entretiveram Anjos sem o saberem*, Heb. xiii. 2. Isto deve referir-se a Anjos em Forma Humana, caso contrário a Pessoa hospitaleira não poderia enganar-se de tal maneira: Além disso, refere-se claramente a *Abraão*, Gen. xviii. 1. sentado à Porta da sua Tenda, ver. 2. três Homens estavam junto a ele; dois destes eram certamente Anjos; quem era o terceiro, já o mostrei. Pode igualmente incluir *Ló*, em cuja História, Gen. xix., se expressa, ver. 1., que eram dois Anjos, e ver. 8. *Ló* chama-lhes *estes Homens*, e ver. 10, 12, 16. são chamados *os Homens*; de modo que *Ló* acreditava serem apenas Homens, e como tal ele não só os convidou para sua Casa, ver. 2., como lhes preparou um Banquete, e eles comeram, ver. 3.

Estas Aparições de Anjos, na Forma de Homens, são inegáveis noutras Ocasiões; mas quando aparecem como Anjos, é dito tão claramente e em tantas Palavras; como no Caso de *Abraão*, quando ele ia oferecer o seu Filho *Isaac*, Gen. xxii. 11. *o Anjo do Senhor chamou Abraão desde o Céu*; e novamente ver. 15. *o Anjo do Senhor chamou pela segunda vez*.

Há inúmeros Exemplos de Anjos aparecendo como Anjos; mas estamos na Aparição de Anjos como Homens, e na Forma e Hábito de Homens. A instância seguinte é de um Anjo aparecendo a *Josué*, e que é chamado o Capitão do Exército do Senhor, Jos. v. 13. *Josué olhou e eis que ali estava um Homem diante dele, com uma Espada desembainhada na sua Mão*. Imediatamente *Josué*, como um Soldado, dá-lhe o *qui vive*, ou em português, *por quem és tu? és por nós, ou pelos nossos Adversários?* e o Espectro ou Aparição falou imediatamente de novo, ver. 14. e então *Josué* percebeu que não era um Homem, mas um Anjo em Aparição; e nos Cabeçalhos ou Conteúdos do Capítulo, diz-se expressamente: *um Anjo aparece a Josué*.

OUTRO Exemplo é o do Anjo que apareceu a *Manoá*, o Pai de *Sansão*; a sua Mulher, na verdade, chama-lhe um Homem de Deus, e diz que ele lhe apareceu; mas diz que o seu Semblante era como um Anjo de Deus, muito terrível; Juízes xiii. 6. Mas ainda assim, quando ele apareceu pela segunda vez, foi na Forma de um Homem, ou senão por que desejaria *Manoá* que ele ficasse até que pudesse preparar um Cabrito para ele? e as Palavras são expressas, ver. 16. *Ele não sabia que era um Anjo do Senhor*.

Há outros Exemplos na Escritura, onde os Anjos apareceram em Forma Humana e conversaram com Homens sobre a Terra, além daqueles que apareceram na sua real Forma Angélica como Anjos. Como e em que foram conhecidos como sendo Anjos, em que Forma foram vistos e em que Voz falaram, não nos é revelado na Escritura. Alguns são de Opinião que até esses

Anjos apareciam na Forma de Homens, e vestidos como Homens; como o Anjo que encontrou *Balaão* com uma espada flamejante na Mão.

Os Anjos que *Jacob* viu subir e descer na Escada; os Anjos que falaram a *Zacarias* no Templo, à Virgem *Maria* no Quarto, e que se sentaram no Sepulcro depois de Cristo ter ressuscitado, e perguntaram aos Discípulos: *Por que buscais o Vivente entre os Mortos?* e assim em vários Casos: Tudo o que se pode responder é que o Texto lhes chamou Anjos, e até aí não devemos duvidar; mas também devo admitir que me parece que eles estiveram na Figura de Homens; quanto àqueles no Sepulcro, S. Lucas diz expressamente, *eles viram dois Homens em Vestes resplandecentes*, Luke xxiv. 4. e no mesmo capítulo, ver. 23. diz-se que *tinham visto uma Visão de Anjos*.

Até aqui refere-se a bons Anjos, tais como foram vistos na Terra em Aparição, mas fizeram tal Aparição por virtude de uma Missão superior, como o Anjo *Gabriel*, que diz a *Zacarias*: *Sou enviado para te falar*.

Que estes têm sido, em muitas ocasiões, vistos em Forma Humana é evidente; e embora se pudesse gastar muito mais tempo na Prova, creio que é desnecessário; de facto, a evidência é suficiente.

Resta ainda uma Questão, relativa a esta Parte, (*a saber*) Como acontece que tudo isto cessou, e que os Anjos deixaram de vir, ou não são mais enviados em tais Missões? Mas que todos os Anjos de que temos qualquer Relato nestes Dias são de uma espécie pior, e geralmente vêm em Missões piores? E qual observação particular é a própria razão das nossas Dúvidas sobre se a Aparição do outro é real ou não.

Esta Questão poderia ser respondida de muitas Maneiras, mas é demasiado grave para os Tempos; e como não estamos a escrever Teologia, não vos sobrecarregarei com Pontos sérios: O curto relato sobre isso é este: Temos agora uma Palavra de Profecia mais segura: (isto é) que desde a Pregação do Evangelho e a Revelação de Deus por uma Palavra escrita, não há mais necessidade do que o Texto chama uma *ministração de Anjos*. A Escritura é uma Revelação diária, e o Espírito de Deus, que nos é prometido para nos guiar, é uma Inspiração diária; não há mais necessidade de Visão e Aparição; e esta é aquela gloriosa Diferença entre as Revelações daqueles Dias e estas nossas, e a razão da Diferença entre as Aparições destes Tempos e daqueles.

Quando estou a dizer coisas sérias, devo falar muito curto, para não chocar a vossa leitura; o Gosto dos Tempos calha de estar, nesta Conjuntura, virado para outro lado: mas o meu próximo Artigo talvez vos compense, refiro-me à Aparição do grande Arcanjo de todos e, suponho eu, o único Arcanjo fora do Céu, a saber, o Diabo.

1. Cujo exército (literalmente força).
2. Lucas 1:19.

## CAP. III

### SOBRE A APARIÇÃO DO DIABO EM FORMA HUMANA

PEÇO que observeis: quando estou a falar da Aparição do Diabo, não é para vos dizer que ele pode e de facto aparece entre nós neste momento; por isso não precisais de olhar por cima dos vossos Ombros para ver se o encontrais, ou para as Velas, para ver se ardem Azuis — pelo menos ainda não; haverá tempo para isso mais tarde.

Mas estou a examinar agora apenas a questão de Facto, como (1.) Se o Diabo pode aparecer aqui, sim ou não; se lhe é permitido vir, se a sua Corrente chega tão longe e se a sua Trela é suficientemente longa? Também, (2.) Se ele alguma vez é enviado ou direcionado para vir, ou se vem por sua própria vontade e para os seus próprios Assuntos? E como tudo isto me levará a inquirir o que foi; a partir daí poderemos melhor julgar o que é, ou pode ser.

Que ele, em Ocasiões especiais, apareceu em Tempos passados é certo, tanto pela Escritura como pela História antiga, e um pequeno Retrospeto satisfar-vos-á nesse Ponto. Se se verificar que ele esteve aqui, então é muito provável que a sua Corrente seja suficientemente longa e que lhe seja permitida a Liberdade de vir tão longe de Casa. Pois não temos Autoridade para dizer, ou acreditar, que a sua Trela foi encurtada, ou que ele está mais restringido agora do que alguma vez esteve antes.

A sua entrada no Jardim de Deus no princípio do Tempo, e os Estragos que lá fez, a expulsão de *Adão* e *Eva*, e até o virar de toda a estrutura da Natureza de pernas para o ar pelos seus vis Atos ali; tudo isto mencionei: Mas temos ainda mais a dizer sobre ele; pois ele ainda Existe, e ainda é o mesmo Diabo malicioso, o mesmo Destruidor e Acusador que sempre foi; a Chama de Fogo colocada para guardar o Jardim não o queimou; o Dilúvio não o afogou: Nem a Justiça achou por bem ainda tomá-lo nas suas Mãos de Ferro, embora certamente o venha a fazer no final; e, como diz a Escritura noutro Caso, *a sua condenação não dorme*; pois a Justiça é verdadeiramente representada

*Com Pés de Chumbo e Mãos de Ferro, para mostrar Que será certa, embora possa ser lenta.*

A primeira vez que encontramos a Aparição pessoal do Diabo sobre a Terra, refiro-me a depois do Dilúvio, é na História de *Job*; nem por todos os Cálculos de Tempos, que os sábios Cronologistas daqueles Dias fizeram, poderia isso ser muito depois dele; pois *Elifaz*, o Temanita, não poderia estar mais longe do que ser o Neto de *Esaú*, ou por volta disso. Gen. xxxvi. 11.

No Tempo de *Job*, o Texto diz que *os Filhos de Deus vieram apresentar-se diante do Senhor, e Satanás veio também entre eles*. De modo que parece que o Anjo da Luz estava vestido como os *Filhos de Deus*, mesmo naqueles tempos antigos; e não é provável que esta fosse também a primeira Vez: Novamente, parece pelo Texto que, embora o próprio Deus pudesse conhecer Satanás sob aquele Disfarce, as Pessoas entre as quais ele veio não o conheciam.

A Resposta que ele dá à pergunta também implica fortemente que Satanás estava habituado a caminhar entre aqueles *Filhos de Deus* disfarçado muito antes disso; pois quando Deus lhe diz: *de onde vens?* a sua resposta parece ser uma espécie de generalidade: *Venho de seguir os meus Assuntos conhecidos, o meu velho Ofício; acaso não sabes que sou um leão que ruge, e perguntas-me de onde venho? Ora, venho de procurar quem possa devorar, percorrendo o Mundo, indo de um lado para o outro na Terra, e caminhando para cima e para baixo neste Disfarce, como agora me vês, para que possa fazer todo o Mal que puder.*

O Regresso de Deus a Satanás confirma-o, como se o Senhor tivesse dito: *Bem, Satanás, então deves ter visto o meu Servo Job? Consideraste-o, que não há ninguém como ele na Terra?*

O Diabo dá uma Resposta que implica que ele conhecia muito bem *Job*. *Se eu sei que ele é um bom Homem! Sim: Mas então sei que ele é também um Homem rico: É coisa fácil para um Homem ser honesto, sendo tão rico; ele não pode ter margem para pedir mais: Por que haveria de roubar, ou ser um Marau, aquele que é o Homem mais rico do Mundo? O que deveria ele cobiçar, se não tem lugar para o Desejo? Mas se tens Vontade de testar a sua Honestidade e a sua Piedade, o seu Temor de ti e o seu Ódio ao Mal, destrói a sua Riqueza, e tira-lhe os seus prodigiosos Rebanhos e Manadas de Gado; nivela-o, torna-o como os outros Homens em Riquezas e reduz o à Mendicidade, e verás então se ele não será como os outros Homens no Crime; aliás, ele ficará furioso e raivoso, e amaldiçoar-te-á na tua Face.*

Isto, embora possa parecer remoto, serve ao meu Propósito desta forma: mostra que o Diabo não era Estranho entre o Povo. Ele tinha caminhado para cima e para baixo disfarçado, de modo a conhecê-los a todos e às suas Circunstâncias; Ele tinha-se vestido como um dos restantes em Forma Humana,

de modo que não podia ser distinguido do melhor dos Homens, nem sequer dos *Filhos de Deus*.

Alguns são de Opinião que, por *Filhos de Deus* ali, se entendem os Chefes patriarcais das Famílias, que tinham, por direito de Primogenitura, o Sacerdócio por inerência, e eram os únicos que faziam Sacrifícios naquele Tempo, como *Abraão* e como *Job* eram; de modo que, em suma, Satanás há muito tempo se vestiu com o Hábito do Clero. Deus nos livre a todos! Esperamos que ele não continue a fazer o mesmo; pois se o Diabo vestisse a Batina e o Casaco, ou a Capa preta, ou o hábito e a Corda, e andasse pelo Mundo sob esse Disfarce agora, quão facilmente poderíamos ser enganados e confundir os *Filhos de Deus* com o Príncipe das Trevas! E como poderíamos distinguir um do outro?

1. Fonte desconhecida.
2. Job 1:16.
3. Job 1:17.
4. ibid.
5. Job 1:18.
6. Job 1:9-10.
7. Job 1:11.

## CAP. IV

### SOBRE A APARIÇÃO DE ESPÍRITOS DESINCORPORADOS, E QUE NUNCA FORAM INCORPORADOS; NÃO AQUELES QUE SÃO VULGARMENTE CHAMADOS *FANTASMAS*, ISTO É, ALMAS PARTIDAS QUE REGRESSAM E APARECEM VISIVELMENTE NA TERRA, MAS ESPÍRITOS DE UMA NATUREZA SUPERIOR E ANGÉLICA; COM UMA OPINIÃO SOBRE OUTRA ESPÉCIE

SURGE aqui uma Questão logo no Início do Debate, que será muito difícil de decidir, e talvez impossível: Contudo, para que não tropecemos no Limiar, tocá-la-ei tão suavemente, e no entanto, tão claramente, quanto puder.

A Questão é esta: Se existem quaisquer Espíritos a habitar o mundo invisível que nunca tenham sido ainda incorporados e que, no entanto, não devam ser contados na Espécie dos Anjos Bons ou Maus?

Por Anjos Bons e Maus, suponho que poderei ser facilmente entendido como referindo-me ao que todos vós pensais que quereis dizer quando os classificais ou ordenais em apenas dois Géneros, *a saber*, Anjos ou Diabos; na qual forma

vulgar e geral, para não dizer tola, de o expressar, humildemente concebo que o mundo que se julga sábio está muito enganado.

É verdade que se trata de uma Especulação, e cada um tem a Liberdade de pensar por si próprio, e entre eles também eu; na qual, embora tenha uma melhor Opinião sobre o meu próprio Julgamento do que sacrificá-lo sempre a Noções vulgares, e isso ainda por cima ao Preço da minha Razão; tenho, contudo, tão pouco Orgulho, e uma tão modesta Opinião sobre os meus próprios Pensamentos, que não me aventurarei a avançar nada num Caso tão excessivamente sujeito a Cavilações e Exceções.

Duas passagens na Escritura falam de Anjos num Estilo diferente da forma comum e usual de entender a Palavra. Mat. xviii. 10. falando das criancinhas, Cristo diz que *no Céu os seus Anjos contemplam sempre a Face de meu Pai que está no Céu*: a outra é Acts xii. 15. quando Pedro bateu à Porta onde os Discípulos estavam reunidos e eles, acreditando que ele estava em Cadeias e na Prisão, disseram: *é o seu Anjo*.

Os cultos Expositores e Anotadores diferem extremamente sobre o Significado destes Textos, e não é meu Assunto aqui reconciliá-los. Alguns querem que não signifique mais do que uma espécie de Exclamação ou Admiração; *O que pode ser! será um Anjo!* E quanto à primeira, sobre as Crianças, dizem que apenas insinua que as suas almas, quando glorificadas, deverão sempre, se partirem em Paz, contemplar a Face de DEUS no Céu.

Outros recorrem a um Esquema imaginário de Anjos da Guarda que acompanham cada Homem e Mulher enquanto estão sobre a Terra; uma Noção tão incerta, se concedida, e que tem tantas Dificuldades para reconciliar antes de poder ser acreditada, que é muito melhor deixá-la onde está, e a qual explicarei em breve de uma Via muito mais fácil.

Ora, digo eu, não é meu presente Assunto reconciliar estas opiniões distantes e conflituosas, pelo menos não nesta Obra. Lancei uma Questão; possivelmente a minha Opinião está com a afirmativa, pelo menos creio ser possível, e que é Racional acreditá-lo; talvez eu vos nomeie uma Noção tão improvável, e muito mais inconsistente com a Religião Cristã, a qual no entanto a Filosofia nos manda chamar racional e nos dirige a acreditar.

Como nos vemos aflitos para formar Habitantes para os Mundos Planetários: a Filosofia diz que são corpos habitáveis, sólidos, opacos como esta Terra, e nós queremos que sejam também habitados, seja com ou sem, a favor ou contra a nossa Razão e Entendimento; não é Satisfação para eles, nem parará as suas Cavilações, dizer que não é Facto, que não são habitáveis; que tanto Saturno como Júpiter são desconfortavelmente escuros, insuportavelmente frios, que

congelariam a própria alma (se tal fosse possível) e por isso não são habitáveis por esse Motivo; que Mercúrio e Vénus são insuportavelmente quentes, que a própria Água estaria sempre a ferver, o Fogo queimaria as entranhas; e que, em suma, nenhumas criaturas humanas poderiam subsistir em tal Calor.

Mas isto também não é satisfatório; antes, preferindo não ter todos esses mundos opacos desabitados, e até os seus Satélites ou Luas em redor deles também, querem que Deus seja obrigado a criar uma Espécie de Corpos adequados aos seus diversos Climas.

Em Saturno eles hão de viver sem Olhos, ou ser de um Género tão iluminado pelo seu próprio calor e luz internos que conseguem ver suficientemente pelos seus próprios Raios.

Em Júpiter deve haver outro Género, que consiga viver no Crepúsculo, e pelo Reflexo das suas próprias Luas, e subsistir em Gelo contínuo.

Em Mercúrio a Espécie deve ser toda de Salamandras, e viver no Fogo contínuo dos Raios do Sol, mais intenso do que o que seria suficiente para queimar todas as nossas Casas e derreter o nosso Cobre, Chumbo e Ferro nas próprias Minas; portanto, os Habitantes devem ser de um Género mais capaz de suportar o Fogo do que esses Metais, e continuariam a viver embora estivessem continuamente a calcinar-se, se não a vitrificar-se em Vidro.

Em Vénus o Calor ferveria a Água e, consequentemente, o Sangue no Corpo, e um Conjunto de corpos humanos teria de ser formado para poder viver sempre num Banho quente, e nem suar as suas almas nem derreter os seus corpos.

Em *Marte*, tão seco na sua Natureza, nenhuns Vegetais ou Sensitivos poderiam subsistir de que tenhamos qualquer Noção, por falta de Humidade; e os Homens que ali vivessem teriam de estar suficientemente secos para serem pulverizados em qualquer Ocasião adequada, refiro-me a seres humanos e da nossa Espécie. Ora,

Se não se deve supor que Deus tenha criado tantos corpos habitáveis sem os povoar, e que isso refletiria sobre a sua Sabedoria deixar tanto da sua Criação ao abandono; que todos os Planetas parecessem ter sido feitos para nada mais do que percorrerem o ermo como uma espécie de habitantes escuros; sem utilidade a não ser brilhar um pouco, e isso apenas com raios emprestados, sobre este pequeno ponto chamado Terra, onde apenas um Conjunto de Racionais pode existir; digo eu, se isto não deve ser suposto, mas pelo contrário existem certamente Pessoas de um Género ou de outro em todos esses Corpos, seja qual for o Trabalho de os criar; se for este o caso, e se isto deve ser acreditado apesar

de tantas Dificuldades e Inconsistências; então permiti-me argumentar um pouco sobre a seguinte Investigação.

Por que não poderei eu igualmente sugerir, e isso com exatamente tanta Probabilidade, que existem, ou pelo menos pode haver, um certo Número de Habitantes designados no vastamente estendido Abismo do Espaço, uma espécie de Espíritos (outros que não os Anjos bons ou maus, e outros que não as almas desincorporadas ou sem invólucro dos Homens) que habitam o mundo invisível, e no Vasto *Lugar nenhum* do Espaço ilimitado, do qual não podemos dizer o que é, o que contém ou como se determina?

Esse Grande Ermo, de cuja Extensão é dificilmente possível que a própria alma consiga conceber, e do qual todos os relatos que damos, e palpites que fazemos, são tão remotos, parecem tão Entusiásticos, tão improváveis e tão parecidos com o impossível, que em vez de informarmos a parte ignorante do Mundo com isso, apenas os armamos com Troça e Ridículo, e os resolvemos numa Incredulidade incurável; confiando que o que não é possível Conceber, não é possível Ser.

Ora, será este imenso Espaço de facto um Vazio? Será tudo um ermo? Estará totalmente desolado? Ou será ele habitado e povoado pelo Criador Omnipotente, de uma maneira adequada à sua própria Glória, e com tais Habitantes que sejam espirituais, invisíveis e, portanto, perfeitamente apropriados ao Lugar?

Sinto-me na obrigação de dizer que é muito mais racional sugerir que isto seja assim, do que apresentar uma Espécie de corpos humanos para viverem no Calor Intenso de *Mercúrio*, ou no Frio agudo de *Júpiter* e *Saturno*. O último é condizente com o entendimento geral que todos temos de Seres espirituais: estamos bem seguros de que existem alguns sempre ali, e que podem muito bem subsistir ali; que o Lugar lhes é adequado, e que existem Espíritos de um Género ou de outro; e por que não tais como os que sugerimos?

Resta então apenas examinar que Comunicação estes Espíritos têm connosco, se são ou não capazes de manter Conversação connosco, e se eles realmente conversam familiarmente connosco, sim ou não?

Se for concedido que existem tais Espíritos em Ser, e que passam e repassam, existem, e têm Egresso e Regresso ali; que habitam, como diz um certo autor bombástico,

*Por todos os Labirintos líquidos do Céu;*

Digo eu, se isto for concedido, então resta aqui uma quarta Espécie que pode assumir Formas; pois os Espíritos podem fazê-lo, e podem aparecer entre nós, podem conversar com os nossos espíritos incorporados, e por meio destes

poderemos receber abundância de inteligência adicional do Mundo dos Espíritos, seja por Sonho, Visão, Aparição ou qualquer via superior, tal como a eles, no seu grande Conhecimento das coisas, parecer adequado. Para falar tão distintamente desta parte delicada quanto puder, permiti-me que me explique um pouco.

Se concedermos que o Espírito, embora invisível em si mesmo, pode assumir Forma, pode vestir-se de tal modo com Carne e Sangue, isto é, aparentemente, de modo a formar uma Aparição, então todo o Espírito o pode fazer; uma vez que não nos foi dada nenhuma Regra pela qual possamos distinguir Espíritos uns dos outros, refiro-me quanto às suas ações na Capacidade de Espíritos: Podemos, de facto, como já disse, distingui-los pelo Efeito, isto é, pela Missão em que vêm, e pela maneira das suas Operações, como sejam se são espíritos bons ou maus; mas não pela sua Natureza como Espírito.

O Diabo é tão realmente um Espírito, embora um Espírito degenerado, caído e mau, digo eu, ele é tão Espírito para todos os Intuitos e Propósitos de um Espírito que sejamos capazes de julgar, como um Anjo; e ele é chamado o espírito mau. Ele tem Invisibilidade e Multipresença, como um Espírito tem; ele pode aparecer embora as Portas estejam fechadas; e sair, embora trancado e barrado; nenhuma Prisão o pode conter, a não ser a sua última Masmorra eterna; nenhumas Cadeias o podem prender, a não ser as Cadeias que lhe foram fixadas pelo Céu e pelo Anjo do Abismo sem fundo; nenhum Engenho ou Arte humana o pode ferir; em suma, ele não é para ser visto, sentido, ouvido ou compreendido, a menos que lhe agrade.

E ele pode fazer-se ser tanto visto como ouvido também, se lhe agradar; pois ele pode assumir a Forma e Aparição de Homem ou Animal, e nestas Formas e Aparições pode tornar-se visível para nós, aterrorizar-nos e assustar-nos, conversar de uma maneira amigável ou assustadora connosco, como achar adequado; ele pode ser um Companheiro e Colega de Viagem de Dia, uma Aparição e um Monstro horrível de Noite: numa Palavra, ele pode estar entre nós e agir sobre nós, e connosco, visivelmente ou invisivelmente conforme lhe agrade, e conforme considere útil para o seu propósito.

Ora, se ele faz, e pode fazer assim, meramente por ser um Espírito, e pela sua Natureza espiritual, temos muita Razão para acreditar que todo o Espírito pode fazer o mesmo; ou, pelo menos, poderei perguntar: Por que não podem todos os Espíritos fazer o mesmo? E se existem quaisquer Géneros de Espírito, como não é improvável, além daqueles que concebemos até agora, eles podem ser razoavelmente supostos como estando investidos com os mesmos Poderes, e podem exercer esses Poderes da mesma ou de uma forma semelhante.

Se algum Homem me perguntar como demonstro a Probabilidade destas Espécies divergentes de Espíritos? Respondo como acima, por isto: Que parece existirem Operações invisíveis e uma Conversa secreta levada a cabo entre os Homens a partir do Mundo dos Espíritos, onde quer que este se localize, o que não pode, pelo menos para os nossos Entendimentos, ser suposto como sendo o Trabalho nem daqueles Anjos particulares ou próprios que residem no Céu, nem tampouco dos Anjos infernais; que estes Espíritos, ou se preferirdes chamar-lhes Anjos, aparecem e conversam para o Bem, e portanto não se pode supor que sejam o *Diabo*, ou vindos do *Diabo*.

Diz-se, de facto, que eles agem sob uma espécie de Restrição visível, ao fazerem o Bem com uma espécie de Imperfeição e Debilidade manifesta; de modo a, por vezes, agirem, por assim dizer, sem propósito, não sendo capazes de tornar o Bem que visam eficaz, e por isso não podem vir do Céu, a Fonte do Bem; o qual, como é Bom, é também infinitamente capaz de fazer todo o Bem que pareça estar disposto a fazer. Mas isto, creio eu, confirma mais do que refuta a minha Opinião; pois prova que são enviados, e sob Missão particular; apenas sugere ser provável existirem Espíritos que podem estar mais confinados e restringidos no seu Poder de agir, uns mais do que outros, e isto não é de todo inconsistente com a Natureza da coisa.

O grande, e talvez o mais forte Argumento que os nossos homens doutos produzem para o Crédito da sua nova Filosofia é que, por meio desta, podem melhor resolver as Dificuldades de vários outros *Fenómenos*, que antes eram dificilmente inteligíveis, ou pelo menos que não conseguiam explicar de qualquer outra forma.

Da mesma maneira, embora não se possa chegar à Certeza da minha Sugestão, ou supondo que não se possa, e que na melhor das hipóteses não passa de uma Especulação, dificilmente podendo ser chamada uma *Hipótese*, e que nenhuma Evidência pode ser dada para ela, ainda assim deve dizer-se isto sobre ela: que por meio desta Noção podemos resolver várias outras Dificuldades que não conseguimos entender de qualquer outra Via: tais como,

PRIMEIRO, Como é, e de onde, ou por agência de quem, frequentemente recebemos tais Noções gentis de Bem ou Mal como é certo que recebemos, e no entanto sem recebermos qualquer Assistência adicional, a qual talvez não esteja no Poder do gentis Informador dar-nos, seja para evitar ou para abraçar o Mal ou o Bem de que nos dão Aviso?

O que pode ser isso que comunica estas coisas distantes que se aproximam, e que é tanto do nosso Interesse e Preocupação saber? Se fosse um espírito mau, refiro-me a um Diabo, como disse acima, ele nunca se preocuparia tanto com o

nosso Benefício, visto que se sabe que ele deseja a nossa Ruína até ao limite do seu Esforço, e nos deseja ver cair em toda a possível Desgraça e Desastre.

Por outro lado, não pode ser do Céu ou dos Anjos; pois as Obras de Deus são todas, como ele próprio, perfeitas, e ele não desonraria tanto os seus Mensageiros ao permitir-lhes, aliás ao enviá-los (pois eles nunca poderiam vir sem serem enviados), dar-nos Aviso do Mal, e no entanto tirar do nosso Poder o evitá-lo; ou predizer coisas boas à mão, e depois não nos dar Poder para as abraçar, ou para nos apoderarmos delas; e nem consistiria com a Bondade infinita, nem com a Justiça infinita, agir assim para com as suas Criaturas.

Além disso, é uma espécie de agir incongruente, indigno do poder supremo, indigno da aparição de um Anjo; mostra antes que é o Produto de algum Ser inteligente que, embora deseje o Bem e tenha uma Natureza benfazeja que contribuiria para a nossa Segurança e Prosperidade se pudesse, está sob algumas Limitações das suas ações, não é capaz de prosseguir no Bem que tentou, que consegue apenas prestar-nos o Serviço de nos dar Aviso do que nos pode aguardar por trás da cortina escura do Futuro.

Mas não tem Poder para ir mais longe, ou para nos dar qualquer Assistência na perseguição de Métodos adequados para a nossa Libertação; não, nem sequer para dar Direções, muito menos Poderes para agir; tal como uma Criança que descobre um Fogo iniciado numa Casa pode gritar e alarmar a Família, mas não é capaz de fazer mais nada, nem sequer dizer-lhes onde é, ou por que caminho se devem dirigir para escapar dele, muito menos extingui-lo ou evitá-lo.

Estes Avisos imperfeitos, digo eu, parecem proceder de algum Ser bom e gentil que está perto de nós, existindo, embora fora do nosso Conhecimento, mas não tão remoto que não esteja em Condição de ver e saber coisas boas ou más que, embora se aproximem, estão ainda fora da nossa Visão, e as quais, se pudéssemos aceitar a Sugestão silenciosa, poderiam ser infinitamente para nossa Vantagem, mas não é capaz de fazer mais.

Ora, se tais Avisos, seja à Mente por Sonhos quando dormimos, ou por Impulso em vigília, ou por Voz, ou por Aparição; se fossem do Céu, nunca seriam tão imperfeitos e desprovidos de assistência; não podemos supor que o Céu se preocuparia em dar-nos Avisos de Perigo iminente, de Inimigos à espreita, de Males que se aproximam, e nos deixaria então cair na Armadilha por uma Necessidade inevitável.

Quanto ao que estes Espíritos, portanto, são, onde residem, em que Circunstâncias se encontram e como têm acesso aos nossos Entendimentos, reconheço que a Dificuldade é grande, e não pretendo entrar nisso aqui; que eles possam por vezes aparecer não é improvável: Mas espero poder dizer que nem

todas as Aparições são o Diabo, nem tampouco serão Anjos vindos imediatamente do Céu, por muitas Razões.

PRIMEIRO, Pela Baixeza das Ocasiões, refiro-me a algumas das Ocasiões em que estas coisas acontecem. Que existem Anjos enviados do Céu em Mensagens e Missões particulares, para cumprir a Mente e Vontade do seu Criador e Soberano, todos os Homens devem conceder; já o provei, e abundância de Exemplos pode ser dada disso, além dos já nomeados; mas nunca encontramos esses Anjos a virem em missões fúteis e para coisas de pouca Importância. O Anjo do SENHOR apareceu a *Gedeão* na Eira, para o convocar para a Libertação de toda a Nação de ISRAEL.

O Anjo do SENHOR apareceu a **David** com a sua Espada desembainhada, ameaçando a Destruição de Jerusalém: Os Anjos apareceram aos Pastores para significar o Nascimento de CRISTO; tal como um Anjo fizera à Virgem para a saudar, e dizer-lhe quão grande Obra haveria de ser operada nela: Anjos apareceram para ministrar a CRISTO após a sua Tentação no Deserto; e um Anjo apareceu fortalecendo-o na sua Agonia, e Anjos apareceram em muitas outras ocasiões tão eminentes; mas nunca exceto se tais Ocasiões fossem eminentes, e particularmente de tal modo.

Mas aqui tendes uma velha Mulher morta, uma que, pode ser, escondeu um pouco de Dinheiro no Pomar ou no Jardim; e supõe-se que uma Aparição vem e o descobre, conduzindo a Pessoa a quem aparece ao Lugar, e fazendo algum Sinal de que deveria cavar ali por algo; ou um Homem morre e, tendo deixado um Legado a este e àquele, o Executor não o paga, e uma Aparição vem e persegue este Executor até que ele faça Justiça.

Será provável que um Anjo devesse ser enviado do Céu para encontrar o prato de barro da velha mulher com trinta ou quarenta Xelins nele? Ou que um Anjo devesse ser enviado para atormentar este Homem por um Legado de talvez cinco ou dez Libras? E quanto ao *Diabo*, irá alguém acusar Satanás de estar solícito para que se faça Justiça? Aqueles que o conhecem de todo devem conhecê-lo melhor do que para pensar tão mal dele.

Quem deve ser então? E de onde? Dizer que é a Alma ou o Fantasma da pessoa falecida, e que ela não poderia estar em descanso até que a Pessoa injuriada fosse Ressarcida, é avançado sob nenhum Princípio que seja de todo condizente com a Doutrina Cristã; pois se a Alma é feliz, será razoável acreditar que a Felicidade do Céu possa ser interrompida por um Assunto tão trivial e por uma Ocasião tão ligeira? Se a Alma for infeliz, lembrai-vos do grande Abismo fixado; não há lugar para acreditarmos que aquelas almas miseráveis tenham qualquer Lazer ou Liberdade para voltar à Terra numa missão de tal Natureza.

Numa palavra, não há senão Dificuldade nisso em todos os lados: Aparições existem, não vemos margem para duvidar da Realidade dessa Parte; mas o quê, quem ou de onde, é uma Dificuldade da qual não vejo forma de nos desenvencilharmos senão concedendo que possa haver um género designado e deputado de espíritos estacionários no mundo invisível, que vêm nestas Ocasiões e aparecem entre nós; cujos Habitantes ou Espíritos (podeis chamar-lhes Anjos se quiserdes) Corpos não são e não podem ser, nem nunca tinham sido incorporados; mas, tais como são, têm o Poder de conversar entre nós, e particularmente com espíritos incorporados, e podem por Sonhos, Impulsos e fortes Aversões mover os nossos Pensamentos, e dar Esperança, suscitar Dúvidas, afundar as nossas Almas hoje, elevá-las amanhã e de muitas formas operar sobre as nossas Paixões e Afetos; podem dar Sugestões de Bem ou de Mal; mas não podem, devido a alguma Restrição desconhecida sobre o seu poder, ir mais longe, falar mais claro ou dar-nos a mínima Assistência, não, nem por Conselho ou Direção para nos guiar ou dizer-nos como agir para nossa própria Preservação.

Dizem-me que estes podem ser bons Anjos apesar de tudo, e que não é uma forma justa de argumentar dizer que tais coisas são demasiado triviais para enviar um Anjo do Céu numa missão tão fútil e num Assunto tão insignificante; visto que vemos a Providência dar diariamente Testemunho, não apenas do seu Governo, mas do seu Cuidado e Preocupação, em e sobre os mais ínfimos Assuntos da Vida: e que a própria Escritura frequentemente dá Exemplos disso, ao alimentar os corvos, cuidar dos pardais, vestir a erva do campo, numerar os cabelos da nossa cabeça, etc.

De modo que o Infinito não está limitado ou preso a qualquer grau de ação. Nem há nada grande ou nada pequeno, mas como Deus é visto nas suas menores Criaturas, Insetos, Ácaros e afins; assim ele é ativo no Evento mais trivial: Nem essa Providência, que no entanto, nos protege em e nos livra do Perigo, age sempre da mesma forma, mas como a Soberania das suas Ações não deve ser contestada, também a sua Sabedoria não é impugnada por sofrer que o Mal caia sobre o Homem, o qual a mínima sugestão da sua Luz poderia tê-lo guiado a prevenir.

Creio que isto é o máximo que se pode dizer no Caso, e no entanto não nos alcança de todo; pois este não é o significado da minha Objeção, não, nem é a sua Substância; não estou a falar da Providência preocupando-se no Cuidado das suas Criaturas, reconheço tudo isso; mas então esta Providência age à sua própria Maneira e pelas suas próprias Operações invisíveis; nem há qualquer ocasião para a Agência de tais Instrumentos extraordinários e, portanto, pode ser que Anjos nunca sejam enviados como *Expressos* sobre tais Coisas.

O Rei ou Governo de uma Nação pode influenciar todo o Corpo do Povo, a qualquer Distância, pelo Poder das suas Leis, dirigindo os Magistrados e os Oficiais Inferiores a agir em Nome do Supremo; e isto é feito sem qualquer Passo fora da via ordinária da Administração. Mas se alguma Ocasião extraordinária o exigir, então um Mensageiro é despachado com Instruções particulares e Poder especial, conforme o caso particular o exija.

Assim a Providência (que é, numa palavra, a administração do Governo do Céu no Mundo) age no seu Curso ordinário e na Via usual, com uma Influência universal sobre todas as Coisas, e nada está abaixo da sua Preocupação; mas quando Coisas extraordinárias se apresentam, então os mensageiros expressos particulares do Céu (a saber, os Anjos) são enviados com Instruções sobre aquele Assunto particular para o qual são despachados, e nenhum outro. E aventuro-me a dizer que estes nunca são enviados por Bagatelas, nunca enviados senão em Ocasiões extraordinárias e para executar alguma Missão especial; e isto vem diretamente ao caso em questão.

Em Segundo Lugar, exijo: quando se poderia dizer, ou que Exemplo pode ser dado, em que um Anjo do Céu tenha sido enviado para dar a qualquer Pessoa particular Aviso de Perigos iminentes e, ao mesmo tempo, tenha deixado a Mente não alarmada e num estado de Indolência, não sendo capaz de se despertar para evitar o Perigo ameaçado, ou sem Direção e Assistência para o prevenir ou dele escapar? Isto é o que alego ser indigno da Sabedoria e Bondade Divinas.

Olhai para todas as Mensagens ou Avisos que foram dados do Céu em tais Ocasiões, em todas as Histórias da Escritura, ou em quase qualquer outro lugar, e vereis a diferença evidentemente. Tomai alguns por Exemplo.

Dois Anjos são enviados a Sodoma, não apenas para destruir a Cidade pela sua Iniquidade, mas para salvar *Ló*. Bem, eles vêm até ele, dizem-lhe o que estão prestes a fazer e que foram enviados para o fazer; a saber, queimar a Cidade. Isto poderia ter sido o suficiente; e talvez, se lhe tivesse sido notificado pelos Espíritos de que estou a falar, isto teria sido tudo; e se *Ló* não tivesse aceitado a sua gentil Informação, teria sido Culpa sua; aliás, como foi, o Texto diz: *Ló demorava-se*, e é claro que ele deixou a Cidade com uma espécie de Relutância.

Mas os gentis Mensageiros não se satisfazem em dar-lhe o Aviso, mas despertam a sua Indolência. Ver Gen. xix. 12. *Tens alguém mais aqui? Alguém por quem tenhas Respeito ou Interesse, tira-os deste Lugar*, ver. 13. *Nós vamos destruir este Lugar*. Há ali uma sugestão do Perigo que se aproxima, e que é uma sábia Direção sobre o que fazer, mas isto não satisfaz: o homem não é meramente acautelado e dirigido, mas deve ser salvo; e por isso a mão benfazeja não se contenta em alarmá-lo e aconselhá-lo; mas, ver. 15.

*Ao amanhecer da manhã os Anjos apressaram a Ló*; eles agitaram o seu Temperamento despreocupado: *Levanta-te, para que não sejas consumido na Iniquidade da Cidade*; e mesmo isto não sendo suficiente, pois *Ló* ainda se demorava e, como disse, parecia relutante em deixar o Lugar, eles como que o arrastaram para fora; ver. 16. *Eles pegaram-lhe pela Mão, e na Mão da sua Mulher, e na Mão das suas duas Filhas, e trouxeram-no para fora, e puseram-no fora da Cidade*; e qual é a razão de tudo isto? As Palavras são expressas: *sendo o Senhor misericordioso para com ele*.

O resto da História é bem conhecido: quando o tinham trazido para fora, fizeram-no saber que não estaria seguro nem ali; mas acrescentam: *Escapa por tua Vida, não olhes para trás*: Aliás, ele diz-lhe para onde deveria ir, ver. 17. *Escapa para o Monte, para que não sejas consumido*. Aqui estava uma Mensagem como uma Obra do Céu; aqui estava o Aviso de Perigo e Direções para tomar Medidas adequadas para a Libertação, e essas Medidas apontadas até ao próprio Lugar onde ele estaria seguro.

Tomai outro Lugar exatamente como este. Matt. ii. 13. Um Anjo é enviado a *José* num Sonho, para o avisar do Perigo que assistia ao Santo Infante, então nos Braços da Virgem Mãe: as Palavras são expressas; *Herodes buscará o menino para o matar*: Será que o bendito Aviso deixa *José* a dormir, para dizer "isto não é mais do que um Sonho? não vejo qualquer Perigo, creio que não há nada nisso", como é muitas vezes a nossa Linguagem em tais Ocasiões? Não, não; esta Mensagem era do Céu, que nunca dá tal Aviso do Mal e depois nos deixa não alarmados, sem direção, supinos e tranquilos, até que ele caia sobre nós sem Remédio; o Anjo acrescenta logo de seguida: *Levanta-te e toma o menino e sua Mãe, e foge para o Egipto, e demora-te lá até que eu te diga*.

Assim vedes a Natureza dos Procedimentos Divinos, a forma eficaz dos Avisos do Céu; o Perigo é contado, e depois o Caminho para o evitar; e sempre com um Alarme apressado: *Eia, sai da Cidade; Levanta-te, foge para o Egipto*, e afins.

OUTRO está na História de *Pedro* na Prisão: um Anjo é enviado para o libertar, Acts xii. e o que faz o Anjo? Uma Luz brilhou na Prisão, e ele tocou-lhe no Lado; isto foi para o despertar e alarmar; isto, e uma Luz para lhe mostrar o Caminho, era suficiente para o ter posto a tentar escapar. Mas o Anjo não veio de tão longe para fazer o seu Trabalho pelas Metades, mas tendo-o despertado prossegue com o seu Trabalho, e para aperfeiçoar a sua Libertação: *Levanta-te depressa*, *Pedro*, e levantou-o, e depois fez cair as Cadeias das suas Mãos.

Nem sequer tinha terminado; *Cinge-te*, diz o Anjo, *e calça as tuas Sandálias*, ou como diríamos nós, calça os teus Sapatos; ainda *Pedro* estava sem saber o que

fazer; então o Anjo acrescenta: *Lança a tua Capa sobre ti e segue-me*. Depois ele guia-o por todas as Enfermarias e abre-lhe a Porta de ferro, e nunca o deixou até que o tivesse trazido para a Rua; aliás, por uma Rua além, para que os Guardas não soubessem por que caminho persegui-lo.

Esta foi uma Aparição ou Aparição com Propósito; e tais têm sido todas aquelas Transações do Céu que estiveram sob as Mãos de Mensageiros expressos. Vedes que estas três foram todas feitas por Anjos enviados de propósito; *Pedro* expressa-o em tantas Palavras, Acts xii. 11. *Agora sei de verdade que o Senhor enviou o seu Anjo e me livrou*.

Vejamos agora como correu com aqueles que receberam Avisos de Perigos iminentes do mundo invisível, pelas Mãos de outros Mensageiros.

**JULIO CÉSAR** teve várias Sugestões dadas sobre o seu Fado iminente; um Vidente particular apontou-lhe o próprio Dia, a saber, os Idos de *Março*; mas ele não teve Poder para evitar o seu Fado. O espírito gentil que pressagiou, e lhe deu sugestões de que ele estava em Perigo, como que contente por ter feito a sua parte, deixou-o para ser assassinado. Nenhuma Assistência lhe foi dada para despertar o seu Espírito para aceitar o Alarme: Ele não é levado pela Mão e avisado: *não vás à Casa do Senado*, como foi feito por *Ló, escapa por tua Vida*. O gentil Monitor não lhe nomeia os Traidores e Assassinos, dizendo: *Brutus*, e *Cassius*, *Casca* e outros esperam ali para o matar; como o Anjo a *José*: *Herodes buscará o menino para o matar*.

E por outro lado, *Cæsar*, audaz e não alarmado, indolente e tendo as coisas insuficientemente explicadas para si (e o bom espírito, como se pode supor, incapaz de fazer mais por ele), prossegue, entra na Casa do Senado, mofa do Vidente e diz-lhe que os Idos de *Março* chegaram; o qual retorquiu agudamente: "Mas ainda não passaram". Numa palavra, negligenciando a sua própria Segurança e carecendo de uma Informação completa, ele vai para o Senado e é assassinado.

**JULIANO** o Apóstata é outro Exemplo: Teve mil maus Augúrios, como lhes chamavam, que o acompanharam durante e antes de empreender a Guerra *Persa*; tais como a morte do Cônsul *Julianus* seu homónimo, o incêndio do Templo de *Apollo* e vários outros Acidentes; e embora ele fosse o mais supersticioso de todos os Imperadores Gentios que existiram antes dele, e enviasse a todos os Oráculos, a todos os Augures e Videntes de que pudesse ouvir falar, tanto que os Cidadãos de Antioquia fizeram Troça dele por causa disso; no entanto ele foi tão cegado pelos seus Aduladores, ou iludido pelos Sacerdotes, que interpretavam as piores e mais portentosas coisas como significando os melhores Eventos; ou, o que está acima de tudo, pelo decreto superior de uma Vingança designada; que

ele prosseguiu e foi morto logo no início da Guerra; a primeira Batalha com os Persas levou-o.

Poderia multiplicar Exemplos de género semelhante em ambos os lados, e especialmente no último; mas é suficiente; a nossa própria Experiência confirmá-lo-á: avisos secretos são-nos dados diariamente de Perigos capitais iminentes e, no entanto, como é que os mais vigilantes observadores desses Sinais, e os mais eminentes Caçadores de Augúrios, mesmo após esses Avisos, ficam quietos e tornam-se indolentes? Ou então, espantados e desorientados, dizem: "Sei que algo está para me vir, alguma Desgraça me assiste, tenho aviso claro disso; mas não sei o que é, não sei o que fazer; nada posso fazer para o evitar ou prevenir". E assim caem no Poço, como se pode dizer, com os Olhos abertos, e apesar do Aviso benfazejo do espírito gentil.

O que pode isto ser? Senão porque o Espírito, embora realmente gentil e benfazejo, no entanto limitado e impotente em Poder, foi incapaz de fazer mais do que dar a Sugestão, deixando a Pessoa à sua própria Prudência para se guardar e dirigir?

Poderia acrescentar aqui o que é suficientemente racional sugerir, *a saber*, que o Céu na sua infinita Sabedoria e Bondade pode ter designado estes Bons Espíritos para dar tais Avisos, embora permitindo-lhes não fazer mais nada, para que a Mente do Homem, estando devidamente alarmada perante o Mal que se aproxima e acreditando que algo muito fatal para si está à Mão, mas não vendo qualquer Ser gentil dirigindo que Métodos tomar para a sua Libertação ou para escapar à desgraça iminente, devesse voltar os seus olhos (pelo menos) um pouco para cima, e pedir Direção e Conselho àquela Mão que, sozinha, pode tanto dirigir como libertar.

Mas alto! Para onde estou eu a ir? Isto parece Religião, e não devemos dizer uma Palavra sobre isso se esperamos ser agradáveis. Tempos infelizes! onde ser sério é ser maçador e grave e, consequentemente, escrever sem Espírito. Devemos falar polidamente, não religiosamente; podemos mostrar o Académico, mas não devemos mostrar uma Palavra do Cristão; assim podemos citar história profana, mas não sagrada; e uma história de *Lucan* ou *Plutarch*, *Tully* ou *Virgil* passará, mas não uma Palavra de *Moisés* ou *Josué*.

Bem, devemos cumprir no entanto; o Humor do Dia deve prevalecer; e como não há forma de vos instruir sem vos agradar, e não há forma de vos agradar senão à vossa própria Maneira, devemos prosseguir nessa Via; o Entendimento deve ser refinado por Alegoria e Enigma; deveis ver o Sol através da Nuvem e saborear a Luz com a ajuda da Escuridão; o Paladar deve ser retificado por Sais, o Apetite aguçado por Amargos; numa palavra, os Costumes devem ser

reformados em Mascarada, a Devoção estimulada pelo Palco e não pelo Púlpito, e o Engenho ser abrilhantado por Sátiras sobre o Senso Comum.

Esta *Hipótese* de uma nova suposta *Classe* de Espíritos levar-me-ia a uma grande quantidade de especulações úteis; e eu poderia observar com grandes vantagens, a partir dela, a indolência geral que é evidente ter possuído tão fatalmente os nossos Homens de Engenho nesta Era. Ver um Tolo, um Janota, acreditar-se inspirado — um sujeito que lava as mãos cinquenta vezes por dia, mas que, se quisesse ser verdadeiramente limpo, deveria ter os miolos retirados e lavados, o crânio trepanado e colocado com a parte de trás para a frente, para que o seu Entendimento, que a Natureza colocou por Erro com o fundo para cima, pudesse ser endireitado, e a sua Memória colocada numa posição correta!

A este engenho desparafusado, falai de Espíritos e do mundo invisível, e de ele conversar com almas desincorporadas, quando ele mal tem miolos para conversar com outra coisa que não uma matilha de cães, e deve apenas ao facto de ser um Tolo o não conversar com o Diabo! O qual, se tem algum Espírito perto de si, deve ser um destes anjos indolentes de que falo; e se ele não foi alistado entre os Infernais, não foi por falta de Maldade, mas por falta de Engenho.

Não me admira que tais como estes andem em correrias entre aquelas coisas loucas e rudes chamadas *Maçons*; burlas grosseiras e delusões confessas são as coisas mais adequadas para os entreter. São como aqueles peixes tolos que são apanhados em grandes redes, das quais poderiam sair por cada quadrado da malha, mas ficam pendurados pelas guelras num mero fio, e escolhem embaraçar-se e emaranhar-se quando não há ocasião para isso, sendo apanhados até naquelas Armadilhas que não foram armadas para eles.

1. Um arbusto que possui um alto grau de irritabilidade, fazendo com que os folíolos das folhas bipinadas se dobrem ao mais leve toque. OED, p.985.
2. Fonte desconhecida.
3. Juízes 6:11-16.
4. II Samuel 24:16.
5. Mateus 1:18-25, Lucas 1:5-25 e 2:1-20.
6. Marcos 1:13 e Mateus 4:11.
7. Versículos 5-8.
8. Encontra-se também relatado por muitos que um adivinho o instou a preparar-se para algum grande perigo nos Idos de Março. Quando este dia chegou, César, ao dirigir-se ao senado, encontrou o adivinho e disse-lhe por via de zombaria: "Os Idos de Março chegaram", ao que ele respondeu calmamente: "Sim, chegaram,

mas não passaram". *Plutarch's Lives: The Lives of the Noble Grecians and Romans*. Vol.II. trad. Dryden, ed. e revisto por Arthur Hugh Clough. Modern Library, New York: 1992. p.239-40.

9. Flávio Cláudio Juliano, nascido em 332 d.C. Filho de Júlio Constâncio e meio-irmão de Constantino, era um crente devoto na antiga religião pagã. *Oxford Classical Dictionary*, p.567-8.

10. Adivinhos romanos oficiais, formando um *collegium* que consistia originalmente em três mas foi gradualmente aumentado para dezasseis membros. O seu trabalho não era prever o futuro, mas descobrir através da observação de sinais, quer encontrados casualmente quer vigiados, se os deuses aprovavam ou não uma ação proposta. *Oxford Classical Dictionary*, p.147.

11. Operar com um trépano; serrar com um trépano, como um osso do crânio. Um trépano é um perfurador ou uma serra de coroa cirúrgica. OED, p.486.

## CAP. V

### SOBRE A APARIÇÃO DE ALMAS DESINCORPORADAS PARTIDAS

### CHEGO AGORA À PARTE PRINCIPAL E MAIS DISCUTIDA DA APARIÇÃO SOMBRIA, *A SABER*, A APARIÇÃO DE ALMAS DESENCARNADAS.

É uma dificuldade material aqui, e deve ser considerada com a máxima Clareza, (*a saber*) o que entendemos por *Almas Desincorporadas*; se entendemos Almas que estiveram encerradas em Carne, mas estando desabrigadas movem-se agora por aí, em que Estado não sabemos, e deve falar-se delas na sua Capacidade separada: Ou se existe tal coisa como uma *Massa de Alma*, como um autor culto mas bastante inconsistente lhe chama, que espera para ser incorporada, conforme o superior Dispositor desse Assunto (seja ele quem ou o que for) possa dirigir.

Isto, confesso, é para mim algo ininteligível, parece um pouco *Platónico*, e como se fosse parente da extravagância da *Transmigração* dos Antigos; mas se quisessem fundamentar isto em algo racional, teria de ser sobre a Sugestão mencionada acima, *videlicet*, de uma classe média de Espírito, nem Angélico-Celestial, nem Angélico-Infernal: Mas Espíritos habitando os espaços invisíveis, e autorizados a agir e aparecer aqui, sob limitações expressas e grandemente restringidas, tais como as já descritas, e sobre as quais muito mais pode (ainda) ser dito.

Mas para que eu possa esclarecer a vossa Dúvida quanto à Parte em que me encontro, adicionei ao Cabeçalho desta Secção a Palavra *Partida*, para vos sugerir que sou Ortodoxo na minha Noção; que não sou da seita dos que creem

no Sono da Alma, nem sou por aprisionar Almas num *Limbo* dos Antigos; mas que, em poucas Palavras, pela Aparição de Almas Desincorporadas, entendo aquelas que, tendo sido incorporadas ou aprisionadas em Carne, são libertadas desse Confinamento, ou, como eu lhe chamo, desabrigadas e postas fora da Posse.

Pois não posso concordar que a Alma esteja no Corpo como numa Prisão; mas antes que, como um nobre rico, ele tem o prazer de habitar uma bela Casa de Campo ou Palácio de sua própria Construção, onde resolve viver e desfrutar de si mesmo, e assim o faz, até que pelo Fado das coisas o seu belo Palácio sendo derrubado, seja por um Terramoto ou de outra forma, é enterrado nas suas próprias Ruínas, e o nobre Proprietário posto fora da Posse, sem uma Casa.

Esta Alma, dizem-nos, e eu concordo com a Opinião, fez por vezes uma excursão de volta a este Mundo; seja à Terra ou à Atmosfera da Terra, chamai-lhe o que quiserdes e expressai-o como quiserdes, não importa muito; de Onde vem, quão longa a Jornada, como e por que veio para cá e, acima de tudo, como volta para trás, e o que são aquelas várias Aparições que falsificam estes Espíritos: perguntai no interior, e sabereis mais.

Que as Almas Desincorporadas de Homens Mortos, como dizemos Partidas, apareceram, afirmámo-lo a partir da Autoridade da Escritura; a qual devo admitir ser um documento autêntico, seja o que for que o Leitor queira fazer; até que uma História mais autêntica e de melhor Autoridade possa ser produzida em Lugar dela.

Quanto à Aparição de *Samuel*, invocada pela Bruxa, desprezo-a, tal como é oferecida na Capacidade de uma Alma, muito mais como a Alma Desincorporada de *Samuel*; a qual, embora pudesse ter sido levada a aparecer, se o Soberano de todos os Espíritos, com quem a Alma de *Samuel* está em Descanso, o tivesse achado adequado; no entanto, não poderia ser convocada desse Descanso pela conjuração de uma velha Bruxa, mais do que o Diabo a poderia ir buscar ao Céu por Força.

Nem era provável que Deus, que recusou sequer falar àquele príncipe abandonado, que ele tinha tão justamente rejeitado, e que não lhe respondia nem por *Urim* nem por *Thummim*, que não ouviria a sua oração nem aceitaria a sua Oferta, fosse ouvir uma Bruxa, uma Criatura igualmente sentenciada à Morte pela sua própria lei justa, e enviasse *Samuel* nas suas mandingas Infernais desde o Céu, para dizer a *Saul* que amanhã ele seria despedaçado pelos Filisteus; parece não haver qualquer consistência nisso, não, nenhuma de todo.

A Aparição da Coisa chamada *Samuel* era, na minha Opinião, nem mais nem menos do que um Fantasma ou Espectro, o qual (como é permitido ao Diabo

fazer) poderia personificar o velho Profeta partido e que, à convocação da Bruxa e por Permissão do Céu, surgiu para pronunciar a terrível Sentença sobre *Saul*, e deixá-lo ver qual era o Efeito de ele abandonar a Deus e rejeitar o seu Profeta *Samuel*.

E assim poderia ser-lhe permitido também falar na primeira Pessoa do Profeta, como fez; nem digo, ou penso, como alguns fazem, que era o Diabo na Semelhança de *Samuel*; se tivesse sido, não é provável que a velha mulher ficasse tão assustada a ponto de gritar, visto que ela estava mais familiarizada com o *Diabo* do que para se surpreender se tivesse sido o seu velho Familiar.

Mas ela viu algo que não esperava, e talvez nunca tivesse visto antes; pois diz ao Rei que viu Deuses a subir da Terra; pelo que não posso senão entender que viu alguns daqueles Espíritos que mencionei, que não são Infernais, e que poderiam prever o que o próprio Diabo não pode; pois não tenho razão para acreditar que Satanás saiba algo sobre o Futuro.

Se for aqui perguntado por que Autoridade a Bruxa poderia trazer um sequer destes Espíritos; isso, na verdade, pode ser difícil de responder, senão assim: que poderia ser como *Balaão* foi dominado para abençoar, quando pretendia amaldiçoar; e que ao Chamamento dela, e para pronunciar o fado iminente de *Saul* e de *Israel* com ele, ela pudesse ser dominada, e assim invocado ou chamado um bom Espírito em vez do Diabo.

Quanto ao facto de o Espectro falar em Nome de *Samuel* na Escritura, e de o Texto o representar como se fosse realmente o próprio *Samuel*, 1 Sam. xxviii. 15. *E Samuel disse a Saul: por que me inquietaste, fazendo-me subir?* Considero-o como uma expressão *ad Hominem*, para o entendimento comum, e para ser entendido como todas as Expressões Alegóricas ou Figurativas são entendidas; e não prova que era *Samuel*, nem deve ser tomado literalmente, mais do que as outras Palavras no mesmo Versículo devem ser literalmente entendidas.

1. *POR QUE me inquietaste?* Como se estivesse no Poder de *Saul*, pelas conjurações de um abominável e condenado membro do Diabo, uma Bruxa proscrita, inquietar a alma partida de *Samuel*. O Significado não é mais do que este: "Que Assunto tens comigo, por que me perturbas? Tu, que me desprezaste e agiste contrariamente a todas as minhas Direções, e quiseste prosseguir na tua Perversidade apesar de mim e de tudo o que eu te pudesse dizer; para que vens a mim agora que estou morto?"

2. *fazendo-me subir?* insinuando que *Samuel* estava em baixo, ou foi chamado *ab Inferis*, o que é contrário à Razão bem como à Religião, e não condiz nem com a nossa Noção nem com a de mais ninguém, exceto se for a dos que creem no sono da alma, que nos dizem que a alma dorme

com o corpo na sepultura até à Ressurreição; e se assim for, então teria a velha Mulher de ter Poder para o acordar sempre que quisesse.

Sobre o todo, parece que esta Mulher era uma Bruxa de alguma Eminência, e tinha um poder fora do comum na sua via. Pois quando *Saul* recorre a ela, ela pergunta-lhe: *Quem te farei subir?* insinuando que era capaz de fazer subir quem ela quisesse, fosse do Céu ou do Inferno.

Esta Ousadia infere claramente que ela não tinha poder nenhum, exceto este: que sendo uma Bruxa, e uma que tinha um Espírito Familiar, ela poderia fazer com que o seu Familiar ou Diabo, chamem-lhe o que quisermos, aparecesse e personificasse quem lhe agradasse nomear. Pois por que não haveria o Diabo de ser tão capaz de se vestir como uma Pessoa morta quanto outra? E por que não aparecer tão bem na Forma de um Homem morto quanto na de um vivo?

De modo que para mim não há mais Dificuldade em ele vestir-se como *Samuel* do que houve em chamar-se a si mesmo assim, ou do que em falar na primeira Pessoa de *Samuel*, como acima: *Por que me inquietas, e por que me fazes subir?* Tudo o que parece inexplicável nisso é como ele seria capaz de dizer a *Saul* o que haveria de acontecer, (*a saber*) que Deus entregaria *Israel* nas Mãos dos Filisteus, e ele (*Saul*) com eles, e que amanhã ele estaria com ele; isto é, entre os Mortos, seria morto na Batalha.

Isto, de facto, tem algo de difícil, porque ao Diabo não é permitido ser um Profeta, nem ser capaz de predizer o que está para vir. Mas estas coisas podem ser todas respondidas pela História de *Balaão*, onde a criatura iníqua, embora um Feiticeiro e um Encantador, no entanto foi dirigida não apenas a abençoar *Israel* apesar de todos os Dons e Recompensas que o Rei de *Moab* lhe ofereceu, mas foi capacitada a profetizar sobre Cristo e predizer a gloriosa aparição do Messias; Numb. xxiv. 17.

*Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma Estrela sairá de Jacob, e um Sceptro se levantará de Israel*; e novamente, *de Jacob sairá aquele que terá o Domínio*. Esta foi uma profecia clara e direta de Cristo, que é chamado nas Revelações a Estrela da Manhã; e no entanto, este *Balaão* era um Bruxo, um Negociante com um Espírito Mau, e recebeu o Prémio da Iniquidade.

O testemunho seguinte que encontramos na história sagrada, sobre a Realidade das Aparições no que respeita às Almas de pessoas partidas, é a Aparição de *Moisés* e *Elias* com *Jesus Cristo* no Monte, na sua Transfiguração; eles não apenas estiveram lá, real e pessoalmente, nos seus Hábitos, e de modo a serem conhecidos pelos Discípulos, mas apareceram conversando com Cristo; de modo que foi uma Aparição Perfeita e Completa, (*a saber*) as pessoas particulares aparecendo e conhecidas pelas Pessoas a quem apareceram. Mat. xvii. 3.

E noutro Lugar, a maneira da Aparição é descrita, bem como aquilo de que falaram, Luke ix. 31. *Os quais apareceram em Glória, e falavam da sua Morte, a qual havia de cumprir em Jerusalém*. Esta é uma Aparição de Almas partidas tão clara e inquestionável que aqueles que a contestam devem não apenas duvidar da Divindade da Escritura, mas devem contestar ser ela uma história autêntica; o que os seus Inimigos dificilmente negarão.

TEMOS ainda outro Testemunho, e este é tão positivo e expresso como os restantes; Matth. xxvii. 52. *E abriram-se os Sepulcros, e muitos Corpos de Santos que dormiam ressuscitaram, e saíram dos Sepulcros depois da sua Ressurreição, e entraram na cidade santa, e apareceram a muitos*.

Este é um Lugar notável, e admitiria uma longa Exposição; mas não devo pregar e, se pudesse, não sou Anotador; no que toca ao meu presente Propósito, os *Corpos ressuscitaram*, isso foi extraordinário; mas que as suas Almas estivessem também com os seus Corpos não deve ser duvidado, pelo menos por mim; pois não tenho Noção do Corpo a caminhar por aí sem a alma; nem alguma vez lemos sobre Aparições corporais.

Uma Aparição é vulgarmente chamada por nós um Fantasma, pela nossa gente do Norte um *Ghest*; ora o Fantasma é um Espírito, e a Aparição de um Espírito tem algum Sentido; os Espíritos também assumindo uma Forma ou Corpo, seja Real ou apenas em Aparição, tem algo sobre que falar; mas as Aparições de Corpo, movendo-se, aparecendo, caminhando ou o que quer que lhe chamemos, sem Alma ou Espírito, é o que nunca se ouviu falar, e escassamente alguma vez foi sugerido.

Pode observar-se que aquelas Aparições citadas da Escritura não são Aparições em Visão; Sonhos na Noite, ou apenas supostas Aparições, mas Visões claras, abertas, à luz do dia; as primeiras não serviriam de todo ao meu propósito. Estas foram Aparições às quais se falou e com as quais se conversou; e isto é uma Prova do que alego, *videlicet*, que Espíritos Desincorporados podem aparecer, podem reassumir a forma humana, a sua própria semelhança anterior, ou qualquer outra, e podem mostrar-se ao Mundo, ou a tantas Pessoas quantas desejarem.

As Dificuldades que acompanham isto não são poucas, embora nenhuma delas destrua a coisa em si; como (1.) Se as Almas de pessoas boas ou más desincorporadas estão realmente num Estado ou Condição para tal Aparecimento? E se isso condiz com as noções justas que devemos ter do Estado inalterável? Refiro-me a tais Noções que se conformam à Escritura, a qual, se a Parábola do homem rico e de *Lázaro* for uma representação justa disso, parece

impossível ser, exceto numa Ocasião tão extraordinária como a da Transfiguração e Ressurreição do nosso Salvador; isto é, por Milagre.

**Lázaro**, diz o Texto, foi, após a sua Morte, levado pelos Anjos para o Seio de *Abraão*; o homem rico morreu, e no Inferno levantou os Olhos. Que se supõe ser isto imediatamente é evidente, porque o homem rico fala dos seus Irmãos que estavam então vivos: Se não fosse levado para lá imediatamente, certamente não seria levado de todo senão após a Grande Auditoria; de modo que era claro que ele estava lá logo após a sua Morte: e que *Lázaro* foi levado imediatamente para o Céu é evidente também; porque o homem rico é apresentado a vê-lo lá, e a desejar que ele lhe pudesse ser enviado.

Dizer que isto é apenas uma Parábola é dizer o que pode ser concedido sem Prejuízo para o Ponto em mãos. Pois sendo uma Parábola, não teria sido oportuna se não representasse as coisas como elas eram realmente para ser; teria sido uma Delusão, e trazida para enganar; ao passo que é uma Parábola trazida pelo nosso próprio Senhor, e todas aquelas Parábolas que Cristo proferiu eram as mais perfeitas Representações e Ilustrações das coisas que eram trazidas para expor; nem nenhuma delas é manca nas suas Alusões, mas instrutiva em cada Artigo; como a Parábola do Filho Pródigo, por Exemplo, e a Parábola do Rei que fez um Casamento para o seu Filho, e assim as restantes. E por que haveria apenas esta de ser manca e inapta para o propósito?

Se então esta Parábola é adequada para representar o Estado das Almas dos Partidos, essas Almas não podem então, de forma alguma, estar envolvidas nas Aparições de que estamos a falar; exceto como foi antes excetuado, *videlicet*, em ocasiões tão extraordinárias como a do nosso Salvador acima deve ser reconhecida ser.

Se então nem as Almas nem os Espíritos dos Bem-aventurados ou dos Amaldiçoados, dos Felizes ou dos Miseráveis, dos Salvos ou dos Condenados, estão envolvidos nessas Aparições, quem são então estes Habitantes do mundo invisível? O que são eles que constituem e possuem este Mundo de Espíritos, de que tanto se fala? E se os espaços imensos estão ocupados, se são povoados por quaisquer Criaturas espirituais, se algo mais do que Estrelas e Planetas percorre o *lugar vazio*, como *Job* lhe chama, Job xxvi. 7, o que são eles e o que são os Espíritos que habitam esses Mundos?

Deve certamente haver um Mundo de Espíritos, ou de Espírito, de onde recebemos as frequentes Visitas em Público, e os frequentes Avisos em Privado, que nos são tão percetíveis, e sobre os quais andamos tão inquietos: se não são nem bons espíritos nem maus, se não têm nem Poder para nos fazer Bem ou Mal, como vejo muita Razão para acreditar, então não temos tanta Razão para estar

aterrorizados por causa deles como geralmente estamos: mas sobre isso falaremos adiante.

Quanto à Localidade do *Diabo*, e à sua Aparição, esse é de facto outro Artigo, e ele pode, como já foi dito, cobrir-se com as Formas, humanas ou brutais, que lhe agradar; mas então isto traria toda a Aparição para ser pela Aparição do *Diabo*, e todo o Império do Ar para ser possuído por ele; o que não posso conceder: Particularmente porque, como disse, algumas destas Aparições vêm em boas Missões, para prevenir Desgraças, para proteger a Inocência e a Virtude, e para descobrir a Injúria, a Injustiça e a Opressão; tudo coisas que estão muito fora do caminho do *Diabo*, remotas da sua Prática, e muito mais remotas do seu Desígnio; os Espíritos de que falo devem ser de uma Origem mais alta; devem ser Nascidos no Céu, da gloriosa Origem das espécies angélicas; e como todas as coisas são conhecidas pelas suas Consequências, assim são eles conhecidos pelas suas Ações; fazem o Trabalho do Céu, estão sob o seu Governo e Direção imediatos, e são honrados com a sua Missão especial; são empregados nos seus Assuntos imediatos, a saber, o Bem comum da sua Criatura Homem: Aqueles que fazem o Bem, demonstram da melhor maneira que são bons.

De modo que, de todas as formas, encontraríamos alguma Dificuldade neste Caso, a menos que fosse resolvida, como disse antes, pela denominação de outra Classe de Espíritos nem imediatamente celestiais, nem de todo infernais; nem incorporados, nem que tenham sido incorporados, nem que alguma vez venham a ser incorporados.

Não se pode esperar que eu descreva o que estes são, e em que Condição; é suficiente que apenas diga que *Tais* podem estar lá, e que podem ser tais como aquele que fez esse *lugar vazio* achou por bem ali colocar; poderei igualmente perguntar ao Inquiridor que tipo de habitantes são aqueles que possuem a Lua ou qualquer um dos Planetas, e se habitam num Estado de Inocência, ou se contraíram Culpa; e se o último, se existe um glorioso Estabelecimento de Redenção, e uma Aliança de Vida concedida para eles, como existe aqui, pela Compra e Mérito de um Salvador?

Não é uma Pergunta justa pedir-me uma Demonstração para uma *Hipótese*, nem é razoável dizer-me que não acreditarão nela porque não posso provar a Afirmativa daquilo que não afirmo. Avanço a Probabilidade, e digo que é o mais Provável, porque (como dizem da nova Filosofia) por meio desta podemos resolver vários outros *Fenómenos*, que de outra forma não poderíamos explicar; e alego ser muito mais provável e mais racional sugeri-lo, do que é que os Planetas devessem ser habitados, para o qual é certo que Deus teria de ter criado uma nova Espécie de criaturas, ou que ninguém ali poderia habitar.

O Ermo ou o espaço vazio, como *Job* lhe chama, está cheio de Espíritos; acredito que isso pode ser dado como certo: são ali colocados, se ali estão, pela mão poderosa do Criador: não há Filosofia que se possa pleitear contra o Lugar ser habitável; ao passo que as Objeções contra os Planetas serem habitáveis são irrespondíveis, a não ser pelo Absurdo de trazer o Poder Omnipotente para criar várias novas Espécies de criaturas, algumas para viverem no Fogo, algumas no Gelo, algumas em total Escuridão e Neve, algumas em Águas a ferver e Ar a escaldar.

Os Habitantes que sugiro são criados para as Regiões do mundo invisível, são Espíritos, Substâncias invisíveis, Corpos sem Corpo, tais como são adequados para a Expansão em que vivem, e elegíveis para nós concebermos; e embora não possamos agarrar um Espírito com as nossas Mãos, senti-lo e vê-lo, podemos, contudo, de alguma maneira concebê-lo. Mas, quanto aos habitantes planetários, não podemos dar conta deles a nós próprios ou a qualquer outra pessoa, nem podemos conceber nada deles que possamos dizer ser provável ou racional.

Será de todo irracional supor, ou improvável de ser, que Deus possa ter feito um Grau de Anjos ou de espíritos ministradores (se são angélicos, ou de outras Espécies não nos cabe determinar) que possam ser de um Grau diferente, designados para uma Residência diferente, e para Empregos diferentes dos anjos superiores, por uma Temporada?

Tal como existem diferentes Graus de Glória no Céu, Estrelas de diferente Magnitude e Lustre no Firmamento, assim não poderá haver Anjos ou Espíritos de diferente Qualidade e Graus de Poder e Favor? Por que razão, se não, são eles chamados *Tronos*, e *Domínios*, *Principados*, e *Potestades*? São todos Títulos de Honra dados aos Anjos na Escritura, Eph. i. 21. e vi. 12. Se existem vários Títulos, deve haver vários Graus.

Não pode haver Superior, se não existem Inferiores; o que podemos entender por *Tronos* e *Principados* no Céu, senão Graus de Anjos? Além disso, o que entendemos por *Anjos* e *Arcanjos*? 1 Thess. iv. 16. *descerá com a Voz de um Arcanjo*: e novamente, Jude ver. 9. *Miguel o Arcanjo*.

Se existem Anjos que não são Arcanjos, mas de um Grau inferior; assim pode haver também diferentes Graus entre os Anjos que não são Arcanjos; e alguns destes podem ter designada a sua Residência no Ar ou Atmosfera deste Mundo, (Terra) ou dentro do Âmbito deste particular Sistema Solar (pois admito que possa haver vários Sistemas semelhantes).

Assim, para aqueles que quiserem supor que estas Aparições não são de mais ninguém senão Anjos, não contenderei de todo com eles: não excluo nenhuma Espécie de Espíritos, exceto as almas desincorporadas partidas dos Homens:

tenho permitido Aparições ao próprio Diabo nas suas próprias ocasiões iníquas e próprias. Apenas não posso conceder que, porque Deus *pode*, por isso ele *empregue* o Diabo nas suas próprias ordens graciosas e benfazejas para com a sua Criatura; isto deve, pelo menos, parecer trazer a Providência a uma Necessidade de o empregar por falta de outros Oficiais, o que creio ser altamente detrator e desonroso para a divina Majestade, como se ele fosse obrigado a empregar o *Diabo*, como costumamos dizer, por falta de Melhor.

Mas excluindo Satanás, creio que Deus não carece de Agentes; ele tem aparentemente postado um Exército de espíritos ministradores, chamai-lhes Anjos se quiserdes, ou o que mais vos agradar; digo, postou-os em volta deste *Convexo*, este Globo que é a Terra, para estarem prontos em todos os Eventos, para executarem as suas ordens e para fazerem a sua Vontade, reservando ainda para si o enviar mensageiros expressos de um Grau superior em ocasiões extraordinárias.

Não tenho dúvida de que estes são os Anjos que levaram *Lázaro* para o Seio de *Abraão*, refiro-me aos que se supõe terem-no feito.

Não duvido que estes sejam os Anjos de que Cristo fala, quando diz que o seu Pai, se ele tivesse orado, lhe teria enviado mais de doze Legiões para sua Guarda.

Dizer que não seria de esperar que Deus fizesse tal Hoste de espíritos gloriosos atender a este pequeno Ponto que é a Terra, e a esta espécie desprezível chamada Homem, apenas me obrigaria a dizer: O que não poderá Deus ser suposto fazer por aquela Criatura a quem ele *tanto* amou a ponto de enviar o seu filho unigénito para redimir? Portanto, pelo menos essa Pergunta está plenamente respondida.

Ora, estes Espíritos, sejam eles o que forem, e chamai-lhes Anjos se quiserdes, concebo que são eles cujas Aparições nos dão tanta Dificuldade em resolver: Estes podem, sem qualquer Absurdo, ser supostos capazes de assumir Forma, conversando com a Humanidade, seja pela Via ordinária ou extraordinária, seja por Voz e Som, embora em Aparições e Formas emprestadas; ou por avisos privados de coisas, Impulsos, Presságios, Maus Pressentimentos e outras comunicações impercetíveis às Mentes dos Homens, conforme Deus, o seu grande Empregador, possa dirigir.

Nem são estas Noções sobre eles de todo absurdas ou inconcebíveis, embora a Maneira como agem possa não ser entendida por nós: Não passa de Alma conversando com Alma, Espírito comunicando com Espírito, um Ser intelectual com outro, e por Transmissões secretas, tais como aquelas pelas quais as Almas conversam.

Nem é a Aparição destes Espíritos qualquer Absurdo; estes podem ser íntimos nossos, aparecer-nos, estar preocupados connosco, sem que haja nada de ininteligível nisso: Por que não poderá um Espírito sê-lo tão bem como outro? E uma Espécie ou Género de Espíritos tão bem como outra?

Se estes são espíritos inocentes, de boa intenção e benfazejos, por que não poderá condizer com a Sabedoria e Bondade de Deus permitir que tais sejam conversantes com os Homens, e tenham Acesso aos Espíritos incorporados; bem como permitir ao Diabo e aos espíritos malignos conversarem assim entre nós para nosso Mal?

Mas deixai-me dar aqui uma Cautela, e entrar com o meu Protesto contra o Poder, ou as Pretensões ao Poder, de *invocar* ou, como se costuma dizer, *fazer subir* estes Espíritos. Chamar por eles, e convocá-los para Inteligência de assuntos humanos, e isto por Magia e Conjurações, a que vulgarmente e com justiça chamamos a *Arte Negra*, não posso permitir que esta Parte da Ciência tenha qualquer Influência sobre, ou Comando sobre, qualquer bom Espírito: Mas que, tal como a Bruxa de *Endor* obteve do Diabo o personificar o velho Profeta *Samuel* e aparecer na sua Forma, falar no seu Nome e representar o Profeta em Mascarada; assim estes Homens de Arte podem trazer o *Diabo* para imitar um bom Espírito, chamar-se a si mesmo um Habitante do Mundo dos Espíritos, e assim iludir a Humanidade, como ele faz em quase tudo o que lhes diz; Mas ele não pode realmente invocar um destes espíritos livres e independentes, que estão perfeitamente fora do seu alcance onde quer que estejam; e cuja natureza angélica os coloca acima, e não sob ele, ou ao seu Comando.

Satanás é um Inimigo conquistado e subjugado; e estes foram, de facto, os seus Conquistadores, e são ainda o seu Terror; Ele abomina-os e odeia-os, e foge diante deles: E que tal se eu dissesse que eles foram colocados nesta Situação (a saber, nas Regiões invisíveis perto e em volta deste Mundo) por esta mesma Razão, *videlicet*, para manter sob controlo este Arqui-Inimigo e Rebelde? Como um Príncipe conquistador que, tendo obtido uma gloriosa Vitória sobre um poderoso Rebelde, embora se retire do País com as suas Tropas, terminada a Guerra deixa, contudo, um bom Corpo de Forças para manter a Paz do País, e para amedrontar os Rebeldes de qualquer tentativa posterior.

Assim, eles são Anjos da Guarda realmente, e na própria Letra da expressão, sem serem obrigados a atender ao Ouvido ou ao Cotovelo de cada Homem em particular. A Humanidade é assim verdadeiramente dita estar nas Mãos de Deus sempre; e a Providência, que constantemente trabalha por Meios e Instrumentos, tem o Governo do Mundo atualmente na sua Administração, não apenas pelo seu

poder infinito, mas por Deputação imediata, e o Diabo subjugado é um Prisioneiro de Guerra, tanto acorrentado como restringido.

1. Henry More, na sua secção em *Saducimus Triumphatus* de Glanvill, escreve que um espírito é uma substância imaterial intrinsecamente dotada de vida e da faculdade de movimento. Deus une o espírito ao corpo, que é meramente uma substância material desprovida de perceção, vida e movimento sem o espírito (p.141). Ele é provavelmente o "escritor" que Defoe menciona.
2. Transição de um estado ou condição para outro; esp. passagem desta vida pela morte. Também... Passagem das almas na morte para outro corpo; metempsicose. OED. p.415.
3. Thomas Burnet está ligado a esta seita.
4. I Samuel 7:19.
5. Números 23:1-11.
6. Em direção ao homem.
7. Dos mortos (ou dos inferiores).
8. Números 24:19.
9. Na verdade, a referência é de Lucas 9:31.
10. Lucas 16:19-31.
11. Lucas 15:11-32.
12. Mateus 25:1-13.
13. Na verdade, a referência é de Judas 9.
14. Mateus 26:53.
15. I Samuel 28.

## CAP. VI

### SOBRE A MANEIRA COMO OS ESPÍRITOS DE TODA A ESPÉCIE, QUE PODEM OU APARECEM ENTRE NÓS, GEREM A SUA APARIÇÃO; E COMO PROCEDEM

ESTANDO a Possibilidade assim estabelecida, e sendo concedido que Espíritos, ou Anjos destacados, conversam com a Humanidade visivelmente bem como invisivelmente, e têm Acesso a nós, às nossas Almas bem como aos nossos Corpos, tanto por Comunicação secreta como por Aparição aberta e pública; resta inquirir sobre a Maneira como esta Conversação é levada a cabo.

Já entrei com o meu Protesto contra todas aquelas Artes chamadas Mágicas e Diabólicas, pelas quais o Homem é tornado capaz (pelo menos) de ser o Agressor nesta comunicação, podendo invocar estes Espíritos, ou antes chamá-los cá abaixo, e começar a Conversação quando lhe agradar.

Se por Pacto e secreta Familiaridade Infernal com o *Diabo* ele não poderá obter Licença para usar Satanás com tal Liberdade, não determinarei; suspeito que possa: pois o Diabo pode delegar tais e tais Poderes e Privilégios aos seus Confederados, conforme à sua Honra na sua grande Sabedoria parecer adequado: Mas que ele os possa capacitar a fazer o mesmo com aqueles espíritos bons e benfazejos do mundo invisível, que são (supus eu) Espíritos, não Diabos; isso nego-o, nem vejo qualquer Razão para o conceder.

Venho então à Maneira como os Espíritos, que eu suporia que possam habitar o Ermo extremo, são capazes de corresponder-se connosco: e primeiro, como Espíritos ou Anjos, chamai-lhes o que quiserdes, devem ser supostos, como outros Espíritos, como tendo um conhecimento extensivo e uma Visão de todas as Substâncias criadas, pelo menos deste lado do Céu; um vasto e capacitado Entendimento, uma Visão ilimitada, uma Liberdade de Locomoção, passando de uma Região para outra, de um Planeta para outro; não são congelados pelo Frio, nem calcinados pelo Calor; que são capazes de existir em todos os Climas, mesmo de *Saturno* a *Mercúrio*; que podem ir e vir, aparecer e desaparecer, aqui ou onde mais lhes agradar; numa palavra, que são agentes livres, tanto nos seus Movimentos como nas suas Ações.

Daqui devem ser necessariamente supostos como conhecendo todas as coisas necessárias de serem conhecidas, relativas a nós, bem como a outras coisas; que podem tomar Conhecimento dos assuntos humanos, e isto não por Concessão ou Licença, ou por Informação de segunda mão vinda do Inferno, do espírito infernal, ou de qualquer outro Lugar, mas pela sua própria Penetração angélica e espiritual; e que não têm Dependência de Satanás, ou de qualquer Poder ou

Pessoa envolvida com ele; que agem também como Espírito em todas as Ocasiões.

Embora não vejamos nada deles, eles veem-nos; embora não saibamos nada deles, eles conhecem-nos e são conversantes à nossa volta, sendo capazes de ser afetados e movidos em nosso Favor, e de se preocuparem com o nosso Bem por muitos motivos: Daqui, eles dão-nos frequentemente Avisos e Alertas de Males que nos assistem, embora não possam agir de tal forma sobre Objetos materiais que interfiram com os nossos Assuntos, dominem o nosso Fado, ou nos dirijam sobre como evitar os Males que preveem, ou para abraçar o Bem que veem assistir-nos; sobre o qual, e as Razões para tal, já falei.

Como podem assim comunicar coisas à nossa Imaginação, podemos supor que, em Prossecução dessa Preocupação benfazeja que têm por nós, podem e frequentemente assumem a forma humana, e vêm a nós, falam-nos e conversam intimamente connosco em Aparição e por Voz, aliás até em Diálogo, Pergunta e Resposta, conforme veem Ocasião.

Este conversar em Aparição é o que chamamos *Caminhar*; e quando qualquer coisa assim é vista, dizemos que um *Espírito caminha*, ou assombra tal Lugar; e embora isto seja uma coisa poderosamente terrível na Aparição vulgar — e as Pessoas, quando estas coisas lhes aparecem, tendem a dizer que veem o *Diabo* — contudo é muito frequentemente um Erro, e um Erro muito grande, como aparece pela Consequência.

Ouvi falar de um Homem que viajou quatro Anos pela maioria dos Países do Norte da Europa com o Diabo, se todas aquelas Espectros ou Aparições são Diabos, o que não devo conceder; nem foi este Espectro tão insincero a ponto de se ocultar todo esse tempo dele, mas descobriu-lhe que não passava de uma Aparição, sem Corpo, Substância, ou qualquer coisa a não ser Forma.

Se o Relato que tenho desta Aparição for verdadeiro, e tenho-o comigo há muitos Anos, ele fez-lhe Bem, e não Mal; guiou-o por Desertos e sobre Montanhas, sobre Lagos congelados e pequenos Mares cobertos de Neve; entreteve-o com Discursos de vários Assuntos, resultando sempre para o seu Bem e para o Aumento do Conhecimento: Foi com ele sobre o Mar desde a Irlanda até à Costa da Noruega: Procurou ventos para ele, sem os comprar a Bruxas e Lapões:

Não levantou Tempestades para ele, porque sendo um Viajante e numa Viagem, ele não tinha Ocasião delas; mas previu Tempestades pontualmente e exatamente, evitou que o Navio se fizesse ao Mar quando as Tempestades se aproximavam; encontrou o Barco e as Âncoras do Navio, quando o primeiro foi levado pela corrente na Noite, e a segunda pesada e levada pelos Noruegueses no

Escuro, tendo o Navio sido obrigado a soltar amarras e fugir para dentro do Porto; digo, ele encontrou-os, isto é, dirigiu os Marinheiros sobre onde os encontrar, e para descobrir os Ladrões.

Fez mil coisas por ele, e para sua Acomodação, nas suas Viagens; era conhecido onde quer que chegasse, e procurou ao seu Colega de Viagem Entretenimento e bom Tratamento; conhecia os assuntos de cada País, e até as próprias Pessoas; falava cada Língua: Alemão, *Norse* ou Norueguês, Polaco, Prussiano, Russo, Húngaro, Tartário e Turco.

Ele atravessava Rios sem Pontes, embora nunca deixasse o seu Colega de Viagem vê-lo fazer tal, ou o ajudasse a fazê-lo; nem o deixava vê-lo elevar-se no Ar em qualquer ocasião que fosse; mas colocava-o no seu Caminho, dava-lhe Direções muito fiéis sobre como encontrar os Lugares para onde se dirigia, e depois desviava-se por algum outro Caminho, como se tivesse Assuntos neste ou naquele Lugar, e não falharia em encontrar-se com ele novamente, pontualmente, no lugar que designara.

Por vezes, era visto à distância de uma Milha ou mais, hoje à sua direita, amanhã à sua Esquerda, e mantendo o passo igual ao dele, entrava na mesma Aldeia ou Cidade onde ele se alojava, e instalava-se como que noutra Estalagem; mas se ele indagasse por ele de Manhã, ele já se tinha ido embora, e as Pessoas nada sabiam dele, exceto que tinham acabado de ver tal Homem na Noite anterior, mas que ele não se demorara.

Quando tinha viajado assim com ele desde a *Irlanda*, como disse, até à Costa da *Noruega*, onde foram empurrados por uma Tempestade; e depois disso por Mar em volta da dita Costa da *Noruega* até *Gotemburgo*, onde aportaram novamente por Ventos contrários, ele persuadiu o Viajante a não ir mais longe naquele Navio.

O Viajante, estando comprometido com a Embarcação para *Dantzick*, e tendo uma quantidade considerável de Mercadorias a Bordo, de modo algum se deixou convencer a abandonar o Navio: O seu Colega de Viagem disse-lhe que tinha a *Segunda-visão*; e que estava seguro de que o Navio nunca chegaria a *Dantzick*.

Contudo, o Viajante, não lhe dando tanto Crédito quanto isso exigia, e não sabendo nada dele naquela altura, senão que era um homem estranho, inteligente e previdente (como ele lhe chamava), quis continuar a Viagem; pelo que o Estranho o deixou, e o Navio, prosseguindo a Viagem, foi surpreendido por outra Tempestade perigosa; digo outra, porque já tinham tido uma antes. Nesta Tempestade, o Navio foi empurrado para a Costa de *Rugen*, uma Ilha no lado Alemão do *Báltico*, onde com muita Dificuldade aportaram em *Straelsund*, um Porto de Mar da *Pomerânia*, e ali o Viajante foi para Terra.

Aqui, caminhando pensativo e preocupado com o desenrolar da sua Fortuna, e temendo que o Navio fosse realmente perder-se, como o seu primeiro Homem lhe tinha vaticinado; digo, caminhando muito ansioso no Cais em *Straelsund*, encontra-o um Homem para quem ele era um total Estranho, mas que o saúda em *Inglês*, chama-o pelo seu Nome e pergunta-lhe o que fazia ali.

Surpreendido com tal Saudação, e contente por ver qualquer Homem num País tão estranho e remoto com quem pudesse vir a ter conhecimento, e muito mais que o pudesse chamar pelo seu Nome, ele retribuiu o seu Cumprimento e respondeu que, de facto, não tinha ali muito que fazer, mas que ali chegara por uma ocasião muito desafortunada.

"Eu sei que sim", diz o Cavalheiro; "entraste aqui ontem à Noite naquele Navio", apontando para a Embarcação que jazia na enseada entre a Cidade e a Ilha de *Rugen*.

"Assim foi", diz o *viajante*, "e parece que terei má Sorte com ela."

"Suspeito que sim", diz o *Estranho*, "e suponho que foi isso que te fez parecer tão preocupado."

"Não posso negar", disse ele, "que pudesse parecer perturbado, creio ter Causa para tal, pois estou aqui num País estranho, sem Conhecimento ou Interesse, e não sei ainda em que condição está o Navio, ou as minhas Mercadorias, que temo estarem danificadas."

"Estou seguro", diz o Cavalheiro, "que o Navio não será capaz de prosseguir a sua Viagem, mas talvez a tua Carga possa estar a salvo. Entendo que as Mercadorias que tens a Bordo são Arenques."

"Assim são", diz o *viajante*; "tenho doze *Lasts* de Arenques a bordo, e já tivemos uma longa Viagem."

"Eu sei que tiveram", disse o Cavalheiro; "mas anima-te, o teu Peixe está todo a salvo, e podes pô-lo em Terra; e hás de ou vendê-lo aqui, ou conseguir aqui Navios para o Recarregar novamente para *Dantzick*; e visto que és um Estranho", acrescenta ele, "vou arranjar-te alguma assistência."

Durante todo este tempo, ele não lhe tinha perguntado o Nome; mas agora disse-lhe: "Não me deixará saber, Senhor, quem é aquele a quem fico a dever tanto?"

"Primeiro", retorquiu ele, "deixa-me ver se te arranjo alguma ajuda, para que possas tratar alegremente dos teus Assuntos, e falaremos disso depois"; pelo que lhe disse para caminhar um pouco ali, e que voltaria para junto dele.

Ele não caminhou muito tempo até ver um Mensageiro vir ao seu encontro, para lhe dizer que havia um Cavalheiro Inglês que desejava falar com ele em tal Casa, e que ele o deveria guiar até ao lugar.

Assim sendo, ele segue o Mensageiro, que o leva a uma Casa Pública onde estavam Três Cavalheiros sentados numa Sala, e o Homem com quem ele tinha conversado fazia o quarto, o qual o chamou para dentro e lhe disse para se sentar, o que ele fez.

Os Três Cavalheiros saudaram-no muito gentilmente, e um deles também em *Inglês*, e disseram-lhe que tinham recebido um Relato das suas Circunstâncias daquele Cavalheiro, e que o tinham mandado chamar para o confortar e assistir.

Esta foi uma surpresa bondosa e agradável para ele, e ele não pôde senão recebê-la com toda a Civilidade e Reconhecimento possível. Após o que o convidaram para Cear com eles, o que ele aceitou, e à Ceia, ouvindo todo o Caso, mandaram chamar um Mercador daquela Cidade para vir ter com eles.

Quando o Mercador chegou, recomendaram-lhe o Assunto do Estranho; e ele, o Mercador, foi tão prestável para com o Estranho que comprou toda a sua Carga de Peixe, ou providenciou outros para a comprarem, dando-lhe um Preço para sua Satisfação, e deu-lhe ali tanto Dinheiro quanto ele requereu, e boas Letras pagáveis em *Dantzick* pelo resto.

Entretanto (pois isto transcorreu durante vários Dias), os Três Cavalheiros continuaram excessivamente corteses e amáveis para com ele; e após muitas outras Civilidades, estando eles de viagem para a *Polónia*, convidaram o Viajante a ir com eles até *Dantzick*, para onde sabiam que ele se dirigia, e que o sustentariam à sua própria Custa até lá. O Viajante, considerando a sua própria Condição, e que o Navio em que viera não estava em Condição de prosseguir a Viagem, resolveu aceitar a Oferta e, consequentemente, preparou-se para ir com eles:

Mas ele estava extremamente preocupado por não conseguir ver o bondoso Estranho que primeiro o saudou como acima, e que o levara aos Cavalheiros que eram agora tão extraordinariamente civis para com ele; ele indagou por ele ao Mensageiro que o fora buscar àquela Casa, mas ele não o conhecia; perguntou às Pessoas da Casa, mas elas não podiam dar conta dele; perguntou aos três Cavalheiros sobre ele, mas eles nada sabiam dele.

O Cavalheiro Inglês entre eles disse que pensava que ele pertencia àquele Cavalheiro, apontando para outro dos três que era um *Alemão*; o Alemão respondeu que tinha entendido que ele era o Amigo do terceiro Cavalheiro, que era um *Sueco*, isto é, um *Pomerano*, pois a *Pomerânia* está sob o Domínio dos

Suecos. Mas o Sueco disse que pensava que ele era o Irmão do Cavalheiro Inglês, pois falava *Inglês* muito bem; numa palavra, ninguém o conhecia, e ele não o viu mais.

Numa Semana mais ou por volta disso, os quatro Cavalheiros (pois agora eram tantos) partiram juntos, cada um com um Criado; exceto o nosso *Viajante*, que não tinha nenhum. Todos os que conhecem a região de *Stetin* para *Dantzick* e *Polónia*, sabem que é um país deserto e selvagem, muito ralo em Habitantes e, consequentemente, não cheio de Cidades; com várias Florestas e Ermos no seu Caminho, muito difíceis de Viajar, e isto obrigou-os várias vezes a tomar Guias pelo Caminho; de modo que perfaziam sempre com os seus Guias Oito, por vezes Dez em Companhia, muito bem armados e toleravelmente bem montados.

Ao terceiro Dia depois de terem passado o *Oder*, e começado a sair daquela Parte da *Pomerânia* que fica a Leste de *Stetin* e é chamada a *Pomerânia Ducal*, observaram um Homem pobre em Vestuário, mas parecendo algo mais do que meramente o que a Pobreza representa, viajando pelo mesmo Caminho que eles seguiam, mas mantendo-se sempre à distância de cerca de meia Milha deles à sua mão esquerda.

Ele viajava a Pé, mas mantinha o passo pleno com eles, e frequentemente ia algum caminho à frente deles; se ele estava numa Estrada mais Trilhado, como eles estavam, não o sabiam dizer, mas ele mantinha uma Distância tão igual como se a Estrada em que se encontrava fosse Paralela à deles; na verdade, por vezes perdiam-no de vista por um bocado; contudo, de certeza o encontravam novamente a alguma pequena distância, ou à frente deles ou atrás deles; e isto continuou por três Dias antes de tomarem qualquer aviso extraordinário sobre ele.

Mas ao terceiro Dia estavam um pouco mais curiosos sobre ele, e um deles (com um Criado a acompanhar) cavalgou para fora da Companhia, tencionando falar com ele; mas assim que ele os viu vir em sua direção, o Estranho fugiu mais para a Esquerda para longe deles; mantendo-se contudo no seu Caminho em frente, mas claramente evitando que se falasse com ele; assim o Cavalheiro e o seu Criado voltaram de novo, não tendo feito Descoberta alguma; exceto esta, que o Estranho não seguia Trilho ou Rasto algum, que não havia Estrada ou Caminho no Lugar por onde ele marchava, mas que apenas se mantinha a uma certa distância deles; do que concluíram que ele era apenas algum homem pobre que viajava sobre aquele país selvagem e, tendo obtido alguma inteligência da sua Jornada, mantinha o passo com eles para o guiar no Caminho: Mas duas Coisas espantaram-nos estranhamente naquele Terceiro Dia da sua Viagem.

I. Observaram que, Cavalgando sobre uma grande Planície, onde havia algumas poucas Casas dispersas que jaziam do outro lado da Estrada a Sul (pois ele mantinha-se sempre (antes) no lado Norte deles), digo, passando sobre esta Planície, o Viajante mantendo-se um pouco atrás deles cruzou a Estrada e, dirigindo-se a uma das ditas Casas dispersas, bateu à Porta e entrou.

Sobre isto, resolveram, se possível, obter algum conhecimento dele; então cavalgaram todos até outra daquelas Casas: Aqui, chamando pelos Habitantes, embora não fosse Estalagem ou Casa de Entretenimento, mas uma Pobre Cabana de Lavrador, obtiveram Licença para se refrescarem, tendo Provisões e Vinho próprios, e dando à boa Mulher uma pequena Garrafa de cerca de meio *Pint* de Aguardente ao partir, as Pessoas ficaram abundantemente satisfeitas.

Aqui falando do Viajante, e em que Casa ele chamara na Aldeia (pois embora as Casas estivessem espalhadas pelo ermo, no entanto, como havia perto de vinte no total, era chamado de Vila), aqui, digo, falando do Viajante e do seu bater à Porta de uma das Casas, a Mulher da Casa entendendo a sua Língua, perguntou apressadamente:

"O quê", diz ela, "vistes o *Owke Mouraski*?"

A quem ela se referia, eles não sabiam; mas descrevendo-lhe a Pessoa, e ela também a eles, começaram a chegar a um Entendimento. "Ele não manteve o Passo convosco", diz ela, "no lado Norte da estrada durante todo o Caminho?" "Sim", disseram eles.

"Ai", diz ela, "e se tivésseis tentado cavalgar em direção a ele, tê-lo-íeis encontrado sempre tão longe como no início."

Aquilo espantou-os. "Ora, o que é ele?", diz um dos Cavalheiros.

"Ora, nós não sabemos", diz ela, "nem desejamos saber."

"Por que razão?", diz ele.

"Porque", diz ela, "ele não traz boa sorte; peço-vos, em que Casa dizeis que ele bateu à Porta?"

Eles descreveram a Casa, ao que a Mulher e todas as Crianças desataram a chorar e a fazer um grande sinal de Mágoa.

"O que se passa", dizem os Cavalheiros, "com que estais perturbada?"

"Oh", diz a boa Mulher, "esse *Owke Mouraski* nunca chama em nenhuma Casa na Vila sem que algum ou outro da Família morra nesse Ano."

Por isto parecia que ele vinha frequentemente por aquele Caminho, pelo que ele perguntou à Mulher com que frequência ele costumava ser visto por ali.

Ela respondeu: "Não muitas vezes, talvez uma ou duas vezes por Ano"; e diz ela, "por vezes ele passa e não chama nem bate em nenhuma Casa no seu Caminho, e então", acrescenta ela, "ficamos felizes por o ver."

"Ora", diz o Cavalheiro, "o que pensais vós que ele é, o Diabo?"

"Não, não", diz ela, "não o Diabo, não, ele é um Homem muito bom."

"Mas por que tendes tanto medo dele então?", diz ele.

"Porque", diz ela, "ele sabe mais do que todos os Homens no Mundo; ele sabe se alguém vai morrer, e então bate à Casa para lhes dizer para estarem prontos."

*N.B. Aqui a Mulher inquiriu mais exatamente sobre a Casa onde o Viajante chamara, e o Cavalheiro indo à Porta apontou-lha, ao que ela deixou de chorar e então rejubilou tanto quanto tinha lamentado antes; pois parece que ela a confundira com outra Casa que ficava perto dela, e onde viviam o seu próprio Pai e Mãe.*

Depois perguntou-lhe de que país era o Viajante.

Ela disse que não sabiam isso, pois ninguém nunca lhe falava, tinham medo.

"Ora", diz ele, "quando ele bate à Porta não lhe falais?"

"Não", diz ela, "nem ele fala uma palavra; mas logo que se vai embora ele por vezes diz", repetindo uma palavra de que não me lembro, mas que significa *sede confortados*; "e então eles têm a certeza que a Pessoa ficará apenas doente, mas não morrerá."

"Mas", diz ele, "eles entretêm-no, ou dão-lhe alguma coisa?"

"Sim", diz ela, "eles põem Pão diante dele, e ele toma um pequeno Pedaço na sua Mão; mas ninguém pode dizer que alguma vez o viu Comer."

"Mas o que pensais vós que ele é então?", diz ele.

"Um Bom Anjo", diz a Mulher; adicionando outra palavra difícil da língua deles, significando que ele não fazia Mal a ninguém; e, diz ela, "para algumas Famílias ele é um Mensageiro do Bem." Tudo isto lhes deu Espanto, mas nenhuma Satisfação particular, e antes instigou a sua Curiosidade a fazer mais indagações sobre ele. Após cerca de uma Hora de se refrescarem nesta pobre Cabana, prosseguiram na sua Jornada e, tendo cavalgado cerca de duas Milhas, viram o seu velho Objeto novamente à esquerda ou lado norte da sua Estrada,

como antes, e ele manteve-se à vista deles da mesma maneira durante todo o resto do Dia.

Havia uma Vila, creio que se chama *Kintzigen*, ou algum nome semelhante, a algumas Milhas de distância, e onde o seu Guia lhes disse que deveriam alojar-se, e antes de chegarem à Vila havia um Rio, não um grande ou muito largo Rio, mas demasiado grande para o atravessar a cavalo, e na Vila há uma ponte de pedra muito boa; construída, como lhes foi dito, pelos Antepassados dos Reis da *Prússia*, isto é, suponho eu, os antigos Duques da *Pomerânia*.

Consequentemente, passaram esta Ponte e depois entraram na Vila. Foi muito natural para eles observarem que Rumo o Viajante tomaria para passar o Rio, o qual, conforme avançava, teria necessariamente de chegar à Margem, a cerca de uma Milha de distância da Vila; então detiveram-se um pouco, um deles apeando-se do Cavalo, como se algo tivesse exigido a sua demora, para que o Viajante pudesse seguir à frente deles, o que ele fez.

Observando-o o mais atentamente possível, seguiram-no (com os Olhos) até à própria Beira do Rio, nem ele parou ou reparou neles, embora o vissem claramente até à própria Margem; mas aqui não sendo capazes de o manter exatamente à vista a cada Momento, imediatamente o viram a subir os Terrenos elevados, do outro lado, sem serem capazes de dar o mínimo relato de como ele passou a Água.

Esta foi a outra Passagem que, digo, os espantou muito.

Logo que chegaram à Vila onde deveriam alojar-se, o seu Guia olhando para além da Casa onde pararam, chamou por eles: "Olhai além", diz ele, "ali está o vosso Viajante sentado à Porta de tal Estalagem ou Casa", apontando para o Lugar; e ali o viram claramente à Porta a comer um pedaço de Pão, e tendo um Pote ou Jarro de Cerveja *Polaca* pousado ao seu lado. Um dos Cavalheiros (resolvendo, se possível, falar com ele) caminhou com as suas Botas até ao Lugar, vendo-o sentado todo o tempo em que ia, até que chegando muito perto, e calhando de desviar os seus Olhos apenas um Momento dele, quando olhou de novo, o Homem tinha-se ido embora.

Ele perguntou às Pessoas da Casa sobre ele, mas eles nada sabiam dele, apenas que, como disseram, ali estivera tal Homem, mas que se fora embora, e eles nem sabiam quem ele era, nem para onde fora.

Depois perguntou-lhes se não conheciam o *Owke Mouraski*; eles disseram que Sim, que tinham ouvido falar, mas não o conheciam.

"Ora", diz o Cavalheiro, "não sabeis que era este que estava sentado no Banco?"

"Não", disseram eles, "aquele não podia ser ele, aquele era um pobre Camponês, um Viajante."

O Cavalheiro assegurou-lhes que era ele; ao que eles pareceram muito preocupados, mas pareceram muito dispostos a não acreditar nele.

"Ora", diz ele, "tendes medo dele?"

"Não", dizem eles, "mas não gostamos da sua vinda a nossa casa, pois, dizem, ele não traz bem à Família onde vem."

Mas este Discurso terminou, e o Cavalheiro não obteve ali Informação alguma.

No Dia seguinte tiveram a sua Companhia novamente, como antes; e passando por uma Casa isolada na Estrada, perto de uma Aldeia, mas situada completamente fora da Estrada, observaram o Viajante a parar naquela Casa e a entrar.

Por esta altura, a Curiosidade deles estava muito aumentada, e começaram a ficar algo inquietos por causa dele; não era muito agradável, pensavam eles, ter o Diabo tão perto de si, e não conseguiam pensar que ele fosse outra coisa; então voltaram todos para trás, e resolveram ir à Casa, e se ele lá estivesse, falar com ele, se possível; e se não, informarem-se o mais que pudessem sobre ele.

Quando chegaram a cerca de um quarto de Milha da Casa, viram o Viajante do outro lado, tendo saído pela Porta das traseiras, e viajando para a frente tão despreocupado, e não reparando neles, tal como antes.

Isto surpreendeu-os; contudo foram até à Casa e indagaram sobre ele, como tinham feito antes: mas aqui receberam um Relato dele bastante diferente; aqui as Pessoas abençoavam-no, chamavam-no pelo mesmo Nome, mas tomavam-no pelo seu *bom Anjo* (como lhe chamavam), que ele sempre lhes trazia boas Novas, que tinham a certeza que tudo lhes correria bem depois de ele ter estado com eles; e muito mais.

Mas para trazer esta História a uma conclusão, na medida em que serve a presente Ocasião: Este Espectro, ou Aparição, pois assim lhe devo chamar, acompanhou-os até chegarem a duas Léguas de *Dantzick*, onde os Cavalheiros se separaram, após um Dia ou dois de estada na Cidade; indo os três Cavalheiros de lá para *Mariemburgh*, na *Prússia Polaca*, e o nosso Viajante foi deixado em *Dantzick*.

Enquanto ele estava aqui, um Homem travou conhecimento com ele, o qual estava de partida para *Koningsberg*, e o nosso Viajante, estando resolvido a ir para *Petersburgh*, ficou contente por ter este novo Conhecimento, que tinha,

como podemos dizer, apanhado, para ir com ele; então embarcaram juntos numa pequena Barca, pelo Mar ou Lago chamado *Frisch-haff*, que os levou a *Koningsberg*.

Ele dá um relato estranho, embora divertido, da sua Conversação com este Homem, que lhe contou tantas histórias de vários géneros que o espantou; e ele parecia como se conhecesse todo o Mundo, e todas as Pessoas nele, e todas as coisas que nele tinham acontecido, ou que nele haveriam de acontecer para sempre no futuro, e algo mais.

Contudo, como o *Frisch-haff* não é mais do que três ou quatro Dias de navegação, e rapidamente chegaram a *Koningsberg*, a Conversação depressa acabou, e este novo Conhecimento terminou; mas o Viajante, continuando a sua Jornada, indagou na Cidade se havia quaisquer Passageiros ou Cavalheiros a viajar para *Riga*, fosse por Terra ou por Mar; e sendo dirigido para uma Casa onde os Estrangeiros costumavam recorrer, encontrou ali várias Pessoas destinadas a *Riga*, alguns Mercadores, alguns Camponeses, alguns Marinheiros, mas a maioria inclinada a ir por Mar, havendo Embarcações sempre prontas no *Pillau*, que é uma Vila na Foz do *Haff*, prontas para navegar para *Riga*, se surgissem Mercadorias ou Passageiros.

Mas entre todos eles havia um Homem antigo, vestido como um *Russo*, ou antes como um Sacerdote Grego, com uma barba longa e venerável, uma túnica roxa ou Garante longo, tal como os Russos usam, um Barrete de pele de copa alta e rígida, e um Véu cerrado sobre o seu Corpo, cingido com uma Faixa de Seda; e ele declarou-se por *Riga*; mas que sendo um Homem velho, não iria por Mar, mas que tinha dois Cavalos na Cidade além do seu próprio, tendo trazido dois Criados com ele de *Grodno* na Lituânia; mas um deles tinha-o deixado; então ele ofereceu ao Viajante emprestar-lhe um dos seus Cavalos pela sua Companhia, se ele quisesse viajar com ele para *Mittau* na Curlândia, e dali para *Riga*.

Iria ocupar demasiado Espaço aqui dar um Relato completo das Viagens desta Pessoa errante, e como em quase todos os Lugares encontrou uma nova Forma pronta a meter-se na sua Companhia, e isso durante quatro Anos de íntima Digressão; mas que por fim, estando na *Turquia*, o seu último Companheiro lhe descobriu que ele era um Habitante de uma região invisível, que estivera na sua Companhia em toda a sua Jornada em todas as diferentes Figuras que ele encontrara, e que numa Palavra ele era a mesma Pessoa que embarcara com ele na *Irlanda*, desembarcara com ele na *Noruega*, deixara-o em *Gottenburgh*, encontrara-o em *Straelsund*, seguira-o no caminho para *Dantzick*, navegara com ele para *Koningsberg*, emprestara-lhe um Cavalo para ir para *Riga*, e assim por

diante; e que apenas vestira tantas Formas e Aparições para que ele não ficasse inquieto com ele e cansado da sua Companhia.

Como prosseguiram juntos depois disso, e a Conversação que passou entre eles após a Descoberta; quão amigos íntimos foram por alguns Meses depois, e que Razões ele deu para que ele nunca devesse acreditar que fosse um Diabo, mas um espírito bom e gentil enviado para Cuidar dele, e assisti-lo nas suas Viagens; tudo isso, como sendo alheio ao meu presente Propósito, omito. Talvez a História possa ver o Mundo por si mesma, e bem valerá a leitura se tal acontecer. Mas isto de passagem.

Como não entro aqui na Autoridade da História (embora, como disse, a tenha visto em Manuscrito há muitos Anos), não tenho mais a dizer a partir dela do que isto: que se tais bons Espíritos são conversantes com a Humanidade, e residentes nos Espaços invisíveis, não sabemos onde; se temos razão para acreditar que não são Anjos, e no entanto realmente pelas suas Ações não podem ser Diabos; então segue-se que existe uma certa espécie média de Espíritos em Ser; sejam eles o que forem, sejam eles empregados, dirigidos, limitados e restringidos, como e de que maneira Lhe aprouver a Quem é o seu Criador, e Quem deve ser o seu Guia e Diretor; isso não é a questão, nem pode ser inquirido aqui; a Questão perante nós é apenas se tais existem, ou não?

Ora, se for concedido que existem tais, e isso traz o assunto para o caso presente, se existem tais, então nem todas as Aparições são Diabos; não, nem são almas de Homens perturbadas a caminhar, recentemente incorporadas e partidas: uma Noção vazia e que não deve ser defendida; incongruente, e inconsistente seja com a Escritura, com a Religião Cristã ou com a Razão, e fundada apenas nas imaginações desorientadas e nos Sonhos de Pessoas ignorantes, que nem sabem como ou por que Regras julgar tais Coisas, ou são capazes de conceções corretas sobre elas; que não se dão tempo para exercitar aquele pequeno Poder de pensar de que são Mestres, e assim são deixadas à Escuridão das suas próprias Fantasias, pensando que tudo o que veem é um Diabo, meramente porque não sabem que mais fazer disso, que outro Nome lhe dar, ou que seja possível qualquer coisa senão Diabos ou Anjos vir em tais Missões.

Por este Erro dão ao Diabo a Honra de muitas uma Ação na qual ele é demasiado Diabo para ter qualquer mão; atribuem Obras de Caridade e Benevolência a ele; fazem-no mover Homens injuriosos e velhacos a fazerem Justiça, Ladrões a fazerem Restituição, sujeitos cruéis e desumanos a serem misericordiosos, Trapaceiros a tornarem-se honestos, Salteadores a desistirem e Pecadores a arrependerem-se.

A história conta-nos que *Hind*, aquele famoso Ladrão fora-da-lei, o mais famoso desde *Robin Hood*, encontrou um Espectro na Estrada, num Lugar chamado *Stangate-Hole*, em *Huntingdonshire*, onde ele costumava cometer os seus Roubos; e famoso por muitos um Roubo na Estrada desde então.

O Espectro apareceu no Hábito de um simples Criador de Gado do campo; e como o Diabo, podeis supor, conhecia muito bem os Covis e Retiros que este *Hind* costumava frequentar; ele vem à Estalagem e, tomando os seus Aposentos, recolhe o seu Cavalo e faz o Moço de estrebaria levar o seu Portmanteau, que era muito pesado, para o seu Quarto; quando ele estava no Quarto abre o seu fardo, tira o seu Dinheiro, que parecia estar em várias pequenas Parcelas, e junta-o em não mais de dois Sacos, para que pudesse fazer um peso igual para cada lado do seu Cavalo, e fazer tanto alarde dele quanto possível.

Casas que entretêm Malfeitores raramente estão sem Espiões para lhes dar a devida Inteligência; *Hind* recebe Aviso do Dinheiro, vê o Homem, vê o Cavalo, para que o possa conhecer novamente; descobre por que Caminho o homem do campo viaja, encontra-o em *Stangate-Hole*, precisamente no fundo entre as duas Colinas, e manda-o parar, dizendo-lhe que ele deve entregar o seu Dinheiro.

Quando ele nomeou o Dinheiro, o Criador de Gado finge-se surpreso, entra em Pânico, treme e fica assustado, e com um Tom piedoso diz: *sou (como vês) apenas um homem pobre; na verdade, Senhor, não tenho Dinheiro*; [ali o Diabo mostrou que podia dizer a Verdade quando servia a sua Ocasião.] "Oh, seu velho Cão", diz ele, "não tens Dinheiro? Vamos, abre o teu saco de viagem e dá-me os dois Sacos, um num lado da tua Sela e outro no outro: o quê, não tens Dinheiro, e no entanto os teus Sacos eram demasiado pesados para ficarem todos num lado? Vamos, vamos, entrega, ou corto-te em Pedaços neste Momento." (Ali ele também errou, e ameaçou mais do que podia fazer.) Bem, o pobre Diabo lamenta-se e chora, e diz-lhe que ele deve estar enganado, tomou-o por outro Homem com certeza, pois na verdade ele não tinha Dinheiro.

"Vamos, vamos", diz *Hind*, "vem comigo"; e assim ele toma o seu Cavalo pela Brida e leva-o para fora da Estrada para os Bosques, que são muito densos ali em ambos os lados, e o assunto era demasiado longo para ficarem na estrada aberta todo o tempo para o fazer.

Quando ele tinha chegado aos Bosques, "Vamos, Sr. Criador de Gado", diz ele, "apeia-te e dá-me os dois Sacos neste Minuto." Em suma, ele apeia o pobre Homem, corta-lhe a Brida e as Cintas, e abre o seu saco de viagem, onde encontra os dois Sacos. "Muito bem", diz *Hind*, "aqui estão eles, e pesados como antes"; então atira-os para o Chão, corta-os para abrir, num encontra uma *Corda*

e no outro uma peça de Latão sólido na forma exata de uma *Forca*, e o homem do campo atrás dele gritou-lhe: *eis o teu Fado, Hind, tem cuidado*.

Se ele ficou surpreso com o que encontrara nos Sacos (pois não havia um Tostão de Dinheiro senão no Saco onde estava a Corda, do que falaremos em breve), digo, se ele ficou surpreso com o que encontrou nos Sacos, ficou-o mais ao ouvir o homem do campo chamá-lo pelo seu Nome, e voltou-se para o matar, porque pensou que era conhecido; mas ele não tinha Vida nem Alma restantes nele quando, voltando-se, como digo, para matar o Sujeito, não viu nada senão o pobre Cavalo.

Ele afundou-se na Terra e jazeu ali um tempo considerável; quanto tempo, estando ele sozinho, não o podia dizer, mas devem ter sido alguns Minutos. Por fim, voltando a si, vai-se embora aterrorizado ao último grau e envergonhado, maravilhando-se com o que aquilo seria.

INSINUEI que não houve Dinheiro senão uma Peça encontrada, a qual a História diz que era *Escocesa*, uma Peça chamada na Escócia uma *Catorze*, em *Inglês*, um *Treze Pence e Meio*, para pagar ao Carrasco; de onde se pode supor que esse Dito é usado até ao presente Dia, que Treze Pence e Meio é o Salário do Carrasco.

Ora, embora a História tenha algum divertimento nela, e possa com as muitas histórias desse Ladrão ser posta de lado como Romances, contudo é até aqui para o meu Propósito: Que isto foi um Espírito, isso deve ser reconhecido. Um bom Anjo do Céu dificilmente teria sido enviado para lhe dar um Aviso tão ineficaz e insignificante, que não teve efeito suficiente, fosse o que fosse que tivesse tido naquele momento para o surpreender, pois ele roubou continuamente depois disso, e foi enforcado por fim por causa disso.

O *Diabo*, como antes, não pode racionalmente ser suspeito no Caso; pois por que haveria o Diabo de ao mesmo tempo frustrá-lo, ameaçá-lo e acautelá-lo? Ameaçá-lo com o enforcamento, assustá-lo com a Forca e a Corda, e acautelá-lo para ter cuidado. Isto não era para o Propósito do Diabo, era mais do seu Interesse que ele prosseguisse, embora viesse a dar à Forca por fim.

Se então não foi nem um *Anjo Bom* nem *Mau*, o que deve ter sido, e como devemos julgar isso? Que Nome lhe devemos dar, e quem era este Criador de Gado do campo?

Para sair disto, alguns querem que seja que é o Diabo sob Constrangimento, o Diabo em Missão, que ele é enviado em tais tarefas por um Poder superior que o tem sob Comando; e que quando ele é dirigido para fazer *assim e assim*, ele deve obedecer, não ousa fazer de outra forma. Isto é pedir a questão da maneira mais

grosseira imaginável. Além disso, por que razão o Diabo haveria de ser enviado em tais tarefas?

Não é provável, não é de se colher do Curso ordinário da Providência. O Diabo de facto foi permitido, ou, se quiserdes, ele foi comissionado para despojar e afligir o Pobre *Job*; e ele foi novamente permitido entrar na Manada de Porcos; mas isto não equivale a um Paralelo: em ambos esses exemplos ele foi apenas empregado como um Instrumento, e como podemos expressá-lo, no seu assunto ordinário, na via do seu Ofício, isto é, em fazer Mal:

Mas aqui ele é suposto empregado em fazer Bem, acautelando um Salteador endurecido para deixar o seu caminho iníquo e escapar à Forca. Ora isto está completamente fora da via de assuntos de Satanás; está também fora do curso ordinário da Conduta do Céu, pois quando encontramos Deus a empregar o *Diabo* em qualquer Boa Obra? Não me lembro de um exemplo claro disso em toda a história sagrada.

> 2. Iria argumentar que o Céu haveria de carecer de Instrumentos, o que não é de todo justo de inferir; pretenderão eles que, por falta de Agentes mais adequados, Deus haveria de empregar o Diabo para salvar um Ladrão de Estrada da Forca? E, o que é mais do que tudo o resto, não haveria de o levar a cabo também? Mas se quiserdes conceder que este foi uma das Espécies Imaginárias de espíritos que, desejando salvar um pobre Miserável que corria de cabeça para o *Diabo*, tomou todas estas Medidas para o alarmar, e trazê-lo a Reflexões justas, mas não foi capaz de o regenerar, não foi admitido a dar-lhe Aviso quando ele estava prestes a cometer o ato fatal em que foi surpreendido, ou para o avisar quando os Oficiais vieram para o prender, isto parece racional.

Se o Diabo devesse ser suposto como sendo empregado numa obra como esta foi, e tão contrária à sua Inclinação, ou ele a executaria como ele mesmo, traiçoeiro e infiel, ou no melhor, relutante e contrariado. Talvez digais que ele não ousaria executá-la traiçoeira e infielmente; e pode ser que não: Mas por que deve ser suposto que o Céu haveria de empregar a sua pior e mais iníqua Criatura, a quem já há muito tempo tinha dispensado, e expulsado do seu Serviço, rejeitando-o como indigno de ser empregado; e que, se ele fosse empregado, e não ousasse declinar a Obra, no entanto, deve ser reconhecido, obedeceria com a máxima Aversão e Desvontade; quando ao mesmo tempo Milhões de Agentes fiéis, servos voluntários e alegremente obedientes, estão prontos ao comando para executarem a sua Vontade com o máximo Vigor e Fidelidade?

Mas para deixar de argumentar sobre Inescrutáveis, venhamos à Narração de Factos.

TENHO outro Relato recebido de um Conhecido particular numa Nação vizinha. Poderia nomear Pessoas e Lugares de uma maneira mais exata para estes relatos; mas algumas Razões de Estado proíbem-nos neste momento de entrar nas Circunstâncias ou Famílias. Pois onde Matérias de Aparição e Bruxaria são a substância da História, nunca se considerou razoável nomear Casas e Famílias; e como esta Apologia será concedida como justa, espero que seja aceite pelo Leitor em todos os Exemplos que darei deste género.

UMA CERTA Pessoa de Qualidade, estando com a sua Família no seu Assento de Campo para a Estação de Verão, conforme o seu costume ordinário, foi obrigada por uma ocasião particular de Saúde a deixar o seu dito Assento e ir para *Aix-la-Chapelle*, para usar os Banhos ali: Isto foi ao que parece no Mês de *Agosto*, sendo dois Meses mais cedo do que o tempo usual do seu regresso à Corte para o Inverno.

Ao remover-se assim mais cedo do que o ordinário, ele não desguarneceu então a Casa, como era o uso ordinário da Família, nem levou a sua Prata e outros bens valiosos, mas deixou o seu Administrador e três Criados para cuidarem da Casa; e o *Padre* ou Sacerdote da Paróquia foi solicitado a manter o seu Olho sobre eles também, e a socorrê-los da Aldeia adjacente, se houvesse Ocasião.

O Administrador não teve nenhum aviso público de qualquer Mal que se aproximasse; mas durante três ou quatro Dias sucessivamente ele teve secretos impulsos estranhos de Pavor e Terror sobre a sua Mente de que a Casa estava cercada, e que haveria de ser assaltada por um Grupo de *Banditti*, ou como lhes chamamos aqui, Assaltantes de Casas, que os assassinariam a todos e, após terem roubado a Casa, lhe deitariam Fogo; e isto seguia-o tão depressa, e fazia tal Impressão sobre a sua Mente, que ele não conseguia pensar em mais nada.

Sobre isto, ao terceiro Dia, ele foi ter com o *Padre*, ou Sacerdote da Paróquia, e fez a sua Queixa; sobre o que o Sacerdote e o Administrador tiveram o seguinte Discurso, o Administrador começando assim:

"PADRE", disse ele, "sabeis que encargo tenho na minha Custódia, e como o meu Senhor confiou em mim com toda a Casa, e todo o rico Mobiliário está montado; estou em grande Perplexidade sobre isso, e venho a vós pelo vosso Conselho."

PA. "Ora, o que se passa? não ouvistes falar de qualquer mal ameaçado, pois não?"

AD. "Não, não ouvi nada; mas tenho tais Apreensões, e isso fez tal Impressão sobre mim durante estes três dias, que..."

[*Aqui ele contou-lhe os pormenores da Inquietude em que estivera e acrescentou, além do que é dito acima, que um dos Criados tinha o mesmo sentimento, e lho tinha contado, embora ele não tivesse comunicado nada a esse Criado em absoluto.*]

PA. "Pode ser que tenhas sonhado com estas coisas?"

AD. "Não, na verdade, *Padre*, tenho a certeza que não poderia sonhar com elas, pois nunca consegui dormir."

PA. "O que posso eu fazer por ti? O que quererias tu que eu fizesse?"

AD. "GOSTARIA que, antes de mais, me disséssseis o que pensais destas coisas, e se se deve tomar algum Conhecimento delas."

[*Aqui o Padre examinou-o mais estritamente sobre os Particulares, e mandou chamar o Criado e examinou-o à parte; e sendo um homem honesto e muito criterioso, respondeu-lhe assim:*]

PA. "Olha, Sr. Administrador, eu não deposito uma ênfase muito grande em tais coisas, contudo, não creio que devam ser totalmente desprezadas; e, portanto, gostaria que estivésseis sobre vossa Guarda, e se tiverdes o menor Alarme, fazei-me saber."

AD. "Isso é uma parca Satisfação para mim, estar sobre minha Guarda, se eu for dominado pela força. Suponho que, se quaisquer Vilões têm o Desígnio de me atacar, eles conhecem a minha Força."

PA. "Queres que reforce a tua Guarnição?"

AD. "DESEJARIA que o fizésseis."

PA. "Bem, enviar-te-ei alguns Homens com Armas de Fogo, para pernoitarem ali esta Noite."

Consequentemente, o Sacerdote enviou-lhe cinco robustos Rapazes com Fusis, e uma dúzia de Granadas de Mão com eles, e enquanto continuaram na Casa nada apareceu; mas o *Padre*, vendo que nada resultava dali, e estando relutante em colocar o seu Patrono numa Despesa tão contínua, mandou chamar o Administrador e, num Tom de repreensão agastado, disse-lhe o que pensava.

PA. "NÃO sei como prestarás contas disso ao meu Senhor, mas puseste-o aqui numa Despesa prodigiosa, ao manter uma Guarnição na Casa durante todo este tempo."

AD. "Sinto muito por isso, *Padre*; mas o que posso eu fazer?"

PA. "Fazer! Ora, aquieta a tua Mente, e mantém firme o teu Coração, e não deixes o meu Senhor gastar aqui duzentos ou trezentos *Livres* para te curar dos *Vapores*."

AD. "Ora, vós mesmo dissestes, *Padre*, que isto não devia ser totalmente desprezado?"

PA. "ISSO é verdade; mas disse também que não depositaria uma ênfase demasiado grande nisso."

AD. "O que devo fazer então?"

PA. "Fazer! Ora, dispensa os Homens novamente, e toma o Cuidado que puderes; e se tiverdes qualquer Aviso de mal que possa ser de confiança, faz-me ter Aviso também, e eu assistir-te-ei."

AD. "Bem então, o bom Anjo terá de proteger a Casa do meu Senhor, estou a ver, pois mais ninguém o fará."

"*Amen*", diz o *Padre*, "confio que os bons Espíritos vos guardarão a todos": Assim abençoou o Administrador (à sua maneira), e o Administrador foi-se embora resmungando muito por ele lhe tirar a sua Guarnição e o deixar entregue aos bons espíritos.

Parece, apesar de tudo isto, que os Avisos do Administrador, por muito secretos que fossem e vindos de quem ele não sabia, não eram de uma Importância tão ligeira quanto o *Padre* pensava: pois tal como ele tinha este Impulso sobre a sua Mente de que tal Mal se estava a tramar, assim era na realidade, como vereis em breve.

UM GRUPO de Ladrões, que tinha Inteligência de que o Nobre com a sua Família tinha ido para *Aix-la-Chapelle*, mas que a Casa ficara mobilada, e toda a Prata e as coisas de Valor nela tinham sido deixadas, formara o Desígnio de saquear a Casa e depois deitarem-lhe fogo, tal como o Administrador dissera.

Eram vinte e dois em força no total, e perfeitamente armados para o Mal. Contudo, enquanto a força adicional, que o *Padre* colocara para reforçar o Administrador, esteve na Casa, dos quais, incluindo os outros quatro, três velavam a cada Noite, eles não se atreveram a tentá-lo.

Mas logo que souberam que a Guarda fora dispensada, formaram o seu Desígnio de novo e, para encurtar a História, atacaram a Casa por volta da Meia-noite. Tendo, suponho eu, instrumentos adequados consigo, depressa arrombaram uma Janela, e doze deles entraram na Casa; ficando os restantes de

Sentinela em Lugares que julgaram adequados, para prevenir quaisquer Socorros vindos da Vila.

O pobre Administrador e os seus três Homens estavam em grande Aflição; eles estavam, de facto, no andar de cima, e tinham barricado as Escadarias tão bem quanto podiam, ao ouvirem que os sujeitos estavam a entrar; mas quando descobriram que eles já tinham entrado, não esperavam nada senão serem mantidos no andar de cima até que a Casa fosse saqueada, e depois serem queimados vivos.

Mas parece que os bons Espíritos de que o Sacerdote falara, ou alguém mais, fez melhor Provisão para eles, como vereis em breve.

Quando os primeiros sujeitos entraram na Casa, e abriram a Porta, e deixaram entrar tantos do seu Grupo quantos julgaram adequados, o que (como acima) era em Número de doze, fecharam a Porta novamente e fecharam-se lá dentro; deixando dois fora da Porta, que tinham uma Senha para irem chamar mais Ajuda se precisassem.

Os doze, percorrendo o grande Átrio, pouco encontraram ali para satisfazer as suas gananciosas Esperanças; mas arrombando em seguida uma bela Sala de Visitas bem mobilada, onde a Família costumava sentar-se, Eis que, numa grande poltrona, estava sentado um homem antigo e grave, com uma longa cabeleira preta de caracóis, uma rica túnica de brocado e uma gola de renda de Advogado, mas parecendo estar em grande Surpresa, parecia fazer-lhes Sinais de Misericórdia, mas não dizia uma Palavra, nem eles muito a ele, exceto que um deles, sobressaltado, gritou: "*Ah! quem está aqui?*"

Imediatamente os Malfeitores desataram a arrancar as belas Cortinas de Damasco das Janelas, e outras Coisas ricas; mas Um disse ao Outro com um Juramento: "Faz o velho Cão dizer-nos onde está a Prata escondida"; e outro disse: "Se ele não te disser, corta-lhe a garganta imediatamente."

O antigo Cavalheiro, com Sinais de Súplica, como se implorasse pela sua Vida, e em grande Pavor, aponta para uma Porta; a qual sendo aberta os levaria a outra Sala de Visitas, que era a Sala de Jogo, e servia como uma Antessala para a primeira Sala de Visitas; e por outra Porta abria para o grande Salão, que dava para os Jardins.

Estiveram algum tempo a forçar a entrada naquela Sala; mas quando entraram, ficaram surpresos ao ver o mesmo homem velho, com o mesmo Trajo e na mesma Cadeira, sentado na extremidade superior da Sala, fazendo os mesmos Gestos e Súplicas silenciosas, como antes.

Não ficaram muito preocupados ao início, mas pensaram que ele entrara por outra Porta, e começaram a praguejar contra ele, por os meter no Trabalho de arrombarem a Porta, quando havia outro caminho para a Sala. Mas outro, mais iníquo que o primeiro, disse com uma praga pesada: "o velho Cão entrou por outra Porta com o propósito de levar a Prata e o Dinheiro", e ordenou que lhe esmagassem os miolos. Sobre o que o primeiro jurou contra ele que, se ele não lhes mostrasse imediatamente onde estava, seria um Cão morto naquele Momento.

Perante este Trato furioso, ele aponta para a Porta que abria para o Salão, a qual sendo um par de Portas de Abrir finas abriu-se prontamente, e para lá correm eles para o grande Salão; quando olhando para a extremidade mais distante da Sala, ali estava sentado o homem antigo novamente, no mesmo Trajo e Postura de antes.

Perante esta Visão, aqueles que iam na frente entre eles gritaram em voz alta: "Ora, este velho Sujeito negoceia com o Diabo com certeza, ele está aqui à nossa frente outra vez."

MAS o Caso diferia um pouco agora; pois quando saíram da primeira Sala de Visitas, estando ávidos pela Prata e pelo Dinheiro, e querendo encontrá-lo todo, o corpo inteiro deles correu para a segunda Sala de Visitas; mas agora o homem antigo apontando para a terceira Sala, eles não se precipitaram todos imediatamente para o Salão, mas quatro deles ficaram para trás na Sala de Visitas ou Sala de Jogo mencionada há pouco; não por ordem ou desígnio, mas acidentalmente.

Por este Meio caíram na seguinte Confusão: pois enquanto alguns deles gritavam do Salão, que o velho Marau estava ali diante deles outra vez; outros respondiam da Sala de Visitas: "Como diabo pode ser isso? ora, ele ainda está aqui na sua Cadeira, e toda a sua tralha": com isso, dois deles correm de volta para a primeira Sala de Visitas, e ali viram-no de novo sentado como antes.

Não obstante tudo isto, longe de adivinharem qual seria a Ocasião, imaginaram que estavam a ser enganados, ou sugeriram que se estavam apenas a rir deles, e que havia três diversos homens velhos todos vestidos com os mesmos Trajos para a mesmíssima Ocasião, e para os escarnecer, como que para lhes dar a saber que os Homens no andar de cima na Casa não tinham medo deles.

"Venha o que vier", diz um do Grupo, "eu despacharei um dos velhos Maraus, ensinarei a um deles como gozar connosco": sobre o que, erguendo o seu Fusi tão alto quanto o braço lhe permitiu, golpeou o homem antigo, como ele pensava que fosse, com toda a sua Força; mas eis! não havia nada na Cadeira, e o seu Fusi

voou em mil Pedaços, ferindo-lhe a Mão mui gravemente, e um Pedaço do Cano atingindo-o na Cabeça, rompeu-lhe a Face e derrubou-o para trás.

Ao mesmo tempo, um daqueles no Salão correndo para o homem antigo que ali estava sentado, jurou que lhe arrancaria a bela túnica de brocado, e que depois lhe cortaria a garganta: mas quando foi para lhe deitar a mão, não havia nada na Cadeira.

Acontecendo isto em ambas as Salas, ficaram todos na mais horrível Confusão, e gritaram em ambas as Salas ao mesmo Momento, de uma maneira terrível.

Como estavam no máximo Espanto com a coisa, assim, após o primeiro Clamor, ficaram a olhar uns para os outros durante algum tempo, sem dizerem mais uma Palavra; mas por fim um disse: "Vamos voltar à primeira Sala de Visitas e ver se aquele desapareceu também"; e com essa Palavra, dois ou três que estavam daquele lado, correm para a Sala, e ali estava sentada a antiga Figura como ao início; sobre o que chamaram pela Companhia, e disseram-lhes que acreditavam que estavam todos enfeitiçados, e que era certo que eles apenas imaginavam que viam um Homem nas outras Salas, pois ali estava o verdadeiro homem velho sentado onde estivera ao início.

Sobre isto correm todos para lá, dizendo que veriam se era o Diabo ou não; e um deles disse: "Deixem-me vir; eu falarei com ele; não é a primeira vez que falo com o Diabo."

"Nem eu", diz outro, e depois acrescentou com um juramento: "Cavalheiros que estavam em tais Assuntos como eles estavam, não deveriam ter medo de falar com o Diabo."

UM TERCEIRO (pois agora a coragem deles começava a erguer-se de novo) chama em voz alta: "Seja o Diabo, ou a avó do Diabo, parlamentarei com ele, estou resolvido que saberei o que é": e com isso corre para a frente diante dos restantes, e benzendo-se, diz ao homem antigo na Cadeira: "Em Nome de S. Francisco, e S. —" (e assim enumerou dois ou três Nomes de Santos que ele confiava serem suficientes para assustar o Diabo) "Que és tu?"

A Figura nunca se moveu ou falou; mas olhando para a sua Face, depressa descobriram que, em vez do seu Olhar piedoso e de parecer implorar pela sua Vida, como fizera antes, estava mudado no Monstro mais horrível que alguma vez fora visto, e tal como eu não posso descrever; e que em vez das suas Mãos erguidas para eles a clamar por Misericórdia, havia dois grandes Punhais ígneos, não flamejantes, mas em brasa, e pontuados com uma chama azulada lívida, e numa palavra, o Diabo ou algo mais, na Forma mais assustadora que se pode

imaginar. E foi minha Opinião, quando li a História pela primeira vez, que os Malfeitores ficaram tão assustados, que a sua imaginação depois formou uma coisa nos seus Pensamentos mais terrível do que o próprio *Diabo* poderia aparecer.

Mas seja como for, a sua Figura era tal que, quando chegaram perto dele, nem um Homem deles teve Coragem de olhar na sua Face, quanto mais falar com ele; e aquele que fora tão ousado, e que assim viera armado com meio Regimento de Santos na Boca, caiu redondo no Chão, tendo desmaiado (como lhe chamam) com o Susto.

O Administrador e os seus três Homens estiveram todo este tempo no andar de cima, na máxima Preocupação com o Perigo em que estavam, e esperando a cada Momento que os Malfeitores avançassem para forçar o seu Caminho para cima, e lhes cortassem a garganta. Ouviram o Ruído confuso que os sujeitos faziam lá em baixo, mas não conseguiam imaginar o que era, e muito menos o Significado disso: mas enquanto durava, veio à Mente de um dos Criados que, como era certo que os sujeitos estavam todos na Sala de Visitas, e muito ocupados ali, fosse o que fosse, ele poderia ir até ao Topo da Casa e atirar uma das suas Granadas de Mão pela Chaminé, e talvez pudesse fazer alguma Execução entre eles.

O Administrador aprovou este Desígnio, apenas com esta Adição: "se atirarmos apenas para uma Sala de Visitas, eles fugirão todos para a sala de jogo, e assim não fará Execução; mas", diz ele, "toma três, e põe uma em cada Chaminé, pois os Funis sobem todos juntos, e então eles não saberão para que Caminho fugir."

Com estas Ordens, dois dos Homens, que muito bem conheciam o Lugar, subiram e, acendendo os Fusis das Granadas, puseram um Invólucro em cada um dos Funis, e por ali abaixo foram rugindo na Chaminé com um Ruído terrível, e (o que foi mais do que tudo o resto) desceram para a Sala de Visitas onde quase todos os Malfeitores estavam, precisamente no Momento em que o Sujeito que falara ao *Espectro* estava assustado num Ataque de desmaio, e caído no Chão.

O grupo inteiro ficou assustado além de toda a Expressão; alguns correm de volta para a Sala de Visitas de jogo de onde tinham vindo, e alguns correm para a outra Porta pela qual tinham entrado vindos do Átrio; mas todos, no mesmo Instante, ouviram o *Diabo*, como pensaram que fosse, a descer pela Chaminé.

Tivesse sido possível que os Fusis das Granadas pudessem ter continuado a arder no Funil das Chaminés, onde o Som era mil vezes duplicado pelo oco do Lugar, e onde a fuligem a arder caía em Flocos de Fogo, os Malfeitores teriam ficado loucos de terror; imaginando que, tal como tinham um pavoroso *Diabo*

precisamente entre eles na Cadeira, assim havia dez mil mais a descer pela Chaminé para os destruir a todos; e talvez para os levar a todos embora.

Mas tal não podia ser; assim, após terem sido suficientemente amedrontados com o Ruído, desceram os Invólucros para as Salas, os três juntos: Aconteceu tão afortunadamente como se tivesse sido planeado de propósito, que o Invólucro que desceu para a Sala de Visitas onde todos estavam, rebentou logo que chegou ao Fundo, de modo que não lhes deu tempo sequer para pensarem o que poderia ser, muito menos para saberem que era realmente uma Granada de Mão; mas como fez grande Execução entre eles, assim eles acreditaram tão certamente que era o *Diabo*, como acreditaram que o *Espectro* na Cadeira era o Diabo.

O Ruído do rebentamento do Invólucro foi tão súbito e tão inesperado, que os confundiu, e o Mal foi também terrível; o Homem que desmaiara e que jazia no Chão foi morto de imediato, e mais dois que estavam precisamente diante da Chaminé; cinco deles ficaram desesperadamente feridos, dos quais um ficou com ambas as Pernas partidas, e estava tão desesperado que, quando as Pessoas do campo entraram, deu um tiro a si próprio na Cabeça com a sua própria Pistola, para prevenir ser capturado.

Tivessem os restantes fugido da Sala de Visitas para as outras duas Salas, é provável que tivessem sido feridos pelos outros Invólucros; mas como ouviram o Ruído em ambas as Salas exteriores, e além disso estavam sob a Surpresa de não ser uma Granada de Mão, mas o *Diabo*, não tiveram Poder para se mexerem; nem, se tivessem, poderiam saber para que caminho ir para estarem seguros: assim ficaram paralisados até que ambos os Invólucros nas outras Salas rebentaram também; ao que ficando confundidos, tanto com o Ruído como com o Fumo, e esperando mais Diabos pela Chaminé onde estavam, correram todos por aquele Caminho, e dirigiram-se à Porta, ajudando os seus Homens feridos como puderam; dos quais um morreu nos Campos após se terem ido embora.

Deve ser observado que, quando estavam assim alarmados com o que não sabiam o que era a descer pela Chaminé, gritavam que o Diabo na Cadeira mandara vir mais Diabos para os destruir; e supôs-se que, se os Invólucros nunca tivessem descido, eles teriam todos fugido. Mas certo foi que o diabo artificial juntando-se tão criticamente quanto ao Tempo com os *diabos* visionários, ou o que quer que fossem, completou a sua Desordem e forçou-os a fugir.

Quando chegaram à Porta junto aos dois Homens, estes fizeram sinais para os seus Camaradas, que estavam postados nas Avenidas da Casa, para que viessem em seu Socorro; os quais prontamente subiram e ajudaram a carregar os seus Homens Feridos: mas após ouvirem o Relato daqueles que tinham estado dentro da Casa, e convocarem um breve Conselho a pouca distância da Porta (o qual,

por muito escuro que estivesse, o Administrador e os seus homens puderam perceber da Janela), todos resolveram retirar-se.

Houve outro Acidente concomitante que, embora não se relacione com o meu Assunto, devo registar para completar a História, *videlicet*: Que duas destas Granadas, pelo Fogo dos seus Fusis, atearam Fogo às Chaminés; a terceira, estando num Funil que não tinha fuligem, por a Sala não ter sido tão usada, não o fez. Este Fogo, flamejando pelo topo, como é costume, foi visto por Alguém na Vila, que correu imediatamente e alarmou o Sacerdote ou *Padre*; e este, por sua vez, levantou toda a Vila, acreditando que algum Mal ocorrera e que a Casa fora incendiada.

Tivesse o resto do Grupo não resolvido retirar-se, como se disse acima, e teriam certamente caído nas Mãos dos Vilões, que correram imediatamente para a Casa com as Armas que lhes vieram primeiro à Mão. Mas os Malfeitores tinham fugido; deixando, como dito, três da sua Companhia mortos na Casa, e um no Campo.

Devo confessar que não consigo extrair muitas Inferências para o meu propósito dos Particulares desta História, a qual, contudo, contei para vosso Entretenimento; mas do Geral posso: a saber, esta Aparição não foi certamente a favor do Roubo; e se todos os Particulares são verdadeiros em Facto conforme relatados, dificilmente podemos com Justiça colocá-los na Conta de Satanás.

Tomai-o como um Destruidor e um Pai do Mal: não se poderia supor que tivesse aparecido para prevenir o Roubo da Casa, ou para assistir o Administrador na Casa em defesa dos Bens do seu Amo. Que Bom Espírito terá sido este, e de onde, é então uma Questão remanescente, e isso traz o assunto ao meu propósito novamente.

DAR-VOS-EI outra História de Registos mais Autênticos, embora relatada de maneira diferente por várias Pessoas, conforme os seus diversos Interesses os inclinavam.

JACOBO IV, Rei da Escócia, sendo persuadido pelo Clero e pelos Bispos a romper com a Inglaterra e declarar Guerra contra Henrique VIII, contrariamente ao Conselho da sua Nobreza e Cavalaria, que deveriam suportar tanto a Despesa como os Golpes de uma Batalha; digo, o Rei, assim dominado pelo Clero, levanta um Exército e prepara-se para marchar para as Fronteiras; mas na Noite anterior àquela em que deveria tomar o Campo, estando ele em *Vésperas* na Capela Real do seu Palácio de *Lithgo* ou Linlithgow, um homem antigo apareceu-lhe com uma longa Cabeleira da Cor do Âmbar (alguns Relatos quereriam representá-la como uma Glória pintada em volta da Cabeça pelos Pintores) e de um Aspeto venerável, vestindo um traje rústico, isto é, na Língua

daquele País, um *Plaid* cintado com uma Faixa de Linho. Este Homem foi (conforme parece pela História) percebido pelo Rei antes de se aproximar dele, e antes de ser visto por qualquer uma das Pessoas; e o Rei também percebeu que ele olhava seriamente para si e para as Pessoas Nobres em seu redor, como que desejando falar-lhe.

Após algum tempo, ele abriu caminho por entre a Multidão e aproximou-se do Rei e, sem qualquer vénia ou Reverência feita à sua Pessoa, disse-lhe com uma Voz baixa, mas tal que o Rei podia ouvir muito distintamente: Que fora enviado a ele para o avisar de que não prosseguisse na Guerra que empreendera à Solicitação dos Sacerdotes e em Favor dos Franceses; e que se continuasse com ela não prosperaria. Acrescentou também que ele se deveria abster das suas Práticas Libertinas e não Cristãs com mulheres iníquas, pois se não o fizesse, isso resultaria na sua Destruição.

Tendo entregue a sua Mensagem, ele imediatamente desvaneceu-se; pois embora o facto de se ter aproximado do Rei tivesse posto toda a Assembleia em desordem, e que o Olho de todos estivesse fixo nele enquanto entregava a sua Mensagem ao Rei, no entanto ninguém o pôde ver mais, ou perceber o seu regresso de junto do Rei; o que os colocou a todos na máxima Consternação.

O próprio Rei ficou também em grande Confusão; ele quisera acreditar que o Espectro era um Homem, e gostaria de lhe ter falado novamente e de lhe ter feito algumas Perguntas. Mas o Povo, constantemente e a uma só Voz, afirmou que era um Anjo, e que desaparecera imediatamente após a Mensagem ser entregue; que o viram claramente e o sentiram a empurrar para passar por eles enquanto subia, mas ninguém o pôde ver voltar.

O Rei, perante isto, ficou satisfeito de que não era um *corpo real*, mas uma Aparição; e isso colocou-o numa grande Consternação, fazendo-o atrasar a sua Marcha por algum tempo e convocar vários Conselhos da sua Nobreza para considerar o que fazer.

Mas o Rei, sendo ainda mais uma vez persuadido por aqueles Instrumentos que eram empregados por *Monsieur La Motte*, o Embaixador Francês, continuou nos seus Desígnios para uma Guerra, e avançou depois com o seu Exército para o *Tweed*, que era naqueles tempos a fronteira usual dos dois Reinos.

Aqui o Exército descansou algum tempo e, estando o Rei em Jedburgh, uma Vila conhecida naquelas Partes, quando estava sentado a beber Vinho muito abundantemente num grande Salão da Casa onde o seu Quartel-General era então mantido (supostamente a casa do velho Conde de Morton naquela Vila), o Espectro veio a ele uma segunda vez, embora não na Forma em que aparecera em *Lithgo*, mas com menos consideração ou respeito pelo Príncipe, e num Tom

imperioso disse-lhe que fora ordenado a avisá-lo para não prosseguir naquela Guerra, a qual, se fizesse, perderia não apenas a Batalha, mas a sua Coroa e o seu Reino: e que após isto, sem esperar por qualquer Resposta, tal como a Mão para o Rei Assuero, dirigiu-se à Chaminé e escreveu na Pedra acima dela, ou naquilo a que chamamos a Verga da lareira, o seguinte dístico:

*Læta sit illa dies, Nefcitur Origo fecundi Sit labor an refuies, fic tranfit gloria Mundi.*

Que o Rei não deu ouvidos a nenhum destes Avisos, as nossas Histórias, bem como *Buchanan*, o Historiador da Escócia, o mencionam muito publicamente; e que ele marchou, combateu os Ingleses em *Flodden-Field* e ali perdeu o seu Exército, toda a sua anterior Glória e a sua Vida, também está registado; não preciso dizer mais sobre isso.

Estas duas Aparições foram certamente de tais Espíritos de que estamos a falar, *videlicet*: tais que desejam o bem à Humanidade e, sendo Bons e Benfazejos na sua Natureza, evitariam a ruína ou destruição daqueles a quem aparecem: Mas nem sempre têm Poder para dirigir as Medidas, ou para obrigar as Pessoas a escutar o seu Conselho. Tivesse sido uma Visão Celestial e é mais do que provável que teria segurado a Mão do Rei, como a Aparição de Anjos fez a *Ló,* e como que o teria arrastado para longe, dizendo "Não prosseguirás, para que não sejas derrotado e morto, tanto tu como o teu Exército".

Novamente, tivesse sido o *Diabo*, ou uma Aparição do Inferno, a Mensagem nunca teria sido para o Bem; nunca o teria avisado para evitar a Batalha, que lhe seria tão fatal, e na qual tanto Sangue Inocente seria derramado para satisfazer os Sacerdotes, que não se duvidava estarem subornados ou de outra forma influenciados pela França, e pela qual o Rei teria a certeza de perder a Vida. O Diabo é um amante demasiado grande do Mal para se preocupar de maneira tão eminente por um Bem Público; um Inimigo demasiado grande da Humanidade para se dar ao Trabalho de acautelar o Rei duas vezes e enviar, como podemos dizer, dois Expressos a ele para salvar a sua Vida e prevenir uma Guerra; nem podemos supor o Diabo preocupado em promover a Paz no Mundo, mas justamente o contrário; é seu mister fomentar Distrações, Confusões públicas e Guerra.

Mas se supuséssemos por uma vez que o Diabo, mantendo-se Neutro entre as duas Nações, fosse tão longe fora do seu caminho ao ponto de tentar manter a Paz apenas por aquela vez; contudo, o que diremos da outra Parte da Mensagem em *Lithgo*, *videlicet*: Que se deveria abster da sua Libertinagem e da sua Vida escandalosa, da sua familiaridade com Mulheres, e afins? Alguma vez o Diabo pretendeu isto na sua Vida? Se este pudesse ser o *Diabo*, então ele teria de ser

admitido a agir muito fora do seu Caminho ordinário, como alguns o expressam; não é a sua Prática professa e declarada.

O que devem ser então estas Aparições, e de onde? E quão razoável é, a partir de todas estas coisas, acreditar que existem alguns outros Espíritos de que ainda nada sabemos, ou apenas muito pouco, que se preocupam de tal modo com o bem da Humanidade que frequentemente nos aparecem para nos avisar do Perigo, para nos alarmar perante a Aproximação de um Mal Iminente; aconselhando-nos e acautelando-nos contra maus Caminhos e más Ações, como sendo algo destrutivo para a nossa felicidade presente bem como futura?

Se se Objetar que alguns confessaram ser as Almas de pessoas partidas, como de Parentes próximos, Esposas, Maridos, etc., e apareceram na sua Semelhança, e até com as suas Roupas; responde-se que isso não é de todo Argumento contra a coisa; porque, como se admite no nosso presente Discurso que os Espíritos podem assumir qualquer Forma, assim não se duvida que possam tomar a Forma dos Mortos bem como dos Vivos, e possam assumir as próprias Roupas, Semblantes e até Vozes de pessoas mortas; e assim deve ser, ou então cairíamos em todos os absurdos de Almas a permanecerem num estado errante, não designado e não fixado após a Vida; o que, se fosse concedido, teríamos em muitas coisas de contradizer a Escritura e as Opiniões recebidas de todas as Igrejas reformadas, e de quase todos os homens bons em todas as Eras.

1. Fonte desconhecida; isto é particularmente difícil porque ao princípio ele diz que "ouvira" (p.2), e ao fim diz "Vi-o em Manuscrito" (17). Portanto, a menos que encontremos uma fonte escrita, não saberemos ao certo onde isto teve origem.

2. A Lapónia é uma região que forma a porção mais setentrional da península escandinava, agora dividida politicamente entre a Finlândia, Noruega, Suécia e a União Soviética. Evidentemente, esta área é notória por bruxas. OED, p.649-50.

3. Uma língua nativa da região da Ásia central que se estende para leste do mar Cáspio, e formalmente conhecida como Tartária independente e chinesa. Conhecida pela primeira vez no ocidente como a horda misturada de Mongóis, Tártaros, Turcos, etc. que sob a liderança de Jhengiz Khan (1202-1227) invadiu e devastou grande parte da Ásia e da Europa de Leste; daí vagamente aplicada aos descendentes destes que agora habitam na Ásia ou Europa; mais estritamente e etnologicamente, a qualquer membro do ramo Tártaro ou Túrquico da família Ural-Altaica ou Turaniana, abrangendo os Turcos, Cossacos e Tártaros Quirguizes. OED, p.651.

4. Gotemburgo (em sueco *Göteborg*) fica no oeste da Suécia, perto da costa, em frente à Dinamarca. *The Times Concise Atlas of World History*, p.77.

5. Danzig [Gdansk] fica no norte da Polónia, no mar Báltico. *The Times Concise Atlas of World History*, p.78.

6. Rügen é uma ilha ao largo da costa do norte da Alemanha, o que era então a Pomerânia Ocidental. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.19.

7. Stralsund é uma cidade portuária na costa do norte da Alemanha, o que era então a Pomerânia Ocidental, diretamente em frente a Rügen. *The Times Concise Atlas of World History*, p.78.

8. A Pomerânia é um dos países germânicos que foi unificado no que agora conhecemos como Alemanha de Leste. Fica na área costeira do norte. Em tempos esteve dividida em Pomerânia Oriental e Ocidental. *The Times Concise Atlas of World History*, p.79.

9. Uma denominação comercial de peso, capacidade ou quantidade, variando para diferentes tipos de bens e em diferentes localidades. OED, p.671.

10. Stettin (agora *Szczecin*) é uma cidade costeira na Pomerânia Ocidental, agora na Polónia. *The Times Concise Atlas of World History*, p.77.

11. O Rio Oder corre do Mar Báltico, descendo ao longo da fronteira do País da Pomerânia e através da Polónia. *Atlas of Medieval and Modern History*, p. 11.

12. Provavelmente Kitzingen na Europa central, numa área marcada como Wurzburg, embora isto seja relativamente longe das cidades costeiras do norte. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.41.

13. O nome e a localização exata desta ponte são desconhecidos.

14. Ver nota #8, cap.6.

15. Marienburg (agora chamada *Malbork*) no norte da Polónia, uma secção que outrora foi a Prússia. *The Times Concise Atlas of World History*, p.54.

16. A Prússia ficava a norte da Polónia, na atual Alemanha de Leste. *The Times Concise Atlas of World History*, p.77.

17. Königsberg (desde 1946 chamada *Kaliningrado*) fica na Rússia Ocidental, originalmente na Prússia perto da costa do Mar Báltico. *The Times Concise Atlas of World History*, p.75.

18. Provavelmente São Petersburgo na Rússia, perto do Golfo da Finlândia. *The Times Concise Atlas of World History*, p.85.

19. Uma pequena embarcação, geralmente armada como um brigue, e empregada no transporte de passageiros e mercadorias, particularmente em curtas distâncias na costa marítima. OED, p.457.

20. *Frisches Haff* é uma baía no Mar Báltico, perto de Königsberg. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.41.

21. No que era então a Livónia, e é agora a Letónia, Riga está situada na costa do Mar Báltico. *The Times Concise Atlas of World History*, p.77.

22. Uma cidade na Prússia na foz da baía de *Frisches Haff*. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.36.

23. *Haff* é o termo alemão para Lagoa. *English-German, German-English Dictionary*, p.625.

24. Um Russo. Agora raro. OED, p.292.

25. Um caftã.

26. Perto da fronteira da Polónia na Lituânia. *The Times Concise Atlas of World History*, p.85.

27. Uma cidade na Livónia (Rússia Ocidental). *Atlas of Medieval and Modern History*, p.39.

28. O Ducado da Curlândia fica na Livónia. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.39.

29. Hind está listado no *The Dictionary of National Biography*, mas não há menção a uma aparição (Vol. 9, p.893).

30. Existe uma Stangate listada na *History of the County of Huntingdonshire* (vol.3, p.130) apenas como estando junto a um bosque, entre Upton Hanger e Copmanforth. Não há menção a um *Stangate-Hole*.

31. Três milhas a norte de Iorque. *The Topographical Dictionary of England*, Vol.2.

32. Uma mala ou bolsa para transportar vestuário e outros bens necessários em viagem; originalmente de forma adequada para ser transportada a cavalo; agora aplicada a uma mala de couro rígido oblonga, que se abre como um livro, com dobradiças no meio das costas. OED, p.157.

33. Uma corda com um laço para enforcar malfeitores. OED, p.1051.

34. Originalmente sinónimo de forca, em uso posterior significando um poste vertical com um braço projetado de onde os corpos dos criminosos eram pendurados em correntes ou ferros após a execução. OED, p.499.

35. A fonte da história é desconhecida. No entanto, Defoe diz que a leu e que é sobre pessoas noutro país.

36. Aix-la-Chapelle (em francês) conhecida como Aachen na Alemanha; esta cidade está localizada na Alemanha de Leste [sic - Ocidental], esteve em tempos nas fronteiras belgas. *The Times Concise Atlas of World History*, p.98 & 119.

37. Um tipo de pequena bomba com um rastilho que se acende e atira.

38. Não há menção disponível à história do Rei Jaime da Escócia (1473-1513); contudo, Rodney Baines diz-nos que era um conto popular (*Defoe and the Supernatural*, p.75). É possível que tenha sido contado a Defoe.

39. Linlithgow fica na área de Lothian na Escócia, a cerca de meio caminho entre Glasgow e Edimburgo, não muito longe do *Firth of Forth*. *Muir's Historical Atlas Medieval and Modern*, p.28.

40. Um iluminador de manuscritos ou um pintor, esp. um retratista. OED, p.968.

41. Francês para "torrão ou pedaço". *The Bantam New College French and English Dictionary*, p.214. Desconhece-se se ele se refere a uma pessoa real.

42. O Rio Tweed fica na Escócia. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.3.

43. Uma cidade em Lothian, a sudeste de Selkirk. *Muir's Historical Atlas Medieval and Modern*, p.14.

44. James Douglas, 14.º Conde de Morton (1702-1768), um dos primeiros curadores do Museu Britânico. DNB, Vol.5, p.1236.

45. Conhecido como Xerxes, Rei da Pérsia 519-465(4) a.C.

46. Um par de linhas de verso, geralmente fazendo sentido completo. OED, p.855.

47. Que esse dia seja feliz, o início do seguinte é desconhecido, quer traga luta ou repouso, assim passa a glória do mundo.

48. George Buchanan (1506-1582), historiador e erudito. DNB, Vol.3, p.186-93.

49. No norte da Inglaterra, muito perto da fronteira escocesa, a batalha em Flodden Field foi travada em 1513 numa tentativa britânica de subjugar os escoceses. *The Times Concise Atlas of World History*, p.73.

50. Encorajar. OED, p.4.

## CAP. VII

## SOBRE OS MUITOS ESTRANHOS INCONVENIENTES E MÁS CONSEQUÊNCIAS QUE NOS ASSISTIRIAM NESTE MUNDO, SE AS ALMAS DE HOMENS E MULHERES, DESINCORPORADAS E PARTIDAS, TIVESSEM A LIBERDADE DE VISITAR A TERRA, DE ONDE FORAM DISPENSADAS, E DE SE PREOCUPAREM COM ASSUNTOS HUMANOS, FOSSEM ELES OS SEUS PRÓPRIOS OU PERTENCENTES A OUTRAS PESSOAS

ACREDITO que existem poucas delusões especulativas mais universalmente recebidas do que esta: que aquelas coisas a que chamamos Espectros, Fantasmas e Aparições, são realmente as almas partidas daquelas Pessoas que se diz representarem.

Vemos, ou pretendemos ver, os nossos próprios Amigos e Parentes atualmente vestidos com os seus velhos Corpos, embora saibamos que esses Corpos estão desentranhados, separados e a apodrecer na Sepultura; tão certamente como a Cabeça e os Quartos de um Homem executado por Traição estão a secar ao Sol sobre as Portas da Cidade: vemo-los vestidos com as próprias Roupas que cortámos em pedaços e demos a outros, uns a um, outros a outro, ou aplicámos a este ou àquele uso; de modo que podemos dar conta de cada Farrapo delas: ouvimo-los falar com a mesma Voz e Som; embora estejamos certos de que o Órgão que formava a sua anterior Fala pereceu e desapareceu.

Estas Semelhanças de coisas fixam nos nossos Pensamentos que deve ser o mesmo; que as Almas dos nossos falecidos Amigos vêm atualmente revisitar-nos; o que é para mim, confesso, a coisa mais incongruente e improvável do Mundo.

PRIMEIRO, devem ter uma Opinião muito mesquinha do estado futuro, e da condição exaltada dos Bem-aventurados, aqueles que podem imaginar que eles hão de ser interrompidos na sua Alegria; e até *inquietados*, como *Samuel* disse a *Saul*, pelas importunações dos Assuntos deste Mundo: *Por que me inquietaste, fazendo-me subir?* Como se estivesse no Poder de uma desprezível Bruxa fazê-lo subir, pois isso insinua uma Força, quer ele quisesse ou não; o que de todo não corresponde com os Pensamentos elevados que somos dirigidos a nutrir sobre a perfeita Felicidade daquele Estado, do qual o Olho não viu, nem o Ouvido ouviu, nem o Coração concebeu.

EM SEGUNDO LUGAR, devem ter igualmente Pensamentos muito mesquinhos do Estado de Miséria eterna, aqueles que podem pensar que os Espíritos em Prisão podem libertar-se daquelas cadeias determinadas para virem aqui tratar das Bagatelas da Vida; nem sei se valeria a pena trocarem o Inferno e voltarem a este Mundo na Condição errante em que essas Coisas chamadas

Fantasmas são entendidas estar; ou, de facto, reassumirem um Corpo, sem fazerem da Vida um Estado de provação posterior.

Pois o que seria a Vida aqui por uns poucos Anos, sujeita à enfermidade humana, carência, aflição e fatalidade, e nenhuma alteração possível do seu estado futuro, nenhuma Esperança, nenhum lugar para mudar a Sentença? Pouco sabem daquele Inferno chamado Desespero aqueles que podem pensar ser ele mais suportável neste Mundo do que no Estado Eterno, do qual é um prospeto naquele que há de vir.

Mas isto é em abundância demasiado grave para o Tempo; e portanto, não digo mais dessa Parte; mas devo trazer o Caso para mais perto do nosso Gosto atual, bem como da nossa Capacidade.

Inquiramos a seguir sobre a Necessidade de perturbar ou inquietar os nossos amigos partidos com ou sobre as Preocupações das suas Famílias: Se a sua vinda é pela Permissão da Providência, então exijo que Ocasião existe para isso? E de que Serviço é? Visto que a mesma Providência é capaz de empregar outros Servos na mesma Missão e de fazer o mesmo Assunto, e que não só o farão tão bem, mas com certeza muito melhor.

Responde-se que a Soberania da Providência não deve ser contestada; Ele pode fazer o que Lhe aprouver e empregar quem Lhe aprouver: mas então a Sabedoria da Providência também não é conhecida por agir inconsistentemente consigo mesma; e, o que é resposta suficiente para todo o resto, é-nos permitido julgar todas estas coisas pelos nossos poderes de raciocínio, nem temos outras Regras pelas quais julgar; e não pode ser Crime raciocinar com calma e com o devido respeito ao poder superior sobre a Administração ordinária até do próprio Céu.

Vou supor que a nenhumas Aparições fosse permitido mostrarem-se na Terra, senão em Ocasiões de alguma Consequência invulgar, e que então poderiam sempre ser esperadas; e há muitos que afirmam ser assim (embora eu diga abertamente que não o creio); mas suponhamos que o era, e que sempre que estas coisas apareceram foi em Casos especiais, tais como de Direito manifestamente injuriado, Opressão de Viúvas e Órfãos, Dano feito a Pessoas incapazes de fazerem Justiça a si mesmas, pobreza deprimida e muitos casos semelhantes sobre os quais se diz que as Almas andam ansiosas, mesmo após a Morte; digo, se fosse assim, o Mundo está neste momento (e talvez sempre tenha estado) tão cheio de Violência, Injustiça, Fraude e Opressão, que as Almas dos nossos falecidos Amigos dificilmente estariam alguma vez em descanso.

Quantas Viúvas chorosas, Órfãos famintos e Famílias oprimidas sofreram na nossa Era pela perda do Dinheiro que os seus Pais e outros Antepassados

deixaram para a sua Subsistência e Estabelecimento numa certa Câmara da Cidade, ou colocaram num certo Tesouro sobre a Fé pública: De acordo com esta Noção, nem o mundo visível nem o invisível teriam estado em Paz: o mundo visível habitado estaria continuamente assombrado por Fantasmas, e nunca estaríamos sossegados devido à Perturbação de Espíritos e Aparições: o mundo invisível estaria num Contínuo Alvoroço e Inquietude; Espíritos e Almas Desincorporadas a pedirem licença para voltarem atrás para verem os seus Testamentos devidamente cumpridos, e para atormentarem os seus Executores por injuriarem os seus Órfãos; e todas as Eras do Tempo seriam ocupadas em dar Satisfação a eles em tais e tais Casos.

Era o Dito de um Romano (de facto, refiro-me a um Romano na Religião) que era para ele um Sinal, para lá de toda a Disputa, que os Mortos nunca poderiam vir aos Vivos, porque os Testadores de todas aquelas Caridades dadas pelas Almas partidas de Santos para a Manutenção de Hospitais, Capelas, Colégios, Igrejas e Casas religiosas, tanto em Dinheiro como em Terras e Heranças, não caminhavam nem assombravam o Rei Henrique VIII e não o arrancavam apenas do seu Trono, mas da sua Sepultura, por ter levado, como levou, todas aquelas Rendas e Rendimentos, Terras e Propriedades das casas religiosas a que pertenciam.

AGORA, se não se inquietaram por tão grande peça de Injustiça, por que haveriam de ser forçosamente perturbados por ninharias, comparadas com esses grandes Eventos?

AINDA assim, caso as Almas partidas obtivessem licença para voltar a este Mundo, para verem ser feita Justiça às suas Famílias e Parentes, como sucede que não o tenham feito em tão frequentes Ocasiões como as que diariamente lhes são dadas no Mundo? E por que razão desfrutam algumas Pessoas pacificamente das Propriedades que obtiveram injustamente? As Obras do Céu são todas perfeitas. Teria ele enviado Anjos ou Espíritos para providenciar que a Justiça fosse feita apenas em Parte, e não no Todo? E quanta *Dívida* deve então a parte perversa do Mundo à parte melhor? E de que maneira é possível que o Direito seja feito?

ALÉM disso, para voltar às coisas públicas; que Raiva, que Violências, *Saques*, Ruínas, não só de Pessoas, mas de Nações, temos visto e ouvido no Mundo? e contudo vemos que a Morte põe um Fim a todo o Agravo, ou Queixas de Agravo quaisquer que sejam; as Almas partidas descansam imperturbadas quanto a isso, todo o Ressentimento morre com elas; e independentemente do que as Aparições, a que chamamos Almas, tenham pretendido, ou nós tenhamos

pretendido por elas, as próprias Almas estão perfeitamente indiferentes a tudo isso.

QUAISQUER Aparições que tenha havido, foram certamente daqueles benditos Espíritos *Angélicos*, que podem ter-se interessado até certo ponto em alguns Casos de Violência, Opressão, Fraudes manifestas e atrozes, para alarmar os Infratores e, assim, levá-los a fazer o que é Justo, tanto para o seu próprio bem como para o Alívio dos oprimidos Sofredores, que, talvez, tenham invocado a Justiça Divina contra eles.

DAQUI permitam-me observar, embora ainda seja um pouco sério, e talvez possam pensar que está fora de propósito, que não é coisa de menor Importância para nós ter o Clamor dos Pobres contra nós, ou ter as Viúvas e os Órfãos, a quem ferimos e oprimimos, a olhar para o Céu em busca de Alívio contra nós, quando eles, talvez, não têm Dinheiro para ir a Juízo, ou para obter ou procurar Remédio contra nós pela via ordinária da Justiça.

Preferiria muito mais ter um Inimigo injusto a desembainhar a sua Espada contra mim, do que uma pobre Viúva injuriada a clamar ao Céu por Justiça contra mim; e creio que teria muito mais Razão para ter medo da Última do que do Primeiro, pois o Efeito é mais provável que seja fatal. Job. xxxiv. 28. e Exod. xxii. 22, 23. *Não afligireis nenhuma Viúva ou Órfão: Se de alguma maneira os afligires, e eles de algum modo clamarem a mim, eu certamente ouvirei o seu Clamor;* e v. 24. *E as vossas Mulheres serão Viúvas, e os vossos Filhos Órfãos.* Mas isto é uma Digressão, e de uma espécie em que não cairei frequentemente.

MAS por muito que eu pense haver Razão para recear as Orações da Viúva e do Órfão, oprimidos, ou de quaisquer Semelhantes injuriados; contudo, devo admitir que não vejo Razão para ter medo dos seus Fantasmas, ou de as suas Almas me visitarem, a fim de me aterrorizarem para uma Mudança da má Prática, e um humor ou resolução de fazer o que é Justo às suas Famílias.

A CONSCIÊNCIA, na verdade, é ela própria uma Aparição assustadora, e não tenho Dúvida de que muitas vezes persegue um Criminoso opressor até à Restituição, e é um Fantasma para ele quer durma quer esteja acordado: nem é o menor Testemunho de um Mundo invisível que haja tal Tamborileiro como esse na Alma, que pode bater um Alarme quando lhe agrada, e tão alto, que nenhum outro Ruído o pode abafar, nenhuma Música o pode aquietar ou fazer calar, nenhum Poder o pode silenciar, nenhum Júbilo o pode aplacar, nenhum Suborno o pode corromper.

A CONSCIÊNCIA levanta muitos Diabos que toda a Magia do Mundo não consegue sossegar; mostra-nos muitas Aparições que nenhuns outros Olhos conseguem ver, e coloca Espectros diante de nós com os quais o Diabo não tem

Conhecimento; a Consciência faz Fantasmas andar, e Almas partidas aparecer, quando as próprias Almas nada sabem disso.

ESTA coisa chamada Consciência é um estranho e audaz Perturbador, trabalha sobre a Imaginação com uma Força invencível; tal como a Fé, faz um Homem visualizar coisas que não são, como se fossem; sentir coisas que não são para serem feitas, ver coisas que não são para serem vistas, e ouvir coisas que não são para serem ouvidas; comanda os Sentidos, ora, até a própria Língua, que está tão pouco sob Comando, submete-se a este Mandato soberano; e embora eu não veja que a Consciência sempre a domine para o Silêncio, contudo muitas vezes a faz falar, mesmo quer queira quer não, e isso para a sua própria Ruína e Destruição; fazendo o Homem culpado acusar-se a si mesmo, e confessar o que a sua Política tinha antes tão eficazmente ocultado, que nenhum Olho o tinha visto, nenhuma Evidência o poderia provar.

O Assassino vê o Inocente assassinado tão claramente diante dos seus Olhos, como se ele fosse realmente enviado de volta do seu Lugar para o acusar; ora, ele vê-o sem Olhos, ele está presente com ele a dormir e acordado; vê-o quando não é para ser visto, e dá testemunho da sua própria Culpa, sem necessidade de outra Testemunha.

OUVI uma História que acredito ser verdadeira, de um certo Homem que foi levado à Barra da justiça por Suspeita de Assassínio, o qual, no entanto, ele sabia não estar no Poder do Conhecimento humano detetar. Quando chegou a altura de levantar a Mão na Barra, ele declarou-se Inocente; e o Tribunal começou a ficar sem saber como provar, não aparecendo nada senão Suspeita e Circunstâncias; no entanto, examinaram as Testemunhas que tinham como de costume; a Testemunha levantando-se, como é costume, sobre um pequeno Degrau, para ser visível ao Tribunal.

QUANDO o Tribunal pensou que não tinha mais Testemunhas para examinar, e o Homem em poucos Momentos teria sido absolvido; ele dá um Sobressalto na Barra, como se estivesse assustado; mas recuperando um pouco a sua Coragem, ele estende o seu Braço em direção ao Lugar onde as Testemunhas habitualmente se colocavam para dar Evidência nos Julgamentos, e apontando com a Mão, *Meu Senhor*, diz ele, (em voz alta) *isso não é justo, não é de acordo com a Lei, ele não é uma Testemunha legal.*

O Tribunal fica surpreso e não conseguia entender o que o Homem queria dizer; mas o Juiz, um Homem de mais Penetração, percebeu a Indicação e, refreando alguns do Tribunal que se ofereceram para falar, e o que teria talvez trazido o Homem de volta a si mesmo; *Esperem*, diz o Juiz, *o Homem vê algo mais do que nós, começo a entendê-lo*; e então falando para o Prisioneiro,

*ORA*, diz ele, *por que não é ele uma Testemunha legal? Acredito que o Tribunal permitirá que a sua Evidência seja boa, quando ele vier a falar.*

*Não, meu Senhor, não pode ser justo, não pode ser permitido*, diz o Prisioneiro, (com uma Ansiedade confusa no seu Semblante, que mostrava que tinha um Coração audaz mas uma Consciência culpada.)

*PORQUE não, Amigo, que Razão dá para isso?* diz o Juiz.

*Meu Senhor*, diz ele, *nenhum Homem pode ser permitido ser Testemunha no seu próprio Caso; ele é uma Parte, meu Senhor, não pode ser uma Testemunha.*

*MAS engana-se*, diz o Juiz, *pois você é indiciado por Instância do Rei, e o Homem pode ser uma Testemunha para o Rei, como no caso de um Roubo na Estrada sempre permitimos que a Pessoa roubada seja uma boa Testemunha; e sem isto o Salteador não poderia ser condenado; mas ouviremos o que ele diz, quando for examinado.*

ISTO o Juiz disse com tanta Gravidade, e de forma tão fácil e natural, que o Criminoso na Barra respondeu, *Ora, se permitirem que ele seja uma boa Testemunha, então sou um Homem morto*: as últimas Palavras disse-as com uma Voz mais baixa que as restantes, mas ao mesmo tempo pediu uma Cadeira para se sentar.

O Tribunal ordenou-lhe uma Cadeira, que se ele não tivesse tido, pensou-se que teria desfalecido na Barra; ao sentar-se, observou-se que estava em grande Consternação, e levantou as Mãos várias vezes, repetindo as Palavras, *um homem morto, um homem morto*, várias vezes seguidas.

O Juiz, contudo, estava com alguma Dificuldade em como agir, e todo o Tribunal parecia estar numa estranha Consternação, embora ninguém visse nada senão o Homem na Barra; por fim o Juiz disse-lhe, *Olhe, Sr.* ------ chamando-o pelo seu Nome, *Só lhe resta um caminho que eu conheça, e vou lê-lo para si da Escritura*; e assim pedindo uma Bíblia, abre no Livro de Josué, e lê o Texto, Jos. vii. 19. *E disse Josué a Acã: Filho meu, dá, peço-te, Glória ao Senhor Deus de Israel, e faz Confissão perante ele, e diz-me agora o que fizeste, não mo ocultes.*

AQUI o Juiz exortou-o a confessar o seu Crime, pois via, sem dúvida, uma Evidência pronta para o condenar, e para descobrir todo o Assunto contra ele; e se ele não confessasse, o Céu enviaria, sem dúvida, Testemunha para o detetar.

SOBRE isto o Assassino autocondenado desatou em Lágrimas e tristes Lamentações pela sua própria condição miserável, e fez uma Confissão completa do seu Crime; e quando acabou, deu o seguinte Relato do seu Caso, quanto às Razões de estar sob tal Surpresa, viz. Que viu a Pessoa assassinada de pé sobre o

Degrau como uma Testemunha, pronta para ser examinada contra ele, e pronta para mostrar a sua Garganta que fora cortada pelo Prisioneiro, e que, como ele disse, estava ali a olhar fixamente para ele com um Semblante assustador; e isto confundiu-o: (como bem podia) e no entanto não houve Aparição real, nenhum Espectro, nenhum Fantasma ou Manifestação, tudo lhe foi figurado pelo Poder da sua própria Culpa, e pelas Agitações da sua Alma, inflamada e surpreendida pela Influência da Consciência.

A Alma da Pessoa Assassinada não procura Vingança; toda essa Parte está submersa nas Maravilhas do Estado eterno, e a Vingança inteiramente entregue àquele a quem pertence; mas a Alma do Assassino é como o Oceano numa Tempestade, ele está em contínuo Movimento, inquieto e furioso; e a Culpa do Facto, como os Ventos para o Mar, pesa sobre a sua Mente como uma Pressão constante, e acrescenta a isso, (ainda como os Mares) que é agitado pelo seu próprio Peso, rolando para um lado e para o outro, Movimento aumentando Movimento, até se tornar uma mera Massa de Horror e Confusão.

NESTA condição transtornada, a Consciência, como uma Tempestade no Mar, desaba constantemente sobre ele; primeiro reúne-se em seu redor numa espessa Nuvem negra, ameaçando as Mortes de que vem carregada; e após pairar sobre ele por um pouco, por fim rebenta com Relâmpagos e Trovões, e o pobre Vaso destroçado sofre Naufrágio, afunda-se, e é sobrecarregado no Meio dela.

SE a Justiça não o alcança, se ele não é descoberto e detetado, e levado à Vergonha pública, como as Leis de Deus e do Homem exigem; Como é ele posto à Questão (assim lhe chamam nos Países estrangeiros, quando os Homens são postos no Suplício para os fazer confessar) como é torturado com os Terrores dos seus próprios Pensamentos, perseguido pelos Fantasmas da sua própria Imaginação, e Aparições sem Aparição? a pessoa assassinada está sempre à sua Vista, e Clamores de Sangue estão sempre nos seus Ouvidos; até que por fim, menos capaz de suportar a Tortura da Mente do que a Punição da sua Carcaça, ele até morre por medo da Morte, assassina-se a si próprio, e parte em Horror; ou, se o Céu é misericordioso para com ele, entrega-se à Justiça, e morre Penitente-

PODERIA dar muitos Instâncias flagrantes disto, bastantes para encher toda esta Obra, mas não tenho espaço para tal; tomem uma ou duas como Exemplos.

UM GENTILOMEM, e um Homem em boas Circunstâncias também, cometeu um Assassínio em ou perto de St. Pancras Soaper-Lane, Londres, há muitos Anos; o Assassínio foi acompanhado de algumas circunstâncias muito cruéis e bárbaras, tais pelas quais ele não podia esperar ser perdoado, pelo que fugiu, e fazendo a sua Fuga para França, saiu do Alcance da Justiça.

A SUA Segurança pessoal foi durante algum tempo tanta Satisfação para ele, que não fez quaisquer Reflexões sobre o Facto; mas passado algum tempo, embarcou de França e foi para a Martinica, onde viveu vários Anos; e mesmo durante dois ou três Anos portou-se suficientemente bem; mas o primeiro Choque dado à sua Alma foi num Acesso de Doença, quando estando em Perigo de Morte, viu, enquanto estava entre o sono e a vigília, o Espectro, como pensou, da pessoa assassinada, tal como na Postura em que estava quando a matou, a sua Ferida a sangrar, e o seu Semblante cadavérico; a Vista do qual o aterrorizou excessivamente, e por fim despertou-o.

MAS estando acordado, e descobrindo que não passava de um Sonho, e que a pessoa assassinada não lhe aparecia realmente, e, como ele dizia, o perseguia, ele ficou tranquilo quanto a essa Parte; mas estando com uma Febre alta, e acreditando que iria morrer, a Consciência começou a olhar fixamente para ele, e a falar-lhe; ele resistiu durante muito tempo, mas aproximando-se a Morte, tornou-se muito pensativo, embora, como dizia, ainda mais com medo de morrer do que penitente pelo seu Crime.

APÓS recuperar tornou-se tranquilo, e começou a esquecer as coisas novamente; voltou à Europa outra vez, e estando em Ruão na Normandia, sonhou que via o homem assassinado novamente, e que ele parecia assustador e terrível; e com um Aspeto ameaçador, e isto lançou-o numa espécie de Melancolia, que aumentou excessivamente; o Espectro, como ele lhe chamava, vindo ter com ele todas as Noites.

MAS isto não era tudo; pois agora, tal como sonhava com isso toda a Noite, assim pensava nisso todo o Dia; estava, como dizemos, perante os seus Olhos continuamente, a sua Imaginação formava-lhe Figuras, ora desta espécie, ora daquela, sempre relacionadas com o homem assassinado; de modo que, em suma, ele não conseguia pensar em mais nada: E embora estivesse convencido de que não havia Fantasma real, como ele lhe chamava, ou Aparição, contudo a sua própria Consciência aterrorizada fazia com que o Pensamento fosse para ele como uma Aparição contínua, e o homem assassinado nunca saía da sua Vista.

ELE ficou tão reduzido pela constante Agitação da sua Alma, que estava numa Condição muito fraca, e numa Tísica profunda: Mas no meio destes Tumultos da sua Alma, teve uma forte Impressão na sua Mente de que nunca poderia morrer em Paz, nem jamais ir para o Céu, se não fosse para Inglaterra e, ou obtivesse o Perdão do Parlamento (pois era naqueles Dias em que não havia Rei em Israel) ou que, se não pudesse obter um Perdão, que então deveria entregar-se nas Mãos da Justiça, e satisfazer a Lei com a sua Vida, que era a Dívida que devia ao Sangue do Homem que matara, e de nenhuma outra maneira poderia ser expiada.

ELE resistiu a isto como a uma coisa louca e transtornada, e o Fruto da sua Mente perturbada: *O que*, dizia para si mesmo, *iria eu fazer a Inglaterra? ir para lá é IR e MORRER*; e estas Palavras, *IR e MORRER*, corriam diariamente na sua Mente: Mas embora tenham vindo primeiro aos seus Pensamentos como uma Resposta às suas outras Distrações, contudo voltaram-se contra ele logo depois, e sonhou que o homem morto assassinado lhe dizia, *IR e MORRER*; e repetindo-o dizia, *IR para Inglaterra e MORRER*; e isto seguia-o de Noite e de Dia, a dormir e acordado, de modo que o tinha sempre nos seus Ouvidos, *IR para Inglaterra e MORRER*.

EM suma, e para passar por cima de algumas Circunstâncias, embora dignas de serem contadas, que lhe aconteceram entretanto, ele estava tão continuamente aterrorizado pelas Reprovações da sua Consciência, e pela Voz que ele pensava segui-lo, e que ele respondeu uma vez no seu Sono assim; *Bem, se tem de ser assim, deixem-me em paz, eu IREI e MORREREI.*

PASSOU algum tempo, no entanto, antes de o fazer; mas por fim, incapaz de suportar a Tortura da sua Mente, resolveu vir para Inglaterra, e assim fez: Desembarcou em Gravesend, e ali tomou Passagem no *Tilt-Boat* para Londres.

QUANDO chegou a Londres, tencionando desembarcar em Westminster, tomou um *Wherry* em Billingsgate, para o levar através da Ponte. Aconteceu que dois Batelões carregados de Carvão chocaram com o Barco em que ele estava, e um com o outro, em frente a Queen-Hithe, ou por ali; e os Barqueiros viram-se em tais apertos, que tiveram muito que fazer para evitar serem esmagados entre os Batelões, de modo que foram obrigados a entrar num dos Batelões e deixar o Barco afundar-se.

ISTO fez com que ele, contrariamente ao seu Desígnio, fosse para Terra um pouco a Leste de Queen-Hithe; dali caminhou a Pé em direção a Cheapside, tencionando tomar uma Carruagem para Westminster.

AO passar por uma Rua, que atravessa de Bread-Street para Bow-Lane, sendo quase Noite, e ele não conhecendo bem as Ruas, tendo estado ausente dezoito Anos, ouviu alguém gritar, *Parem-no, parem-no!* Parece que um Ladrão tinha assaltado uma Casa em algum Lugar, por onde ele passava, e fora descoberto, e fugira, e as Pessoas atrás dele, gritando *Parem-no, parem-no!*

OCORREU-LHE imediatamente que, estando tão perto do Lugar onde o Assassínio fora cometido, e onde ele vivera, alguém que o conhecia o tinha visto, e que era por ele que gritavam; sobre o que começou a correr com todas as suas Forças.

TIVESSEM as Pessoas gritado *parem o Ladrão*, ele não teria tido necessidade de se alarmar, sabendo, como disse, que não tinha roubado nada; mas a Multidão gritando apenas *parem-no, parem-no*, tanto podia ser ele como não; e a sua própria Culpa concorrendo, ele correu, como acima dito.

ENQUANTO corria com todas as suas Forças, passou um bom bocado antes que as Pessoas o alcançassem; mas precisamente ao Canto de Soaper-Lane, perto de onde agora se encontra a Taberna Rummer, o seu Pé escorregou e, faltando-lhe também o Fôlego, caiu ao chão.

AS Pessoas, não sabendo quem ele era, tinham perdido o seu Ladrão e perseguiram-no; mas quando chegaram junto dele, descobriram que não era a Pessoa certa e começaram a deixá-lo; mas a sua própria Consciência Culpada, que primeiro o pusera a correr, e que sozinha era a sua verdadeira Persiguidora, continuando a segui-lo de perto, e que por fim também o deitara por terra, aumentou de tal modo o seu Susto que, acreditando que todos o conheciam, gritou, *É bem verdade, eu sou o Homem, fui eu que o fiz.*

Parece que, quando ele caiu pela primeira vez, algumas Pessoas que, ao ouvirem o Barulho na Rua, vieram a correr às suas Portas, como é costume em tais Casos; digo, algumas Pessoas, à Porta de uma Casa, mesmo em frente de onde ele caiu, disseram umas às outras, *Ali está ele, é ele, apanharam-no*; e foi perante esse Dizer que ele respondeu, *É bem verdade, eu sou o Homem, fui eu que o fiz*; pois ele ainda imaginava que o conheciam como o Assassino que matara o Homem há tanto tempo; ao passo que não estava ali ninguém que tivesse qualquer Conhecimento do Assunto, e a própria Memória da coisa estava quase esquecida no Lugar, como bem podia estar, tendo sido feita dezoito Anos antes.

CONTUDO, quando o ouviram gritar *eu sou o Homem*, e *fui eu que o fiz*, uma das Pessoas que se juntou em redor dele disse, *O que é que fez? Ora, eu matei-o*, diz ele; *eu matei o Sr.* ------- e então repetiu o seu Nome; mas ninguém se lembrava do Nome.

ORA, *você está louco*, diz uma das Pessoas; e então, acrescentou outra, *o Homem é um homem transtornado, perturbado. Eles perseguiram um pequeno Ladrão de lojas, e aqui assustaram um pobre Gentil-homem, que eles próprios admitem não ser a Pessoa, mas é um infeliz homem perturbado, e imaginou que o perseguiam a ele.*

*MAS tendes a certeza de que ele não é o Homem?*

CERTEZA? diz outro; *Ora, eles próprios vos dizem isso. Além disso, o Homem está transtornado.*

TRANSTORNADO! diz um terceiro, *como sabeis isso?*

POIS, diz o outro, *ele deve estar transtornado, ou Bebido; não ouvis como ele fala? Fui eu que o fiz, eu matei-o, e não sei que mais. Ora, não há aqui ninguém morto, pois não? Digo-vos que o pobre Homem está juízo-perdido.* Assim falaram eles durante um pouco, e alguns correram para a frente em direção a Cheapside, para procurar o verdadeiro Ladrão, e assim estavam prestes a deixá-lo ir. Mas um cidadão grave, e mais sábio que os restantes, gritou, *nada disso, esperem, vamos indagar um pouco mais; embora ele não seja o Ladrão que procuram, pode haver algo nisto; vamos com ele perante o meu Lord Mayor*: e assim fizeram. Creio que o Lord Mayor então em Funções era Sir William Turner.

QUANDO ele compareceu perante o Lord Mayor, confessou voluntariamente o Facto, e foi depois executado por isso: e eu tive a Substância desta Relação de uma Testemunha auricular da coisa, de modo que posso dizer livremente que lhe dou inteiro Crédito.

FOI também notável que o Lugar onde este Homem caiu quando correu, acreditando que era perseguido e conhecido, embora a princípio realmente não o fosse, era exatamente em frente à própria Porta da Casa onde vivia a Pessoa que ele tinha assassinado.

MUITAS Inferências poderiam ser extraídas desta História, mas aquela que serve particularmente ao meu Propósito é mostrar como a Culpa dos Homens povoa a sua Imaginação com Ideias súbitas e surpreendentes das coisas; traz Espectros e Aparições aos seus Olhos, quando realmente não existem tais coisas; forma Fantasmas e Fantasmas na sua própria Visão, quando os seus Olhos estão fechados: Eles veem a dormir, e sonham acordados; a Noite é toda Visão, e o Dia toda Aparição, até que, seja pela Penitência ou pela Punição, façam Satisfação pelo Mal que fizeram, e ou a Justiça ou a Pessoa injuriada sejam apaziguadas.

MAS para trazer tudo isto de volta ao nosso Assunto: não há outra Aparição em tudo isto senão as que se formam na Imaginação; os Fantasmas, as Almas da pessoa mais injuriada, quer injuriosamente assassinada, quer injuriosamente roubada e saqueada, dormem em Paz, nada sabem do Assassino ou do Ladrão, exceto apenas que entregam toda essa Parte ao Juiz Eterno: o Assassino tem o Horror do Facto sempre sobre si, a Consciência desenha o Quadro do Crime em Aparição mesmo diante dele, e a Reflexão, não a Alma injuriada, é o Espectro que o persegue: Nem pode ele precisar de pior Atormentador na sua Vida; se há um pior no porvir, ou não, não pretendo determinar.

Este é certamente um Verme que nunca morre; está sempre a roer as Vitais, não do Corpo, mas da própria Alma— Mas digo, não houve aqui Aparição de

espécie alguma durante todo este tempo, nenhum Espectro, nenhum Fantasma, nem sequer para detetar um Assassino.

1. NENHUM Diabo ou Espírito Maligno; quanto a Satanás, ele antes o protegeria, ou pelo menos o abrigaria, para que ele pudesse cometer outro Assassínio.

2. NENHUMA Alma do falecido, por muito injuriada que fosse; o Homem admitiu que nunca viu qualquer Aparição real.

O QUE era então aquilo com que o Homem era exercitado? Respondo, ele era fustigado pela Reflexão da sua própria Culpa, e as Comportas da Alma foram abertas pelos Anjos ou Espíritos acompanhantes, e que por Nomeação Divina estão sempre à mão para executar a Parte vingativa da Justiça, bem como as Dispensas mais misericordiosas do Céu, quando as têm em Comissão.

ESTES abandonaram-no à Fúria de uma Consciência enraivecida, abriram as Comportas da Alma, como lhes chamo, e derramaram uma Inundação de Sofrimento insuportável, soltando sobre ele aquelas bestas selvagens chamadas Paixões, tais como Raiva, Angústia, Autocensura, Arrependimento demasiado tardio e Desespero final, tudo para cair sobre ele de uma só vez; assim o Homem corre para a Morte em busca de Alívio, mesmo que seja para a Forca, ou para qualquer lugar, e isso até pela mera Consequência das Coisas.

MAS se então a Opressão, a Injúria, o Roubo e até o próprio Assassínio não trazem a alma injuriada partida de volta em Fantasma ou Aparição; se, uma vez Despojada, Dispensada ou Desincorporada, o seu Estado está determinado, e [270] que ela não pode receber tais Impressões que a inquietem depois, muito menos ser trazida de volta aqui para perseguir ou perturbar as Pessoas deixadas para trás, o que diremos então?

COMO podemos então pensar que elas deveriam voltar por ninharias, ninharias sem nome, ou ninharias que não valem a pena nomear? e como havemos de chamar àquelas Aparições sem nome que temos Razão para acreditar que são, e frequentemente têm sido vistas no Mundo? o que são elas, ora, o que podem elas ser, senão estes Anjos ou Espíritos, chamem-lhes o que quiserem, que habitam ou têm a sua Estação no grande Vazio ou Ermo? que têm a Guarda, não apenas da nossa Atmosfera, ora, não apenas do Sistema Solar, embora este seja de uma Extensão Imensa e Inconcebível, e cheio de Mundos Planetários distantes, mas até de todo o Sistema da Criação, o Sistema do Espaço Vazio.

ESTES podem, e sem dúvida visitam-nos todos os Dias, quer sejam visíveis para nós ou não; o seu Negócio é entre nós, eles estão colocados na sua Estação

como descrito, com o propósito de tomar Conhecimento de nós, e das coisas que nos pertencem, e que por nós são feitas.

SE o Assassínio, o Rapto e a Opressão são exercidos sobre alguém, estes frequentemente, se não sempre, interessam-se, quer para o detetar, quer para levar o Infrator à Justiça, ou ambos, especialmente em Casos de Sangue: E esta é a melhor maneira de darmos conta da Descoberta do Assassínio, que é tão geral, que é a nossa Opinião recebida que o Assassínio muito raramente fica por descobrir; que o Assassínio virá cá para fora, isto é, virá a ser conhecido e punido.

SE em vez de dizerem que o Assassínio muito raramente fica por descobrir, tivessem dito que raramente fica impune, creio que poderia ter sido universalmente verdade; pois algumas vezes os assassínios secretos nunca são descobertos pelas Pessoas que souberam do Facto, ou no Lugar onde foi cometido: mas como são eles perseguidos pela Vingança Divina, isto é, sob o Ministério destes felizes Instrumentos, que não falham em perseguir o Assassino? talvez possa ser o único Caso em que são Agentes da Justiça, sem uma mistura de Misericórdia.

QUANTOS Assassinos secretos, e até então não descobertos, estes felizes Instrumentos obrigam os miseráveis culpados a descobrir, dos quais nenhum Olho Humano tinha sido Testemunha? Alguns são descobertos, como no Exemplo acima, e levados à Punição: Alguns na Forca, para onde o Criminoso é levado por outros crimes; alguns em Leitos de dor, e perante o Julgamento Eterno; alguns em Naufrágios, alguns em Batalhas, alguns de uma maneira, alguns de outra.

NEM se pode negar que, embora estes espíritos ministrantes angélicos devessem ser mensageiros constantes da Justiça em tais Casos, contudo seria muito mais misericordioso do que dar licença à Alma da pessoa injuriada assassinada para voltar armada com Poder, e com os Terrores do seu Estado invisível, para fazer Justiça a si mesma, inflamada com os Ressentimentos que seria razoável supor que devesse ter pela Injúria recebida, capaz de despedaçar o Assassino, e em Condição de prosseguir a sua própria Querela, e executar a Justiça Divina, em vingança da sua querela privada.

1. ISTO seria inconsistente com a prerrogativa suprema do Céu, pela qual ele tomou toda a Justiça executiva na sua própria Mão, toda a Retribuição, toda a Justiça de retaliação; e isso com o propósito de restringir a Raiva e a Fúria dos Homens, que seriam ilimitados na Parte vingativa, e não poriam Limites à sua Vingança; a qual, por essa mesma Razão, digo, Deus

declarou que toma na sua própria Mão; *A Vingança é MINHA, eu recompensarei.* Rom. xii. 19.

2. SE não fosse assim, o Mundo seria um Campo de Sangue e Confusão, a alma partida de uma pessoa assassinada estaria sempre a fustigar, não só o Assassino, mas todas as Pessoas envolvidas na sua Injúria; e sem Misericórdia chamaria a cada um Assassino, que estivesse do lado do seu Inimigo, fosse culpado ou não; numa palavra, suponha-se que morria a lutar, ele voltaria para vingar a sua própria Morte, inflamado com uma fúria dupla, e armado com uma Habilidade irresistível para se vingar.

NAO obstante, para não me confinar apenas ao Caso de um Assassínio; Se as Almas após a Morte pudessem voltar para visitar aqueles com quem tiveram quaisquer Interesses aqui, fosse qual fosse a Ocasião, o Mundo seria todo Confusão e Desordem; Querelas e Contendas nunca cessariam, Ódios de Famílias não morreriam, mas a Pessoa injuriada voltaria sempre para se vindicar.

E COMO sabemos nós que elas seriam, mesmo nesse Estado de Ser iluminado, imparcialmente justas, considerando que agiriam nas suas próprias Causas? Temos a certeza de que não insistiriam em pretender o Direito, como faziam talvez quando vivas? se assim fosse, então teríamos de ter Apelos até dos próprios Espíritos; pois eles seriam tão suscetíveis de causar Injúria na sua Vingança, como os que ainda vivem o tinham sido para com eles.

AQUI poderíamos fazer uma Excursão racional sobre o presente Estado das Coisas: O que seria o caso, se todas as almas injuriadas agora num Estado determinado fossem capazes de voltar e exigir Justiça da presente Era? que trabalho isso faria entre nós? quantos Senhorios abastados seriam expulsos da Posse, e ricos Comerciantes obrigados a restituir? Como seria o forte Opressor desafiado pelo fraco, o Pobre injuriado seria a ruína do Rico? Quantos Adúlteros seriam obrigados a desalojar dos Braços da bela Intrusas? Quantas Damas injuriadas reclamariam as suas Propriedades, e expulsariam as Usurpadoras da Cama?

COMO seria o jovem ------- chamado a fazer o que é justo a toda uma Família, cujas Lágrimas por se casar com uma Irmã, e desonrar a outra, têm sido até agora em vão? Como seria o Rapto civil descoberto, e os Artifícios detetados, que quebraram dois Corações, por falta de fazer o que era justo a um?

HÁ QUANTO tempo a Alma de ------- teria aparecido para fazer Justiça a si mesma, a qual um subornado ------- e um sonolento ------- lhe negaram, e para exigir a Sentença que o claro reconhecimento dos seus Assassinos não pôde exortar deles?

COMO teria ela perseguido o Retiro do miserável culpado, e tê-lo-ia expulsado de todos os seus Subterfúgios, até que ele tivesse vindo de Joelhos perante o Carrasco, e implorado para ser dispensado de um Inferno tão pior do que aquele para o qual tinha razão de esperar que ia? ou teria sido o seu próprio Escravo, e teria antecipado a Justiça através de um Despacho imediato?

MAS eles foram deixados às Mãos de Ferro da ainda adormecida Justiça; a qual a Consciência (por muito que presentemente se abstenha) deve em breve dizer-lhes, não será menos certa pela demora.

MAS deixemos os Criminosos mecânicos, e indaguemos sobre as Classes superiores de Homens: Quantos Tiranos usurpadores possuem os Tronos de Príncipes oprimidos, e talvez assassinados; enquanto o Sangue de Exércitos, ora, de Nações inteiras (falando quanto ao Número) tem sido sacrificado para sustentar a Ambição de um só Homem?

QUE Misericórdia para com a Humanidade exibiu o Senhor supremo nesta sábia partilha das Coisas? viz. Que a Sepultura enterra toda a Raiva do ressentimento humano: o Oprimido e o Opressor descansam juntos; o Assassino e o Assassinado; os Inimigos mais inveterados; o vencido em Batalha, e o Morto do Exército vencedor, fazem um monte de Pó quieto e pacífico, misturados uns com os outros, e transformando-se no elemento comum da Terra.

TODA a Animosidade, tendo fugido com as Almas enraivecidas, leva consigo os próprios restos da Querela, e eles não mais aparecem como Inimigos, mas incorporam livremente o seu Pó uns com os outros. O falecido D. Ham. poderia ter sido enterrado na mesma Sepultura, ora, no mesmo Caixão, com o Lord Mohun; e as suas Espadas deixadas nas suas Mãos, as Almas dos nobres Inimigos nunca mais se teriam ocupado com a Querela.

O CÉU, que achou por bem arrefecer a Raiva das suas Mentes pelas suas próprias mãos infelizes, e torná-los reciprocamente o Executor do Prazer Divino sobre si mesmos, achou por bem também tirar de ambos o poder de determinar mais quem estava certo, e quem estava errado, e obrigou-os mutuamente a remeter a investigação adicional para si mesmo.

OS dois Soldados Dinamarqueses que lutaram em Beverly, um morto no Local, e o outro imediatamente fuzilado até à Morte por lutar, e enterrados juntos; ali jazem quietos numa única Sepultura, as Almas deles nunca se visitam para se queixarem da Injúria.

PUDESSEM as Almas partidas voltar para exigir Reparação de Agravos, e para lembrar aos Homens a Injustiça que lhes foi feita; pudessem elas desafiar os Possuidores vivos das suas Propriedades pelas Fraudes através das quais foram

obtidas; em que Confusão estariam Exchange-Alley e a Bolsa de Londres? que perturbação isso faria em todos os Assuntos da Vida? e quão cedo os Homens que amealharam imensa Riqueza, Ann. 1720, desapareceriam como W— de Hack—, e se afundariam sob a culpa da sua boa Fortuna?

NUMA palavra, isso inverteria a Ordem da Justiça Eterna, pois faria desta Terra o Lugar de Recompensas e Punições, e tiraria o Poder Executivo das Mãos do grande Governador do Mundo.

DEPENDEI, pois, disso, as Almas dos nossos Amigos ou Inimigos partidos estão todas nos seus Estados fixos e determinados; quer tenham chegado a uma plena Consumação de Felicidade ou de Miséria, esse não é o caso, nem é qualquer Parte da Questão; mas elas estão tão removidas de toda a possibilidade de retorno Aqui, ou de interesse para connosco, que a própria Sugestão, por muito que tenha prevalecido no Mundo durante muitos Séculos, é cheia de Absurdo.

As Alegrias dos Felizes são tão completas, tão exaltadas, tão superiores, que os maiores Assuntos deste Mundo são demasiado insignificantes para ocupar o menor Momento, ou dar a menor Interrupção à sua Felicidade; tal como um homem pobre ou humilde que, tendo-lhe sido deixada uma vasta Propriedade na sua Posse imediata, abandona a sua Cabana decadente e em ruínas no Ermo e, tendo as mãos cheias de Ouro, ou mesmo Sacos de Ouro, desdenha recolher os Trapos e o Lixo da sua antiga e suja Habitação; mas diz aos seus Servos: *Deixem que os leve quem quiser, tenho aqui o suficiente.*

POR outro lado, a Alma rejeitada e condenada, carregada com o seu próprio Crime, e afundando-se sob o Peso de um Horror inexprimível; terá ela algum pensamento sobre o odiado Mundo de onde veio! ela abomina e odeia o lugar onde passou uma longa Vida de tais Crimes que agora a carregam com uma Punição insuportável; estará ela com lazer ou compostura para se ocupar mais com a Vida, onde já se arruinou tão miseravelmente a si própria, Alma e Corpo!

SE ela tivesse de voltar aqui para alguma coisa, seria provavelmente para tirar os montes do seu Tesouro mal ganho ao Possuidor injusto, o seu Herdeiro; e fazendo restituição com ele aos Pobres que tinha oprimido, às Viúvas que tinha roubado, e em geral a todos aqueles que tinha injuriado, deixar a sua Família na Pobreza e em Trapos, em vez dos seus Mantos e Veludo; e em Hospitais e Albergues, em vez de Palácios e Parques, e com Coches ou Cavalos— Provando que o Provérbio é falso, e mostrando que o Filho pode nem sempre ser feliz, embora o Pai tenha ido para o Diabo.

DUVIDO que fizesse senão um triste trabalho entre algumas Famílias que agora possuem grandes Propriedades, se a Noção que algumas Pessoas

alimentam sobre Espíritos, e sobre a assombração de Casas, fosse verdadeira: Nomeadamente, que as Almas partidas não poderiam estar em descanso até que fosse feita Satisfação em tais e tais casos onde fora feita Injúria a Órfãos e Viúvas; e até que tal Injustiça fosse impedida como a que mais provavelmente seria feita por meio delas.

QUANTO ao Descanso que as Almas daqueles que partiram teriam, não estou resolvido; mas duvido que as Almas e os Corpos também daqueles que permanecem tivessem muito Descanso aqui, se isso fosse verdade.

NÃO é antes uma Prova de que a Alma não pode voltar aqui para fazer o que é Justo à raça injuriada daqueles a quem tinha oprimido com Violência, quando encarnada, que o Fantasma ou a Alma de ------ dorme no seu Estado de ausência, e não chama pelo seu demasiado feliz Herdeiro, e o encarrega de fazer reparação em seu Nome, por todas as Devastações e Saques de onde ele ergueu aqueles Milhões que deixou para trás?

Se a Usura, a Extorsão, o Perjúrio e o Sangue são Injúrias que inquietam as Almas desincorporadas, Como é que as Almas de todas as Famílias, e até Nações de Famílias oprimidas e arruinadas pelo falecido não vêm e fazem Justiça a si mesmas através da imensa Riqueza deixada em posse daqueles que, até que essa Justiça seja obtida, não poderiam ter qualquer Direito a ela?

MAS para deixar o Injuriado e o Injuriador dormir juntos, como fazem, sem perturbar ou serem perturbados um pelo outro, façamos algumas Perguntas aos vivos? Como ficaria um certo errante Nobre, objeto de piedade humana muito simplesmente elevado, aterrorizado pelas Apreensões de encontrar as almas desonradas dos seus Antepassados? e particularmente do seu piedoso Avô, que voltaria, se fosse possível castigá-lo pela sua Loucura, e conduzi-lo para Casa aos Pés de um Soberano misericordioso, para pedir Perdão pelas coisas mais preposteras de que a raiva humana jamais impeliu qualquer Homem no seu juízo perfeito a ser culpado!

Se as Almas de Homens sábios pudessem ser inquietadas pelas coisas loucas feitas pela sua Posteridade, que Arrependimento não deveriam ter agora os Antepassados de todos os Herdeiros exilados de Sangue Nobre, que veem os seus Filhos perderem as fartas Fortunas que lhes deixaram, pelo Esquema mais ridículo e inteiramente improvável do recente Assunto de Preston e Dumblain? uma Tentativa sem Sucesso, porque sem Prospeto racional; sem Probabilidade humana; e pela qual, como disse o falecido e feliz Lord Derwentwater, eles não deveriam ter sido enviados para a Torre, mas para Bedlam.

Se as Almas pudessem voltar, como haveriam os nossos Amigos, os A------ s e B------ s e S------ s, de dormir nas suas Camas, enquanto desfrutam das ruínas de

tantas Famílias, e das fortunas de tantos Sofredores, que se enforcaram em Desespero pela perda? e por que razão não veem Aparições todas as Noites dos Fantasmas injuriados de L------ , R------ a, W------ , H------ e mil mais; que, se pudessem atravessar de novo o Abismo, certamente os fustigariam, até que eles folgassem em dispensar-se pelo mesmo caminho, e correr para aquele Inferno de que nada sabem, fugindo daquele Inferno de Autocensura, que não seriam mais capazes de suportar?

Poderia descer a Particularidades, até preencher um Rolo demasiado longo para a vossa leitura; e não sei se seria verdade, como disse Sir W. B. noutro caso, que acreditava que tudo o que estava debaixo da Terra subiria, e o seu Avô viria com os restantes e reclamaria de novo a sua Propriedade.

A Doutrina de que Almas inquietas retornam aqui, para fazer ou obter Justiça, para fazer ou exigir Restituição, e que não poderiam estar em descanso até que tais e tais coisas fossem resolvidas, Testamentos cumpridos, Herdeiros desapossados reparados, Traições ocultas descobertas, Tesouros escondidos achados, e coisas semelhantes, se fosse verdade, tornaria o Mundo inabitável: Fantasmas e Aparições andariam pelas Ruas ao Meio-Dia; e os vivos poderiam ir de um lado da Rua, e os mortos do outro; os últimos seriam infinitamente mais numerosos.

Nada pode ser mais prepostero do que tal Noção. É verdade que os exemplos dados, ou que se pretende dar, dela, são apenas poucos, e essa própria parte é contra eles; pois se a coisa é real, por que são eles apenas poucos? Deve reconhecer-se, conforme os tempos correm, que os casos dos injuriados e oprimidos não são poucos: pelo contrário, como Deus disse do antigo Mundo, toda a Terra está cheia de Violência. De onde vem então, se as Almas injuriadas, ou as Almas de Pessoas injuriadas, oprimidas e arruinadas pudessem voltar, que não haja Milhões a assombrar as Portas, ora, os Gabinetes e os Quartos de Dormir daqueles que desfrutam da Riqueza que foi tão injustamente obtida?

Se pudesse ser de todo, o Número seria infinitamente maior; pois por que haveria uma Alma culpada de estar inquieta, e não outra? Todos os culpados voltariam para fazer Restituição tanto quanto fossem capazes, e todos os Sofredores voltariam para a obter.

De novo, a Condição daqueles que desfrutam da Riqueza mal ganha dos seus Antepassados seria deplorável: as Almas de Pais culpados fustigariam os seus Filhos pela Propriedade, para fazer Restituição; e as Almas dos Sofredores oprimidos assombrar-lhes-iam, para reaverem o que era seu: de modo que apenas estariam tranquilos no Mundo aqueles que nada tivessem a restituir, ou que nada desfrutassem senão o que fosse do seu próprio ganho; apenas dormiriam à Noite

aqueles que tivessem equilibrado as contas com o Dia, que tivessem ganho o que Comem, e não tivessem Comido mais do que ganharam.

Mas vemos que este não é o caso: que as Almas dos mais culpados permanecem onde estão, e as Almas dos mais oprimidos não vêm aqui queixar-se, implica fortemente, e é para mim uma prova suficiente, de que o seu Estado está determinado; que o Abismo está fixo; que eles apenas podem olhar para trás com Autocensura, mas não podem voltar para dar a si mesmos a Satisfação de fazer Justiça àqueles que injuriaram; que a pessoa assassinada não pode voltar, não, nem para detetar o Assassino; ou o Viajante saqueado para descobrir o Salteador. É claro para mim, e passará por Evidência, que eles não podem, porque não o fazem; e é claro para mim que alguns não o fazem, porque nem todos o fazem; pois se alguns, por que não todos?

Não consiste com a esclarecida Justiça do Estado que acreditamos existir além da Vida, deixar que uma Alma injuriada venha aqui obter Justiça contra o Opressor da sua Família, e não deixar que outra tenha a mesma Liberdade; ou deixar que uma Alma injuriosa retorne para fazer Restituição, e fazer a sua Paz, para que possa estar em Descanso, como lhe chamam; e encerrar outra longe disso, que estaria igualmente disposta a fazê-lo, e está igualmente miserável na falta disso.

Que não é assim, é para mim um Testemunho suficiente de que não pode ser assim; e a condição miserável em que o Mundo aqui estaria, se assim fosse, torna claro para mim que a Sabedoria da Providência determinou de outro modo.

Nem seria a Vantagem algo considerável, pelo menos não em proporção à Desordem que traria consigo; e se tivéssemos de permitir a Possibilidade, traria tantos Absurdos consigo em Pontos de Religião, que destruiria as Doutrinas estabelecidas de toda a Religião: Por Exemplo,

Primeiro, Acreditamos que o Estado final da Alma é determinado com a Vida, e conforme a Árvore cai, assim deve jazer; que Este é o Estado de Provação, Aquele o Estado de Retribuição: Se assim é, então, para que propósito haveriam as Almas dos Mortos de desejar voltar, a menos que fosse para terem uma nova Provação, ou que houvesse uma Possibilidade de recuperar o seu Estado, e reaver-se da Sentença sob a qual estavam? e se a sabedoria divina tivesse deixado margem para isso, tê-las-ia poupado igualmente em Vida até que tal fosse feito.

Segundo, Para que Propósito haveria a Alma de voltar para fazer Justiça, se fazer essa Justiça não pudesse causar Alteração no seu estado futuro? Se pudesse causar alguma Alteração, então teria de haver margem após a Morte para recuperar a Alma da morte eterna; e se houvesse, pode supor-se que os Olhos se abririam lá de tal modo que ninguém o omitiria ou negligenciaria.

Terceiro, Se vir aqui, ou fazer Justiça aqui, não pode ser de Ajuda para as Almas partidas, e contudo elas o desejam, deveis então supor que um forte Desejo de fazer um Bem desinteressado pode possuir as Almas daqueles que estão num Estado de Condenação; o que é inconsistente com as outras circunstâncias do Inferno, que temos justa Razão para acreditar que exclui todo o bom Desejo, e todos os bons Princípios, das Almas que lá estão.

Quarto, A Suposição de as Almas estarem numa Condição após a Morte para retornar aqui, destrói todas as Descrições que a Escritura nos dá da condição futura, seja das almas boas ou das más: mas sobre isso já dei a entender antes.

Sobre o todo, é uma Noção, por muito que possa ter sido recebida aqui, perfeitamente inconsistente quer com a Razão quer com a Religião revelada; e posso aventurar-me a dizer que não pode ser, é impossível, e que todas as Pretensões de um Fantasma ou Aparição dizendo que é tal Pessoa, e que não pode estar em Descanso enquanto isto e aquilo não for feito, e que agora irá para Deus, devem ser um Engano, e devem ser acrescentadas pelas Pessoas que relatam a História; pois que nenhum Fantasma ou Espírito realmente feliz poderia dizer tal coisa, ou se imporia tanto sobre nós.

1. I Samuel 28:15.
2. O gabinete ou departamento do serviço público que está encarregado do recebimento e custódia dos dinheiros recolhidos pelos vários departamentos de receita. OED, p.503.
3. Indivíduo desconhecido.
4. Aquele que ou aquilo que testemunha: uma testemunha. OED, p.830.
5. Uma dotação para a manutenção de um ou mais sacerdotes para cantar missa diária pelas almas dos fundadores ou outros por eles especificados. Também aplicado ao corpo de sacerdotes assim dotado. OED, p.22.
6. De posição: na retaguarda, atrás; em segundo plano. De tempo: atrás de nós no tempo, passado e ido. OED, p.647.
7. Atos de roubo violento ou pilhagem. OED, p.189.
8. Fonte desconhecida, tudo o que Defoe nos diz é que ouviu a história. Embora Rodney Baines (*Defoe and the Supernatural*, p.79) nos informe que existem várias histórias semelhantes disponíveis para Defoe com detalhes ligeiramente modificados.
9. Em *Second Part of Thomas Beard's Theater of God's Judgement* de Thomas Taylor (4.ª ed. [1648], pp.69-70). *Defoe and the Supernatural*, p.78.
10. Mencionada pela primeira vez em 1257, a igreja estava ligada ao mosteiro de Christchurch Canterbury e era assim um privilégio do Arcebispo de Cantuária sob a jurisdição do *Court of Arches* em St Mary Le Bow. A igreja foi destruída

no grande incêndio e a paróquia unida à de St Mary Le Bow. O pequeno adro permanece em Pancras Lane. *The London Encyclopedia*, p.753.

11. Provavelmente a Martinica, uma ilha nas Índias Ocidentais Francesas. *The Times Concise Atlas of World History*, p.171.

12. Roanne é uma cidade no rio Loire, na Borgonha. *Atlas of Medieval and Modern History*, p .17.

13. Juízes 17:6, 18:1, 19:1, 21:25. Também uma referência ao Interregno da Comunidade de Cromwell.

14. Limpar, purificar (uma pessoa, uma cidade) da culpa ou poluição através de cerimónias religiosas. OED. p.567.

15. Uma vila de mercado e paróquia no condado de Kent, 22 milhas e meia de Londres (E. por S.). *The Topographical Dictionary of England*, V.2.

16. Um grande barco a remos com uma cobertura ou toldo, outrora usado no Tamisa, esp. como barco de passageiros entre Londres e Gravesend. OED, p.94.

17. Um barco a remos ligeiro usado principalmente em rios para transportar passageiros e mercadorias. OED, p.219.

18. (*Lower Thames Street*) Famosa pelo peixe e pela linguagem má. Durante muitos séculos, Billingsgate e Queenhithe foram os principais cais da cidade para a amarração de embarcações de pesca e desembarque das suas cargas. Queenhithe foi, ao princípio, a mais importante, mas Billingsgate gradualmente a superou, preferindo os mestres de navios usar o cais abaixo da Ponte de Londres em vez de tentarem a sua passagem difícil. Stow pensava que o seu nome derivava de "algum proprietário do lugar, felizmente chamado Beling ou Biling". *The London Encyclopedia*, p.65.

19. Um barco ou embarcação, geralmente uma barcaça de fundo chato, usada para aligeirar ou descarregar (por vezes carregar) navios que não podem ser descarregados (ou carregados) num cais, etc., e para transportar bens de qualquer tipo, geralmente num porto. OED, p.936.

20. Um antigo cais da *Upper Thames Street* onde existe uma doca há pelo menos oito séculos. Era originalmente conhecida como *Ethelredshyde*, em memória do genro do Rei Alfredo, o Aldermano da Mércia. O seu nome atual é em honra da Rainha Matilda, esposa de Henrique I, que no início do século XII construiu aqui, para o "uso comum dos cidadãos". Na Idade Média, era o local de acostagem mais importante de Londres, mas declinou no século XV à medida que os barcos se tornaram maiores e passaram a ir para Billingsgate. *The London Encyclopedia*, p.631.

21. O principal mercado da Londres medieval. (*Ceap* ou *chepe* era a palavra do Inglês Antigo para mercado). Era por vezes conhecido como *West Cheap* para o distinguir de *Eastcheap*. Cheapside era infame pelos seus aprendizes briguentos. Havia também um pelourinho em Cheapside. *The London Encyclopedia*, p.143.

22. Outrora uma rota importante do mercado de Cheapside para a doca de Queenhithe. Era o local do mercado de pão da Londres medieval. A rua ardeu no Grande Incêndio. *The London Encyclopedia*, p.83.

23. Anteriormente conhecida como *Cordwainer Street*, por causa dos sapateiros que ali viviam, depois como *Hosier Lane*, por causa dos fabricantes de meias que lhes sucederam. O nome atual deve-se à igreja de *St Mary Le Bow* e data do século XVI. *The London Encyclopedia*, p.80.

24. Onde os saboeiros e vendedores costumavam viver. *The London Encyclopedia*, p.630.

25. (*Charing Cross*) Uma taverna mantida no reinado de Carlos II por Samuel Prior, tio de Matthew Prior, o poeta que, após a morte do pai, veio viver com o tio, que o enviou para a *Westminster School*. No século XVIII, a taverna era também conhecida como *New Bagnio*. A taverna ardeu em 1750. *The London Encyclopedia*, p.685.

26. Cavaleiro, Aldermano da Cidade de Londres e Presidente dos Hospitais de *Bridwell* e *Bethlem*; as suas datas são 1615-1692. *An Elegy on the Death of Sir William Turner*.

27. Fonte desconhecida, pessoas desconhecidas. Os detalhes nela contidos são muito específicos, por isso poderia ser uma história real.

28. Col. James Hamilton (m. 1716), padrinho no duelo de James Douglas, Conde de Arran, com Lorde Mohun. Charles Hamilton (1691-1754), filho de James, desafiou Lorde Mohun pela morte do seu pai.

29. Charles Mohun (1675?-1712), 4.º Barão de Mohun e duelista. DNB, Vol.13, p.552.

30. Fonte desconhecida; contudo, visto que Beverley é uma vila de mercado e posto militar perto de Iorque (*Topographical Dictionary of England*, V.l.), a história é provável de estar registada, ou pelo menos recontada em contos de velhas, ali.

31. Uma vila de mercado no Condado de Iorque, frequentemente usada como quartel-general militar. *Topographical Dictionary of England*, V.l.

32. Provavelmente *Old Exchange Lane*.

33. Também conhecida como *Old Exchange* ou *Old Change*, no lado sul de Cheapside [oeste], usada para o recebimento de metais preciosos e cunhagem de moedas. *Survey of London*.

34. Indivíduo desconhecido.

35. Duas vilas que foram revitalizadas como parte de uma experiência e transformadas em vilas industriais de tecelagem comercial. Dr. Borck (7-97).

36. James Radcliffe (também Radclyffe), 3.º Conde de Derwentwater (1689-1716). DNB, Vol.16, p.569-71.

37. Acredito que Defoe deseja que preenchamos os espaços em branco com pessoas que conhecemos. Não creio que ele tenha três pessoas específicas em mente.

38. Acredito que Defoe está a fazer a mesma coisa aqui que na nota anterior. Novamente, não creio que ele tenha pessoas específicas em mente.

39. O DNB tem várias possibilidades como candidatos para *Sir W— B— d.* As duas melhores são Sir William Beckford (1709-1770), duas vezes Lorde Mayor de Londres (DNB, Vol.2, p.80-2) e William Boyd, 4.º Conde de Kilmarnock (1704-1746), DNB, Vol.2 p.1009-1010.

40. Talvez uma referência a Eclesiastes 11:3.

## CAP. VIII

### A REALIDADE DA APARIÇÃO MAIS ASSEVERADA;

### E QUE ESPÍRITOS SÃO OS QUE REALMENTE APARECEM

O afirmar, como nos capítulos anteriores, que as Almas desincorporadas dos Homens não aparecem novamente, nem se ocupam dos Assuntos da Vida; que as Boas não o fariam se pudessem, e as Más não poderiam se o fizessem; não destrói de todo a Realidade da coisa chamada Aparição, nem pretendo argumentar a partir daí que não existe tal coisa como qualquer Aparição de todo: pelo contrário, insisto que é razoável acreditar (não obstante tudo o que foi dito) que existem tais coisas como a Aparição de Espíritos; e isto creio ter provado para além do Poder de qualquer Escrúpulo ou Cavilação, como também que tem havido tais coisas em todas as Eras do Mundo.

A Doutrina da Existência de Espíritos está estabelecida na Natureza; onde esses Espíritos residem, é uma Questão de Dificuldade, e as nossas Especulações são várias sobre eles; mas argumentar que, por isso, não há nenhuns, que eles não existem, que não há tais Seres, é absurdo, e contrário à Natureza da coisa; podemos tão bem argumentar contra a Existência do Sol quando ele está nublado e eclipsado, embora vejamos a sua Luz, apenas porque não podemos ver os seus Raios, ou o Globo do seu Corpo: Mas voltemos ao Princípio.

Espírito, como deve ser considerado aqui, deve ser reduzido a quatro Cabeças gerais.

Primeiro, O Autor de todo o Espírito, a Fonte de todo o Ser, a Causa Original da Vida, e o Criador tanto do Espírito como de todos os Subsequentes dele. Este nós justamente adoramos, como o Espírito Eterno Infinito: DEUS é um ESPÍRITO.

Segundo, Anjos ou bons Espíritos; os quais são Espíritos reais, temos Demonstração disso, e eles têm aparecido e aparecem diariamente, conforme o grande Autor de todo o Espírito dirige, para o Serviço da Humanidade, pois eles são espíritos ministrantes.

Terceiro, Diabos ou espíritos malignos; estes são realmente Espírito também, de uma Natureza espirituosa; é verdade que estão privados da sua Beleza, da sua Glória Original, porque privados da sua Inocência; estão deformados bem como conspurcados pelo Crime, mas não estão privados da sua Natureza; continuam a ser Espíritos, embora derrubados e expulsos, e são chamados espíritos iníquos.

Quarto, Almas de Homens, quer boas quer más; a sua Condição pode ser como vos aprouver falar dela, Feliz ou Infeliz; o Caso é o mesmo, isso de modo algum altera a sua Natureza, mas continuam a ser Espíritos. Os Espíritos dos homens justos feitos perfeitos; aí estão os espíritos felizes: os espíritos na Prisão, e aí estão os infelizes; mas ambos são Espíritos, e devem ser tratados como tal neste Lugar.

Agora tragamos tudo isto para o nosso presente Propósito. Asseverei o seu Ser, deixai-me indagar sobre o seu Estado, no que respeita ao nosso Assunto; até que ponto podem ou não, conseguem ou não conseguem aparecer entre os Homens, nas suas presentes Circunstâncias. Como eles visitaram esta Terra em vários Tempos, e em que Ocasiões, já foi mencionado, e tão extensamente quanto a planeada Brevidade desta Obra admite.

Resta indagar o que temos a esperar deles para o futuro, e em particular, quem podemos esperar ver em qualquer tempo por vir; qual deles nos poderá visitar no tempo que virá, e qual poderá não, ou não poderá ser razoavelmente esperado; e isto farei com a mesma Clareza se possível, e em muito poucas Palavras.

Das quatro Espécies de Espírito, então, consideremos a Primeira e a Última.

Primeiro, DEUS, a Alma e a Vida, o Ser de todo o Espírito, apareceu, como eu disse; mas devemos esperá-lo não mais: Não digo que ele não possa aparecer diante de nós, mas creio que posso dizer que ele determinou não abençoar o Mundo com mais tais gloriosas Exibições, não mais aparições pessoais da Face Eterna, até à mais gloriosa Aparição falada na Escritura, Tit. ii. 13. *Aguardando a bem-aventurada Esperança e a gloriosa aparição do GRANDE DEUS* -----

Segundo, Os espíritos dispensados, partidos, desincorporados, a que chamamos Almas de Homens, quer felizes quer miseráveis, não podem de modo algum aparecer entre nós; toda a Aparição dessa Espécie é fictícia e imaginária; nunca foi praticável, exceto uma vez por Milagre, e nunca poderá de novo ser praticável, e portanto não é de esperar. Dizem-nos, de facto, que uma vez, na ocasião extraordinária da Ressurreição de Cristo, e para honrar essa Ressurreição com um Milagre da Natureza mais sublime, os Túmulos foram abertos, e os Corpos dos Santos surgiram e apareceram, &c.

A Palavra é que Surgiram, e saíram dos seus Túmulos após a Ressurreição, Mat. xxvii. 33. Poderia alargar-me sobre a Natureza desta Aparição dos Santos que dormiam; a maneira dela, e especialmente a Razão dela, e mostrar-vos como foi realmente milagrosa, e feita para convencer os Discípulos duvidosos da Verdade da Ressurreição, a qual alguns deles, sendo talvez originalmente Saduceus, poderiam ainda questionar; mas o meu Negócio é com uma Era não muito deleitada em Excursões sérias, por isso não devo cometer qualquer Transgressão, por muito oportuna que fosse, ou tornar-me grave, por muito útil que fosse.

Seja então suficiente para o Propósito, esta Aparição de Almas foi extraordinária e milagrosa, e não as devemos esperar mais; o seu Estado está determinado, os felizes são demasiado felizes, e a sua Felicidade está demasiado firmemente fixa para sofrer qualquer tal Interrupção; os Infelizes têm o seu Confinamento demasiado firmemente fixo para quebrarem a Prisão e saírem; numa palavra, estes não podem, e os outros não o fariam se pudessem; e não devemos esperar vê-los ou ouvir falar deles mais nesta Terra; até à Restituição de todas as coisas, e até que sejam convocados para aquela grande Aparição, que acreditamos que um Dia acontecerá, independentemente do que a nossa flamejante Era pretenda dizer em contrário.

Toda a Aparição, então, destas duas Cabeças ou Espécies sendo concluída impossível na Natureza, e não sendo de esperar, devemos procurá-la então entre os Espíritos Angélicos; e aqui de facto ela se encontra: Anjos de todas as Espécies apareceram, podem e aparecem, e deles apenas são formadas todas as Aparições que têm qualquer Realidade nelas.

Isto é trazer o Assunto para um Âmbito estreito, e pôr fim à Cavilação e Querela sobre ele; não há necessidade de porfiar mais sobre isso; mas quando em qualquer altura virdes uma Aparição, ou Manifestação de Espírito assumindo Forma e Voz, e tiverdes a certeza de que é realmente uma Aparição, não uma *Deceptio Visus*, uma Nuvem, um Vapor da Imaginação; digo, sempre que virdes tal Aparição, dependei disso; é um Anjo, ou um Diabo.

Tenho apenas uma Distinção a fazer aqui, a qual, embora seja necessária, será muito curta e clara, viz. Que quando falo de Anjos devo ser entendido como se segue,

Primeiro, A Palavra Anjo deve ser entendida como bons Anjos; pois os Diabos, como eu disse, são também Anjos: Satanás é chamado um Anjo de Luz: mas a anjos malignos tratarei sempre pelo seu novo Sobrenome, Diabo; de modo que quando falo de Anjos, devo ser sempre entendido como os bons Anjos.

Segundo, Mas de bons Anjos, estes distingo-os também em duas Espécies:

(1.) OS Anjos que estão atualmente no Céu, tais como lemos, Gabriel, Miguel, e outros não distinguidos por Nome; estes apareceram entre os Homens, sobre esta Terra, como também já disse antes extensamente; mas mesmo estes, temos Razão para acreditar, não veremos mais; tendo Deus tido o prazer de se descobrir ao seu Povo agora de outra Forma, por outra Ministração, a saber, pelo seu Espírito, e por um Ministério Evangélico, não um Angélico.

(2.) AQUELA Classe de Anjos ou Espíritos, chamai-lhes o que nos aprouver, (e se inferiores ou não, não nos cabe determinar,) que são colocados pela Direção do próprio Deus numa Situação mais próxima de nós; colocados, digo, pelo seu Criador, sob a sua Providência superior, para a Direção e Conduta das Criaturas humanas, e dos seus Assuntos, ou pelo menos para as Guardar das Invasões, Ameaças e Desenhos Infernais do Príncipe das Trevas e dos seus Anjos; e estes, como disse, bem poderiam ser chamados Anjos Guardiões de toda a Terra.

Agora, estes dois tipos de Espíritos, viz. os Anjos Guardiões, os bons Espíritos destacados, como posso e chamei, do Céu, para terem a Inspeção sobre, e o Cuidado da sua nova Criação, tanto aqui como noutros lugares; estes, e os Diabos, aquele outro tipo de Anjo, de quem poderei ter Ocasião de falar (mais do que muito) nesta Obra; Estes, digo, podem aparecer e aparecem, e toda a Aparição é realmente entre eles; todo o Espírito de que possais falar, ou pretender ver a Manifestação, tem de ser um destes dois, tem de ser Anjo ou Diabo, não há outro, não pode haver outro: sendo apenas excetuado o Milagre, e algo mais do que milagroso, e Coisas que não temos Razão para esperar.

Mas, por outro lado, tão certo como nenhum outro Espírito o faz, ou pode, e tão certamente como eles não aparecem, ou não podem aparecer; tão certo e indiscutível é que estes Espíritos, tanto bons como maus, nos aparecem em todas as Ocasiões; quero dizer em todas as Ocasiões que eles julgam necessárias, e que lhes sucedem, seja por escolha ou por constrangimento.

Não nos cabe, de facto, determinar como são eles movidos a cumprir estas incumbências, ou de que maneira; poderei talvez dar algumas Opiniões prováveis

sobre a Maneira e Causas tanto da sua Missão como Permissão; pois considero que essas duas Cabeças contêm a Regulação dos seus Agires; digo Comissão e Permissão, e sem estas temos a certeza de nunca sermos visitados desta maneira, quer por um quer por outro.

É verdade que isto dá uma Sanção considerável à Coisa chamada Aparição em geral, e faz com que pareça ser mais solene do que estamos dispostos a fazê-la; pois por esta Regra, nem Diabo nem Anjo aparece senão em alguma Ocasião extraordinária; e se assim for, não vejo por que deveríamos gostar menos disso; pois se tivessem de se mostrar em cada ocasião insignificante, ou aterrorizariam a Humanidade de modo a tornar-lhe o Mundo intolerável, ou familiarizar-se-iam de tal modo que não seriam respeitados.

ORA, como seria o Diabo, e não os bons Espíritos, que assim assombraria o Mundo por Ninharias; (pois não se pode supor que o outro o faça) ele levaria a Familiaridade longe demais, e os Homens estariam tão longe de serem amedrontados e aterrorizados por ele, que, em suma, haveria mais Perigo na Intimidade; e, como dizemos noutro Caso, a Humanidade e o Diabo poderiam tornar-se demasiado bem conhecidos.

Mas primeiro ao Facto de que estes Espíritos, tanto bons como maus, ASSIM APARECEM; e depois à Razão disso. Que eles aparecem, a História, a Experiência e o Relato de todas as Eras o confirmam; sempre o fizeram, e ainda o fazem. As Aparições de Espíritos são confirmadas de muitas maneiras, a História está cheia de Exemplos; e a própria história sagrada, embora não dê Relato de aparições particulares, contudo confirma a coisa como uma Realidade e fora de Questão.

O próprio Cristo, após a sua Ressurreição, vendo os seus Discípulos assustados e aterrorizados com a sua Aparição, toma muito Trabalho para os convencer de que não era um Espírito ou Aparição, como eles temiam: Lucas xxiv. 37. *Eles ficaram aterrorizados e espantados, e supuseram que tinham visto um Espírito.* Isto seria o que é demasiado desonroso dizer da sagrada Escritura, se a Aparição de Espírito na Forma de Corpo nunca viesse, e que não houvesse tal coisa na Natureza.

Vejam então o que o nosso bendito Senhor lhes diz sobre isso, v. 39. *Vede as minhas Mãos e os meus Pés, que sou eu mesmo: apalpai-me, e vede; pois um Espírito não tem Carne nem Ossos, como vedes que eu tenho.* Isto é tão direto e positivo como qualquer coisa do seu género pode ser suposta, ou desejada ser. Se não houvesse tais coisas como Espíritos a aparecer, como poderia Jesus Cristo ter-se expressado de tal maneira? A Linguagem é clara: Vós pensais que vedes um Espírito, isto é, uma

Aparição, e podereis ter algumas Razões para o vosso Receio, porque entrei assim sem ser visto, quando a Porta estava fechada: Ora, um Espírito pode de facto assumir uma Forma, e parecer-se com a Pessoa pela qual aparece; mas se chegásseis perto dele, descobriríeis que um Espírito, uma Aparição, tem apenas a Aparição, não tem Carne e Ossos como vedes que eu tenho: Portanto, eu não sou um Espectro ou Aparição, mas um Corpo real.

Assim também quando ele veio a caminhar sobre o Mar para os seus Discípulos, e eles ficaram tão assustados que gritaram, acreditando que tinham visto um Espírito; deve estar fora de Questão que havia tais coisas, e que eles, os Discípulos, tinham ouvido falar delas; ora, talvez, eles próprios tivessem visto tais Aparições antes disso; por que outra razão ficariam tão assustados a ponto de gritar, Matth. xiv. 26. *E quando os Discípulos o viram a caminhar sobre o Mar, perturbaram-se, dizendo: É um Espírito; e gritaram de medo.* E por que razão, quando o nosso Salvador lhes falou, não os repreendeu por estarem assustados com a sua própria Imaginação, e fantasiarem (como as Crianças) que viam um Espírito, quando não havia tais coisas no Mundo, e nenhumas Aparições para serem vistas?

Por outro lado, ele fala-lhes gentilmente, sabendo que as Aparições são Coisas assustadoras para Pessoas não habituadas a vê-las, e diz-lhes para terem bom Ânimo, não é um Espírito, sou eu, não temais; não é uma Aparição, mas eu próprio na realidade. Assim também tendes a História, Marcos vi. 50.

De novo, tendes uma Descrição perfeita de uma Aparição exatamente da maneira como estamos agora a discorrer sobre ela, Job iv. 15, 16. *Então um Espírito passou diante da minha Face, os Cabelos da minha Carne se eriçaram. Parou, mas eu não pude discernir a sua Forma: uma Imagem estava diante dos meus Olhos, houve silêncio, e ouvi uma Voz.* Elifaz era um Homem de Senso, não foi iludido a falar de Coisas que não existem, ele viu uma Aparição, não uma Fantasia.

De novo, Josué viu uma Aparição, como mencionei uma vez antes, Jos. v. 13. *Um Homem com uma espada desembainhada na sua Mão.* Este era um Anjo, isto é, um Espírito e contudo, falou-lhe, e tinha a Forma de um Homem em Armas, com uma Espada na sua Mão. Se Josué tivesse tentado tocá-lo, ou se lhe tivesse sido permitido tocá-lo, não teria descoberto que tinha Carne e Ossos; temos as Palavras do nosso Salvador para o provar: *Um Espírito não tem CARNE nem OSSOS*; uma Aparição é um Espírito a assumir uma Forma de Carne e Sangue, mas sem a Realidade.

E isto responde a todas aquelas pessoas fantasiosas que nos dizem que viram esta ou aquela pessoa: Eu vi-o, diz o Ignorante visionário assustado,

perfeitamente! Conheço-o suficientemente bem! Tenho a certeza de que era ele! Vi-o claramente! Daqui concluem que deve ser a Alma de tal pessoa, porque, dizem elas, tinha o seu próprio Semblante e as suas Roupas vestidas: ora, montado no mesmo Cavalo em que costumava montar: quando a verdade do Caso é esta, o Homem está morto, o seu Corpo a apodrecer na Sepultura, a sua Alma levada para as Regiões remotas de Felicidade eterna ou Horror inalterável, e isso imóvel quanto a retornar por este Caminho: as suas roupas que foram vistas, jazem na Arca, ou no Armário, onde costumavam jazer, e o pobre Cavalo a pastar no Campo, ou talvez quieto na Estrebaria, e de modo algum perturbado.

Tudo o que há a dizer é que o bom Anjo, que talvez tivesse alguma missão secreta para a Viúva ou os Remanescentes da Família do Homem; para lhes dar Aviso de algum Mal, para prevenir, para admoestar, &c. assume a Forma e Aparição do próprio Homem, veste-se à sua Semelhança, forma a Aparição no Ar, das suas Roupas, do seu Semblante, do seu Cavalo, tal como um Pintor veste a tela em que pinta com Rostos, Posturas, Hábitos, Vestes, tudo em Cores, enquanto a pessoa passiva representada de modo algum é afetada ou interessada no Desenho que a representa.

E por que razão não haveria este Espírito, assim comissionado para cumprir tal incumbência, de ser capaz de nos entreter com a Aparição de uma Pessoa partida; assumindo a sua Forma, Semblante, Roupas, &c. embora a Alma da Pessoa não seja afetada por isso, nem nele esteja interessada? quando se sabe que frequentemente vemos Aparições de Pessoas vivas, as quais vemos e com quem falamos e conversamos; conhecemos os seus Rostos, as suas Vozes, as suas Roupas; e contudo as próprias Pessoas nada sabem do assunto.

Tenho comigo uma História muito divertida sobre este Assunto, a qual abreviarei para o presente propósito, como se segue, viz.

Uma certa jovem Senhora de -------- nascida no Condado de ------- fora há muito cortejada por um jovem Gentil-homem, cujo Pai tinha uma propriedade muito boa na mesma Vila: ela tinha-lhe feito Companhia demasiado abertamente, mas não cedera às suas Importunações para uma Conversa criminosa, embora a sua Reputação sofresse por isso como se o tivesse feito; mas por fim ela foi de tal modo persuadida que marcou um encontro para estar a uma certa hora na Casa de um Lavrador, um Inquilino do Pai dele, e que estavam, ao que parece, a par do segredo iníquo. Assim sendo, ela veste-se com o melhor da sua Arte, para se recomendar (ao Diabo, poderei dizer;) e lá vai ela ao encontro dele, levando a sua Criada para a acompanhar, porque era através de alguns campos que tinha de passar.

Quando estava perto da Casa, encontra alguma Desculpa ou incumbência para mandar a Criada de volta à Vila; a Rapariga, ao que parece, não estando ao corrente do Negócio.

Ao virar-se para dispensar a Criada, a Rapariga ofereceu-se para ir mais longe até estar mais perto da Casa; mas a sua Patroa vê o Ministro da Vila a vir pelo Caminho, e dando essa desculpa, Oh, diz ela, ali vem o nosso Ministro, o Dr. ----- , por isso terei a sua Companhia; podes voltar, Mary, eu estarei suficientemente segura.

A Criada vê também o Ministro, e volta para trás em conformidade.

Assim que o Ministro chegou ao pé dela (pois parecia tê-la alcançado rapidamente), faz-lhe o Cumprimento habitual e pergunta-lhe como vinha ela pelos Campos sozinha?

Ela respondeu que não estivera sozinha, mas tendo tido Ocasião de mandar a sua Criada de volta, dispensou-a mais cedo porque o viu a ele vir; e além disso, diz ela, vou apenas àquela Casa ali, nomeando o Nome do Lavrador.

Oh, SENHORA, diz o Doutor, ides para lá? então eu conheço a vossa missão.

Ela ficou surpresa e corou, mas recompondo-se um pouco, Que missão, Senhor? diz ela.

Ora, Senhora, diz ele, poderá não ser apropriado para mim nomear o Negócio; mas vós conhece-lo suficientemente bem.

O que quereis dizer, Senhor? diz ela. Não vos entendo.

Ora, diz ele, o vosso Favorito, o jovem Escudeiro, está lá à vossa espera.

Ela ficou terrivelmente surpresa então, e mal conseguia falar-lhe, tocada pela Vergonha e pela Indignação; supondo que o jovem Gentil-homem se tinha gabado dos seus Favores antes de os ter recebido, e que a tinha traído: contudo, continuou a fingir estranheza: e tendo-se, pode supor-se, vencido a sua Modéstia ao ponto de fazer uma Promessa ou marcação para lhe sacrificar a sua Virtude, poderia mais facilmente vencer a Surpresa; por isso pareceu não dar importância.

Mas, Senhora, diz o Ministro, se aceitásseis o meu Conselho e aí ele parou.

Que Conselho, Senhor? diz ela. Não entendo o que quereis dizer.

Ora, eu aconselhar-vos-ia a voltar para a Vila outra vez; e não ir para o caminho do Mal.

Ela ainda resistiu, e afastou-o com a Resposta habitual, Não vos entendo; o que quereis dizer? e coisas semelhantes; mas por fim o Ministro, elevando um pouco a sua Voz, como a de um severo Repressor,

Vinde, vinde, jovem Senhora, diz ele, não podeis ocultar os vossos Propósitos iníquos; fizestes com o Sr. ----- uma marcação; ele convenceu-vos ontem à Noite, e vós agora preparastes-vos com os vossos Adornos para o encontrar, e prostituir a vossa Virtude, e a vossa Honra, e a vossa Consciência, tudo para o seu corrupto apetite vicioso; e eu sei disso, podeis ver que sei; o meu conselho para vós é que volteis e quebreis a vossa promessa iníqua, e que vos arrependais de a ter feito. Eu dar-lhe-ei o mesmo conselho daqui a pouco.

Se ela estava surpresa antes, ficou confundida agora, em parte com Horror pelo próprio Facto, do qual agora estava um pouco tocada pelo Sentido; e em parte, mas Dez Vezes mais, com a Vergonha de que fosse conhecido. Isso pô-la em tal Confusão que, ao princípio, não pôde responder uma Palavra; mas passado um pouco disse: Se sabeis que o Gentil-homem lá está, Senhor, eu não irei, especialmente visto que tendes tão maus Pensamentos de mim: e ao dizer isto virou-se e foi diretamente para trás outra vez, e o Ministro foi-se dela em direção à Casa. Como o Lavrador vivia apenas a um pequeno passo do Lugar onde ela estivera a falar com ele, ela olhou para trás e viu-o entrar na Casa, e a Porta fechar-se atrás dele.

Qualquer pessoa suporá que, perante este choque no seu Desígnio, e sendo não só frustrada nos seus Prazeres iníquos, mas exposta e traída, como imaginava, pelo seu Amante; ela foi diretamente para casa sem qualquer demora, e ali deu vazão às suas Paixões com a maior Raiva, e com todo o Ressentimento que tal tratamento vil lhe poderia inspirar.

O Gentil-homem, por outro lado, estando extremamente frustrado, e não sabendo qual poderia ser a razão disso, depois de ter esperado muito tempo, voltou para ver o que se passava, acreditando que ela teria adoecido, ou que algo de muito extraordinário tinha acontecido.

Quando chegou à Casa (ela vivia, ao que parece, com uma Tia, cujo Marido era também dependente do Pai do jovem Gentil-homem), ele perguntou pela sua Amada; mas a sua Criada trouxe-lhe a Resposta de que não se podia falar com ela.

Não sendo essa Resposta satisfatória, e tendo-se recusado a aceitar como resposta mais duas ou três desculpas semelhantes, por fim ela mandou-lhe dizer claramente que nada tinha a dizer-lhe; e que não só não o veria agora, mas nunca mais o veria.

Surpreso com isto, e não sendo capaz de adivinhar o Significado disso, ele vai-se embora; mas na manhã seguinte escreve-lhe uma Carta muito civil e obrigatória, onde, por entre abundância das habituais Expressões de amantes, implora saber o que tinha feito para merecer tal Tratamento, e que ela lhe desse a conhecer pelo menos tanto das Causas do seu Desagrado que o pusesse no caminho de se limpar; protestando que não sabia do menor Passo que tivesse dado para a desobrigar, exceto em comparecer pontualmente à marcação deles; e tendo tido a Mortificação de estar sentado cinco Horas sozinho, na Expectativa da sua Companhia.

Em Resposta à dele, ela enviou-lhe uma longa Carta, cheia de Reprovas pelo seu vil Uso para com ela, atraindo-a a uma pecaminosa e vergonhosa complacência com ele, e depois expondo-a e triunfando sobre a sua Fraqueza; fazendo dela com uma mão o pretendido Objeto do seu Amor, e com a outra o Escárnio dos seus Companheiros. Ela censurou-o por lhe dizer que estivera sentado cinco Horas sozinho, ao passo que tivera muito melhor Companhia do que ela poderia ter sido; visto que o bom Doutor, que a tinha admoestado a não se expor ao encontrar-se com ele, lhe tinha dado o mesmo bom Conselho que tinha dado a ela, e por isso não fizera tão mau uso da sua Traição ao traí-la como ele esperava.

Ela concluiu dizendo-lhe que fora a sua Felicidade que isto tivesse chegado ao seu Conhecimento antes de se ter lançado nos Braços de um Traidor; e embora ele lhe tivesse feito a injustiça de se gabar da sua Fraqueza, agradecia a Deus por ele triunfar quando ganhara apenas metade de uma Vitória; que lhe estava infinitamente grata pelo seu Livramento, e que essa fora a única Obrigação que ele lhe tinha imposto.

Se eu pudesse dar-vos o Entretenimento de todas as Cartas que passaram entre eles, enquanto ambos estavam sob o espanto da Parte misteriosa e perfeitamente ignorantes da Ocasião, e depois acrescentar a surpresa da Descoberta, daria para dois Atos de uma boa Comédia; mas devo encurtar a História tanto quanto puder.

Ele ficou tão surpreso com esta Resposta da sua Amada que não sabia o que pensar dela, e especialmente daqueles Parágrafos que se referiam à admoestação do bom Doutor e a estar na sua Companhia; tudo o que, como ele realmente nada soubera disso, assim não havia como adivinhar o significado. Era impossível ter sequer a menor Noção sobre o assunto; era tudo Confusão e Escuridão, e sem o menor Significado que ele pudesse alcançar. Numa palavra, abundância de Cartas passaram entre eles, mas ela continuava a tratá-lo da mesma maneira, falava no mesmo estilo sobre a traição dele, e que ele agira exatamente como o

Diabo, primeiro para tentar e depois para acusar; primeiro para a atrair com mil Importunações e depois expô-la por ter cedido.

Ela censurou-o [pelas muitas Solicitações e Protestos de Afeto, e apelou a ele para testemunhar se ele tinha feito uma Conquista fácil, e se ela não tinha resistido por tanto tempo aos seus mais incessantes Assaltos; desafiou-o a dizer-lhe por quanto tempo a tinha cercado, e se ela não tinha cedido por fim apenas sob uma Capitulação honrosa, embora infelizmente ela tivesse concedido a Posse sem as devidas Seguranças. Perguntou-lhe por que razão, quando ele triunfara sobre a sua Honra, não tivera tanta Generosidade para admitir o que o Tratado lhe tinha custado, e quanto tempo passara antes de ele ter ganho aquele pouco de que se gabava?

Ele protestou extensamente que estava perfeitamente surpreso com todo o Assunto, não entendia uma única Palavra dele, não conseguia mergulhar no Significado dela, abominava o Pensamento daquilo de que ela o acusava; e por fim insistiu com muito calor em que ela se explicasse, e que de outro modo, visto que ela lhe fazia tanta Injustiça, ele faria Justiça a si mesmo; pois ouvira dizer que ela tornava o assunto demasiado público, e que embora ainda não o tivesse feito, por ser zeloso do Caráter dela, contudo não podia suportar ser tratado desta maneira e não saber algo da Razão disso.

Por fim, pressionou-a para que o deixasse apenas falar com ela; o que, embora tenha demorado muito até que ela o concedesse, contudo ela acedeu por fim, para que ele não a expusesse.

Nesta Entrevista começaram a chegar a um Entendimento; ela admitiu que estava a caminho do Lugar, mas que viu o Ministro entrar mesmo antes dela, o que a fez voltar para trás; mas não lhe disse uma Palavra sobre ter visto o Ministro no Caminho.

Ele protestou que nenhum Ministro tinha vindo ter com ele, nem entrado na Casa; e depois trouxe as Pessoas da Casa para testemunharem o mesmo; que ele estivera sentado todo o tempo no Salão a ler um Livro, e que nenhuma Criatura se aproximara dele, nem sequer da Porta.

Isto sobressaltou-a; e por fim, com muita Importunação, ela contou-lhe a História toda do seu encontro com o Doutor nos Campos; e, numa palavra, como o Doutor lhe disse para onde ela ia, e para quem; que ele estava lá à espera dela; e, o que a confundiu pior do que tudo, lhe tinha dito o que ela ia fazer; acrescentando que ela tinha feito a Promessa na noite anterior, e que ele, referindo-se ao Gentil-homem, lhe tinha contado isso.

N. B. Nesta Parte ela estava enganada; o Doutor disse que lhe tinham contado isso assim que ela fizera a Promessa, e como ela, na sua Surpresa, entendeu, que ele dissera que o Gentil-homem lho contara.

Ele estava tão cheio desta pesada Acusação, e ele próprio em cada parte tão limpo dela, que era impossível ele ficar quieto com isso. Não sabia o que pensar da situação, sabia muito bem que nunca tinha aberto a sua Boca a ninguém, Homem, Mulher ou Criança sobre o assunto; que o Lavrador, ou qualquer pessoa da sua Família, não sabia uma Palavra disso, apenas que ele se ia encontrar com ela ali, como frequentemente tinham feito antes, e de forma suficientemente inocente; e ele não podia supor que ela fosse tão fraca a ponto de falar disso ela própria; de modo que ainda não conseguia imaginar o que poderia ser.

Alguns Dias forneceram-lhe a Oportunidade de falar com o próprio Ministro, que vinha frequentemente à Casa do seu Pai; e estando um Dia com muita liberdade com ele, brincou com ele por o ter impedido de duas ou três Horas de muito boa Companhia.

O Doutor respondeu-lhe que teria muita pena de ser culpado de algo tão rude, e desejou saber como poderia ser.

Ora, Doutor, diz ele, estávamos com alguns Amigos muito animados em tal Casa; (insinuando que havia mais Companhia;) e tal Senhora, diz ele, (nomeando-a,) vinha ter connosco, e vós encontraste-la e persuadiste-la a voltar para trás.

SENHOR, diz o Doutor, tenho apenas uma Satisfação em toda a História, e é que ela não pode ser verdadeira, como em breve vos convencerei.

NADA disso, Doutor, diz o Gentil-homem, não vo-lo digo por Conhecimento próprio.

NÃO, Senhor, diz o Doutor, e eu não teria tão pouco Respeito que vos dissesse que era falso, se mo tivésseis dito por vosso próprio Conhecimento.

MAS assegurais-me, diz o Gentil-homem, que não é verdade?

ASSEGURO-VOS, diz o Doutor, pela minha Palavra, que nada sei disso.

ORA, Doutor, diz o Gentil-homem, dais-me a vossa Palavra de que não a encontrastes nos Campos, junto à Casa do Lavrador G------ no décimo primeiro Dia do mês passado, sendo Agosto? pois tenho tudo aqui escrito em preto e branco*.

*Ele puxa do seu Livro de Notas e procura o Dia do Mês.

NÃO só não nesse Dia, diz o Doutor, como nunca a vi nesses Campos, ou em quaisquer outros Campos, na minha Vida.

ORA, surpreendeis-me, Doutor, diz o Gentil-homem; é impossível.

APELO para a própria Senhora, diz o Doutor.

NADA disso, Doutor, diz o Gentil-homem, se apelais para ela, estais perdido; pois eu jurarei que ela própria mo disse.

Isto confundiu o Doutor por um curto espaço de tempo, mas ele logo se recompôs; Senhor, diz ele, ia pedir-vos que fôssemos visitar a Sra. ----- juntos, e que eu pudesse ouvi-lo dela própria; mas ao recordar todas as Circunstâncias, sinto-me muito feliz por uma coisa, a saber, que diga ela o que disser, e mais quarenta Senhoras, posso provar-vos que é impossível que seja verdade.

Isso de facto porá um Fim a tudo, diz o Gentil-homem; mas como podeis fazer isso?

ORA, Senhor, diz o Doutor, tendes a certeza de que ela não vos dá um Dia errado?

NÃO, não, diz o Gentil-homem, tenho uma Razão para que não possa ser um Erro do Dia, pois tenho um Memorando desse Dia por uma *Ocasião* assinalável.

*Ele o tinha anotado no seu Livro por Ocasião de ter ficado frustrado.

E não é Erro da Senhora então, diz o Doutor; pois sabeis que as Mulheres nem sempre são as mais exatas nas suas Contas de Dias, nem de Meses, a menos que seja por piores Contas do que aquelas pelas quais creio que se iam encontrar.

BEM, Doutor, diz o Gentil-homem, mas tenho a certeza do Dia, pois tenho-o no meu Livro.

NADA disso, se estivesse errado um Dia ou dois, diz o Doutor, não importa; pois, como disse antes, nunca a vi no Campo na minha Vida; ou se a pude ver entre outras Pessoas, tenho a certeza de que nunca lhe falei. Mas além disso, Senhor, digo-vos, isto não pode ser verdade, pois estive em Londres todo esse mês passado até ao Dia 25, de modo que é impossível.

Aqui o Discurso quebrou-se necessariamente: o Gentil-homem não quis revelar a sua Surpresa, mas disse-lhe que indagaria mais sobre o assunto; e sobre isso volta imediatamente para junto da Senhora, censura-a um pouco por ela inventar tal História para arranjar uma Querela; mas não lhe dizendo de todo que estivera com o Ministro; apenas, como ele poderia facilmente saber por outras Circunstâncias que o Doutor estivera fora da Vila, disse-lhe que não a teria acusado de tal coisa em termos tão duros, se não tivesse chegado a uma Certeza,

ao olhar um pouco para trás, de que não era apenas falso, mas que era impossível ser verdade.

Tiveram um longo Diálogo sobre esse Ponto; e como ele não lhe disse imediatamente as Circunstâncias, pensando que tinha uma pequena Vantagem sobre ela, brincou com ela de forma bastante astuta, pareceu rir-se de ela querer primeiro pregar-lhe tal Logro e depois contar uma História tão formal para o sustentar, e para desculpar a sua Quebra de Promessa, e que nem uma Palavra de Verdade haveria nela.

Ela recebeu este troçar com Desdém, e disse-lhe que começava agora a descobrir que tipo de Homem era aquele por quem estivera tão perto de ser arruinada; e que estivera de facto em boas Mãos, que podiam pretender mofar dela desta maneira; que teria sido finamente tratada, se o bom Ministro não tivesse sido enviado do Céu para a salvar de ser duplamente perdida.

Ele disse-lhe que ela se zangava depressa; mas isso tocou-lhe no âmago; contudo, Senhora, diz ele, não difamareis o bom Homem, pois ele não teve parte nisso.

BEM, bem, diz ela, posso rir-me melhor de vós por essa Loucura, do que o teria feito por algo demasiado vil para nomear, se tivesse caído nas vossas Mãos: Pois, diz ela, tenho agora demasiada Razão para dizer que tinha a certeza de ter sido tanto traída como exposta.

Ele disse que ela se tornava escandalosa, e passava de uma História para outra; que lhe contara uma História falsa e queria abandoná-la; pediu-lhe que se mantivesse numa coisa e fosse até ao fim dessa primeiro.

Ela corou e, elevando a Voz, disse-lhe que era abaixo de um Gentil-homem chamar mentirosa a uma Mulher; que

Acreditava que, se ela fosse um Homem, ele não se atreveria a dizer-lhe aquilo.

Ele disse-lhe que ela estava louca, e que por acaso dissera uma coisa falsa, e estava furiosa porque não conseguia sair dela.

Ela disse-lhe que ele lhe mostrava de novo que não era nenhum Gentil-homem; que se ele lhe chamasse mentirosa de novo ela lhe cuspiria na Cara; e que se ele lhe fornecesse uma Espada, ela faria justiça a si própria e dar-lhe-ia Satisfação tão justamente como se fosse um Homem; e que por ele lhe ter chamado mentirosa, ela lho atirava de volta à Cara, ele que fizesse o melhor que pudesse com isso.

Isso é feito galhardamente, diz ele, Senhora de facto, aqui tendes uma Espada para vós; e oferece-lhe a sua própria, colocando-a sobre a Mesa diante dela.

AINDA não estais quites comigo, diz ela; desdenho tanto pegar numa Espada contra um Homem Nu; como vós deveríeis ter desdenhado, se fôsseis um Gentil-homem, chamar mentirosa a uma Mulher.

Ele começou agora a descobrir que ela era demasiado forte para ele; mas voltou à Questão.

BEM, Senhora, diz ele, admitireis que estais errada, se eu vos provar o que disse há pouco, que aquilo de que me acusais não só é falso, como não pode ser verdade?

SIM, sim, diz ela, o que não pode ser verdade tem de ser falso; mas o que é que isso faz por vós?

BEM, diz ele, arriscareis tanto nisso como-----

Aqui ela interrompeu-o com algum calor: diz ela, Arriscarei a minha Vida nisso.

NÃO, Senhora, não a vossa Vida, diz ele, apenas vos obrigareis a cumprir a vossa Promessa, se eu o provar; e prometo nunca mais vo-lo pedir, se não o fizer.

NÃO posso ir tão longe outra vez, nem para salvar a Vida; mas consinto livremente em morrer de qualquer Morte no Mundo, que não seja por Tortura demorada, se conseguirdes fazê-lo.

ORA então, Senhora, diz ele, sabeis que a nossa marcação foi em tal Dia: e assim enumerou-lhe os Dias, até que ela entendeu o Cálculo e concordou que assim fora.

BEM, foi em tal Dia, diz ela, e nesse Dia vi e falei com o Doutor em tal lugar.

BEM, Senhora, diz ele, e nesse Dia, e em toda essa parte do Mês por vários Dias tanto antes como depois, o Doutor estava em Londres, eu lembro-me disso, e vós sabê-lo-eis por muito boas Circunstâncias, tais que não podem ser negadas. Sei-o por vários Particulares.

Aqui ele relatou-lhe várias Circunstâncias, como se as soubesse pelos seus próprios Assuntos, não lhe deixando saber de todo que vira o Doutor e falara com ele sobre o assunto.

Ela riu-se dele ao princípio, e disse-lhe que ele fora demasiado astuto para ela antes; mas ela era demasiado astuta para isto agora: que poderia ser enganada em muitas coisas; mas quando via um Homem que conhecia, e conhecia desde

Criança, e falava com um Homem a quem falara mil vezes, e ouvira Pregar durante quase quinze Anos, ele não deve pensar em vencê-la com Palavras: que lhe assegurava que assim fora, e ali acabava a coisa.

BEM, Senhora, diz ele, e pretendeis que ele veio à Casa também enquanto eu lá estava? Como pretendeis provar isso?

APENAS, diz ela, que fiquei quieta com os meus Olhos abertos, vi-o à Porta, vi o pequeno Jacky G------ , o Filho do Lavrador, abrir-lhe a Porta, fazer-lhe uma vénia, vi o Doutor entrar, vi a Porta fechar-se de novo quando ele estava lá dentro; é tudo, diz ela, e sorriu.

BEM, diz ele, apenas posso dizer isto, hei de chegar ao fundo disto; pois não serei acusado de vos tratar mal, quando nada sei disso.

NÃO, não, diz ela, não digo que sou mal tratada, sou bem tratada, muito bem: e aqui ela assume um Ar de Satisfação e canta*,

*Fugir do Diabo é pedir-lhe que persiga; E ele certamente não precisa de convite: Mas se o assaltas, ele depressa foge, Pois o Diabo nunca foi de combate.*

*O Diabo pode tentar, mas não pode compelir; Pode lisonjear, iludir e convidar-nos; Mas nunca preencheria a sua quota no Inferno Se apenas nos viesse tiranizar e assustar.*

*Mas uma vez que saímos das suas garras, Ele ruge e berra como um touro: Tal é a sua malícia e vacuidade, E contudo ele de veneno está tão cheio.*

*A maneira então de lidar com o Diabo, É com as suas próprias armas combatê-lo: Quando ele solta o seu rugido, provoca-o mais, E que veja ele apenas que o desprezas.*

*Pois o Diabo é um cobarde de natureza, Um lastimável e pobre poltrão; Se apenas pegas no chicote, ele foge de ti; E antes de o poderes fustigar, ele correrá.*

O Canto dela pô-lo em Fúria; pois ele tomou a sua Canção do Diabo como referindo-se a si próprio; e disse-lhe que era uma Ficção escandalosa da sua autoria, e que ela ouviria mais da parte dele; e assim preparou-se para sair.

Ela disse-lhe que fizesse o seu pior, e fez-lhe uma vénia, como se supusesse que ele estava precisamente de saída; e agora riu-se abertamente dele.

Mas ele ainda não podia ir-se embora; disse-lhe que não queria que ela se expusesse, que ela não devia tratá-lo assim, e que apenas o obrigaria a fazê-la ter vergonha disso.

Ela disse-lhe que era um bom Conselho dizer-lhe para não se expor, e ela tinha tanto mais necessidade dele; porque ele já a tinha exposto tanto.

Então ele disse-lhe que traria o Lavrador e toda a sua Família até ela, para provar que o Doutor não estivera lá nesse Dia, nem durante cinco Meses antes; e o Rapaz testemunharia que nunca o viu, nem abriu a Porta, nem o deixou entrar.

BEM, Senhor, diz ela, agora chegais ao Ponto; rogo que tudo isso seja feito: Mas deixai-me perguntar-vos uma coisa para pensardes enquanto prosseguis; pensais que eu conheço o Doutor, o nosso Ministro?

SIM, Senhora, diz ele, creio que o conheceis suficientemente bem, e isso faz-me maravilhar ainda mais convosco.

BEM, e pensais que a minha Criada Mary o conhece? diz ela.

SIM, diz ele, creio que o conhece; pois ela nasceu na Vila.

BEM, diz ela, então tenho uma Testemunha do meu lado; ouvireis o que ela diz.

ORA, Senhora, diz ele, a Mary estava convosco?

Ouvireis agora mesmo, diz ela.

Assim ela toca um pequeno Sino, e entra a sua Criada.

Patr. Mary, não te lembras de teres saído comigo para o Campo um Dia no mês passado?

Cri. O QUÊ, quando fostes ao Lavrador G------ , Senhora, e me mandastes de volta?

Patr. SIM; não te lembras de que desejavas muito ir mais longe?

Cri. SIM, Senhora, tinha medo que atravessásseis o último Campo sozinha.

Patr. MAS o que é que eu te disse, Mary?

Cri. ORA, obrigastes-me a voltar para trás; pela mesma razão que vimos o nosso Ministro, o Dr., a vir atrás de nós, e vós dissestes que o Doutor vos veria em segurança; e assim vim-me embora contente quando o vi.

Patr. TENS a certeza de que era o Doutor, Mary?

Cri. CERTEZA, Senhora! sim: ora, ele falou comigo.

Patr. O QUE é que ele te disse?

Cri. DISSE: Como está, Sra. Mary? e tocou no seu Chapéu, tal como costumava fazer.

BEM, Senhor, diz ela, então vedes que eu não estava bêbeda, nem andei a dormir. Se fosse conveniente, eu mandaria buscar o Doutor este Minuto, e ele dir-vos-ia o que me disse.

Conveniente ou não conveniente, diz ele, mandarei buscá-lo, ou irei ter com ele, pois hei de descobrir: e então jurou um pouco.

Isso é quase tão amável como todo o resto, diz ela; antes expor qualquer pessoa do que a vós próprio; mas fazei o vosso pior, *o laço quebrou-se e eu escapei*, isso expor-vos-á a vós próprio por fim.

VINDE, Senhora, diz ele, vereis que posso falar disso com o Doutor, e isso diante da vossa Face; e contudo ele nada saberá do assunto.

SEI um pouco demais sobre isso, diz ela; ele nada saberá disso! e então sorriu.

Isto pô-lo quase fora de todo o Temperamento, e ele deu-lhe más Palavras de novo; e por fim acrescentou a História toda, e disse-lhe abertamente que já tinha falado com o Doutor; e que ele protestara solenemente que nada sabia do assunto, e que nunca a vira ou falara com ela há tanto tempo, nomeando o tempo em que lhe falara pela última vez; da mesma forma disse-lhe o que o Doutor dissera sobre ter estado em Londres todas aquelas três Semanas quando isto aconteceu.

Ela começou a ficar maravilhada, e um pouco confundida com isto; mas recompondo-se, disse-lhe que, se o próprio Doutor estivesse ali, ela tinha uma resposta direta para lhe dar, pois não era uma Papista para acreditar num Padre contra os seus próprios Sentidos.

Que resposta podeis dar, Senhora, diz ele, quando o Doutor provar por vinte Testemunhas, se necessário fosse, que esteve em Londres, a quase cem Milhas de distância, todo o tempo?

ORA, a minha Resposta seria esta, que ou era ele ou era o Diabo.

BEM, então era o Diabo, diz ele; não disputarei isso convosco, Senhora.

NÃO, não, diz ela, posso assegurar-vos que não podia ser o Diabo; posso convencer-vos; reconhecê-lo-eis daqui a pouco: pensais que o Diabo me teria feito voltar para trás, quando ele sabia a terrível missão que eu ia cumprir?

NADA disso, diz ele calmamente, confesso que essa é a melhor coisa que dissestes até agora; quem poderia então ser? diz ele; pois é claro que não podia ser o Doutor.

ENTÃO, diz ela, deve ser alguma Aparição celestial nas Roupas do Doutor, pois não conheci apenas o seu Rosto e a sua Voz, mas a sua própria Toga; e se

era um bom Anjo, tenho tanto mais razão para estar grata por ele me ter impedido de correr para os Braços do Diabo: e com isto desatou a chorar, não pôde aguentar mais.

Bem, eles separaram-se após esta Disputa, pois ele próprio ficou um pouco intimidado.

Mas a minha História não termina aqui; pois passado um pouco aconteceu algo que explicou todo o resto: A Senhora tinha uma Visita para fazer na Casa de um Vizinho, que vivia um pouco fora da Vila, apenas por cima de uma pequena Propriedade, que ela era obrigada a atravessar: Ora, enquanto atravessava esse Próximo ou Propriedade, quem haveria ela de encontrar senão o Doutor de novo; e viu-o um bom bocado antes de ele chegar ao pé dela.

Ela ficou surpresa ao vê-lo; e se pudesse tê-lo evitado, tê-lo-ia feito: mas era impossível. Quando ele chegou ao pé dela, tirou o seu Chapéu muito cortesmente, e imediatamente começou a discorrer sobre o que lhe dissera antes; mas não tomou qualquer Conhecimento de isso ter sido negado.

SENHOR, diz ela, fui muito mal tratada por causa do Trabalho daquele Dia.

SEI-O, diz ele, sei-o, repetindo as Palavras: Mas a vossa Inocência será aclarada, eu próprio o farei; estai grata por terdes escapado ao Laço: E assim, não lhe dando tempo para responder, passou por ela sem se despedir: o que, sendo um pouco Particular, a fez virar a Cabeça para olhar para ele: Mas embora fosse no meio do Campo, que era demasiado grande para ele estar fora dele se tivesse voado tão rápido como um Pombo (pois não passou mais do que um Momento, nem um Segundo de Tempo), ele tinha ido, e ela nada via.

Ela ficou excessivamente surpresa e pronta a afundar-se no Chão; ficou tão assustada que não pôde evitar sentar-se mesmo sobre a Erva; pois as suas Articulações tremiam debaixo dela, de tal modo que não se podia manter de pé.

Aconteceu que uma pobre Mulher da Vila atravessava a Propriedade na mesma conjuntura e, conhecendo-a, ela chamou-a para vir ajudá-la a levantar-se. Não contou à Mulher o que lhe tinha acontecido, mas que fora tomada por um acesso de tremor, e que se não se tivesse sentado teria caído; tudo o que era verdade: assim a pobre Mulher ajudou-a a levantar-se, e levou-a para casa, onde ela continuou muito mal do Susto durante vários Dias.

Neste tempo ela teve um desejo muito grande de ver o Gentil-homem, pois pelo que a Aparição lhe dissera, não tinha dúvida de que ele também a vira.

Passado algum tempo ele ouviu dizer que ela estava muito doente, e pensando que o que lhe dissera pudesse ter tido alguma influência sobre ela, para a magoar,

resolveu ir visitá-la; pois embora a tivesse perturbado bastante; contudo, como disse depois, amava-a muito bem; e tanto melhor por ela ter recuperado tão oportunamente a sua Virtude e bons Princípios; e muito melhor do que acreditava que teria feito, se tivesse tido a sua Vontade com ela, como certamente teria tido, se ela o tivesse encontrado aquela vez em casa do Lavrador.

Com estes pensamentos amáveis, ele foi visitá-la; e embora ela estivesse muito doente, quis ser levada para fora do seu quarto para o ver.

Após algumas amabilidades, ele disse-lhe francamente o motivo da sua visita, palavra por palavra como acima, e que vinha animá-la um pouco.

Ela agradeceu-lhe; mas disse-lhe que era verdade que a tinha perturbado extremamente pensar, primeiro, quão perto estivera da ruína total e, depois, quão desnecessariamente fora exposta por isso; e que, embora não tivesse culpa, como ele muito bem sabia, além daquela que residira no primeiro consentimento iníquo, fora tão exposta como se tivesse sido realmente a sua meretriz.

Ele protestou-lhe que nunca abrira os lábios sobre o assunto ao Doutor, nem a ninguém; e que fora o ressentimento por ser acusado disso que o tornara tão zangado, e nada mais; pois que desdenhava algo tão vil.

Ela disse-lhe que antes seria impossível para qualquer pessoa acreditar de outro modo; mas que acreditava que ele estava convencido de como tudo fora, agora; e que algo acontecera desde então que lhe abrira os olhos, embora quase a tivesse matado; e acreditava que ele também sabia algo sobre isso.

Ele quis saber o que era, pois protestou que nada sabia. O quê, diz ele, há mais mistérios?

Ela disse que não lho podia dizer, porque supunha que ele não acreditaria nela.

Ele respondeu que acreditaria nela em tudo o que devesse acreditar em alguém.

Ela disse-lhe que acreditava que não haveria ocasião para lhe dizer, pois não duvidava de que ele seria informado da mesma maneira que ela fora, se já não o estivesse.

Ele importunou-a encarecidamente para que lhe desse a saber o que era; e isso com um discurso de tal modo sério que ela imaginou que ele também vira algo; mas parece que não vira: contudo, ele tanto a entristeceu que, por fim, ela lhe deu a conhecer a história toda, como acima.

Há muito mais que pertence a esta história, o que seria muito divertido, e não sem as suas utilidades também; mas como o relato particular não entra na alçada

do meu próprio conhecimento, não posso afiançar todos os pormenores, pelo menos não suficientemente.

Contudo, basta para o caso em questão: se a aparição veio para impedir esta pobre e iludida jovem senhora de se prostituir a um homem que a tinha seduzido em termos tão desonrosos, não poderia ser certamente o Diabo, ou qualquer espírito da sua laia, ou sob o seu governo e direção; ele nunca a teria exortado a voltar atrás, repreendido pelo crime e convencido a acreditar que lhe fora revelado pela traição do seu amante.

Este deve ser certamente um daqueles guardas angélicos que o Deus da natureza, em misericórdia para com a humanidade, colocou como um corpo destacado de espíritos para neutralizar o Diabo, impedir que o arqui-inimigo seduza as suas criaturas e submerja o mundo no crime; e se a história for como a recebi agora e a transmiti, parece uma disposição misericordiosa da Providência em favor do cavalheiro, bem como da senhora; e quer seja uma parábola ou uma história, a moral é a mesma, e o proveito dela também: aqueles que estão a correr o mesmo curso de loucura teriam razão para estar muito gratos se tivessem a certeza de encontrar o mesmo tipo de desilusão, e nunca diriam que fora o Diabo que lho contara.

O cavalheiro, ao que parece, não menosprezou a história tanto quanto ela esperava que ele fizesse, nem questionou a verdade de qualquer ou de cada parte dela; pois ela a contara com tanta firmeza, concordando sempre em cada detalhe, e deu relatos tão concordantes das circunstâncias conforme se relacionavam com o que acontecera antes, que era aparente não ser ilusão.

O que o deixava mais inquieto era que a aparição parecia prometer aparecer-lhe; e ele não tinha desejo de ser convencido por essa via. De facto, a história, pelo menos até onde tenho os pormenores, interrompe-se um pouco abruptamente ali e não diz se ele alguma vez viu algo ou não. Mas diz que isso fez dele um homem completamente diferente no seu modo de vida do que alguma vez fora; e particularmente ficou muito grato por ter sido impedido de ser tão iníquo com ela como, com toda a probabilidade, teria sido se isto não tivesse acontecido.

Ora, esta aparição, como se disse acima, não poderia, com qualquer espécie de razão, ser suposta como sendo o Diabo; pois por que haveria um espírito maligno de aparecer para impedir qualquer pessoa de fazer o mal? Por que assumiria uma forma real, nomeadamente a de um ministro na sua toga e batina, e que era na Aparição o próprio ministro da paróquia? Pois tudo isso ela afirmava constantemente, e duas coisas são inferências naturais disso.

Primeiro, que a aparição era real.

Segundo, que era um bom espírito.

Que os teólogos nos leiam lições sobre a natureza dos espíritos, e sobre até onde podem ou não tomar conhecimento dos assuntos humanos; com isso nada tenho a ver aqui; o meu trabalho é observar o facto, a saber, que eles vêm aqui, aparecem e são vistos, ouvidos e conversados, e que vêm em boas missões e, portanto, não é provável que sejam espíritos malignos ou diabos.

Tomai outro relato histórico que, embora não nomeie nomes, tenho muito boa autoridade para a verdade de tal, e isso mais particularmente do que para o outro.

Um cavalheiro de muito boa propriedade casou com uma senhora de também boa fortuna, e teve um filho dela, e uma filha, e não mais, e após alguns anos a sua senhora morreu. Ele logo casou em segundas núpcias; e a sua segunda esposa, embora de uma qualidade e fortuna inferior à da anterior, tomou para si a tarefa de desencorajar e desfavorecer os filhos dele com a sua primeira senhora, e tornou a família muito desconfortável, tanto para os filhos como para o pai também.

A primeira coisa de consequência que esta conduta da madrasta produziu na família foi que o filho, que começava a ser um homem, pediu licença ao pai para ir para o estrangeiro viajar. A madrasta, embora suficientemente disposta a livrar-se do jovem, contudo, porque isso exigiria algo considerável para sustentar as suas despesas no estrangeiro, opôs-se violentamente, e levou o pai dele também a recusar-lhe, depois de ele ter dado livremente o seu consentimento.

Isto afetou tanto o jovem cavalheiro que, após usar toda a aplicação respeitosa junto do seu pai que lhe foi possível fazer, tanto por si mesmo como por alguns outros parentes, mas sem propósito; e sendo um pouco encorajado por um tio, que era irmão da sua mãe, a primeira senhora do seu pai, resolveu ir para o estrangeiro sem licença, e assim o fez.

Para que parte do mundo viajou, não me recordo; parece que o seu pai teve notícias constantes dele durante algum tempo, e foi convencido a fazer uma mesada razoável para a sua subsistência, para a qual o jovem cavalheiro sempre sacava letras, e elas eram honradamente pagas; mas após algum tempo, prevalecendo a madrasta em casa, uma das suas letras de câmbio foi recusada e, sendo protestada, foi enviada de volta sem aceitação; sobre o que ele não sacou mais, nem escreveu mais cartas, nem o seu pai soube nada dele por mais de quatro anos, ou por volta disso.

Perante este longo silêncio, a madrasta aproveitou-se de várias maneiras; primeiro deu a entender ao pai dele que ele estaria certamente morto; e consequentemente, a sua propriedade deveria ser estabelecida no filho mais velho

dela (pois ela tinha vários filhos). O pai resistiu à moção muito firmemente, mas a esposa fustigou-o com as suas importunações; e ela argumentou sobre dois pontos contra ele, refiro-me ao filho.

Primeiro, se ele estava morto, então não havia lugar para objeção, sendo o filho dela herdeiro legítimo.

Segundo, se ele não estava morto, o seu comportamento para com o seu pai ao não escrever por tanto tempo era indesculpável, e ele deveria ressentir-se disso, e estabelecer a [327] propriedade como se ele estivesse morto; que nada poderia ser mais exonerante, e o seu pai deveria dar como certo que ele estava morto, e tratá-lo como se o estivesse; pois aquele que trataria um pai assim, deveria ser tomado por morto quanto à sua relação filial, e ser tratado em conformidade.

O pai, contudo, resistiu muito tempo, e disse-lhe que não podia responder por isso à sua consciência; que poderiam acontecer muitas coisas no mundo que poderiam tornar o seu filho incapaz de escrever; que ele poderia ser levado pelos turcos e levado para a escravatura; ou poderia estar entre os persas ou árabes (o que parece ter sido o caso) e assim não conseguir enviar nenhumas cartas; e que ele não podia estar satisfeito em deserdá-lo, até saber se tinha razão para tal ou não, ou se o seu filho o tinha ofendido ou não.

Estas respostas, por muito justas que fossem, estavam longe de parar as importunações dela, que ela levou tão longe que não lhe deu descanso, e isso tornou a família inquieta; ela portava-se muito mal com ele e, numa palavra, fazia os seus filhos fazerem o mesmo; e o cavalheiro estava tão exausto com isso que uma ou duas vezes chegou a uma espécie de consentimento para o fazer, mas o coração falhou-lhe, e então voltava atrás e recusava.

Contudo, tê-lo levado tão perto disso foi um encorajamento para ela prosseguir com as suas solicitações incessantes, até que por fim ele chegou a este ponto de um acordo provisório: que se não tivesse notícias do seu filho em tal tempo, ou antes dele, consentiria numa nova partilha da propriedade.

Ela não ficou bem satisfeita com o acordo condicional, mas não sendo capaz de obter outro, foi obrigada a aceitá-lo como era; embora, como ela frequentemente lhe dizia, estivesse longe de estar satisfeita com ele quanto ao tempo, pois ele o fixara em quatro anos, como acima.

Ele ficou zangado por ela lhe dizer isso, e respondeu que ela deveria estar muito bem satisfeita com ele, pois era tempo pouco que chegasse, conforme as circunstâncias do seu filho poderiam ser.

Bem, ela atormentou-o, porém, tão continuamente que por fim o baixou para um ano: mas antes de o levar a isso, disse-lhe um dia num ímpeto que esperava

que o fantasma dele um dia ou outro lhe aparecesse e lhe dissesse que estava morto, e que ele deveria fazer justiça aos seus outros filhos, pois ele nunca viria reclamar a sua propriedade.

Quando ele chegou, tão contra a sua vontade, a consentir em encurtar o tempo para um ano, disse-lhe que esperava que o fantasma do seu filho, embora ele não estivesse morto, viesse ter com ela e lhe dissesse que estava vivo, antes de o tempo expirar: Pois por que razão, diz ele, não podem as almas injuriadas caminhar enquanto encarnadas, tão bem como depois?

Aconteceu uma noite depois disto que tiveram uma altercação familiar muito violenta sobre o assunto, quando de repente uma mão apareceu numa janela de batente, tentando abri-la; mas como todas as janelas de ferro, usadas em tempos antigos, abriam para fora, mas fechavam-se ou prendiam-se por dentro, a mão parecia tentar abrir a janela, mas não conseguia.

O cavalheiro não a viu, mas a sua esposa viu, e ela logo deu um salto, como se estivesse assustada, e esquecendo a querela que tinham em mãos: Senhor, valha-me! diz ela, estão ladrões no jardim. O seu marido correu imediatamente para a porta da sala onde estavam sentados e, abrindo-a, olhou para fora.

Não está ninguém no jardim, diz ele; e bateu a porta de novo e voltou.

Tenho a certeza, diz ela, que vi um homem ali.

Deve ser o Diabo, então, diz ele, pois tenho a certeza de que não está ninguém no jardim.

Juro, diz ela, que vi um homem pôr a mão na janela aberta; mas achando-a presa, e suponho eu, acrescenta ela, vendo-nos na sala, foi-se embora.

É impossível ele ter ido, diz ele; não corri eu para a porta imediatamente? e sabes que os muros do jardim de ambos os lados o impedem de ir.

Ora essa, diz ela zangada, não estou bêbeda nem num sonho, conheço um homem quando o vejo, e não está escuro, o sol não se pôs totalmente.

Só estás assustada com sombras, diz ele, com muita má natureza; as pessoas geralmente estão assim quando são assombradas por uma má consciência: talvez fosse o Diabo.

Não, não, não me assusto depressa, diz ela; se era o Diabo, era o fantasma do seu filho: talvez tenha vindo dizer-lhe que foi para o Diabo, e que pode dar a sua propriedade ao seu bastardo mais velho, já que não a quer dar ao seu herdeiro legítimo.

Se era o meu filho, diz ele, veio dizer-nos que está vivo, garanto-te, e perguntar-te como podes ser tanto um diabo para me desejares que o deserde; e com essas palavras: Alexandre, diz ele em voz alta, repetindo-o duas vezes, levantando-se da sua cadeira, se estás vivo mostra-te, e não deixes que eu seja insultado assim todos os dias com estares morto.

A essas mesmas palavras, a janela onde a mão fora vista pela mãe abriu-se por si mesma, e o seu filho Alexandre olhou para dentro com o rosto inteiro e fitando diretamente a mãe com um semblante zangado, gritou "Aqui!", e então desapareceu num momento.

A mulher, que fora tão audaz antes, soltou um grito da maneira mais lúgubre, de modo que alarmou toda a casa; a sua criada correu para a sala para ver o que se passava, mas a patroa tinha desmaiado na sua cadeira.

Ela não tinha caído no chão porque, sendo uma grande cadeira de braços, afundou-se um pouco para trás contra o lado da cadeira e, vindo ajuda imediatamente, seguraram-na; mas não foi senão muito tempo depois que ela recuperou o suficiente para estar consciente de algo.

O seu marido correu imediatamente para a porta da sala e, abrindo-a, foi para o jardim, mas não havia nada; e depois disso correu para outra porta que abria da casa para o jardim, e depois para duas outras portas que abriam do seu jardim, uma para o pátio da cavalariça e outra para o campo além do jardim, mas encontrou-as todas bem fechadas e trancadas; mas de um lado estava o seu jardineiro e um rapaz, puxando o rolo de pedra: ele perguntou-lhes se mais alguém estivera no jardim, mas ambos afirmaram constantemente que ninguém ali estivera, e ambos estavam a rolar um caminho de cascalho perto da casa.

Sobre isto, ele volta para a sala, senta-se de novo e não disse uma palavra por um bom bocado; estando as mulheres e os criados todos ocupados e apressados, tentando recuperar a sua esposa.

Após algum tempo ela recuperou ao ponto de falar, e as primeiras palavras que disse foram: Senhor, valha-me! o que foi aquilo?

Ora, diz o seu marido, era o Alexandre, com certeza.

Com isso ela caiu num ataque, e gritou e berrou de novo muito terrivelmente.

O seu marido, não pensando que aquilo a teria afetado assim, fez o que pôde para a demover disso; mas tal não resultou, e foram obrigados a levá-la para a cama e arranjar-lhe ajuda; mas ela continuou doente por vários dias depois.

Contudo, isto pôs um fim por um tempo considerável às solicitações dela sobre deserdar o seu enteado.

Mas o tempo, que endurece a mente em casos de pior natureza, desgastou isto também gradualmente, e ela começou a reanimar a velha causa outra vez, embora não a princípio tão avidamente como antes.

Até ele a tratou um pouco duramente por causa disso também e, se alguma vez tinham palavras sobre o assunto, ele dizia-lhe para calar a boca, ou que se ela falasse mais sobre esse assunto chamaria o Alexandre outra vez para abrir a janela.

Isto agravou as coisas muito; e embora a tivesse aterrorizado por muito tempo, por fim ela ficou tão exasperada que lhe disse que acreditava que ele lidava com o Diabo, e que se tinha vendido ao Diabo apenas para ser capaz de assustar a sua esposa.

Ele brincou com ela e disse-lhe que qualquer homem ficaria grato ao Diabo para calar uma mulher barulhenta, e que estava contente por ter encontrado a maneira de o fazer, custasse o que custasse.

Ela ficou tão exasperada com isto que o ameaçou de que, se ele fizesse mais das suas artes infernais com ela, fá-lo-ia indiciar por feiticeiro, e por ter um familiar; e ela podia prová-lo, disse ela, suficientemente claro, pois que ele tinha invocado o Diabo de propósito para assustar a sua esposa.

A contenda separou-se nessa noite com más palavras e má natureza que chegasse, mas ele mal pensou que ela tencionava o que dizia, e no dia seguinte já se tinha esquecido de tudo, e estava de tão bom humor como se nada tivesse acontecido.

Mas encontrou a sua esposa desgostosa e muito perturbada, cheia de ressentimento, e ameaçando-o com o que resolvera fazer.

Contudo, ele mal pensou que ela lhe tencionava o mal que tinha na cabeça, oferecendo-se para falar amigavelmente com ela; mas ela rejeitou-o com desprezo, e disse-lhe que cumpriria a sua palavra, pois não viveria com um homem que trouxesse o Diabo para a sala sempre que lhe apetecesse, para assassinar a sua esposa.

Ele esforçou-se por pacificá-la com palavras, mas ela disse-lhe que falava a sério com ele: e, numa palavra, falava a sério; pois foi ter com um juiz e, fazendo uma declaração sob juramento de que o seu marido tinha um espírito familiar e que ela corria perigo de vida, obteve um mandado para ele ser detido.

Em suma, ela trouxe o mandado para casa, mostrou-lho e disse-lhe que não o tinha entregue nas mãos de um oficial porque ele deveria ter a liberdade de ir voluntariamente perante o juiz de paz e, se ele achasse por bem deixá-la saber

quando estaria pronto, ela também estaria, e levaria alguns dos seus próprios amigos para irem com ela.

Ele ficou surpreendido com isto, pois mal pensava que ela falava a sério, e esforçou-se por pacificá-la por todos os meios possíveis; mas ela percebeu que o tinha assustado seriamente, e assim era de facto, pois embora a coisa nada tivesse de culpa, ele compreendeu que poderia expô-lo muito, e não querendo que tal coisa fosse levada a público contra si, usou de todos os rogos de que foi capaz, e implorou-lhe que não o fizesse.

Mas quanto mais ele se humilhava, mais ela triunfava sobre ele; e levando as coisas a um ponto insuportável de insolência, disse-lhe por fim que o obrigaria a fazer justiça, como ela lhe chamava; que tinha a certeza de que poderia fazê-lo ser punido se ele continuasse obstinado, e que não seria exposta a bruxaria e feitiçaria; pois não sabia até que ponto ele poderia levar a coisa.

Para trazer a história a uma conclusão; ela levou a melhor sobre ele a tal ponto, que ele se ofereceu para remeter a coisa a pessoas indiferentes, amigos de ambos os lados; e reuniram-se várias vezes, mas não conseguiram chegar a nenhuma conclusão. Os amigos dele diziam que não havia nada naquilo, e não queriam que ele transigisse com nada sob o pretexto de tal coisa; que ele chamara pelo filho, e alguém abrira a janela e gritara "aqui", que não havia a menor evidência de bruxaria nisso, e insistiram que ela nada conseguiria provar.

Os amigos dela agiram com altivez, instruídos por ela: ela ofereceu-se para jurar que ele a tinha ameaçado antes com o fantasma do seu filho; que agora ele visivelmente evocara um espectro; pois que, ao chamar pelo filho, que estava morto com certeza, o fantasma aparecera imediatamente; que ele não poderia ter invocado o Diabo assim para personificar o seu filho, se não tivesse ele próprio pacto com o Diabo, e tivesse um espírito familiar, e que isto era de consequência perigosa para ela.

No cômputo geral, faltou ao homem coragem para resistir, e teve medo de ser exposto; de modo que estava gravemente perplexo, e não sabia o que fazer. Quando ela o viu tão humilhado quanto poderia desejar, disse-lhe que, se ele lhe fizesse justiça, como ela dizia (isto é, estabelecesse a sua propriedade no filho dela), ela esqueceria o assunto, sob a condição de que ele prometesse não a assustar mais evocando o Diabo.

Essa parte da proposta exasperou-o novamente, e ele censurou-a pela calúnia contida nela, e disse-lhe que a desafiava, e que ela podia fazer o seu pior. Assim rompeu-se todo o tratado, e ela começou a ameaçá-lo de novo; contudo, por fim, ela levou-o a ceder, e ele entrega-lhe um escrito assinado pela sua mão, estando

presentes alguns amigos dela, prometendo que cumpriria se o seu filho não chegasse, ou não enviasse notícias de si, dentro de quatro meses.

Ela ficou satisfeita com isto, e tornaram-se todos amigos outra vez, e em conformidade ele entregou o escrito; mas quando lho entregou na presença dos seus dois árbitros, tomou a liberdade de lhe dizer, com um discurso grave e solene: Olha, diz ele, tu atormentaste-me até este acordo pelo teu temperamento fogoso, e eu assinei-o contra a justiça, a consciência e a razão; mas fica certa de que nunca o cumprirei.

Um dos árbitros disse: Ora, Senhor, isto é não fazer nada; pois se resolveis não o cumprir, que vale o escrito? Por que promete o que não pretende que seja feito? Isto apenas acenderá uma nova chama para começar, quando o tempo fixado expirar.

Ora, diz ele, estou convencido na minha mente de que o meu filho está vivo.

Vinde, vinde, diz a esposa, falando ao cavalheiro que argumentara com o marido, deixai-o assinar o acordo, e deixai-me a mim a tarefa de o fazer cumprir as condições.

Bem, diz o marido, terás o escrito, e serás deixada a sós; mas estou convencido de que nunca me pedirás para o cumprir; contudo, não sou feiticeiro, acrescenta ele, como tiveste a maldade de sugerir.

Ela replicou que provaria que ele lidava com o Diabo, pois que ele evocara um espírito maligno apenas por chamar o filho pelo nome; e assim começou a contar a história da mão e da janela.

Vinde, diz o homem ao cavalheiro que era amigo dela, dai-me a pena; nunca lidei senão com um Diabo na minha vida, e ali está sentado, voltando-se para a esposa; e agora fiz um acordo com ela, que ninguém senão o Diabo desejaria que algum homem assinasse: e assiná-lo-ei; digo, dai-me a pena, mas nem ela nem todos os diabos do Inferno serão capazes de o fazer executar, lembrai-vos que eu o digo.

Ela começou a descompô-lo, e assim uma nova chama ter-se-ia acendido, mas o cavalheiro moderou entre eles; e o marido, pondo a mão no escrito, pôs fim à contenda naquela altura.

No fim de quatro meses, ela exigiu o cumprimento, e um dia foi marcado, e os seus dois amigos que tinham sido os árbitros foram convidados para jantar nesta ocasião, acreditando que o marido teria executado as escrituras; e em conformidade os escritos foram todos trazidos, redigidos e lidos; e alguns escritos antigos que no casamento dela foram assinados pelos seus curadores a

fim de ela abdicar de parte da propriedade para o seu filho, foram também trazidos para serem cancelados.

O marido sendo levado por bons ou maus meios, não sei por quais, a estar disposto, por amor à paz, a executar as escrituras e deserdar o seu filho; alegando que, de facto, se ele estivesse morto não era nenhum mal para ele, e se estivesse vivo era muito indelicado e desrespeitoso para com o pai ao não lhe dar notícias em todo aquele tempo.

Além disso, argumentou-se que se ele, em qualquer altura posterior, aparecesse vivo, o pai (que tinha aumentado muito, ao que parece, a sua riqueza) seria capaz de lhe dar outra fortuna, e de lhe fazer uma justa satisfação pela perda que sofreria na propriedade paterna.

Perante estas considerações, digo, tinham convencido o pobre marido de pouco espírito a estar quase disposto a ceder; ou pelo menos, disposto ou não, estava para ser feito e (como acima) reuniram-se em conformidade.

Quando tinham discorrido sobre todos os particulares, e (como acima) as novas escrituras foram lidas, ela ou o marido pegaram nos escritos antigos para os cancelar; creio que a história diz que foi a esposa, não o marido, que estava prestes a rasgar o selo, quando de repente ouvem um ruído apressado na sala onde estavam sentados, como se alguém tivesse entrado pela porta da sala que abria do átrio, e atravessado a sala em direção à porta do jardim, que estava fechada.

Ficaram todos surpreendidos com isso, pois foi muito distinto, mas nada viram. A mulher empalideceu, e ficou num terror terrível; contudo, como nada foi visto, recuperou um pouco, mas começou a perturbar o marido de novo.

O quê, diz ela, armaste o teu plano para trazer mais diabos outra vez?

O homem sentou-se composto, embora estivesse também sob não pequena surpresa.

Um dos cavalheiros dela disse-lhe: Qual é o significado de tudo isto?

Protesto, Senhor, diz ele, que não sei mais disto do que vós.

O que pode ser então? disse o outro cavalheiro.

Não consigo conceber, diz ele, pois sou inteiramente alheio a tais coisas.

Não ouvistes nada do vosso filho? diz o cavalheiro.

Nem uma palavra, diz o pai, nem a menor palavra nestes cinco anos.

Não lhe escrevestes nada, diz o cavalheiro, sobre esta transação?

Nem uma palavra, diz ele, pois não sei para onde dirigir uma carta para ele.

Senhor, diz o cavalheiro, tenho ouvido muito sobre aparições, mas nunca vi nenhuma na minha vida, nem acreditava que houvesse nada de realidade nelas; e de facto nada vi agora: mas a passagem de alguém, ou espírito, ou algo, através da sala agora mesmo, é clara; ouvi-o distintamente. Acredito que há algo invisível na sala, tanto como se o visse.

Ora, diz o outro árbitro, eu senti o vento disso ao passar por mim. Rogo, acrescenta ele, voltando-se para o marido, vós próprio não vedes nada?

Não, pela minha palavra, diz ele, nem a mínima Aparição no mundo.

Disseram-me, diz o primeiro árbitro, e li que uma aparição pode ser vista por algumas pessoas, e ser invisível para outras, embora todas na mesma sala juntas.

Contudo, o marido protestou solenemente perante todos eles que nada via.

Rogo, Senhor, diz o primeiro árbitro, vistes algo em qualquer outra altura, ou ouvistes vozes ou ruídos, ou tivestes sonhos sobre este assunto?

Na verdade, diz ele, várias vezes sonhei que o meu filho está vivo, e que falei com ele; e uma vez que lhe perguntei por que era tão desrespeitoso, e me desprezava tanto, ao ponto de não me dar notícias em tantos anos, visto que sabia estar no meu poder deserdá-lo.

Bem, Senhor, que resposta deu ele?

Nunca sonhei tão adiante que chegasse a vê-lo responder; acordava sempre.

E o que pensais vós próprio disso, diz o árbitro, pensais que ele está morto?

Não, na verdade, diz o pai, acredito na minha consciência que está vivo, tanto quanto acredito que eu próprio estou vivo; e vou fazer uma coisa tão iníqua no seu género como qualquer homem alguma vez fez.

Verdadeiramente, diz o segundo árbitro, começa a chocar-me, não sei o que dizer a isto; não me apetece meter-me mais nisto, não gosto de forçar homens a agir contra as suas consciências.

Com isto a esposa, que, como disse, tendo recuperado um pouco o ânimo, e especialmente encorajada porque nada vira, deu um salto; Para que serve todo este discurso, diz ela, não está já tudo acordado? para que viemos nós aqui?

Ora, diz o primeiro árbitro, creio que nos reunimos agora não para indagar o porquê de ser feito, mas para executar as coisas de acordo com o acordo, e de que temos medo?

Eu não tenho medo, diz a esposa, eu não; vinde, diz ela ao marido altivamente, assinai a escritura; eu cancelarei os escritos antigos mesmo que quarenta diabos estivessem na sala; e com isso ela pega numa das escrituras, e ia rasgar o selo.

Nesse momento a mesma janela de batente abriu-se de novo, embora estivesse presa por dentro, exatamente como fora antes; e a sombra de um corpo foi vista, como que de pé no jardim lá fora, e a cabeça chegava à janela, o rosto olhava para dentro da sala, e fitava diretamente a mulher com um semblante severo e zangado; PARAI, disse o espectro, como se falasse para a mulher; e imediatamente fechou a janela de novo, e desapareceu.

É impossível descrever aqui a consternação em que esta segunda aparição lançou toda a companhia; a esposa, que fora tão audaz pouco antes, que o faria mesmo que quarenta diabos estivessem na sala, soltou um grito como uma mulher num ataque, e deixou cair o escrito das mãos: Os dois árbitros ficaram excessivamente aterrorizados, mas não tanto quanto os restantes; mas um deles pegou na decisão que tinham assinado, na qual decidiam que o marido executasse a escritura para desviar a propriedade do filho.

Ouso dizer, disse ele, seja o espírito um espírito bom ou mau, que não será contra o cancelamento disto; assim rasgou o seu nome da decisão, e o mesmo fez o outro, pelo seu exemplo, e ambos se levantaram dos seus assentos, e disseram que não teriam mais nada a ver com isso.

Mas o que foi mais inesperado de tudo foi que o próprio homem ficou tão assustado que desmaiou; não obstante ter sido, como se poderia dizer, a seu favor.

Isto pôs fim a todo o assunto naquela altura; e, como entendo pelo que se seguiu, fê-lo para sempre. A história tem muitos mais particulares, demasiado longos para vos maçar com eles; mas dois particulares, que servem ao propósito, não devo omitir, a saber:

1. Que em cerca de mais quatro ou cinco meses após esta segunda aparição, o filho do homem chegou das Índias Orientais, para onde tinha ido quatro anos antes num navio português vindo de Lisboa.

2. Que ao ser particularmente indagado sobre estas coisas, e especialmente se tinha algum conhecimento delas, ou alguma aparição perante si, ou vozes, ou outra indicação quanto ao que se estava a passar em Inglaterra, relativamente a ele; afirmou constantemente que não, exceto que uma vez sonhara que o seu pai lhe tinha escrito uma carta zangada, ameaçando-o de que, se não viesse para casa, o deserdaria e não lhe deixaria nem um xelim.

Mas acrescentou que nunca recebeu tal carta do pai na sua vida, nem de ninguém mais.

1. Mateus 27:52.
2. A vista deve ser enganada.
3. Fonte desconhecida.
4. Fonte da canção desconhecida.
5. *wretch*: Um cobarde sem brio; um desprezível, de espírito mesquinho, covarde. OED, p.46.
6. Salmos 124:7.
7. Fonte desconhecida, Defoe diz ser uma "Relação Histórica".
8. *Obs.* Usado irregularmente para o primeiro ou segundo casamento de uma mulher. OED p.513.
9. Uma pedra cilíndrica usada para esmagar, achatar, etc., especialmente na forma de um rolo pesado. OED, p.55.

## CAP. IX

### MAIS RELATOS DE FACTOS PARTICULARES, PROVANDO A REALIDADE DAS APARIÇÕES; COM ALGUMAS JUSTAS OBSERVAÇÕES SOBRE A DIFERENÇA ENTRE OS ESPÍRITOS BONS E OS MAUS, A PARTIR DA MISSÃO OU ASSUNTO A QUE VÊM

Não faço observações sobre nenhuma destas histórias; o presente trabalho é trazer exemplos de tais coisas, para provar a realidade das aparições em geral: quanto a quem, ou o que é, que em tais casos pode aparecer, e porquê, e em que ocasiões; disso falaremos mais adiante.

Trarei agora um exemplo dentro do meu próprio conhecimento, e no qual tenho algum interesse; não que outros relatos não possam ser tão autênticos como este, embora não possa afiançá-los tão positivamente em segunda ou terceira mão. Quando vos ofereço esses, portanto, digo-vos honestamente que tenho tais e tais relatos de boas mãos, ou tenho tal história comigo em manuscrito, e deixo-vos fazer deles o uso que vos aprouver.

Esta minha cautela, contudo, não deve diminuir o crédito de nenhum dos relatos aqui publicados; pois por que não pode o relato dado por outra mão ser tão verdadeiro como este que vos dou do meu próprio conhecimento; e por que deve um autor, em casos como estes, ser responsabilizado pelos particulares de cada história, ou ser obrigado a omiti-la, o que seria perda do leitor, não sua.

Contudo, o que se segue posso afiançar do meu próprio conhecimento.

A. B. era um mercador em Londres e, como mantinha um comércio considerável no ultramar, estabeleceu um feitor ou, como a linguagem do comércio lhe chama, uma CASA, num certo ponto das colónias inglesas na América, e enviou para lá os seus criados ou aprendizes, como é útil os mercadores fazerem.

Um dos seus referidos aprendizes estando equipado e pronto para embarcar, estando a sua carga já a bordo do navio, e o navio tendo descido o rio até Gravesend, o seu patrão estava a preparar as suas cartas e faturas, e outros despachos, para ele, devendo ele descer o rio nessa mesma noite.

A pressa que este despacho causou ao patrão fez com que, quando foi chamado para jantar à hora habitual, não levasse o jovem cavalheiro consigo como era costume, mas disse-lhe que deveria contentar-se em ficar no [346] escritório até que ele viesse rendê-lo.

Em conformidade, terminado o jantar, ele desce para o mandar subir para jantar. E quando chegou à porta do escritório, ali estava o seu homem com o guarda-livros também, escrevendo como ele o deixara.

Aconteceu exatamente nesse momento que uma ocasião extraordinária o obrigou a dar um passo atrás e subir as escadas para a sala de jantar, de onde viera; e não pretendendo demorar-se, não falou com o jovem, mas deixou-o no escritório e subiu imediatamente.

Não era possível que ele, ou qualquer outra pessoa, exceto quem pudesse caminhar invisível, passasse por ele ou o ultrapassasse sem ser visto: a boa educação teria impedido o jovem de se empurrar contra o patrão nas escadas, se estivesse a subir; mas ele é categórico em que o jovem não passou, nem poderia passar, sem ser visto.

Contudo, quando chegou ao topo das escadas, ali estava o jovem a jantar com os outros criados; a sala onde jantavam era uma pequena sala de estar, que abria precisamente em frente das escadas, de modo que ele o viu durante todo o percurso da parte superior da escadaria e não poderia estar enganado.

O patrão não lhe falou, do que se arrependeu muito depois; mas a surpresa fê-lo passar pela sala e entrar na sala de jantar, que ficava à [347] direita dela, mas enviou alguém imediatamente para ver, e ele estava lá realmente a jantar; de modo que o que ele (o patrão) viu em baixo no escritório deve ter sido a aparição, como certamente era.

Mas isto não foi tudo: o jovem cavalheiro embarcou como acima referido e chegou a salvo com todos os seus haveres à América, embora nunca tenha vivido para regressar. No entanto, não posso dizer que a sua aparição na maneira relatada pudesse ter a menor relação com o facto de ele adoecer e morrer no estrangeiro, o que não aconteceu senão três anos depois. Mas o que se seguiu foi de outra espécie.

Este jovem tinha um irmão mais velho, que vivia em Londres; era um distinto cavalheiro e um erudito, e estava na altura a estudar medicina. Era também um cavalheiro forte e corajoso e, em particular, entendia de espada, isto é, sabia usar uma espada tão bem como a maioria dos cavalheiros em Inglaterra.

Ele teve um encontro acidental com um cavalheiro na rua, naquela rua curta que sai da Fleet-street para Salisbury-Court e, sendo um mestre tão completo da sua arma, feriu o seu antagonista e empurrou-o para dentro de uma taverna na rua, de onde saíram mais dois homens contra ele com as suas espadas, mas ambos descobriram que o cavalheiro era de tal modo superior a eles que o deixaram tão depressa como o primeiro; sobre o que saiu um quarto, não com uma espada, mas com uma forquilha de ferro tirada [348] apressadamente da cozinha da taverna e, correndo contra este cavalheiro com ela, derrubou-o e quebrou-lhe o crânio, de cujo ferimento ele veio a morrer mais tarde.

Enquanto isto se passava em Londres, o seu irmão, tão longe como em Boston na Nova Inglaterra, escrevendo ao seu patrão, o mercador (e que dá este relato), após outros assuntos, escreveu este pós-escrito:

*Senhor, peço que tenha a bondade, na sua resposta a esta, de me dar algum relato, tanto quanto convenientemente possa ser, de como está o meu irmão e em que condição se encontra; pelo que escusará a minha importunação quando ler o seguinte relato (viz.):*

*No dia 20 de ------- passado, por volta das seis horas da manhã, estando eu na minha cama e bem acordado, o meu irmão, ou uma aparição do meu irmão, veio aos pés da cama e abriu a cortina, olhando fixamente para o meu rosto, mas não falou.*

*Fiquei muito assustado, mas contudo recuperei o suficiente para lhe dizer: Irmão, o que se passa contigo?*

*Ele tinha um barrete de pano na cabeça, que estava muito ensanguentado, parecia muito pálido e cadavérico, e disse: "Fui vilmente assassinado por", nomeando a pessoa, "mas ser-me-á feita justiça"; e então desapareceu.*

Ora, esta carta estava de tal modo datada que era impossível que qualquer relato do desastre pudesse ter sido enviado e chegado lá naquele tempo; pois não

estava datada mais de catorze dias após o facto ter sido cometido em Londres; e que era genuína estou bem assegurado, porque vi a carta uma hora após ter sido recebida em Londres, li-a eu próprio e conhecia a letra do jovem, e o jovem também perfeitamente bem, como conhecia o seu irmão que fora morto também, muito intimamente.

O jovem era sóbrio, religioso e sensato, não dado a caprichos ou fantasias levianas, nem vaporoso ou doentio, nem apto a ver a dobrar ou a sonhar acordado, como muitas das nossas pessoas criadoras de aparições são; era além disso um erudito e muito sério: o primeiro que menciono como uma proteção para ele contra imaginações tolas, e o último contra a falsidade; e estou convencido de que o leitor pode depender de ambas as histórias, refiro-me quanto à verdade delas.

Ao falar de aparições como expus o caso, devo tomar a liberdade de diferir das noções dos antigos, que é evidente entenderem toda a aparição como sendo as almas ou, como lhes chamamos, os fantasmas de pessoas falecidas; mas quando chegavam a tirar conclusões racionais dessas primeiras opiniões, que acréscimos selvagens foram eles levados a fazer às primeiras conceções justas que tinham formado nas suas mentes?

As suas primeiras conceções, digo, eram de facto justas, consistentes com a razão e com a natureza; pois concluíram que, quando o corpo morre e a alma é separada, o estado estava determinado. Isto, o Sr. Pope exprime muito bem na sua tradução de Homero:

*Pois para a margem distante*

*Uma vez que passamos,*

*a alma não regressa mais.*

Isto era, digo, um sentimento racional e justo; mas depois ficavam confundidos em todas essas imaginações ao verem as aparições dos seus amigos falecidos, como se regressassem dessas sombras eternas; e como conciliar isto, eles não sabiam.

Para superar esta dificuldade, foram levados a estranhos expedientes e alguns deles deve confessar-se que foram muito tolos: tais como estes:

1. Que a alma vagava no ar até ao momento em que o corpo obtivesse os seus devidos ritos fúnebres: a partir desta noção, os amigos do falecido estavam grandemente interessados em ver a pira funerária erigida para os seus amigos partidos e em ter o corpo honradamente queimado; então as cinzas dos ossos eram depositadas numa urna, e essa urna enterrada na

terra; quando isto estava feito, a alma era admitida a passar o dilúvio (isto é) a ser transportada para os Campos Elísios, de onde nunca [351] deveriam regressar mais; mas caso estes ritos não fossem realizados para qualquer pessoa, a alma vagava inquieta e sem rumo, num estado de perplexidade, durante cem anos.

Daí aqueles versos em Virgílio, *Eneida* vi.

*Toda esta turba que vês é carente e por sepultar: Aquele barqueiro é Caronte: estes, que a onda envolve, sepultos. Nem é dado passar as margens horrendas nem os roucos fluxos Antes que os ossos em seus túmulos descansem. Cem anos erram e esvoaçam em redor destas praias: Só então admitidos revisitam as estagnadas águas desejadas. Eneida lib. vi. line 325.*

Ora, entre este tempo, ou durante este intervalo, isto é, entre a morte e a pira funerária, pretendiam permitir que as almas dos homens separadas ou desincorporadas pudessem aparecer e visitar os seus amigos, ou fustigar os seus inimigos; e nesta ocasião, o fantasma de Pátroclo, morto por Heitor no cerco de Troia, é apresentado visitando o seu amigo Aquiles e implorando-lhe que realize os seus ritos fúnebres, para que ele possa ser admitido ao descanso.

----------*Assim falou o fantasma, Dorme o meu Aquiles, estando o seu Pátroclo morto?* [352] *Vivo, parecia eu o seu cuidado mais caro e terno, Mas agora esquecido, vagueio no ar: Que o meu pálido corpo os ritos de enterro conheça, E dá-me entrada nas sombras abaixo: Até lá o espírito não encontra lugar de repouso, Mas aqui e ali os espectros desincorporados perseguem Os mortos errantes---------- Ilíada Lib. xxiii.*

2. A noção de Homero sobre o estado dos mortos era algo parecida com a antiga filosofia dos egípcios, que dava à alma uma forma como a do corpo, e que ela era um recetáculo da mente; e a mente eles faziam-na ser a parte sublime e superior, e apenas isso.

Assim, no caso das aparições, permitiam que este invólucro ou casca chamada alma pudesse aparecer após a morte, mas a mente não, pois era exaltada entre os deuses e tomava a sua morada eterna; de onde

*"--------- Não poderia regressar mais."*

Assim o fantasma de Pátroclo, continuando o seu discurso para Aquiles, diz assim:

*Quando uma vez as últimas chamas funerárias subirem, Não mais se encontrarão Aquiles e o seu amigo:* [353] *Não mais os nossos pensamentos aos que amamos daremos a conhecer.*

Esta última noção, embora grosseira e absurda em si mesma, era o último refúgio que tinham, pelo qual resolver a dificuldade das aparições. Imaginavam que a alma não era apenas separada pela morte do corpo, mas que havia uma separação do entendimento do seu invólucro ou veículo, como lhe chamavam; de modo que a alma, que não era senão a imagem e forma do corpo, poderia estar no inferno; o próprio corpo queimado até às cinzas permanecia na urna; e o entendimento ou mente, que era a parte sublime ou divina, estaria no céu com os deuses: Homero exprime isto assim:

-------- *É certo que o homem, embora morto, retém Parte de si; a mente imortal permanece. A forma subsiste sem o auxílio do corpo, Semelhança aérea e uma sombra vazia.*

De novo ele explica-o na sua *Odisseia*, lib. xi. linha 600, falando em nome de Ulisses:

*Agora a força de Hércules contemplo, Um espectro imponente de molde gigantesco, Uma forma sombria! pois alto nas moradas do Céu* [354] *Ele próprio reside, um deus entre os deuses.*

Aqui Homero imagina que Hércules, isto é, a mente, a parte sublime de Hércules, estava no céu e ali exaltada também ao mais alto grau; *Um deus entre os deuses.* e contudo, ao mesmo tempo, a sua alma, o seu *eidolon* ou imagem, estava no inferno. E Plutarco dá-nos a mesma descrição extensamente.

Que disparates eruditos, e que grande quantidade deles temos aqui para conciliar uma coisa que, sob o fundamento cristão, se torna tão fácil quanto qualquer coisa não imediatamente visível ao olho comum pode ser tornada.

A natureza ditou e a razão confirmou que o primeiro princípio, a saber, a alma ou, como lhe chamavam, a mente ou entendimento, voava para o céu imediatamente após a morte e não regressava mais. Assim Andrómaca, chorando a perda do seu marido Heitor, é apresentada falando de acordo com a doutrina dos antigos:

*Tu para os reinos sombrios para sempre partido, E eu abandonada.*---------- [355]

Os mortos, uma vez passados para os reinos sombrios (como chamavam às sombras abaixo), tinham partido para sempre e não regressavam mais; mas depois ficavam perplexos ao descobrir que regressavam, como no caso de Pátroclo a Aquiles; embora isso (já agora) tenha sido apenas um sonho, não uma aparição, ou como lhe podemos chamar, uma aparição num sonho e nada mais.

Mas eles tinham as suas aparições e lemos sobre muitas aparições dos mortos aos vivos; como particularmente no famoso exemplo de César aparecendo a Bruto: e isso deixava-os perplexos de tal modo que não sabiam como sustentar o princípio da alma não regressar, perante a experiência das almas realmente regressarem em aparição, visitando e conversando com os seus amigos, o que era incontestável, pois a experiência diária o tornava conhecido de todas as partes.

Para conciliar isto, fugiram para a invenção e, primeiro, para a dos intervalos entre a morte e o funeral das almas partidas; sobre o que já falei antes.

Mas isto está sujeito a tantas e tão justas objeções, a tantos absurdos, que não poderia satisfazer homens de senso; pois, primeiro, eram obrigados a dizer e a provar (o que seria muito difícil) que nenhuma das almas dos mortos apareceu alguma vez após os ritos fúnebres terem sido solenizados; o que, se um único exemplo tivesse contraditado, todos os argumentos do mundo não poderiam então ter sustentado a ficção; e isto não duvido que tenha sido contraditado em muitas ocasiões.

E isto, sem dúvida, fez com que o antigo sistema dos egípcios fosse reanimado e passasse melhor entre eles mais tarde; embora não se encontre assegurado em nenhuma parte da sua história se os romanos o receberam ou não.

Além disso, havia um absurdo na própria doutrina em si; pois se a aparição de uma alma partida estivesse limitada por esta circunstância de queimar o corpo ou realizar ritos fúnebres, colocava o estado dos mortos, nesse aspeto particular, no poder dos vivos.

Por exemplo, se os vivos que tivessem posse dos corpos mortos de pessoas mortas, suponhamos amigos, tivessem posse do corpo, a alma desse corpo, embora desincorporada e dispensada, não poderia ser admitida ao descanso ou, como eles o exprimiam, não poderia passar para as sombras ou reinos abaixo; do mesmo modo, se o inimigo tivesse posse do corpo, estava no poder do inimigo manter a alma fora do céu: um absurdo tão grosseiro que se pensaria que os pagãos mais sábios nunca alimentariam tal pensamento. No entanto, que assim era, as palavras do fantasma de Pátroclo citadas de Homero tornam evidente:

*Que o meu pálido corpo os ritos de enterro conheça, E dá-me entrada nas sombras abaixo.* [357]

Infeliz Pátroclo! Quão grosseiro isto soaria, quão áspero e pouco musical nos nossos tempos, quando o cristianismo nos deu ideias mais justas das coisas? Pátroclo não conseguia obter licença para ir para as sombras abaixo até que os seus ritos fúnebres fossem realizados; isto é, no nosso sentido, não podia ser admitido, nem sequer no próprio inferno, até que o seu corpo fosse queimado

numa pira funerária e as suas cinzas depositadas numa urna; isto é, enterrado como um cavalheiro.

Por essa regra, as almas daquelas pobres Criaturas que foram mortas nas Guerras, e foram deixadas por sepultar em Montes no Campo, ou apenas com uma Pilha de Pedras lançada sobre elas, como era frequentemente o Caso, andam ainda errantes, e não são admitidas nem no Céu nem no Inferno.

De novo, estava no Poder do Inimigo, se tivesse um Corpo em Posse, preservar o seu Ódio contra esse Inimigo mesmo para além da Morte, e ao mantê-lo por sepultar, manter a sua Alma ou Espírito suspenso, errante e esquecido no Ar, e não admitido num ou noutro Lugar, quer acima quer abaixo.

Assim Aquiles teve o Corpo de Heitor em seu Poder doze Dias, e Homero apresenta-o triunfando sobre o seu Inimigo nesse caso, e de uma maneira indigna de um Homem de Honra. Quando fala ao Fantasma do seu Amigo Pátroclo, e jura sacrificar doze Prisioneiros Troianos na sua Pira funerária; ele acrescenta,

*A Promessa de Aquiles está completa, O sangrento Heitor estendido diante dos teus Pés, Eis que aos Cães o seu Cadáver resigno. Sombrio disse, e horrível de se Ver, Perante a Maca o sangrento Heitor lançou, Prostrado no Pó. Ilíada lib. xxiii. linha 36.*

Assim de novo, Aquiles carpindo sobre o Corpo de Pátroclo enquanto jazia na Pira funerária, e o Fogo ainda não aceso; digo, ali de novo ele ameaça negar a Heitor um Enterro de Soldado.

*Mas fados mais pesados sobre o Corpo de Heitor impendem, Mantido longe das Chamas para cães famintos o despedaçarem.*

Esta era uma terrível Maldição, e muito cruel para o pobre Heitor depois de estar morto, não permitir que a sua Alma entrasse nas Sombras abaixo, o que seria (para o dizer na nossa Linguagem) não lhe dar licença para ir para o Inferno; diz-se que os Deuses contrariaram Aquiles, e não deixaram a sua Crueldade ter lugar, mas ele foi obrigado a conceder a Príamo uma Trégua, e deixar que os Troianos o enterrassem.

*Assim falou ele, ameaçando: Mas os Deuses tornaram vãs As suas Ameaças, e guardam inviolado o Morto. A Celestial Vénus pairou sobre a sua Cabeça, E unguentos rosados, fragrância celestial derramou; Ela guardou-o toda a Noite, e todo o Dia, E afastou os cães de caça da sua presa pretendida.*

De modo que o Enterro de Heitor foi tornado o Cuidado dos Deuses, derrotando a cruel Vingança de Aquiles.

A que Extremo esta Noção tola dos Antigos levou este Ponto! pondo no Poder do Inimigo de um Homem manter a sua Alma fora do Céu também, durante o tempo que o Inimigo achasse por bem manter o Corpo fora da Sepultura.

Felizes somos nós nestes dias maliciosos por ser de outro modo aqui; quando não os Inimigos apenas, mas até credores cruéis, poderiam prender o corpo morto do seu Devedor, e até enviar a Alma dele para o Diabo, ou mantê-la a pairar ou errante no Ar até que as suas Dívidas fossem pagas: Conforme os Tempos correm agora, e conforme a Caridade está agora cotada entre nós, nenhum pobre Devedor poderia estar em Descanso mais algum tempo depois de estar Morto, do que podia antes, até que as suas Dívidas estivessem todas pagas.

Ora, embora tivesse aprazido a um Pai misericordioso perdoar-lhe os seus Pecados, e como admitimos ser possível, apesar dos cruéis T. S. que um Falido possa morrer no Estado de um Penitente perdoado; contudo digo que até que a Dívida fosse paga o Credor mais inexorável recusaria deixar que ele fosse admitido no Céu até que lhe fosse pago o último Centavo.

Devo confessar que se este fosse o Caso entre nós, creio que seria a coisa mais difícil do Mundo conseguir que a Composição de um pobre Falido fosse aceite, ou o seu Certificado assinado; pois se estivesse no Poder dos Credores enviar os seus Devedores para o Diabo, eu estaria apto a dizer com os Discípulos do nosso Senhor, *Quem se poderá salvar?*

Quão frequentemente descobrimos um Credor dar como resposta, quando um amigo solicitador vem pedir-lhe para compor, e aceitar o último Xelim que o Devedor tem para oferecer: Quão frequentemente, digo, descobrimos o credor cruel responder, "Não, eu não, não assinarei nada disso, o Diabo o levará antes que eu o assine"?

Ora, se a sua Alma tivesse de pairar no Ar, como os Antigos fantasiavam, até que o Corpo fosse enterrado; questiono se eles deixariam o Devedor ir quer para o Céu quer para o Inferno até terem o seu Dinheiro; especialmente se o pairar ou errar no Ar fosse uma Condição pior, como não sei se, enquanto se diz que os Diabos estão lá, poderá ser.

Mas para voltar aos Antigos e à sua Noção de Futuridade, e de Almas partidas, a Dificuldade, como observei, era de deixar muito perplexos: Eles concediam que depois das Almas dos Homens estarem uma vez determinadas, e transportadas no Barco de Caronte para o outro lado do Rio Estige, ou do Golfo Estígio, elas não podiam regressar mais; e todas as suas outras Fábulas sobre esse Assunto teriam sido derrubadas e reduzidas a nada, se tivesse sido de outro modo; tais como Cérbero ladrando continuamente à porta, Caronte o Barqueiro levando todos mas não trazendo ninguém de volta, e coisas semelhantes.

Mas não obstante isto, como disse, eles descobriram várias destas Almas visitando o Mundo em Aparição, e isto destruiu quietamente o Esquema de elas estarem num Estado determinado; de modo que não sabiam o que pensar a seguir.

Como teria deslindado todos esses Nós difíceis, e tornado tudo fácil ao seu Entendimento, tivessem eles sido deixados entrar nesta justa maneira de raciocinar? tivessem eles descoberto que existe um Mundo Angélico, um mundo invisível de Espíritos, alguns dos quais sendo colocados pelo seu misericordioso Criador, como um Corpo avançado, na ou perto da circunferência externa da Atmosfera da Terra, têm um Poder que lhes é dado pelo menos para tomar Conhecimento dos assuntos humanos; e para conversar com este Mundo, seja por Aparição, Vozes, Ruídos, bons ou maus Agouros, ou outras transmissões sensíveis à Mente, pelas quais podem dar Avisos de Bem ou Mal, e podem intimar ao Homem muitas coisas úteis para ele na Conduta da sua Vida.

Que os Espíritos que habitam este mundo invisível estão à mão; (quão perto não é necessário para nós saber) podem assumir Corpos, Forma, Voz, e até podem personificar este ou aquele Homem ou Mulher; de modo a aparecer na própria Figura, Semblante, e Roupas ou Trajes dos nossos amigos falecidos, falar com as suas Vozes próprias e distintas, e na primeira Pessoa deste ou daquele Homem ou Mulher, e nos seus Nomes; e podem assim adequar-se em várias Aparições à Ocasião para que aparecem:

Tivessem eles conhecido estas coisas, digo, ter-se-iam regozijado na Descoberta, e isso teria tornado tudo o resto fácil para eles. Pátroclo nunca teria incomodado Aquiles com uma Visita do Ar, sob pretensão de estar deixado a errar pela Atmosfera por falta dos seus Ritos fúnebres; os Cães, ou os Corvos, ou os Vermes poderiam ter-se banqueteado com o Cadáver de Heitor, nunca teria perturbado Heitor no mínimo, muito menos a sua Deusa Vénus se teria ocupado em proteger o seu Corpo até que a pira funerária estivesse preparada.

A Doutrina de a Alma ser uma Casca ou Estojo formado numa Forma, como um Molde é formado em Forma para receber o Latão ou o Cobre, e lançar fora uma Estátua ou Figura deste ou daquele Herói, que está designado a formar; digo, esta absurda Doutrina de a Alma, o Corpo e a Mente serem três Pessoas distintas em cada Homem, não teria encontrado Lugar no Mundo; mas todas as coisas teriam sido concebidas regularmente, e o Mundo teria sido retamente informado das coisas futuras, bem como das coisas presentes.

Contudo, para o trazer para o nosso Caso, tudo isto concorre para a Doutrina dos Espíritos, e para a Realidade da sua Aparição, que é o Caso perante nós: Os seus Amigos falecidos apareciam; o que era que aparecia eles não sabiam, apenas

negativamente sabiam que não eram os seus Corpos, por muito que a Forma pudesse ser assumida; nem podiam conciliar essa Parte com o seu Entendimento. Como podia ser, que o Corpo parecia aparecer e não aparecia; ou, como poderíamos dizer, aparecia como se eles tivessem aparecido; mas quando uma Tentativa era oferecida, nenhum Corpo podia ser encontrado, como foi o Caso de Pátroclo e Aquiles em Homero, que o Sr. Pope assim traduz,

*Disse ele, e com os seus braços sequiosos tentou*

*Em vão agarrar a visionária Sombra.*

*Como um fumo ténue ele vê o Espírito voar,*

*E ouve um débil e lamentável Grito.*

Quão grosseira é a Ignorância aqui num Homem tão grande como Aquiles? ir tentar agarrar uma Visão! sentir uma Sombra! Mal se pode desculpar o Poeta por permitir a Aquiles, que era o Herói de todo o Poema, ser tão fraco, mesmo naqueles Dias; mas deve ser concedido que foi tudo num Sonho, e imaginário, e bem o poderia acordar de facto, como acordou, para agarrar um Homem em Armadura, e não encontrar nada nos seus Braços senão Fumo.

O Resultado de tudo isto é este, a saber, a Realidade da Aparição era uma coisa certa, indubitável e recebida; é evidente que elas não eram questionadas; pois sobre a Realidade da Aparição das Almas, todos aqueles Trabalhos foram tomados para estabelecer a Possibilidade disso. Que assim era, a Frequência da coisa não lhes deixava Margem para questionar; teria sido ridículo tê-lo disputado; mas como podia ser, como conciliá-lo com todas as Noções de Alma e Corpo, o estado futuro e presente, isso era o que ninguém podia explicar, e ninguém podia entender; ignorância essa que pôs a sua Invenção no Suplício para descobrir e formar Esquemas para aproximar os Particulares, e tornar a Aparição possível, a qual eles diariamente descobriam que era de Facto real.

Era um pouco estranho que embora estivessem satisfeitos por demonstração diária de que a Coisa era verdadeira, contudo eram obrigados a acreditar que não era verdadeira ao mesmo tempo. Eles frequentemente viam os seus Amigos aparecer, e no entanto, sabiam que eles não estavam numa Condição de onde pudessem regressar para aparecer. Mas a coisa mais estranha de todas, pelo menos para mim, é que eles não devessem, durante todo este tempo, conceber a Possibilidade de Espíritos assumirem a Forma humana, e aparecerem nas suas Figuras, nas suas Formas, e nos seus Nomes.

Isto teria posto um fim a toda a Dificuldade, e teria conciliado todas as Dúvidas que a acompanhavam, e ao mesmo tempo tê-los-ia conduzido a várias Verdades sublimes, tais de que talvez estivessem perfeitamente ignorantes; como

particularmente à grande Doutrina da Unidade do poder infinito; ao império universal da Providência, e ao seu Governo e Influência de e sobre todos os Assuntos deste Mundo, até as coisas mais minúsculas na Vida; e a muitas outras valiosas Inquirições.

Que as Aparições eram acreditadas como reais naqueles Dias, é evidente por muitos Instâncias disso dadas na História, embora eu não tenha espaço para olhar muito para trás. Diz-se que Alexandre, o Grande, era assombrado pelo seu Amigo Clito, a quem ele tinha mui ingratamente torturado até à Morte, após uma longa Série dos serviços mais fiéis, e também bem-sucedidos; mas não há Relato particular disso em Plutarco.

A Aparição do Fantasma de Júlio César a Bruto pouco antes da Batalha de Filipos, embora seja certa, é no entanto variadamente relatada; alguns Relatos referem ser o Fantasma de Júlio César, e a Opinião vulgar concorre com esse Relato; o qual é tão recebido nesta altura, que vos mostram uma peça antiga original de fina Pintura Italiana em Nápoles, onde [366] o Fantasma é representado ensanguentado e ferido, com a Adaga de Casca espetada no seu Ombro, a qual ele, Casca, esticando o seu Braço sobre o Ombro dele fixou no ou perto do Osso da Clavícula dianteira, e deixou ali espetada; de acordo com o que o nosso Frontispício para esta Obra é pelo menos desenhado: Se essa Parte da História está corretamente representada ou não, é difícil de determinar.

Mas de acordo com outros Relatos, a Aparição era apenas de um Homem, sem qualquer Similitude de César; e que quando Bruto, que estava ocupado a escrever Despachos para o seu Exército que estava então a reunir-se para combater as Tropas Octavianas, olhou para cima e o viu, perguntou audazmente, "Que és tu?" e a Aparição respondeu, "Eu sou o teu mau Génio, e encontrar-te-ei de novo em Filipos"; ao que o herói destemido, indiferente à Visão, e como se lhe pedisse para não o perturbar naquela altura, estando ele então ocupado de outro modo, respondeu, "Bem, encontrar-te-ei lá", e assim continuou com a sua escrita.

Bruto era, sem dúvida, um Herói na sua Valentia pessoal, e mais ainda no seu Princípio, viz. o Amor à Liberdade, e ao seu País; e como nada senão o Zelo pela Liberdade do seu País o poderia ter embarcado contra a Vida de César, que era por outro lado o seu Benfeitor, assim ele estava acima do Medo da Morte, e não podia ser no mínimo intimidado pelo Conhecimento prévio do seu Destino em Filipos; visto que ele tinha a Noção da Vida que era geral naquele tempo, a saber, que um verdadeiro Herói nunca poderia ser miserável, uma vez que estava sempre no seu Poder morrer como Homem livre, e não sobreviver a qualquer Calamidade ameaçada, fosse Pessoal ou Nacional.

Sobre este pé ele entrou naquela Batalha desigual contra as Tropas Octavianas com uma Alegria destemida; pois ele estava certo de uma maneira ou de outra de sair vitorioso; isto é dizer, que se Augusto conquistasse o seu Exército, ele sabia como conquistar Augusto; se pela Matança das suas Tropas César levasse a melhor sobre ele, e derrotasse os seus Desenhos para a Liberdade do seu País, Ele, pela Matança de si mesmo, sabia como derrotar Augusto nos seus Desenhos de conquistar Bruto, uma vez que resolvera morrer livre, e não sobreviver à Liberdade Romana; e assim fez.

E foi sobre este Fundamento que ele ficou tão indiferente ao seu Destino que se aproximava, e tão destemido no seu olhar para e falar com o Espectro que lhe apareceu.

Mas temos ainda abundância de mais Provas por Exemplo da Realidade das Aparições. Alarico, o famoso Rei Gótico, que assolou tanto do Império Romano, teve uma Aparição que veio ter com ele, e disse-lhe que deveria empreender a sua Expedição contra os Romanos, e prometeu-lhe Vitória e Sucesso; alguns disseram que era um Anjo, outros que era o Fantasma do seu falecido Predecessor Radagaiso. Quando ele primeiro empreendeu levantar o seu Exército, tinha intenção de ir numa gloriosa Expedição para o Este, a saber, contra os Hunos e os Hérulos; isto é dizer, para a Polónia, Eslavónia e Hungria, e talvez Moscóvia ou Rússia.

Mas perante a Aparição falando com ele, foi encorajado a empreender uma Guerra contra os Romanos em Itália; onde não obstante ter sido desbaratado e inteiramente derrotado por Estilicão; ele regressou depois a Itália, matou Estilicão o General Romano, assolou o País, e tomou e saqueou a própria Cidade de Roma; isto foi em Ann. 409: de modo que a Aparição, de qualquer espécie que fosse, deve ser de tal modo Angélica que pudesse pré-conhecer Eventos e Resultados das coisas na Terra, o que deve ser adequado aos Espíritos Angélicos Celestiais, e superior aos Espíritos Diabólicos que nada sabem de Profético.

Nem é nada inconsistente com os Espíritos exaltados e bons Angélicos; pois isto não era encorajar o Mal, mas incitar um Príncipe poderoso, que havia de ser o *Flagellum Dei*, para executar a Vingança Divina sobre aquele Povo iníquo, os Romanos, que Deus resolvera destruir, ou pelo menos reduzir muito: tal como se diz que Deus incitou Nabucodonosor, Rei de Babilónia, a vir contra Jerusalém.

DIGO que este não poderia ser o Diabo, porque (como tenho insistido nisso, e ainda o faço) ele nada sabe do que está por vir; o Diabo não é *Profeta*, ele não pode antever ou predizer, a não ser por *Suposições* prováveis, *Consequências* racionais e tais *Circunstâncias* em que ele possa ir mais longe do que as outras Pessoas.

TEMS um Exemplo disto na Feiticeira *Jaquelina*; ela pretendia falar em Nome do Diabo, e por vezes fazer com que o Diabo falasse nela, e assim dar Respostas como por um Oráculo, e resolver Dúvidas e Questões difíceis, o que fazia com Admiração; e por esse meio obteve tanto Fama como Dinheiro. Ora, observou-se que quando as Pessoas vinham a ela com Dúvidas e Casos difíceis, mesmo aqueles que ninguém conseguia resolver, relativos a coisas passadas ou presentes, as suas Respostas eram surpreendentes.

Mas se vinham pedir-lhe qualquer Opinião sobre coisas futuras, e o que estaria para vir, o Diabo ficava sempre *Sem Resposta*, e geralmente mentia nas suas Respostas; de modo que ninguém podia depender de nada do que ele dizia. Numa palavra, o Diabo não era capaz de predizer coisa alguma; e daqui infiro, como sempre disse, que o Diabo não é *Profeta*, ele nada pode predizer, pois nada sabe; e que se qualquer Aparição venha a ser vista ou ouvida, que se encarregue de dizer o que deverá acontecer, podeis estar certos de que essa Aparição não vem do Diabo.

DAQUI penso que podemos prontamente dar conta daquela História tão bem publicada, quer seja tão bem conhecida ou não, da qual o Sr. *Aubrey* nos deu o último Relato, como se segue:

"DUAS Pessoas (Senhoras) de Qualidade, tendo ambas falecido não há muito tempo, eram conhecidas íntimas e amavam-se inteiramente: sucedeu que uma delas adoeceu de *Bexigas* [Varíola], e desejou grandemente ver a outra, que não quis vir, temendo contagiá-las; a Aflita acaba por morrer delas: não fora sepultada há muito tempo, quando aparece na Casa da outra com o Traje de Viúva, e pergunta pela sua Amiga que estava então nas Cartas [a jogar], mas envia a sua Criada para saber do que se tratava; a qual em suma lhe disse, que não o devia comunicar a ninguém senão à sua Senhora, que após ter recebido esta Resposta, ordenou à sua Criada que a levasse para um Quarto, e lhe pedisse para ficar até que o Jogo terminasse, e que então a atenderia. Terminado o Jogo, e descendo as Escadas, veio ela à Aparição, para saber do que se tratava.

Minha Senhora, diz o Espectro levantando o seu Véu, e aparecendo o seu Rosto cheio de *Bexigas*, Bem sabeis que vós e eu nos amávamos inteiramente, e o facto de não me virdes ver levei-o tão a mal da vossa parte, que não pude descansar enquanto não vos tivesse visto, e agora venho dizer-vos, que não tendes muito tempo de vida, portanto preparai-vos para morrer; e quando estiverdes num Banquete, e fordes a décima terceira em Número, então lembrai-vos das minhas Palavras; e assim a Aparição desvaneceu-se.

Para concluir, ela esteve num Banquete onde foi a décima terceira Pessoa em Número; e foi depois questionada pelo Irmão da falecida, se a sua Irmã lhe tinha

aparecido, como se relatava; ela não lhe deu Resposta, mas desatou a chorar, e morreu pouco tempo depois. O Cavalheiro que contou esta História, diz que dificilmente haverá qualquer Pessoa de Qualidade que não saiba ser ela verdadeira."

NÃO entro aqui em qualquer Inquérito sobre se a História é verdadeira ou não, acredito nela no Geral, pois foi geralmente acreditada como verdadeira: Mas é estranho que isto seja trazido como Evidência da *Presciência* do Diabo; quando, pelo contrário, confirma o que eu disse, a saber.

Que este não poderia ser o Diabo, ou o que chamamos a Aparição do Diabo, não, nem poderia ser a Alma da pessoa partida; e quanto à Aparição dizer que não podia descansar, ou pode ter sido inserido por algum dos muitos Autores que relatam a História; ou pode ter sido dito pelo bom Anjo ou Espírito que apareceu, para introduzir a sua Mensagem, e para despertar a Mente da Pessoa a quem se falava por algo que a tocasse mais no íntimo, fosse mais sentido e sensível para ela, e assim fizesse uma devida Impressão nela sobre a Verdade daquilo que se seguiria.

MAS primeiro, quanto a não ser o Diabo; pois concedi que o Diabo pode fazer uma Aparição, embora longe de inferir daí que todas as Aparições sejam o Diabo: Mas digo que, quanto a não ser o Diabo que apareceu aqui, na Forma da falecida Senhora, é Evidente.

PRIMEIRO, Porque, como disse acima, e repeti frequentemente, o Diabo não pode predizer, ele não tem *Presciência* das coisas antes que estejam à Vista; ele pode fazer malabarismos e pregar partidas sórdidas de muitos tipos, como quando profetizou ao Fazendeiro a Queda da sua Pilha de Milho, e depois levantou uma Tempestade repentina e a derrubou. Pode ser que ele consiga ver a alguma Distância maior do que nós, e julgar as Consequências de tais e tais Causas melhor do que nós, e com um Julgamento mais perfeito e exato.

Mas predizer coisas que estão apenas ocultas no Útero do Tempo, e atrás da Cortina da Providência, como esta da Vida e da Morte estava, não está em Satanás fazê-lo; e portanto isto não poderia vir do Diabo: a Senhora estava de Saúde, estava Alegre, aliás Contente, estava num Banquete e nas Cartas. Não havia aqui Sinal de Morte, nem sequer de Doença: não vejo sinal do Diabo nesta Aparição; a menos que fosse a sua extraordinária Cortesia de não querer interromper o Jogo dela.

SEGUNDO, Não poderia ser o Diabo, por causa do seu pedido à Senhora para se preparar para a Morte; o que, como tenho frequentemente observado, não parece ser muito do Negócio de Satanás, e não sendo muito adequado à sua Disposição, e menos ainda ao seu Propósito.

HÁ também alguma pequena Incongruência nesta História, que a torna inconsistente, não apenas com o Diabo, mas até com a Natureza de um Espírito ou Aparição: Como (1) Por que deveria a Aparição vir quando a Senhora estava ocupada e não podia falar com ela? como se ela, sendo um Fantasma ou um Espírito como vulgarmente nos expressamos, não soubesse o que ela estava a fazer, tão bem como onde ela estava? (2) Como é que o facto de ela ter levado a mal a Senhora viva não a ter visitado, a obriga a vir e dar-lhe este tipo de Aviso da sua Morte? *Levei-o tão a mal da vossa parte, que não pude descansar enquanto não vos tivesse visto.*

EMBORA isto não abale a minha Crença na Aparição em si; parece contudo sugerir que as várias Mãos pelas quais o Relato passou, inventaram a Fala para o Fantasma, e cometeram alguns Erros nela, que são de facto chocantes para o Leitor.

PARECE mais racional ser como eu li a História, que o Fantasma dissesse assim: *Embora eu tenha levado muito a mal da vossa parte que não quisésseis vir ver-me; contudo não pude descansar enquanto não vos tivesse visto, para vos dizer que não tendes muito tempo de vida, e que vos deveríeis preparar, etc.* Isto faz muito mais Sentido, e é mais condizente com a Natureza da coisa; pois certamente vir dessa maneira dar à Senhora Aviso da Aproximação do seu Fim, e aconselhá-la a Preparar-se devidamente, deve ser admitido como um ato de Bondade, não de Ressentimento, e um Testemunho da Afeção que havia entre elas; e portanto levar a mal que ela não a tivesse ido Visitar na sua Doença, não poderia racionalmente ser dado como uma Razão para tal.

MAS quanto à Aparição em si, uma vez que não poderia ser a Alma da falecida Senhora, e pelas Razões acima não era provável que fosse o Diabo, ou posso aventurar-me a dizer positivamente que não era o Diabo; O que era então? Respondo com uma Pergunta: O que poderia ser senão um bom Anjo, ou Espírito Angélico do Mundo Invisível, enviado com uma Mensagem de Bondade, e um aviso misericordioso da sua Morte Próxima; para que ela pudesse receber uma devida cautela, preparando a sua Mente e voltando os seus Pensamentos para uma Meditação adequada sobre tão sério Assunto; numa palavra, avisando-a da Morte para que se pudesse preparar para ela?

A HISTÓRIA do Filho de Sir *John Borrough*, que abandonando uma Amante em Itália, esta se suicidou, e depois o perseguiu enquanto viveu, esta é de tipo semelhante às restantes; e embora o Diabo, para o atormentar e deixar perplexo, pudesse assumir a Aparição da sua Meretriz, tanto censurando-o pelo Crime, como pelo seu Fim Trágico; contudo não vai além disto, que o Diabo pode aparecer, e pode fustigar e aterrorizar aqueles a quem apareceu, e disto não tenho

dúvida; e antes reforça o que se insiste, refiro-me à Realidade das Aparições; mas o Diabo não deu a este Cavalheiro nenhum bom conselho para se arrepender, ou preparar-se, e coisas do género; apenas apareceu, assustou, e aterrorizou-o até ao próprio Dia da sua Morte.

É também notável que, embora este Diabo em Aparição se lhe tenha mostrado no próprio Dia da sua Morte (pois ele foi morto nesse Dia num Duelo), contudo não lhe disse uma palavra do que lhe ia suceder, ou do que ele ia fazer, e é muito provável que ele não o soubesse.

HÁ outra História algo, mas obscuramente, registada de *Carlos VII* de França que parece suficientemente provável ser uma Aparição do Diabo. Esse Rei estivera perturbado e muito doente duas ou três vezes, mas recuperara toleravelmente bem, e cavalgava para Benefício do Ar na Floresta de *Mans*; Subitamente um Espectro surge ou sai dos Bosques, sendo um Homem velho, alto, magro e de mau aspeto, de Semblante pavoroso e meio nu, e vindo diretamente ao Rei segura a Rédea do seu Cavalo, e diz: *Para, Rei: Aonde vais? estás traído.*

Mas logo de imediato desapareceu. Ora, antes de mais, isto era uma falsidade de Facto, pois o Rei não estava traído por ninguém; nem houve qualquer Conspiração contra ele, ou contra qualquer um que lhe pertencesse, jamais ouvida ou antes, ou depois; pelo contrário, Segundo, o seu Reinado era nessa altura pacífico e tranquilo, os seus Súbditos todos sossegados; e quanto à sua Pessoa, ele tinha tão poucos Inimigos que era chamado *Carlos o Bem-Amado*, e era sumamente estimado pela generalidade do seu Povo.

UM BOM espírito, e Espírito Angélico, uma daquelas Guardas Sagradas que supus estarem colocadas sobre esta Terra, ou nas Regiões Adjacentes, e empregadas pelo seu Criador Generoso para o bem da Humanidade, nunca teria vindo de tal maneira, surpreendendo, e de sobressalto. Nunca teria assumido um Semblante feroz e assustador, para assim ter aterrorizado um pobre Príncipe doente, cujo Cérebro já estava desordenado; tirando vantagem da sua Fraqueza, e assim para aumentar o Frenesi e a Distração da sua Mente até à sua Destruição, pois ele nunca mais recuperou perfeitamente os seus Sentidos.

ISTO diferia grandemente da Conduta dos vários Espíritos que apareceram nos Exemplos mencionados antes, e que gentilmente avisaram as Pessoas do Perigo, predisseram Eventos para que pudessem evitá-los, ou preparar-se para as Consequências; numa palavra, esta foi uma Aparição puramente Diabólica, pois foi meramente para fazer o Mal, e para a ruína da Pessoa a quem apareceu.

PENSO que nada pode ser uma Regra mais justa para distinguirmos as Aparições: o Espírito Maligno, à maneira do Diabo, vem para enganar, ele é o

Pai das Mentiras; e vem para fazer dano, ele é um Amante e o Autor da Malícia. O bom Espírito é de Deus, a Fonte de todo o Bem, e aparece sempre para Propósitos bons e misericordiosos; e isto penso ser uma Observação justa, e uma Regra para julgarmos da Natureza de quaisquer Aparições de que ouçamos falar.

1. Paula Backscheider, na sua biografia de Defoe, indica que o *Adam Blackadder's Coffeehouse* era um de dois locais onde se podia subscrever a *Edinburgh Review* de Defoe (1708). *Daniel Defoe*, p.262. Contudo, Rodney Baines, no seu livro *Defoe and the Supernatural*, afirma que esta história aconteceu na realidade ao próprio Defoe (p.76-7) e ao seu aprendiz chamado Beacon (p.25). Defoe assinou um contrato de fretamento com Humphry Ayles, que navegou para vários portos na América (Backsheider, p.50). Backsheider menciona também que um Joseph Beaton em Boston fora vizinho de Defoe e estivera ligado aos seus empreendimentos comerciais (p.50). Rodney Baines recorda-nos que o relato de Beacon/Beaton relativo a esta morte foi enviado a Defoe em manuscrito (p.77) e é republicado supostamente palavra por palavra neste capítulo. Baines prossegue afirmando que esta mesma história, numa forma diferente, estivera em *Wonders of the Invisible World* (1693) de Cotton Mather, nas páginas 79-81, bem como noutros livros, mas mantém-se firme na evidência presuntiva de que Defoe teve a carta do próprio Beacon/Beaton (p.78). O relato de Cotton Mather contém vários itens muito curiosos. A visitação está datada de 2 de maio de 1687 (Defoe tem isto) e Mather regista que Joseph Beacon, às 5h00 da manhã, viu uma aparição do seu irmão. Mather afirma que recebeu a história de Beacon pessoalmente. O relato de Mather contém mais detalhes sobre o que aconteceu ao irmão de Beacon.

2. O DNB apresenta duas fortes possibilidades para estas iniciais: Ambrose Barnes (1627-1710) Vol.l, p.1167 ou Adam Blackader (fl.1674-1696) Vol.2, p.576-7. Ambos eram mercadores.

3. Estende-se para leste de *Temple Bar* até ao *Ludgate Circus*. Na Londres medieval era uma via principal nomeada a partir do vizinho Rio Fleet que agora corre sob a *Farringdon Street* e a *New Bridge Street*. *The London Encyclopedia*, p.284.

4. Nomeado a partir da *Salisbury House*, sobre cujos terrenos foi construído. *Salisbury Square*: Conhecida como *Salisbury Court* até ao final do século XIX, nunca foi uma praça planeada arquitetonicamente. Cobre parcialmente o local da *Salisbury House*, a casa de cidade dos Bispos de Salisbury do século XIII até ao XVII, quando passou para as mãos do Conde de Dorset. *The London Encyclopedia*, p.768-69.

5. Livro 23, linhas 93-94.

6. Esta é uma tradução muito pobre daquela que aparece no Livro Seis da *Eneida*. Defoe provavelmente registou-a de memória. Ou a sua memória é inexata, ou a aprendeu de um livro-fonte corrompido, ou está a citar outro autor. Esta citação começa sensivelmente na linha 316 e continua até cerca da 383.

7. Linhas 83-91.
8. Ver capítulo 9, nota # 5.
9. Livro 23, linhas 95-97.
10. Livro 23, linhas 122-125.
11. Na verdade, é o Livro 11, linhas 741-744.
12. Livro 11, linha 744.
13. Esta palavra é na verdade uma contração, usada no Grego Homérico. A primeira parte da contração é a palavra: "eid-os" significando aparência, forma, vulto, etc. (também natureza, espécie e o ato de ver). Está relacionada com o verbo "eido" significando ver ou aparecer, aqui usada como substantivo. A segunda parte da contração é a palavra: "olon" significando todo, completo ou tudo. Quando as palavras são combinadas, o "o" é retirado do fim da primeira palavra formando "eidolon" (nominativo masculino singular) significando a aparência total. O Grego Homérico explica: 1) a assimilação vocálica e a queda da consoante final e 2) a forma incorreta ou não convencional da palavra. Christina Vallery.
14. Livro 22, linhas 618-619.
15. Livro 23, linhas 87-88.
16. Livro 23, linhas 27-35.
17. Livro 23, linhas 224-225.
18. Livro 23, linhas 226-231.
19. Existem demasiadas iniciais T. S. no *Dictionary of National Biography* para ser possível restringi-las a qualquer pessoa, ou mesmo grupo de pessoas. Para não mencionar o facto de ele poder nem sequer estar no Dicionário.
20. Um barqueiro idoso chamado Caronte transporta as almas dos mortos através da água para a margem oposta [do submundo]. *Mythology* [Grega], p.39.
21. Um dos três rios do submundo grego, o rio Estige é o rio do juramento inquebrável pelo qual os deuses juram. *Mythology*, p.39.
22. Pertencente ao rio Estige, ou, num sentido mais lato, às regiões infernais da mitologia clássica. Infernal, diabólico. OED, p.1007.
23. De guarda perante os portões [de Hades] senta-se Cérbero, o cão de três cabeças e cauda de dragão, que permite a todos os espíritos entrar, mas a nenhum regressar. *Mythology*, p.39.
24. A deusa do amor e da beleza, que seduzia todos, deuses e homens; a deusa amante do riso que se ria doce ou zombeteiramente daqueles que as suas manhas tinham conquistado; a deusa irresistível que roubava até o juízo dos sábios. *Mythology*, p.32.
25. Livro 23, linhas 115-118.

26. Plutarco conta a história do assassinato de Clito (Vol. I p.179-181), mas não da perseguição fantasmagórica a Alexandre.

27. Plutarco fala de uma visão ou corpo, mas não associa um nome a este espectro. "Assim, uma noite antes de ele [Bruto] passar fora da Ásia, estava ele muito tarde sozinho na sua tenda, com uma luz ténue a arder ao seu lado, estando todo o resto do acampamento calado e silencioso; e raciocinando sobre algo consigo próprio e muito pensativo, imaginou que alguém entrava e, olhando para a porta, viu uma terrível e estranha aparição de um corpo não natural e assustador parado junto dele sem falar" (Vol. I p.596). A visão reaparece mais tarde na história, sendo esta a parte a que Defoe se refere: "nessa mesma noite, dizem, a visão apareceu novamente a Bruto, na mesma forma que antes, mas desapareceu sem falar" (Vol. I, p.605). Segundo Francis Bacon, o espírito disse a Bruto na primeira aparição: "*Philippis iterum me videbis* [Ver-me-ás novamente em Filipos]" (p.97). Shakespeare identifica a visão como o fantasma de César em *Júlio César* (Ato 4, cena 3), mas não o faz reaparecer fisicamente, apenas ouvimos Bruto falar sobre isso antes de se suicidar: "O fantasma de César apareceu-me/Duas vezes por noite — uma em Sardes,/E esta última noite aqui nos campos de Filipos" (Ato 5, cena 5, linhas 20-22).

28. Pintura desconhecida.

29. Alarico, um líder visigodo (morto em 410 d.C.), liderou o seu povo da Moésia inferior em 395, devastou a Grécia e em 401 entrou na Itália... cercou Roma três vezes nos anos 408-410. Não há menção a uma aparição. *Oxford Classical Dictionary*, p.33.

30. História desconhecida.

31. Radagaiso liderou a invasão da Itália em 405/6 e foi executado em Florença a 23 de agosto de 406. *Goths and Romans 332-489.*

32. Povo que habitava a Ásia Oriental cujas várias tribos formaram um único império de 209 a.C. a 160 d.C. Misturaram-se com os turcos e acabaram por habitar o Turquistão. A segunda "fase" é a mais recordada, o período na Europa quando Átila era o seu líder (445 d.C.). Foi quando foram a ameaça mais séria para os romanos. *The Early Empires of Central Asia*.

33. Uma das hordas mongóis, juntamente com as tribos góticas e hunas. *The Times Concise Atlas of World History*, p.31.

34. Este país em tempos estendeu-se do Adriático ao Mar Negro. Por volta do início de 1800 fora reduzido a um pequeno país que fazia fronteira com a Hungria, Bósnia, Sérvia e Croácia. Foi fundado pelos Eslavos, uma tribo tártara ou cita. *The World*, p.463.

35. Antigo principado da Rússia Ocidental. *The Times Concise Atlas of World History*, p.172.

36. Estilicão (m. 408) foi o regente do Imperador Romano Honório. *Goths and Romans 332-489*.

37. O chicote/flagelo de Deus.

38. Jeremias 32:3.

39. História desconhecida.

40. John Aubrey (1626-1697): Antiquário. DNB vol.l, p.716.

41. Conhecimento de eventos antes de acontecerem. OED. p.389.

42. Não há menção a esta história na Bíblia, portanto a fonte é desconhecida.

43. Ver *Brief Lives* de Aubrey, ed. Oliver Lawson Dick, Secker and Warburg: Londres. 1949. p. 29-30.

44. Sir John Borough (m.1643), ordem da Jarreteira, Rei de Armas. DNB, Vol.2, p.863-4.

45. A fonte desta história é desconhecida; contudo, Rodney Baines (*Defoe and the Supernatural*, p.75) acredita ser uma história popular no tempo de Defoe. Ele poderá tê-la ouvido.

46. Coroado em julho de 1429, foi o rei restaurado ao trono por Joana d'Arc. *Contemporary Chronicles of the 100 Years War*.

47. Le Mans é a principal cidade na província francesa do Maine. *Contemporary Chronicles of the 100 Years War*, p.326.

## CAP. X

### DA NATUREZA DIFERENTE DAS APARIÇÕES; COMO DEVEMOS COMPORTAR-NOS PERANTE ELAS; QUANDO TER MEDO OU PREOCUPAÇÃO COM ELAS, E QUANDO NÃO

O PERIGO pode ser a Razão da Cautela; mas a Culpa apenas é a razão do Medo. A Cautela é o justo Respeito da Mente pelo Mal à vista; mas o Medo é um Horror da Alma, na apreensão de algum Mal maior ainda fora de vista; invisível, e portanto terrível; merecido, e portanto pavoroso.

SE não houvesse Culpa na Mente, a própria Morte não seria um Mal e portanto, não seria o Objeto do nosso Medo; nem é a Morte em si o nosso Medo agora enquanto é em si um mero passar para fora da vida, a não ser enquanto é uma entrada para algum Estado terrível além dela.

Não é aquilo de que passamos para fora, que é a amargura, mas aquilo para onde passamos; não aquilo de que nos partimos, mas qual será a Troca; não o salto para fora da Luz, mas o salto para dentro das Trevas: e para nos aproximarmos mais disso, o Pensamento do que está além da Morte é apenas tornado melhor ou pior pelo que sabemos deste lado dela; o Pavor do que está para vir, funda-se no nosso sentido consciente do que passou.

ESTE Estado além da Morte é tornado o nosso Terror, pois nele esperamos a Punição das Ofensas, uma Retribuição por uma Vida mal vivida, e pois temos nas nossas Mentes um Sentido de Culpa; isto é, uma Consciência de ter mal gasto o nosso tempo passado, e temendo a Justiça da Mão Superior, em quem está o Poder das Recompensas e Punições. Ora, para trazer isto ao caso em Questão.

TODA a Aparição é olhada como algo que vem, ou nos é enviado, daquele Estado de Ser que está além da Morte e portanto, é olhada com o mesmo Terror e Susto, de que somos tomados ao Pensamento da própria Morte.

DAQUI, se pudéssemos considerar calmamente a Natureza da Aparição que vemos, poderíamos prontamente saber se teríamos razão para estar aterrorizados com a Aparição, sim ou não: Se a Aparição vem com uma Mensagem de Paz, se repreende com Bondade e Ternura, se admoesta com Gentileza, e dá Conselhos para emendar e reformar, ela vem certamente de uma boa Mão, e não precisamos

de estar sob preocupação alguma a seu respeito, porque não tem Mal em si mesma.

SE vem em todas as suas Posturas ameaçadoras, pavorosa como o Diabo a pode fazer, horrível como ele próprio em Pessoa; contudo, se não houvesse Culpa, não haveria medo da Aparição, ou mesmo do Diabo aparecendo em Pessoa; porque saber-nos-íamos fora do seu Poder.

COMO então o Bem ou o Mal da Mensagem, que a Aparição traz, distingue a Aparição em si, e nos diz de que tipo ela é; assim como as nossas Mentes são, ou não, intimidadas pela nossa própria Culpa, assim temos ou não razão para sermos surpreendidos com a Aparição de um Mensageiro, ou Mensageiros, do mundo invisível, ou com o que quer que ele diga.

*Hic murus aheneus esto, Nil conscire sibi nulla palescere culpa*

O SR. *Aubrey* dá-nos a História nas suas *Miscellanea* da Aparição a *Cashio Burroughs*, Esq.; no tempo do Rei Carlos I, e à qual aludi há pouco noutra ocasião; a História é como se segue:

"SIR John Burroughs sendo enviado como Enviado ao Imperador pelo Rei Carlos I, levou consigo o seu Filho Mais Velho *Cashio Burroughs*; e fazendo a sua Jornada através da Itália deixou o dito Filho em Florença, para aprender a Língua; onde tendo ele uma Intriga com uma bela Cortesã, Amante do Grão-Duque, a Familiaridade deles tornou-se tão pública, que chegou ao Ouvido do Duque, que tomou a Resolução de o mandar assassinar; mas *Cashio* tendo tido aviso oportuno do Propósito do Duque, por alguns dos Ingleses ali, imediatamente deixou a Cidade sem dar conhecimento disso à sua Amante, e veio para Inglaterra. Pelo que o Duque, sendo frustrado na sua Vingança, caiu sobre a sua Amante com a Linguagem mais reprovadora: Ela, por outro lado, ressentindo a partida súbita do seu Galante, por quem estava apaixonadamente enamorada, matou-se. No mesmo Momento em que expirou, apareceu a *Cashio* nos seus Aposentos em Londres. O Coronel *Remes* estava então na Cama com ele, que a viu tão bem como ele, dando-lhe conta dos seus Ressentimentos pela Ingratidão dele para com ela, ao deixá-la tão subitamente, e expondo-a à Fúria do Duque; não omitindo a sua própria Saída Trágica; acrescentando além disso, que ele seria morto num Duelo; o que consequentemente aconteceu:

E assim ela apareceu-lhe frequentemente, mesmo quando o seu Irmão mais novo (que depois foi Sir John) estava na Cama com ele. Sempre que ela aparecia, ele gritava com grandes Gritos e Tremor do seu Corpo, bem como Angústia de Mente, dizendo: *Ó DEUS! aqui vem ela, lá vem ela!* e nesta toada ela apareceu até que ele foi morto. Ela apareceu-lhe na Manhã antes de ele ser morto. Alguns

dos meus Conhecidos (diz Aubrey) disseram-me que ele era um dos Homens mais belos de Inglaterra, e muito Valente."

A APARIÇÃO deste Diabo, pois não lhe posso chamar outra coisa, nada tinha em Vista senão fustigar, atormentar e assustar o Cavalheiro: Talvez esperando que isso o levasse a algum estado de Desespero; de modo a destruir-se a si próprio, como a Mulher que aparecera fizera antes.

O CAVALHEIRO a quem ela apareceu, estava consciente do Crime; a Mulher em cuja forma o Diabo o fustigava era uma Cortesã, isto é, uma Mulher Comum, com quem ele tivera uma Intriga em Itália: Ele não só fora desonesto com ela, mas parece que fora desonesto para com ela; e isto último, com a assistência do Diabo, parece ter trabalhado de tal modo sobre a Raiva dela a ponto de a fazer ser a sua própria Executora; e tomo a Aparição como sendo o Diabo prosseguindo com a mesma Gestão, e esforçando-se por produzir o mesmo Efeito sobre ele.

ORA vede a Consequência do Crime: o sentido da Culpa torna esta Aparição pavorosa para ele; quando ela aparecia, ele tremia, caía em Convulsões, gritava, *Ó DEUS! aqui vem ela!* e, numa palavra, está numa Agonia de horror e susto.

TIVESSE ele apenas conversado com a Senhora como uma Conhecida comum, não tivesse ele tido nada que ver com ela, ou não tivesse feito qualquer coisa desonrosa para com ela, teria tido Coragem natural para ter olhado o Diabo na Cara, e ousadamente ter perguntado que negócio poderia ela ter com ele.

LI uma História de uma Senhora muito religiosa, contra quem o Diabo, ao que parece, tinha algum Ressentimento particular, e pôs os seus Estratagemas a funcionar para a arruinar, tanto na Alma como no Corpo. Atacou-a de cem maneiras diversas de forma Encoberta, como lhe posso chamar, isto é, por Tentativas de a atrair para o Crime, seduzindo-a, e armando-lhe Ciladas de vários tipos.

Mas quando se viu firmemente resistido pela Virtude resoluta, Modéstia e Temperança da Senhora, atacou-a em Pessoa com Aparições assustadoras, assumindo Formas feias e terríveis; e uma vez aparecendo todo em Fogo, com uma Voz ameaçadora pavorosa, disse-lhe que vinha para a levar: A Senhora teve um espírito secreto de Coragem e Resolução que lhe sobreveio no Próprio Momento e, como dizemos noutros casos, enfrentando-o como se fosse lutar com ele; *Resisti ao Diabo*, diz ela, *e ele fugirá de nós! vem por mim!* acrescentou ela, *arriscar-me-ei a isso! pois tenho a certeza que mentes, Satanás, nada tens a ver comigo.*

O DIABO chamou-lhe Puta, e disse-lhe que ela amava tal Homem, que era um Homem casado, e portanto ela cometera intencionalmente Adultério com ele, e seria condenada.

N. B. Parece que a Senhora amara aquele Cavalheiro antes de ele estar de outro modo comprometido, pelo casamento; mas nunca tivera qualquer Pensamento para com ele, ou o mínimo Conhecimento dele, depois disso.

*TU mostras-te*, diz ela, *ser cheio de Subtileza, um verdadeiro Diabo, e a própria Malícia: é verdade, eu amei esse Cavalheiro*, diz ela, *e tu puseste-o a trabalhar para me persuadir de que ele me amava, e para me cortejar com Pretensões honrosas, e de tal modo me ganhaste, que eu realmente o amei; mas* — — —

AQUI ele interrompeu-a, e disse-lhe, *Em tal altura*, diz o Diabo, *desejaste estar na cama com ele, e és tão culpada por desejares Pecar, como se o tivesses feito.*

— TU és o Pai das Mentiras, Satanás, diz ela, e o Pai dos Mentirosos, e tu mentes nisto; aliás, mentes como um Diabo, isto é, maliciosamente, pois sabes que isso não é verdade. VÓS sereis condenada, diz ele, e eu levar-vos-ei daqui neste minuto. TU não me podes levar sem a Permissão de Deus, diz ela, e Ele não me entregará nas tuas Mãos: portanto, toca-me por tua conta e Risco: e com isto ela caiu de Joelhos e clamou: SENHOR, preserva-me do espírito maligno: com o que o Diabo a deixou e se retirou.

ESTAS Aparições podem ser chamadas de Aparições do Diabo de facto, e pelos seus Trabalhos o conhecereis, pois isto é agir como ele próprio; mas onde não há Culpa não precisamos de ter medo do Diabo, em qualquer Forma ou Figura assustadora em que ele pense atacar-nos.

ESTA Senhora nunca teria sido capaz de reprochar Satanás com a Mentira, se o que ele dissera fosse verdade; mas ela sabia-se inocente, e isso pôs Coragem na sua Alma, de modo que ela de facto intimidou o Diabo, desafiou-o e instou-o a fazer o seu pior.

PARECE que o Diabo vasculhou arduamente para encontrar um Crime de que acusar esta Senhora, e aproximou-se muito dela; mas ele foi posto em apuros quanto à sua Evidência; pois mesmo recolhendo todas as Ações da Vida dela, não conseguiu encontrar nada de real Culpa com que a carregar.

ELE atacou-a depois disto em várias Formas, e uma vez disse-lhe que ela seria condenada por Hipócrita; pois, diz ele, apesar de toda a tua pretendida Santidade, estiveste numa Paixão violenta em tal altura, e amaldiçoaste a tua Prima — nomeando-lhe o Nome dela.

ELA respondeu, como dantes, ousadamente; E Satanás, diz ela, embora sejas um Diabo e não possas ter vergonha, contudo és demasiado astuto e demasiado instruído para agires como um Tolo; eu estava zangada, mas em nenhuma Paixão; e para a minha Ira eu tinha justa causa; mas tu foste o causador do Crime, e logo da Ira também: Pois ela confessou que o Diabo tentara a minha Parenta a roubar-me, portanto tu foste a Ocasião tanto do Pecado dela como da minha Ira.

MAS tu amaldiçoaste-a e desejaste que o Diabo (referindo-se a mim, diz ele) a levasse.

ISSO é próprio de ti outra vez, Diabo, diz a Senhora; eu estive longe de desejar que tu a levasses, não sou assim tão tua Amiga para desejar que fosses gratificado na Ruína de alguém. Mas eu disse-lhe, de facto, que se ela fizesse tais coisas, tu a levarias.

MAS tu mentiste nisso, diz ele, pois eu não lhe farei mal.

TENHO pena, diz ela, que sejas assim tão Amigo dela.

ELA já é minha, acrescenta o Diabo, não lhe farei nenhum dano.

MUITO bem, Diabo, diz ela; então espero estar fora da tua Lista, ou por que outra razão estás a enfurecer-te comigo?

SIM, sim, diz ele, serás minha rapidamente, tal como ela.

EU desafio-te, diz ela novamente, e direi à pobre Rapariga o que dizes dela. Espero que ela saia das tuas Mãos novamente.

ENTÃO eu quebrar-lhe-ei o Pescoço nesse Minuto, diz ele.

ISSO não está no teu Poder, diz a Senhora.

BEM, mas, diz ele, jogaste às Cartas no Domingo de Manhã passado.

ELA ficou um pouco surpreendida com a Acusação e parou por um momento; mas recuperando a sua Coragem, É estranho, Diabo, diz ela, que não consigas trazer nada senão Mentiras contra mim; ora, eu tenho Faltas suficientes, que são Faltas reais, e verdadeiras, e que eu não poderia negar. Ora, eu acho que Satanás se tornou um Tolo, acrescenta ela, como se estivesse a mofar dele. Por que não cais sobre mim naquelas Coisas de que sou culpada? e não inventas Mentiras por amor ao mentir? Eu joguei às Cartas num Sábado à Noite, mas não num Domingo de Manhã.

MAS, disse ele, jogaste às Cartas contra a tua Própria Consciência, quando acreditavas que era Pecado jogar, e serás condenada por isso.

ORA, na verdade, Diabo, diz ela, aproximas-te mais da Verdade nisto do que em qualquer coisa que tenhas dito; pois depois de o nosso Ministro falar contra o Jogo, uma Noite, ele de tal modo me persuadiu de que não era lícito, que eu resolvi deixá-lo.

MAS quebraste a tua Palavra e jogaste novamente; e fizeste-o, digo-te, contra a tua Consciência.

EU não me prendi por nenhuma Promessa, mas cheguei a questionar um pouco, de facto, se deveria jogar mais ou não.

SIM, e fizeste-o contra a tua Consciência, digo-te, e serás condenada por isso.

AQUI a Senhora não pôde conter as Lágrimas; mas ainda assim respondeu ao Diabo ousadamente: como tu és um Mentiroso, Satanás, espero que não o seja, porque tu dizes que o serei. Contudo, nunca mais o terás para me reprochar; pois embora eu não tenha prometido ao Homem, prometo-o agora ao Diabo, nunca mais jogarei.

É tarde demais agora, diz ele, e ameaçou-a novamente.

NÃO, Satanás, diz ela, nunca é tarde demais para alguém se Arrepender, exceto para Ti; e tu nunca te Arrependerás, nem serás Perdoado.

COM isto, diz a minha História, o Diabo deixou-a. Tomei isto, por Abreviatura, de um relato muito vasto das várias Disputas que esta corajosa Senhora teve com o Diabo durante alguns Anos; do qual, se eu pudesse assegurar os Particulares de modo a estar certo da Verdade de cada Parte, e também pelo meu próprio Conhecimento, eu faria aqui mais uso; mas até aqui servem para a presente Ocasião, a saber:

1. QUE onde o Diabo aparece, fá-lo sempre como um Diabo, para algum propósito perverso ou outro.
2. ONDE ele não pode prevalecer e incitar a fazer o Mal, ataca com Raiva e ameaça com o sofrimento do Mal.

OS bons Espíritos ou bons Anjos são de um Género inteiramente diverso; e como vêm, ou são enviados de outras Mãos, assim vêm com outros Recados e de outra maneira, como darei um relato mais particular brevemente.

MAS permitam-nos daqui inquirir sobre uma Opinião com a qual me deparei, e que é de alguns Homens de Saber e Julgamento, a saber: Que, tomando as Aparições em geral, sejam de bons ou de maus Espíritos, elas nunca, ou muito raramente, fazem qualquer mal.

QUANTO aos bons Espíritos, sabemos, como acima, que não farão nenhum; e se os maus não o fazem, é porque não podem.

OS bons Espíritos, é certo, não farão mal; é pelo seu aparecimento geral para o bem que os determinamos como bons Espíritos; e esse tipo de Julgamento é certamente muito justo: mas se os maus Espíritos, que aparecem, também não fazem mal, é porque estão sob alguma restrição extraordinária do Poder Divino; de modo que, embora possam andar pelo Ar, não lhes é permitido fazer qualquer Mal considerável no Mundo. Em ambos os casos, toda a Ocasião do nosso Terror sobre eles é removida; pois quer sejam bons Espíritos, ou espíritos maus restringidos, é quase o mesmo; um não lhe fará mal, e o outro não pode; e não resta então lugar para o Pânico, que tanto nos assalta quando ouvimos falar deles.

É verdade que os Anjos foram por vezes enviados em Julgamento do céu, e executaram as terríveis Ameaças de Deus sobre os Homens numa Forma aparente; como o Anjo chamado o Anjo Destruidor, que David viu no Ar, com a sua Espada desembainhada e estendida sobre Jerusalém para a destruir, 1 Crón. xxi. Assim o Anjo do Senhor que abateu 180.000 dos Assírios numa Noite; e não é improvável que uma Hoste de Anjos ou Aparições tenha aparecido no Acampamento Assírio e despedaçado o Exército Assírio, com um Terror a que não foram capazes de resistir.

ESTES são casos extraordinários e milagrosos; assim também o é aquele em que o Anjo apareceu a Balaão com uma espada flamejante, e lhe disse que se a Burra se não tivesse desviado dele, ele (o Anjo) o teria morto, Núm. xxii. 33. Mas não estamos agora a falar de Anjos enviados com Comissões especiais para executar a Vingança de Deus, mas da Aparição de bons Espíritos ou Anjos do mundo invisível de Espíritos, que frequentemente aparecem, e por vezes por Ocasiões muito pequenas e triviais, e que visitam as Pessoas tanto de Noite como de Dia; a isto chamamos *Vaguear* e Aparição, e é isto que é o objeto da nossa presente Inquirição.

DESTES é que eu digo, por muito que nos perturbem, e por muito aterrorizados que estejamos por causa deles, eles muito raramente fazem qualquer mal.

OUVI falar de uma Aparição que veio a um Fazendeiro em Surrey, e ameaçou-o de que queimaria a sua Casa e o seu Celeiro, e todo o seu Milho e Feno; quais eram as suas Pretensões a História não relata, ou o que o pobre Fazendeiro fizera para o desagradar; mas o Homem estava, ao que parece, na maior Consternação, e expostulou com a Aparição por muito tempo; mas por fim recuperou o ânimo e falou-lhe com um pouco mais de Coragem.

O QUE és tu, diz ele, que me ameaças assim sem causa, e dizes que me vais arruinar, não obstante eu nunca te ter feito qualquer mal? Tu deverias ser o Diabo, pelo teu tratamento para comigo, pois os bons Espíritos nunca fazem qualquer Injustiça.

A ISTO o Diabo respondeu num Discurso longo e, na Aparição, ameaçador, mas numa Língua de que o pobre Homem não entendeu uma única Palavra.

NÃO sei o que dizes, diz o Fazendeiro, mas digo-te outra vez que me pareces ser o Diabo, ou um dos seus Anjos, e suponho que essas sejam Palavras entendidas no poço sem fundo; mas não me ameaces mais com a tua Raiva, e com queimar a minha Casa e Milho; és de facto um grande Dragão, mas estás acorrentado, e nada podes fazer senão o que te é permitido fazer pelo teu Criador, e não te temo. Sobre o que o pobre Homem orou Mentalmente para que pudesse ser liberto do Poder do Diabo, e lá se foi o Espectro, e não lhe fez mal algum.

ESTA foi certamente uma Coragem louvável, e tinha algo de Cristão nela também; e tal Coragem, e sobre tal Fundamento, iria, pelo que eu sei, acalmar todos os Diabos que alguma vez caminharam, e afugentar todas as Aparições e Espíritos por quem as Pessoas são tão terrivelmente assombradas, e de quem estão tão aterrorizadas.

1. "Seja este o teu muro de bronze, nada teres que pesar na consciência, nenhuma culpa que te faça empalidecer" de Horácio, *Epístolas*. I, i, 60-61.
2. Ver capítulo 9, nota # 43.
3. Indivíduo desconhecido.
4. O *Dictionary of National Biography* menciona que John Bouroughs, Jr. foi feito cavaleiro pelo Rei Carlos II, mas não dá outra informação sobre ele. DNB vol.2, p.863.
5. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que ele a leu.
6. Na verdade, trata-se de I Crónicas 21:16.
7. Esta referência é de Isaías 37:36, mas foram 185.000 os mortos: "Então saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e, quando se levantaram pela manhã cedo, eis que todos estes eram corpos mortos."
8. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que ele a ouviu.

## CAP. XI

### DAS APARIÇÕES EM SONHO, E ATÉ QUE PONTO SÃO OU NÃO SÃO APARIÇÕES REAIS

PODE haver Sonhos sem Aparição, como pode haver Aparições sem Sonhos; mas a Aparição num Sonho pode ser tão realmente uma Aparição como se a Pessoa que a viu estivesse acordada: A diferença pode estar aqui, que a Aparição num Sonho é visível apenas à Alma, pois a Alma nunca dorme; e uma Aparição à Vista ocular é visível em Perspetiva comum.

COMO é então que vemos nos nossos Sonhos os próprios Rostos e Vestes da Pessoa de quem sonhamos; aliás, ouvimos as suas Vozes, e recebemos devidas Impressões do que dizem, e muitas vezes falamos com eles com as nossas próprias Vozes articulada e audivelmente, embora estejamos profundamente adormecidos? Que segredo Poder da Imaginação é capaz de representar a Imagem de qualquer Pessoa para si mesma, se não houvesse alguma Aparição, algo colocado à vista da Alma, por uma Mão secreta, mas invisível, e de uma maneira impercetível? O qual Algo é em todos os Aspetos, e para todos os Propósitos, tão completamente uma Aparição, como se estivesse colocado em vista aberta quando a Pessoa estava acordada.

A ESCRITURA confirma esta Opinião por muitas Expressões diretamente ao propósito, e particularmente esta de Aparecer, ou Aparição em Sonho. Gén. xx. 3. Deus veio a Abimeleque num Sonho; tivesse sido dito que Abimeleque sonhou que Deus veio a ele, poderia haver alguma exceção ao Paralelo; mas Deus veio realmente a ele: e que importa que Abimeleque estivesse a dormir, e num Sonho, não foi menos uma Aparição, pois Deus veio a ele, e falou, e disse-lhe: e no 4.º Versículo Abimeleque falou à Aparição.

Qualquer que fosse a Forma, que o Texto não menciona; mas Abimeleque sabia também com quem falava, isso é evidente, pois o Texto menciona-o plenamente, *E ele disse, SENHOR, matarás também uma nação justa?* e assim ele prossegue, no versículo quinto, a expostular e pleitear por si mesmo e pelo seu Povo, *não me disse ele mesmo, é minha Irmã?* de modo que ele sabia que estava a falar com o Senhor. O Texto é muito notável, é claro que houve uma Aparição, mas o Homem estava a dormir e num Sonho.

NOVAMENTE no caso de Labão perseguindo Jacob, Gén. xxxi. 24. Deus veio a Labão, o Sírio, num Sonho de Noite, e disse-lhe. Aqui está novamente uma Aparição, e uma Aparição falante também; DEUS veio a ele, e DEUS falou-lhe; e Labão confessa, não que sonhou com o aparecimento de Deus, mas que

Deus realmente lhe falou, v. 29. *O Deus de vosso pai me falou ontem à noite, dizendo.*

CERTAMENTE os Sonhos naqueles Dias eram outro tipo de coisa do que são agora. Deus falava-lhes, e eles respondiam; e quando estavam acordados sabiam que era Deus que falara, e davam ouvidos à Visão ou Aparição de Deus para eles.

HÁ muitos mais Exemplos do mesmo na história sagrada; como primeiro no caso notável do Rei Salomão, 1 Reis iii. 5. O Senhor apareceu a Salomão num Sonho de Noite, e DEUS disse, *pede o que eu te hei de dar.*

ISTO é chamado na Escritura um Sonho, v. 15. e Salomão acordou, e eis que era um Sonho; e contudo tudo é confirmado; e a Petição que Salomão fez, embora no seu Sono, ou Sonho, é aceite e respondida como o seu ato e feito real, como se ele estivesse acordado. Uma boa dica, a propósito, de que podemos tanto agradar como ofender nos nossos Sonhos, tão realmente como se estivéssemos acordados; mas isso é uma dica, digo, por si só.

ESSA Passagem de Salomão é muito notável para o caso em questão. Se os meus Leitores fazem o favor de acreditar que houve um Homem como Salomão, e que ele teve tal Sonho; devem também admitir que foi uma Aparição real, Deus apareceu-lhe num Sonho.

PARA baixar um degrau: assim como Deus apareceu Pessoalmente aos Homens em Sonhos, também o fizeram Espíritos inferiores, e temos exemplos disto também na Escritura. Mat. i. 20. Enquanto ele pensava nestas Coisas, eis que o Anjo do Senhor lhe apareceu num SONHO: e novamente, Mat. ii. 13. Eis que o Anjo do Senhor apareceu a José num Sonho, dizendo: e uma terceira vez é repetido, o Anjo veio novamente a ele no Egito, v. 19. do mesmo Capítulo; quando Herodes morreu, Eis que um Anjo do Senhor aparece num Sonho a José no Egito.

VOU supor por uma vez que ninguém precisa de desejar qualquer outra Evidência além destas para a Realidade da coisa em si; podemos trazer daqui para Paralelos justos para Matérias ao nosso Alcance, a Experiência fornecer-nos-á Passagens particulares suficientes; e darei algum Relato para vós dentro do Âmbito dos nossos próprios Tempos; no qual se eu fizer o mais possível, como tenho feito ao longo de tudo, omitir todos aqueles relatos que outros publicaram, referindo-vos a essas Publicações para os particulares, e apenas vos der novos e mais modernos Relatos, tais como os que entram na Margem do meu próprio Conhecimento, ou do Conhecimento daqueles a quem tenho boa Razão para dar Crédito.

Creio que a Variedade será tão aceitável, e muito mais útil do que uma mera Repetição do que outros disseram. Se eu achar necessário citar o que outros publicaram, tê-lo-ão justamente marcado como uma Citação, para que possam procurar a Verdade no seu Original.

MAS antes de chegar à Citação, ou à Recolha de Histórias, é necessário observar aqui também que, como aprouve a Deus aparecer desta Maneira, e fazer com que Anjos aparecessem também da mesma Maneira, e em Ocasiões especiais, assim não tenho dúvida de que o Diabo aparece muitas vezes em Sonhos também; e eu poderia dar mas demasiados Exemplos disso, como particularmente um na Escritura.

É aparente que Deus deu a Satanás uma espécie de Licença geral para afligir Job, apenas para não o matar; com tal comissão terrível poder-se-ia esperar que o Diabo caísse sobre ele com a maior Fúria de que fosse capaz, ou pelo menos que lhe fosse permitido tomar; arruinou as suas Fortunas, reduziu-o à Miséria, assassinou os seus Filhos, atormentou-o com Úlceras e Chagas; em suma, não lhe deixou nada senão Cacos, e uma má Mulher para o socorrer; e enquanto o acossava, para usar uma Frase moderna, a um passo da Morte, seguia-o na Noite com Aparição, para que ele não recuperasse a Natureza com o Descanso, e fosse um pouco refrescado com o Sono. O próprio Job queixa-se disso, Job vii. 14. *Assustas-me com SONHOS, e aterras-me com VISÕES.*

Não que DEUS aparecesse a Job em qualquer Forma pavorosa ou terrível; mas o Diabo, a quem Deus se dignou dar a Liberdade de afligir Job, tomou essa Liberdade, e exerceu a sua Malícia ao máximo de tal Maneira. Não nos é dito, de facto, que Métodos o Diabo tomou para assustar e aterrorizar aquele pobre e aflito Sofredor; mas como ele não nos pode mostrar nada mais feio e mais assustador do que ele próprio, é muito provável que lhe tenha aparecido em Pessoa, e isso da Maneira mais surpreendente possível, com todas as circunstâncias de Horror de que foi capaz.

PENSAM alguns, que notam criticamente aquela Parte do Texto onde a Mulher de Pilatos avisou o seu Marido para nada ter que ver com a condenação de Cristo para ser crucificado, que foi o Diabo que a instigou a opor-se a isso. Satanás, logo que percebeu a Morte de Cristo, embora pretendida para o Mal pelos Judeus, e perseguida violentamente por eles na sua Raiva e Malícia contra o nosso Senhor pessoalmente, era contudo uma coisa determinada pelo conselho determinado de Deus para a Salvação da Humanidade.

Digo, logo que ele percebeu essa Parte, que é provável que não soubesse antes, esforçou-se tudo o que pôde para impedi-la; e tão feroz como fora para irritar os Judeus antes, e elevar a sua Fúria e Malícia até um Ponto, chegando quase a

amotinar o Governador para o fazer; agora, sorrateiramente, esforçava-se por impedi-lo, e usou este Estratagema, entre outros, atacando a Mulher de Pilatos na Noite, e pondo-a a persuadir o seu Marido de que ele ia entregar uma Pessoa inocente para gratificar os Judeus; e que deveria ter cuidado com o que fazia. Mat. xxvii. 19. E, estando ele sentado no Tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: *Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri hoje por causa dele.*

QUER tenha sido assim ou não, é muito provável que as muitas coisas que ela sofreu devam ter sido do Diabo; porque o Céu, por cujo conselho determinado e Presciência a Morte de Cristo fora estabelecida, nada teria feito para ter impedido ou interrompido o seu próprio Desígnio.

ORA, como os Sonhos naqueles Dias, e os nossos Sonhos neste Tempo, são excessivamente diferentes; e que como as nossas Cabeças estão tão cheias de Pensamentos impertinentes durante o Dia, que em proporção amontoam a Imaginação à Noite, assim os nossos Sonhos são triviais e tolos: Como faremos para saber quando devem ser tomados em conta, e quando não? Quando há uma Aparição real a assombrar-nos, ou a mostrar-se a nós, e quando não? Numa palavra, quando um Anjo, ou quando um Diabo, nos aparece num Sonho?

É uma questão delicada e, como não se relaciona particularmente com a presente Investigação, exigiria uma Digressão demasiado longa para discorrer *Criticamente* sobre ela; mas despachá-la-ei com esta curta Resposta: devemos julgar, como disse antes no Caso das Aparições abertas, pelo Peso e pela Natureza da Mensagem ou do Recado a que a Aparição vem; mensageiros malignos raramente vêm com bons Recados, e Anjos, bons ou maus, raramente vêm com Mensagens triviais.

SONHOS triviais são o Produto da Mente estar ocupada com Assuntos triviais; uma Criança sonha com o seu Brincar, uma Dona de Casa sonha com a sua Cozinha, uma Ama com as Crianças, um Mercador com a sua Loja; estes nada têm de Aparição; nada de Anjos ou Espíritos, Deus ou Diabo; mas quando o Sonho ascende à Visão, e a Alma se embarca num Grau superior, para um Comércio acima da Taxa ordinária, então podeis concluir que tendes alguns Visitantes extraordinários, que estivestes em alguma boa ou má Companhia durante a Noite, e sois deixados a julgar de que tipo, pela Substância ou Teor da Visão.

Se for para abrir o Entendimento, para aumentar o Conhecimento, para selar a Instrução; numa palavra, se for para direção de boas Ações, ou para incitar a Alma do Homem a cumprir o seu Dever para com Deus ou o Homem, é certamente do alto; é uma Aparição de Deus, é uma Visão de Anjos e bons

Espíritos. Job xxxiii. 15. *Em sonho ou em visão noturna, quando cai sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama.*

SE for um Aliciamento para o Vício, colocando diante de vós uma Oportunidade para roubar, apresentando um Objeto de Beleza, um Incentivo para cometer uma Ação ilícita; dependeis de que é das Regiões sombrias, é uma Aparição do Diabo, e ele emprega os seus Agentes, e talvez assista em Pessoa para vos arrastar para o Mal.

N.B. Aqui vale a pena um Homem sábio considerar se, o Diabo representando uma Tentação a qualquer Pessoa num Sonho, e a Pessoa condescendendo, não é ela culpada do Facto tão realmente como se estivesse acordada.

Deixo-o apenas como um Ponto de Reflexão: Por Exemplo, O DIABO, subtil na sua Invenção, bem como vigilante na Aplicação das Circunstâncias, sabe que um Homem está em circunstâncias embaraçadas, aflito por falta de Dinheiro, uma Família a perecer, uma Necessidade premente; ele vem no seu Sono e apresenta-se com uma criancinha vestida com Joias de grande Valor, e uma Bolsa de Ouro na Mão, e tudo isto acontece num Lugar perfeitamente oportuno para o Propósito, tendo a Ama negligenciado e deixado a Criança fora da sua Vista.

ASSIM que apresenta a Tentação, ele coloca-se ao Cotovelo da Pessoa; incita-a; diz: *Tira esse Colar ou Cordão de Pérolas, e a Bolsa, a criança está sozinha, não pode contar Histórias, tira-o depressa; não estás em Aflição, e não precisas disto neste momento até à Extremidade, e poderá alguém alguma vez descobri-lo? os Amigos da criança são ricos, não lhes fará mal; se eles valorizassem tais coisas, nunca as teriam posto numa criancinha, não é grande Coisa para eles; além disso é devido à sua Vaidade e Ostentação, que foi a única razão de vestir uma criancinha de tal Maneira. Vamos, vamos, tira-o depressa, pode salvar-te da Ruína, e assim que fores capaz, podes fazer-lhes Satisfação novamente, e assim descarregar a tua Consciência.*

O Homem, incapaz de resistir à Cilada, consente, despe a Criança inocente dos seus Ornamentos, e vai-se embora sem ser visto; mas num Momento ou dois acorda com a Surpresa, vê que é um Engodo, e olha para trás com duplo Arrependimento. 1. Que está desapontado com o Prémio que desejava, e com o qual imaginava ver-se aliviado. 2. Que o Diabo Triunfa sobre ele, e ele é tanto iludido no Crime, como enganado na Expectativa da sua Recompensa.

PODERIA dar isto na Forma de um Relato de Facto, e dar Evidência da Verdade disso; pois tive o relato dos próprios Lábios da Pessoa que foi atacada no seu Sono, e (como ele disse com uma sincera Aflição) cedeu à Tentação; e *cometi o roubo bárbaro*, disse ele, *com o maior Ressentimento; saquei e despi o*

*pobre Infante sorridente, que inocentemente brincava comigo quando lhe tirei os Ornamentos, deu-me a Bolsa de Ouro do seu pequeno Bolso, e pediu-me que a guardasse para ela brincar.*

*Roubei-o*, diz ele, *na minha Imaginação, e mereço tanto ser enforcado por isso, como se tivesse realmente cometido o horrendo Facto ao Meio-dia; Sim*, diz ele, com uma espécie de Tremor na sua Consciência pelo Horror do Facto, *eu deveria ser enforcado por isso, e ser condenado por isso também, pois eu tão real e efetivamente o fiz como se tivesse sido apreendido e levado para Newgate por isso.*

É verdade, deu-lhe uma Satisfação particular, no que respeita à sua Segurança Pessoal, o facto de não ter cometido o Facto; mas não lhe deu menos Problema na sua Consciência do que se tivesse sido realmente culpado. O QUE foi isto senão uma Aparição do Diabo, uma real Aparição visível! visível à Mente, embora não ao Corpo? e isso numa dupla Capacidade também; o Diabo fora na Tentação, e o Diabo dentro cedendo a ela.

CONHEÇO outro Exemplo vivo deste tipo, e tive essa Parte também da própria Pessoa: Era um Cavalheiro sóbrio e religioso; era, na letra da palavra, um Homem solteiro; pois embora tivesse sido infelizmente casado, vivia num Estado separado da sua Mulher; e, para não dizer mais, por uma Ocasião justificável, a saber, que a sua Mulher se fora embora perversamente, como ele supunha, com outro Homem.

ANTES de ser casado com a infeliz Mulher, ele amara uma Senhora muito atraente e bela, e chegara a cortejá-la por muito tempo para Casamento; mas alguma Dificuldade nas suas Circunstâncias impedira a sua união, e ele tomou outra; o que a primeira Senhora ressentiu de tal modo, que lhe custou demasiado caro, pois morreu pouco tempo depois. A Aflição disto foi muito pesada para ele, depois de se ver enganado no seu Casamento real, como acima.

Digo *depois*, pois ao princípio parece que não foi. Sob as Reflexões melancólicas destas Circunstâncias, que frequentemente lhe carregavam a Mente, ele sonha uma Noite que a sua antiga Amante vinha ter com ele com um Semblante sorridente; poderia ter expressado antes que a sua antiga Amante lhe apareceu num Sonho, e com um Semblante alegre e sorridente disse-lhe que a sua Mulher Fugitiva estava Morta, *e agora és meu*, diz a Aparição. Ele recebeu a Notícia com uma Satisfação particular, e abraçou a Senhora, como as suas antigas Inclinações lhe ditavam; não tinha a mínima Noção, como protestou solenemente, ou a mínima Lembrança de que ela estava morta.

QUANDO acordou e descobriu que era tudo um Sonho, ficou excessivamente aflito com a Surpresa; olhando-se como sendo tão realmente Culpado como se

estivesse acordado e a Senhora viva; e não posso deixar de dizer que ele tinha alguma Razão.

SE isto, se realmente Verdade, poderia ser outra coisa senão uma Aparição de um espírito maligno; o Diabo armando-lhe uma Cilada, e prevalecendo sobre ele num Sonho, de uma maneira, e para cometer um Crime, do qual não conseguira convencê-lo a ser culpado quando ela estava viva.

PODERIA dar conta de outra Pessoa, a quem o Diabo assombrava frequentemente, e isto por muitos Anos seguidos, com Aparições obscenas; tentando-o no seu Sono com a Companhia de Mulheres belas, por vezes nuas, por vezes até na Cama com ele; e noutras alturas em Conversação incitando-o à Maldade, e que por vezes ele era levado a consentir; mas sempre felizmente impedido por acordar a tempo; Mas o Caso foi em duas ou três Ocasiões mencionado por outras Mãos, e a Pessoa é demasiado conhecida para permitir a descrição adicional disso, sem o seu Consentimento.

NÃO posso duvidar de que estas coisas são formalmente Aparições do Diabo; e embora a Pessoa possa estar a dormir, e não inteiramente sensata nem do que está a fazer, nem do que lhe estão a fazer, contudo que o espírito maligno está realmente presente com ele em Aparição, creio que não admitirá qualquer Questão.

O Mundo está demasiado cheio de Exemplos deste tipo para entrar num longo relato dos Particulares. Dificilmente há um Livro sobre o Assunto que não esteja preenchido com Relações históricas; dificilmente uma Pessoa com quem se converse sobre o Assunto que não esteja cheia delas, quer por si mesma ou por algum dos seus Conhecidos; e cada um está a tornar os seus Sonhos consideráveis, e todos para virem a acontecer: Mas de quinhentos Sonhos assim contados, e sobre os quais tanta Ênfase é aparentemente colocada, é difícil encontrar um que chamemos uma real Aparição em Sonho.

A grande, e talvez uma das maiores Dificuldades da Vida, refiro-me à que se relaciona com os Sonhos, é distinguir entre os que são reais Aparições e os que são apenas o Produto de um Cérebro sobrecarregado, uma Cabeça perturbada ou, o que é pior, uma Mente perturbada: Mas alguns Sonhos são tão significativos, e segue-se um efeito invisível tão imediato respondendo à iluminação pretendida, que não podem senão ser significativos.

UM CERTO Cavalheiro que enterrara recentemente a sua Mulher, uma Senhora de grande Piedade e Virtude, ficou tão excessivamente aflito com a sua Perda que, entre outras coisas melancólicas que foram o Efeito disso, esta era uma: que estava tão longe de desejar casar novamente, que nutria uma Aversão

assentada e enraizada a todo o Sexo, e nunca estava inteiramente à vontade na sua Companhia; e assim viveu perto de dois Anos.

DEPOIS de um certo tempo a sua Mulher apareceu-lhe no seu Sonho, ou ele sonhou que via a sua Mulher; mas prefiro colocá-lo no primeiro sentido: Ela veio ter com ele, segundo pensou, à beira da Cama, com um Semblante sorridente e agradável, e chamando-o pelo Termo que sempre lhe dava, *Meu Queridíssimo*.

ELE estava numa grande Consternação, mas não conseguia falar com ela; mas ela disse: *Não tenhas medo de mim, não te farei Mal*; e depois disse: *Qual é a Razão para estares assim de luto por mim?* Ele continuou sem dizer nada; isto é, sonhou que nada dizia, mas que soltava um suspiro profundo. *Vamos, Vamos*, diz ela, *Amigos perdidos são Amigos perdidos, e não podem ser recuperados.*

ENTÃO ele falou, isto é, sonhou que falava, e perguntou-lhe porque lhe aparecia. ELA disse: *para pôr Fim a este Luto irracional. Como pode ser isso?*, diz ele. *Tu agora aumentas o meu Luto, trazendo-te assim à minha Lembrança. Não, não*, diz ela, *deves esquecer-me, e peço-te que tomes outra Mulher, o que será a maneira de te fazer esquecer-me eficazmente. Não, não*, disse ele, *isso nunca poderei fazer; e como podes tu desejá-lo de mim? Sim*, diz ela, *eu desejo-o de ti, e venho dirigir-te a quem deverás ter.*

ELE desejou que ela não lhe falasse mais; pois, diz ele, *tu não podes ser a minha Mulher; deve ser algum espírito maligno que vem tentar-me em tal Forma, e para me destruir.* Com isso ela pareceu chorar, e ter pena dele. Ele suspirou novamente, e desejou que, se ela era capaz de reter qualquer Afeção por ele na Condição em que então se encontrava, que a mostrasse não vindo mais desordená-lo daquela maneira. ELA disse: *Bem, não te perturbarei mais, se ouvires as Direções que te vou agora dar, e as cumprires. Quais são elas?*, diz ele.

*NA primeira Quarta-feira de Outubro*, diz ela, *serás convidado para Jantar em tal Casa, ali verás uma Gentilmulher vestida de branco sentada à tua frente na Mesa; ela será a tua Mulher, e será uma Mãe bondosa para os meus Filhos.*

PARECE que ela deu outros Particulares do Trajo da Gentilmulher, e em particular que ela beberia à sua saúde; tudo o que aconteceu em conformidade. Depois de ter dito isto, ela desapareceu; a História não diz que ela se foi embora com um Som melodioso, ou com Perfumes ricos, ou coisa semelhante, como se pretende frequentemente em tais Casos; nem me lembro de ter ouvido que ele casou com a Pessoa, embora realmente a tenha visto no Banquete.

MAS a Questão de toda esta História é apenas esta, a saber: se, supondo o Caso literalmente verdadeiro, isto foi uma Aparição, ou foi apenas um simples

Sonho? Afirmo que deve ser uma Aparição, isto é, um Espírito veio a ele na pessoa de, ou personificando a sua Mulher.

A HISTÓRIA seguinte tive-a da Boca da própria Pessoa principalmente interessada nela, refiro-me ao Capitão do Navio em si. UM Certo Capitão Thomas Rodgers, Comandante de um Navio chamado *Society*, seguia numa Viagem de Londres para a Virgínia por volta do ano 1694.

O NAVIO fora fretado em Londres e, sendo enviado *leve*, como chamam, para a Virgínia para uma Carga de Tabaco, não tinha muitos Bens na sua viagem de ida, suponhamos cerca de duzentas ou trezentas Toneladas, o que não era contado como uma Carga, ou mesmo metade da sua Carga; sendo o Navio muito grande, com mais de quinhentas Toneladas de Lotação.

TINHAM tido uma Passagem bastante boa e, no dia anterior, tinham tido uma Observação, após a qual os Imediatos e Oficiais competentes trouxeram os seus Livros e fizeram as suas Contas com o Capitão, para ver quão perto estavam das Costas da América; todos concordaram que estavam a pelo menos cerca de cem Léguas de Distância dos Cabos da Virgínia. Sobre estas Contas habituais, e além disso lançando a Sonda, e não encontrando Fundo a cem Braças, fixaram o Quarto de Vigia, e o Capitão recolheu-se (como dizem no Mar), isto é, foi para a Cama.

O TEMPO estava bom, uma Aragem moderada e soprando favorável para a Costa, de modo que o Navio poderia ter corrido cerca de doze ou quinze Léguas na Noite após o Capitão estar na sua Cabine. Ele adormeceu, e dormiu muito profundamente por cerca de três Horas, quando acordou novamente, e ficou deitado até ouvir o segundo Imediato sair e render o Quarto; e então chamou o seu Imediato principal quando este saía do Quarto, e perguntou-lhe como iam todas as coisas; o qual respondeu que tudo estava bem, e que a Aragem refrescara, e eles corriam a grande Velocidade; mas era vento de feição e uma noite bela e clara; assim o Capitão voltou a dormir.

CERCA de uma Hora depois de ter adormecido novamente, sonhou que um Homem o puxava ou o acordava, e ele acordou. Não tenho a certeza, mas creio que ele disse que a Coisa que o acordara lhe pedira para se levantar, isto é, sair e olhar lá para fora. Mas quer fosse assim ou não, ele ficou quieto e dispôs-se a dormir, e caiu novamente, e subitamente acordou outra vez, e assim várias vezes; e embora nada soubesse de qual era a Razão, contudo achou que lhe era impossível dormir, e continuava a ouvir a Visão dizer, ou pensava ouvi-la dizer, *sai e olha lá para fora*.

FICOU nesta Inquietude perto de duas Horas, mas por fim ela aumentou tanto sobre ele que não pôde ficar mais tempo deitado, levanta-se, veste o seu Roupão

de Vigia, e sai para o Convés de Popa; ali encontrou o seu segundo Imediato a caminhar, e o Mestre no Castelo de Proa, a Noite bela e clara, um vento favorável, e tudo bem como antes. O Imediato, estranhando vê-lo, ao princípio não o conheceu; mas chamando, *Quem está aí?*, o Capitão respondeu, e o Imediato replica, *Quem, o Capitão! qual é o problema, Senhor?*

DIZ o Capitão: *Não sei, mas tenho estado muito inquieto estas duas Horas, e alguém ou a minha própria Fantasia pediu-me para sair e olhar lá para fora, embora não saiba qual possa ser o significado disso. Não pode haver nada nisso senão algum Sonho*, diz o Imediato. DIZ o Capitão: *Como está a Proa do Navio? SUDOESTE por Sul*, diz o Imediato; *direta para a Costa, e o Vento Leste por Norte. ESTÁ tudo muito bem*, diz o Capitão; e assim, após algumas outras Perguntas habituais, virou-se para voltar para a sua Cabine; quando, como se tivesse sido alguém que estivesse ao seu lado a falar, veio-lhe à Mente como uma Voz: *Lança a Sonda, lança a Sonda.*

SOBRE isto ele volta-se novamente para o seu segundo Imediato: *Imediato*, diz o Capitão, *quando é que lançaste a Sonda? que Água tinhas? HÁ cerca de uma Hora*, diz o Imediato, *sessenta Braças. LANÇA outra vez*, diz o Capitão. *NÃO há qualquer Necessidade, Senhor*, diz o Imediato, *mas se desejar, será feito. NÃO sei*, diz o Capitão, *é desnecessário de facto, creio*; e assim ia-se embora outra vez, mas foi, como que, forçado a voltar-se como antes, e diz ao Imediato: *Não sei o que me dá, mas não consigo estar sossegado; vá, chama um Homem à popa e lança a Sonda.*

EM CONFORMIDADE, um Homem foi chamado e, sendo a Sonda lançada, tiveram Fundo a onze Braças. Isto surpreendeu-os a todos, mas muito mais quando, no Lançamento seguinte, acusou sete Braças. Sobre isto o Capitão, num Susto, ordenou-lhes que metessem o Leme a Sotavento, e que virassem o Navio, sendo ordenado a todos os Homens que colhessem as Velas, como é habitual em tais Casos.

SENDO obedecidas as Ordens adequadas, o Navio estancou logo e virou; e quando estava virado, antes de as Velas encherem, tinha apenas quatro Braças e meia de Água sob a sua Popa; assim que encheu e se afastou, tiveram sete Braças novamente, e no Lançamento seguinte onze Braças, e assim por diante até vinte Braças; assim ele manteve-se para o Largo todo o resto do Quarto, para chegar a águas profundas, até ao romper do dia; quando, sendo uma manhã clara, ali estavam os Cabos da Virgínia e toda a Costa da América em plena Vista sob a sua Popa, e a apenas umas poucas Léguas de Distância: Tivessem eles continuado por apenas o comprimento de um Cabo mais além, tal como iam,

teriam batido em terra e teriam certamente perdido o seu Navio, se não as suas Vidas.

ORA, o que poderia isto ser? Não o Diabo, disso podemos ser fiadores por ele, dificilmente seria culpado de fazer tanto bem; dificilmente um Anjo enviado expressamente do Céu, isso não ousamos presumir; mas que foi a Obra de uma Providência vigilante, por algum Agente invisível empregado para aquela Ocasião, que tirou o Sono dos Olhos do Capitão; tal como uma vez num Caso de infinitamente mais Importância foi feito ao Rei Assuero; isto podemos concluir. Tivesse o Capitão dormido como de costume, e como a Natureza exigia, teriam todos perecido; sendo a costa rasa a uma grande Distância e, suponho, a maré baixa, o Navio teria encalhado num Instante, e o Mar, que corria alto, teria quebrado sobre ele, e logo o teria despedaçado.

COMO aconteceu que os Imediatos e outros Navegadores a Bordo (pois sendo um Navio muito grande, tinham vários Homens experientes entre eles) tivessem todos mantido, e contudo estivessem todos errados nas suas Contas, e isso ao ponto de se pensarem a cem Léguas da Costa, quando não estavam a mais de vinte ou vinte e cinco, isso era algo a ser explicado entre eles; mas certo era que, se não tivesse sido este ser acordado e sacudido na Noite, e mantido acordado também apesar da sua própria Sonolência, o Capitão teria ficado deitado, e toda a Companhia do Navio teria estado no maior Perigo.

SE isto não foi uma Aparição, deve ser o que a Escritura chama noutro Caso de *ser avisado por Deus num Sonho*; o que, diga-se de passagem, é a mesma coisa; mas aqui houve algo mais do que ser avisado, pois o Capitão confessou que não estava em Sonho algum. Ele nada sonhara, muito menos algo sobre Perigo; recolhera-se à sua Cama ou Cabine com a Prudente Cautela que qualquer Homem naquele importante Encargo de um Navio no Oceano poderia ter; e então, após terem feito os seus Cálculos, verificado as suas Contas, fixado a Vigia e assegurado cada detalhe, deitou-se com toda a Satisfação que seria possível a um Homem em semelhante Caso ter.

PARA quaisquer Homens que entendam de Assuntos do Mar, este Caso será lido de forma mais sentida e sensível; eles ficarão mais tocados com a Surpresa em que toda a Companhia do Navio deve ter ficado ao ver-se prestes a encalhar, quando acreditavam estar a cem Léguas da Costa; ao verem-se a duas Polegadas da Morte, quando se acreditavam tão seguros quanto um Navio no Mar com uma Aragem moderada e um Vento de feição poderia supor-se estar.

E COMO irão estes modernos Engenhos, de que o nosso Século está tão cheio, dar conta disto, eles que não admitem Deus ou Providência, nem Mundo invisível, nem Espíritos Angélicos, bondosos e vigilantes, que, por uma

Correspondência secreta com os nossos Espíritos incorporados, nos dão misericordiosos Avisos de Malícias que se aproximam e de Perigos impendentes, e isto atempadamente, de modo a colocar os Meios nas nossas Mãos para os evitar e deles escapar?

DE QUE maneira tais Homens resolverão a principal Dificuldade num caso como este, a saber: O que seria isto? Irão eles resolvê-lo tudo em Acaso fortuito, mero Acidente, uma mera Circulação de coisas no Curso ordinário? Como dizem que os *Baixios* são levantados para barrar um *Porto*, o que nos dizem não ser nada senão a Areia e as Pedras arrastadas pela Corrente de um Rio, que se alojam aqui ou ali, conforme o seu próprio Peso, ou a Força minguante da Água, ou este ou aquele *Redemoinho* e Contra-corrente os trava, aprofundando assim um Canal onde era Baixio, e obstruindo outro onde era profundo, e tudo por mero Acidente: Mas isto é uma argumentação muito grosseira.

SERIA fácil refutar estes fracos pretextos de Acaso e Incidente, e mostrar a necessidade de um Ser inteligente; mas esse não é o meu trabalho: não trato da Realidade de tal Ser inteligente, mas da Realidade das suas ações ordinárias e extraordinárias, dos Agentes que emprega e da maneira como executam as Comissões que recebem; as quais é evidente que desempenham fielmente, e de forma eficaz também; às vezes por um método, às vezes por outro, e particularmente por este da Aparição, tanto aos Olhos da Alma como ao Olho do Corpo; quer dormindo, quer acordado, é o mesmo.

OS nossos Amigos, os Críticos, podem aqui tropeçar, talvez, na aparente contradição dos Termos, como particularmente nesta de *Aparição invisível*. Mas resolve-se facilmente, respondendo que não passa de uma aparente Contradição, pois ambas as Aparições são visíveis, apenas não para os mesmos Poderes Óticos; a Aparição em Sonho é visível à vista intelectual, ao Olho da Alma; e a Aparição à Luz do Dia é visível à vista comum ordinária: e tendes na Escritura uma Expressão frequentemente usada, que dá uma autoridade inquestionável a esta forma de falar.

O EXPRIMIR coisas sonhadas como coisas vistas é muito frequente no Texto Sagrado. Jacob sonhou um Sonho sobre o Gado de Labão, Gén. xxxi. 10, onde é assim expresso: *e vi num Sonho*. Novamente Daniel, vii. 1, 2. *Daniel teve um Sonho e Visões da sua Cabeça na sua Cama*, v. 2. *e vi na minha Visão de Noite*: v. 7. *depois disto vi nas Visões da Noite, e eis um quarto Animal*: e v. 13. *vi nas Visões da Noite, e eis*; e além disto, temos a mesma forma de falar dez ou onze vezes no mesmo Capítulo, e outras tantas ou mais no seguinte.

O MESMO se passa ao relatar os Sonhos de Faraó e de Nabucodonosor, ou antes as Aparições que apareceram a esses Reis em Sonho. Faraó diz a José, Gén.

xli. 17, 18, 19. *No meu Sonho estava eu em pé à Beira do Rio, e EIS QUE subiam*; que é o mesmo que dizer, *vi-as subir*: v. 19. *e EIS QUE sete outras Vacas subiam*, ou *vi sete outras Vacas subir*. De modo que uma Aparição em Sonho é visível para a Alma; a Imaginação vê, embora os Olhos do Corpo estejam fechados.

ESTA Digressão deve-se ao apurado Julgamento dos nossos Críticos, cuja exatidão, como vedes, reverencio grandemente, e sou maravilhosamente cuidadoso para não cair nas suas mãos terríveis numa coisa tão essencial ao meu Assunto; quanto a Trivialidades, deixo que eles trivializem com elas até ao limite da sua impotência mais maliciosa.

MAS venho agora a outra Razão de Facto, da qual também me encarrego de afiançar a Realidade, tendo estado presente no exato instante de cada parte dela.

UMA PESSOA, cujo Nome não é tão próprio mencionar aqui, mas que poderá ser apresentada se houver ocasião, estando ainda viva, teve o desastre de, por volta do Ano de 1701, cair sob uma Censura de Partido (a ocasião é desnecessária para o presente Caso). Na esperança de que, com o Recesso da Câmara, que não estava longe, ele ficasse (como é habitual) em Liberdade, retirou-se e evitou ser preso tanto quanto pôde; mas a Câmara, ressentindo-se, aprovou uma Votação ordenando ao Secretário de Estado que o processasse legalmente; o que o obrigou a resolver deixar o Reino e, entretanto, a esconder-se com mais rigor; tendo o Governo emitido uma Proclamação para a sua detenção, com uma Recompensa para a Pessoa que descobrisse onde ele estava, de modo a que pudesse ser capturado.

A FIM de se esconder mais eficazmente, deixou o seu Alojamento onde estivera escondido por algum tempo e mudou-se para *Barnet*, nos confins de *Hertfordshire*; tencionando, assim que tivesse resolvido alguns Assuntos de Família, partir para o Norte, para a Escócia: Mas antes de partir, foi obrigado a vir mais uma vez a Londres, para assinar algumas Escrituras para a salvaguarda de certas Propriedades, que se temia pudessem ser confiscadas por algum Edital, caso o Processo tivesse avançado tanto.

NA NOITE anterior ao dia que marcara para vir a Londres, estando na Cama com um certo Sr. *R— D—*, sonhou que estava no seu Alojamento em Londres, onde estivera escondido como se disse acima, e no seu Sonho viu dois Homens chegar à Porta, que disseram ser Oficiais de Justiça, e apresentaram um Mandado do Secretário de Estado para o prender, e que, consequentemente, o detiveram e levaram.

A VISÃO surpreendeu-o e acordou-o, e ele acordou o Sr. *D—*, seu cunhado, que estava na Cama com ele, e contou-lhe o Sonho, e em que Surpresa estava por

causa disso. O Sr. *D—*, vendo que não passava de um Sonho, aconselhou-o a não lhe dar ouvidos, mas a acalmar-se e voltar a dormir, e assim ele fez.

ASSIM que adormeceu profundamente de novo, foi acordado exatamente com o mesmo Sonho de antes; e acordou o seu Irmão novamente, como antes: Aquilo perturbou-os muito a ambos; mas, estando pesados de sono, ambos voltaram a dormir e não sonharam mais. Há que observar que ele viu o próprio Homem que o prendeu, os seus Semblantes, Roupas, Armas, etc., e descreveu-os de manhã ao seu dito Irmão *D—* em todos os Particulares.

CONTUDO, sendo o Chamado para ir a Londres, no seu entender, urgente, aprontou-se de manhã para ir, resolvendo ficar apenas um Dia e depois seguir para a Escócia. Assim, partiu para Londres pela manhã e, para não ser conhecido, fez o caminho a Pé; para que pudesse ir por caminhos mais privados sobre *Enfield Chase*, e assim para *Southgate*, *Hornsey*, etc.

DURANTE todo o caminho, enquanto caminhava, a sua Mente estava pesada e oprimida; e dizia frequentemente ao seu Irmão que caminhava com ele, que tinha a certeza de que ia para Londres para ser surpreendido: e tão forte era a impressão premonitória na sua Mente, que uma vez parou em *Hornsey* e tentou arranjar um Alojamento, tencionando enviar o seu Irmão a Londres para ver se nada acontecera ali que lhe desse qualquer Alarme.

QUANDO acabara de assegurar um Alojamento conveniente, viu acidentalmente um Cavalheiro parado à porta ao lado, que ele conhecia muito bem, mas que não ousou confiar naquela Ocasião; e descobrindo, ao perguntar, que ele morava ali, concluiu que aquele não era lugar para si, e resolveu seguir em frente.

CONTINUANDO a Impressão na sua Mente, parou novamente em *Islington* e tentou ali arranjar um Alojamento; mas não conseguiu: por isso, finalmente, quando o seu Irmão lhe trouxe a notícia de que não conseguia arranjar Alojamento, exceto onde era demasiado público: *Bem*, diz ele, *então devo ir para Londres, e que venha o que vier*; ou algo nesse sentido; e assim foi, e na manhã seguinte foi preso pelos Oficiais, exatamente da mesma maneira que lhe fora dito no seu Sonho; e pelos mesmos dois Homens cujos Rostos ele vira, e com as mesmas Roupas vestidas e Armas, exatamente como descrevera.

ESTA História tive-a da sua própria Boca, e confirmada pelo Sr. *R— D—*, seu cunhado, a quem ele relatou a sua Visão no exato Momento dela, como se disse acima.

REMETO para qualquer julgamento imparcial o pesas de cada Circunstância deste Relato (da Verdade do qual não tenho a mínima Razão para duvidar) e o

dizer-me, por que Poderes, e de que Influência poderiam estas coisas ser realizadas, se não houvesse mundo invisível, nem Habitantes lá, que se preocupassem com os nossos Assuntos? nenhuns bons Espíritos que conversassem com os nossos Espíritos incorporados e nos dessem a devida inteligência, aviso e alerta do Perigo que se aproxima.

SE há alguma Dificuldade neste Caso, parece-me estar no Desfecho da coisa, como no Caso mencionado: Por que não foi a Inteligência tornada tão completa, tão forçosa, e a impressão tão clara, para que a Pessoa em cujo Favor tudo fora feito pudesse ter sido eficazmente alarmada, a sua ida em frente travada e, consequentemente, o Mal que estava à mão, e do qual tivera o aviso, eficazmente evitado?

NÃO é, de facto, tão fácil responder a essa parte; mas pode resolver-se nisto: que a Culpa parece ser nossa, por não darmos atenção a tais avisos, que poderiam ser suficientes para a nossa Libertação. Se um Inimigo está perto, e a *Sentinela Avançada* dispara a sua arma, ele cumpre o seu Dever; se o acampamento inteiro não toma o Alarme, mas é surpreendido, a culpa é sua; o Homem fez tudo o que se esperava dele; nem os Oficiais ou Generais desprezam o aviso, dizendo: *não é nada senão um pobre sujeito que disparou o seu mosquete*, e assim não lhe dão mais atenção.

PELO contrário, concluem que a Sentinela está colocada em Dever; ele não dispararia a sua arma sem Causa suficiente, e daria um falso alarme ao acampamento por nada; deve haver algo extraordinário e, consequentemente, ordenam que os Tambores batam e chamam imediatamente às Armas.

ASSIM, se os espíritos invisíveis dão um alarme devido, eles fazem a sua parte; se nos sacodem e nos acordam num sono profundo, e nos puxam repetidamente, e nos avisam de que algo vem, de que algum Perigo está à Porta; se queremos continuar a dormir até que ele venha, se queremos seguir em frente, aconteça o que acontecer, o bondoso Espírito fez o seu Dever, desincumbiu-se do seu Ofício e, se caímos no Mal, a culpa é nossa; não podemos de modo algum culpar a insuficiência do Aviso e dizer: *para que serve ele?*, visto que tivemos aviso prévio e oportuno, mas não quisemos aceitar a dica; tivemos aviso prévio do perigo e não quisemos sair do caminho para o evitar; a culpa é inteiramente nossa.

TENHO Garantia suficiente de outro Relato, embora o Cavalheiro esteja agora morto; mas tive grandes razões para acreditar na verdade dele.

UM JOVEM Cavalheiro de bom Nascimento e Fortuna, no início da última Guerra com a França, tinha uma violenta inclinação para *ver o Mundo*, como lhe chamava, e resolveu ir para o Exército; o seu Pai morrera e deixara-lhe uma boa

Propriedade; isto é, entre quatrocentas e quinhentas Libras por Ano; além do dote da sua Mãe, que após a vida dela lhe caberia naturalmente.

A SUA Mãe suplicou-lhe encarecidamente que não fosse para o Exército; mas instou-o antes a viajar, e assim poderia ver o Mundo, como ela dizia, sem sentir as Calamidades da Guerra e sem arriscar a Vida.

ELE disse-lhe que Viajar em tempo de Paz era, de facto, tudo o que um Cavalheiro podia fazer, e era, no seu melhor, muito dispendioso; mas que agora era o tempo em que um Homem poderia ver o Mundo à custa do Público, e talvez pudesse também fazer a sua Fortuna.

A MÃE representou o perigo da sua Vida e pediu-lhe que considerasse quantos Cavalheiros iam para o Exército e, deles, quão poucos viviam para voltar a casa, muito menos para subir a qualquer grau de Promoção.

ELE fez pouco de tudo isso e disse à sua Mãe (como é o Dito geral das Cabeças quentes quando forçam as suas Fortunas, como lhe chamam) que se por acaso levasse um tiro na Cabeça, era o Fim dele, e estava arranjado.

BEM, Filho, diz a velha Senhora, sou obrigada a submeter-me, és o teu próprio Senhor; mas lembra-te das Lágrimas da tua Mãe (e com estas Palavras chorou); apenas posso suplicar-te que não vás, tens Propriedades suficientes para te dar sossego; deixa ir aqueles cujas parcas Circunstâncias tornam o risco racional, e deixa ir para fora morrer os que não sabem como viver; tu podes pagar aos que vão; não tens necessidade de correr o Risco, tu que não precisas do Soldo.

ELE desprezou todas as súplicas dela e disse-lhe que, se o seu Pai estivesse vivo, não duvidava de que ele daria o seu Consentimento, pois fizera a mesma coisa na sua juventude.

NÃO, não, Filho, disse a sua Mãe, o teu Pai sabia melhor; ele aceitou uma Patente quando era o mais novo de três Filhos, e nada tinha a esperar em casa senão o destino de um irmão mais novo; mas assim que soube que os seus Irmãos mais Velhos tinham ambos morrido, e que a Propriedade lhe viera toda parar às mãos, depôs as Armas, vendeu a Patente e disse que não tinha mais Negócios no Exército; e ele dir-te-ia a mesma coisa se estivesse vivo: costumava dizer sempre que a Espada e o Livro são as Porções dos irmãos mais novos, o Carro e o Equipagem são para o Herdeiro.

BEM, foi tudo na mesma; por mais que os Argumentos da sua Mãe pudessem valer, ou mesmo o que as Lágrimas eloquentes pudessem dizer, nada conseguiu prevalecer; mas ele hipotecou parte da sua Propriedade para comprar uma Companhia no primeiro Regimento da Guarda, e para o Exército queria ir.

NA NOITE antes de assinar o Acordo para a Companhia, estando na sua Cama e profundamente adormecido, viu num Sonho o seu Pai vir ter com ele com o seu Roupão, e com um grande Barrete de Pele, tal como costumava usar: E chamando-o pelo Nome: *Qual é a Razão*, diz ele, *de não ouvires as súplicas da tua Mãe para não ires para as Guerras; mas respondes-lhe que eu não te dissuadiria? Eu asseguro-te que, se resolveres aceitar esta Patente, não a desfrutarás por três Anos.*

*ORA*, diz ele (no seu Sonho), *o que me impedirá?*, desejando, ao que parece, saber algo da sua Fortuna.

*NÃO me perguntes os Particulares*, diz a Aparição, *mas ou recusa o Emprego ou, quando o tiveres desfrutado por dois anos e meio, vende-o novamente, como eu fiz antes de ti.*

*NÃO posso prometer isso*, diz ele.

*ENTÃO podes prometer a ti mesmo*, diz a Aparição, *que será pior.*

ELE pareceu desprezar a Admoestação e disse que era demasiado tarde para olhar para trás. *Demasiado tarde! demasiado tarde!*, diz a Aparição, repetindo as Palavras; *então continua, e arrepende-te demasiado tarde.*

ELE não ficou muito afetado com esta Aparição quando acordou e viu que era um Sonho; pois aos Sonhos, disse ele, não se deve dar atenção; por isso continuou e comprou a Patente.

POUCOS Dias após a Patente ter sido comprada, o Pai apareceu novamente, não a ele mas à sua Mãe, também num Sonho como dantes; e fazendo-lhe notar como o seu Filho rejeitara a sua Admoestação, acrescentou:

"AS Cabeças jovens são teimosas: Roberto irá para o Exército; mas diz-lhe da minha parte, ele nunca voltará."

TODOS estes Avisos não tiveram força para este jovem Cavalheiro; mas, tal como resolvera, assim prosseguiu na sua Resolução e foi para o Exército; e indo dois Batalhões desse Regimento para o Campo naquele Verão, a sua Companhia era uma delas, e assim partiu para a *Flandres*.

NÃO lhe faltou ocasião para mostrar a sua Bravura e, em várias Ações acesas, saiu com aplauso; de modo que estava longe de ser suspeito de Cobardia: Mas um Dia, e no terceiro Ano do seu Serviço, o Exército estava perfilado em ordem de Batalha, tendo o General recebido o aviso certo de que o Inimigo viria atacá-los. Enquanto estava à frente da sua Companhia, foi subitamente tomado por um calafrio de tremores, e foi tão violento que alguns Oficiais que estavam perto dele, cada um no seu Posto, o perceberam.

COMO de nada lhe servia escondê-lo, virou-se para o seu Tenente, que estava ao seu lado e de cuja Boca recebi o relato particular disto: *Não posso imaginar*, diz ele, *qual é a ocasião deste tremor.*

*É a sua ânsia de avançar*, diz o Tenente, *eu muitas vezes estive assim, e começo a estar assim agora; quem me dera que os Franceses avançassem, para que tivéssemos algo que fazer.*

CONTINUOU por cerca de um quarto de Hora, e o Inimigo avançou de facto, como se esperava; mas o combate começou pela esquerda, a uma boa distância deles, de modo que toda a Ala esquerda estava em combate antes de eles começarem.

ENQUANTO isto durava, o Tenente chamou o Cavalheiro: *Coronel*, diz ele, *como está? espero que o seu tremor tenha passado.*

*NÃO*, diz o Coronel, *não passou; mas está um pouco melhor.*

*PASSARÁ tudo num instante*, diz o Tenente.

*SIM, assim será*, diz o Coronel, *estou muito sossegado, agora já sei o que era*; e com isso chamou o Tenente para vir ter com ele por um Momento.

QUANDO ele veio, diz ele: *Já sei o que eu tinha, estou muito sossegado, vi o meu Pai; serei morto na primeira Salva; faz saber à minha Mãe que te disse isto.*

POUCOS Minutos depois disto, um Corpo do Inimigo avançou, e a primeiríssima Salva que o Regimento recebeu foi o fogo de cinco pelotões de Granadeiros, pelo qual o Capitão e vários outros Oficiais, além de soldados rasos, foram mortos, e toda a Brigada foi logo depois posta em Confusão; embora, sendo apoiados por alguns Regimentos da segunda Linha, se tenham reagrupado pouco depois; o corpo do Capitão foi prontamente recuperado; mas ele estava irrevogavelmente Morto, pois recebeu um Tiro no Rosto que o matou imediatamente.

SE todos os Avisos do mundo invisível pudessem ter tido alguma Utilidade para ele, ou se ele pudesse ter sido trabalhado por Cautelas e Conselhos, que nada senão um Temperamento mais obstinado teria ignorado tão totalmente, o Homem estaria a salvo; Mas o que se pode esperar quando os Homens são informados das coisas de forma tão clara, quanto por tais Métodos se pode supor racional, e não querem aceitar a Dica?

LÚCIO FLORO regista sobre Júlio César que uma Mulher de Semblante Masculino, e de uma estatura colossal, lhe apareceu num Sonho e fez-lhe sinal para a seguir; que, ao segui-la, ela atravessou o Rio *Rubicão* e parou na margem oposta, fazendo-lhe sinal para passar; após o que, no dia seguinte, ele entrou

ousadamente na Itália, atravessando o Rubicão, que era a Fronteira da Itália naquele Lado.

SEI que alguns relatam isto como uma Aparição a César em pleno Dia, mas eu entendo-o de outro modo, e que foi entendido como o Gênio da Itália, como lhe chamavam, e que ele teve tal Visão no seu Sono, a qual o encorajou na sua tentativa contra a Liberdade do seu País; insinuando que o País inteiro o convidava, e que ele poderia estar certo do Sucesso.

NÃO me alongarei aqui no Relato de Sonhos; a Variedade deles é Infinita e, como insinuei antes, poucos têm Importância suficiente para merecer qualquer Consideração; mas tais Sonhos que necessariamente sugerem uma Aparição de Espíritos, esses creio que devem ser Significativos.

O RELATO que se segue é parte Visão, parte Aparição, e parece fazer com que uma seja Evidência da Outra, sendo por isso muito adequado ao meu Propósito.

T— A— H—, um Cavalheiro de Fortuna, Filho mais velho da Família, sendo seu Pai um Baronete de linhagem honrosa e então vivo, era um homem jovem e dado aos Prazeres; mantinha uma Intriga com uma certa Senhora, na qual o seu Irmão mais novo (dos dois o mais Alegre e dado a esses caminhos) era seu Rival: A Senhora era bela e de fortuna não desprezível, mas muito inferior ao Filho mais velho da Família, cuja fortuna era de quase duas mil Libras por Ano, depois de seu Pai, Sir G— H—.

O JOVEM cavalheiro estava realmente Apaixonado pela Senhora e inclinado a casar com ela, se pudesse levar o seu Pai a consentir; e por duas ou três vezes falara com o velho Cavaleiro sobre o assunto; nem o seu Pai era muito avesso a isso, apenas achava a fortuna dela demasiado pequena.

SIR G— disse ao seu Filho que, se ele fosse o seu Primogénito, teria sido mais fácil aceitar a Proposta, pois sendo a sua Herança Paterna Livre e perfeitamente desimpedida, pensava que o Herdeiro não tinha Necessidade de fazer fortuna através de uma Esposa; mas que um Irmão mais novo deveria sempre procurar uma fortuna para melhorar as suas Circunstâncias. Costumava gracejar com o Filho, dizendo-lhe que era isto que o fazia condescender com o seu modo de Vida; que um Irmão mais novo deveria ser Belo, instruído, vestir bem e ser Alegre; o primeiro para o recomendar à Corte, o segundo para o recomendar às Damas; que o Herdeiro, não tendo necessidade, era muitas vezes deixado como um Cavaleiro bronco, apenas capaz de escrever o próprio Nome, dar o grito aos seus cães e montar a sela leve; mas como raramente possuía grande inteligência, a Natureza sabiamente dera o Engenho a um e a Propriedade ao outro; portanto,

dizia o Cavaleiro, o teu Irmão tem os seus Assuntos numa Situação bem diferente.

ESTE tipo de Argumentos de boa índole usava o velho Cavaleiro com o seu filho mais novo para o dissuadir de casar com a Senhora; mas não o proibiu absolutamente sob pena do seu Desagrado ou de lhe fechar a Mão quanto a Dinheiro, de modo que o jovem cavalheiro continuou a frequentar a Senhora abertamente; e embora ainda não lhe tivesse feito a Proposta, tencionava realmente fazê-lo; refiro-me à proposta honrosa, (a saber) a de Casamento.

POR outro lado, o Escudeiro, como lhe chamavam, frequentava-a por outro motivo, e muito pior, pretendendo fazer dela uma Amante e não uma Esposa.

SOBRE estas Visões divergentes, os Irmãos encontravam-se frequentemente em casa da Senhora, isto é, em casa da Tia com quem ela vivia; pois não tinha Pai e a sua Mãe mudara de Circunstâncias, de modo que a Filha estava, por assim dizer, entregue a si própria.

O IRMÃO mais velho tinha isto a favor do seu Interesse, (a saber) que a Senhora o amava, e teria ficado muito satisfeita se ele a tivesse cortejado para Casamento, mas não era esse o seu Desígnio; de modo que, numa palavra, o Caso estava assim: o irmão mais novo amava a Senhora, mas a Senhora amava o Escudeiro.

O IRMÃO mais velho sitiou a Virtude dela, e o mais novo sitiou os seus Afetos; mas, como disse, correndo a Corrente a favor do primogénito, a Senhora estava em algum Perigo de sacrificar a sua Honra à sua Paixão, e as honestas Pretensões do jovem cavalheiro corriam algum Risco de fracassar.

OS Cavalheiros conduziam os seus Assuntos separadamente e à sua maneira; mas nenhum deles era tão reservado que escondesse do outro que tinha alguns Desígnios, embora não descobrissem totalmente quais eram as suas Pretensões; contudo, como disse que se encontravam frequentemente nos Aposentos da Senhora, não tardaria muito até que entrassem numa Conversa sobre o Assunto, e isto infelizmente acabou por os envolver numa contenda, como vereis adiante.

O IRMÃO mais velho começou uma noite a ser um pouco rude com o seu Irmão sobre o assunto; Jack, diz o Mais Velho, tu e eu encontramo-nos aqui muitas vezes, não percebo isto, o que pretendes tu afinal? é um pouco estranho que dois Irmãos tenham apenas uma Amante; por favor, Jack, não nos tornemos italianos.

ORA, diz Jack, o que pretendes tu? Se algum de nós está Errado, creio que é sempre do teu lado.

NÃO, diz T—, também não admito isso, eu estou certo, tenho a certeza; estou sempre certo, e estarei certo, peço que tomes Nota disso.

NÃO tomo Nota de nada disso, eu não, diz Jack; todo o Mundo sabe que eu estou certo, e saberão, e tu também o saberás, Tom—.

BEM, por favor Jack, diz Tom, altera um Ponto da tua Conduta, peço-te isso.

QUE Conduta? Não te percebo; mas se percebesse, não conheço nenhuma conduta minha que esteja errada, e não alterarei nada, garanto-te.

ORA, é isto: quando te encontro aqui, o que acho ser um pouco frequente demais, diz o Escudeiro, observo que te esforças sempre por ficar depois de mim, e queres que eu saia primeiro; digo-te, não gosto disso.

NÃO alterarei nada quanto a isso, garanto-te, diz Jack. Creio que tenho aqui mais que fazer do que tu; e quanto a encontrares-me aqui demasiadas vezes, eu também acho, acho que vens aqui um pouco demais, a menos que viesses com um Desígnio mais honesto.

ÉS muito Atrevido, Sr. Jack, para com o teu irmão mais velho; creio que terei de te dar uma lição, diz Tom.

ORA, bom Sr. irmão mais velho Escudeiro Thomas, diz Jack, quando fores Baronete poderás dar-te a esses Ares; mas até lá, a vénia e a submissão não te são tão devidas como possas pensar.

OLHA aqui Jack, diz o Escudeiro, não estou a brincar contigo, nem admito brincadeiras tuas; a melhor Resposta que um Cavalheiro dá a uma Brincadeira é uma Bofetada ou *le coup de bâton*.

ORA, Senhor, diz Jack, devo chamar-me Cavalheiro tão bem como tu, senão não teria a Honra de te chamar Irmão: E uma vez que estás disposto a falar a Sério, tomo a liberdade de te dizer, Senhor, que serei tratado como um Cavalheiro e, se não sabes como fazê-lo, sou capaz de to ensinar.

ESTAVAM agora ambos muito exaltados; pois, às últimas palavras do irmão, o Escudeiro deitou a mão à sua Bengala, ao que o mais novo deitou a mão à sua Espada. Olha aqui Senhor, diz ele, se estás disposto a tratar o teu Irmão assim, toma Nota Senhor, o filho de meu Pai pode ser morto, mas não pode ser fustigado, e não aceitarei a mínima Oferta nesse sentido da tua parte; estou pronto para ti quando quiseres.

ALGUMAS pessoas que não estavam longe, e amigas de ambos, acorreram a isto e mantiveram-nos separados por aquela vez; mas logo se encontraram de novo no mesmo Lugar; e embora passassem dois ou três dias ou mais, logo

recomeçaram o mesmo tipo de Discurso; e o que era ainda pior, o irmão mais velho, que estava certamente Errado, começava sempre a Conversa.

ACONTECEU encontrarem-se pela última vez nos Aposentos da Senhora e foram deixados entrar na sua Sala, mas a Senhora estava infelizmente fora; ela instruíra a sua criada para que, se os Cavalheiros viessem quando ela estivesse fora, nunca deixasse entrar ambos, ou pelo menos não ambos na mesma Sala; pois percebera que começavam a ficar muito inquietos um com o outro; sabia que ambos eram impetuosos e coléricos, e receava alguma Desgraça entre eles, apesar de serem Irmãos.

MAS aconteceu que alguns dos criados da Tia vieram à porta quando o cavalheiro mais velho bateu, e levaram-no para a mesma Sala onde o irmão mais novo esperava antes do regresso da Senhora.

ISTO foi tão mal encaminhado para o que se seguiu como se o Diabo, que está sempre pronto para a Maldade, o tivesse planeado de Propósito; pois os Irmãos mal se encontraram, começaram a altercar.

BEM, Jack, diz o irmão mais velho, parece que continuas a frequentar isto, apesar do que te disse.

REALMENTE não percebo o que queres dizer com essa forma de falar, diz Jack; pareces tomar uma Liberdade comigo que não tens direito de tomar.

QUE Liberdade tomo eu? diz o Escudeiro. Perguntei-te que Negócio tinhas aqui com a Sra. —, foi isso tomar demasiada Liberdade? e pergunto-te de novo, é isso uma Ofensa?

E EU disse-te, diz Jack, que não te daria Contas de mim, não disse? foi isso uma Ofensa para ti? Se foi, não vejo remédio, dar-te-ei a mesma Resposta agora: não consigo imaginar o que pretendes ao fazer-me tal Pergunta.

EU SEI o que pretendo, e esperarei uma Resposta melhor, digo-to em poucas Palavras, diz o Escudeiro.

ORA, se tens vontade de fazer disso uma Briga, és bem-vindo, diz Jack, farei tão poucas Palavras como quiseres; Apenas faz-me saber a tua Vontade, diz-me o que queres, e terás uma Resposta direta ou uma Recusa direta imediata.

ORA, a minha Pergunta é curta, diz o Escudeiro, Por que visitas a Sra. —? podes facilmente perceber-me.

RESPONDEREI com a mesma Pergunta, diz Jack; Por favor, por que a visitas tu?

ORA, isso é tão rude como podes responder a um irmão mais velho, diz o Escudeiro, e tão malicioso; mas poucas Palavras são melhores Jack, eu visito-a por aquilo que não admite Rivais; espero que me percebas agora.

BEM, e eu faço o mesmo, diz Jack; mas há uma Questão entre nós então, que traz consigo a matéria do Direito, e essa é: quem a visitou primeiro?

ORA, isso é verdade, Jack, diz o Escudeiro, nalguns Casos, mas não no Amor; a Prioridade não é Reclamação ali, não me darei ao trabalho com isso.

ENTÃO tenho a certeza, diz Jack, que ser irmão mais velho não é Reclamação; por isso não tomarei Nota disso.

NÃO, não, diz o Escudeiro, não o espero; não há Parentesco na libertinagem, Jack. Não conheço Irmão, ou Pai, Tio ou Primo, quando falo da minha Amante.

MUITO bem, diz Jack, agora respondeste-me mais particularmente do que talvez pretendesses; e talvez cheguemos a um Entendimento mais cedo do que eu esperava.

O QUE queres dizer, diz o Escudeiro, com um Entendimento?

ORA, o que posso querer dizer? Quero dizer que me dás a entender que cortejas a Sra. — para fazer dela uma Puta.

MELHOR Linguagem, Jack, contudo, diz o Escudeiro; uma Amante, quererias dizer?

EU NÃO, diz Jack, não admite melhor linguagem; uma Puta é uma Puta, bem o sabes, chama-lhe o que quiseres, para mim é o mesmo.

BEM, e supõe que seja, que Negócio tens tu com isso?

ORA, supõe então que eu Cortejo a mesma Senhora para ser minha Esposa, espero que tenha vantagem sobre ti aí?

DE MODO algum Jack, diz o Escudeiro, não permitirei que faças uma Esposa da minha Amante.

NEM eu posso permitir, diz Jack, que faças uma Puta da minha Esposa.

MAS não terei Escrúpulo nisso, garanto-te, diz o Escudeiro, se ela estiver disposta, embora sejas meu Irmão, fá-lo-ei se puder.

E NÃO te vou lisonjear, esteja ela disposta ou não, se realmente o fizeres, diz Jack, não terei Escrúpulo em cortar-te a Garganta por isso se puder, embora sejas meu Irmão.

MUITO bem, Jack, diz o Escudeiro, então já sei com o que contar.

É MUITO verdade, diz Jack, é a velha estrada da *Cavalaria Andante*, Senhor, ganhá-la e possuí-la é a Palavra.

E O QUE deve ser feito então? diz o Escudeiro.

ORA, diz Jack, não preciso de te dizer o que fazer; digo-te que ela é minha Esposa, creio que é o suficiente para te dizer o que deves fazer.

E EU digo-te, diz o Escudeiro, que ela é minha Amante, isso é o suficiente para te dizer que és um Cornudo, ou sê-lo-ás, creio que é justo avisar-te antecipadamente.

E CREIO, diz Jack, que isso é dizer-me que devo cortar-te a Garganta antecipadamente também; pois não serei Cornudo, nem serei chamado assim por ti, nem por nenhum Homem vivo.

N. B. A ISTO o irmão mais novo levantou-se numa Raiva violenta e saiu; e o irmão mais velho, tão colérico como ele, disse-lhe enquanto ele saía, que fazia bem em deixá-lo na Posse.

ISTO espicaçou-o ainda mais, e ele voltou-se e disse: Espero que tenhas a Educação de me seguir?

NÃO, Jack, diz o Escudeiro, e jurou-lhe, não lutarás pela minha Amante e pela minha Herança também; tratarei primeiro de que não ganhes nada comigo.

COM todo o meu Coração, diz Jack, damos tempo a um Malandro no Patíbulo para dizer as suas Orações, bem o sabes.

CORRIGIREI a tua Impudência, Senhor, amanhã de Manhã, sem falta, diz o Escudeiro.

DEVO esperar por vossa Mercê tanto tempo? diz Jack, e acrescentou algo muito amargo, como se o seu Irmão fosse demasiado Cobarde para prosseguir. Mas pareceu o contrário, pois nessa mesma noite recebeu um Desafio do Escudeiro, marcando Hora e Lugar para se encontrarem no dia seguinte pelas Cinco da Manhã.

ESTES dois impetuosos e temerários jovens foram levados a este acesso de Raiva mais pela Violência dos seus Espíritos e Paixões fogosas do que pela sua real Inveja, pois mal tinham começado a envolver-se com a Senhora de uma forma ou de outra; mas sendo impetuosos e cabeçudos, levantaram a Tempestade entre si, e encontrando-se o fósforo e o rastilho, a Chama eclodiu pela mera Natureza da coisa.

MAS o meu trabalho não é moralizar sobre a História, mas relatar o Facto. Feito o Desafio, nada mais tinham a fazer senão encontrar-se, lutar, fazer o papel de Carniceiro um com o outro e deixar as Consequências para o Tempo.

O PAI, o bom velho Cavaleiro, que ainda vivia, nada podia saber do que se passara entre os Filhos, pois estava naquele exato momento na sua Casa de Campo em W—shire, a pelo menos sessenta Milhas de Londres.

NA MANHÃ seguinte cedo, conforme o Combinado, os Irmãos prepararam-se para o Negócio e saíram, mas por caminhos diferentes, para o lugar marcado, estando os seus Alojamentos em diferentes Partes da Cidade.

O IRMÃO mais novo, cujo Sangue ao que parece estava mais quente, foi o primeiro a sair, e mal era Dia quando avistou o lugar marcado; ali viu o seu Irmão, conforme o supôs ser, caminhando apressadamente de um lado para o outro, como se esperasse com Impaciência pela sua vinda.

ORA, diz ele para si mesmo, tenho a certeza de que estou dentro do Tempo; contudo, não sejas Impaciente irmão Tom, estarei contigo num instante; e com isso apressou o passo. Não dera muitos passos mais quando viu o seu Irmão (como ainda pensava ser ele) vir em sua direção, como se fosse ao seu encontro, e com a Espada desembainhada na Mão.

ÉS muito ágil com a tua Espada (disse ele de novo para si mesmo), o quê, pensavas que eu não te daria tempo de a desembainhar? Mas quão surpreso ficou quando chegou junto dele e descobriu que não era o seu Irmão, mas o seu Pai, e que em vez de uma Espada na Mão não tinha nada senão uma bengalinha pequena, tal como o velho Cavaleiro geralmente usava para caminhar!

FICOU ainda mais perplexo porque supunha que o seu Pai estava, como se disse acima, na sua casa no Campo, a mais de sessenta Milhas de distância: Contudo, ficou sem dúvidas quando não só o viu de perto, mas quando o seu Pai lhe falou.

ORA, então Jack, diz o velho Cavalheiro, O quê, * desafias e desembainhas contra o teu Pai?

- Quando pensou ver o irmão com a Espada na Mão, ele pusera a mão na sua Espada.

PODE estar certo, Senhor, diz ele, que não supus que fosse o Senhor. Não duvido de que saiba quem eu esperava aqui; é um pobre recurso cobarde da parte dele primeiro desafiar o Irmão e depois mandar o Senhor em seu lugar; o Senhor não teria feito tal coisa, quando era jovem.

NÃO é tempo de falar agora, Jack, diz o seu Pai, tenho aqui o teu Desafio, e vim agora para lutar contigo, não para falar contigo; portanto desembainha, diz ele, sabes que não há Parentesco no Amor; e com isso o seu Pai desembainha a Espada e avança sobre ele.

DESEMBAINHAR! diz Jack; o quê, e contra o meu Pai! O Céu o proíba! não, serei morto primeiro.

MAS o seu Pai avançando de novo, e com um Semblante furioso, como se o quisesse realmente matar, Jack tira a sua Espada com a bainha e, atirando-a ao Chão, gritou: Ali Senhor, tome-a, mate-me com ela; pelo amor de Deus, o que pretende o Senhor?

MAS o seu Pai quase correndo sobre ele, Jack vira-lhe as costas e, escapando do seu Alcance com um salto, parece resolvido a fugir dele; ao que o seu Pai se baixa, apanha a Espada e fica imóvel.

O JOVEM cavalheiro, surpreso e espantado com o Encontro, estava em Terror e Confusão, e não sabia o que fazer; mas retrocedendo uma distância considerável e observando que o seu Pai se fora, conforme pensou, resolveu que, embora não tivesse Espada, iria ao lugar marcado para ver se o seu Irmão chegara; pois ele não deveria poder dizer que não o encontrara, por muito que estivesse assim estranhamente desarmado.

EM CONFORMIDADE, voltou ao lugar e sentou-se no Chão, esperando ali perto de duas Horas, mas nada soube do seu Irmão; mas quando se retirava de novo ao fim das duas Horas, encontrou a sua Espada caída exatamente no lugar onde fora atirada, ou tão perto do lugar quanto podia imaginar, embora tivesse a certeza de que ela não estava ali quando passara pelo lugar pela segunda vez.

ISTO intrigou-o ainda mais, e ele não sabia o que pensar de tudo isto; mas apanhou a Espada e foi para casa, perguntando-se qual seria o significado de tudo aquilo.

NÃO estivera ele muito tempo em casa, quando o criado do seu Irmão chega ao seu Alojamento com uma Mensagem muito civil do Escudeiro, para saber como ele estava; e ao Criado fora ordenado perguntar-lhe, da parte do seu Irmão, se ele não encontrara algo de extraordinário naquela Manhã, e dizer-lhe que ele (o seu Irmão) estava muito mal, senão teria vindo vê-lo.

A ESTRANHEZA da Mensagem somou-se à Surpresa em que ele já estava antes; pelo que mandou o Mensageiro subir e parlamentou com ele um pouco, desta forma:

J. O QUE se passa, Will? Como está o meu Irmão?

Will. O MEU Amo apresenta os seus cumprimentos a vossa Mercê, e enviou-me para saber como está.

J. NA VERDADE, estou um pouco indisposto; mas como está o teu Amo? o que se passa?

Will. ORA, na verdade, com licença de vossa Mercê, não sei o que se passa; creio que o meu Amo apanhou um susto esta Manhã.

J. UM SUSTO, Will! com quê, por favor? o teu Amo não se assusta facilmente.

Will. ORA não, com licença, eu sei que não; mas isto foi algo de extraordinário; não sei como foi, pois não estava com o meu Amo, mas fala-se na Casa que ele viu o Pai, ou viu uma Aparição na Forma do Pai.

J. ORA, eu também a vi, Will; agora assustas-me de verdade, pois eu não dera importância antes; ora, era o meu Pai, com certeza. Will.

NÃO Senhor, ai o seu pai! ora, o meu velho Amo estava em W—shire, e muito mal na Cama ainda na última Sexta-feira; eu vim de lá, o meu Amo enviou-me a ele para um recado.

J. E VISTE-O tu mesmo, Will?

Will. SE vossa Mercê fizer o favor de me dar o Juramento, eu jurarei que o vi e falei com ele na sua Cama, e muito mal ele estava; espero que vossa Mercê acredite que conheço o meu velho Amo?

J. SIM, sim, conhece-lo, sem dúvida, Will. Creio que viveste quatro Anos com ele, não foi?

Will. VESTI-O e despi-o durante cinco Anos e meio, com sua licença. Creio que posso dizer que o conheço com as suas Roupas, ou sem elas.

J. BEM, William, e espero que admitas que eu conheço também o meu próprio Pai, ou aquele a quem chamo Pai há trinta Anos?

Will. SIM, com certeza, com licença.

J. BEM então, diz ao meu Irmão que era ou o meu Pai ou o Diabo; eu vi-o e falei com ele, e estou assustado até ao juízo.

LÁ FOI Will com esta Mensagem de volta para o seu Amo, e o seu Amo foi imediatamente com Will ver o seu Irmão.

ASSIM que entrou no Quarto do Irmão, corre para ele e beija-o; Querido Jack, diz ele, o que se passou connosco hoje? ambos fizemos papel de tolos, mas perdoa-me a minha parte, e diz-me o que aconteceu.

JACK recebeu-o com toda a paixão e Ternura imagináveis, e puseram-se imediatamente a comparar as coisas um com o outro. O Will contara ao seu Irmão em geral como fora, conforme o irmão mais novo lhe ordenara; que vira o seu Pai e falara com ele; e agora ele próprio lhe contou todos os Particulares, como os relatei acima, e como ele viera contra ele com tal Fúria, que ele realmente pensara que o ia atravessar de um lado ao outro, e que ele fugira.

O ESCUDEIRO relatou a sua História muito no mesmo sentido: como, vindo ele para o Lugar marcado, o seu Pai o encontrara e perguntara para onde ia; que ele o despachara com uma resposta vaga, dizendo-lhe que ia a *Kensington* encontrar-se com uns Cavalheiros para irem com ele a *Hampton-Court*.

QUE sobre isto, o seu Pai ficara muito zangado; e observei, disse ele, que o seu Rosto parecia vermelho como Fogo; ele bateu com o pé, como costumava fazer quando provocado, e disse-me que eu o despachava com um Fingimento; que ele conhecia o meu recado tão bem como eu próprio; que eu ia assassinar o meu irmão mais novo, e que ele viera para satisfazer a minha Fúria com o seu Sangue, e que eu deveria assassiná-lo a ele, não ao meu Irmão.

ESTAVA tão confuso, disse o Escudeiro, que não lhe consegui falar por um bom bocado; mas recuperando-me um pouco, e indo desculpar-me, ele ficou mais zangado; quando eu disse que as minhas Pretensões eram tão honestas para com a Sra. — como as tuas eram, ele chamou-me mentiroso, e na verdade, Jack, eu merecia-o; embora não pudesse imaginar que ele soubesse: mas disse-me em suma que eu mentia, pois que eu a cortejava para a corromper, mas que tu a cortejavas honradamente, para casar com ela, e ele dera o seu Consentimento para tal.

FIQUEI confuso, então pedi-lhe Perdão; por isso ele ordenou-me que fosse para Casa e me reconciliasse com o meu Irmão, ou que falaria outra linguagem comigo na próxima vez que me visse; e agora, querido Jack, diz o Escudeiro, venho pedir-te Perdão, não só em Obediência ao meu Pai, mas realmente por minha própria conta, pois estou convencido de que estava muito errado contigo.

PODEM estar certos de que os Irmãos ficaram imediatamente tão bons Amigos como alguma vez foram nas suas Vidas. Mas Jack continuava inquieto por isto ser a real Aparição do seu Pai; e as palavras de William, o criado do seu Irmão, correram na sua Mente toda essa Noite; pois quanto a este primeiro Encontro, ele fora tão ocupado com os Êxtases da Reconciliação, que não tiveram tempo para mais nada.

MAS na manhã seguinte o jovem cavalheiro foi ver o seu Irmão, para lhe retribuir a Visita e falar das coisas de novo. Querido Irmão, diz Jack, continuo muito inquieto com uma Parte da nossa História; alegro-me de Alma que tu e eu tenhamos chegado a entender-nos, e espero que nunca seja de outra forma; mas não posso estar totalmente satisfeito sobre quem foi o Pacificador; se o que o teu criado Will diz for verdade, nunca poderia ser o meu Pai.

ORA, diz o seu Irmão, Will disse-me que tu disseste que era o meu Pai ou o Diabo.

POIS sim, eu disse-o, diz Jack, mas isso foi para dar a entender a minha Certeza de não ser o meu Pai; não que eu supusesse ser o Diabo. Mas, por favor, há quanto tempo está o meu Pai na Cidade?

ORA, diz o Escudeiro, eu não sabia que ele estivesse na Cidade, mas que o vi, sei-o bem.

MAS não enviaste o Will a ele, diz Jack, lá para o Campo? e é possível que ele pudesse ter vindo para cá desde então, em tão pouco tempo?

SIM, sim, ele poderia vir, diz o Escudeiro; ele faz muitas vezes o caminho num Dia e pouco, às vezes num Dia; seis Cavalos andam a grande velocidade, sabes bem.

MAS por favor, o que pensas tu próprio disso? viste-o tão bem como eu. Era realmente o meu Pai? O teu criado Will diz que era impossível; além disso ele diz que o meu pai estava muito mal e guardava a Cama.

WILL diz que ele estava muito indisposto, mas não disse que guardava a Cama; mas confesso que nunca entrei nessa Disputa nos meus Pensamentos: Era o meu Pai, com certeza! O que mais poderia ser? Como disseste, Irmão, tinha de ser o meu Pai ou o Diabo.

ORA, também não sei o que dizer, Irmão, diz Jack, quanto a ser o Diabo. Creio que o Diabo e o meu Pai não têm qualquer tipo de Correspondência.

ALÉM DISSO, Irmão, diz o Escudeiro, por que haveria o Diabo de ter por ti e por mim tal Boa-vontade, ao ponto de se preocupar em reconciliar-nos? Creio que ele preferiria muito mais ter-nos visto assassinar-nos um ao outro, como estávamos a caminho de fazer.

EU CREIO antes, diz Jack, que ele teve mão em fazer-nos Brigar.

AH, na verdade, eu também, diz o Escudeiro; creio, da minha parte, que estava louco; e, como as pessoas costumam dizer, o Diabo estava em mim, senão nunca teria sido tão Tolo.

BEM, mas Irmão, diz o jovem cavalheiro, como chegaremos ao fundo desta Questão? ambos pensamos que era o meu Pai, e ambos pensamos que dificilmente o poderia ser também, e ambos pensamos que não era o Diabo.

SIM, e, diz o Escudeiro, se não for o meu Pai nem o Diabo, o que diremos então?

ORA isso, na verdade, torna-me tão impaciente por descobrir: agora vou dizer-te uma coisa que me alarma também um pouco; mandei perguntar em casa do Sr. —, onde sabes que o meu Pai fica sempre alojado, e ao *Black-Swan-Yard*, onde sabes que a sua Carruagem fica, e todos dizem que ele não está na Cidade, e que deve vir à Cidade dentro de cerca de seis Semanas.

ORA, isso é extraordinário também, confesso, diz o Escudeiro; nunca pensei nisso, porque nunca nutri qualquer Ciúme deste tipo, estava completamente fora da minha cabeça; mas, pela minha Palavra, deixas-me agora muito inquieto com isso.

PELA minha parte, diz o seu irmão mais novo, daria qualquer coisa para chegar a uma Certeza sobre isto, quase seria capaz de montar a Cavalo e ir lá abaixo de propósito.

IREI contigo, de todo o meu Coração, diz o Escudeiro.

PARA levar a Questão a uma conclusão, os dois Irmãos concordaram e ambos partiram para ver o seu Pai. No próprio Dia em que montaram a cavalo para descer, mas algumas Horas depois de terem partido, chegou uma Carta à casa do irmão mais velho, vinda do Pai; de cujo Conteúdo tomarei Nota brevemente.

E PRIMEIRO devo observar que, quando chegaram ao pé do Pai, encontraram-no em casa, e muito mal, nem ele estivera fora de casa; e estava grandemente preocupado com a Segurança dos seus Filhos, pela seguinte Ocasião.

NA NOITE antes de escrever a Carta, mencionada acima, fora surpreendido no seu Sono com um Sonho, ou antes uma Visão, de que os seus dois Filhos se tinham desentendido por causa de uma Amante; que tinham Brigado a tal ponto, que se tinham desafiado um ao outro e tinham ido para os Campos para lutar; mas que alguém lhe dera Aviso disso, e que ele se levantara de manhã pelas quatro Horas para os encontrar e impedir.

PERANTE este Sonho, acordou em grande Desordem e Terror; contudo, achando que era apenas um Sonho, acalmou a Mente e voltou a dormir: mas sonhou-o novamente de uma maneira tão viva, que foi forçado a chamar o seu

criado que o atendia para ficar acordado o resto da Noite com ele; e ele estava assustado e muito indisposto com o Susto.

QUE, em Consequência deste Sonho, enviara um Criado Expressamente, com Ordens para cavalgar Noite e Dia, para inquirir como os seus Filhos estavam e trazer-lhe palavra se houvera tal rutura entre eles; e encarecidamente para os pressionar, se tal rutura ocorrera, a que consentissem que ele mediasse entre eles, para que não fosse mais longe até ele poder vir, para que pudesse pôr fim aos seus Ressentimentos e fazer a Paz entre eles, de acordo com os seus Sonhos: e esta era a Carta, mencionada acima, que chegou às mãos poucas Horas depois de eles terem partido.

NÃO se pode duvidar de que foi muito perturbador para os seus Filhos ouvir o relato que o Pai lhes deu do seu Sonho, ou Visão antes, sobre a sua Briga; e foi igualmente espantoso vê-lo confirmado por todos os verdadeiros Particulares; também que o velho Cavalheiro, com certeza, estivera tão longe de estar em Londres que mal estivera um Dia inteiro fora da Cama.

CONFERENCIARAM seriamente sobre a questão privada, (a saber) se deveriam contar ao Pai a História da sua Briga, mas especialmente a de o terem visto separadamente, e de ele realmente os ter apartado ou impedido de lutar.

PERANTE tudo, concluíram não deixar o Pai saber da sua Semelhança (como lhe chamaram) lhes ter aparecido, para que não o inquietasse demasiado; e quanto ao resto, como estavam perfeitamente reconciliados de novo, disseram que não havia qualquer necessidade de o mencionar de todo; por isso apenas lhe prestaram o cumprimento como uma Visita de Dever, para verem como ele estava e pedir a sua Benção; tendo Will dito-lhes que ele estava Indisposto: e quanto à sua Carta, podiam alegremente dizer-lhe que não a tinham visto.

DE ACORDO com esta Resolução, cumpriram a Cerimónia de Visitar o Pai e apressaram-se a partir de novo, para que pudessem conversar livremente sobre esta estranha Conjunção de Circunstâncias, que tinha nela tantas coisas surpreendentes para os seus Pensamentos, e até para os seus Entendimentos; pois não sabiam o que pensar disto, nem, na verdade, podiam resolvê-lo em nada senão nisto, que serve exatamente ao meu propósito, e que é a razão de eu mencionar toda a História, a saber, que houve aqui uma dupla Aparição dentro do âmbito do nosso sistema proposto.

1. HOUVE aqui a Aparição da Pessoa viva do Pai, sem a sua participação na Ação; o seu Rosto, Voz e, talvez, Hábito foram assumidos, e contudo ele próprio nada sabia da Matéria, não esteve minimamente envolvido nela, nem dela tomou conhecimento.

2. HOUVE aqui uma Aparição ao Pai em Sonho; foi uma visão clara, a coisa que era verdadeira em Facto foi-lhe revelada no seu Sono, que é o próprio Assunto de que estou agora a falar. Os Filhos foram representados, ou apareceram-lhe, Brigando e em estado de Conflito, como realmente estavam, e contudo nenhum deles sabia nada da Matéria.

DAQUI (supondo a Realidade da História) segue-se necessariamente que um Espírito ou Ser invisível, chame-se-lhe o que quisermos, pode assumir a Forma, Rosto, Voz, de qualquer Pessoa viva que lhe apraza representar, sem o Conhecimento, Consentimento ou Concorrência da Pessoa assim representada, de qualquer maneira que seja.

E DAQUI também é evidente que os Sonhos devem por vezes ser chamados, e realmente são, Aparições, tanto quanto aquelas outras aparições visíveis que são vistas quando estamos (como dizemos) bem acordados; essa Aparição é para os Olhos da Alma e, como tal, pode ser vista tanto dormindo como acordado, pois a Imaginação não dorme: a Alma cessa de facto de agir organicamente, mas não cessa de agir como uma Alma, e de uma Maneira espiritual, e consequentemente pode agir sobre Objetos espirituais; e isso tanto no Sono como em qualquer outro momento.

PODERIA carregar este Relato com Histórias, pois o Exemplo é frequente nestes Casos, e sou forçado a deixar de fora algumas que são muito boas e seriam interessantes, porque são demasiado tediosas para a Obra; além disso, não pretendo escrever uma Coleção de velhas Histórias; se o fizesse chamaria a isto uma *História de todos os Cantos da Chaminé* nos três Reinos. Contudo, não devo deixar-vos estéreis de exemplos também em Casos tão férteis; tomai mais um que o meu Autor me assegura nunca ter sido impresso.

UMA CERTA Senhora de boa Figura e alguma Qualidade teve uma terrível Briga com o seu Marido sobre os pontos críticos da Virtude e da Honra; ele era um Cavalheiro de negócios públicos e passava por Homem de bom Senso; mas tinha aquela enfermidade particular que, para mim, passará sempre por uma deficiência no Entendimento; refiro-me a ser ciumento da sua Mulher, e contudo ser incapaz de fixar nada contra ela, nem sequer uma mancha justa na sua Conversação.

É MUITO difícil para um Homem ser Tolo o suficiente para se inquietar por tal Motivo, e não ser Malandro o suficiente para tornar isso penoso também para a sua Mulher; digo Malandro porque, onde não há causa justa de Reproche, ele não pode ser um Homem honesto se carrega a sua Mulher com o Escândalo disso.

ELE achara por bem tratá-la muito mal sobre este Assunto muitas vezes, sem qualquer tipo de Fundação, aliás, na verdade, nem sequer com um pretexto para tal, exceto o que era buscado na sua própria Imaginação desnorteada; e entregou-se tanto ao seu Ciúme, sem fundamentos, que a sua Mulher foi obrigada a expor a sua Condição a alguns dos seus Parentes, que se encarregaram de falar com ele sobre isso.

ESTE falar com ele teve um Efeito pior do que o esperado, pois o Homem esteve tão longe de ser influenciado pelas Expostulações amigáveis dos Parentes da sua Mulher, que se tornou rude e injurioso para com eles; e se algum deles falava um pouco mais calorosamente do que o comum em favor dela, ele virava-o logo contra essa Pessoa, como se ele tivesse sido o Homem, e tivesse tido algo com ela; e contudo, quando um deles o desafiou a dar-lhes um único Instante da Conduta da sua Mulher, ou de qualquer Pessoa que se associasse com ela de uma maneira que desse a um Homem honesto os menores motivos de suspeita, ele não conseguia atribuir a mínima Razão; mas, como é mais verdade no comum, que aqueles que são os mais Ciumentos têm muitas vezes a menor Causa para tal, assim foi aqui; contudo, não obstante todas as Expostulações que foram, ou puderam ser usadas com ele, o Raciocínio mais frio e as Persuasões mais amigáveis, ele continuou a tratar a sua Mulher tão mal, que os seus Amigos começaram a achar necessário separá-los.

A SENHORA, uma Mulher de Piedade bem como de Virtude, embora sofrendo de coração com o mau Trato, e particularmente por este reprochar a sua Virtude estava, contudo, relutante em desestruturar a sua Família e separar-se do seu Marido, tendo também dois Filhos de quem não se podia separar, não permitindo o seu Afeto que os deixasse carentes do Cuidado e Conduta de uma Mãe; por isso escolheu antes suportar o mau Trato diário dele, do que deixar a sua Família.

MAS ele levou a Parte Brutal tão longe, por fim, que não contente em tratá-la da maneira mais escandalosa com a Língua, caiu sobre ela com as Mãos e, por duas ou três vezes, na sua Raiva, maltratou-a muito: ela escondeu esta parte (por amor dele) tanto quanto pôde, e esforçou-se por evitar que fosse conhecida.

MAS ele tratou de se expor nisso em muitas Ocasiões, e particularmente ao afrontar um Cavalheiro do seu próprio Conhecimento, e com algum Parentesco com ele também: o Caso foi este; ele pôs-se a acusar a sua Mulher de desonestidade em Conversa comum, e perante Estranhos; sobre o que o Cavalheiro disse: *Ora, Primo, realmente creio que a prejudica, pelo menos deveria estar muito seguro de que tem razão antes de falar assim; a sua Senhora*

*tem um Carácter geral de Mulher honesta, modesta e virtuosa; e dizem-me que é também uma Pessoa muito piedosa e religiosa.*

A ISTO ele explodiu numa Paixão e disse: *Maldita seja ela, estava convencido de que era uma Puta.*

*MAS, Primo,* diz o Cavalheiro, *então suponho que conhece também a Pessoa, e poderia provar o Facto!*

ELE acreditava que sim, disse ele.

*ORA, deveria estar muito seguro disso, Primo*, diz ele, *antes de acusar a sua Mulher tão positivamente.*

ELE respondeu, sem qualquer tipo de Respeito pelo seu Primo: *Creio que o Senhor é o Homem*; e acrescenta, *dou-o como certo.*

*QUE Suspeita,* diz o Cavalheiro, *lhe dei eu alguma vez disso? Nunca estive na Companhia da sua Mulher na minha Vida, a não ser quando o Senhor estava presente.*

— NÃO importa — diz ele —, se não fosses culpado, por que te preocuparias em defendê-la?

O CAVALHEIRO, embora grandemente provocado, manteve ainda a sua Calma e sorriu para ele; — Primo — diz ele —, duvido que tenhas melhor Argumento para provar a Culpa da tua Mulher do que tens para a minha, e se não o tens, ela é tão inocente como uma Criança de peito.

O SEU Sorriso provocou-o, e ele chamou mentiroso ao Cavalheiro, e acrescentou-lhe uma linguagem muito escabrosa, tal como se poderia esperar de um Homem Louco, de um Homem fora de si; não por Lunatismo, como uma Enfermidade, mas por aquele pior Frenesi, chamado Ciúme sem fundamento.

COMO chamar mentiroso é a última Injúria que um Homem pode fazer a outro com a sua Língua, isto provocou de tal modo o seu Primo que, desdenhando desembainhar a Espada contra ele, corrigiu-o severamente com a sua Bengala, como ele merecia; e este, por sua vez, como um verdadeiro Cobarde (quando se foram embora), vingou-se na sua Mulher; pois maltratou-a novamente de uma Maneira bruta e bárbara: nem o acalmou minimamente o facto de ter descarregado assim a sua Raiva sobre a Mulher naquela altura; mas continuou-o em cada Ocasião em que se via fustigado pelo seu próprio Ciúme: e sempre que maltratava a Mulher depois desse tempo, censurava-a com este Cavalheiro e com o facto de ela ainda lhe manter Companhia; embora, como apareceu depois, o Cavalheiro não estivesse em Inglaterra, nem estivesse há vários Meses.

ACONTECEU uma vez em particular que, chegando a casa, nada embriagado, mas muito mal-humorado e, ao que parecia, provocado, embora não se pudesse sequer adivinhar qual era a Razão, arranjou uma Briga com a Mulher e, sem qualquer outra Provocação senão a que se encontrava na sua própria falta de Calma, caiu sobre ela de uma maneira muito impiedosa; e, não tivesse sido buscada Ajuda, receava-se que ele a tivesse assassinado. Numa Palavra, Vizinhos que acudiram ao seu resgate salvaram-na de maior Mal; contudo, diante de todos eles, ordenou-lhe que saísse de Casa e proibiu-a de voltar a entrar.

A SENHORA não pôde agora evitar o que há tanto tempo lhe fora aconselhado; por isso, pegando nalgumas Roupas e nas suas próprias Joias, que lhe trouxe, retirou-se na mesma Noite para a Casa do seu próprio Irmão, tomando Testemunha suficiente da ocasião de tal ato.

MAS para trazer a História mais perto do Caso em questão: O Cavalheiro a quem ele assim maltratara fora obrigado (por alguns assuntos próprios), cerca de cinco Meses antes desta última Contenda, a ir para a *Alemanha*; e como partiu de Inglaterra por Mar e desembarcou em *Hamburgo*, viajou de Hamburgo até *Magdeburgo*, e dali para *Leipzig*, na Saxónia.

ESTANDO ele sentado sozinho num Pavilhão, como lhe chamamos, ou numa Casa de Jardim, como lhe chamam lá mais propriamente, pertencente a um Burguês de Leipzig, e lendo um Livro para se divertir, sendo no calor do Dia e pouco depois do Jantar; adormeceu e sonhou que uma Senhora viera de Inglaterra para falar com ele, e estava na Casa à espera dele.

PERANTE este Sonho, e não estando num sono muito profundo, apenas encostando a Cabeça na Mão enquanto lia, acordou; e assim que acordou, levantou-se e tencionava ir para dentro de Casa ver quem seria, quando imediatamente vê uma Senhora em traje Inglês subindo pelo Jardim em direção ao Pavilhão.

ELE não a conheceu ao princípio; mas quando ela se aproximou mais, falou com ele; ele, chamando-a pelo Nome, quis saudá-la; mas ela pareceu recusar e, recuando, disse: — Vós e eu, Senhor, já fomos suficientemente maltratados sobre esse Ponto; e venho a vós por Justiça. Sou maltratada e corro Perigo de ser assassinada todos os Dias pelo meu cruel Marido por vossa Causa, e fui finalmente expulsa de Casa.

— AI! — diz ele —, Minha Senhora, ele é um Homem Bruto, e lamento muito; mas o que posso eu fazer por vós?

— CONHECEIS a minha Inocência — diz ela —, no que vos diz respeito; fazei-me justiça, não peço mais: e naquele momento ela desapareceu.

ELE ficou extremamente surpreso, como bem poderia estar de facto; e tanto mais porque não tinha a mínima noção de ser uma Aparição, nem a teve o Criado do Burguês que a deixara entrar à Porta e a acompanhara pelo Jardim até ao Pavilhão.

ELE foi imediatamente para dentro de Casa e inquiriu quem deixara entrar a Senhora; e o Criado que a conduzira pela alameda do Jardim disse-lhe que fora ele; e também que naquele minuto a deixara sair novamente; mas, olhando para a Rua, nada mais dela se pôde ver, nem ele voltou a ver ou ouvir mais nada dela dessa maneira.

ENQUANTO isto passava, a Senhora vivia uma Vida muito melancólica e retirada na Família do seu Irmão, não vendo Companhia e passando o tempo numa Solidão muito desconfortável; especialmente aflita pelo Reproche tão sem causa levantado sobre o seu Carácter, e não tendo nada para a consolar senão o conhecimento da sua própria Inocência; aquilo a que chamamos o Conforto de uma boa Consciência: sobre o qual, conforme o Mundo corre agora, devo ser cauteloso em como coloco demasiada ênfase ou moralizo demasiado, para que não me chamem Religioso e Grave, que é o mesmo que dizer Louco.

ESTA Separação continuou algum tempo; todos os esforços para trazer uma Reconciliação foram tentados, mas provaram ser ineficazes; o Marido continuava insolentemente injurioso para com a Mulher; e a Mulher (tendo as Coisas chegado a tal ponto) insistindo numa Reparação da Injúria oferecida à sua Reputação, tendo os Factos provados ou uma Causa devida de Suspeita designada. Entre ambos, uma Reconciliação parecia impraticável e os Amigos de ambos os lados, tendo feito o máximo, começaram a desistir.

MAS, para surpresa agradável de todos os que desejavam bem à Família, o Marido veio uma Manhã a casa do Irmão da sua Mulher, sozinho, e pediu para falar com a Mulher.

O IRMÃO dela ficou um pouco duvidoso ao princípio sobre que Resposta lhe dar; e particularmente receou trazer a Irmã à sua presença, não sabendo o que o Diabo e um Temperamento exasperado lhe poderiam incitar; e ele, percebendo-o, disse, com um Tom inteiramente diferente daquele com que costumava falar: — Não precisas de ter medo, Irmão, de me deixares ver a minha Mulher, embora na verdade vos tenha dado a todos Causa suficiente para estardes inquietos; mas asseguro-te que logo te satisfarei de que não venho para lhe fazer qualquer mal, mas justamente o contrário: venho para pôr fim a toda esta rutura ímpia, e de uma maneira que será para tua Satisfação e para a dela também; e estou muito disposto a que estejas presente quando eu lhe falar, pois desejo que ouças o que tenho a dizer.

ELE falou-o com uma Alteração tão aparente no seu Temperamento que era fácil ver que ele era outro Homem, e que não havia risco em deixá-lo vê-la: por isso ele foi informar a Mulher do que se passara; a qual, embora estivesse um pouco receosa ao princípio, contudo perante as persuasões do Irmão desceu, e o seu Irmão levou-a pela mão para a Sala ao encontro dele.

ASSIM que viu a Mulher, correu para ela, tomou-a nos Braços e beijou-a, segurando-a firme; mas não foi capaz de dizer uma palavra por algum tempo. Por fim, dando um pouco de vazão à sua Paixão: — Minha Querida — diz ele —, prejudiquei-te e maltratei-te; e venho reconhecê-lo de uma maneira tão pública quanto possivelmente posso. Venho pedir-te Perdão por isso, e estou pronto a declarar a minha plena Satisfação da tua Inocência, de uma maneira tão aberta como alguma vez o Diabo e a minha Paixão desregrada me inflamaram contra ti.

Faz as tuas próprias Exigências de que Satisfação te darei, e que Segurança te darei de que não terás mais tal Tratamento, estou pronto a cumprir com elas; e vem para casa comigo, se te atreveres a confiar em mim. No Momento em que quebrar a minha Promessa para contigo na mínima Circunstância, poderás retirar-te livremente de novo sem o menor impedimento, ou a mínima Contradição da minha parte: entretanto, conta com isto, nunca terás qualquer ocasião de inquietude e, enquanto eu viver, reconhecerei, sempre que o desejares, que te fiz mal e que não me deste justa ocasião para o que passou.

ELE falou com tanto Afeto, e até com Lágrimas nos Olhos, que forçou Lágrimas não só da sua Mulher, mas do Irmão dela também, e de outro Parente dela que estava na Sala com eles. Numa palavra, a Reconciliação foi feita em poucos Minutos; pois ele não só cumpriu com tudo o que a Mulher ou o Irmão dela desejaram, mas até mais do que pediram; e quando propuseram que, para evitar Erros posteriores, ele consentisse que pusessem por Escrito o que desejavam e o que ele lhe dissera, Ele pediu Pena e Tinta, e redigiu-o ele mesmo nos Termos mais amplos imagináveis, com o mesmo propósito que foi relatado, e mais amplamente de facto do que poderiam desejar, e assinou-o, desejando que o Irmão e o outro Parente fossem Testemunhas, e depois entregou-o à Mulher.

PERANTE isto, a sua Mulher com um Coração alegre foi para casa naquela mesma Noite com ele, sendo o Irmão e o outro Parente convidados a ir também, o que fizeram; onde ele os entreteve muito amavelmente ao Jantar, o que finalizou a Reconciliação, e viveram muito confortavelmente juntos para sempre.

MAS agora a Razão e Ocasião de tudo isto; e de onde procedeu esta estranha Alteração: para este fim, deveis entender que uma Noite este Cavalheiro, estando ou na sua Câmara ou noutra Sala da sua Casa (a História não é particular nessa parte), vê o seu Primo, que com ele tivera a desavença sobre a Mulher, entrar na

Sala e dizer-lhe: — Primo, lamento muito saber que continuaste a tratar mal a tua Mulher, e que finalmente a expulsaste por minha Causa. Venho de propósito admoestar-te a que te arrependas da Injúria que lhe fizeste, pois ela é Inocente, e tu sabes que a prejudicaste; quanto ao Mal que me fazes, estou fora do teu alcance: Mas traz a tua Mulher para casa, e reconcilia-te com ela, ou visitar-te-ei novamente com muito menos satisfação para ti do que agora.

ELE não lhe deu tempo para uma Resposta, mas desapareceu imediatamente. Pode-se facilmente adivinhar em que Consternação ele foi deixado, quando descobriu que era uma Aparição. Concluiu que o seu Primo estava morto, porque ele dissera estar fora do seu alcance; e concluiu que esta era a sua Sombra, ou a sua Alma inquieta, e temeu a ameaça do seu Regresso. Esforçou-se por afastar aquilo da sua Mente, mas não resultou; a Impressão com certeza seria fortalecida pela sua própria Culpa, e ambas juntas trouxeram-no a si.

POIS isto deve ser observado em todas estas coisas, a saber: que não é o Susto ou a Surpresa que trabalha na Mente, mas a Convicção; e portanto, embora esta seja uma daquelas Relações da qual não me encarrego de assegurar o facto pelo meu próprio conhecimento, contudo, supondo que seja verdadeira, a Moral é a mesma e, por esse Motivo, a relato, a saber: Que pode haver uma Aparição de uma Pessoa viva; e contudo a Pessoa viva, e parecendo assim aparecer, não saber nada disso, nem estar de forma alguma envolvida; e assim, nesta História agora contada, está implícito que a Senhora aqui estava viva quando apareceu ao Cavalheiro na Alemanha, e que o Cavalheiro na Alemanha estava vivo quando apareceu ao seu Primo em Londres, em qualquer maneira que aparecessem; e contudo parece que nenhum deles sabia nada do assunto, e sem dúvida não tinham qualquer envolvimento nisso.

NÃO fui capaz de mergulhar tão fundo nesta História a ponto de dizer se alguma vez lhes foi perguntado depois se estavam cientes da Circunstância ou não; mas sou indiferente a esse Ponto, é para mim inquestionável que poderiam não estar de forma alguma envolvidos na coisa em si e contudo, que poderia realmente ser uma Aparição das Pessoas, os seus Rostos, Vozes, Roupas e todo o Aparato necessário para a Delusão.

HÁ muitos Instâncias de tipo semelhante a esta, e tenho comigo um Relato muito particular de uma Pessoa que em Aparição contou a um Amigo seu sobre o Incêndio de *Londres*, dois Meses antes de acontecer, mencionou a maneira da Conflagração, como começaria no Coração da Cidade, e arderia para Este e Oeste, e nivelaria a Cidade com o Chão; para usar as próprias palavras.

ACONTECEU ele não dizer o Lugar exatamente onde seria; se o tivesse feito, poderia ter tido Problemas depois, pelo relato imprudente dos Particulares; pois o

seu Amigo acreditava que o via realmente; e não que fosse uma Aparição: Mas parece que ele fez uma longa Incursão Religiosa sobre a condição lúgubre dos Cidadãos, e como o seu Orgulho seria abatido; como a sua Glória seria lançada no Pó; e como tudo deveria ser olhado como um Golpe sobre eles pelo seu Luxo e pelos seus Pecados públicos; e assim pareceu pregar bastante: E bem sabeis que se Espíritos do outro Mundo viessem pregar, algumas Pessoas têm tal Aversão a esse negócio enfadonho e pesado, como lhe chamam, que lhe dariam muito pouca atenção. Digo que a Aparição pareceu pregar bastante sobre o Assunto, e por isso o Amigo começou a ficar cansado do Discurso e desviou-o para outra coisa.

AQUILO que parece Particular nesta História e que (tivesse eu espaço aqui) levaria algum tempo a Discorrer longamente, é que a Aparição se retirou em Forma, não se descobrindo como sendo uma Aparição; mas entrou pela Porta, foi deixada entrar por um Criado da maneira habitual, após bater à Porta, e foi levada para a Sala entre a Família; que discorreu também sobre outros Assuntos; como sobre a Guerra Holandesa e o sangrento Combate no Mar: não me recordo exatamente se disse que um combate sangrento ocorrera ou ocorreria; mas creio que era um Combate que acontecera recentemente.

QUE houve várias outras Transições no seu discurso, de um Artigo de negócios públicos para outro; e por fim para aquele do Incêndio de Londres: O Cavalheiro a quem se discorria pareceu não estar muito preocupado com a Predição sobre o Incêndio, olhando para ela como uma peça de suposições, e que o seu Amigo o dizia como algo que temia, antes do que como algo que vaticinava e pretendia saber: Mas depois de a Terrível Conflagração ter acontecido, e de a Cidade estar de facto nivelada de Este a Oeste, como fora mencionado, então todos os Particulares lhe vieram à Mente com algum peso e alguma reflexão invulgar; pois as Circunstâncias eram demasiado evidentes para serem levianamente pensadas.

CONTUDO, passou da maneira ordinária, com um pequeno tipo de espanto; e era estranho que o Sr. M— fosse capaz de falar assim; e com certeza o Sr. M— tem pacto com o Diabo, e coisas do género; ao passo que, durante todo este tempo, o Sr. M— nada sabia da História; e qualquer que fosse a Mão, e para quaisquer fins bondosos, não se tomou nota disso, e o Sr. M— tinha tão pouco conhecimento disso ele próprio que a sua própria Casa ardeu no desastre geral, e ele mal teve tempo de salvar uma quarta parte dos seus Bens.

PODERIA de facto formar-se aqui como Objeção contra esta Noção de bons Espíritos do Mundo Invisível, e o seu envolverem-se em dar Avisos de Malícias que se aproximam, a saber: Que eles não se envolvem em dar tais Avisos em

Casos de Calamidades públicas, quando muitos milhares não só de Pessoas, mas até de Famílias, estão envolvidos e em perigo; e mesmo onde muitas pessoas particulares, que noutras alturas tiveram tais avisos deles e foram como que o seu cuidado Particular, foram deixadas cair no desastre comum.

ISTO é algo de que poderei tomar nota novamente, no seu lugar próprio; mas de momento estou antes a observar-vos o que é, do que a Razão de ser assim: Os caminhos e obras da Providência são Soberanos e Superiores; a Maneira oculta e além dos nossos Entendimentos e Razão; nem sempre visível para nós; e contudo, os seus Procedimentos não menos justos, ou menos explicáveis em si mesmos; nem é necessário que devamos sempre ser capazes de os explicar a nós próprios. O Céu tem as suas próprias Razões para todas as suas Ações, e não nos cabe a nós disputar a sua Soberania, tal como não nos cabe examinar a Razão do seu funcionamento.

O Bispo de Down, o Piedoso e Devoto Dr. Jeremy Taylor, no Caso de uma Aparição de que ainda se falará, quis que a Pessoa a quem apareceu fizesse esta Pergunta quando voltasse: Por que aparecia ele, ou como vinha aparecer num assunto tão pequeno como o de fazer Justiça a uma única Criança, quando tantas Viúvas e Órfãos oprimidos gemiam sob o peso de maiores Injustiças, sem que nenhum dos seus Parentes se preocupasse minimamente com a sua Libertação? e o Homem fez consequentemente a Pergunta, como veremos no seu lugar; mas não teve resposta alguma, como aliás achei que ele não deveria ter esperado: mas disto falaremos adiante.

É CERTO que a aproximação daquele Terrível Incêndio, igual ao qual nunca se conheceu nesta parte do Mundo, não foi descoberta a partir do Mundo Invisível; pelo menos senão a muito poucos: um sinal evidente de que as Almas partidas nada sabiam dele, ou, se sabiam, não tinham Poder para vir aqui e dar aviso disso; se tivessem, que Quantidade de Predições, Presságios e Aparições haveria na Cidade durante alguns Meses antes!

MAS não nos responde a Escritura, e não poderíamos nós replicar na Linguagem do nosso Salvador falando do Dilúvio geral, Mat. xxiv. 38, 39: *Porque, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o souberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem*?

EXATAMENTE assim foi também na altura do Incêndio de Londres: diz-se de facto, com algum reparo, que não foi Noite de Núpcias para muitos, se é que o foi para algum casal na Cidade; porque começando o Incêndio numa Manhã de Domingo, muito poucos, se é que alguns, se diz casarem-se a um Sábado; mas

como era um grande Costume naqueles Dias casar a um Domingo, havia muitos Casamentos marcados para a Manhã seguinte, que foram impedidos sem quaisquer presságios ou pré-conhecimento; e, o que foi infinitamente pior, muitas Mulheres em trabalho de parto naquela mesma Noite foram, segundo se relatou, forçadas a ser retiradas dos seus Aposentos no próprio artigo do Parto, e algumas, como ouvi, deram à luz na própria Passagem de uma Casa para outra: Outras, não pensando que o Fogo seguiria tão rápido, tendo-se mudado apenas para perto, sendo a sua extremidade grande, foram obrigadas a ser mudadas novamente; contudo não encontramos aviso destas coisas dado minimamente.

ISTO, na verdade, é o que eu digo que não podemos explicar, nem há qualquer necessidade de o explicarmos no Discurso em que estamos; pois a nossa Questão não é: Por que não são dados mais Avisos do que os que há, e por que não são eles universais para um tanto como para outro; como se fosse uma Graça a que os Homens devessem ter um Direito igual: Mas é uma Proposição que tais Aparições existem, e que, portanto, existem certos Agentes assim designados para aparecer.

TEMOS relatos semelhantes a estes na altura do grande Massacre de *Paris*; uma conjuntura crítica, na qual a Raiva do Inferno pareceu ser levada a uma Altura terrível, e quando Sangue inocente estava pronto a ser derramado de uma maneira terrível; não tendo os Protestantes Desguarnecidos Meios para evitar os Males que os aguardavam, nem Força para resistir ao Poder dos Exércitos de CORTA-GARGANTAS que os cercavam; assim, não tiveram Intimações do mundo invisível para fazerem a sua Fuga.

MAS a que equivale isto, mais do que os casos semelhantes podem argumentar em mil Calamidades e Desastres que sobrevieram à Humanidade anteriormente? Pelo contrário, confirma a grande Verdade em que tenho insistido; a saber, que as Almas partidas nada sabem e nada podem comunicar, embora o Espírito sem corpo o possa fazer.

POIS, se as Almas partidas de Parentes falecidos pudessem saber que os seus Pais, ou Filhos, ou Irmãos, ou Viúvas, etc., seriam assassinados no Dia seguinte, podemos duvidar de que lhes teriam dado todo o Aviso que estivesse ao seu Alcance fazer, e pelo menos os teriam alarmado de modo a pô-los de Sobrecarga, e dar-lhes a Oportunidade de morrer como Heróis, como muitos deles o eram? E como não o fizeram, creio que, sem Injustiça ou Presunção, podemos concluir que não podem; não puderam então, nem podem outros fazer o mesmo agora.

E CONTUDO, quanto a tais Avisos que aos Habitantes do mundo invisível foi permitido fazer, creio que não estiveram sem eles naquela altura, embora não tenha sido julgado adequado, por Designação do Céu, ter a resolução ímpia do

Assassinato e do Massacre derrotada: quanto às Razões do porquê, que é algo com que nada temos a ver para disputar, deixamo-las em Silêncio, como bem podemos fazer.

AS Histórias daqueles Tempos estão cheias dos Avisos e Alertas secretos então dados pelas bondosas Aparições daqueles Agentes (quem quer que sejam) em Sonho. O Almirante *Coligni* teve nada menos que três Avisos particulares dados por Sonhos, de que a sua Vida corria perigo e de que seria assassinado se permanecesse em Paris; um Expresso foi-lhe enviado pelo Conde *S*—, de *Saumur*, para fazer a sua Fuga e fugir para salvar a Vida antes que fosse tarde demais; aliás, disse-se até que o Rei de *Navarra*, que foi depois Henrique IV, lhe enviou uma Mensagem privada para se ir embora, e que se ficasse mais uma Noite acharia impossível: Mas, como disseram depois, a sua Hora chegara e o seu Destino estava determinado; e ele foi surdo aos seus Amigos, pois vários outros que tinham um Ciúme do seu Perigo lhe deram avisos semelhantes, mas foi tudo em vão, ele foi surdo e indolente para com a sua própria Segurança.

ALGUNS outros que foram mais obedientes à visão celestial, mais tocados então pelo Sentido do seu Perigo, como o Conde de *Montgomery*, o Vidame de *Chartres*, de *Caversac*, e outros, demasiados para nomear; e que tiveram individualmente, e alguns deles conjuntamente, Aviso atempado do seu Perigo, montaram os seus Cavalos e fugiram na própria Noite anterior, e frustrando a vigilância dos seus Perseguidores, fizeram a sua Fuga.

PODERIA aqui alongar-me sobre a Probabilidade disto como uma Máxima: que embora estes Espíritos possam ter licença para dar tal Aviso e tais Alertas a algumas Pessoas particulares para a salvação das suas Vidas, contudo não devemos supor que esteja colocado no seu Poder contrapor-se à Determinação do Céu e agir contrariamente às Designações da sua Providência, especialmente em coisas de Importância geral, tais como Julgamentos públicos, que estão imediatamente na disposição do seu Poder e não devem ser frustrados ou adiados.

ALÉM DISSO, como podemos ter Razão para acreditar que todos agem por Comissão, é também certíssimo que não podem ir nem uma Polegada, nem a largura de um Cabelo além dessa Comissão, nem dar um Passo fora do Caminho dela, para a Direita ou para a Esquerda: e daí devemos inferir que eles não nos dão Avisos mais amplos ou mais frequentes porque não lhes é permitido; e isto é, além do resto, acrescentar uma maior Reverência à própria coisa; pois retirai a sua Comissão superior, e não sei o que deveríamos dizer-lhes, ou de que real Aviso ou Valor eles seriam.

NÃO posso deixar de dizer que houve muitos Avisos dados sobre a Calamidade do Massacre de Paris, que foram suficientes para ter alarmado os Protestantes; e os Chefes deles foram, em certa Medida, alarmados; embora não o suficiente, como se provou, para os afastar do Perigo; contudo de modo a que percebessem que algum Mal estava a ser tramado, mas não podiam possivelmente adivinhar a maneira; e além disso, se o tivessem feito, a outra Parte tinha-os já de tal modo no seu Poder que não podiam evitar o Perigo, mas foram apanhados (por assim dizer) numa armadilha; e contudo enviaram tais Avisos do seu Perigo aos seus Amigos em vários Lugares, de modo a avisá-los a tempo de estarem de Sobrecarga; aviso esse que (falando de causas segundas) os preservou de Mal semelhante; pois o Massacre pretendia-se Universal, pelo menos em todas as Cidades da França.

1. Rodney Baines (*Defoe and the Supernatural*, p.76) afirma que o sonhador deste sonho é provavelmente o próprio Defoe. Ele retira esta conclusão do facto de um mercador, especificamente, ter tido o sonho. Não apresenta outras razões para acreditar que seja o sonho de Defoe. É especialmente curioso visto que Defoe escreve que ouviu o relato diretamente do sonhador. Ou Baines está incorreto no seu palpite, ou Defoe deturpou a fonte por algum motivo, por ex. embaraço, relativo à natureza do sonho. Para mais discussão sobre esta história e a sua ligação com a *Political History of the Devil* e *Moll Flanders*, por favor consulte a introdução.
2. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que o cavalheiro que sonhou este sonho contou-o a Defoe.
3. Rodney Baines (*Defoe and the Supernatural*, p.78) acredita que este sonho, também, foi um que Defoe realmente teve, em vez do "amigo íntimo" que Defoe afirma ser a sua fonte. Não apresenta razões para a sua afirmação. Para mais discussão sobre esta história e a sua ligação com a *Political History of the Devil*, por favor consulte a introdução.
4. Fonte desconhecida.
5. Fonte desconhecida.
6. Encher a cavidade na chumbada com sebo a fim de descobrir a natureza do fundo pela substância que nela adere. OED, p.742.
7. O comprimento coberto pelos braços estendidos, incluindo as mãos até à ponta do dedo mais comprido; daí, uma medida definida de 6 pés [aprox. 1,8 metros]. OED, p.762.
8. Um oficial (agora apenas num navio mercante) que zela pela execução das ordens do mestre ou comandante, ou do seu superior intermédio, e na ausência do mestre assume o comando do navio. OED, p.462. [Esta é a definição para '*mate*' [imediato], pelo que o indivíduo que ocupa a posição de segundo imediato estaria abaixo do primeiro imediato no comando].

9. Um sair ou levantar-se (da cama, etc.); daí, uma chamada para o serviço, esp. durante o período de descanso. OED. p.715.

10. Não localizado até ao momento. Não existe registo no mais atual *Oxford English Dictionary* para esta combinação.

11. Originalmente um convés menor situado acima do convés de meia-nau cobrindo cerca de um quarto da embarcação. Em uso posterior: aquela parte do convés superior ou de espavento que se estende entre a popa e o mastro da ré, e é usada como passeio pelos oficiais superiores ou passageiros de cabine. OED, p.995.

12. Um oficial num navio que tem a seu cargo as velas, cordoalha, etc., e cujo dever é convocar os homens para os seus postos com um apito. OED, p.345.

13. Um convés curto e elevado na extremidade dianteira de uma embarcação. Em uso antigo elevado como um castelo para dominar os conveses do inimigo. OED, p.46.

14. Rumar, manter um curso, aguentar; deriva, dito de marinheiros e de navio. OED, p.859.

15. *Helm* [Leme]: O manípulo ou timão, em navios grandes a roda, pela qual o leme é gerido; por vezes alargado de modo a incluir todo o aparelho de governo. OED, p.123. *Lee* [Sotavento]: Implicando movimento para sotavento [que é: O lado abrigado de qualquer objeto; daí o lado (de um navio, da terra, de uma eminência, etc.) que está virado para o lado oposto ao vento] OED, p.790. Assim, a frase deve significar, virar o mecanismo de governo para o lado abrigado do barco ou abrigar o leme.

16. Na ou para a amura oposta. OED, p.38.

17. Colocar em contra-vento; Bracear a verga de modo que o vento sopre diretamente na face da vela e assim retarde o curso do navio. OED, p.859.

18. Navegar para longe da costa. OED, p.502.

19. Uma unidade de medida, cerca de 100 braças; em carta marítima 607,56 pés, ou um décimo de uma milha marítima. OED, p.749.

20. O impacto da proa de um barco contra a proa ou o lado de outro barco à sua frente. OED, p.650. [Neste caso seria a popa do barco a bater na costa.]

21. Um lugar onde a água é de pouca profundidade; um baixo; um banco de areia ou barra. OED, p.291.

22. Uma reentrância ou entrada do mar, ou a foz de um rio, proporcionando boa ancoragem e uma estação segura para navios; um porto. OED, p.21.

23. A água que, por alguma interrupção no seu curso, corre contrariamente à direção da maré ou corrente. OED. p.66.

24. Plural arcaico de vaca (*cow*). OED, p.442.

25. Esta história é muito provavelmente um incidente que aconteceu realmente ao próprio Defoe. Ele estivera em maus lençóis políticos devido aos seus panfletos sobre o *Test Act* e andara a esquivar-se às autoridades durante algum tempo. Paula Backsheider regista esta história na sua biografia sobre Defoe. A única diferença notável é o ano (1703, não 1701), mas Defoe pode ter mudado isso de propósito. "Defoe foi finalmente apanhado a 21 de maio na casa de um tecelão de Spitalfields. Segundo o *London Post* de 21-24, dois mensageiros prenderam-no" (*Daniel Defoe: His Life*, p. 105).

26. *High Barnet* (Hertfordshire). Situada numa crista de colina a norte do vale de Brent, High ou Chipping Barnet (por vezes referida simplesmente como Barnet) fica na *Great North Road*, a meio caminho entre Londres e St Albans. O seu nome deriva do saxónico *baernet*, uma queima ou conflagração, o que sugere as suas origens numa clareira queimada de uma área de floresta antiga que se estendia por grande parte de Middlesex, Hertfordshire e Essex. No final do século XVII uma nova estrada fora feita de Hadly Highstone, a norte de Barnet, até Hatfield, e o comércio de carruagens tornou-se importante para Barnet como a primeira etapa fora de Londres, servindo mais de 150 carruagens por dia. *The London Encyclopedia*, p.375-6.

27. Um condado interior, limitado a norte pelo condado de Cambridge, a noroeste pelo de Bedford, a oeste pelo de Buckingham, a sul pelo de Middlesex e a leste pelo de Essex. *Topographical Dictionary of England*, V.2.

28. Robert Davis era o cunhado favorito de Defoe. *Daniel Defoe: His Life*, p.108.

29. *Trent Park* (Barnet, Hertfordshire). Antigamente parte da antiga floresta real de caça de Enfield Chase. *The London Encyclopedia*, p.890.

30. Antes de 1881, Southgate formava parte da paróquia de Edmonton. Ocupa terreno elevado com vista para o vale de Lea a leste e o vale de Barnet a oeste. *The London Encyclopedia*, p.802.

31. Agora parte do bairro londrino de Haringey, o antigo bairro de Hornsey (criado em 1903) situa-se a três ou seis milhas a noroeste de Londres, na extremidade leste das *Northern Heights*. *The London Encyclopedia*, p.394.

32. No período anglo-saxónico tardio chamada *Gislandune* (colina de Gisla), e no *Domesday Book*, *Isendone* e *Iseldone*, quando as suas terras na floresta de Middlesex eram detidas pelos cónegos de São Paulo. Islington, ficando fora da City, era um refúgio durante surtos de peste e após o Grande Incêndio. Era também o local de recurso dos Dissidentes... Do reinado de Carlos II em diante, clérigos não-jurados estabeleceram-se em redor de Newington Green, fundando casas de reunião e escolas, tais como a academia de Charles Morton onde Daniel Defoe e Charles Wesley foram educados. *The London Encyclopedia*, p. 413.

33. Uma sentinela, guarda. OED. p.995.

34. Fonte desconhecida, exceto pelo facto de Defoe afirmar que ouviu esta história do Tenente do jovem.

35. Uma região do norte da Bélgica. *The Times Concise Atlas of World History*, p.163.

36. Lúcio Anneu Floro é geralmente considerado idêntico a Floro, o poeta amigo de Adriano, e a P. Ânio Floro, autor. A sua obra *Epitome* é um resumo da história romana e um livro escolar favorito no século XVII. *Oxford Classical Dictionary*, p.442.

37. Esta história não aparece no *Epitome* de Lúcio Floro, embora eu não saiba onde aparece.

38. Rubico/Rubicão: um riacho avermelhado que corre para o Adriático e marca a fronteira entre a Itália e a Gália Cisalpina. Em 49 a.C., Júlio César, após alguma hesitação, precipitou a guerra civil ao atravessá-lo. *Oxford Classical Dictionary*, p.938.

39. Fonte desconhecida.

40. Thomas Hay (1710-1787), oitavo Conde de Kinnoull. DNB. Vol.9, p. 275.

41. Sir George Hay (m.1758), sétimo Conde de Kinnoull. DNB, Vol.9, p. 260.

42. Dito desconhecido.

43. "*La coup*" é um golpe (p.80) e um "*baton*" é um pau ou bengala (p.30), portanto literalmente isto significa "o golpe do pau". *Bantam*.

44. Um cavaleiro dos romances medievais que errava em busca de aventuras e oportunidades para atos de bravura e cavalaria. OED, p.495.

45. Ou Warwickshire ou Wiltshire. *Topographical Dictionary of England*, V.4.

46. De origem anglo-saxónica, o nome aparece no inquérito do *Domesday* de 1086 como *Chenesit*, sendo uma interpretação a de quinta de Cynesige. A paróquia, cujos limites correspondiam bastante de perto aos do antigo bairro metropolitano, era largamente rural em carácter e era notada pelos seus jardins de mercado e viveiros na parte sul... O norte era principalmente arável e, juntamente com o resto de Middlesex, fornecia feno para o mercado de Londres. *The London Encyclopedia*, p.423.

47. Os atuais componentes da paróquia anglo-saxónica de Hampton, assim nomeada pelas palavras saxónicas que descrevem a posição do primeiro povoado — a quinta na curva do rio. Transformada num palácio real para Henrique VIII. Por essa altura, Hampton Court assemelhava-se a uma aldeia, a maior parte dentro das muralhas, mas com algumas casas, escritórios e oficinas no exterior. *The London Encyclopedia*, p. 358.

48. Um alojamento em Bishopsgate. *The London Encyclopedia*, p.306.

49. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que a sua fonte lhe assegura que nunca fora impresso.

50. Um Bispado na Alemanha de Leste. *The Times Concise Atlas of World History*, p.170.

51. Uma cidade na Alemanha de Leste. *The Times Concise Atlas of World History*, p.168.

52. Uma região do norte da Alemanha. *The Times Concise Atlas of World History*, p.178.

53. Qualquer edifício pequeno num jardim. OED, p.368.

54. Um habitante de um burgo, vila ou cidade corporativa. OED. p.667.

55. Fonte desconhecida.

56. O Grande Incêndio de Londres, 2-6 de setembro de 1666. *The Timetables of History*, p.305.

57. Houve três guerras que a Inglaterra travou contra os Holandeses: 1652-4, 1665-7, 1672-4. A luta foi pelo comércio e por quem controlaria as vias navegáveis das quais ambos os países dependiam. *Anglo-Dutch Wars of the Seventeenth Century*.

58. Dr. Jeremy Taylor D.D. (1613-1667), Bispo de Down e Connor, administrador de Dromore. DNB, Vol.19, p. 422-29. O DNB menciona o episódio de Taverner (referenciado a partir de *Saducimus Triumphatus* de Glanvill) na p.426.

59. O Massacre de Paris (1572) foi o resultado de três guerras religiosas entre os Católicos e Huguenotes. Os Católicos, liderados por Carlos IX e pelo Rei de Navarra (mais tarde Rei Henrique IV), contra o Almirante Coligny e os seus apoiantes. O início deste massacre foi o assassinato de Coligny na sua casa em Paris. *A Brief Account of the Several Plots, Conspiracies, and Hellish Attempts of the Bloodyminded Papists*, p.33-42.

60. Gaspar de Coligny, Almirante de França 1519-1572. *Gaspard de Coligny, Admiral of France*.

61. Não há menção aos três sonhos de aviso que Defoe afirma que Coligny teve sobre a sua própria morte.

62. Embora não exista correspondência exata, é provável que Defoe esteja a pensar em Charles de Quellenec, Marquês de Soubise e Barão de Pont. *Gaspard de Coligny, Admiral of France*.

63. Saumur é uma cidade no rio Loire, na região de Anjou. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.17.

64. Navarra é uma região no norte de Espanha. *The Times Concise Atlas of World History*, p.172.

65. Gabriel de Lorges, Huguenote e seguidor de Coligny que escapou à morte no Massacre de Paris. *Gaspard de Coligny, Admiral of France*.

66. Jean de Ferriers, Senhor de Maligny, Huguenote e seguidor de Coligny que escapou ao Massacre de Paris. *Gaspard de Coligny, Admiral of France*.

67. Não há menção a um Vidame de Caversac por este título. Ele poderia ser conhecido por outro título ou pelo seu nome próprio. Em qualquer caso, pareceria que ele, também, era um Huguenote e seguidor de Coligny que não foi assassinado durante o Massacre de Paris.

## CAP. XII

### DE AS APARIÇÕES DIZEREM-SE ACONTECER JUSTAMENTE NO MOMENTO EM QUE A PESSOA QUE ASSIM APARECE SE DIZ ESTAR A PARTIR;

### A FICÇÃO DISSO REFUTADA

HÁ um grande Clamor, como lhe poderia justamente chamar, levantado sobre Pessoas aparecerem justamente no momento da sua expiração; e tão exatamente no-lo contam, quanto ao tempo, como se, embora a mil Milhas de distância, a Alma estivesse em Aparição no mesmo Momento: não vejo fundamento para nenhum destes Relatos, muito menos para as Circunstâncias; e contudo a Aparição em si pode ser realmente verdadeira em Facto: tal Homem apareceu à sua Mulher, tal outro ao seu Filho, e coisas do género; e marcam o tempo, acrescentando, *e naquele exato Momento*, tão perto quanto se pôde calcular, ele morreu, talvez nas Índias Orientais, ou no Mar a uma vasta distância.

UMA CERTA Senhora do meu Conhecimento, saindo da sua Câmara para um Gabinete na Sala contígua, viu o seu Marido caminhando na Sala à sua frente: Ela desce imediatamente em grande surpresa, diz à Família que vira o seu Marido e que tinha a certeza de que era ele; embora ao mesmo tempo soubesse que o seu Marido (que era Comandante de um Navio) estava no Mar, numa Viagem para ou dos Cabos da Virgínia.

A FAMÍLIA toma o Alarme e diz-lhe que, com certeza, o seu Marido estava morto, e que ela deveria certificar-se de marcar o Dia do Mês e a Hora do Dia; e que era dez mil contra um que ela descobriria que ele morrera naquele exato Momento, ou tão perto quanto se pudesse descobrir.

CERCA de dois Meses depois, o seu Marido chega a casa muito bem; mas tivera um Acidente que lhe sobreveio na Viagem, a saber, que ao entrar ou sair do Bote, caíra ao Mar e estivera em perigo de se perder; e isto Calcularam eles ser tão próximo do tempo quanto podiam julgar que ele aparecera à Mulher. Ora, se isto era o seu Fantasma, ou a Aparição da sua Alma, no Artigo da Morte, parece que a sua Alma estava enganada e não sabia se fora dispensada ou não; o que é um pouco estranho, devo confessar: mas sobre isso falaremos adiante.

SIR JO— O— era uma Pessoa de Nota e de Crédito bem conhecido; a sua Senhora e um dos seus Filhos viviam aqui em Londres; e sendo de Disposição

alegre, e dada a viver faustosa e dispendiosamente, pensava-se que gastava além do que o Cavaleiro podia permitir-se, e que ele estava ciente disso e inquieto com tal: Ela tinha uma casa muito boa em Londres, e uma Casa de Campo ou Alojamentos para o Verão em —, e mantinha uma grande Equipagem; a Consequência das coisas provou, por fim, que o desagrado de Sir J— com isso era justamente fundado: mas isso é secundário.

ACONTECEU um Dia, estando a Senhora nos seus Aposentos de Verão, que uma pessoa bem vestida, parecendo em tudo um Cavalheiro, veio à sua Casa da Cidade e, batendo à Porta, perguntou à Criada se havia Alojamentos para alugar ali e se a sua Senhora estava em casa; a Criada respondeu que Não, não havia Alojamentos para Alugar ali e, falando como se fosse com algum Ressentimento: — Alojamentos? — diz ela —, não, creio que não! a minha Senhora não costuma Alugar alojamentos. — Bem, mas Doce Coração — diz ele —, não fiques descontente, a tua Senhora teve alguns pensamentos de ficar nos seus alojamentos de Verão durante todo o Inverno, e assim quereria dispor de alguns Aposentos aqui para a Época do Parlamento; e sou instruído por ela própria a ver os quartos e dar a minha Resposta; deixa-me apenas vê-los, Menina, não te farei mal: assim ele entrou e, como que passando por ela, foi para a primeira Sala e sentou-se numa Cadeira de braços, ficando o seu criado à Porta; e como a Criada não apreendeu qualquer Mal, foi atrás dele; pois ele não parecia alguém que vinha com mau Desígnio, ou para roubar a Casa; mas parecia um Cavalheiro que não poderia ter nada desse tipo em vista; portanto, digo, ela foi atrás dele.

QUANDO ela entrou, ele levantou-se e, olhando em redor da Sala, encontrou defeito em tudo, na mobília e na disposição da mesma, nada lhe agradava; não como se não fosse suficientemente bom para ele, mas que tudo era demasiado bom, e demasiado rico, e muito acima da Qualidade de quem o possuía; que a Senhora não sabia o que fazia, que era uma Despesa que não poderia manter e que a sua Fortuna não a suportaria; mas que tal modo de vida traria toda a Família à Ruína e à Mendicidade, e coisas do género.

LOGO depois ela levou-o para outra Sala, e ali ele fez exatamente o mesmo; disse-lhe que admirava o que a Senhora pretendia; que vivia numa Figura que a propriedade de Sir John nunca poderia manter, e que ela não faria senão arruiná-lo, e levá-lo a Dívidas, e assim ele seria desfeito pela Extravagância dela.

PERANTE isto a Criada começou a dar-lhe respostas curtas e disse-lhe que tudo isto estava fora do propósito daquilo a que ele viera; se os Alojamentos eram bons demais para ele, isso era assunto dele de facto, mas de resto nada tinha a ver com a sua Senhora e como ela gostava de mobilar a sua Casa: que o seu Amo era um Cavalheiro de grandes Posses e tinha grandes Plantações na

Jamaica; que constantemente provia a sua Senhora com Dinheiro suficiente para o seu Sustento e para todas as suas despesas; e ela admirava-se que ele se preocupasse com aquilo que ela tinha a certeza de não ser da conta dele: em suma, a rapariga deu-lhe respostas rudes e perguntou-lhe o que lhe importava, sendo ele um Estranho, como a sua Senhora vivia.

CONTUDO, ele vira-se para a Criada e, sentando-se novamente, entrou calmamente em algum Discurso com ela sobre a sua Senhora e o seu modo de Vida, e contou tantos dos Segredos da Família a ela, que ela começou a tratá-lo melhor e a perceber que ele sabia mais da Família do que ela pensara que soubesse, ou aliás do que ela própria sabia; por fim a moça começou a ficar inquieta e a questionar no seu Pensamento se não seria o seu próprio Amo, vindo *Incógnito*, e apenas que ainda não se tinha descoberto.

ELA tentou várias vezes saber quem ele era, a sua Qualidade, o seu País, o seu Nome e como poderia enviar-lhe notícias; mas ele esquivou-se, apenas lhe disse que iria a — onde a sua Senhora estava alojada e esperaria ele próprio pela Senhora; e assim tratando a Criada muito civilmente, e agradecendo-lhe por lhe ter mostrado a Casa, foi-se embora formalmente com o seu criado a segui-lo, de modo que não desapareceu de todo como uma Aparição.

CONTUDO a pobre moça estava muito inquieta, começou a pensar que não poderia ser uma Criatura comum, porque ele dera relatos tão estranhos e particulares de coisas feitas na Família; como onde várias coisas estavam depositadas que pertenciam à Família, com várias Circunstâncias pertencentes à sua Patroa, ao seu filhinho e ao seu Pai nas Índias Ocidentais; e, em suma, disse algumas coisas que, como ela disse, ninguém senão o Diabo poderia contar: o que, diga-se de passagem, era falar como as Pessoas ignorantes falam de tais coisas; a saber, que se algo é dito ou feito fora do Caminho ordinário, e mais do que é comum os Homens falarem ou fazerem, dizem imediatamente que deve ser o Diabo.

DEVE confessar-se que mostra uma Diferença entre a Época Presente e a Passada: em Tempos passados, se um Homem fizesse Coisas extraordinárias, era olhado como inspirado pelo Céu; ou se grandes Coisas milagrosas eram operadas, dizia-se imediatamente ser do Céu. — Vinde ver um Homem que me contou tudo quanto já fiz — diz a Mulher de Samaria, João iv. 29. e segue-se — não será este o Cristo? — ela não disse logo que isto devia ser o Diabo. — Nunca Homem algum falou como este Homem! — dizem os Mensageiros enviados para prender Jesus Cristo, e lá se foram sem ele, tomados de apreensões temerosas, João vii, não concluindo logo que era o Diabo. — Ninguém pode fazer estes Sinais que tu fazes, se Deus não for com ele — João iii. 2. ele não diz: ninguém

pode fazer tais Milagres como estes, mas deve ser o Diabo. Pelo contrário, a sua Conclusão é: — Sabemos por estes Milagres que és um Mestre vindo de Deus. — Mas agora, se algo de extraordinário é feito, ou dito de forma surpreendente, deve ser o Diabo; como se Deus tivesse cessado de agir e todos os Extraordinários fossem confiados ao Diabo.

ASSIM o *Pertuis Rostan*, que é uma passagem maravilhosa cortada através de uma Montanha perto de *Briançon*, nas Fronteiras do *Dauphiné*, chamada uma das cinco Maravilhas do *Dauphiné*, diz-se ser obra do Diabo; apenas porque as Pessoas não têm História que registe o Tempo ou Maneira da sua feitura, ou por quem; e porque pensam que está além do Poder da Mão dos Homens: e o mesmo de muitos Lugares e Coisas em Inglaterra. Mas isto é uma Digressão.

A POBRE moça de quem estou a falar ficou muito surpreendida com este Cavalheiro, e mais depois de ele se ter ido embora do que antes; pois ele não lhe deu tempo antes para refletir sobre os Particulares que lhe mencionou, mas seguindo uma coisa com outra, deu-lhe que fazer apenas para apreender os pontos principais das Coisas em bruto.

MAS quando ele se foi e ela se pôs a refletir e a juntar as peças, começou a considerar: Quem seria este? Como poderia ele saber tais e tais coisas? Como poderia ele dizer de quem era aquele Quadro? Onde a minha Patroa tinha tal Jogo de Cortinas, e tal Armário? Quem seria ele para me dizer há quanto tempo o meu Amo está na Jamaica, quanto é a sua fortuna lá e quanto Dinheiro enviou à minha Senhora em tanto e tanto tempo? Isto deve ser o Diabo nas Roupas do meu Amo, algo deve haver nisto, irei à minha Senhora e contar-lhe-ei tudo; e com isto a Criada arranja uma Mulher, que costumava ser de confiança em tais Casos, para tomar conta da Casa, e lá se vai ela para a sua Patroa, sem sequer se demorar a vestir-se.

NA VERDADE, creio que faz parte da História que o Cavalheiro desejara que ela informasse a sua Patroa do sucedido; que tal Pessoa estivera ali; e deu-lhe alguns Sinais particulares pelos quais disse que a sua Patroa entenderia quem ele era; e que ela deveria dizer-lhe o que ele dissera: que o rendimento dela não suportaria as Despesas em que vivia, mas que isso a levaria à Ruína, e ela seria desfeita; mas desta Parte não me recordo positivamente; mas de que ele disse à Criada que assim seria, disso sou particular.

CONTUDO, a pobre rapariga, quanto mais ruminava sobre a coisa, mais ficava assustada e transtornada com ela; e lá se foi, como disse, para dar à sua Senhora um Relato do sucedido: e estava tanto mais ansiosa por ir também porque entendera que ele pretendia esperar por ela pessoalmente para falar sobre os Alojamentos; e assim prepararia a sua Senhora para o receber, e para

considerar que tipo de Homem deveria ser, para que ela não se assustasse com ele: Mas ele fora mais rápido do que a Criada.

QUANDO ela chegou a — encontrou a sua Patroa atirada na Cama muito doente, e tão doente que ao princípio lhe disseram que não podia falar com ela. — Não me digam — diz Mary (que é a Criada de Londres) — eu devo falar com ela, e falarei com ela, pois tenho Assuntos extraordinários com ela. — Que assuntos extraordinários podes ter? — diz a Camareira da Senhora, troçando dela — se o teu assunto fosse do Diabo não poderias falar com a minha Senhora agora, pois ela está muito mal e deitada na Cama.

— DO DIABO! — diz Mary. — Não sei se não será, e creio que é de facto, e devo falar com a minha Senhora imediatamente. — ORA — diz a Mulher —, já houve aqui um mensageiro a mais do Diabo, creio; com certeza não vens tu também com esse recado, pois não?

— NÃO sei de quem é o recado que trago, mas estou assustada até ao juízo; deixem-me falar com a minha Senhora agora mesmo, ou morrerei antes de entregar a minha Mensagem. — MORRER! — diz a Mulher. — Quem me dera que a minha Senhora não morra antes de a poder ouvir; por favor Mary, se for algo para a assustar, não lho digas agora mesmo, pois ela já está quase assustada até à Morte.

— PORQUÊ — diz Mary —, a minha Senhora viu alguma coisa? — AI, ai; Viu! — diz a Mulher —, ela viu e ouviu também; esteve aqui um Homem que lhe trouxe umas Notícias terríveis, não sei o que é.

FALAVAM isto tão alto, ou estavam tão perto, que a Senhora ouviu algo disso e imediatamente tocou uma Campainha para a sua Camareira.

QUANDO a Camareira entrou: — Quem está lá em baixo — diz ela —, a falar com tanto empenho? Veio alguém de Londres? — SIM, Senhora — diz a sua Mulher —, está aqui Mary que vem falar com vossa Senhoria.

— MARY veio? — diz ela com Surpresa — o que se passa? o quê, ela viu alguma coisa também? misericórdia, o que se passa? o que diz ela? — Ela não diz muito, Senhora — diz a Mulher —, mas quer grandemente falar com vossa Senhoria, e está com muita Pressa.

— O QUÊ — diz a Senhora —, está assustada? — Creio que sim — diz a Mulher —, mas ela não quer contar nada senão a vossa Senhoria. — Ó, eu morrerei! — diz a Senhora — chama-a.

— PEÇO-LHE Senhora — diz a sua Mulher —, não a chame antes que vossa Senhoria se tenha recuperado um pouco dos seus Transtornos; ela contar-lhe-á

algum conto fantástico ou outro da sua própria Imaginação, que levantará os Vapores e lhe fará Mal. — Ó — diz a senhora —, deixa-me ouvi-lo, seja o que for; se for do Diabo, não pode ser pior do que é; chama-a, devo falar com ela.

EM CONFORMIDADE Mary subiu, e a Camareira recebeu ordens para se retirar.

ASSIM que a porta se fechou, a sua Senhora desatou a chorar novamente, pois já estivera a chorar veementemente antes. — Ó Mary — diz ela —, tive uma visita terrível esta tarde, esteve aqui o teu Amo. — O meu Amo! Ora, Senhora, isso é impossível. — NADA, foi o teu Amo com certeza, ou o Diabo na sua semelhança. —

NUMA palavra, é certo que foi o seu Marido em Aparição, ou uma Aparição do seu Marido, e ele falou-lhe muito calorosa e intimamente, e disse-lhe que a sua Fortuna não suportaria o seu modo de Vida dispendioso, e que ela se levaria à Miséria e à Pobreza; e muito mais no mesmo sentido, como dissera a Mary.

MARY perguntou imediatamente a sua Senhoria de que maneira ele aparecera; e pela Descrição que a sua Patroa deu, era exatamente a mesma Figura que viera ter com ela e desejara ver os Alojamentos; então Mary deu à sua Senhora um Relato particular do que lhe acontecera também, e da Mensagem que fora encarregada de entregar.

O QUE se seguiu a este Alarme, e como a Senhora foi reduzida e obrigada a vender a sua bela Mobília e Equipagem, e chegou a circunstâncias muito baixas, embora faça parte da História, não serve tanto ao meu Propósito no Relato. Mas o que é notável para o Caso em questão é que alegam que, precisamente nesta Conjuntura, Sir J— O—, o Marido da Senhora, morreu nas Índias Ocidentais: suponho que com a sua Morte os seus Suprimentos foram imediatamente interrompidos, e essa foi a Ocasião de ela ser reduzida tão subitamente.

ORA, a Aparição, e o seu aparecer na Forma ou Figura do Marido, o seu aviso sobre as circunstâncias que se aproximavam e o incitá-la a diminuir o seu modo de Vida dispendioso, e coisas do género, tudo isto está de acordo com a Opinião que já dei, de que aos bons Espíritos pode ser permitido assumir a forma humana, e a forma de qualquer Pessoa em particular, quer a Pessoa esteja morta ou viva; e podem aparecer-nos para nos acautelar nas nossas medidas erradas, para nos avisar contra Males impendentes e para nos dirigir em Dificuldades. E quão misericordioso é para a Humanidade que existam tais bons Monitores à mão, a qualquer momento, para o nosso bem!

MAS que isto deva ser precisamente no Artigo da Morte, precisamente quando a Pessoa estava a morrer e a Alma a partir; como se a Alma pudesse deter-se na

sua Passagem, entre a Vida e o Estado eterno, para passar por este ou aquele Lugar e entregar uma Mensagem: Por Exemplo; se ela devesse ser levada pelos Anjos para o Seio de Abraão, deveis supor que esses Anjos iriam com ela da Jamaica a Londres, para lhe dar licença de falar com a sua Mulher antes da sua Transição, antes que esses velozes Mensageiros cumprissem a sua Tarefa; aliás, que ele devesse parar na Casa de Londres, assumir uma Forma para esse Propósito, falar sobre as coisas mais frívolas com Mary, a Criada, e depois ir com outro recado formal para — ter com a sua Mulher, tudo isto na sua Jornada; e tendo despachado estes Assuntos mais pesados, seguir então para o Céu depois disso.

ISTO, digo eu, não tem para mim qualquer Consistência, nenhuma Coerência, não se sustenta de todo na minha Opinião, nem consigo encontrar-lhe qualquer sentido comum; não, nem que eu recorresse às velhas Ficções poéticas de Caronte e do seu Barco; mesmo o velho Barqueiro não se teria desviado do seu Caminho por tal Negócio.

O QUE poderia ser feito pela Agência daqueles Espíritos, designados pelo Grande Senhor de todo o Espírito para zelar pelo bem das suas Criaturas, contra isso não tenho a mínima Objeção; mas que a Alma do Falecido, ou Partido, possa vir ela própria com este recado, isso eu nego, e devo insistir que não há nisso nem Razão nem Religião, fundamenta-se inteiramente na Imaginação; e embora a Imaginação possa não criar, neste Caso, a Aparição, contudo é evidente que a Imaginação apenas a apropria à Pessoa, isto é, à Alma da Pessoa, que não tem realmente Parte na Operação.

SOBRE este Fundamento assenta igualmente a velha Noção Pagã, tirada do caso de Aquiles e do seu amigo Patroclo, de que a Alma do Falecido não pode estar em Descanso enquanto não vier avisar de tais e tais coisas; que Justiça seja feita a tais e tais pessoas prejudicadas; e que o Dinheiro, assim e assado apropriado, seja regularmente disposto, e o Testamento do Falecido pontualmente cumprido: Estas considero não serem imaginárias, mas fictícias, e feitas ou supridas pela Invenção do Relator, a fim de adornar a História.

E ISTO torna a História do Pai do Duque de Buckingham, de que já se fez menção, passível de tantas Exceções: Que o seu Pai não podia descansar, ou que a sua Alma não podia estar em descanso, por causa da vida perversa que o seu filho George levava na Corte; essa parte deve certamente ter sido acrescentada por algum dos muitos, muitos Relatores, ou que se chamaram Relatores dessa História; e Lord Clarendon, que parece ser o mais exato e criterioso ao juntar toda a História, não tem nada dessa Passagem no seu relato, como veremos em breve.

SOBRE que Fundamento Religioso podemos sugerir que os Pecados dos Filhos devam inquietar os Pais nas suas Sepulturas, ou que as Almas partidas possam receber qualquer Impressão do Comportamento daqueles que estão em Vida, subsequente a qualquer Ação em que essas Almas partidas tenham estado envolvidas?

QUE elas possam ser afetadas num Estado Futuro pela Maldade e Ofensas cometidas na sua vida passada, disso não duvidarei; embora nem sequer isso de tal maneira que as envie de volta aqui em qualquer recado sobre o assunto; pois tudo é irrecuperável; como não há Arrependimento, também não há Reparação, não há Obra nem Invenção na Sepultura, para onde todos vamos. A Alma pode estar num Estado de Introspeção e Remorso; mas não num Estado de Reação, sem recuperação para nós próprios, nem preocupação pelos outros; está tudo fora de questão, e todos os Avisos do outro lado da Cortina vêm de outras Mãos, em nome de quem quer que falem, ou cuja Forma quer que assumam.

SOU forçado, por mais relutante que esteja a falar da Escritura aos meus Leitores sobre esta parte delicada do Assunto; se eles lhe darão algum peso ou não, isso fica com eles. INSISTO que as Almas dos mortos não podem fazer Visitas aqui uma vez que tenham partido; que quando estão sem corpo, despojadas de Carne e Sangue, não têm mais preocupação connosco ou sobre nós; de modo a perturbar o seu Descanso ou o nosso; e isto é claro para mim, não só pela Natureza da coisa, pela Razão e Observação, mas pela Escritura.

*Ecl. ix. 5. Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco eles têm jamais recompensa, porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento.* Esta última parte refere-se ao facto de não terem qualquer Recompensa ou Preocupação nas coisas desta Vida, não mais Recompensa ou Benefício ou Parte das coisas aqui: Mas olhai para as palavras seguintes, ver. 6. *Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre em tudo o que se faz debaixo do sol.*

O QUE pode ser mais claro do que isto, se a Escritura tiver qualquer importância entre nós? Se não, nada posso dizer a esse respeito. Mas digo eu, o que pode ser mais claro, e o que pretendem aquelas Pessoas que nos dizem que um Fantasma ou Espírito apareceu e disse que não podia estar em Descanso enquanto não viesse fazer isto e aquilo, enquanto não descobrisse tais e tais coisas, e enquanto não as visse bem cumpridas?

SE o meu Voto neste Caso puder ter algum Valor, ou se eu puder oferecer algo a título de Direção para Cabeças mais fracas; que façam desta coisa um Carácter ou Marca para conhecer tais situações, ou para as julgar, a saber: Que quando encontrarem qualquer História contada de tal maneira, devem concluir que é uma

ficção, um engano; que é apenas uma História feita pela Invenção do Criador de Histórias, uma Delusão, e que nenhum Espírito ou Aparição vindo realmente com qualquer Mensagem do Mundo Invisível fala alguma vez dessa maneira; ou se o fazem é um Engano do Diabo para sustentar alguma Delusão, e para fazer alguma Mentira parecer plausível; pois não pode haver realidade nisso, como se afirmou acima: *Os mortos não sabem coisa nenhuma*, não sabem coisa nenhuma AQUI; *mas o seu Amor, e o seu Ódio, e a sua Inveja já pereceram.*

TEMOS outra História para oferecer neste caso, que tem sido mencionada como se fosse o Ato e Feito da Pessoa partida; e em cujo Nome se dizia ser feito, e que, como podemos dizer, foi personificado nela. Relatarei a História imparcialmente conforme a recebi, e deixarei que se tire dela toda a Vantagem que se possa, creio que não resultará em qualquer conclusão racional a favor desta Noção de que a Alma da Pessoa falecida esteja de alguma forma envolvida nela, ou em qualquer parte dela.

ESTA é a famosa História da Aparição de um certo James Haddock na Irlanda, que é publicada de muitas e diversas formas, e por vários Autores; e alguns deles sugerindo que era realmente a Alma partida de James Haddock, que não podia estar em Descanso, como alguns dos Escritores da História quereriam insinuar, porque o seu filhinho pela sua mulher Eleanor Welsh fora prejudicado num Arrendamento deixado por ele à Criança; mas retido dela pelo seu segundo Marido.

A HISTÓRIA resumida é esta. No Ano de 1662, uma Aparição encontra um certo Francis Taverner na Estrada; tendo o Homem coragem para lhe falar, pergunta-lhe o que é? e a Aparição diz-lhe que é James Haddock, e dá-lhe vários Sinais para se lembrar dele, os quais Taverner, chamando também à mente, reconhece; e então ousadamente exige da Aparição que assunto tinha com ele; a Aparição não disse o seu Assunto naquela Noite; mas queria que Taverner cavalgasse de volta pelo seu caminho com ele, e ele lhe diria o seu Assunto, o que Taverner recusou, como bem podia; e essa parte, na verdade, parece a única parte improvável da História.

CONTUDO, na Noite seguinte, a Aparição vem ter com ele novamente, e então conta-lhe o Assunto, que era desejar que ele fosse ter com a sua Mulher, cujo Nome de Solteira era Eleanor Welsh; mas estava então casada com um certo Davis, o qual Davis retinha o Arrendamento do Órfão, Filho de Haddock, e lhe dissesse que ela deveria fazer com que se fizesse Justiça à Criança. Taverner negligenciou o cumprimento deste recado, e foi tão continuamente seguido pela Aparição que isso lhe foi excessivamente terrível; e finalmente ela ameaçou despedaçá-lo se ele não fosse cumprir o seu Recado.

PERANTE isto, ele vai e entrega a Mensagem à Mulher, que ao que parece lhe deu pouca Atenção; e então a Aparição veio novamente, e disse-lhe que ele devia ir ter com o seu Testamenteiro e cumprir o mesmo recado; o que ele, ao que parece, teve medo de fazer, por temor de Davis; mas a Aparição ameaçou Davis se ele tentasse fazer a ele (Taverner) qualquer Dano.

N. B. Aqui devo notar que esta História fez tanto Barulho no País, e os Particulares pareceram ser tão fielmente relatados por Taverner, que abundância de Pessoas de Nota vieram ter com ele para ouvir o Relato da sua própria Boca; e entre os demais o Lorde Bispo de Down e Connor, que nomeio em Reverência, não só pela sua Dignidade, ou não tanto por ela, como em Reverência pela sua conhecida Piedade e Seriedade na Religião: Sendo o afamado Doutor Jeremy Taylor, Autor de um livro conhecido chamado *Regras para o Viver e Morrer Santo*.

ESTE Reverendo Padre mandou chamar o dito Francis Taverner para o examinar sobre esta estranha cena da Providência, como o Bispo lhe chamou; e examinou-o rigorosamente sobre o assunto, e o Relato diz que sua Senhoria ficou plenamente satisfeito de que a Aparição era verdadeira e real; isto é, que era verdade que realmente houvera tal Aparição.

ORA, tudo isto está dentro dos Limites do que estabeleci, a saber: Que realmente existem Aparições, e estas Aparições personificam tais e tais Corpos e Formas, cujos Nomes assumem e cujas Pessoas representam. MAS quanto ao resto, creio que todas as Noções que as Pessoas então alimentaram sobre o assunto, e mesmo o Bispo entre os demais, devem ser muito erróneas e equivocadas. Pois,

1. O BISPO aceitou a História como se esta Aparição fosse realmente a Alma do falecido James Haddock, como apareceu num segundo exame de Taverner por sua Senhoria; pois a Senhora Conway, e outras Pessoas de Qualidade, ouvindo que o Bispo mandara chamar Taverner para o examinar, foram todas para estar presentes no Exame: E tendo o Bispo ido para uma vila chamada Hillsbro', a três Milhas de distância, a Companhia foi toda para lá, e Taverner foi mandado chamar para junto deles, e ali foi examinado sobre todos os Particulares novamente, e respondeu de novo para Satisfação da Companhia.

MAS aqui (e por esta razão relato esta parte) sua Senhoria, após fazer muitas mais Perguntas, concluiu aconselhando Taverner a perguntar à Aparição, quando ela viesse novamente: *De onde és, és um espírito bom ou mau?* pelo que se supõe que sua Senhoria entendia: *Estás num Estado bom ou mau?*; pois a sua pergunta seguinte foi: *Onde é a tua Morada? que posto ocupas? como estás regimentado*

*no outro Mundo? e qual é a Razão de apareceres para o Socorro do teu Filho num Assunto tão pequeno, quando tantas Viúvas e Órfãos são oprimidos no Mundo, sendo defraudados de Assuntos maiores, e nenhum dos seus Parentes aparece dali para os endireitar?*

E NA própria Noite, Taverner encontrando a Aparição novamente, que, ao que parece, estava plenamente satisfeita com o que ele fizera ao entregar a Mensagem ao Testamenteiro; nesta Aparição Taverner fez-lhe as Perguntas acima, mas ela não lhe deu Resposta; e na verdade não se poderia esperar que a Curiosidade fosse respondida. POIS, como disse acima, é evidente pelas Perguntas que o Bispo, em todos estes exames, caiu no erro vulgar do Tempo sobre tais Aparições, a saber, que era a Alma de James Haddock; e bem podia ele perguntar como vinha ela Aparecer, quando outros em Casos de maior Momento não o faziam.

MAS ele deveria ter perguntado: *Como é possível que tu, que estás morto, estejas ciente destas circunstâncias, quando a Palavra de Deus diz expressamente que os Mortos não sabem coisa nenhuma, e que todo o seu Amor e Ódio pereceram?* Tivesse ele perguntado isso, talvez ela lhe tivesse dito que não era a Alma de James Haddock, mas um bom Espírito enviado do mundo invisível por direção especial do Céu, para endireitar um pobre Órfão arruinado e oprimido, abandonado à Injúria pela sua própria Mãe desnatural. Mas falar da Alma de James Haddock, e que posto ocupava no outro Mundo, a Aparição bem podia ir-se embora e não dar resposta a isso.

NEM em qualquer parte deste Discurso a Aparição fingiu que não estava em Descanso, ou que não podia estar em Descanso enquanto não se fizesse Justiça à Criança, ou enquanto a Mensagem não fosse entregue: a Aparição foi demasiado justa consigo própria para dizer tal coisa: e por outro lado, é para mim uma das provas mais convincentes de que foi realmente uma Aparição ou Manifestação de um Espírito.

ORA, como noutros Casos, que Espírito era esse pode valer a pena notar; aqui não há o mínimo espaço para sugerir que fosse o Diabo, ou um espírito mau; e portanto o Bispo errou nisso também, ao perguntar se era um espírito bom ou mau; pois como poderia a sua Sabedoria julgar, sendo ele próprio um Homem bom, que um espírito mau viria num bom recado, para endireitar um Órfão prejudicado, uma Criança Órfã oprimida? o Diabo, ou qualquer espírito mau, dificilmente poderia supor-se que se movesse em tais Assuntos.

DEVE observar-se aqui, e deveria ter sido acrescentado à História, que os ditos Davis e sua Mulher, embora ao que parece muito contra a vontade dele, entregaram o Arrendamento à Criança, o Filho daquele James Haddock; com esta

circunstância lúgubre a acompanhá-la, a saber: Que cerca de cinco Anos depois, e quando o Bispo já estava morto, um certo Costle, que era o Administrador da Criança, ameaçou tirar o Arrendamento novamente, insultou Taverner e fez terríveis Imprecações sobre si mesmo se soubesse do Arrendamento, e ameaçou ir para a Justiça contra o Órfão. Mas uma Noite, estando bêbado na vila de Hill-Hall, perto de Lisburn, na Irlanda, onde toda esta Cena se passara, indo para casa caiu do Cavalo e nunca mais falou, e assim a Criança desfrutou da Propriedade em paz para sempre.

NUMA Palavra, o pequeno Órfão prejudicado parecia ser o Cuidado do Céu de uma maneira particular; e o bom Anjo que apareceu em seu favor executou sem dúvida a Justiça de Deus sobre o ímpio e bêbado Opressor, o Administrador; e como ele imprecara Vingança sobre si mesmo, assim o mesmo Espírito pode ter sido Comissionado para a ver cair sobre ele.

E AQUI ocorre mais naturalmente observar que não se pode supor que as almas partidas de Homens e Mulheres mortos e sepultados tenham qualquer Comissão para executar vingança particular sobre alguém neste Mundo; a Suposição disto traria uma mistura confusa de Noções sobre nós, tais como seriam inconsistentes não só com a Religião, mas mesmo com o sentido comum; e que não precisam de tomar qualquer do nosso Esforço para as confutar.

NADA encheu mais as cabeças ociosas das velhas dos últimos Tempos do que as Histórias de Fantasmas e Aparições vindo às Pessoas para lhes dizer onde havia dinheiro escondido, e como encontrá-lo; e é maravilhoso para mim que tais Contos causem tais Impressões, e que às vezes entre pessoas sábias e criteriosas também, como descobrimos que têm feito. Quantas casas velhas foram quase deitadas abaixo, e Covas inutilmente cavadas na Terra, por sugestão ridícula de pretensa Aparição? sobre o que falarei mais no seu Lugar.

TENHO até agora estudado evitar dar-vos quaisquer Relatos, por mais extraordinários que sejam, que já tenham sido tornados públicos; mas este, que se refere ao Assassinato do grande Duque de Buckingham (quer famoso quer infame, não sei como o determinar), no tempo do falecido Rei Carlos I, não o posso omitir, porque a forma variada de ser relatado toca tão eminentemente o Caso em questão.

QUE o Duque de Buckingham foi esfaqueado por um certo Tenente Felton em Portsmouth, quando ia numa Expedição para Socorro de La Rochelle, a História está tão cheia disso, e todos os que sabem algo dos nossos Anais ingleses estão tão bem familiarizados com a História do facto, que não preciso de dizer nada para introduzir essa Parte: O Sr. Aubrey encarrega-se de relatar a História de uma Aparição nesta Ocasião da seguinte maneira:

"A UM certo Sr. Towes, que fora colega de escola de Sir George Villers, o Pai do primeiro Duque de Buckingham, e era seu Amigo e Vizinho, enquanto jazia na sua Cama acordado (e era Dia), entrou na sua Câmara o Fantasma do seu querido Amigo Sir George Villers. Disse-lhe o Sr. Towes: 'Ora, o Senhor está morto! o que faz aqui?' Disse o Cavaleiro: 'Estou morto, Mas não posso descansar em Paz pela Maldade e Abominação do meu Filho George na Corte. Apareço-vos para lhe dizer isso, e para o aconselhar e dissuadir dos seus maus caminhos.' Disse o Sr. Towes: 'O Duque não acreditará em mim, mas dirá que estou louco ou a caducar.'"

Disse Sir George:

"Ide ter com ele da minha parte e dizei-lhe, por tal Sinal (um *Sinal* [sinal de nascença]) que ele tinha em certo Lugar secreto, que ninguém senão ele próprio conhecia." Em conformidade, o Sr. Towes foi ter com o Duque, que se riu da sua Mensagem. No seu regresso a casa, o Fantasma apareceu novamente e disse que o Duque seria esfaqueado (ele desembainhou um Punhal) um quarto de Ano depois; o que consequentemente aconteceu.

ESTA Parte da História, na verdade, está calculada como uma verdadeira Notícia de Canto de Chaminé; que Sir George, que estava morto, dissesse que não podia descansar em Paz pela Maldade e Abominação do seu Filho George na Corte. PREPOSTERO! Em que Estado estaria o velho Sir George? Se num Estado de Miséria, o que quer ele dizer com descansar em Paz? Se num Estado de Bem-aventurança, o que poderia o seu Filho fazer para impedir o seu Descanso? E se dermos qualquer peso ao que a Escritura diz nesse Caso, ele nada sabia dele, fossem quais fossem o seu próprio Estado ou a Abominação do seu Filho (como ele lhe chama). Vide Job xiv. 19, 20, 21. *As águas gastam as Pedras: tu levas as coisas que crescem do pó da terra, e tu destróis a esperança do homem. Tu prevaleces para sempre contra ele, e ele passa: tu mudas o seu semblante, e o despedes. Os seus filhos chegam à honra, e ele não o sabe; e são abatidos, mas ele não o percebe deles.*

É claro aqui que a Esperança (isto é, o Conhecimento e a Sabedoria) do Homem quanto a este Mundo é destruída e levada na Morte; os seus Filhos podem subir ou cair, ser grandes ou pequenos, altos ou baixos, bons ou maus, é tudo um para ele, ele nada sabe disso. Como poderia então Sir George Villers dizer, vários Anos depois de estar morto também, que não podia Descansar em Paz? O quê! estivera ele em Descanso e em Paz e fora inquietado novamente pela Maldade do seu Filho George? Isso não faz sentido algum. O velho Cavaleiro morrera vários Anos antes de o seu Filho George subir na Corte; quando subiu, não foi imediatamente tão abominavelmente perverso como foi depois: Onde

estava então a Alma de Sir George, o Pai, durante todo esse tempo? O seu descanso não poderia ser perturbado até que as Circunstâncias que o perturbavam acontecessem.

MAS Lorde Clarendon conta a mesma História com muito mais Probabilidade de Verdade; pois primeiro deixa de fora o Absurdo, do qual, na verdade, sua Senhoria era um Homem demasiado sábio para impor ao Mundo com a Sanção da sua Autoridade, nem havia nele Senso suficiente para lhe dar Crédito.

EM segundo Lugar, não faz da Pessoa a quem Sir George Villers apareceu um Igual e um Amigo Íntimo, mas alguém que vivera na mesma Vila onde Sir George vivera, e não o via há muitos Anos, mas o reconheceu pelas Roupas que o vira usar; ao passo que a História acima faz deles amigos queridos, o que, se assim tivesse sido, não era provável que ele se recusasse a ouvir a Mensagem, e contudo ele hesita muito nisso.

MAS há mais Circunstâncias discordantes na História. Tomemos o Relato de Lorde Clarendon, feito com um aparente Respeito pela Verdade, e que é como se segue:

O Relato da Aparição de Sir George Villers, relativo ao Assassinato do Duque de Buckingham, seu Filho, conforme retirado da História de Lorde Clarendon, Vol. 1. Fólios 34, 35, como se segue:

"HAVIA muitas Histórias espalhadas por aquele tempo de várias Profecias e Predições da Morte prematura e violenta do Duque; entre as restantes, havia uma que assentava num melhor Fundamento de Crédito do que usualmente tais Discursos se fundam.

HAVIA um Oficial do Guarda-Roupa do Rei no Castelo de Windsor, de boa Reputação pela sua Honestidade e Discrição, e então com cerca de cinquenta Anos de Idade ou mais.

ESTE Homem fora, na sua Juventude, criado numa Escola na Paróquia onde Sir George Villers, o Pai do Duque, vivia, e fora muito acarinhado e favorecido naquela Época da sua idade pelo dito Sir George, a quem depois nunca mais viu.

CERCA de seis Meses antes do miserável Fim do Duque de Buckingham, por volta da Meia-noite, estando este Homem na sua Cama em Windsor, onde era o seu Ofício, e em muito boa Saúde, apareceu-lhe ao lado da sua Cama um Homem de Aspeto muito venerável, que abriu as Cortinas da sua Cama e, fixando os Olhos nele, perguntou-lhe se o conhecia.

O pobre Homem, meio morto de Medo e Apreensão, sendo interrogado pela segunda vez se se lembrava dele, e tendo nesse tempo chamado à Memória a

Presença de Sir George Villers e as próprias Roupas que costumava usar, com as quais naquela altura parecia estar trajado, respondeu-lhe que pensava ser ele essa Pessoa; ele replicou que estava certo, que era o próprio, e que esperava um Serviço dele, o qual era: que fosse da sua parte ao seu Filho, o Duque de Buckingham, e lhe dissesse que, se não fizesse algo para se tornar grato ao Povo, ou pelo menos para diminuir a extrema Malícia que tinham contra ele, ser-lhe-ia permitido viver apenas pouco tempo.

APÓS este Discurso, ele desapareceu, e o pobre Homem (se é que estivera de todo acordado) dormiu muito bem até de Manhã, quando acreditou ser tudo aquilo um Sonho e não o considerou de outra forma.

NA Noite seguinte, ou pouco depois, a mesma Pessoa apareceu-lhe novamente, no mesmo Lugar e por volta da mesma hora da Noite, com um Aspeto um pouco mais severo do que antes, e perguntou-lhe se fizera o que lhe fora pedido; e percebendo que não fizera, deu-lhe repreensões muito severas, disse-lhe que esperava mais Obediência dele e que, se não cumprisse as suas Ordens, não desfrutaria de Paz de Espírito, mas seria sempre perseguido por ele: perante o que, ele prometeu-lhe obedecer. Mas na Manhã seguinte, acordando de um bom Sono, embora estivesse excessivamente perplexo com a representação viva de todos os Particulares na sua Memória, quis ainda persuadir-se de que apenas sonhara, e considerou que era uma Pessoa a tal distância do Duque, que não sabia como encontrar qualquer Admissão à sua Presença, muito menos tinha qualquer Esperança de que acreditassem no que diria; assim, com grande Problema e Inquietude, passou algum tempo a pensar no que deveria fazer; e no fim resolveu não fazer nada no assunto.

A mesma Pessoa apareceu-lhe pela terceira Vez com um Semblante terrível, e reprovando-o amargamente por não cumprir o que prometera fazer. O pobre Homem tivera, por esta altura, recuperado a Coragem para lhe dizer que, em Verdade, adiara a Execução das suas Ordens ao considerar quão difícil seria para ele conseguir qualquer Acesso ao Duque, não tendo Conhecimento com nenhuma Pessoa que o rodeasse; e se conseguisse Admissão junto dele, nunca seria capaz de o persuadir de que fora enviado de tal maneira; que seria pelo menos julgado Louco, ou que fora incitado e empregado pela sua própria Malícia ou pela de outros Homens para abusar do Duque; e assim teria a certeza de ficar arruinado.

A Pessoa replicou, como fizera antes, que ele nunca encontraria Descanso enquanto não cumprisse o que pedia, e portanto era melhor despachá-lo; que o Acesso ao seu Filho era conhecido por ser muito fácil, e que poucos homens esperavam muito por ele; e para lhe granjear Crédito, dir-lhe-ia dois ou três Particulares, os quais o encarregava de nunca os mencionar a nenhuma Pessoa

viva senão ao próprio Duque; e ele mal os ouvisse acreditaria em todo o resto que dissesse; e assim, repetindo as suas Ameaças, deixou-o.

DE MANHÃ o pobre Homem, mais confirmado pela última Aparição, fez a sua Viagem para Londres, onde a Corte estava então; ele era muito bem conhecido por Sir Ralph Freeman, um dos Mestres de Petições, que casara com uma Senhora que era parente próxima do Duque, e era ele próprio recebido por ele: a este Homem ele foi e, embora não o informasse de todos os Particulares, disse o suficiente para o deixar saber que havia algo de extraordinário nisso; e o Conhecimento que ele tinha da Sobriedade e Discrição do Homem fez mais Impressão nele: Ele desejou que por seu intermédio pudesse ser levado ao Duque em tal Lugar e tal Maneira como fosse julgado adequado, afirmando que tinha muito a dizer-lhe, e de tal Natureza que exigiria muita Privacidade, e algum Tempo e Paciência na audição.

SIR Ralph prometeu que falaria primeiro com o Duque sobre ele, e que depois ele entenderia a sua Vontade; e consequentemente, na primeira Oportunidade, informou-o da Reputação e Honestidade do Homem, e depois o que ele desejava, e de tudo o que sabia do assunto.

O DUQUE, de acordo com a sua habitual Abertura e Condescendência, disse-lhe que na Manhã seguinte cedo iria caçar com o Rei; que os seus Cavalos o esperariam na Ponte de Lambeth, onde ele desembarcaria pelas cinco Horas da Manhã; e se o Homem o esperasse ali àquela Hora, caminharia e falaria com ele o tempo necessário.

SIR Ralph levou o Homem consigo na Manhã seguinte e apresentou-o ao Duque ao seu Desembarque, que o recebeu cortesmente e caminhou à parte em Conferência por quase uma Hora; não estando àquela Hora naquele Lugar ninguém senão os seus próprios Criados; e estes e Sir Ralph a tal Distância que não podiam ouvir uma Palavra, embora o Duque por vezes falasse alto e com grande Comoção, o que Sir Ralph mais facilmente observou e percebeu, porque mantinha os Olhos sempre fixos no Duque, tendo obtido a Conferência sobre algo que sabia haver de extraordinário."

— O Homem disse-lhe, no seu Regresso pelo Rio, que quando mencionou aqueles Particulares que deveriam granjear-lhe Crédito (cuja Substância ele disse não se atrever a comunicar-lhe), a Cor do Duque mudou, e ele jurou que aquele Conhecimento só poderia vir-lhe pelo Diabo, pois tais Particulares só eram conhecidos por si próprio e por mais uma Pessoa, que ele tinha a certeza de que nunca falaria disso.

O DUQUE prosseguiu com o seu Propósito de Caçar, mas foi observado a cavalgar toda a Manhã com grande Melancolia e em pensamentos profundos,

sem qualquer Deleite no Exercício em que estava; antes de a Manhã terminar, deixou o Campo e apeou-se nos Aposentos da sua Mãe em *Whitehall*, com quem esteve fechado pelo Espaço de duas ou três Horas; o Ruído do seu Discurso alcançando frequentemente os Ouvidos daqueles que esperavam nas Salas contíguas. E quando o Duque a deixou, o seu Semblante parecia cheio de Perturbação, com uma Mistura de Ira; um Semblante que nunca antes fora observado nele em qualquer Conversa com ela, para com quem nutria uma profunda Reverência; e a própria Condessa (pois embora estivesse casada com um Cavalheiro privado, Sir Thomas Compton, fora criada Condessa de Buckingham pouco depois de o seu Filho ter assumido pela primeira vez esse Título) foi, à saída do Duque, encontrada inundada em Lágrimas e na maior Agonia imaginável.

FOSSE o que fosse de tudo isto, é Verdade notória que quando a Notícia do Assassinato do Duque (que aconteceu poucos Meses depois) foi levada à sua Mãe, ela não pareceu minimamente surpreendida, mas recebeu-a como se a tivesse previsto; nem depois expressou tal grau de Mágoa como seria de esperar de tal Mãe pela Perda de tal Filho.

ALÉM das acima mencionadas Circunstâncias colidentes no diferente Relato desta História, há uma ou duas que são muito materiais, como aparecerá pelas seguintes Observações.

1. AUBREY diz que o Sr. Towes, como lhe chama, foi ter com o Duque e contou-lhe o Sinal; não obstante o qual, o Duque riu-se da sua Mensagem: ao passo que Lorde Clarendon diz precisamente o contrário, que o Duque lhe deu uma aberta, embora muito particular, Audiência; mantendo-se toda a sua comitiva à distância, e que ele o reteve naquele empenhado Discurso por uma Hora.

2. AUBREY diz que o Sinal que Sir George deu para forçar ou prender a Atenção do Filho foi que ele (o Duque) tinha um Sinal [de nascença] em tal Parte privada do seu Corpo; mas Lorde diz que o Sinal dado era de tal Natureza que o Duque jurou que ninguém senão o Diabo e uma Pessoa no Mundo poderiam saber, e que tinha a certeza de que essa Pessoa não falaria disso; e que o Duque ficou extremamente perturbado quando o ouviu.

N. B. A FAMA, embora com certa Reserva, diz que o Sinal secreto era uma violação incestuosa de Modéstia entre o Duque e uma certa Senhora demasiado aparentada com ele, o que surpreendeu o Duque ouvir; e que, como ele pensava ter boas Razões para estar seguro de que a Senhora não o contaria por si mesma, assim pensou que ninguém senão o Diabo o contaria além dela; e isto espantou-o,

de modo que esteve muito longe de receber o Homem levianamente, ou de se rir da sua Mensagem.

O QUE seria então esta Aparição, e de quem, ou de onde, resta decidir. Que a coisa foi real, está demasiado bem atestado; vem carregada de tantas Circunstâncias concordantes, e contada aos ouvidos de tantas Testemunhas de boa Fama e Crédito, que não há Espaço para questionar o Facto; e quanto às várias Maneiras de a relatar, a Verdade do todo não é de todo diminuída por isso: apenas, como é natural a coisas desta Natureza que passaram por tantas Mãos, cada um expressando-se à sua maneira, embora pretendendo a mesma coisa; eles variam muitas vezes no fim na própria Substância, apenas por variarem ao princípio nas Circunstâncias.

A VERDADE da Matéria é, finalmente, que a Aparição previu a sua Ruína, e esta logo se seguiu. Ora, que esta Aparição não poderia ser o Diabo, é evidente pelas razões estabelecidas antes em Casos semelhantes. Como podemos supor que o Diabo ficaria ofendido com a vida perversa e as práticas abomináveis do Duque de Buckingham na Corte? A sua Libidinagem incestuosa, e quaisquer outras práticas escandalosas em que ele se permitisse, o Diabo poderia, talvez, encorajá-lo e incitá-lo a elas, mas nunca lhe enviaria um Mensageiro para o avisar contra elas, e para o alarmar com Apreensões de Perigo a aguardá-lo se não se reformasse. Isto não é de todo assunto do Diabo, é-lhe inteiramente estranho; seria a coisa mais fraca do Mundo sugeri-lo a seu respeito.

NOVAMENTE, se fosse algo vindo imediatamente do Céu, teria sido eficaz para o despertar e reformar: Mas como poderia ser um mensageiro bondoso de outra parte do mundo invisível, onde o seu Destino iminente era conhecido, e que tendo-lhe dado este Aviso, deixou a sua Reforma no seu próprio Poder, e colocou a Necessidade dela perante os Olhos da Razão, bem como da sua Consciência, e que depois disto a sua Queda foi por culpa própria; isto torna tudo racional e fácil de entender, e é condizente com o Costume ordinário da Providência em Casos semelhantes, dos quais muitos Exemplos poderiam ser dados no Mundo.

NEM é estranho que a Aparição personificasse o velho falecido Pai do Duque, e assumisse a sua Forma, para acrescentar como que uma Solenidade à Mensagem, e dar-lhe uma maior Influência sobre a Mente do Duque; e o mesmo Mensageiro poderia ter assumido qualquer outra Forma ou Pessoa se assim o entendesse, estivesse viva ou morta.

MAS se a Forma assumida era a mais provável para dar Peso ao Recado a que devia ser enviado, não devemos admirar-nos de todo que um Espírito empregado, ou empregando-se num Recado de tal Importância, devesse ser capaz de escolher tais Aparições, ou tais Formas e Pessoas para aparecer na Figura de, conforme

fossem as mais aptas para reforçar a Mensagem. A boa escolha da Pessoa é para mim um Testemunho a favor, e não contra a Bondade, o Julgamento e Capacidade do Espírito personificador, e confirmaria para nós, com justo raciocínio, a validade da Mensagem, e também do Mensageiro.

E CONTUDO é muito razoável acreditar que Sir George Villers, assim parecendo aparecer, e cuja Superfície ou Exterior é envergado como um Hábito de Máscara nesta Ocasião, nada sabia disso, e não tinha qualquer tipo de envolvimento no assunto. Nada me é mais maravilhoso em qualquer parte da História do que o facto de Homens de Senso e Saber, como alguns o foram, poderem ser convencidos, ou antes poderem convencer-se a si mesmos, de publicar ao Mundo coisas tão incongruentes e irracionais como estas; que um Homem morto, talvez vinte Anos antes, creio que é pelo menos esse o tempo; devesse aparecer, e dizer que não podia descansar em Paz por tais e tais coisas.

Mas noutra das Histórias do mesmo Autor, uma Aparição é trazida aparecendo à Irmã do Dr. Tuberville, sendo uma Senhora que morrera e deixara alguns Filhos ao seu Marido, cujos Filhos eram prejudicados por uma segunda Mulher, contrariamente ao estabelecido no casamento da primeira Mulher; e este acordo do primeiro casamento estava, ao que parece, escondido atrás do *Lambril*, em tal e tal Lugar, que ninguém conhecia senão a Mãe das Crianças, isto é, a primeira Mulher. Esta Senhora apareceu para descobrir onde jazia este Escrito, e diz à Pessoa a quem o descobriu que, até ter feito esta Descoberta, andara errante no Ar, mas que agora ia para Deus.

ESTRANHO! que o Sr. Glanvill, Aubrey e outros pudessem publicar uma História como esta, sem algumas justas Inquirições para a reconciliar com o sentido comum, bem como com a Religião; como particularmente há quanto tempo esta Senhora morrera; pois parece terem passado alguns Anos, estando o Marido casado novamente, e os Filhos em perigo de serem prejudicados pelos Filhos da segunda união. Ora, andou a Alma daquela primeira Senhora errante todo esse tempo no Ar, para ver se haveria qualquer ocasião para ela reivindicar o Direito dos seus Filhos, ou não? deteve-se de ir para Deus todo esse tempo, apenas para descobrir uma Escritura escondida, para que os seus Filhos não fossem prejudicados? como poderemos tornar tal coisa racional? que Noções de Religião ou de um estado futuro a sustentarão?

POR QUE não descobriu ela imediatamente onde jazia a Escritura, ou o Acordo de Casamento, e o colocou nas Mãos de algumas Pessoas honestas, em Confiança para os seus Filhos? e então não teria precisado de andar errante no Ar até que isso fosse feito.

DEVEM ter Pensamentos de muito baixo preço sobre o Céu, e sobre o ir para Deus, após a partida ou separação da Alma do Corpo em Vida, aqueles que pensam que a Passagem pode ser interrompida por qualquer dos Assuntos desta Vida deixados inacabados. Se mesmo o nosso Arrependimento inacabado, a nossa Paz com Deus inacabada, nunca podem ser recuperados; se o Tempo não pode ser recuperado; mas que conforme a Árvore cai, assim jazerá: Deveremos pretender que a Alma seja detida e interrompida na sua Passagem, para recuperar as Injustiças e Violências feitas aos Órfãos, ou às Viúvas da Família? deverá a Alma ser trazida de volta para encontrar velhos Pergaminhos escondidos, ou como se pretende noutras histórias semelhantes, para escavar velho Dinheiro há muito enterrado, e coisas do género?

NÃO, não; essas coisas devem ser feitas a tempo: tal como o Arrependimento, não devem ser deixadas para esse Risco; pois podemos estar certos de que não há Obra, nem Projeto, nem Invenção na Sepultura, para onde todos vamos.

QUE existam Agentes invisíveis que, no seguimento do Governo da Providência no Mundo, possam ser feitos Instrumentos para agir em Casos como estes; para descobrir Escritos que, estando ocultos, podem arruinar Famílias, roubar e saquear Órfãos, e angustiar os legítimos Herdeiros de Propriedades, e em muitos casos semelhantes, isto não precisa de ser negado, e de facto não deve ser disputado; e é um glorioso Testemunho da Justiça da Providência que, em tais Casos, ele não abandone as Viúvas e os Órfãos que, por falta de Escrituras perdidas ou ocultas, estão por vezes em Perigo de serem desfeitos pela Violência e Rapina.

Mas tudo isto é mais fácil de ser entendido como sendo feito sem Interrupção do Curso ordinário das Coisas, sem obstruir a Passagem da Alma para o seu determinado Estado de Felicidade ou Miséria; o que deve ser a coisa mais fraca, e na verdade a mais ímpia do Mundo, pensar que pode ser desviado por estas Bagatelas; e cuja progressão direta está claramente estabelecida na Escritura nestas Palavras: *Está ordenado que os homens morram uma só vez, vindo, depois disso, o juízo*; ou imediatamente após a Morte o juízo, pelo menos de modo a que nada o impeça ou intervenha; Heb. ix. 27. Está ordenado, e certamente estas coisas nunca podem romper com esse solene Ajuste.

ALÉM DISSO, é um evidente agravo ao Poder e à Justiça, bem como à Sabedoria da Providência, na sua Disposição das coisas, como se ele não pudesse encontrar Maneiras de fazer justiça aos Órfãos injustiçados, ou de detetar a Injustiça e Opressão de Homens violentos e irracionais, sem que a Alma da Mãe falecida tenha de ser mantida fora do Céu para o fazer ela própria. Horrível Absurdo! e inconsistente com todas as Noções que a verdadeira Religião nos

inspirou, relativas a um Estado Futuro e ao Abismo que está fixado entre este e aquele.

A ALMA não pode ser mais mantida fora de, ou retardada na sua Entrada no Céu, se a sua Porção for designada para a Felicidade, por qualquer Preocupação com os Assuntos deste Mundo, do que pode ser inquietada após ter entrado nesses Reinos de Paz, e perturbada ou trazida de volta de lá por qualquer motivo que seja. Os próprios pensamentos disso são tão medíocres, tão desvalorizados e baixos, que é indigno da nossa Razão, mas especialmente das nossas capacidades de raciocínio Cristão, alimentá-los.

CONSIDERO este Absurdo, na verdade, como sendo grande parte da Causa desse Ridículo que a Parte mais sábia da Humanidade lançou sobre a maioria das Histórias que se contam entre nós sobre Bruxaria e Aparições; pois que são contadas com tais Inconsistências evidentes que não podem ser aceites por Pessoas racionais: Quem pode acreditar no que não pode ser verdade? quem pode levar a sério uma peça de Absurdo ridículo?

Que uma Alma dispensada da Vida, e indo diretamente para o Céu, seja chamada de volta pelo Grito dos Filhos atrás dela, com um *espera! fica Mãe! volta, e vem dizer-nos onde estão os Escritos do teu Dote, ou seremos desfeitos?* e a pobre Mãe, Falecida, Desencarnada, deva voltar, dispensar os Anjos que a levavam para o Seio de Abraão, e dizer-lhes que venham por ela noutra altura; e aqui deva pairar não sabemos quantos Anos, para fazer Justiça a estes Filhos. Certamente o mesmo Poder que poderia assim interromper a sua Passagem para o Céu, poderia ter evitado a sua separação do Corpo, e ela poderia com a mesma facilidade, e menos injustiça para si própria, ter sido mantida fora da Sepultura, como mantida fora do Céu.

MAS estou enjoado da própria Repetição; a Delusão é tão grosseira, digo que não é de admirar que fiquemos chocados por ela na nossa crença na coisa chamada Aparição em geral. A Parte ridícula desacredita a Parte real, e sendo tão nauseante para a nossa Razão ouvir a primeira Parte, perdemos a nossa Paciência e não queremos ouvir nada sobre o assunto.

É VERDADE que não deveríamos agir assim; a Realidade da Coisa, abstraída destas noções perturbadas e entusiastas, não é diminuída: é nossa obrigação então rejeitar a parte tola, que de facto quase sufocou e enterrou o resto no seu Pó e Entulho, e julguemos retamente as coisas como elas são. Não faltam Exemplos onde (permitindo a Providência) a Aparição fez Descobertas de Ações e Desígnios vilões e desonestos; detetou Violência e Assassinato, fez Justiça a Viúvas injustiçadas e oprimidas, e a Filhos Órfãos; e isto sem uma Adição tão monstruosa e inconsistente como a de trazer de volta a Alma da sua Entrada no

Céu, ou perturbar o seu Descanso e Paz num estado futuro: coisas demasiado grosseiras para serem sequer nomeadas entre Cristãos, cuja Fé nas coisas Futuras está demasiado bem estabelecida para ser capaz de receber quaisquer Impressões de tais Delusões.

TENHO um Exemplo em História muito particular para este Caso; e de cuja Verdade o meu Autor me assegura, embora nunca tenha sido publicado em Impressão. A História é contada sobre o Falecido Reverendo Dr. Scot, um Homem cuja erudição e Piedade eram eminentes, e cujo Julgamento era conhecido por ser tão bom que não seria facilmente enganado.

O DOUTOR, conforme me relatam a História, estava sentado sozinho ao Lume, ou no seu Gabinete ou na sua Sala, em *Broadstreet* onde vivia, e lendo um Livro, estando a sua Porta bem fechada e trancada; ele estava bem seguro de que não havia ninguém na Sala senão ele próprio, quando acidentalmente levantando um pouco a Cabeça, ficou excessivamente surpreso ao ver sentado numa Cadeira de braços, no outro lado da Lareira ou Chaminé, um Antigo e grave Cavalheiro num Roupão de veludo preto, uma Cabeleira comprida, e olhando com um Semblante agradável para ele (o Doutor) como se estivesse prestes a falar.

N. B. Outra Pessoa relatando esta História diz que o Antigo Cavalheiro apareceu de pé e, tendo acabado de abrir a Porta do Gabinete do Doutor, entrara; e saudando o Doutor falara primeiro com ele: mas a Diferença é pequena.

OS Relatos concordam nesta parte, que o Doutor ficou grandemente surpreso com a visão dele; e na verdade o vê-lo sentado numa Cadeira era o mais provável de ser surpreendente; porque o Doutor sabendo que a Porta estava trancada, e vendo então um Homem sentado na Cadeira, deveria imediatamente e à primeira vista concluir ser ele um Espírito, ou Aparição, ou Diabo, chamai-lhe o que quiserdes; ao passo que vendo-o entrar pela Porta, poderia ao princípio supor ser ele realmente um Cavalheiro vindo falar com ele, e poderia pensar que omitira o fechar da Porta, como pretendera fazer.

MAS fosse qual das duas fosse, o Doutor apareceu em grande desordem à vista, como confessou àqueles a quem contou a História, e de quem recebi este Relato, com muito pouca distância de Mãos entre eles.

O ESPECTRO, ao que parece, começou, pois o Doutor não teve Coragem ao princípio, como disse, para lhe falar; digo que o Espectro ou Aparição falou primeiro, e desejou ao Doutor que não se assustasse, que não se surpreendesse, pois que não lhe faria qualquer mal; mas que vinha a ele por um Assunto de grande Importância para uma Família injustiçada, que estava em grande perigo de ser Arruinada; e que embora ele (o Doutor) fosse um Estranho para a Família, contudo conhecendo-o como Homem de Integridade, ele o escolhera para fazer

um ato de muito grande Caridade, bem como de Justiça; e que podia depender dele para um Cumprimento pontual.

O DOUTOR não estava ao princípio suficientemente calmo para receber a Introdução do Assunto com a devida atenção; mas parecia antes inclinado a sair da Sala se pudesse, e uma ou duas vezes fez alguma Tentativa de bater para que alguém da Família subisse, ao que a Aparição pareceu um pouco desagradada.

MAS parece que não precisava; pois, como o Doutor disse, ele não tinha poder para sair da Sala se estivesse junto à Porta, ou para bater por Ajuda se alguma estivesse à mão.

MAS aqui a Aparição, vendo o Doutor ainda em Confusão, desejou-lhe novamente que se acalmasse, pois não lhe faria a mínima Injúria, nem proporia nada que o deixasse inquieto; mas desejava que ele lhe desse licença para entregar o Assunto a que vinha, o qual, quando o tivesse ouvido, talvez visse menos causa para estar surpreso ou apreensivo do que agora.

POR esta altura, e pela maneira calma de Discurso acima mencionada, o Doutor recuperou-se tanto, embora não com qualquer tipo de Compostura, a ponto de falar.

— EM NOME de Deus — diz o Doutor —, que és tu?

— DESEJO que não te assustes — diz-lhe a Aparição novamente —; sou um Estranho para ti, e se te disser o meu Nome, não o conheces; mas podes fazer o Assunto sem Perguntar.

O DOUTOR continuou ainda desconcertado e inquieto, e nada disse por algum tempo. A Aparição falou-lhe novamente para não se surpreender, e recebeu apenas por Resposta a mesma velha e ignorante Pergunta:

— EM NOME de Deus, que és tu?

PERANTE isto, o Espectro pareceu desagradado, como se o Doutor não o tivesse tratado com Respeito; e expostulou um pouco com ele, dizendo-lhe que poderia tê-lo aterrorizado até à Obediência, mas que preferira vir ter com ele de forma calma e tranquila; e usou outros Discursos, tão civis e amáveis, que por esta altura ele começou a estar um pouco mais Familiar, e finalmente o Doutor perguntou:

— O QUE é que queres de mim?

A ISTO a Aparição, como que gratificada com a Pergunta, começou a sua História assim:

— VIVI no Condado de — (não me recordo exatamente do Condado que ele nomeou; mas era num dos Condados do Oeste da Inglaterra), onde deixei uma propriedade muito boa, que o meu Neto desfruta neste momento. Mas ele é processado pela Posse por dois Sobrinhos meus, os Filhos do meu irmão mais novo.

N.B. Aqui ele deu-lhe o seu próprio Nome, o Nome do seu irmão mais novo e os Nomes dos seus dois Sobrinhos; mas não me é permitido publicar os Nomes neste Relato, nem seria apropriado por muitas Razões.

AQUI o Doutor interrompeu-o e perguntou-lhe há quanto tempo o Neto estava na Posse da propriedade; ao que ele lhe disse serem — Anos, insinuando que estava morto há esse tempo.

ENTÃO ele continuou, e disse-lhe que os seus Sobrinhos seriam demasiado fortes para o seu Neto no Processo, e que o expulsariam da Casa senhorial e da Propriedade; de modo que ele correria o perigo de ser inteiramente arruinado, e a sua Família reduzida.

AINDA assim o Doutor não conseguia ver claro no Assunto, ou o que poderia ele fazer para ajudar ou remediar o Mal que ameaçava a Família; e portanto, fez-lhe algumas Perguntas: pois agora começavam a estar um pouco mais familiarizados do que ao princípio.

DIZ o Doutor: — E o que sou eu capaz de fazer nisso, se a Lei estiver contra ele?

— ORA — diz o Espectro —, não é que os Sobrinhos tenham qualquer Direito; mas a escritura principal do Acordo, sendo a Transmissão da Herança, está perdida; e por falta dessa Escritura eles não serão capazes de provar o seu Título à propriedade.

— BEM — diz o Doutor —, e ainda assim, o que posso eu fazer no Caso?

— ORA — diz o Espectro —, se fores à casa do meu Neto e levares contigo tais Pessoas em quem possas confiar, eu dar-te-ei tais Instruções que descobrirás a Escritura ou Acordo, que jaz oculto num Lugar onde o pus com as minhas próprias Mãos, e onde dirigirás o meu Neto para o tirar na tua Presença.

— MAS por que não podes então dirigir o teu próprio Neto para fazer isto? — diz o Doutor.

— NÃO me perguntes sobre isso — diz a Aparição —; há diversas Razões que poderás saber futuramente. Posso depender da tua Honestidade nisso, entretanto; e disporei as Matérias de modo a que as tuas Despesas te sejam pagas, e sejas generosamente recompensado pelo teu Trabalho.

APÓS este Discurso e várias outras Expostulações (pois o Doutor não foi facilmente convencido a ir, até que o Espectro pareceu olhar com raiva, e até ameaçá-lo pela recusa), ele por fim Prometeu-lhe que iria.

TENDO obtido dele uma Promessa, disse-lhe que poderia deixar o seu Neto saber que outrora conversara com o seu Avô (mas não quão recentemente, ou de que Maneira), e pedir para ver a Casa; e que numa sala superior ou Sótão, encontraria uma grande quantidade de tralha velha, cofres velhos, arcas velhas e tais Coisas que agora estavam fora de Moda, postas de parte e empilhadas umas sobre as outras para dar lugar a mobília mais moderna, armários, cómodas e afins.

QUE num canto particular estava uma certa arca velha, com uma fechadura velha partida e uma chave nela, que não podia nem ser rodada na fechadura, nem puxada para fora dela.

N.B. Aqui ele deu-lhe uma descrição particular da Arca, do Exterior, da Fechadura e da Tampa, e também do Interior, e de um lugar privado nela, ao qual ninguém poderia chegar, ou encontrar, a menos que toda a Arca fosse despedaçada.

— NESSA Arca — diz ele —, e nesse lugar, jaz a escritura principal, ou Carta da Propriedade, que transmite a Herança, e sem a qual a Família será arruinada e expulsa de Casa.

APÓS este Discurso, e prometendo o Doutor ir ao Campo e despachar esta importante Comissão; a Aparição, assumindo um aspeto muito agradável e sorridente, agradeceu-lhe e desapareceu.

PASSADOS alguns Dias, e dentro do tempo limitado pela Proposta do Espectro, o Doutor foi consequentemente para —shire; e encontrando a Casa do Cavalheiro muito facilmente, pela Direção dada, bateu à Porta e perguntou se ele estava em casa; e após lhe ser dito que sim, e dizendo os Criados ao Amo que era um Clérigo, o Cavalheiro veio à Porta e muito cortesmente convidou-o a entrar.

APÓS o Doutor estar ali há algum tempo, observou que o Cavalheiro o recebia com uma Civilidade inesperada, embora fosse um Estranho e sem Assunto: Entraram em muitos discursos amigáveis, e o Doutor pretendeu ter ouvido muito da Família (como, de facto, ouvira) e do seu Avô; — do qual, Senhor — diz ele —, percebo que a propriedade descende mais imediatamente para si.

— SIM — diz o Cavalheiro, e abanou a cabeça —, o meu Pai morreu jovem, e o meu Avô deixou as Coisas tão confusas que, por falta de um Escrito principal que ainda não veio à mão, tenho tido muito trabalho com um par de Primos, filhos do irmão do meu Avô, que me têm causado muita Despesa por causa disso.

E com isto, parecendo o Doutor um pouco inquisitivo: — MAS espero que já tenha ultrapassado isso, Senhor? — diz ele.

— NÃO, na verdade — diz o Cavalheiro —, para ser tão aberto consigo, nunca ultrapassaremos isso completamente a menos que consigamos encontrar esta escritura velha; a qual, contudo, espero que encontremos, pois pretendo fazer uma busca geral por ela.

— DESEJO de todo o coração que a possa encontrar, Senhor — diz o Doutor.

— NÃO duvido que sim; tive um sonho estranho sobre isso ainda a noite passada — diz o Cavalheiro.

— UM SONHO sobre o Escrito! — diz o Doutor — espero que tenha sido que o encontraria então?

— SONHEI — diz o Cavalheiro — que um Cavalheiro Estranho vinha ter comigo, que nunca vi na minha vida, e ajudava-me a procurá-lo. Não sei se não será o Senhor.

— FICARIA muito feliz por ser esse Homem, com certeza — diz o Doutor.

— ORA — diz o Cavalheiro —, poderá ser o Homem para me ajudar a procurá-lo.

— SIM — diz o Doutor —, poderei ajudá-lo a procurar, de facto, e fá-lo-ei também de todo o coração; mas preferiria muito mais ser o Homem que o ajudasse a encontrá-lo: Quando tenciona fazer a busca?

— AMANHÃ — diz o Cavalheiro — tinha marcado fazê-lo.

— MAS — diz o Doutor —, de que maneira tenciona procurar?

— ORA — diz o Cavalheiro —, somos todos de opinião que o nosso Avô estava tão preocupado em preservar este Escrito, e tinha tanto Ciúme de que alguns ao seu redor lho tirassem se pudessem, que o escondeu em algum Lugar secreto; e estou resolvido que deitarei metade da Casa abaixo mas encontrá-lo-ei, se estiver acima do Chão.

— NA VERDADE — diz o Doutor —, ele pode tê-lo escondido de tal modo que o senhor tenha de deitar a Casa abaixo antes de o encontrar, e talvez nem assim. Tenho conhecido tais coisas serem totalmente perdidas, pelo próprio Cuidado tomado para as preservar.

— SE fosse feito de algo que o fogo não destruísse — diz o Cavalheiro —, eu queimaria a Casa mas encontrá-lo-ia.

— SUPONHO que já revistou todas as Arcas do velho Cavalheiro, e Malas, e Cofres, repetidamente? — diz o Doutor.

— SIM — diz o Cavalheiro —, e virei-os todos do avesso, e ali jazem num monte num grande Sótão, ou Águas-furtadas, sem nada dentro; aliás, despedaçámos três ou quatro deles para procurar gavetas secretas, e depois queimei-os de raiva, embora fossem belas arcas velhas de Cipreste, que custaram dinheiro suficiente quando estavam na Moda.

— TENHO pena que os tenha queimado — diz o Doutor.

— ORA — diz o Cavalheiro —, não queimei um pedaço deles até estarem todos estilhaçados; e não era possível que pudesse estar ali nada.

N.B.

ISTO deixou o Doutor um pouco mais tranquilo; pois ele começara a ficar sobressaltado quando ele lhe dissera que despedaçara algumas delas e as queimara.

— BEM, Senhor — diz o Doutor —, se eu puder prestar-lhe algum Serviço na sua busca, voltarei a vê-lo amanhã, e acompanharei a sua diligência com os meus bons votos.

— ORA — diz o Cavalheiro —, não tenciono separar-me do Senhor; já que é tão amável ao ponto de me oferecer a sua Ajuda, ficará aqui esta Noite, e assistirá ao início de tudo.

O DOUTOR ganhara agora a sua Partida até ao ponto de se tornar conhecido e desejável na Casa, e de ter uma espécie de Intimidade; de modo que, embora fizesse como se fosse embora, não precisou de muitos Rogos para o fazer ficar; assim, consentiu em pernoitar na Casa.

POUCO antes do Anoitecer, o Cavalheiro convidou-o a dar um Passeio pelo seu Parque, mas ele esquivou-se com um Joco; — Preferiria, Senhor — disse ele sorrindo —, que me deixasse ver esta bela e antiga Mansão que vai ser demolida amanhã; parece-me que gostaria de ver a Casa uma vez, antes que a deite abaixo.

— DE TODO o meu Coração — diz o Cavalheiro. Assim, levou-o imediatamente escadas acima, mostrou-lhe todos os melhores Aposentos, e toda a sua bela mobília e quadros; e chegando ao topo da grande Escadaria por onde subiram, dispôs-se a descer novamente.

— MAS — diz o Doutor —, não subiremos mais alto?

— NÃO há nada lá — diz ele —, senão águas-furtadas e velhos Sótãos cheios de Entulho, e um Lugar para sair para a Torre, e a casa do Relógio.

— Ó, DEIXE-ME ver tudo, agora que estamos a ir — diz o Doutor. — Amo ver as velhas e altivas Torres e Torreões, a Magnificência dos nossos Antepassados, embora estejam fora de Moda agora; Peço-lhe que vejamos tudo, agora que estamos a ir.

— ORA, isso vai cansá-lo — diz o Cavalheiro.

— NÃO, não — diz o Doutor —, se não o cansa a si que já o viu tantas vezes, não me cansará a mim, garanto-lhe: Peço-lhe que subamos. Assim, lá vai o Cavalheiro, e o Doutor atrás dele.

APÓS terem divagado pela parte rústica de uma grande casa de construção antiga, que não preciso descrever, ele passa por uma grande Sala, cuja porta estava aberta, e nela uma grande quantidade de tralha velha: — E que Lugar é este, por favor? — diz o Doutor, olhando para dentro da porta, mas sem se propor a entrar.

— Ó! AQUELA é a Sala — diz o Cavalheiro suavemente, porque havia um Criado a acompanhá-los —, aquela é a Sala de que lhe falei, onde jaz todo o velho Entulho, as Arcas, os Cofres e as Malas; olhe ali, veja como estão empilhados uns sobre os outros quase até ao Teto.

COM isto o Doutor entra e olha ao seu redor; pois este era o Lugar para onde fora dirigido, e que desejava ver: Não esteve na Sala dois Minutos e encontrou tudo tal como o Espectro em Londres descrevera, foi diretamente à Pilha de que lhe fora falado, e fixou o Olho na mesmíssima Arca com a velha fechadura enferrujada, com a chave nela, que nem rodava nem saía.

— PELA minha Palavra, Senhor — diz o Doutor —, o Senhor teve Trabalho suficiente, se remexeu todas estas gavetas, e Arcas, e Cofres, e tudo o que possa ter estado neles.

— NA VERDADE, Senhor — diz o Cavalheiro —, esvaziei cada um deles eu próprio, e examinei todos os velhos e bolorentos Escritos um por um; com alguma ajuda, de facto; mas eles, todos e cada um, passaram pelas minhas próprias Mãos e sob o meu Olho.

— BEM, Senhor — diz o Doutor —, vejo que falou a sério, e percebo que a coisa é de grande Consequência para si: Deu-me agora mesmo uma Fantasia estranha na Cabeça; gratificará a minha Curiosidade apenas abrindo e esvaziando uma pequena Arca ou Cofre em que pus o Olho? pode não haver nada nele, pois o Senhor está convencido, creio eu, de que eu nunca estive aqui antes; mas tenho uma Noção estranha de que há alguns Lugares privados nele que o Senhor não encontrou; talvez não haja nada neles, quando forem encontrados.

O CAVALHEIRO olha para a Arca sorrindo: — Lembro-me de a abrir muito bem; — e voltando-se para o seu criado: — Will — diz ele —, não te lembras daquela Arca? — Sim, Senhor — diz Will —, muito bem, lembro-me que o Senhor estava tão cansado que se sentou em cima da Arca quando tudo estava fora dela, baixou a Tampa e sentou-se, e mandou-me à Senhora para lhe trazer um Gole de Cidrão; disse que estava tão fadigado que estava prestes a desfalecer.

— BEM, Senhor, foi apenas uma Fantasia minha, e muito provavelmente não terá nada dentro.

— NÃO importa isso — diz o Cavalheiro —, vê-la-á virada de pernas para o ar novamente diante da sua Face, e assim verá todas as outras, se apenas o disser.

— BEM, Senhor — diz o Doutor —, se me obrigar apenas com essa, não o incomodarei mais.

IMEDIATAMENTE o Cavalheiro faz com que o Cofre seja arrastado para fora e aberto; pois não podia ser trancado, a Chave nem o fechava nem o abria: quando os Papéis estavam todos fora, o Doutor voltando a Face para outro lado, como se quisesse procurar entre os Papéis, mas tomando pouco ou nenhum Conhecimento da Arca, baixou-se e, como que apoiando-se na sua Bengala, mete a Bengala na Arca, mas puxou-a de lá apressadamente, como se tivesse sido um Erro, e voltando-se para a Arca ele baixa a Tampa dela, como se estivesse também cansado.

CONTUDO, ele aproveita uma Oportunidade para falar ao Cavalheiro suavemente, para mandar embora o seu Homem por um Momento; — pois gostaria de dizer uma Palavra ou duas consigo, Senhor — diz ele —, fora do seu alcance de audição; e depois recompondo-se: — Senhor — diz ele em voz alta — , não pode mandar buscar um Martelo e um Cinzel?

— SIM, Senhor — diz o Cavalheiro. — Vai, Will — diz ele ao seu Homem — , traz um Martelo e um Cinzel.

ASSIM que Will se foi: — Agora, Senhor — diz ele —, deixe-me dizer-lhe uma Palavra ousada; eu encontrei o seu Escrito; encontrei a sua Grande Escritura de Acordo; aposto consigo cem Guinéus que a tenho neste Cofre!

O CAVALHEIRO levanta a Tampa novamente, mexe na Arca, olha por toda a parte dela, mas nada conseguia ver; ele está confuso e espantado! — O que quer dizer? — diz ele ao Doutor —, espero que não tenha nenhuma Arte invulgar, nenhuma Mandinga em mãos; não há aqui nada senão um Cofre vazio!

— EU NÃO, pela minha Palavra — diz o Doutor —, não sou Mágico, nem Adivinho, abomino-o; mas digo-lhe novamente que o Escrito está neste Cofre.

O CAVALHEIRO bate e chama, como se estivesse assustado, pelo seu Homem com o Martelo, mas o Doutor sentou-se composto novamente sobre a Tampa do Cofre.

FINALMENTE chega o Homem com o Martelo e o Cinzel, e o Doutor deita mãos à obra com a Arca, bate na superfície do Fundo; — Ouça! — diz ele —, não ouve, Senhor? — diz ele —, não ouve claramente?

— OUVIR o quê? — diz o Cavalheiro. — Realmente não o percebo.

— ORA, a Arca tem um Fundo duplo, Senhor, um Fundo falso — diz o Doutor —; não ouve o som oco?

NUMA Palavra, imediatamente estilhaçaram o Fundo interior, e ali jazia o Pergaminho estendido em toda a largura no Fundo do Baú, como uma Mão de Papel é colocada na base de uma Gaveta.

É IMPOSSÍVEL para mim descrever a Alegria e Surpresa do Cavalheiro, e pouco depois de toda a Família; pois o Cavalheiro mandou chamar a sua Senhora e duas das suas Filhas ao Sótão entre o Entulho, para verem não só o Escrito, mas o Lugar onde fora encontrado, e a Maneira como o foi.

PODEREIS facilmente supor que o Doutor foi cumulado de Civilidades incomuns na Família, e enviado (após cerca de uma Semana de estadia) na própria Carruagem do Cavalheiro para Londres. Não me recordo se ele revelou o Segredo ao Cavalheiro ou não; refiro-me ao Segredo da Aparição pela qual o Lugar onde o Escrito se encontrava lhe fora descoberto, e quem o obrigara a vir de propósito para o encontrar: digo, não me recordo dessa Parte, nem é material.

ATÉ onde me relataram a História, até aí a transmiti; e tenho a verdade dela afirmada de tal maneira que não posso duvidar.

AGORA para observar um pouco sobre esta Passagem, que sou obrigado a dizer que me é relatada como Verdade, e creio firmemente que o seja: Certo é que o achado deste Escrito era da maior Importância para a Família; e embora não esteja inclinado a publicar Nomes na História, ou a examinar os Particulares conversando com as Pessoas, pois algumas podem ainda estar Vivas, contudo digo que o Estabelecimento não de uma Família apenas, mas de uma Geração de Famílias, poderia depender deste Escrito, e que sem dúvida fez com que o antigo Cavalheiro o guardasse com tanta segurança. Mas por que não poderia então a Providência permitir, aliás até dirigir um daqueles Espíritos Inteligentes ou Anjos, mencionados acima, para dar este Aviso, e desta maneira, onde a principal e única Escritura ou Carta para a Herança se encontrava?

Tal como o fez em muitas Ocasiões semelhantes, ou em Casos iguais na sua Importância, fez estranhas e inexplicáveis Descobertas de Coisas ocultas por muitas Eras; e isto sem Aparição, mas por uma manifesta concorrência de Causas e Acidentes próximos de Milagres.

NÃO posso senão pensar que a Providência, cuja Preocupação pelo bem e segurança das suas Criaturas é tão Universal, e que deve ser reconhecida como não indiferente até às mais ínfimas Circunstâncias, possa achar por bem trazer tal coisa à Luz, sobre a qual o bem e bem-estar de toda uma Família tanto dependia; e até aparecer de uma Maneira extraordinária nisso, sem qualquer prejuízo da sua Sabedoria ou Poder; e se a mesma Providência que achou por bem salvar esta Família de tanta Injustiça como a que naquela altura a ameaçava, achou por bem fazê-lo pela Agência de um Espírito vindo em Aparição a uma terceira Pessoa, para o realizar como no Método ordinário, o que temos nós a fazer para disputar a maneira? ou que Objeção reside contra tal?

NO TODO, não há Diabo aqui, nem Fantasmas imaginários no Ar, nem Vozes e Ruídos falazes e imponentes sobre a Fantasia de uma maneira ou de outra; nenhuma Alma aparecendo e fingindo que não pode estar em descanso; e contudo aqui está uma Aparição dirigindo para encontrar o que Existia, e o que devia ser encontrado, e o que a Justiça exigia que fosse produzido.

NEM poderia isto ser o Diabo: esse agente perverso anda de um lado para o outro num Emprego muito pior. Ele é bastante atarefado, é verdade; mas é a alargar brechas nas Famílias, não a curá-las; a incitar o Mal, não a evitá-lo; a tentar o Homem ao Roubo, à Libertinagem, ao Assassinato; não a movê-los ao arrependimento. Conforme é o Recado, tal é o Mensageiro; conforme é a Obra, tal é o Trabalhador; e a maneira de julgar é tão justa quanto certa, é fácil e clara, não podemos falhar em saber quem e quem estão juntos.

É O MESMO nos nossos Pensamentos mais retirados; podemos muito bem saber quem nos fala, pelo Discurso; quem nos tenta, pelo Mal a que tenta. O meu bom, perverso, piedoso, infernal Amigo e velho Conhecido Z— G— nunca me deve dizer que não sabe por que Direção transaciona, e com quem conversa, quando lhe é pedido que quebre Juramentos e Promessas sob a capa da Consciência; quando assalta a Inocência com Clamor, e faz Guerra com a Calúnia contra a Reputação e a Virtude com o pretexto de Zelo pela Verdade; denegrindo Caracteres com o pretexto de dar à Pessoa Inocente oportunidade de se limpar; digo que ele não deve fazer isto sem saber de onde deriva a moção extraordinária para tal, que Espírito incita, e de cujos ditames recebe a Direção.

QUANDO ele suja de propósito para lavar, e mancha com a intenção de limpar as Faces dos seus Vizinhos Inocentes, ele sabe tão bem como eu que é

atuado a partir do Inferno, e agitado *ab Inferis*; porque sabe que toda a Hipocrisia vem do Diabo; e como se conhece como um Enganador mais consumado, desde o exterior da sua Face até ao interior da sua Alma, ele pode cantar atrás do meu Lorde de Rochester no seu Sarcasmo sobre um Homem muito mais honesto: Ele disse, *Ó Senhor, Ó Senhor dos Exércitos, eu sou Ele, que tu conheces.*

É UMA estranha Hipótese com que um recente Visionário, naquelas peças de História secreta, me atacou outro dia, a saber: que se encarregaria de provar, a partir do falecido Reverendo e Erudito (mas para si próprio ininteligível) Jacob Behemen, que a Alma de um Homem era capaz de compreender DEUS, a Futuridade, a Eternidade e todas as coisas ocultas e retiradas da maior importância, exceto a si própria; mas que, por diversas Razões sábias, a luz do autoconhecimento estava escondida dos seus Olhos; exceto por Revelação imediata; revelação imediata essa que o Amigo Jacob pretendia ter alcançado, apenas com este infeliz desastre a acompanhá-la, a saber: Que nunca se conseguia expressar, nem mesmo para o seu próprio Entendimento; de modo que na verdade ele entendia apenas isto, a saber, que não conseguia entender o que entendia.

ORA, para deixar o Amigo Jacob com os seus próprios Jogos de Palavras, e com os seus vinte e três Parenteses, como um ninho de Caixas umas dentro das outras, e nunca para serem prolatados; é a minha Opinião que, se a Humanidade for fiel a si própria, poderá sempre conhecer-se; que o Amigo G— não só tem sempre o Diabo em si, mas sabe-o sempre; como é certo que aquele que deliberadamente Mente e Engana sabe sempre que Mente e Engana; portanto é impossível que ele seja um velhaco completo e não o saiba; ele pode, de facto, não ser capaz de saber quão velhaco é, até que o Diabo e ele tenham puxado o Fio até ao seu comprimento total e o tenham testado eficazmente, pesquisado até ao fundo, e visto se ele parará perante alguma coisa ou não; e qual possa ser a coisa perversa que é demasiado grosseira para ele. Mas ele não pode ser ignorante de si próprio no principal; não pode ser tão cego para o seu próprio Interior ao ponto de não saber que é um Velhaco Original; que rompeu com Princípios, traiu Confiança, enganou Órfãos, abusou de Viúvas, vendeu Amizade; e mil coisas tais como estas já; e que nada tem para isso senão pôr o melhor Exterior que possa, ter a Face de um Homem honesto sobre o Coração de um Hipócrita, e estar certo de ser um Enganador para o Mundo até ao fim do Capítulo.

NA VERDADE, não teria sido impróprio representar aqueles dois dignos Cavalheiros como Aparições, pois que o sejam é uma verdade muito edificante, e o que pode ser de muito Serviço para o Mundo que seja publicamente conhecido: Mas como estamos agora a falar de Aparições que representam Homens e coisas

como realmente são, parece primeiro necessário trazer o seu interior para o seu exterior, e então o Mundo conhecê-los-á pelas suas sombras tão bem como pela sua substância; e por isto receio que devamos esperar um pouco, pelo resultado de uma sessão de Tribunal ou duas; pois certamente, se a Justiça tiver lugar, ambos poderão ser ouvidos no Patíbulo.

MAS para o trazer ao presente propósito, insisto que nenhum Homem pode ser enganado em si próprio; ele pode saber se é um Velhaco ou um Homem honesto, se é uma Substância ou uma Aparição, se é uma Realidade ou uma Sombra; e que Jacob Behemen avançou apenas uma Delusão própria para um Velhaco, pretendendo que um Homem pudesse ser honesto quando se acreditava um Velhaco, e ser um Velhaco quando se pensava honesto.

MAS voltando ao Assunto do Escrito encontrado na Arca e que, de acordo com a Noção que alguns têm destas coisas, a Alma do antigo Cavalheiro acima veio em Aparição para descobrir; a nossa Questão é primeiro: Como veio ele a saber, no seu Estado determinado, no seu Estado de Existência-de-Alma, estivesse esse onde estivesse, digo eu, Como veio ele a saber que o Escrito não fora descoberto, e que o seu Neto corria o perigo de sofrer qualquer dano por causa disso? Como soube ele que o Processo Judicial começara, a coisa prosseguira tão longe, e o prejuízo estava prestes a ser sofrido tanto?

ELE poderia saber onde estava, se não encontrado; porque o escondeu ali, porque o guardou com tanto cuidado; mas não poderia saber que Circunstância estivera a acompanhar o caso desde esse tempo, que procedimentos houvera na Lei, e como as coisas estavam com a Família; se pudesse, então o Texto citado antes de Job não pode ser verdadeiro, que o Filho sobe e cai, e o Pai não o sabe.

É OBSERVÁVEL que esta Aparição, que veio ao Doutor Scot, não alegou que não podia descansar até que este assunto fosse descoberto; pareceu preocupada que a Família estivesse inquieta, e que estivessem de facto; e que havia grande perigo de poderem perder a Propriedade; mas não pretendeu que não podia descansar em Paz, ou como a outra, que não podia ir para o Céu até que fosse descoberto.

NÃO posso senão admirar-me um pouco com a Ignorância dos Antigos, naquela Noção da Alma errante no Ar todo o tempo em que o Corpo estava sem Exéquias Funebres; pois de acordo com a doutrina deles, aquelas Almas que não tivessem tido tal Pira Funerária preparada para elas deveriam ter estado errantes no Ar até ao Dia de hoje, e sê-lo-ão para sempre; não sendo capazes de obter admissão nem num lugar nem noutro.

NÃO admira que se diga que o Ar está cheio de espíritos errantes, de Demónios e Fantasmas, como alguns são da Opinião de que esteja; pois para

onde devem ter ido todos os Milhões de Espíritos que jazeram sem Sepultura, ou foram lançados ao Mar, ou foram soterrados com Terramotos e Tempestades, ou morreram de Pestes, onde os vivos não foram suficientes para enterrar os mortos? e o mesmo em muitas calamidades públicas.

EU SEI que os Católicos Romanos têm uma maneira de realizar um Serviço pelos mortos aos Milhares; e em particular pelas Almas dos mortos, mortos em tal e tal Batalha: se isso tem alguma relação com esta velha Noção Pagã, ou não, não direi. Sei que o Papismo tem bastante do Pagão no seu Original, refiro-me ao seu Culto; mas dirá um só Serviço pelos mortos responder ao Fim, quer tenham Enterro ou não, e embora os seus Corpos sejam deixados, como diz Aquiles de Heitor, para cães gananciosos ou famintos os despedaçarem? A isto não respondem, e duvido que possam; de modo que talvez todas aquelas Almas mortas em combate estejam ainda errantes no Ar, e não possam ter admissão, nem sequer nas Sombras abaixo.

POR outro lado, se os pobres Soldados acreditassem que se fossem mortos em combate haveriam de errar para sempre, e não seriam resgatados do Purgatório por orações; aliás, nem admitidos nele; poucos deles deixariam de preferir ser enforcados, desde que pudessem ser admitidos a ser enterrados sob o Patíbulo, em vez de irem para a Guerra e morrerem no Leito de Honra.

DIZEM-NOS (quem pretende sabê-lo) que os Corpos dos Príncipes de França falecidos, tanto Reis como Príncipes de Sangue, não são sepultados, mas depositados na Abadia de *St. Denis*, perto de Paris, até que o Sucessor imediato esteja Morto; e que então o Antecessor é sepultado, e o seguinte é depositado; de modo que há sempre um mantido acima do Chão.

NÃO me encarrego de determinar a Matéria, ou de dizer se é realmente assim ou não: Mas se assim for, e devesse ser como no caso de Patroclo, que esses Heróis fiquem então fora das regiões felizes, devo dizer que os seus Reis pouco devem a esse Costume, e Luís XIV teve um tempo difícil, ao ter o seu Filho a mantê-lo por 70 Anos, e guardando-o todo esse tempo até fora do Purgatório; e quanto tempo tem ele de lá ficar, quem o sabe? mas é certo que ele poderia estar 40 ou 50 Anos adiantado no seu caminho por esta altura, se não tivesse estado tantos Anos por sepultar.

MAS basta desta quinquilharia Pagã e Papista: o nosso negócio é falar ao Mundo mais racional; o Destino deles está diante de si; todos os Homens morrem, e após a Morte ao Julgamento, nada o pode interromper, e o que os seus Filhos fazem ou sofrem depois deles, não o sabem.

1. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que ele provavelmente ouviu a história da própria mulher, visto que nos diz que ela é uma mulher do "seu conhecimento".

2. A única correspondência para estas iniciais é um Sir John Owen (1600-1666) no *Dictionary of National Biography*, mas ele não é uma boa correspondência a julgar pelos dados biográficos comparados com a história que Defoe relata.

3. Fonte desconhecida.

4. Isto parece ser uma combinação de dois significados da palavra: 1) Inchar de raiva ou irritação; perder a calma, ofender-se e 2) Amedrontar, tiranizar; repreender, admoestar, vociferar. OED, p.464.

5. Provavelmente um caminho de pedra romano, ou talvez mesmo uma estrada, nos Alpes.

6. Desde os tempos mais recuados foi uma guarnição fortificada, ocupada pelos Romanos (conhecida como *Brigantium*), talvez mesmo antes pelos Gregos. Localiza-se nos Alpes do sul, na província do Dauphiné. *The Waldenses*, p.174-5.

7. O Dauphiné fica no sul de França, precisamente a norte da Provença. O Rio Ródano flui através desta região. *The Times Concise Atlas of World History*, p.52.

8. Fonte desconhecida.

9. Mencionado em *Saducimus Triumphatus* (1681) de Joseph Glanvill, páginas 225-228. Parker era o nome do criado do Duque, segundo Glanvill, e Parker contou a história a Henry Ceeley, um colega de serviço. É também mencionado em *Brief Lives* de Aubrey, Vol. I., p.205, mas não há menção a um fantasma, apenas um relato do assassinato do Duque de Buckingham por Felton. Para a localização da história sobre a aparição, ver Capítulo 12, nota 25.

10. George Villiers, Primeiro Duque de Buckingham (1592-1628). Favorito de Jaime I, mas consta que não tinha benefício para o rei exceto a sua aparência e personalidade. Era o segundo nobre mais rico de Inglaterra. O Parlamento tentou impugná-lo várias vezes devido à sua relação próxima com Jaime I e Carlos I. *Brief Lives* de Aubrey, ed. Oliver Lawson Dick, p.342.

11. Edward Hyde, 1.º Conde de Clarendon (1609-1674), historiador. DNB, Vol.10, p.370-8.

12. Fonte desconhecida.

13. A história da Aparição de James Haddock a Francis Taverner aparece, entre outros locais, na obra póstuma de John Glanvill, *Saducimus Triumphatus: or Full & Plain Evidence Concerning Witches and Apparitions*. J. Collins, Londres: 1681. pt.2, p.270-284. Esta história é retirada de uma carta de Thomas Alcock para Henry More.

14. Indivíduo desconhecido, exceto como mencionado nesta história em *Saducimus Triumphatus* de Glanvill.

15. Taverner foi um criado externo, e mais tarde porteiro, do Lorde Chichester, Conde de Donegal em Belfast. *Saducimus Triumphatus*, p.270.

16. Na verdade, tratam-se de dois livros separados: *Rule and Exercises of Holy Living* (1650) e *Rule and Exercises of Holy Dying* (1651). DNB, Vol.19, p.427.

17. Talvez, Anne Conway, Viscondessa (m.1679). DNB vol.4, p.975.

18. Hillsborough fica a sudoeste de Belfast. *Ireland: The Rough Guide*, p.533.

19. Indivíduo desconhecido.

20. Provavelmente o Castelo de Hillsborough, também conhecido como Casa de Hillsborough. *Ireland: The Rough Guide*, p.533.

21. Uma vila na Irlanda do Norte, precisamente a sudoeste de Belfast. *Muir's Historical Atlas Medieval and Modern*, p.49.

22. John Felton (1595?-1628). DNB, Vol.6, p.1171.

23. Um porto de mar, burgo, vila de mercado e paróquia na divisão de Portsdown do condado de Southampton. *Topographical Dictionary of England*, V.3.

24. Tentativa de George Villiers (1.º Duque de Buckingham) de socorrer a guarnição sitiada e La Rochelle (uma cidade em França) em 1628.

25. Ver *Brief Lives* de Aubrey, ed. Oliver Lawson Dick. Secker and Warburg, Londres: 1949. p.296-7.

26. O Sr. Nicholas Towes (sem datas disponíveis) é mencionado no relato de Clarendon. Ver capítulo doze, nota #26.

27. Sir George Villiers (m. 1606), pai do Duque de Buckingham (também George Villiers). Sir George foi Xerife de Leicestershire em 1591. *Brief Lives* de Aubrey, ed. Oliver Lawson Dick. p.383.

28. [Bis] Ver *History of the Rebellion* de Clarendon, ed. W. Dunn Macray. Clarendon Press, Oxford: reimpressão 1992. p.51-55.

29. Sir Ralph Freeman (fl.1610-1655), civilista e dramatista, casou com uma parenta próxima de Buckingham. DNB, Vol.7, p.680-1.

30. (*Westminster-Lambeth*) A primeira menção a uma barca de cavalos aqui é de 1513. Era um dos poucos lugares no rio onde uma carruagem e cavalos podiam cruzar. Em 1633 a ponte afundou sob o peso dos pertences do Arcebispo Laud quando este se mudava para o Palácio de Lambeth. A de Oliver Cromwell também se afundou em 1656. A 9 de dezembro de 1688, Maria de Modena escapou via barca, com o infante Príncipe Jaime, para França. *The London Encyclopedia*. p.443.

31. O nome '*Whitehall*' é de origem Tudor e era originalmente aplicado apenas à parte norte da atual via pública entre Holbein Gate e Charing Cross. A secção central estreita era conhecida simplesmente como '*The Street*', ao passo que a parte a sul do ponto onde Henrique VIII construiu King Street Gate em 1532 era chamada *King Street*. Uma rota estreita ligando Charing Cross a Westminster existia em tempos medievais. No século XVI era uma rua residencial e vários homens eminentes viveram aqui nos séculos XVII e XVIII. *The London Encyclopedia*, p.958-9.

32. Nascida Mary Beaumont (1567-1632), era a dama de companhia na casa de Lady Beaumont antes de casar com Sir Edward Villiers. DNB, Vol.20, p.325.

33. Ele foi o terceiro marido da Condessa de Buckingham. DNB, Vol.20, p.325.

34. Embora Defoe nos diga que isto é de *Brief Lives* de Aubrey, ainda não me foi possível encontrar uma cópia integral para identificar onde a história se localiza.

35. Daubney Tuberville (1612-1696), médico que se especializou em doenças oculares. DNB, Vol.19, p.1247.

36. Nenhuma menção à irmã de Tuberville no *Dictionary of National Biography*.

37. Painéis de carvalho ou outra madeira, usados para forrar as paredes de um aposento. OED, p.815.

38. Fonte desconhecida.

39. Esta linha lê-se na verdade: "Está ordenado que os homens morram uma só vez, vindo, depois disso, o juízo."

40. Defoe diz-nos que a sua fonte lhe contou a história do Dr. Scott e que esta nunca fora impressa anteriormente. Rodney Baines (*Defoe and the Supernatural*, p. 79-80) aponta que existiam histórias semelhantes populares na altura. Aponta um análogo a esta história em *A Strange but True Relation* (Londres, 1678, p.5). Continuamos sem saber a identidade da fonte de Defoe.

41. Existem dois homens que poderiam ser este Dr. Scot: 1) Cuthbert Scot D.D. (m.1564) Bispo de Chester (Vol.17, p.953) ou 2) John Scott D.D. (1639-1695) teólogo (Vol.17, p.979). DNB. O Dr. John Scott é o candidato mais provável.

42. [conhecida agora como *Old Broad Street*] A antiga Broad Street costumava correr para a Muralha de Londres a partir da Mansion House ao longo da rota da atual Threadneedle Street. Do reinado da Rainha Isabel I até ao século XVII foi um local de residência da moda. *The London Encyclopedia*, p.558.

43. Possivelmente Zachery Grey (1688-1766), antiquário e dissidente. DNB, Vol.8, p. 661-2.

44. As linhas são de "*Rochester Extempore*" (1670?): *E após cantar o Salmo Doze, / Pôs o seu livro na estante / E pareceu bem simples como ele mesmo; / Com olhos revirados, brancos como fantasma. / Gritou: "Ah, Senhor! ah, Senhor dos Exércitos! / Sou um velhaco, bem o sabes!"* De: *The Complete Poems of John*

*Wilmot, Earl of Rochester*. ed. David M. Vieth. Yale UP: New Haven, 1968. p.94.

45. Jakob Böhme (1575-1624), que foi muito influente para os Quacres e Pietistas ingleses.
46. Indivíduo desconhecido.
47. O DNB lista sete possibilidades, mas é provável que este homem não tenha sido considerado pelo Dicionário.
48. Julgamento, sentença; prolação de opinião. OED. p.717.
49. Talvez uma versão truncada de Job 35:15 ("não o sabe").
50. A Missa das Indulgências.
51. A *Ilíada*, Livro Vinte e Três, linhas 225-226: *Mas fados mais pesados o corpo de Heitor aguardam, / Salvo das Chamas, para cães famintos o despedaçarem.* Da tradução de Alexander Pope.
52. Luís XIII, Rei de França 1601-1643.

## CAP. XIII

### DA CONSEQUÊNCIA DESTA DOUTRINA; E VENDO QUE AS APARIÇÕES SÃO REAIS, E PODEM SER ESPERADAS EM MUITAS OCASIÕES, E QUE TEMOS A CERTEZA DE QUE NÃO SÃO AS ALMAS DOS NOSSOS AMIGOS FALECIDOS; COMO DEVEMOS AGIR, E COMO COMPORTAR-NOS PERANTE ELAS, E QUANDO VÊM ENTRE NÓS, E QUANDO PRETENDEM SER TAIS E TAIS, E FALAM NA PRIMEIRA PESSOA DESSES AMIGOS FALECIDOS, COMO SE FOSSEM REALMENTE ELES PRÓPRIOS?

TENDO assim assentado o ponto principal, e determinado o que a Aparição não é; a saber, não um Anjo vindo imediatamente do Céu; não uma Alma desincorporada de regresso; e tendo avançado, em Ensaio pelo menos, o que devemos supor que sejam; a saber, um espírito bom ou mau do Mundo Invisível; e tendo estabelecido a Regra para julgar qual dos dois, se um bom ou um mau, conforme o aparente bem ou mal do seu Desígnio; é tempo agora de trazer a matéria para a Prática; de estabelecer a grande Preliminar, e determinar, uma vez que este é o Comportamento deles para connosco, como devemos comportar-nos perante eles.

NEM é esta uma Inquirição desnecessária, pois descobrimos o Mundo em grande perda em tais Ocasiões. Os Homens ficam excessivamente aterrorizados e

transtornados perante as meras Apreensões de verem qualquer coisa, como lhe chamam, do Mundo Invisível; até o grande Rei Baltasar, embora no meio de toda a sua Corte, os Senhores de 127 Províncias, uma Assembleia cheia de Damas e Cortesãos; contudo, quando viu apenas um pedaço de uma Aparição (pois era apenas uma Mão), o seu semblante mudou, e as juntas dos seus Joelhos afrouxaram, e os seus Joelhos bateram um contra o outro, Dan. v. 6. Carlos VIII de França não ficou apenas assustado, mas assustado até ao juízo, com uma Aparição na Floresta de *Mans*, e nunca mais recuperou os seus Sentidos; e temos vários instâncias em História de Homens, mesmo da maior Resolução, que perderam toda a sua Coragem, e toda a sua Resolução, quando tiveram apenas uma curta Visita deste género, embora sem receberem qualquer injúria delas.

MAS de onde vem que a Mente fique assim surpreendida? por que é a nossa Aversão tão grande a qualquer Aparição do outro Mundo, sem sequer inquirirmos os Particulares?

HÁ muitas Razões, de facto, a serem apontadas para provar por que é assim; mas nem uma única boa Razão que eu conheça para provar que deva ser assim, ou que tenhamos qualquer Ocasião para ficarmos tão alarmados ou perturbados perante estas Aparições; refiro-me a quando a Mente tem algum grau de Compostura: É verdade que vêm de um Lugar Invisível, e essa é uma das Razões do nosso susto; porque, como dizemos, não sabemos de onde são, com que Recado vêm, com que Comissão, e com que Poder para executar essa Comissão; todas estas incertezas trazem um Terror sobre os espíritos; a Alma recebe um Choque; o Homem é como uma daquelas pobres Pessoas que estão num Terramoto, veem os Edifícios balançar e cair diante delas, e embora não fiquem enterradas nas Ruínas, mas tenham talvez escapado para os Campos; contudo sentem a Terra rolar e mover-se sob si, e estão duvidosas e apreensivas de que possam ser engolidas a cada Momento; e, de acordo com o velho Poeta, é uma Matéria de real Terror;

"O Medo gela o Coração, que Coração pode o Medo dissimular, Quando as Torres vacilam, e quando as Montanhas tremem?"

ESTA incerteza da Mente no caso das Aparições é o real fundamento do Medo; (a saber) que não sabemos DE ONDE vem o seu Recado, QUE Comissão têm, QUE Poder para executar a Comissão.

PRIMEIRO, NÃO sabemos de onde são, e de quem é o seu Recado, nem de facto podemos estar sossegados na incerteza: A razão é que há uma dúvida secreta da Mente, fundada na Culpa: Aqui o Ateu refreia a sua segurança e, embora pretenda não acreditar nem em Deus nem no Diabo, vacila perante um Mensageiro que vem, por tudo o que ele sabe, de um ou de ambos, para o

convencer por demonstração imediata. Aqui o seu Coração falha-lhe, ele empalidece, sobressalta-se à vista e folgaria em ter a certeza de que ambos existiam, para que um o pudesse proteger do outro.

ENQUANTO ele não sabe se a Mensagem vem do Céu ou do Inferno, se o Mensageiro será Anjo ou Diabo, a incerteza acompanhada pelo real Perigo do pior deixa-o em Horror, e ele teme o Inferno porque sabe que provocou o Céu, teme o Diabo porque sabe que Aquele que pode comandar o Diabo é seu Inimigo.

NUMA Palavra, um sentido de Deus faz os homens terem medo do Diabo, como dizem que o medo do Diabo dá um sentido de Homenagem a Deus.

SEGUNDO, TREMEMOS perante o Mensageiro, porque não sabemos qual possa ser a sua Mensagem; tememos o Oficial, porque tememos a sua Comissão; temos medo do que ele tem para dizer; sabemos que não temos razão para esperar boas Notícias do lugar de onde supomos que ele venha e, portanto, empalidecemos à sua vinda, nem é possível ser de outro modo.

HÁ apenas dois Princípios que fortificam a Mente contra os Medos de um estado futuro, ou pelo menos que aparentemente a fortificam; e estes são:

1. INOCÊNCIA, ou um bom Coração fundado na Religião, na Virtude e numa exata retitude de comportamento. OU,
2. IMPUDÊNCIA, um endurecido fechar de Olhos contra a Convicção, e de Ouvidos contra a Consciência.

É com alguma Perplexidade que me vi obrigado a dar um Carácter noutro lugar de um afamado Homem de pretensa Clarividência e Engenho: Ele estava sempre alegre, um Sorriso constante sentava-se no seu Semblante, uma perfeita tranquilidade possuía a sua Mente, não conhecia um Momento de Melancolia ou *Chagrin*. Nunca suspirava, porque raramente orava ou sofria; oxalá eu pudesse ter dito, porque nunca pecava.

O seu Coração era leve como a sua Cabeça; e quanto aos seus Calcanhares, caminhava sempre em Minuetos e *Rigadoons*. A sua Alegria era tão ininterrupta como a sua Respiração, e ele ria por Consequência da Respiração; a sua voz era uma Música natural, e a sua Retórica era toda Sonetos e *Solsas*.

COM CERTEZA, disse eu, o meu Primo *M— D—* deve ter a consciência mais límpida do Universo, ele não tem a mínima Cicatriz no seu Interior; e se ele visse o Diabo, não mudaria de Cor, nem teria a mínima Hesitação perante a mais pavorosa Aparição: Ele deve ser todo Inocência e Virtude.

*Se a mínima Mancha na sua Alma surgisse, Não poderia ser: clara a sua Consciência estaria: Pois onde há Culpa, há sempre Medo.*

MAS enganei-me no meu Parente da forma mais extrema, pois, pelo contrário, a sua alma é mais negra do que o Negro *Sancho*, a Beleza de África; ele gaba-se do Crime mais endurecido, desafia o Céu, despreza o Terror e elevou-se acima do Medo pela mera força de uma flagrante Segurança.

ELE não daria mais valor a ver o Diabo na sua mais fogosa e formidável Aparição do que daria a ver uma tempestade de Fogo no Ciclone, ou um *Arlequim Diabo no Fresco*; se quiserdes tirar o seu Carácter dele próprio, ele não tem mais medo em si do que tem Consciência, e isso é tão pouco que não vale a pena nomear. Não conhece Tristeza, nem *Chagrin*; nasceu a Rir e tenciona morrer a Gracejar: e em que se funda tudo isto? não na gloriosa Inocência mencionada acima, mas na notória Impudência.

É verdade, de facto, que eu não me importaria de falar tão grosseiramente de um dos meus Parentes próximos, mas ele quer que assim seja; ele próprio fala disso, manda-me tomar nota que é o Carácter que ele dá de si mesmo a mim, e amaldiçoa-me com uma Corrente cheia de *Billingsgate*, se eu me atrever a dar qualquer outro Carácter dele senão o que ele dá de si próprio.

DEVO reconhecer que acreditava que o Diabo e o meu Primo não estivessem em tanta Disputa que ele não temesse o velho Dragão, porque nunca fizera nada para o desagradar; mas parece que o Caso difere, e ele desafia o Diabo puramente pelo mesmo motivo que desafia Aquele que fez o Diabo; e age como Fúria meramente como uma Fúria, não como Homem de Senso ou como Homem de Coragem.

TUDO o que tenho a dizer a isto é que isto durará apenas até que a Raiva abrande, e não mais; até que o Sangue arrefeça e os Espíritos voltem ao seu Curso natural, e então o Miserável estará tão frio quanto está agora quente, tão calmo quanto está ultrajante, e tão vil e de espírito baixo quanto está agora fogoso e furioso.

TODA a coragem de cabeça quente destes Homens é apenas um Lampejo, um Meteoro no Ar; quando arrefecem, quando a Exalação se esgota, ficam tão fleumáticos como as outras Pessoas; e então ficam pálidos, o semblante muda e os Joelhos batem um contra o outro, tal como os das outras Pessoas.

NÃO HÁ desprezar os Terrores de um Mensageiro de outro Mundo senão por uma assentada e estabelecida Compostura da Alma; fundada na Base da Paz interior, Paz de Consciência, Paz e Inocência, ou Paz e Penitência, que é em efeito tudo um: Esta é a única Face que um Homem pode sustentar perante o

Diabo; com um Coração limpo, ele pode ousadamente ver o Diabo, falar com ele, desprezá-lo e dizer-lhe que o desdenha, pois que nada tem de todo a ver com ele.

MAS isto não se aplica à nossa presente Condição; poucas Pessoas vestem esta Armadura nos nossos dias; nem lhe dão valor nem conhecem o uso dela, e por isso é que estamos tão cheios de Terror e Perturbação quando vemos o Diabo; pelo menos se pensamos que ele tem algo para nos dizer.

MAS agora para a grande Questão: Por que haveria de ser assim? como eu disse, é Verdade demasiado evidente que é assim, mas dizer que deva ser assim, isso requer outro tipo de Sofisma para se provar.

É verdade que requer muita coragem, e coragem fria também, o sustentar a Alma contra a Surpresa de coisas como estas; um Homem deve ser capaz de falar com o Diabo num Dialeto que ele (Satanás) próprio não entende muito bem, de lhe ordenar que se vá embora, de lhe ordenar *Retira-te para trás de mim*, e coisas semelhantes; é uma forma autoritária de falar que nem todos conseguem sustentar; e se o Diabo se apercebe disso, não deixará de se esforçar ao máximo para manter o Direito que parece desfrutar e manter o Domínio que conquistou; pois ele sabe quão mal a sua Causa se defende pela Justiça e pela Razão, e se ele respondesse como fez aos Filhos de Ceva, o Judeu, o que aconteceria então se lhe dissésseis, no dialeto vulgar e ignorante de falar aos Espíritos: — Em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Quem és tu? — ou — Eu te ordeno em Nome do Pai, etc., que te vás embora, e não me perturbes mais.

DIGO, se o Diabo respondesse: — O Pai eu conheço, e o Filho eu conheço, e o Espírito Santo eu conheço, mas quem sois vós, vós que pretendeis usar os seus Nomes assim? — O que diríeis a vós próprios?

AGORA que sabemos como responder ao Diabo, bem como como falar com ele (pois ambos são muito necessários), deixai-me entrar um pouco no Estado do Caso entre o Diabo e nós; aliás, entre todos os Habitantes do mundo invisível e os seus Amigos neste, sejam eles quem forem, ou de que tipo forem.

PRIMEIRO, Para ficardes livres da Surpresa destas coisas, deveis esforçar-vos por estabelecer a vossa Mente no correto entendimento da coisa chamada Aparição; para que possais convencer-vos por raciocínio de uma Firmeza e Estabilidade de Alma suficientes contra toda a Parte fantasiosa e imaginária da mesma.

PENSEMOS nas coisas como elas são, não como são apenas imaginadas e supostas ser; pois é a Realidade da coisa, não a Sombra, que nos pode assustar e transtornar, isto é, que pode ter qualquer Razão justa para o fazer.

POR falta disto somos muitas vezes apavorados e aterrorizados com Sonhos e Visões, mesmo quando estamos acordados, e quando realmente não existe tal coisa em Substância ou Realidade como qualquer Visão ou Aparição, que não seja aquela que a Aparição lança sobre nós, e que não seja aquela que a nossa Imaginação enfeitiçada nos representa.

É absolutamente necessário, se não quiserdes estar sempre a olhar por cima dos Ombros, e sempre a formar Espectros na vossa Fantasia: digo, é necessário ter uma Noção correta da Aparição em geral; saber o que é, e o que deve ser, de onde vem, e qual pode ser o limite da sua Comissão; para que possais pensar até alcançardes um verdadeiro e claro Entendimento sobre ela, e então os vossos Medos sobre o assunto serão regulados de outra maneira. Por Exemplo:

1. ESTABELECEI a vossa Mente neste particular e fundamental Artigo, que tudo o que aparece deve ser ou um espírito bom do mundo invisível, um Agente de Mercê, um Mensageiro de Paz e, consequentemente, não vos fará Dano: OU,

2. UM espírito mau, um Agente do Inferno da Região e Império de Satanás, o Ar; e que assim, seja qual for o mau Desígnio ou má Mensagem com que ele pretenda vir, e por muito maliciosa que seja a sua Intenção, ele não pode fazer o Dano que deseja, porque tal como os bons Espíritos estão sob Direção, assim os maus estão sob Limitação; um não quererá, e o outro não poderá ferir-vos, sem um Comando imediato do alto. O Medo que temos, portanto, relativo à Aparição, não é ou não deveria ser guiado pela sua Aparição, mas pela retitude dos nossos próprios Pensamentos; e conforme estejamos ou não sossegados e calmos por dentro, assim estaremos ou não sob Apreensões de fora.

FORTIFICAI então as vossas Mentes com uma Confiança firme no Supremo Criador e Governador de todas as coisas, que tem o grande dragão vermelho acorrentado; e quando pensardes ver o Diabo, nada temais, pois Ele nunca soltará o Destruidor sobre ninguém cuja Mente esteja firmemente fixada n'Ele próprio.

ESTA é uma Peça de Prática crítica, e talvez demasiado curiosa para eu nela mexer, especialmente aqui, e deve ser apenas tocada gentilmente; vós ireis, talvez, objetar também contra a Doutrina dela e dizer: — Quem pode tão eficazmente confiar em Deus, ao ponto de não ter de todo medo do Diabo? — Ora, embora isto possa parecer verdade por muitos Motivos, e, conforme os Tempos correm connosco, possa ser realmente uma Objeção justa, contudo, se acreditarmos na História ou na Experiência, não é tanto uma Dificuldade ao ponto de se dizer: — Quem o consegue fazer? — pois já foi feito.

LEMBRO-ME da conhecida e famosa História de uma Criada sob uma real e pessoal Possessão do Diabo, em *Little Gadsden*, em Hertfordshire, embora por um infeliz Desapontamento eu não estivesse presente, e não soubesse da coisa a tempo; contudo vi e conversei com vários que estiveram presentes e ouviram o Diabo falar na Criada e pelo Órgão da sua Voz, embora sem qualquer moção aparente da sua Língua ou Lábios, ou qualquer Parte da sua Boca.

DESTA Pessoa era positivamente verdade que havia um certo homem bom, embora um Cristão Leigo, que tão frequentemente orava com a pobre Demoníaca, sendo Vizinho de seu pai, e tão constantemente falava com o Diabo e o fustigava com a Escritura, que ele era, como eu poderia dizer, o Terror do Diabo, e este não deixava a rapariga ir a nenhuma Casa ou entrar em nenhuma Sala onde este homem (cujo nome era —) estivesse; e se ela fosse dirigida a algum Lugar, ele travá-la-ia, como se fosse ver primeiro se o Sr. Monks lá estava ou não, e então mandava-a ir, pois Monks não estava lá.

ORA, como estou bem assegurado da Verdade tanto de que a rapariga estava possuída, realmente atuada por um Diabo nela, como de que este Diabo tinha medo do Sr. Monks; então a Questão acima é até aqui diretamente respondida, que é possível chegar a tal Estado, ao ponto de não só não se ter medo do Diabo, mas até fazer com que o Diabo tenha medo de nós.

Confesso que seria um Estado de Felicidade que nos tornaria a Vida muito fácil por muitos Motivos; e eu poderia alongar-me muito agradavelmente (para mim próprio) sobre esse Assunto. Mas conforme as coisas correm com o Mundo, questiono muito se seria tão agradável para aqueles a quem estou a escrever, e portanto deixo o assunto: e assim, se estive a pregar um pouco, é tão pouco em extensão, e espero que tão a propósito, que me podereis perdoar por uma vez, especialmente sob Promessa de dizer tão pouco para o vosso Bem no tempo vindouro quanto me for possível.

HÁ de facto um estado de Indiferença muito digno e louvável, não só quanto a Quem nos deve ou não visitar do mundo invisível, e de que Parte dele vêm; mas quanto a que posto devemos ter entre eles futuramente; e este feliz Temperamento é-me muito recomendado por alguns dos meus amigos da moda, como uma Condição de vida muito desejável: estar perfeitamente sossegado, isento de Ansiedade e Perplexidades de qualquer tipo, e formando a mais perfeita Compostura de alma que se possa imaginar.

Eles descrevem isto da forma mais acurada, de facto, pela Prática, pois dizem muito sentidamente que nenhuma Língua pode exprimir a Felicidade disso; o que de facto creio ser muito verdade; estão perfeitamente sossegados sobre, porque desatentos a, essa coisa remota e enfadonha chamada Futuridade.

Quanto ao facto de haver um Estado de Vida, ou algo semelhante à Vida após a Morte, eles não podem negar que possa ser assim, pois nunca inquiriram muito sobre os Princípios dos Saduceus, ou sobre quaisquer outros Princípios a esse respeito. Mas o que esse Estado há de ser, ou o que nós havemos de ser, ou não ser, nele, nunca se preocupam com isso; olham para tal como uma coisa remota, sobre a qual as Pessoas não estão de acordo, e acreditam que nunca estarão, até lá chegarem; e o estarem a moer as Cabeças e a deixar perplexos os seus Pensamentos sobre aquilo de que, quando tudo tiverem feito, têm a certeza de que nunca chegarão a uma Certeza, não veem que sirva de todo para o Propósito.

ESTA é certamente uma Maneira muito breve de lidar com as suas Dúvidas, e uma resposta curta a todas as inquirições; e devo confessar que é pôr um fim rápido a todas as Disputas consigo próprios sobre a coisa chamada um estado futuro.

MAS resta uma Questão ainda sem resposta, e que é uma Questão de peso para mim, seja o que for para eles, a saber: Onde está a felicidade deste tipo de Calma? Ó, diz um Deísta do meu Conhecimento, a Paz de Espírito é Felicidade, espero eu. Sim, disse eu, se for construída sobre um alicerce correto. Nada disso, diz ele, Paz é Paz; não me venha com alicerces. Espera, Amigo, disse eu, até *Molinos* mesmo, o Autor do *Quietismo*, ao qual um autor bem chama *Softismo*, e da Seita dos *Quietistas*, e que resolvem toda a Felicidade e toda a Religião na Calma de uma alma retirada, contudo fixou essa Calma sobre as Meditações de uma Mente íntegra e na Calma de um Coração limpo.

NÃO dou Valor a nenhuma das vossas Seitas, diz o meu Amigo. Gálio foi um verdadeiro Político e um homem feliz, Atos xviii. 17. Ele não se importava com nenhuma destas coisas; e ali estava a sua Felicidade. Assim um Louco, digo eu, é feliz no seu Lunatismo, e desfruta de uma Calma impensada, todo o tempo em que está na maior Pressa e Desordem da sua Alma.

Digo eu, não há Calma na Distração. Bem, mas eu estou calmo, diz ele e contudo, não estou distraído. Não sei disso, disse eu, duvido do Facto. Bem, se estou louco, não o sei, diz ele, e, como disse antes, isso é uma Felicidade para mim. UMA FELICIDADE na Miséria, disse eu; e tal é toda a paz que tal Temperamento pode dar.

MAS por que não é uma suficiente Felicidade, diz ele, ser calmo e tranquilo? PORQUE, disse eu, uma Mente insensível e imóvel em Perigos da maior Importância não é consistente com a própria Condição, ou com a Prudência e a Razão, sob essa Condição. Como não é consistente, diz o meu Amigo. ORA, por Exemplo; supõe, digo eu, um Homem nos aposentos superiores de uma Casa, quando toda a Parte inferior estivesse em Chamas; a Escadaria e todos os Retiros

cortados, exceto o atirar-se pela Janela; se este Homem estivesse sentado a fumar o seu Cachimbo, ou a cantar uma Canção, ou a ler uma Peça, não dirias que ele estava demente e louco?

MAS como são os Casos paralelos? diz ele. EXATAMENTE, disse eu, eles concordam em cada Parte disto; que ele tem a certeza de que o Fogo está sob si, e tu não sabes se não será assim, e não achas que valha a pena inquirir: e para o fazer rimar também nessa Parte, podes supor o Homem ignorante também, apenas que as Pessoas chamam por ele, e dizem-lhe que a Casa está a arder, e ele nem sequer se levanta do seu Assento para ir ao topo da escada ver se é assim ou não; embora os ouça, e lhes diga que os ouve, manda-os não preocuparem as Cabeças com ele, é tempo suficiente quando o sentir; e no Momento seguinte o soalho cai sob si, e logo depois o Telhado abate sobre ele, e assim ele morre queimado.

O QUE infere disto? diz ele. EU INQUIRO, disse eu, se essa Indolência e Despreocupação são consistentes com o sentido comum, e se um homem sábio agiria assim? SUPONHAMOS que o concedo? diz ele. ENTÃO, digo eu, deves conceder que uma Indiferença sobre qual será a nossa Parte desse estado que está além de nós, quer a brilhante quer a sombria, é inconsistente com o sentido comum, e que nenhum homem sábio pode agir assim.

AQUI terminámos o meu Amigo e eu, pois em vez de ficar tocado com isso, ele falou profanamente, e então eu acho sempre que é tempo de deixar de falar de todo; pois quando os Homens entregam a sua Razão ao Ateísmo, e o seu Sentido de DEUS à Blasfémia, quem trabalhará para lavar esse *Etíope*?

É o mesmo no Caso diante de mim; aqui está uma Aparição, ou suponha-se tal; o Homem que a vê está totalmente despreocupado com ela; não se importa um Centavo se ela vem de cima ou de baixo, se é um Anjo ou um Diabo, um Mensageiro do Inferno ou do Céu; e assim este Homem não tem medo dela, mas ousadamente vai ao seu encontro, e como um soldado grita: Por quem és tu? De onde vens? O que tens para me dizer? E pode ser que lhe dê por Resposta: Muito bem, vai à tua vida então, não tenho nada para te dizer. E este tipo de Coragem, como ele lhe chama, esta Bravura despreocupada, ele recomenda-a como a melhor maneira de lidar com estes Espíritos.

MAS supõe que o Diabo não se deixa despachar assim, mas diz: Vir-te-ei Visitar amanhã com outro Traje; testarei a tua Coragem; e por fim domina este tipo de Tranquilidade indolente e despreocupada, e o Homem cai em Terror e Espanto; o que tem ele no fundo para o preservar do Diabo então? na verdade nada; mas fica, como Cashio Borroughs, todo a tremer, e grita: *Ó Deus! aqui vem ela*, e fica assustado até à Morte.

Certamente uma fria Indiferença sobre se é um Anjo ou o Diabo, e acima de tudo, se a sua Mensagem vem do Céu ou do Inferno, não se aguentará contra o Terror que pode vir juntamente com ela de fora, ou contra as reflexões de Culpa que podem ser despertadas por ela de dentro; de modo que uma Coragem mais bem fundamentada, uma Calma iniciada de um Princípio melhor, deve ser procurada; ou então, como disse ao meu Amigo Deísta, quando realmente vires o Diabo não estarás tão tranquilo como prometes a ti mesmo estar. Mas isto é demasiado sério para vós, devo prosseguir.

VENHO a seguir à Inquirição: Qual é o nosso dever, e como deveríamos comportar-nos se for nossa infelicidade ter qualquer Aparição desse tipo a vir até nós? e suponhamos que as nossas Mentes estão tão compostas como ordinariamente se pode esperar, não mais do que os nossos Vizinhos; mas o que, digo eu, faremos, e qual é o melhor curso para tomarmos?

NA MINHA Opinião, e é o próximo Conselho que daria, digo a seguir àquele de fortificar a Mente com considerações religiosas, das quais falei, e que deveriam ir sempre primeiro, falai com ela.

POR falar com ela, o meu significado é: Falai embora ela não vos fale. Ouvi falar de algumas Aparições de quem se dizia não terem poder para falar até que lhes falassem primeiro, e alguns casos desse tipo são publicados por aqueles que suponho acreditarem neles; embora não veja razão para o fazer; e particularmente de uma Aparição que fez um pobre Homem segui-la por Sebes e Valas toda a Noite por muitas noites seguidas, até que o pobre Homem estava quase morto de cansaço; mas não lhe conseguia falar, e o desgraçado aterrorizado tinha medo de lhe falar; mas por fim o Homem falou, e então a Boca da Aparição soltou-se também: tudo o que devo confessar não ver qualquer tipo de razão para acreditar, e portanto não posso recomendar a ninguém que acredite.

NÃO parece haver Consistência na Natureza da coisa, nenhum fundamento para isso na Religião, ou nada nela sobre o que possamos Raciocinar para o nosso próprio Entendimento; e onde nem a Natureza, a Religião ou a Razão nos permitem qualquer Luz, sobre que Princípio poderemos ir para fazer o nosso Julgamento?

MAS deixando-o portanto onde o encontramos, digo que se virdes uma Aparição, isto é, tal Aparição como a de que temos estado a falar, não um Fantasmo do vosso próprio Cérebro, não uma aparição imaginária efeito de Susto ou Sonho, ou mera Fantasia, não uma aparição Hipocondríaca, efeito de Vapores e Sombras Histéricas, quando os Olhos veem a dobrar, e a Imaginação se faz Telescópio para a Alma, não para mostrar Realidades, mas para ampliar Objetos na distância mais remota, e mostrar coisas como existentes que o não são, se

virdes uma tal Aparição como esta e lhe falardes, não é de admirar que não recebais resposta, e assim vos vades embora mais assustados com um Diabo mudo e silencioso do que estaríeis com um falante; mas digo eu, se a Visão for real, se for uma Forma e Aparição em figura como foi descrito, nunca a eviteis nem fujais dela; mas falai com ela.

SE me perguntásseis o que lhe haveríeis de dizer, é uma Pergunta injusta em alguns Aspetos; não é possível para ninguém ditar sem que as Circunstâncias adequadas sejam descritas. O velho caminho todos o conheceis: Em nome de, etc., como acima, é a estrada comum. Não vou condenar o Costume, porque é a forma habitual, e as palavras são boas; mas creio que uma sincera Oração mental Ejaculatória ao Bem-aventurado Ser dos Seres pela sua presença superior seria tão eficaz como apresentar as Palavras ao Diabo como uma espécie de Exorcismo; tal Petição enviada ao alto, e depois um simples *o que és tu?* creio ser Cumprimento que chegue para o Diabo.

UM HONESTO, simples e religioso Escocês que conheci, e que pensou ter visto o Diabo, embora estivesse enganado também, contudo teve esta (para mim) perfeitamente nova Expressão perante a surpresa: *o Senhor esteja entre mim e ti, Satanás awa*, isto é, vai-te embora, ou retira-te: foi certamente um bom pensamento, e o pobre Homem tinha razão, pois se o Senhor estivesse entre ele e o Diabo não havia grande necessidade de o temer, nem a nenhum dos seus.

MAS para prescindir de Instruções particulares no caso, a Ocasião administrará certamente a Substância do que deveríeis dizer; a presente Direção é apenas em geral: falai com ela, nunca sucumbais sob o Terror ou Surpresa da visão. O Diabo raramente é visto na sua própria Forma e, ordinariamente para fins seus, escolhe aparecer em Formas familiares, personificando este ou aquele que conhecemos, ou conhecemos, e representando à nossa Fantasia algo que não nos aterrorize; aliás, é opinião de eruditos Divinos que o Diabo faria muito menos mal, e seria muito menos perigoso, se aparecesse como um mero Diabo, com os seus Cornos, o seu Casco fendido, e a sua Cauda de Serpente e Asas de Dragão, como a Fantasia o figura, e como os nossos Pintores o vestem, do que faz nos seus disfarces, e nas muitas Formas e Figuras que assume para si.

TÃO fatais são Máscaras e Disfarces, Hábitos e Vestes para o Mundo, e tal vantagem dá um falso Semblante a Atos Criminosos de muitos tipos, que até o Diabo é mais perigoso vestido em Mascarada do que nas suas próprias Roupas e nas suas próprias Cores; se ele viesse com todas as suas Formalidades e Coisas Assustadoras, não seria capaz de metade das Enganações e Trapaças que agora nos impõe: agora tende-lo aqui e tende-lo ali, tende-lo em toda a parte e em lugar nenhum; ele é aqui um Tentador para a Maldade, ali um Pregador de Retidão;

hoje num disfarce, amanhã noutro; vós conhecei-lo e não o conheceis, vede-lo e não o vedes, e como pode então alguém dizer-vos o que lhe dizer, ou como falar com ele?

CONTUDO, para chegarmos tão perto quanto pudermos, a primeira e ordinária Pergunta, natural à Ocasião, é saber quem ele é, e de onde vem, que Mensagem tem para entregar, a que Negócio vem, e o que tendes vós a ver com isso, por que vos perturba a vós em particular, e coisas semelhantes; e se puderdes obter dele tanta Civilidade, desejar-lhe que não vos incomode mais; especialmente se achardes que a Aparição é do pior tipo.

SE for aparentemente um bom espírito, creio que a Conduta deveria diferir, tal como a Mensagem que ele traz certamente diferirá; se vos avisa para vos arrependerdes de tal e tal vida escandalosa; ou se vos ordena reformar tal e tal prática criminosa, da qual vos sabeis culpados; aceitai a bondosa Admoestação, submetei-vos à Repreensão e prometei Obediência; podeis estar certos, como tenho dito frequentemente, de que o Diabo não vem com tal Recado.

SE vos diz que tais e tais Perigos vos aguardam, aceitai a bondosa dica e usai os meios adequados para os evitar, reconhecendo agradecido a Bondade da Mão que enviou o Aviso, bem como do Mensageiro que o trouxe; pois estai certos de que o Diabo, que é um Amante e Autor, bem como o Promotor da Maldade, não se dá ao Trabalho de a evitar, mas preferiria ter Mão em trazê-la sobre vós.

E SE tais coisas como estas são o Assunto da Mensagem, o que podeis dizer por que deveríeis ter medo do Mensageiro? É difícil alegrar-se com a Mensagem e estar assustado com o Mensageiro: a verdade é que não estamos tão habituados a tais Admoestações solenes, tais bons e benéficos Avisos e Assistências; e isto torna a coisa estranha e solene, e faz com que seja recebida com Terror e Susto, e talvez se não fosse assim as receberíamos mais vezes.

NÃO vemos que os antigos Patriarcas, ou depois deles os Filhos de Israel, estivessem tão assustados com as Aparições de Anjos e Espíritos; é verdade de facto que quando o Anjo apareceu a Gedeão na Eira, se diz que ele ficou perturbado com a sua Presença; no entanto a Mensagem foi bondosa e encorajadora; contudo vemos que ele se recuperou, e ganhou Coragem para falar muito particularmente com ele, e para expostular com ele sobre as Circunstâncias do seu País e do Povo, e até para pedir um duplo Sinal ao Anjo para confirmar a sua Fé: e como prosseguiu ele? obedeceu à Voz da Visão, não obstante todos os seus Medos e Dúvidas, e curvou a sua Alma e seguiu as Direções que lhe foram dadas.

HÁ abundância de Razões por que deveríamos dar ouvidos a tais Aparições como estas; o seu Carácter distintivo é que vêm sempre com algum Recado ou

outro para o bem da Humanidade; tomai-o ou em geral, ou em particular: Por vezes alega-se que vêm por Ocasiões triviais ou medíocres, como é o Caso em muitos Instâncias dadas na História e em Impressão. Mas pode ser respondido com uma Inquirição: Temos a certeza de que estas não são histórias triviais, e trazidas por Pessoas, talvez, apenas meio informadas? Mas o que devemos pensar da Aparição ao Rei Jaime V na Escócia, que o avisou contra a sua Expedição de *Flodden-Field*? à qual, se tivesse dado ouvidos, teria salvo a sua Vida e as Vidas de dez mil dos seus Súbditos: pois não menos, diz-se, caíram em todo o Empreendimento.

E O QUE diremos do Aviso dado ao Duque de Buckingham pela Aparição do seu próprio Pai, ao qual, se tivesse dado ouvidos, é muito provável que tivesse escapado à Faca fatal? pois Felton, que o Assassinou, fê-lo, segundo parece declarou no Patíbulo, por conta do Ódio Popular, e por pensar que ele era um inimigo público do seu País.

ESTES, e muitos mais que mencionei, ou que não mencionei, foram o Assunto de tais Mensageiros, e estiveram longe de ser triviais. Se uma Aparição dá a qualquer de nós Aviso do nosso Fim próximo e nos ordena que nos preparemos para ele, não é a Mensagem solene e a Ocasião dela pesada; e não é o Aviso digno do nosso Respeito? É a Preparação para a Morte uma coisa trivial? e a garantia de quão perto está o tempo não pode senão ser um Aviso valioso; tenho a certeza de que deveria ser estimado como tal.

UM ESCARNECEDOR e ateísta Homem de Engenho, que deve ficar sem nome por não suportar ser nomeado juntamente com os Crimes que não tem vergonha de cometer, disse-me, ao discorrer sobre esta Parte do Assunto, que não era Bondade alguma, pois que os Homens deveriam estar sempre preparados para a Morte; e contudo não pôde negar que era um Assunto remoto sobre o qual ainda não se dera ao trabalho de pensar.

NÃO posso acreditar senão que se algumas Pessoas, que agora se valorizam pelos seus pensamentos brilhantes e por estarem acima do Poder do *Chagrin*, ou de quaisquer Reflexões melancólicas para perturbar a sua Alegria, fossem avisadas (aliás, embora fosse por uma bondosa Aparição) de que haveriam de morrer, um em quinze Dias, outro em três Dias; um num tempo e outro noutro, e todos dentro de pouco tempo, teriam uma pequena alteração nos seus Exteriores.

G— M— que ri para todo o sempre, que está continuamente a rir e a incitar outros à Parte de menor preço da Alegria, que é todo Leveza e Espuma, e confessa que um único Suspiro nunca lhe chegou ao Coração; se uma solene Aparição viesse a ele e ao seu Amigo, o próprio Duplicado de si próprio, e dissesse: *Arrepende-te G—, e prepara-te para a Morte, pois tens apenas três*

*Meses de vida, e tu* — apontando para o seu colega de momices — *apenas cinco Dias*; digo eu, se tal Mensagem lhe fosse entregue de tal Maneira pavorosa, como muitos Relatos nos dizem ter sido feita a outros, não posso ter tão pouca Caridade pelo janota ao ponto de não pensar que mudaria um pouco de Cor, e começaria a considerar, e especialmente se ao fim dos cinco Dias tivesse Notícias de que o seu outro Eu, a imagem da sua alma extraordinária, o próprio *Sósia* de si próprio, em Vida embora não em Figura, fosse encontrado morto na sua Cama exatamente ao tempo marcado.

DIGO que não posso duvidar que ele aprenderia a Suspirar um pouco; e a minha Caridade é mais extensa no Caso do Sr. M— porque, tirando-o um pouco das suas Titilações ordinárias e desequilibrando-o do artigo ligeiro que se apoderou dele tão inteiramente a ponto de o Eclipsar, o Homem tem ainda algum cérebro, e este talvez ajude um pouco em tal Ocasião a condensar o Vapour, e trazer a parte sólida ao de cima, o que no presente lhe não aconteceu.

E PARA não selecionar apenas um ou dois Humores alegres do resto, quantos entre os nossos Heróis da Frisa e da Plateia, se lhes fosse dito que estavam sob a Sentença de Morte e apenas com Sursis por tantos e tantos Dias: digo eu, quantos deles brilhariam na próxima Ópera? como mudariam os seus Semblantes e os seus Joelhos bateriam um contra o outro? Como se sentariam em Lágrimas e Arrependimento, ou se afundariam na Morte vaticinada, mesmo pelo mero Horror da sua aproximação? pois há o maior Pavor onde há o menor Arrependimento:

Nem ninguém cavile com a Expressão, uma Sentença e um Sursis, tomem-na como quiserem; a coisa não é menos, e não pode ser entendida de outra forma para todos nós: Estamos todos sob a Sentença, tão diretamente como um Criminoso que a ouve na Barra, com apenas esta diferença significativa, a saber: Que nós temos Sursis *sine die*, o Criminoso não, e a Consequência disto pode ser pior; pois prometemos a nós mesmos que poderá ser mais longo do que temos razão para acreditar que seja, e assim somos muitas vezes Executados de Surpresa, sendo os nossos Preparativos adiados pela Presunção; ao passo que o Infrator sabe que deve morrer na Expiração do seu Sursis, e talvez esteja seguro de que é vão esperar qualquer adiamento adicional.

ORA, um bondoso Mensageiro vem, tal como o Profeta fez a *Ezequias*, e diz: — Prepara-te, pois morrerás e não viverás —; será este Mensageiro para ser desprezado e ignorado? Se for tratado assim é por tua Conta e Risco, tomas essa Parte sobre ti; e se descobrires ser este o Caso, dificilmente chamarás o Mensageiro de trivial, muito menos dirás que tais Aparições vêm geralmente por Ocasiões triviais.

A HISTÓRIA regista um grande número de Sinais premonitórios, e alguns por Aparição, vaticinando a Destruição de *Jerusalém* e do Templo; não que qualquer desses Sinais pudesse supor-se dar Aviso disso de modo a que pudesse ser evitado; pois o nosso Salvador dissera expressamente que seria destruído: *A vossa casa vos ficará deserta*, Mat. xxiii. 38. *Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada*, Mat. xxiv. 2. Mas esses Sinais e Aparições eram Avisos manifestos para o Povo, pelo menos para aqueles que tiveram a Sabedoria de tomar Nota deles, para fazerem a sua Fuga para fora da Cidade antes que os Romanos a cercassem e antes que fosse tarde demais; particularmente o abrir das grandes portas de bronze do Templo, que Josefo diz que vinte Homens mal conseguiam rodar para abrir ou fechar, e que abrindo-se por si mesmas, uma Aparição foi vista na Casa de DEUS, e uma Voz ouvida, dizendo: — *Partamos daqui.*

NÃO há dúvida de que, assim como o Aviso ou Alarme foi dado para dirigir muitos para a sua Fuga, assim muitos tiveram essa Sabedoria que lhes foi dada para fazerem a sua Fuga; e embora a Desolação tenha sido horrível, e tal como talvez nunca igualada, exceto no mesmo Lugar e no mesmo país pelos Assírios, quando o primeiro Templo foi queimado; contudo, como dizem ser uma dura Batalha aquela onde nenhum escapa, assim o próprio Josefo confessa que muitos Milhares, e outros dizem que centenas de milhares fugiram a tempo e fizeram a sua Fuga, fugindo, como diz o Texto, da Ira vindoura. Nem posso duvidar que muitos tiveram avisos em Sonhos, isto é, como eu digo, por Aparição em Sonho, por Visões, e alguns por Aparições abertas, de que a Cidade seria destruída.

RABI JUDA diz que os Patriarcas apareceram a muitos e lhes deram Aviso de que os Romanos viriam cercar a sua Cidade, e que o Templo seria destruído; mas duvido muito da História, e isso por um duplo Motivo. 1. Se alguma vez algum dos Patriarcas assim apareceu e os avisou; pois se o tivessem feito, teriam certamente dito que o Messias viera e que, portanto, o segundo Templo seria destruído, pois todas as Profecias estavam cumpridas. Mas, 2. Duvido também que Rabi Judá, se tal Autor existiu, alguma vez tenha dito tal coisa, e que seja apenas uma Tradição.

É CERTO que houve Agouros semelhantes, e não duvido que Aparições também, precisamente antes da tomada e saque de *Roma* pelos Bárbaros, os Vândalos e os Godos; e poderíamos descer até à história moderna para muitos casos semelhantes: de modo que estas Aparições nem sempre vêm por Ocasião trivial, pelo menos não são triviais para aqueles a quem dizem respeito em particular, e portanto não é uma Objeção para uma Pessoa particular fazer.

NÃO vos fatiguei com nenhuma dessas Aparições que vieram para ajudar a encontrar Dinheiro, para revelar pequenos Segredos de amor e Intrigas, e sobre outros casos tais; nem vos recomendo que acrediteis nessas Trivialidades; elas são mui certamente as Aparições da Fantasia, como observarei longamente no seu Lugar; tais Pessoas fazem um mero Arlequim do Diabo, um comum *Bobo da Corte*, para fazerem o jogo; é certíssimo que os Espíritos de que falo sabem como se fazerem mais respeitados, sabem como se fazerem consideráveis, podem vir vestidos de Terror se lhes aprouver, e fizeram-no onde a ocasião o exigiu; quer para reforçar a sua Mensagem, quer para alarmar tais Pessoas que se armam com uma Face endurecida além do Poder dos terrores invisíveis.

MAS como a sua Mensagem é geralmente pacífica, e o Intento dela bondoso e bom, assim escolhem vir de uma maneira o menos acompanhada pela Parte assustadora quanto podem.

MAS para não nos determos nesta Parte, nem inquirirmos de todo qual é a Mensagem a que vêm, se trivial ou de outra forma, a presente Inquirição é: qual é a nossa Parte, o que deve ser feito quando eles aparecem? Pois até os vermos, nada sabemos do seu Assunto; nem talvez quando os vemos, a menos que lhes falemos; e temos muitas Histórias de Aparições que apenas se mostram e, talvez possa ser, nunca falem de todo.

A ISTO a nossa gente chama *Vaguear*, e na verdade não é impropriamente chamado assim, porque, quanto a nós, não sabemos mais do seu Assunto; mas não se segue mais que eles não tenham outro Assunto aqui por nós não o sabermos, do que seja provável que eles venham aqui, e caminhem de um lado para o outro, e nada tenham para fazer. Quanto àquelas Aparições que não aparecem, se lhes posso chamar assim (pois não aparecer, e não nos deixar saber para que aparecem, parece ser quase o mesmo); refiro-me àquelas Aparições que não falam, não podemos na verdade dar Contas delas, porque não podemos conversar com elas: Parece-me que não são do Género Celestial ou Angélico, porque teriam certamente algum Assunto mais aparente, e talvez não fossem reticentes em falar dele, pelo menos não pareceriam ter vergonha do seu Recado.

NEM é minha Opinião que aquelas Aparições que vêm com bons Recados possam supor-se incapazes de falar, se fosse necessário ao seu Assunto usar a Fala; muito menos que devessem receber a sua Comissão ou a sua Habilidade de falar a partir do nosso primeiro falar com elas: Não há Coerência nisso: Mas certamente se os Espíritos que aparecem sob bons Desígnios, e vêm com bons Recados, não nos falam; não são enviados a nós; o seu Assunto é com outrem, do qual nada sabemos, embora possamos ver o Espectro; pois pode ser que um Homem veja uma Aparição que nada tenha a ver com ele, nem para lhe dizer.

OU talvez o Espectro possa executar a sua Comissão eficazmente, sem falar. Dizia-se que um Fantasma assombrava uma certa casa no Campo não longe de *Rygate*, em *Surrey*; foi encontrado no Jardim por um dos da Família, que há muito se vangloriava de acreditar, e dizer também, que não existiam tais coisas como Aparições, e que ele teria a certeza disso sempre que encontrasse tal coisa, saberia de que era feita antes de se separar dela.

SAINDO de Casa ao Anoitecer, quando estava quase escuro, mas não totalmente, encontra a Aparição no Jardim; a Aparição evitou-o, e não queria ter sido vista, ou fez como se não quisesse ser vista. — HA! — diz ele ousadamente — estás aí! Que és tu? — A Aparição continua a afastar-se dele, e ele fala novamente: — Quem és tu? Qual é o teu Nome? — diz ele, numa espécie de maneira jocosa. — O meu Assunto não é contigo — diz a Aparição. — Mas eu tenho algum Assunto contigo — diz ele —, devo saber o que és, e saberei o que és —; e com isto, diz a minha História (embora diga-se de passagem devo dizer-vos que não sei quão verdadeira é), digo eu, com isto o audaz sujeito tenta aproximar-se dela e pôr-lhe as Mãos; ao que ela avançou para ele e atropelou-o, derrubou-o, e atirou-o contra o Muro do Jardim, que estava a pelo menos cinco ou seis Jardas dele, com tal Violência que ele foi apanhado como morto; e suponho que nunca mais se aventurou a pôr as Mãos num Espírito ou Aparição.

ORA, seja esta História verdadeira ou não, mencione-a para avisar Cabeças temerárias que, pretendendo não temer o Diabo, estão dispostas a usar as Violências ordinárias com ele, as quais afetam um Homem vindo de outro, ou com uma Aparição, na qual podem ter a certeza de receber algum Mal. Conheci um que disparou uma Espingarda contra uma Aparição, e a Espingarda rebentou em cem Pedaços na sua Mão (isto é, em mui muitos Pedaços). Outro golpeou uma Aparição com uma Espada, e partiu a sua Espada em Pedaços, e feriu a sua mão gravemente. É certíssimo que uma Aparição ou um Espírito não é para ser cortado com uma Espada, ou baleado com uma Espingarda; como não há Substância, nenhum Ferimento pode ser feito; e é quase Loucura para qualquer um ir por esse caminho trabalhar, seja Anjo ou seja Diabo.

MAS para levar isto mais longe: Em particular, uma Aparição pode mostrar-se, e realizar a sua Missão de uma maneira plena e completa, e contudo não falar. Tenho comigo uma História de um Cavalheiro que mantinha uma Conversa Secreta e Criminosa com uma certa Senhora e, tendo feito um Encontro para encontrar a Senhora, foi encontrado no Lugar por uma Aparição da sua própria Mãe; ela nada disse, não se ofereceu para falar, nem ele ao princípio soube ser uma Aparição. O Cavalheiro caminha pelo Campo perto de uma Casa onde marcara para a Senhora o encontrar; a Aparição caminha igualmente, e ele toma-

a por uma Mulher ordinária, como qualquer Mulher poderia ser vista a caminhar de um lado para o outro no mesmo Campo ou Alameda.

LOGO a Mulher ou Senhora marcada chega, ele vai ao seu encontro e avança para a saudar; a Aparição mostra-se precisamente atrás da Senhora, e olha-o fixamente na Face; ele recua da Senhora e, em vez de a beijar, grita e pergunta-lhe: — Quem está ali atrás dela? —; ela volta-se, mas não vê ninguém, nem ele também, o que assusta ambos. Ele imagina ser um Vapor imaginário, não tendo Fé alguma em Aparições, e tenta aproximar-se da Senhora novamente; e eis que vê a Aparição precisamente atrás dela novamente, a Face colocada precisamente de modo a olhar por cima do Ombro da Senhora e fitar precisamente sobre ele; ele grita novamente, e reconhece ser a sua Mãe, que ao que parece morrera, e ao gritar novamente acrescenta: — Minha Mãe! —; ao que ela se desvanece.

TINHA esta Aparição qualquer ocasião de falar? Não foi Repreensão suficiente olhar-lhe na Face? Mesmo em Assuntos comuns, um Olhar do olho de um que tem Autoridade para reprovar é por vezes mais eficaz do que a Repreensão, se fosse dada em Palavras por extenso. Supõe este Espectro a observá-lo não com um Aspeto ameaçador, mas com um Semblante de Piedade, de uma Repreensão Materna, uma repreensão instando à Vergonha e ao Reproche, como aquela de Salomão: — *O quê, meu Filho! o quê, o Filho dos meus Votos! ver-se o meu Filho a abraçar uma meretriz!* — o homem foi-se embora, diz a minha História, cheio de Confusão; como sem dúvida de facto estaria. Aqui não houve necessidade de Fala; o Olhar foi um Azorrague, e uma Repreensão suficiente; o Homem dificilmente ali voltaria a encontrar-se, se é que voltaria a encontrar-se com a mesma Senhora, e é muito provável que nunca o tenha feito.

É MUITO infeliz no Caso diante de mim que seja impossível atestar a Verdade de todas as Histórias que andam de mão em mão sobre um Assunto como este; e portanto embora eu pudesse fazer Flores de Retórica sobre a Verdade dos Particulares em todos os Casos, como outros fazem; escolho antes insistir na Moral de cada História, seja qual for o Facto, e reforçar a Influência, supondo que a História seja real, ou quer seja realmente assim ou não, o que não é muito material.

TODOS estes Casos, contudo, remetem-me de volta ao Conselho acima, a saber, sempre que virdes uma Aparição, falai com ela, falai com ela cedo, e respondei a quaisquer Perguntas que ela faça, mas assegurai-vos de não lhe fazer Perguntas exceto tais que sejam razoáveis, e que possam supor-se estar ao Alcance da sua Capacidade imediata para responder; nenhumas Perguntas tendentes a revelar os Mistérios de um estado futuro.

Fazer tais Perguntas que são um claro mergulho nos Segredos do Céu, os quais já está declarado que não serão expostos, é pedir ao bom Espírito, se tal for, para ofender da sua Parte, e é realmente criminoso da vossa Parte; tal como perguntar em que Condição a pessoa está, referindo-se à pessoa cuja Forma a Aparição assume; Como consegue ela Licença para aparecer aqui; por que vem nesta ou naquela Maneira; que tipo de Lugar é o Céu, e coisas semelhantes; como o Bispo de Down e Connor ordenou que James Haddock perguntasse.

MAS adequai as vossas Perguntas ao que o Espectro disser, ou conforme a maneira da sua Aparição vos dirigir; como particularmente, se ele exigir que façais qualquer coisa, que faleis a qualquer Pessoa, ou que entregueis uma Admoestação a uma terceira Pessoa, como no caso da Aparição sobre o Duque de Buckingham, e como no Caso do Dr. Scot e outros; podeis justamente pedir Sinais pelos quais vos possais fazer acreditar; também tais Perguntas que se refiram a vós mesmos, e à Natureza da coisa a que a Aparição vem.

MAS Perguntas referentes a coisas além do Tempo, Inquirições curiosas sobre a Futuridade e Eternidade, devem por muitos Motivos ser evitadas; e por algumas Razões que não me importa mencionar em particular; porque não quereria formar Ideias pavorosas nas Mentes daqueles que leem. Tenho comigo algumas Histórias que dão conta de que perante tais Inquirições desnecessárias a Aparição se transformou em Aparições aterrorizadoras, insinuando Ressentimento; não apenas um Ressentimento por sua própria conta, mas como se fosse uma Ofensa e uma alta Provocação ao poder supremo o pretender perscrutar o que o Céu ocultou: Para mim, na verdade, parece que assim seria e portanto, é certamente melhor refrear essas Inquirições. Numa palavra, a Aparição é, como posso dizer, o Agressor; ela aparece; vós sois passivos; continuai a sê-lo, caso contrário fazeis-vos vós próprios a Aparição, e colocais a Aparição no vosso Lugar: perguntai-lhe por que razão vos aparece, se para o Bem ou para o Mal; se para o Mal, clamai a Deus por Proteção; se vem para o Bem, declarai-vos prontos para receber a sua Mensagem, e para observar cada Direção justa, para obedecer a cada Comando reto, e atender ao que ela disser.

ISTO é agir sem medo e contudo, cauteloso; ousado, e contudo sabiamente; resolvido, e contudo humilde; e neste Temperamento de Mente, creio que nenhum Homem precisa de ter medo de uma Aparição. Podeis resolver todas estas coisas nisto: Quer sejam bons Espíritos ou maus, Apariçoes Angélicas ou Diabólicas, eles estão sob Limitações superiores: o Diabo sabemos que está acorrentado, ele não pode ir mais além do que o comprimento da sua Amarra; ele não tem uma Mão para agir, ou um Pé para caminhar, ou uma Boca para falar, senão conforme lhe é permitido.

O Caso da sua comissão sobre Job é explícito; tais e tais coisas ele poderia fazer, tais não poderia; até as Vidas dos Filhos de Job, e o Gado, e os Servos lhe foram dados; e, como um Diabo que era, ele foi até à Extensão total da sua Comissão; não poupou um deles que pudesse destruir, mas foi proibido de tocar na Vida de Job, e ele não a tocou, não ousou, não conseguiu matá-lo.

SE então temos a certeza de que o Diabo está contido de nos ferir, de qualquer outra forma que não a que lhe é dirigida e limitada, podemos estar certos de que os bons Espíritos também o estão; pois a sua Natureza, o seu Assunto, os seus Desejos estão todos fixados numa Beneficência geral para com a Humanidade; os seus Poderes e Empregos, no que diz respeito ao seu envolvimento entre nós, e em todas as coisas sobre esta Superfície, estão incluídos na aclamação celestial quando os Anjos cantaram aos Pastores: — *Na Terra Paz, Boa-vontade para com os Homens*, Lucas ii. 14.

SE em qualquer altura são Mensageiros de Julgamento, Executores da vingança divina, é igualmente por comissão especial, aliás, extraordinária; e então são de facto Chamas de Fogo, e cumprem pontualmente o que lhes é ordenado, e nada mais. MAS mesmo então, para que possamos estar tranquilos na matéria da Aparição, eles não se disfarçam nem ocultam a sua Comissão: Como a Mulher de Manoá lhe disse quando o Anjo lhe apareceu: — *Se o SENHOR nos quisesse matar, não aceitaria das nossas mãos o holocausto e a oferta de cereais, nem nos teria mostrado todas estas coisas*, Juízes xiii. 23. Assim aqui, a Aparição de um bom Espírito não nos trairia, não agiria por Estratagema connosco, não apareceria em Paz quando pretende Guerra; viria como um Amigo, quando fosse enviado como um Inimigo; daria bom Conselho, quando pretendesse a Morte e a Destruição; mas se aparece em Paz, o seu Desígnio e a sua Mensagem são certamente Paz.

NO TODO, não tendes de forma alguma qualquer Ocasião para ficardes perturbados perante uma Aparição, mas para considerardes o Poder que envia, não o Agente enviado; olhando além da Aparição em si, e com uma Mente resolvida, e uma estrita, calma Coragem, falai com ela, e exigi o seu Assunto; não pretendo por exigi, uma exigência de Insulto e Arrogância, mas uma humilde, contudo resolvida Inquirição: Por que, e em que Ocasião ela vem a vós.

TERMINEI de aconselhar. Se esta Parte é demasiado grave para vós, como disse antes, não é mui tediosa, podeis torná-la um Parêntese, e a Obra ler-se-á sem ela; pois por que haveria eu de desejar que fizésseis qualquer coisa boa contra a vossa Vontade? Se não pensais que exista nada de todo nisto, se não é digno da vossa Atenção, prossegui sem ela; e quando virdes qualquer coisa, não

fiqueis surpresos e confusos, cobertos de Horror e Susto; como é usualmente o Caso daqueles que se riem mais alto de tais coisas antes de elas virem.

*W— G—*, Esq.; famoso pela virtude particular chamada Impudência, e por aquela perfeição dela mais do que ordinária, à qual algumas Pessoas chamam Blasfémia; quão alegre costumava ele fazer-se sobre as noções ordinárias de ver Aparições, e de ouvir Pessoas falarem de Espíritos e do Diabo! Quão espirituoso seria ele sobre as pobres Senhoras, quando estas pareciam um pouco transtornadas com histórias assustadoras de gente que vagueava, e de o Diabo aparecer em Formas horríveis, e coisas semelhantes, com que as velhas talvez tivessem fragilmente o suficiente enchido as suas Cabeças! Nada agradava tanto ao jovem Herói como fazer um Jogo dessas coisas; e a Verdade era que muitas delas o mereciam.

Mas o Jogo de todos os Jogos foi ver o Escudeiro chegar a casa assustado de mais juízos do que qualquer um alguma vez o pensou mestre, quando cavalgando para casa no escuro uma Noite, encontrou, isto é, a sua Fantasia encontrou, o Diabo em alguma forma monstruosa ou outra; mas tal que os seus Terrores não lhe deixaram espaço para descrever, apenas por dois grandes Olhos de Pires a flamejar no Escuro, e por um resfolegar e bufar mui assustadoramente. (Parece que o Diabo andara em algum assunto apressado, e estava sem Fôlego.)

NESTE Terror tornou-se ele tal Converso à Doutrina da Realidade das Aparições, que não se atreve a estar um Momento no escuro, não se atreve a deitar-se sozinho, ou a subir as Escadas por si mesmo: Quando perante pleno Exame, o Diabo que ele encontrara era apenas um Novilho acossado que uns Carniceiros tinham tornado meio louco, e tinham perseguido até o perderem na Noite, e ele passara pelo Escudeiro no escuro, e fora encontrado na manhã seguinte meio morto, perto do Lugar onde sua Mercê fora assustado com ele.

Contudo o Susto tomou tal Posse da sua Alma, que todo o rir dele, e todos os Tolos e Crianças mofando dele nas próprias Ruas não conseguem bater o Acesso de tremor para fora das suas Juntas, nem fortificar a sua Alma contra a visão de que seja apenas a de um Gato, se for no escuro.

TÃO eminentemente tola faz essa desnecessária Paixão, o Medo, com que nos tornemos, quando uma vez toma Posse da Mente; quão tolas, quão inconsistentes, são as Operações dela! Daqui realmente o Dito, *estar assustado até ao juízo*, ou *Fulano está assustado até ao juízo*, não é tão despropositado como alguns possam imaginar; e o Escudeiro mencionado há pouco está tão efetivamente *assustado até ao juízo*, mesmo na letra da palavra, quanto é possível; pois nada agiu mais como um Tolo do que ele faz agora; exceto se foi

ele próprio quando fez um Jogo da Realidade dessa mesma coisa, da qual agora está tão transtornado com a Sombra.

1. Este versículo lê-se na verdade: "e as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um contra o outro."
2. Ver capítulo nove, nota #46.
3. Fonte desconhecida.
4. Indivíduo desconhecido.
5. Fonte desconhecida.
6. Desconhecido.
7. Do Ato primeiro, cena primeira.
8. Referência desconhecida.
9. Ver capítulo sete, nota #17.
10. Mateus 16:23.
11. Atos 19:14.
12. Fonte desconhecida, tudo o que Defoe diz é que é famosa, pelo que era provável que estivesse impressa.
13. *Little Gaddesden* é uma paróquia no condado de Hertfordshire. *Topographical Dictionary of England*, V.2.
14. Ver capítulo onze, nota #28.
15. Existem vários "Monks" listados no *Dictionary of National Biography*, mas nenhum é uma correspondência muito boa.
16. Indivíduo desconhecido.
17. Miguel de Molinos 1628-1696.
18. Um livro de Molinos que esposava as crenças da seita Quietista. Ver capítulo treze, nota #19.
19. Dito autor desconhecido.
20. *Quietismo*: Uma forma de misticismo religioso (originada antes de 1675 por Molinos, um padre espanhol), consistindo na contemplação devocional passiva com extinção da vontade e retirada de todas as coisas dos sentidos; daí, qualquer forma de misticismo em que tais princípios são apreciados. OED, p.26. Assim, os Quietistas são aqueles que seguem os ensinamentos de Molinos.
21. Tentar o impossível. OED, p.312.
22. Fonte desconhecida, tudo o que sabemos é que foi publicada.
23. Indivíduo desconhecido.

24. Fonte desconhecida.

25. Indivíduo desconhecido.

26. O DNB tem várias possibilidades, aproximadamente quatro, mas é provável que esta pessoa não esteja no Dicionário.

27. Indivíduo desconhecido.

28. Com minuciosa exatidão, até ao mais pequeno particular. OED, p.159.

29. Sem qualquer dia ser especificado (para reunião, reassunção de negócios, julgamento de uma pessoa ou causa, etc.); indefinidamente. OED, p.510.

30. II Reis 20:1.

31. Na verdade o versículo lê-se: "Eis que a vossa casa vos ficará deserta."

32. Na verdade este versículo lê-se: "Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada."

33. O Josefo aqui é o historiador judeu Flávio Josefo (37 d.C.-c.100); contudo, não me é possível localizar a discussão sobre a aparição no templo.

34. Indivíduo desconhecido.

35. Alarico saqueou Roma em 410 d.C. e Roma foi novamente saqueada e pilhada pelo Vândalo Genserico em 455. *Oxford Classical Dictionary*, p.934.

36. Os Visigodos, os Vândalos e os seguidores de Odoacro (um governante germânico que fundou o Reino Ostrogodo na Itália). *Oxford Classical Dictionary*, p. 934.

37. Tribo teutónica da Hungria cuja existência é conhecida já em 200 d.C. *The Early Empires of Central Asia*.

38. Também de ascendência germânica, havia dois grupos de Godos: os Visigodos (Godos do Oeste) na Roménia e os Ostrogodos que habitavam a Rússia Meridional. *The Early Empires of Central Asia*.

39. Um bufão, palhaço ou um *bobão*. OED, p.171.

40. Fonte desconhecida.

41. Grafado *Reigate*, é uma vila de mercado no condado de Surrey. Surrey é um condado interior limitado a norte pelo rio Tamisa, que o separa de Middlesex e da extremidade sudeste de Buckinghamshire, a noroeste por Berkshire, a oeste por Hampshire, a sul por Sussex e a leste por Kent. *Topographical Dictionary of England*, V.4.

42. Indivíduo desconhecido, tudo o que Defoe diz é que conhece este homem.

43. Indivíduo desconhecido, tudo o que Defoe diz é que conhece este homem.

44. Fonte desconhecida.

45. Na verdade os versículos leem-se: "Como, filho meu? E como, filho do meu ventre? E como, filho dos meus votos? / Não dês às mulheres a tua força, nem os teus caminhos ao que destrói os reis." Provérbios 31:2-3.

46. Embora o DNB liste sete possibilidades, os dois melhores candidatos são 1) Will Gibbons, M.D. (1649-1728) Vol.7; ou 2) Will Gostling (1696-1777), antiquário, Vol.8, p.266.

## CAP. XIV

### DAS FALSAS APARIÇÕES,

### E APARIÇÕES QUE FORAM O EFEITO OU DA FRAUDE OU DO MEDO

POR falsas Aparições devo ser entendido como tais que foram impostas às Pessoas pela Fraude e Astúcia de velhacos subtis, a fim de realizarem os seus desígnios perversos, ou tais como o Medo e a fraca Apreensão apresentaram à, e impuseram sobre a Imaginação. Em suma, PRIMEIRO, Aparições com que as Pessoas são enganadas por outros. SEGUNDO, Aparições com que se enganam a si próprias.

PRIMEIRO, Aparições formadas pela Velhacaria de outros, para enganar, abusar e impor-se à Credulidade do Povo. Tal foi a fábula de Júpiter descendo numa Chuva Dourada, e caindo no Colo de *Dánae*, a quem ele tinha Mente de Corromper. E de facto, cuja Virtude poderíamos pensar naqueles Dias (para não dizer uma Palavra das nossas mais modestas e santificadas Senhoras) resistiria a uma chuva de Ouro, caindo-lhes no Colo? com um Deus no meio dela também; Mas isso seja dito de passagem.

A mesma Aparição fez aquele Imortal Violador de Virgens, chamado Júpiter, quando roubou a Senhora *Europa* na forma de um Touro Branco como o leite, convidando a Senhora a montar-lhe no Dorso, e imediatamente salta para o Mar com ela, e nada através do *Helesponto*; de onde o outro lado onde ela

desembarcou é chamado Europa até ao Dia de hoje. De facto, quando as Senhoras se põem a cavalgar sobre Touros, o que podem esperar?

Tal foi o horrível Engano imposto àquela pobre virtuosa, mas beata Senhora Romana, persuadindo-a de que o Deus desejava gozá-la, ao que ela em cega Devoção se submeteu com Êxtases de alegria divina e Elevação; fez com que a sua Cama fosse posta na Sacristia do Templo, adornou-a com Flores e Perfumes, e fez com que o devasso Sacerdote fosse trajado com Roupas de Estado, e oferecendo ricos Odores toda a Noite; quando por fim, em vez do Deus, em vez da Aparição que ela esperava, foi traída, e foi violada pelo Traidor que jazia à espera dela no Templo. Tal foi novamente a Aparição de Apolo de que *Luciano* fala, que era vista suspensa no Ar, e levada ou movida de lugar para lugar no Templo de Apolo em *Hierápolis*. *Lucian de Dea Syra*.

TAL foi a sórdida Impostura de *Maomé*, que tendo treinado um Pombo manso para vir ao seu Ouvido, onde o alimentava sempre com Ervilhas ou Taregos, de modo a que ele constantemente ali vinha ao seu Chamado; persuadiu os seus Seguidores de que era uma Aparição do Anjo Gabriel enviado por DEUS para segredar oráculos divinos na sua Alma; e que recebia as Inspirações celestiais por esse meio.

Tal foi a Voz que o pronunciou como sendo o Profeta do DEUS altíssimo, voz essa que soando no Ar, nenhuma Pessoa aparecendo para falar, foi concluída ser a Voz de um Anjo, aparecendo-lhe, ao passo que era proferida por sua própria Direção por um pobre Sujeito que ele colocara de propósito no fundo de um Bem; e quando viu a Impostura colher junto do Povo, enviou um Destacamento dos seus Seguidores para encherem o Bem com Pedras, pretendendo que era para que não fosse mais profanado por qualquer Homem ou Gado bebendo as suas águas sagradas, de onde a Voz de um Anjo fora ouvida; mas realmente para enterrar o pobre desgraçado no fundo dele, para que não traísse o Segredo, e descobrisse a Delusão planeada.

TAL foi igualmente a História do Asno que o carregou até ao Paraíso, e isto não apenas a um, mas através de sete ou oito Paraísos ou Céus, onde viu duas e trinta mil Visões: E tais foram todas as Aparições que esse ridículo Impostor fingia ver em cada Ocasião, até que os seus cegos Seguidores acreditaram ser ele próprio uma aparição.

TAL foi a Imagem de *São Jorge*, retamente chamada Milagrosa, com que os Gregos até hoje pregam partidas horríveis na Ilha de *Esciros* no Arquipélago, e que impõem ao Povo como uma Aparição de facto; exercendo Severidades particulares sobre o Povo em vários Casos: Mas conforme é gerida pelos Sacerdotes, assim é especialmente muito furiosa sobre todos aqueles que

negligenciam cumprir os Votos feitos ao dito São Jorge, ou em geral sobre todos aqueles que não pagam as suas Dívidas ao Clero.

MONSIEUR *Tournefort* na sua *Voyage into the Levant* dá um divertido Relato da Conduta deste Diabo de Esciros; como eles ralam as Pessoas Ignorantes até à Morte com ele, e lhes impõem por esse meio da maneira mais grosseira e absurda possível. Como não existem maiores Impostores no Mundo do que os Gregos, e especialmente o Clero Grego; assim não existe Povo mais ignorante e facilmente-enganável no Mundo do que o Laicato Grego; e especialmente aqueles com quem o Clero Grego tem de lidar:

Daqui vem que os Raciocínios mais absurdos lhes sirvam; e de facto pode verdadeiramente dizer-se serem Crentes no sentido literal, pois aceitam todas as coisas em bloco, e sem raciocinarem de todo sobre elas: se não fosse assim, seria impossível possuí-los, como fazem os Sacerdotes, com a Crença de que a Imagem de São Jorge move o Sacerdote, e não o Sacerdote a Imagem, embora ele a carregue aos Ombros.

CONTUDO este é o facto: A Imagem de São Jorge não é mais do que uma Pintura, e essa de uma pintura muito grosseira representando São Jorge sobre um tronco de Madeira; está colocada sobre o grande Altar da Catedral em Esciros, que é dedicada àquele Santo: quando a Igreja está cheia de Povo, a Imagem é vista mover-se por si própria. A isto chamam eles, e fosse o facto verdadeiro, bem poderia ser chamado, a *Aparição de São Jorge*; mas seja o Facto verdadeiro ou não, acredita-se que seja assim, e isso serve tão bem para todos os intentos e propósitos de uma Aparição, como se a Imagem estivesse revigorada.

MAS para falar nas suas próprias palavras, a Imagem é vista mover-se por si própria, e mostrar-se em Aparição a todo o Povo; pois não obstante o seu Volume e Peso, transportar-se-á pelo Ar para o meio da Assembleia; ali paira, como que observando cada Face e examinando cada Coração: se encontra alguém que tenha falhado em cumprir qualquer Voto para com ele (o Santo), a Imagem fixa-se imediatamente nos Ombros do Delinquente, seleciona-o, e não só ele fica exposto a toda a Assembleia, como a Imagem lhe aplica furiosos e contínuos Sopapos, até que ele se torne penitente, e prometa novamente perante a Assembleia pagar o que deve à Igreja.

MAS isto não é tudo: mas quando a Assembleia está assim purgada pela Justiça deste Fantasma numa Imagem, ela é então tomada e colocada sobre os Ombros de um Monge cego, que a carrega para fora da Igreja para a Vila; sendo o Monge cego e não sabendo para onde vai, é guiado pela impressão oculta da Imagem, que o guia como um Cavaleiro guia um Cavalo cego; e assim carrega-o

diretamente para a Casa daqueles que são Delinquentes no caso de Dívida ao Altar de São Jorge.

NEM é suficiente que o Devedor vendo a Aparição ou Imagem vir a ele, fuja dela, e escape de Casa em Casa; pois a Imagem faz com que o Monge o siga pelo Pé, como um Cão de caça faz a uma Lebre; de modo que, numa palavra, não há como escapar a São Jorge, não há como fugir dele, o Monge é firme na sua perseguição, sobe, desce, passa, repassa, entra em todos os lugares, até que o pobre desgraçado, de quem se pode verdadeiramente dizer que é caçado até cair, ou *Hounded down* como dizem no Norte, é obrigado a pagar até ao último Centavo.

ESTA História confirmou plenamente os meus pensamentos numa Observação que fiz desde o princípio desta Obra, que realmente as Aparições da Igreja são as mais assustadoras, mais irritantes e terríveis à sua maneira, de todos os Diabos reais que caminham por este Mundo.

MAS que necessidade temos de divagar assim entre os Antigos, e caçar entre os *Cismáticos Gregos* por Aparições artificiais, e por Delusões Eclesiásticas deste género? A Igreja Romana, esse verdadeiro Estabelecimento Católico, edificado sobre a Rocha sólida do próprio São Pedro, quão cheia está de gloriosas Fraudes deste tipo? e como tem sido todo o Esquema da Tirania Papal sustentado entre o Povo desta mesmíssima maneira, desde a grande deserção da Hierarquia Romana da sua verdadeira Prioridade Primitiva e original santa Instituição?

NÃO que eu pretenda fazer desta Obra uma Coleção de Aparições da Igreja, sejam Papistas ou Protestantes; tanto quanto não entrarei num recitar dos *Universalia* de Aparições de Estado; é bom para este Século, tanto na Igreja como no Estado, que a minha Doutrina do *Descanso das Almas* esteja estabelecida; pois certamente, se as Almas dos Partidos pudessem ser perturbadas quer no Céu quer no Inferno, pelas coisas loucas, ou pelas coisas simples, as coisas boas, ou as coisas perversas transacionadas pela sua Posteridade nestes Dias, deveria haver uma Inquietude tão grande nessas mansões eternas por conta do presente Século, como alguma vez houve desde que a História nos dá qualquer Relato das coisas:

Nunca nenhuma Geração fez tais Tolos dos seus Pais, e tais Homens sábios de si próprios, e ambos tão inexplicáveis; com certeza deve ser que os Mortos não podem vir aos Vivos, e que nada sabem de nós, ou o mundo inteiro seria uma só Aparição, e nós teríamos, como Sir *H— B—* disse acima, todos vindo acima novamente os que estavam debaixo de Terra, o mundo morto seria demasiado

numeroso para o mundo vivo, e encontraríamos dez Aparições em cada Rua por cada Criatura viva.

MAS para vir ao Caso em mão, a primeira Aparição Cristã que encontro merece o nosso reparo particular; primeiro de facto, devido à Importância da Ocasião, a saber, para a Confirmação da Fé de todos os verdadeiros Católicos no grande ponto disputado, mas ainda não resolvido, (a saber): Se São PEDRO alguma vez esteve em ROMA ou não? um Ponto tão essencial, e que os Hereges tanto Esforço fazem para tornar duvidoso, que se nós Católicos não o estabelecermos acima de todos os Cavacos dos nossos Inimigos, nada fazemos; e para isto trazemos a miraculosa Aparição de Jesus Cristo a São Pedro precisamente fora da Cidade, e a qual levou Pedro de volta para dentro da Cidade; de modo que conforme ele saiu de Roma, e voltou para Roma, sendo o próprio *Cristo* Testemunha disso, com certeza nunca mais poderá ser disputado.

Sendo isto de tão grande Importância para a Igreja Católica, é apropriado que vos traga boa Autoridade para a Relação; e portanto pensando eu não ser competente, não uma evidência suficiente, sendo talvez suspeito de Heresia, dar-vo-la-ei a partir dos Trabalhos de um antigo Padre da Igreja Romana, e tereis a História da sua própria Boca, e nas suas próprias Palavras, como se segue:

É o famoso Doutor *Smith*, um Pregador Papista nos Dias da Rainha Mary, que se vangloriava de ter vencido tanto o Bispo *Ridley* como o Bispo *Latimer*, numa Disputa contra eles sobre São Pedro ter estado em Roma. Tomai um pedaço do Sermão do Reverendo Doutor. O Negócio do Doutor era encarregar-se de rebaixar os pobres Confessores oprimidos, *Cranmer*, *Ridley* e *Latimer*, e torná-los odiosos ao Povo; e tendo de pregar um Sermão sobre este Assunto no *Whittington College* em Londres (o mesmo, ou perto disso, que agora é chamado *St. Martin Vintry*), começa assim:

"MEUS Mestres, estais em grande Erro quanto ao sagrado Sacramento, e toda a vossa Confiança estava em Cranmer, Ridley e Latimer; quanto a Latimer, ele disse em Disputa aberta em Oxford, que não tinha Erudição nessa Matéria, senão do Livro de Cranmer. Antes disto disputei com Latimer há vinte Anos, e então ele não tinha Erudição: Quanto a Cranmer, ele disse que a sua Erudição vinha de Ridley; e quanto a Ridley, eu próprio disputei com ele agora em Oxford no outro Dia, e provei o meu Argumento assim, *Ille cui Christus obviavit Romae fuit Romae; ac Christus obviavit Petro Romae: Ergo Petrus fuit Romae*. Isto é, Aquele que Cristo encontrou em Roma estava em Roma; mas Cristo encontrou Pedro em Roma, ERGO Pedro estava em Roma.

POR este Argumento provo duas coisas, e Mistérios singulares da nossa Fé. PRIMEIRO, Que Pedro esteve em Roma, contra aqueles que matraqueiam que

Pedro nunca esteve em Roma. SEGUNDO, Que se Pedro encontrou Cristo corporalmente, como *Abdias* relata, e o que tenho a certeza de ser verdade, ou então um Padre tão antigo e santo nunca o teria escrito; então consequentemente ele pode tão bem estar no Sagrado Sacramento, como foi encontrado corporalmente. A isto Ridley ficou como um Bloco, e vendo-se convencido, nada respondeu. Então disse eu, *cur non respondes Haeretice, Haereticorum, Haereticissime*? não lidei bem com ele?

ENTÃO ele negou a Menor, que provei assim. Cristo encontrou Pedro saindo de Roma, e disse: Bom dia Pedro! para onde vais? Pedro respondeu: Bom dia bom Homem, para onde vais tu? Então disse Cristo: Vou para Roma para sofrer. O quê! diz Pedro: Eu creio, a menos que me engane nos meus Sinais, que vós sois JESUS CRISTO: Bom Senhor, como estais? folgo de vos ter encontrado aqui. Então disse Jesus Cristo a Pedro: Volta e sofre, ou então eu devo; *& pro te & me*.

QUANDO Ridley ouviu esta minha Prova, e a Autoridade de Abdias, um Doutor antigo e irrefutável, não respondeu uma palavra; e assim confutei Ridley perante a Audiência de mil; e contudo dizeis vós, que Jesus Cristo nunca esteve corporalmente na Terra desde a sua Ascensão."

AQUI ESTÁ uma Aparição de boa Fama, e de extraordinária Autoridade; e se alguma Objeção pode residir contra ela, é apenas se é verdadeira ou não; mas eu não tenho de responder por isso, é certamente verdade que o Erudito Doutor pregou este excelente Sermão, e isso basta para mim.

MAS tendo-vos dado assim uma Aparição de tão grande Autoridade, a saber do próprio Jesus Cristo, citar-vos-ei mais algumas de tipo mais moderno para vos confirmar neste Princípio, a saber, que as Aparições não cessaram na Igreja: Embora se diga que os Milagres cessam, e as Profecias cessam, embora os Oráculos estejam mudos, e os Mortos não regressem; contudo aquela Aparição não falta, e os Artifícios dos Padres permanecem; a saber, que podem mostrar-vos maravilhas em Visão todos os Dias para a Confirmação dessa grande Veracidade Católica.

PODERIA descer aqui à famosa Aparição de *Loudun*, vulgarmente chamada o Diabo de *Loudun*; e à ainda mais famosa Aparição de *Jetzer* em Berna na Suíça. Estas são de facto Delusões Ortodoxas, e ambas levadas a cabo com a máxima Segurança, quase disse Vilania, pelos Sacerdotes: Mas ainda não cheguei tão abaixo no nosso caminho para a Velhacaria Moderna.

UM dos nossos Papas creio que insistiu que tivera uma Aparição do Diabo para ele; ao passo que *São Francisco* e *Santo Inácio*, cada um na sua vez, impuseram a Burla da Aparição ao Mundo, em tantos casos particulares que, se

não tivessem, como podemos dizer, parado a tempo, conforme o Mundo os tomava por loucos e Tolos, tê-los-iam tomado por aquilo que realmente eram, (a saber): Velnacos e Enganadores, e tê-los-iam usado em conformidade; e de facto esteve uma vez por um triz *São Francisco* de ser açoitado pelas Ruas de Nápoles como um Impostor;

E só teve uma maneira de se safar, que foi acrescentar algumas coisas à sua Conduta tão extremamente tolas e ridículas que foi tomado por um Idiota, e deixado correr solto pelas Ruas com uma multidão de Rapazes nos seus Calcanhares seguindo-o e gritando-lhe, e atirando-lhe Sujidade e ovos podres. Isto transformou ele numa espécie de Martírio, valorizou-se por isso, e não permitia que a Sujidade lhe fosse raspada; porque era o Ornamento e a Coroa dos seus Sofrimentos por pregar o Evangelho.

FOI duvidoso, por algum tempo, se este santo Entusiasta tinha mais Aparições da Bem-aventurada Virgem, ou do Diabo, seguindo-o: É verdade, alguns dos nossos Hereges afirmavam que ele não tinha Aparições de todo, nem da Virgem nem do Diabo; mas que era tudo um Engano diabólico, que ele tinha o Descaramento de impor ao Mundo. Mas isto, dizem-nos eles, é demasiado pouco caritativo; porque é supor que o próprio desgraçado (quem, é admitido, era um Sujeito muito fraco e tolo, embora impudente) fosse capaz de Impor-se a todo o Mundo na altura, que Universalmente acreditou que ele vira algumas Aparições que elevaram a sua Mente àquele grau de Entusiasmo por que parecia atuado.

MAS então, se temos de admitir que foi visitado por Aparições, deve ser do Diabo, não da Bem-aventurada Virgem; porque não temos Autoridade da Escritura para sustentar a Noção de que ela alguma vez tenha aparecido, ou possa aparecer de todo, nem a ele nem a mais ninguém; e que todas as pretensas Aparições da Virgem Maria, de que tipo forem, de que as Legendas estão cheias, são meras Imposturas dos Sacerdotes, tão real e abertamente como se tivessem sido vistas a ser realizadas: Tal foi o falar dela a *São Bernardo*, quando ele subiu a Nave da grande Igreja em *Milão*, em quatro passos, vinte Jardas a cada passo; ao primeiro passo ele disse *O Felix!* ao segundo passo, *O Pia!* ao terceiro passo, *O Santa!* e ao quarto passo, *Maria!* ao que a Imagem respondeu: *Salve Bernard*.

As Marcas dos quatro passos, diz-nos o Dr. *Burnet* nas suas Cartas, podem ainda ver-se na Igreja, cobertas com pequenas Placas de Bronze, tendo as Palavras individualmente gravadas nelas: e contudo, apesar da Relíquia não podemos pelas nossas Vidas acreditar que a Imagem silenciosa lhe falou, tanto quanto ele deu vinte Jardas de uma passada.

NO TODO, estamos decididos quanto a São Francisco, que se alguma Aparição o assombrava, era a do Diabo; e dizem-nos que isto era tão frequente

que por fim ele orou à Virgem para que o Diabo não tivesse licença de lhe aparecer senão por Ocasião extraordinária; e que sempre que o fizesse, ele devesse levar a melhor sobre o Diabo, se com ele lutasse: após o que o Diabo nunca mais lhe apareceu na sua própria Forma, como parece que costumava fazer, mas sempre sob algum Disfarce, ou nas Formas de outras Pessoas, tentando-o nessas Aparições conforme achava Ocasião; mas que ele foi sempre demasiado forte para ele, e o afugentou.

Quem teve a Vitória por fim, a História é omissa: mas alguns são propensos a duvidar que o Diabo tenha levado a melhor sobre ele então, pois não lemos muito sobre o seu Triunfo sobre o Diabo, *in Articulo Mortis*.

SÃO INÁCIO, o Patrono dos Jesuítas, pretendeu fazer de São Francisco, que o precedera, o seu Patrono, e mimetizá-lo em todas as suas mais ridículas Extravagâncias; e estas de Aparições entre as demais: e a sua Vida de facto está cheia de Histórias de Aparições, quer de um Santo ou de outro, ou do Diabo, ou da Virgem, em todas as Ocasiões, e algumas das mais triviais e frívolas do Mundo.

SÃO FRANCISCO, estando muito melancólico, desejou fervorosamente ouvir alguma Música, tendo-lhe sido dito que a Música exerceria um efeito estimulante na sua Alma; e imediatamente uma Aparição de Anjos o rodeou e, compondo um Concerto da mais harmoniosa Música, tocou admiravelmente para sua Consolação por um tempo muito considerável.

SÃO INÁCIO teve Aparições semelhantes de Anjos tocando doces Lições de música celestial para ele quando estava a escrever o seu Livro das Constituições; igualmente, após a sua Morte, um Concerto de Anjos fez excelente Música no seu Túmulo, e várias Estrelas foram vistas colocadas sobre o seu Sepulcro. N. B. As primeiras Estrelas que alguma vez foram vistas em Aparição sobre a Terra; nem de facto alguma vez ouvi que as Estrelas caminhassem anteriormente.

ALGUMAS Aparições foram formadas pela Política, ou antes pelo mero Descaramento dos Padres, para provarem as suas absurdas Doutrinas. *Surius*, um zeloso Escritor pela Invocação dos Santos, diz que, o que quer que os Hereges possam palrar (deveria ter dito, o que quer que a Escritura possa palrar), está abundantemente provado que os Santos partidos conhecem as nossas Preocupações na Terra e ouvem as nossas Petições, e assim ele determina a Questão em Controvérsia, (a saber), a Invocação dos Santos. *Surius not. ad Bonavent. in Vit. St. Francisci*. Ele não oferece de facto nada para provar o Facto, senão várias miraculosas Aparições da Bem-aventurada Virgem aos devotos Sacerdotes que lhe oravam, uma das quais pode ser tão verdadeira quanto a outra.

PARA provar a Possibilidade de uma Pessoa estar em dois Lugares ao mesmo tempo, somos assegurados da seguinte Aparição de São Inácio. LEONARDO KESEL, um Jesuíta de Colónia, desejava apaixonadamente ver esta pessoa extraordinária; de quem ouvira relatar tais Coisas maravilhosas, e cuja Fama se espalhava por toda a parte como um Homem prodigioso: Kesel, um homem honesto e bem-intencionado, sabendo muito bem que a melhor maneira de ver um Homem era ser levado ao Lugar onde ele estava, e não tendo Noção de ele ser um Operador de Impossibilidades, embora o achasse também uma Pessoa estranha; contudo, digo eu, não sonhando com Milagres, escreve a Inácio sobre o desejo que tinha de o ver, e pede a sua Licença (pois sendo Kesel um Sacerdote da sua Ordem, não se podia mover sem Licença), digo eu, pede a sua Licença para vir a Roma receber a sua Benção.

INÁCIO proíbe-o; assegurando-lhe positivamente que se tal Entrevista fosse necessária, DEUS providenciaria um caminho para ela, sem lhe dar o trabalho de tão longa Jornada. KESEL não entendeu o significado da Resposta, e ficou extremamente insatisfeito por estar de tal modo sob o Desagrado do seu Superior, ao ponto de lhe ser negada a vinda para o ver, o que ele tão apaixonadamente desejava; contudo foi obrigado a submeter-se e aguardou o Evento.

NUM certo Dia, diz a História, quando menos nisso pensara, eis que Inácio entra na sua Cela, ou Câmara, e tendo falado com ele por um tempo muito considerável, subitamente desapareceu; deixando o Jesuíta excessivamente confortado com tão prodigiosa Visita.

SÃO FRANCISCO fazia estas coisas frequentemente, ao que parece, e cavalgava pelo Ar num Carro de fogo; o que ouso dizer ser tão verdadeiro quanto o facto de São *Dunstan*, enquanto Menino, ter voado do topo de *Glastenbury Tor*, ou Torre, um Lugar bem conhecido em Somersetshire.

A Conversão de São Inácio, dizem-nos eles, foi levada a cabo por uma Aparição de São Pedro para ele, que veio e tocou as suas Feridas recebidas em Batalha, e curou-as imediatamente; e contudo parece como se São Pedro fosse apenas um Doutor manco, pois que São Inácio coxeava, e que a sua Perna foi torta enquanto viveu, não pode ser negado; ao passo que quando São Pedro curou o homem impotente em Jerusalém, o Texto diz que o tornou *inteiramente são*, Atos iii. 7, 8.

SÃO FRANCISCO diz-se ter realizado inúmeras Curas para pessoas doentes e enfermas, aparecendo-lhes após a sua Morte, e eu poderia encher um Volume com a História das mesmas; mas parece ser desnecessário, todos os verdadeiros Católicos o reconhecem.

PASCAL, colega de Quarto e Companheiro de Inácio, estando reduzido a grandes Necessidades após a Morte deste, implora a Assistência do seu Colega na Igreja de São Lourenço, ou noutra qualquer Igreja em Roma; imediatamente ouviu um Som melodioso, e viu Inácio aparecer-lhe, atendido por um numeroso e belo Séquito de Servos de Deus; mas que Socorro a Aparição lhe deu na sua extrema Necessidade, este Depoente não o diz.

MAS posso encerrar o Discurso de Aparições impostas com aquela memorável História de *Jetzer*, um Dominicano no Mosteiro ou Casa de Dominicanos em Berna, na Suíça: A Falsificação é manifesta, e a Razão dela; foi uma Impostura sobre os Franciscanos, e planeada para levar a Contenda que existia entre as duas Sociedades a uma Vitória completa.

OS Franciscanos insistem na Bem-aventurada Virgem ser *Imaculada*, e nascida sem pecado original, santificada desde o Útero; e portanto canonizam a Bem-aventurada Santa Ana, que foi a Mãe da Virgem, e fazem dela uma Santa triunfante; quase tão gloriosa como a sua Filha, e têm um Serviço para ela, chamado, as Prerrogativas de Santa Ana, Mãe da Mãe de Deus: onde declaram que ela concebeu a Bem-aventurada Virgem sem o Conhecimento de um Homem, e que foi por conta de uma Aparição de dois Anjos para ela, o que ela relata ao seu Marido Joaquim. Há ali também uma Aparição para a Confirmação dos Franciscanos. (Isto seja dito de passagem.)

OS Dominicanos, por outro lado, negam que a Virgem seja Imaculada; admitem que ela é concebida em Pecado, mas que permaneceu sob a *Culpa* ou Contaminação apenas três Dias; e trazem uma Aparição da Bem-aventurada Virgem a este Frade *Jetzer*, lamentando-lhe que eles pretendessem fazê-la igual ao seu Filho em Santidade, e confessando, nas Palavras do Texto, que ela foi *formada em Iniquidade*, Sal. li. 5. Assim aqui está um Milagre para confutar outro, e talvez ambos igualmente autênticos.

MAS a História de *Jetzer* está cheia de Milagres, todos planeados pelo Prior e três dos Padres: primeiro, a Aparição de uma Alma no Purgatório vem a *Jetzer* com uma Caixa perto da sua Boca, de tal modo planeada que, quando ele soprava para ela, parecia ser tudo Fogo saindo da sua Boca; tinha também três Cães pendurados nele, e roendo-o como seus Atormentadores.

NESTA Postura ele vem ao pobre Frade *Jetzer* no escuro, e quando ele estava na sua Cama, conta-lhe a sua deplorável Condição, mas que ele poderia ser tirado do Purgatório por seu Intermédio, e pelas suas Mortificações; e esta História ele reforça com os mais horríveis Gemidos, como se estivesse na maior Miséria pelo seu Sofrimento. N. B. Deveis entender que este Frade *Jetzer* era um Sujeito escolhido para fazer de Ferramenta adequada para aquelas Imposturas, sendo

muito simplório e muito devoto; e não tivessem eles exagerado na representação, o Desígnio poderia ter ido longe.

EM Consequência da primeira Aparição, fizeram o pobre Frade submeter-se a severa Disciplina, Açoites e Mortificações, e então a Aparição veio e agradeceu-lhe, e disse-lhe que fora libertada do Purgatório por seu Intermédio; de modo que essa Parte terminou para infinita Satisfação do pobre *macerado* Frade.

A SEGUINTE foi a Aparição da mesma Pessoa, mas no Hábito de uma Freira, representando Santa *Bárbara*, e toda em Glória; dizendo-lhe que a Bem-aventurada Virgem estava tão deleitada com o seu Zelo e Devoção, que o visitaria no Dia seguinte em Pessoa, e lhe daria a sua Bênção para Consolação nos seus Sofrimentos e Mortificações; com o que o Tolo (o Frade, quero eu dizer) ficou arrebatado de Alegria, e preparou-se a si e a todo o Convento para a receber.

À HORA marcada, a esperada Delusão apareceu: A Bem-aventurada Virgem, vestida com a máxima Magnificência, adornada com Joias como costumava estar por Ocasião dos Festivais mais solenes; atendida por Anjos que eram vistos a voar em seu redor, como seus Pajens. N. B. Eram pequenos Anjos esculpidos que eram colocados na Igreja em Dias extraordinários, e agora colocados como Máquinas em volta da Aparição, e erguidos no Ar com Roldanas presas no Teto acima.

NESTE Equipagem, a Senhora Rainha do Céu, Mãe de Deus, foi trazida em Aparição ao seu pobre mortificado e humilde Servo; ela acarinhou-o com altas Expectativas de Afeção para com ele, exaltando o Mérito da sua Caridade ao sofrer tais Severidades pelo mero Amor de libertar uma pobre alma atormentada do Purgatório; confessou-lhe que fora concebida em pecado original; e disse-lhe que o Papa *Júlio*, que então ocupava a Cadeira, deveria pôr um Fim final a todas aquelas Disputas, e deveria abolir o Festival da sua Conceição.

Após muito mais no mesmo sentido, prometeu-lhe uma Missão para ir ao Santo Padre em seu Nome, para lhe assegurar da Verdade da Visão, e que era a sua Vontade que assim fosse; e em Confirmação de tudo isso, deu-lhe três Gotas de Sangue, as quais lhe disse serem as Lágrimas que Cristo verteu quando chorou sobre *Jerusalém*, com abundância de coisas semelhantes.

AQUI ESTAVA uma verdadeira falsa Aparição agora, formada para estabelecer uma Seita ou Sociedade particular; e uma Profissão particular, respeitante à imaculada Conceição; aqui poderiam os impacientes Frades ter posto Limites à sua Vingança, teriam tido uma Vitória completa sobre os Franciscanos. Aliás, tivesse o próprio São Francisco subido em Aparição do

outro lado, não teria equilibrado a Burla; pois todo o Mundo começava a dar Crédito à Aparição.

MAS os Padres não conheciam Limites; nada lhes servia senão novas Aparições ao Frade, e novas Mortificações aos Franciscanos; até que em suma o próprio *Jetzer*, por mais tolo e simples que fosse, percebeu a coisa, detetou a Burla e, escapando do Mosteiro, descobriu tudo aos Magistrados, tendo escapado duas vezes de ser envenenado por eles; assim toda a Fraude terminou no Patíbulo, ou antes na Fogueira, pois os quatro Frades foram condenados a ser queimados, e foram executados em conformidade.

A História da Descoberta não serve ao meu Propósito, pode ser vista em muitos Autores, tal como também o Julgamento, Sentença e Execução dos Criminosos em Berna, a 31 de Maio de 1509, onde foram todos queimados juntos. Mas esta Parte serve efetivamente ao meu Propósito, (a saber), que houve, e não duvido que ainda haja, uma grande quantidade de falsa Aparição imposta ao Mundo pelas Delusões de outros; e como esta reside principalmente entre o Clero, onde devemos procurá-la, senão onde ela se encontra?

NEM o Clero Pagão está livre das mesmas vis Práticas, a saber, forjar Aparições para confirmarem as suas Delusões; e as Histórias de todos os Países estão cheias de Relatos sobre tal, demasiados para repetir aqui.

AS Possessões e Exorcismos na lúgubre História dos Diabos de Loudun estão cheias de Aparições e Visões, pelas quais a miserável Fraude foi levada a cabo, e pelas quais tanta Vilania foi praticada, que é quase sem Exemplo; uma História que já encheu um Livro, e existe em muitas Línguas; uma Fraude não superada pelos *Bramanes* e Padres dos Pagãos na China, ou no Japão.

PODERIA a seguir entreter-vos com falsas Aparições postas em Prática pelo próprio Diabo, naqueles Países onde ele se fez adorar como um Deus, e onde sustenta todo o culto ao Diabo por Aparição; mostrando-se ora de uma maneira, ora de outra, conforme acha ser para o seu Propósito; e aparecendo um Dia em Fogo e Chama, noutra altura em Tormenta e Tempestade, numa terceira altura em Forma Humana e Familiar; e em tudo o Fim é manter o Pavor da sua Pessoa nas Mentes dos seus Adoradores, e preservar uma Reverência às suas Instituições, quaisquer que sejam.

SE podemos acreditar nos nossos Escritores de Viagens e Observadores das Coisas, o Diabo não só assume Forma Humana, como se insinua na real Pessoa de um Diabo junto das Mulheres, e de tal modo as possui (para não dizer mais) que comete horríveis e inomináveis Maldades com elas, tais que não podem ser sugeridas sem Horror. Noutros Lugares, a Aparição do Diabo é o Fundo do seu culto religioso, e ele tem Altares erigidos, e Sacrifícios, aliás, o que é pior,

Sacrifícios Humanos oferecidos a ele. Nestas horríveis Realizações, ele aparece em Formas terríveis, e os pobres Nativos ficam tão assustados com ele que o Medo apenas incita a Homenagem que lhe prestam, e assegura-lhe uma soberania inteira: pois o Medo pode, por tudo o que sei, ser a Característica de um Culto Pagão, tal como o Amor é a de um Cristão.

O grande Templo de *Montezuma* no México era pouco mais do que um horrível Açougue de Carcaças Humanas, cujo Sangue jazia salpicado ou arremessado contra o Muro, até ali jazer endurecido e congelado, se o Relato merece crédito, com mais de um Pé de espessura, e que sacrificavam pelo menos vinte mil Pessoas por Ano no único Pagode ou Templo.

OS Índios confessavam que tinham frequentes Aparições entre eles de Espíritos, aos quais chamavam por vários Nomes; e que o Grande Espírito, isto é, o Diabo, também lhes aparecia nos seus Grandes Festivais, em brilhante e extraordinária Aparição; para aprovar e aceitar o seu Culto e Homenagem, e não duvidar dos seus Sacrifícios também.

NA Cochinchina dizem-nos que o Diabo vai mais longe; pois ele não só se mostra em Aparição, mas profere oráculos mentirosos, ele próprio na sua própria Pessoa, e também segreda tais Respostas aos Padres que servem para manter um Decoro no seu Culto e uma secreta Reverência à sua Pessoa. E o Padre Borri diz que o Diabo caminha por lá tão frequentemente, e tão familiarmente em Formas Humanas, que eles não se perturbam de todo com ele.

Noutras alturas, como o mesmo Autor afirma, eles associam-se com Pessoas particulares em várias Ocasiões, e especialmente com as Mulheres, como acima; de modo que, em suma, nalgumas Cidades que são muito populosas, seria algo difícil distinguir entre as Pessoas reais e as Aparições. Até que ponto, se tal fosse examinado, não seria o mesmo entre nós, não pretendo dizê-lo.

QUEM sabe, na nossa Multidão de Cristãos divididos, se encontra um Santo ou uma Aparição; se fala com um Conselheiro ou com um Diabo? e a arte de discernir valeria de facto bem a pena possuir; de facto, valeria a pena comprar, se o Dinheiro a pudesse adquirir. Os Disfarces do Diabo são mui muitos, e a Aparição é um dos melhores, porque ele pode logo mudar de Formas, e mudar de Posturas, o que noutros Casos ele pode achar menos vantajoso para o seu Interesse.

Nem é fácil para a Humanidade chegar à Certeza, mesmo quando vê uma Aparição, se é uma Aparição Boa ou Má; e a melhor maneira de o descobrir, exceto aquela de julgar pelo Recado a que ele vem, e que já mencionei, é fazer-lhe a Pergunta diretamente; se ele equivoca e esquiva-se, conclui que é o Diabo; pois ele é um Trapaceiro e um Dissimulador desde o Princípio: se é um bom

Espírito, responder-te-á direta e honestamente, e dir-te-á o seu Negócio de uma vez; e é isto que pretendo dizer quando digo: FALA COM ELE.

SE descobrires que é um bom Espírito, ouve-o; se o Diabo, desafia-o; e quer seja um bom ou mau Espírito, não o temas; pois ambos estão sob Direção e Autoridade especial daquele que fez o Mundo e o governará, em cujas Mãos tu estás; e é bom que assim seja; Pois conforme o Bem está acima do Mal, assim Deus está acima do Diabo. Diz-lhe isso, e lança-lhe o teu Desafio, e se apenas o puderes fazer com um bom Coração ele foi-se; conta com isso, ele nunca te fará frente, *Probatum est*. Mas devo deixar os Enganos religiosos, pois eles são infindáveis; é tempo de falar de Aparições de outra natureza, menos sérias, e menos cansativas de ouvir.

1. Enquanto cruzava o estreito que separa a Europa da Ásia, a rapariga, cujo nome era *Helle*, escorregou e caiu na água. Afogou-se e o estreito recebeu o seu nome: o Mar de Helle, o *Helesponto*. *Mythology*, p.118.

2. História desconhecida.

3. Provavelmente Luciano de Samósata (n. cerca de 120 d.C.), autor. Era provavelmente aramaico, não grego.

4. Na Ásia Menor central, a sudoeste de Antioquia, era um arcebispado. *The Times Concise Atlas of World History*, p.27.

5. Traduzido literalmente, isto significa Luciano do Mar Morto. Quem seria este indivíduo é desconhecido.

6. Profeta, m. 632.

7. Variante do plural de ervilha (*pea*). OED, p.404.

8. Nome dado a algumas espécies de ervilhaca. OED, p.639.

9. Fonte desconhecida.

10. Suponho que Defoe esteja a falar da história de Gabriel vindo visitar Maomé no seu sono. Gabriel coloca Maomé sobre, dependendo de onde se lê a história, um asno que o leva ao templo. No templo ele sobe a "Escada de Luz" até ao céu. Uma vez no céu, progride através dos sete níveis com Gabriel como seu guia. Finalmente encontra Deus e são-lhe ditas coisas que se tornam partes básicas da sua religião, o Islão. *The True Nature of Imposture Fully Display'd in the Life of Mahomet*, p.55-67.

11. Um mártir (dia festivo, 23 de abril) m. 496. Existem vários elementos duvidosos em redor do seu nome, tais como a sua visita à Grã-Bretanha. A sua ligação ao dragão pode ter evoluído do mito pagão de Perseu. O único elemento histórico é

o seu martírio. *New Catholic Encyclopedia*. V.6, p.354. A menção ao milagre de São Jorge está na página 135 de *Voyage into the Levant* de Tournefort.

12. "Defoe... deu então com maior detalhe uma farsa contemporânea da ilha grega de Esciros, adaptando-a livremente da tradução de John Ozell de *Voyage into the Levant* de Joseph Pitton de Tournefort ([Londres, 1718] I, 337-338)." *Defoe and the Supernatural*, p.83.

13. Um grupo de ilhas gregas, das quais Esciros é membro.

14. A parte oriental do Mediterrâneo, com as suas ilhas e os países adjacentes. OED, p.861.

15. Aquele que promove ou tolera o cisma ou a quebra da unidade externa na Igreja. OED. p.620.

16. Isto pode ser pretendido antes como um termo genérico do que como um título real de um livro.

17. Ver capítulo sete, nota #36.

18. "Defoe relatou... a aparição de Cristo a São Pedro em Roma, uma aparição retirada de um sermão de Richard Smith — um sermão que Defoe republicou mais tarde nesse mesmo ano no seu *New Family Instructor* (p. 122-123)." (*Defoe and the Supernatural*, p.83).

19. Richard Smith D.D. (1500-1563). DNB, Vol.18, p.509-10.

20. Nicholas Ridley (1500?-1555), Bispo de Londres. DNB Vol.16, p.1172-6.

21. Hugh Latimer D.D. (1485?-1555), Bispo de Worcester. DNB, Vol.11, p.612-20.

22. Thomas Cranmer (1489-1556), Arcebispo de Cantuária. DNB. Vol.6, p.619-31.

23. (*College Hill*) Após a morte de Richard Whittington em 1423, os testamenteiros da sua herança obtiveram um alvará do Rei Henrique VI para a fundação de um Colégio de Padres e uma casa de caridade perto de St Michael Paternoster em College Hill. Os dois eram conjuntamente conhecidos como *Whittington College*, e quando o colégio de padres foi suprimido na Reforma, a casa de caridade (administrada pela Mercers Company) manteve o nome. *The London Encyclopedia*, p.962.

24. Aquilo que Cristo observou em Roma era Roma, e também Cristo observou Pedro em Roma; portanto Pedro estava em Roma.

25. Santo Abdias de Babilónia: lendário primeiro bispo de Babilónia. Foi nomeado pelos apóstolos Simão e Judas. É possivelmente o autor de uma coleção de lendas sobre os apóstolos. *New Catholic Encyclopedia*, V.l, p.14.

26. Por que não respondes, herdeiro de heréticos, meu pequeno herético?

27. Por ti e por mim.

28. Loudun é uma cidade na região de Anjou, frente a Chinon, do outro lado do Loire. *Atlas of Medieval and Modern History*, p.17.

29. Esta história é sobre a aparente possessão de várias das freiras, e do próprio convento, no convento das Ursulinas em Loudun em outubro de 1632. O Padre Grandier, o pároco, conseguira ofender as Ursulinas, Carmalitas e vários outros grupos católicos conservadores na área, tanto profissional como pessoalmente. As suas ações variaram desde um caso sexual com uma jovem que era parenta de um dos inimigos de Grandier, até à restrição dos residentes de irem a confissão a qualquer outra pessoa senão ele, e à rejeição dos avanços sexuais da Prioresa, Jeanne des Anges, no Convento.

    A prioresa e o padre arquitetaram várias partidas que levaram algumas das freiras a acreditar que estavam a ser assombradas. O padre, Cónego Mignon, começou a espalhar a palavra de que elas estavam possuídas por diabos, não apenas por aparições, e que Grandier era o feiticeiro que causara tudo. Eventualmente, Grandier foi queimado na fogueira por bruxaria. The Devils of Loudon.

## CAP. XV

### DAS APARIÇÕES IMAGINÁRIAS, AS APARIÇÕES DA FANTASIA,

### VAPORES, SONHOS ACORDADOS, CABEÇAS DELIRANTES E O HIPOCÔNDRIO

CONFORME o Diabo não é tão Negro como o Pintam, assim também não aparece em tantas Formas como nós criamos para ele; nós vestimo-lo com mais Fatos de Roupa, e mais Hábito de Mascarada, do que ele alguma vez usou; e questiono-me muito se ele, ao ver os Quadros e Figuras a que chamamos Diabo, se reconheceria por alguns deles ou não.

REQUERERIA mais Habilidade do que aquela de que, receio, sou Mestre, para vos trazer a todos a um Método correto de pensar sobre este Assunto; contudo, aventurar-me-ei a tal por via de *Ensaio*, para que possais formar tais Imagens do velho Cavalheiro na vossa Mente que não sejais enganados a seu respeito, que possais conhecê-lo quando o virdes, e não o chameis por outro nome, ou concedais os seus Títulos de Muito Respeitável a outrem.

É OBSERVÁVEL que, embora a maioria das Pessoas em todas as Partes do Mundo admita que existe tal coisa como um Diabo, um espírito maligno, um Arquinimigo da Humanidade; e que estejam bastante próximas umas das outras nas suas diversas Noções sobre ele; pois até aqueles Selvagens que o Adoram,

reconhecem que o fazem apenas para que ele não os fira; contudo diferem excessivamente nas suas Ideias sobre a sua Pessoa, e isto em quase toda a parte; e consequentemente segue-se que devem diferir nas suas Representações e Pinturas dele.

ALGUNS Pintam-no de uma maneira, outros de outra; e contudo observo que tão pouca Boa Vontade têm para com ele em qualquer lugar, que todos o Retratam tão feio, tão monstruoso e tão deformado quanto podem.

OUVI falar de alguns Pagãos que adoram uma Nuvem negra como o *Diabo*, porque ela fala frequentemente em Ruídos e sopra Fogo. Não posso senão dizer que adorar o Sol como um Deus, e o Trovão e o Relâmpago como um Diabo, me parece ter mais Senso do que muitos dos outros Ramos da Idolatria no Mundo; sendo um a semelhança mais natural do maior Bem, e o outro do maior Mal no Mundo.

A ALGUNS, dizem-me, o Diabo assemelha-se ou é representado por um grande Globo de Madeira esculpido ou cortado por todo o lado com Bocas, descritas em mil Distorções diferentes, figuras bocejantes, arreganhadas e vorazes; todas insinuando uma gananciosa e insaciável Sede ou Apetite de devorar e destruir; rolando-se continuamente, de modo que algumas das suas milhares de Bocas, estando por baixo, estão sempre bocejando e mordendo, e ingerindo algo, mas sempre insatisfeitas, estando as restantes ainda bocejando por mais.

Se esta representação hedionda não for fiel à sua Forma, creio verdadeiramente que é fiel à sua Natureza, e é muito *Emblemática*: os Pensamentos que faz nascer na nossa Fantasia podem não ser tão remotos como os que são formados por aqueles desenhos simples, Cómicos e contudo pretensamente assustadores que fazemos dele; com um Bico de Galo, Orelhas de Asno, Cornos de Bode, Olhos flamejantes, Asas de Morcego, Pé fendido e Cauda de Dragão; nenhum dos quais, exceto o último, tendo quer Antiguidade quer Autoridade que os sustente, que eu saiba.

É VERDADE que ele é descrito no Apocalipse como um *grande dragão vermelho*, e noutro Lugar como uma *Besta*, mas nenhum deles nos dá uma Ideia verdadeira da sua forma real.

ORA, se não conhecemos a sua Figura, como havemos de conhecê-lo em Aparição? pois se nada sabemos da sua Forma real, como julgaremos dele no seu Disfarce? Como haveremos de selecioná-lo em certas Ocasiões? Suponde que tínhamos de o procurar numa Mascarada; pela minha Parte não posso negar que poderia confundi-lo, e escolher um Padre, ou um Turco, ou um Funileiro ou um *Tarpaulin* [Marinheiro], e dizer que este é o Diabo, ou aquele é o Diabo, tão

depressa como o próprio real *Hydra-pates*, e deixá-lo passar talvez por um Zé-Ninguém que não valesse a pena notar.

COMO então, digo eu, temos tais Noções desorientadas dele, e o conhecemos tão pouco em qualquer das suas figuras e Disfarces bizarros, não é de admirar que confundamos cada Coisa feia, malformada e monstruosa, e a chamemos pelo seu venerável Nome.

QUÃO frequentemente o pobre e infeliz disforme *Z— M—* foi alvo de sobressalto, mesmo em pleno Dia; aliás, sob o próprio Sol? — Valha-me Deus! — diz uma bela senhora no *Mall*, um Dia ao passar por ele — com certeza aquele é o Diabo. — Porquê Irmã — diz ela à Senhora que estava ao seu lado —, não o viste? Vou-me embora, estou assustada até ao juízo: ora, se o encontrasse de novo, sumir-me-ia no Chão. — Lamento não o ter visto — diz a Irmã —, pois desejo imenso ver o Diabo; mas estava felizmente melhor empregada, pois precisamente naquele Momento Sir *G— D—*, essa Glória dos Heróis, o mais brilhante dos Homens, passou por mim; a minha Alma voou com ele, querida Irmã, mal regressou ainda. — Ó! És feliz, Irmã, tu viste um Ser Celestial, eu um Infernal; tu um Arcanjo, eu o Diabo: deixa-me ir, Irmã, pois estou perdida se o vejo de novo; se estivesse grávida daria à luz um Monstro.

NÃO andara ele mais vinte Jardas, quando um Grupo de Senhoras o encontrou; parece que eram Católicas Romanas, e todas se benzeram e olharam para o Céu, disseram cada uma delas uma *Ave* e um *Pater*, e seguiram tão depressa quanto puderam.

UMA SENHORA grávida teve a Infelicidade de ser a seguinte, a qual ficou tão assustada que caiu em ataques, foi para casa e abortou; e finalmente, o que foi mais infeliz, precisamente quando ele saía do *Mall*, na curva para *St. James's*, quase abalroou outra Senhora que estava mais perto do seu Tempo, e ela imediatamente pediu uma cadeira de braços, foi levada embora, entrou em Trabalho de parto e morreu no Parto.

E CONTUDO esta Peça de Deformidade, este Espantalho-Diabo, *Z— M—*, é um sujeito tão honesto e bem-humorado como qualquer outro que viva, e aconteceu-me vê-lo pouco depois. — O que fizeste, Zach? — disse eu — estiveste no Parque hoje? — Sim, estive — diz ele. — Porquê, o que se passa, alguma das Senhoras apaixonou-se por mim? — Sim, sim — digo eu — puseste o *Mall* inteiro em alvoroço. — Bem me pareceu — diz ele —; eu sabia que haveria de ter Admiradores tanto como outros *Beaus*: Por que não, por favor? mas que morram, sou Inexorável. — MAS sabes que Mal fizeste? — disse eu a Sério. — Eu não — diz ele —, mas suponho que possa ter assustado alguém ou outro com a minha Cara de Diabo; e que tem isso? como posso evitá-lo? Se não

gostam de mim, podem desviar os olhos de mim. — ORA não — digo eu —, parece que não conseguem. — NÃO, não, a Beleza é atrativa, bem o sabes, e a Deformidade também o é — diz ele —; se encontras um *Will with a Whip* não consegues desviar os olhos dele: Elas olharão para mim, não o conseguem evitar, e olham tanto tempo que, como vês, assusto de vez em quando uma ou duas ao ponto de se apaixonarem por mim.

— DURO Destino do Sexo — disse eu —, Zach. que os Homens sejam tão escassos que tenham de estar Apaixonadas pelo Diabo. Estou convencido de que muitas delas te tomam por uma Aparição. — ISSO é sinal de uma Ignorância horrível — diz ele alegremente —; ora, ele não é nem metade tão feio como eu sou. É Sinal de que o não conhecem; digo-te que o Diabo é um sujeito garboso comparado comigo, Jack. — TU és um cão feio, é verdade — disse eu —, mas és a criatura mais bem-humorada e de melhor índole que vive — disse eu —: pela minha Palavra, eu seria *Z— M—*, embora assustasse todas as Senhoras no Parque, para ter metade do Engenho, e do Senso, e do bom Humor que está coberto por tanta Deformidade. — E EU seria qualquer coisa exceto duas — diz ele —, para ser apenas tolerável para a Humanidade, e não assustar o Cavalo em que monto. — MAS duas! Que duas, por favor? — disse eu. — Haverá duas Coisas pelas quais não trocarias? — SIM — diz *Z— —*, não seria um Tolo ou um Mendigo; mas especialmente não a primeira.

ORA, qual é o Caso deste infeliz Cavalheiro? é precisamente o Inverso do que as Senhoras pensam dele; uma diz que ele é o Diabo, e outra diz que é o Diabo, e outra que é uma Aparição; e a última é verdade. Mas, de quê? não do Diabo, asseguro-vos. As Aparições, dizem, assumem geralmente uma Semelhança diferente; o Diabo nunca se Mascara em Deformidade, um Anjo pode fazê-lo; o Diabo põe muitas vezes a máscara de *Beau*, e de Beleza; ele é hoje um jovem e estrdidente janota, amanhã um *Smirk*, um *Spruce*, um Arlequim; hoje é uma senhora devota nas Orações, amanhã uma Coquete, um Mascarado no Baile; mas é tudo fino e esperto: ele muito raramente assume a Feiura, pois isso não seria nenhum Disfarce para ele.

PELO contrário, quando um brilhante Serafim se veste com Forma, assume o Extremo do seu Contrário; e uma Alma Divina e exaltada pode vestir o Hábito de uma Carcaça desagradável, para aparecer no Mundo numa Mascarada mais completa; e assim foi com o meu Amigo *Zach. M—*, o seu Exterior era de facto uma Mascarada para ele, ele era perfeitamente o Inverso do que aparecia, e tinha a alma mais brilhante e sublime que alguma vez foi envolta em Carne e Sangue, na Postura ou Hábito de algo mais feio de se olhar do que o Diabo.

NUMA palavra, ele era um Diabo para a Imaginação, pois toda a gente pensava no Diabo quando o via; iam para casa e diziam às suas Criadas e aos seus Filhos que tinham visto o Diabo, e contavam-no tantas vezes que acabavam por acreditar nisso eles próprios, e assim faziam dele uma real Aparição, como que pela mera força do seu extraordinário Semblante.

CONTUDO, o honesto Cavalheiro não tinha Cornos na Cabeça, nem Bico de Galo, ou um Pé fendido, asseguro-vos; mas era o mero *Zach. M—*, uma criatura tão alegre e tão bem-humorada como alguma vez viveu; cheio de Engenho, mestre de Erudição, de Temperamento, e de mil boas Qualidades, sem uma única má; nada de errado nele, ou sobre ele, exceto o seu Exterior, e quanto a esse, nada de tão assustador nos três Reinos.

ORA, se o encontro com o pobre mortificado e alegre *Zach. M—* haveria de levantar os Vapores entre nós e, de um pequeno Gracejo ao princípio, assustar as pobres Senhoras ao ponto de Aborto, Trabalho de parto e a Sepultura; fazê-las ir para casa e dizer em Jogo que tinham visto o Diabo, até acreditarem nisso a Sério: o que não poderá a semelhante Fantasia desgovernada, e Poder de uma Imaginação assustada, convencer-nos a pensar ou dizer?

UM SÓBRIO e grave Cavalheiro, que não deve usar Nome na nossa História, porque era antes um Transtorno na sua Mente do que uma real Deficiência de Juízo, tinha, por um longo desuso da parte viva do seu Senso, da qual ele realmente não tinha falta noutras alturas, sofrido a sua descida a um nível demasiado baixo nos seus espíritos, e deixara o Hipocôndrio emitir demasiado fortemente vapores e Fumores para dentro da sua Cabeça.

Isto tinha os seus Acessos e Intervalos; por vezes ele via com clareza e tinha a cabeça limpa, mas noutras alturas via Estrelas ao Meio-dia, e Diabos à Noite: Numa palavra, o Mundo era uma Aparição para a sua Imaginação, quando o *Flatus* prevalecia e o Baço fervia; de tudo o que ele não conseguia dar conta, nem conseguia auxiliar a Operação da Medicina com nenhum dos seus próprios Poderes para uma Cura.

ACONTECEU que ele estava fora, em casa de um Amigo, mais tarde do que o habitual uma Noite, mas havendo luar, e um Criado com ele, estava tranquilo, e foi observado estar muito animado, e até Alegre, com um grande bom Humor, mais do que fora observado nele há muito tempo.

CONHECIA o Caminho perfeitamente bem, pois era a menos de três Milhas da Vila onde vivia, e estava muito bem montado; mas embora a Lua estivesse alta, um Acidente que um pouco o transtornou foi que não estava apenas nublado, mas uma Nuvem muito espessa e negra veio subitamente (isto é, sem o seu Aviso, por isso foi subitamente para ele) e espalhou-se sobre a sua Cabeça, o

que tornou tudo muito escuro; e para acrescentar ao Transtorno, começou a chover violentamente.

PERANTE isto, estando muito bem montado, como disse, resolveu cavalgar a valer, não tendo mais de duas Milhas até à Vila; por isso, metendo Esporas ao Cavalo, galopou para longe. O seu Homem, cujo Nome era Gervais, não estando tão bem montado, estava bastante atrás. A Escuridão e a Chuva juntas puseram-no um pouco de mau Humor; mas como isso foi um pouco inesperado talvez o tenha feito cavalgar com mais força, em vez de diminuir o seu Passo.

NO CAMINHO havia um pequeno Rio, mas havia uma boa Ponte sobre ele, bem murada de ambos os lados; de modo que não havia Perigo ali, mais do que em qualquer outro lado: Mas o Cavalheiro manteve a sua velocidade para passar a Ponte, quando estando a pouco mais de metade, o seu Cavalo parou de repente, e recusou avançar, como dizemos, desviando-se para a mão direita; ele nada viu ao princípio, e não ficou muito desconcertado com isso, mas esporeou o Cavalo para seguir em frente; o Cavalo deu dois ou três Passos, depois parou de novo, resfolegou, e fitou, e depois tentou voltar-se bruscamente para trás; então o Cavalheiro olhando para a frente para ver qual era o problema, e se conseguia observar com que é que o Cavalo se assustara, viu dois olhos largos e fitos que, como ele disse, o olhavam fixamente na Face.

ENTÃO ficou ele de facto fortemente assustado; mas por esta altura ouviu o seu Homem Gervais a chegar. Quando Gervais se aproximou, a primeira coisa que ouviu o seu Amo dizer foi: — Valha-me Deus, é o *Diabo*! — ao que Gervais, um Sujeito de espírito baixo, ficou tão assustado como o seu Amo. Contudo o seu Amo, um pouco encorajado por ouvir o seu Homem tão perto dele, pressionou o Cavalo uma vez mais, e chamou em voz alta por Gervais para que viesse; mas este, como disse, estando assustado também, não se apressou: finalmente com muito custo o seu Amo, esporeando o Cavalo de novo, atravessou a Ponte, e passou pela Criatura com olhos largos, a qual (aumentando a Luz um pouco) ele afirmou positivamente, depois de ter passado, ser um grande URSO preto, e consequentemente devia ser o Diabo.

EMBORA Gervais estivesse suficientemente perto, contudo temendo que o seu Amo o pusesse a ir à frente, manteve-se tão longe quanto pôde: Quando o Amo o chamou ele respondeu de facto, mas não avançou, pelo menos não se apressou muito; mas vendo que o seu Amo tinha passado, e que ele próprio estava então obrigado a seguir, seguiu suavemente, e quando chegou à Ponte, viu o que era que fizera o Cavalo do seu Amo resfolegar, e recusar seguir; sobre o que ouvireis mais em breve.

O CAVALO do seu Amo tendo passado a Dificuldade, não precisou de Esporas, mas (como os Cavalos assustados fazem) voou como o Vento; e continuando a Chuva, o seu Amo, que por muitos motivos desejava estar em casa, deixou-o ir; de modo que estava em casa e entrou na Casa, muito antes de o seu Homem Jervais o conseguir alcançar.

O AMO, assim que entrou na Luz, desmaiou, e o Susto tivera tal efeito sobre ele que, quando com muita Dificuldade o trouxeram a si, continuou muito mal; e quando a sua Senhora, e uma Irmã que ele tinha na Casa com ele, tão possuídas pelo *Hipocôndrio* como ele próprio, vieram inquirir o que lhe acontecera, ele contou-lhes uma história formal, que em tal Ponte encontrara o Diabo; que ele se colocara precisamente à saída da Ponte, à sua mão esquerda, ao Canto do Muro; que estivera parado e lhe fitara na Face, e que ele pudera distintamente perceber que era o Diabo na Forma de um Urso: Deu outras Descrições, tão pontuais e particulares, que não havia espaço para duvidar que fora uma Aparição, e que fora na Forma de um grande Urso.

GERVAIS chegou a casa pouco depois, e indo diretamente para a Estrebaria, como era o seu Ofício, para cuidar do Cavalo do Amo bem como do seu próprio, ali contou a História à sua Maneira, entre os outros Criados, e especialmente a dois ou três Moços de estrebaria e Criados pertencentes a Cavalheiros que eram Vizinhos; e diz-lhes ele que o seu Amo correra grande perigo de ser atirado por cima do Muro da Ponte, pois o seu Cavalo assustara-se com um Asno que estava precisamente ao Canto do Muro; e foi de facto *Culpa* minha — diz Gervais — pois era um Cavalo jovem, e eu nunca contara ao meu Amo; mas era um Vício que ele tinha que não podia suportar um Asno, e de modo algum se aproximaria de um se pudesse evitá-lo.

— E TENS a certeza que era um Asno, Gervais? — dizem os outros Criados, fitando-se uns aos outros como se estivessem assustados: — Tens a certeza disso? — Sim — diz Gervais — pois mal o meu Amo passou por ele, cavalguei até ele e malhei-lhe com o meu Pau, e ele pôs-se a zurrar, o que bem sabeis — diz Gervais — é um ruído baixo e feio, e então vim-me embora e deixei-o.

— ORA Gervais — dizem eles —, o teu Amo acredita que era o Diabo, tão realmente como se lhe tivesse falado. — Lamento que o meu Amo ficasse tão assustado — diz Jervais —; mas tenho muita certeza de que não era nada senão um Asno. — Mas a História ganhara Vento, e a primeira Parte dela voou por toda a Vila, que o Sr. — vira o Diabo, e estava quase assustado até à Morte.

ENTÃO veio o Conto do seu homem Jarvais, e fez parecer que a estranha e maravilhosa Aparição do Sr. — se reduzira a um Asno, e que o Diabo que ele vira na Forma de um Urso não era mais do que um pobre *Borrico*, como lhe

chamam os Italianos; isto fez com que o seu Amo fosse suficientemente alvo de riso.

CONTUDO, o pobre Jarvis ou Gervais teve de ser despedido e perdeu o seu Lugar por causa disso; e o sábio Sr. — até ao Dia de hoje insiste que era o Diabo, e conheceu-o pelos seus olhos largos; embora se saiba que um Urso tem olhos muito pequenos: mas é impossível persuadir qualquer Corpo Vaporoso de que não viram o Diabo, se apenas viram algo, e têm muita certeza de que não têm certeza do que é.

REMBRO-ME de uma Delusão quase tão grosseira, cuja Memória creio que permanece como Verdade até ao dia de hoje. Não longe da Vila de *Dorking*, em *Surrey*, o Povo, ou antes algumas Pessoas, alimentaram a Noção, a partir da seguinte Passagem, de que um Fantasma caminhava em tal Lugar; que ela (pois era uma antiga Senhora falecida recentemente) era vista pairando em redor da Casa senhorial que fora deixada inabitada por algum tempo, que ela andava de um lado para o outro na Casa mui frequentemente, durante o Dia, fazendo um ruído de estrondo e de chocalhar; e durante a Noite caminhava nos Campos vizinhos com uma Vela na Mão, e que embora o Vento soprasse com toda a força, não apagava a Vela; que por vezes aparecia no Campo aberto, por vezes em cima das Árvores, e particularmente havia uma pequena Charneca perto de *Dorking* chamada *Cotmandene*, onde se dizia ser frequentemente vista.

HAVIA uma Escola interna de Rapazes naquela Vila, onde havia em particular alguns rapazes de Londres malandros, que planearam todo este *Vaguear* do Princípio ao Fim; Primeiro, arranjaram uma corda pequena e, atando uma extremidade dela a uma cadeira velha que estava numa sala superior da Casa (pois tinham encontrado meios de entrar e sair da Casa a seu bel-prazer), trouxeram a outra extremidade da corda para baixo pelo Lado de fora da Casa num Lugar privado onde não pudesse ser facilmente vista, e por esta puxavam a cadeira velha para cima, e depois deixavam-na cair de novo, e faziam um grande Ruído na Casa, de modo a poder ser facilmente ouvido pelos Vizinhos; então outros Rapazes do mesmo Bando tratavam de gritar para as velhas nas Casas vizinhas que agora podiam ouvir a velha Senhora a pregar as suas Partidas; e consequentemente elas reuniam-se todas no Pátio, onde podiam claramente ouvi-lo, mas nenhuma se aventurava a subir as Escadas.

SE algum se oferecesse para subir um pouco, tudo ficava quieto novamente; mas logo que se retiravam, o estrondo recomeçava: isto era durante o Dia.

À NOITE, um destes rapazes azarados arranjara uma *Lanterna de furta-fogo*, que era uma coisa que a gente do Campo não entendia, e com ela caminhava por todo o Pomar, e por dois ou três Cercados perto da Casa, ora mostrando a Luz

deste lado, e logo todos os seus Camaradas chamando todas as velhas em redor para a verem, e de repente a Luz apagava-se, fechando o rapaz a Lanterna; e então ele corria velozmente através de todo o Campo, e mostrava a Luz novamente do outro lado.

Ora estava em cima de uma Árvore, depois na Estrada, depois no meio da Charneca; de modo que a gente do Campo não punha mais em Questão que a velha Senhora caminhava com uma Vela na Mão, do que punha em questão o terem visto a Luz dela; e numa palavra, passou por uma Aparição tão certamente como nós, por outro lado, sabíamos que Velhacaria agitava tudo aquilo.

DEVE confessar-se que uma lanterna de furta-fogo, unida a uma Cabeça Entusiasta, poderia prevalecer para fazer tal Burlice colher junto de gente fraca e beata, que estava mui disposta a dizer antecipadamente que tinha a certeza de que algo *vagueava*.

QUANDO ouviam a Cadeira tombar na Câmara, embora puxada por um Cordel e ninguém estivesse perto dela, nem em toda a Casa, as Pessoas que se reuniam no Pátio imaginavam muitas vezes ver Cabeças de gente movendo-se para cima e para baixo na Sala onde estava o Ruído, e uma disse positivamente que viu um Toucado branco.

MAS para realizar a Delusão, uma gritou: — Ali está o Espírito, ali está o Fantasma —, precisamente em tal Lugar da Janela; e afirmou que estava junto ao Vidro, e descreveu-o; outra, tão cega-pelo-luar como ela própria, diz: — Sim, ali está —, e aponta perentoriamente para o Lugar, declarando que o vê claramente; e assim fogem com a ideia todos juntos, de que o Fantasma caminha e a Casa está assombrada, e por muito tempo não se acredita noutra coisa; quando aqui não havia nada senão a reles Invenção de uns quantos rapazes.

A NOÇÃO de Espíritos aparecerem para descobrirem onde Dinheiro fora enterrado, para dirigirem as Pessoas a escavarem por ele, prevaleceu tão universalmente entre as Mulheres, e eu poderia dizer e até entre os Homens também, que é impossível batê-la fora das suas Cabeças; e se vissem qualquer coisa a que chamassem Aparição, segui-la-iam até ao Dia de hoje, na esperança de a ouvirem dar uma Patada no Chão, como com o seu Pé, e depois desvanecer-se; e se ela realmente o fizesse, não falhariam em escavar até ao Centro (se fossem capazes) na esperança de encontrarem um Pote de Dinheiro ali escondido, ou alguma Urna com Cinzas e Medalhas Romanas; em suma, ou algum Tesouro considerável.

UM Cavalheiro de CAMPO tinha uma casa de construção antiga, que era o que restava de um antigo Mosteiro Demolido ou Casa Religiosa, e resolveu mandá-la deitar abaixo, mas pensou ser o Custo demasiado para despender; por

isso lembrou-se de um Estratagema, que foi espalhar que a casa estava assombrada, e isto fê-lo tão artisticamente que começou a ser correntemente acreditado; pois fez com que um sujeito se vestisse de Branco e passasse velozmente através do pátio interior da Casa, precisamente numa altura em que marcara com outros para estarem à Janela a vê-lo.

DERAM Aviso à casa de que havia uma Aparição; então o Amo e a Patroa e toda a Família foram chamados à Janela, onde, embora estivesse tão escuro que não pudessem distinguir o que era, contudo viram claramente a coisa em branco atravessar o Pátio, e entrar pela Porta do velho edifício; pouco depois de ter entrado perceberam um Clarão de fogo na Casa, que fora planeado para o sujeito fazer com um pouco de Enxofre e outros Materiais de propósito, de modo a deixar um Fedor de enxofre atrás de si, mas não ser precisamente o Cheiro de pólvora.

CONFORME ele esperava, a coisa começou a funcionar; algumas Pessoas fantasiosas tendo notícia disso, e começando a desejar ver a mesma Aparição, tiveram a ocasião oferecida e viram-na na sua maneira habitual de se mostrar; o seu frequente caminhar era ordinário, numa parte da Casa onde o Espírito tinha oportunidade de se esgueirar por uma Porta para outro Pátio, e assim para dentro da casa de habitação; e quando se retirava por esse caminho dava uma grande patada com o seu Pé, e imediatamente desaparecia.

PERANTE isto disse-se logo que havia Dinheiro escondido, e o Cavalheiro espalhou que escavaria ali por ele, e as Pessoas ficaram mui ansiosas por que tal se fizesse; contudo o Cavalheiro pareceu arrefecer na matéria: ainda assim a Aparição era vista vir e ir, caminhar de um lado para o outro, quase todas as Noites, e ordinariamente desvanecia-se num clarão de fogo como acima, o que em suma era mui extraordinário.

POR fim, algumas das Gentes da Vila na Aldeia adjacente, achando que o Cavalheiro começava a desprezar ou negligenciar o assunto, espalharam que se o Escudeiro lhes desse licença, eles escavariam, pois que certamente Dinheiro estava ali escondido; aliás, se ele consentisse que ficassem com ele se o encontrassem, eles escavariam por ele e encontrá-lo-iam também, embora deitassem a Casa toda abaixo.

O CAVALHEIRO respondeu que não era justo para ele que deitassem a sua Casa abaixo e ficassem com tudo o que encontrassem também, que isso era demasiado duro; mas ele consentiria nisto: que desde que eles levassem todo o Entulho, e todos os Materiais que deitassem abaixo, e empilhassem os Tijolos e a Madeira no Pátio perto da Casa, e ficassem contentes com metade do que encontrassem, ele dar-lhes-ia licença para escavarem.

BEM, eles consentiram, e deitaram mãos à obra; o Espírito ou Aparição que aparecera ao princípio pareceu apontar o Lugar, e a primeira coisa que deitaram abaixo foi uma grande pilha de Chaminés, e uma pesada peça de trabalho foi; mas o Cavalheiro, querendo encorajá-los, escondeu secretamente sete e vinte Peças de Ouro num buraco na chaminé, que não tinha entrada senão por uma passagem, a qual ele tapou com Tijolo.

QUANDO chegaram a este dinheiro ficaram perfeitamente deludidos, e fora de si; o Cavalheiro por acaso estava perto, mas não precisamente sobre o Ponto quando foi encontrado, e ele sendo chamado, muito francamente deu-lho todo; mas sob Condição de que não esperassem o mesmo, se encontrassem mais algum.

NUMA palavra, esta Burla fez os sujeitos do Campo trabalharem como Cavalos, e mais entraram para o grupo; mas o que os encorajou mais foi que realmente encontraram várias coisas de Valor no deitar abaixo da Casa, que talvez tivessem jazido escondidas desde o tempo da Demolição como casa religiosa; e algum Dinheiro foi encontrado também; mas a contínua expectativa e esperança de encontrarem mais de tal modo animou os sujeitos que, em suma, deitaram a Casa toda abaixo; aliás, eu poderia dizer que a arrancaram pelas Raízes, pois escavaram os próprios Alicerces, que era o que o Cavalheiro desejava, e teria dado uma grande quantidade de Dinheiro para ter feito.

NEM deixaram a Casa num monte de Entulho; mas, de acordo com o seu Ajuste com eles, levaram os Materiais para longe, e arrumaram a Madeira e os Tijolos velhos num Pátio adjacente como ele lhes dirigiu, e em boa ordem também.

TÃO violenta foi a Persuasão de que (perante esta imaginada Aparição caminhando na Casa) Dinheiro estava ali escondido, que nada conseguiu parar a ânsia da gente do Campo no trabalho; como se as Almas das velhas Freiras ou Frades, ou o que quer que fossem que tivessem escondido qualquer Tesouro ali, supondo que algum estivesse escondido, não pudessem estar em Descanso, como se dizia noutros Casos, ou pudessem estar de algum modo preocupados com o achado do mesmo tantos Anos depois, sendo quase duzentos Anos.

SE podiam supor qualquer coisa tão fraca, onde deviam supor que aquelas Almas Partidas ou Fantasmas tivessem estado, durante todo esse tempo? e por que não apareceram antes? o que tinham todas as eras anteriores feito para serem tanto menos do seu Favor, que não vieram descobrir-lhes este Dinheiro? mas que o Depósito devesse permanecer debaixo de Terra tanto tempo, sem qualquer inquirição por ele, até que este Século, de modo algum mais digno do que os seus Antepassados, devesse ser informado dele.

NÃO HÁ coisa na Natureza tão geralmente aceite que tenha tão pouco Fundamento, quer na Razão quer na Religião, quer na Natureza quer no sentido comum; parece não só absurda, mas ridícula; não só não há razão religiosa nela, como é inconsistente consigo própria: o que parece apenas maravilhoso e inexplicável nisto é que coisas tão grosseiras consigam formar tais Impressões, e que seja tão impossível batê-las fora das Cabeças das pessoas possuídas.

SE lhes oferecêsseis dizer que nenhum dinheiro escondido foi alguma vez assim descoberto, rir-se-iam disso como do maior Jogo imaginável, e dir-vos-iam que havia quinhentos Exemplos do contrário; e contudo em toda a minha Busca após essas coisas, e após evidência de Facto, não consigo chegar a um único Exemplo onde quer que uma Aparição tenha dirigido para o achado de Dinheiro escondido no Chão ou na Terra, ou em qualquer outro lugar, e que qualquer Comprovativo Autêntico tenha sido trazido para o provar.

SEI que houve muitas, talvez milhares, de tais Histórias contadas, e os Particulares são transmitidos com elas; mas digo que nunca encontrei Prova Autêntica do Facto, tal que a História pudesse ser contada depois deles por Verdade, e que um Homem pudesse dizer sem Corar que acreditava nela. E entremos um pouco na maneira habitual em que esses Contos são relatados, parece haver algo de tão fraco e tolo no contar, como se fosse apenas calculado para Crianças e cantos de chaminé: por exemplo; a Aparição é chamada um Fantasma, é vestida (para servir à fraqueza da imaginação) numa Mortalha, como se viesse precisamente para fora do Caixão e do Adro, e como se o Hábito dos Mortos fosse assumido para possuir as Pessoas com a Fantasia de ser realmente o corpo morto da Pessoa, e contudo permitir-lhe ao mesmo tempo ser um Espírito.

BEM, quando ele vem, e (seja ele o que for) se forma em Aparição, todo de branco, e numa Mortalha; o que se segue? não vos diz nada, mas vai à vossa frente; e talvez fale e vos ordene que vades ou venhais com ele, ou talvez sem falar de todo, guiando e acenando às Partes a quem apareceu para que o sigam, e depois dando uma patada com o Pé desaparece de uma vez.

ESTA Patada com o Pé é considerada uma Direção para vós escavardes precisamente ali, a fim de encontrardes algum Tesouro extraordinário; e seria considerado mui estúpido e sordidamente bronco aquele que negligenciasse a Direção, e não escavasse ali; e muitas covas vãs e infrutíferas foram escavadas em tais ocasiões, para propósito nenhum.

MAS para que não declare a minha Infidelidade nestas coisas de uma maneira irracional, e descreia sem qualquer Razão justa; permiti-me que vos dê uma longa História, que parece ter sido deixada em Registo, de um Mascate na Vila

de — em *Suffolk*, uma História acreditada tão certamente como o Evangelho; e a Verdade da qual se pensaria ser muito absurdo alguém questionar.

HAVIA um Mascate, diz a História, que costumava viajar pelo Campo com a sua Carga, mas mantinha uma Câmara ou Armazém na Vila de Mercado para o depósito e guarda de alguns Bens que ali tinha, e que eram demasiados de uma vez para carregar todos consigo.

ACONTECEU que este Homem, estando fora até tarde e vindo para casa com a sua Carga, sentou-se sobre uma Vedação, descansando a sua Carga ao mesmo tempo para seu Alívio: enquanto ali estava sentado, aproximou-se dele um Fantasma, na Aparição de uma Mulher vestida como acima; aproximou-se dele com um Semblante sorridente, e quando se descobriu recuou, e levantando uma bela mão branca acenou-lhe com um Dedo para que a seguisse.

O MASCATE, assustado como estava, imediatamente seguiu a Aparição; (o que ele fez entretanto com a sua Carga é uma lacuna na História, que a Tradição não supriu;) a Aparição guia-o desta maneira, andando para trás e acenando com a Mão através de dois ou três Campos, até chegar a um lugar particular, onde jazia uma grande Pedra, e ali dando uma patada com o seu Pé desapareceu.

O HOMEM percebe a dica, marca a Pedra, vai para casa carregar a sua Carga, como devemos supor, e sai na Noite seguinte com uma Enxada e uma Picareta, e deita mãos à obra para escavar uma grande Cova na Terra.

NÃO escavara muito, ao que parece, (embora a História não diga exatamente quanto) mas encontrou uma grande Arca; digo grande, pois não poderia ser pequena, pelo que ouvireis em breve. Redobrou a sua Diligência quando chegou à Arca, e com grande Trabalho por fim tirou-a do lugar; e podemos supor que não tardou muito até encontrar meios de a rachar, e entrar no seu interior para ver o Conteúdo; pois achou-a mui pesada quando trabalhou para a tirar.

NUMA palavra, encontrou a Arca cheia de Prata, isto é, cheia de Dinheiro; então mantendo o seu próprio Conselho, tratou de o depositar de modo a que, a pouco e pouco, levou o Dinheiro todo seguro para casa, e depois disso levou a Arca para casa também.

QUAL foi a Soma que ele aqui encontrou, a História não é particular; mas parece que o vulto era tal que o Mascate achou por bem deixar de viajar pelo Campo como mascate, toma uma Casa na Vila, fornece-se de uma Loja, e torna-se um Habitante estabelecido e Lojista. Durante o seu aparecimento nesta figura, aconteceu que estando a Igreja Paroquial excessivamente velha e fora de Reparação, os Paroquianos (quer por ordem do Diocesano numa Visitação, quer

por ato voluntário e feito deles próprios os Paroquianos, não sei), resolveram Reparar a Igreja.

A FIM de fornecerem as somas necessárias para esta boa Obra, convocam uma Assembleia, e propõem uma Subscrição dos Habitantes para suportar a Despesa; assim o Ministro e os Mordomos da Igreja andam de Casa em Casa para verem o que os Caritativos Paroquianos contribuiriam, e entre os demais chegaram por fim à casa do Mascate (agora Lojista), e sendo-lhe dito o seu Assunto ele deseja que entrem.

APÓS algum Discurso, e talvez obsequiando os seus Vizinhos, ele pede o seu Rolo ou Papel de subscrição, a fim de subscrever; olhando o Rolo vê Sir Thomas — cinco Libras, outro Cavalheiro cinco Libras, outro dez Libras, outro quarenta Xelins, e por aí fora: — Vinde — diz ele — dai a um pobre Mascate a pena e a tinta; será que a vossa Nobreza não subscreve mais do que isso? — assim pega na Pena, e subscreve umas cinco e vinte Libras.

ALGUM tempo depois disto, tendo Ocasião de fazer uma *Meia-porta* para a sua Porta da Loja, como no Campo é muito frequente, aconteceu que mandando buscar um Operário para fazer a sua Meia-porta, e procurando entre a sua tralha velha, nada encontrou tão próprio como a velha Arca em que o Dinheiro fora encontrado, e consequentemente uma Meia-porta foi feita dela.

UM POUCO depois disto, estando o Mascate sentado na sua Loja, observou que um Antigo Cavalheiro que vivia na Vila, e que tinha a Reputação de Erudito, e particularmente de grande Antiquário, estava debruçado mui empenhadamente, com os seus Óculos postos, sobre a sua nova Meia-porta: Isto trouxe o Mascate à porta, o qual após esperar um bom bocado para ver o que era que o velho Cavalheiro descobrira, por fim perguntou-lhe o que encontrara ele sobre a sua nova Meia-porta que fosse digno de tanta da sua Atenção.

— NA VERDADE Vizinho — diz o Cavalheiro — o que observo é mui notável, embora não consiga dizer o Significado disso; e suponho que esteja num Carácter que não consigas facilmente ler, bem como numa Língua que possas não entender. O Mascate desejou que ele lha lesse. — ORA — diz o Cavalheiro — tu não a entendes, quando eu a tiver lido. — MAS Senhor — diz o Mascate — não me pode dizer o significado disso em Inglês? — ORA — diz o velho Cavalheiro — é o velho Inglês Saxónico no antigo Carácter Gótico, e pode ler-se assim:

*Onde Isto outrora esteve Jaz outro duas vezes tão bom.*

— HUM! — diz o Mascate — isso é coisa velha de facto: o que pode significar? — ORA — diz o Cavalheiro — isso não sei eu, pois quem pode dizer

onde isto esteve? — SIM, quem de facto? — diz o Mascate — e se soubessem, o que pode haver nisso?

TIVERAM um pouco mais de conversa desse tipo; mas em suma o Mascate livrou-se do velho Cavalheiro logo que pôde, e começou a ruminar sobre a coisa; *onde isto esteve!* — Ora eu sei muito bem — diz ele para si próprio — onde isto esteve; devo ir ver, pode ser que haja mais do mesmo.

MAS depois argumentou: ora isto foi há tantos Anos (seis ou sete pelo menos, ao que parece) e se foi um Fantasma ou Espírito que me mostrou o caminho para ele, garanto que já mostrou a outra pessoa o caminho para o resto: De facto não o mereci, por não ter procurado mais além quando lá estive; com certeza já desapareceu por esta altura.

ASSIM ele argumentou consigo próprio quase ao ponto de desistir da coisa novamente, até que por fim contou à sua Mulher, que ao que parece estivera no Segredo antes. — ORA, estás louco — diz ela — por que não vais imediatamente ao lugar? — ORA — diz ele — não sei se consigo encontrá-lo outra vez ou não, agora. — O QUÊ — diz a sua Mulher — tem o Diabo de vir mostrar-to outra vez? com certeza não és tão bronco que não o consigas encontrar outra vez.

BEM, o homem foi contudo; de facto a sua Mulher quase o expulsou de casa: — Vai, tenta — diz ela — o mais que pode ser é voltares sem ele. Ele vai, e encontrou o lugar em geral, mas não conseguia distinguir o Ponto particular, que fora nivelado em parte por ele próprio quando enchera a Cova novamente, e em parte coberto de erva e Mato; por isso volta novamente, e diz à Mulher que não conseguia dizer qual era o Lugar, de modo a ser suficientemente particular para deitar mãos ao Trabalho.

— BEM — diz a sua Mulher — vai de Noite; garanto-te que o bom Diabo que te mostrou o primeiro te porá em algum caminho de encontrares o resto, se houver mais algum. Assim convencido pela Importunidade da Mulher lá foi ele, e creio que dizem que a sua Mulher foi com ele; tendo chegado ao Lugar, a Aparição apareceu-lhes novamente, e mostrou-lhes, na mesma maneira de antes, o próprio Ponto; e depois desapareceu.

EM suma, o homem deitou mãos ao trabalho, e escavando um pouco mais fundo do que fizera antes, encontrou outra Arca ou Cofre, cintado de Ferro, não tão grande como o outro, mas mais rico; pois conforme o primeiro estava cheio de Prata, assim este estava cheio de Ouro. Levaram-no para casa com Alegria que chegue, como podeis supor, e abrindo-o, encontraram (como acima) um Tesouro muito grande. A Fama não transmitiu a Soma; mas algo pode ser adivinhado pela última parte da História, que é contada assim:

PARECE que durante todo este tempo o Reparo da Igreja (mencionado acima) corria lentamente; de acordo com o velho Dito, era *Trabalho de Igreja*; e sendo convocada uma Assembleia sobre algum outro assunto de igreja, o Mascate, que estava presente entre os demais seus Vizinhos, aproveitou a ocasião para se queixar de que achava que o Negócio não estava a ser honestamente gerido, que era de facto como Trabalho de Igreja, levado a cabo pesadamente.

ALGUNS dos Cavalheiros repreenderam-no um pouco e disseram-lhe que ele assumia demasiado; que aquilo não era da conta dele; que ele não detinha o encargo da Obra; que aqueles a quem fora cometida conheciam o seu Ofício, e que ele deveria deixá-lo em paz e cuidar da sua Loja.

ELE respondeu que era verdade que não lhe fora confiada, pois se tivesse sido, já estaria acabada há muito; e que tinha o direito de se queixar, porque pagava para ela tão bem como as outras Pessoas; acrescentando que, se não se despachassem, ele queixar-se-ia ao Bispo e obteria outra Visitação.

ISTO alarmou as Pessoas encarregadas, pelo que lhe deram boas Palavras e disseram-lhe que a verdade era que o fundo da Paróquia estava quase esgotado, e que não tinham Dinheiro para prosseguir até que os Cavalheiros aceitassem uma segunda Coleta.

— DIZEM vossas mercês tal? — diz o Mascate; — pode haver alguma Razão nisso; não se pode prosseguir de facto sem Dinheiro; mas digam-me lá, de quanto precisam?

DISSERAM-LHE que custaria perto de mais duzentas Libras para a terminar, e ainda assim apenas sofrivelmente; pois o Telhado precisava de ser retirado, e temiam que a Madeira estivesse podre e exigisse tanto acréscimo que tinham medo de olhar para aquilo.

NUMA palavra, ele ordenou aos mordomos da igreja que convocassem uma Assembleia sobre aquele Assunto particular, e que ele os poria em caminho de a terminar.

UMA ASSEMBLEIA foi convocada; o Mascate disse-lhes que, visto serem pobres e não conseguirem angariar Dinheiro para prosseguir com a obra, deveriam deixá-la por conta dele, e ele terminá-la-ia para eles.

EM CONFORMIDADE, ele tomou a Obra sobre si, despendeu perto de mil Libras e quase reconstruiu a Igreja; em Memória do que, nos vitrais, figuram as imagens do Mascate e da sua Carga e (conforme a Fantasia do Povo) ali está também a Aparição acenando-lhe para que venha ao Lugar onde ele escavou o Dinheiro.

ATÉ AQUI a História. Como a Tradição a veio transmitir até nós desta maneira, e assim a tornou numa Fábula, nada tenho a ver com isso; mas a Parte real e mais provável do Conto está registada desta forma:

QUE havia um *Pether*, assim lhe chama o velho inglês, isto é, um Mascate, que tendo-se habituado longamente a viajar pelo país com o seu Cavalo, e a sua Mulher, e ele próprio, todos três carregados com os seus Bens, e indo de Casa em Casa por muitos Anos, enriquecera pela sua Indústria; e que sendo demasiado velho para continuar a parte laboriosa, tomara um Alojamento, primeiro na Vila, e vendia os seus Bens numa câmara, e apenas nos Mercados, mas depois tomara uma Casa e uma Loja na praça do Mercado, e fizera grande Comércio.

QUE, tornando assim muito rico, contribuíra, aquando da primeira subscrição, com vinte e cinco Libras para o Reparo da Igreja; e depois disso, achando que eles careciam de Dinheiro para a terminar, tomou a Obra inteiramente na sua própria Mão, e acabou a Igreja à sua própria Custa; e que a Paróquia, em Gratidão à sua Memória, mandou pintar a figura do Mascate no vidro, onde o Mascate e a sua Carga são representados num Lugar viajando pelo país, através do qual ganhava a vida.

NOUTRO Lugar, há Trabalhadores escavando os Alicerces da Igreja, e o Mascate dando-lhes Direções sobre o que fazer e como proceder; e noutro, a Igreja está construída até grande altura, e quase até ao Telhado, e o Mascate ainda dirigindo.

NOUTRO Lugar, um Anjo está pintado de pé junto ao Mascate, apontando com uma Vara ou Cajado na Mão para um Lugar onde o Mascate põe dois Trabalhadores a escavar.

ORA, pelo facto de o Mascate ter enriquecido tão inesperadamente, a Fama comum ao que parece levantou o Relato de que ele encontrara uma Arca de Dinheiro no chão, e depois outra. Parece também que existe uma Origem para os dois Versos também, que é esta: quando o Mascate primeiro contribuíra com vinte e cinco Libras para a construção da Igreja, e contudo, os paroquianos lhe disseram que não podiam prosseguir por falta de Dinheiro; ele disse-lhes que não deviam desanimar, ele dera-lhes um Saco de Dinheiro, e, diz ele, *onde aquele esteve, jaz outro duas vezes tão bom*: fá-lo-ei eu mesmo.

DAQUI pensaram eles que o Mascate devia certamente ter encontrado algum Dinheiro que fora escondido no Chão, e que o Diabo lho descobrira; e assim veio toda a História a crescer pouco a pouco na Forma como a contei; e agora para a confirmar ainda mais, dizem-nos que o Anjo, que talvez pudesse estar apenas sofrivelmente pintado no Vidro, ou no Muro da Igreja, é tirado do Fantasma que

descobriu as duas Arcas de Dinheiro ao Mascate, e está a mostrar onde escavar por ele.

ASSIM a História de uma Aparição é transmitida à Posteridade, e agora é correntemente acreditada no Campo, quase como o Evangelho; e qualquer Homem seria julgado muito audaz se pretendesse contradizê-la, ou dizer que não é verdadeira em cada Particular.

SE todas as Histórias de Aparições que levam as Pessoas a escavar por Dinheiro fossem tão bem rastreadas como esta, creio que poderiam ser achadas como claramente fictícias. A Invenção tem sido imensamente fértil sobre este tipo particular de Noção: que quando o Dinheiro está escondido algum espírito ou Aparição o descobrirá; como se as Almas daqueles que esconderam o Dinheiro estivessem perturbadas até que este fosse encontrado e utilizado.

QUÃO absurda é a própria Sugestão em si, mal creio valer a pena falar dela novamente; mas há também outras Dificuldades nisso, se uma Aparição sabe de e descobre este Dinheiro.

1. POR QUE não o descobrir mais cedo? Por que deixá-lo jazer no Chão, por vezes duzentos ou trezentos Anos antes de ser descoberto? e então vem uma Aparição, de onde ninguém sabe, para o trazer à luz.

2. POR QUE é a Descoberta feita a um Estranho, e não a alguém da Linhagem ou Raça daqueles a quem o Dinheiro pertenceu primeiro? Supor-se-ia que a Aparição vinha, ou era enviada, ou dirigida para vir fazer Justiça, e dar o Dinheiro perdido ao Dono correto; ao passo que estas Descobertas são muitas vezes pretendidas como sendo feitas a Estranhos, que não têm Reclamação ou qualquer Direito a ele, nem qualquer Relação com aqueles que o colocaram ali; e isto de facto é inexplicável, e torna o resto da História improvável de ser verdadeira.

3. SE Fantasmas, ou Aparições, e Espíritos, ou chamai-lhes o que quiserdes, são assim oficiosos e atarefados a descobrir Dinheiro escondido na Terra, ao ponto de correrem de um lado para o outro para Estranhos que de forma alguma lhe estão relacionados, ou com a Raça ou Famílias que primeiro estiveram envolvidas nisso; por que então não descobrem todo o Dinheiro que está assim depositado no Escuro? e o qual sem dúvida está ainda em grandes Quantidades, alojado fora do Alcance da Vista Mortal, e do qual descobrimos frequentes Descobertas serem feitas; como particularmente uma grande parcela de ouro velho, encontrada recentemente na escavação dos velhos Alicerces de uma casa em *Oxfordshire*. Uma grande parcela de Moedas de Ouro Romanas e Medalhas encontradas este mesmo Ano, ao escavar-se uma velha Abóbada

em França, e que devem ter jazido ali pelo menos mil Anos, e nenhuma bondosa Aparição veio descobri-las em tão longo tempo.

MUITOS exemplos tais nos são diariamente mostrados de Dinheiro encontrado debaixo da Terra, sem a Ajuda do Diabo, ou de qualquer Aparição, Espírito ou Fantasma para o descobrir, e o qual jazera, desde o Tempo dos Romanos, escondido e desconhecido.

POR todas estas razões devo concluir que os espíritos partidos nada sabem destas coisas, que não está no seu Poder descobrir os seus velhos Amontoados de Dinheiro, ou vir aqui mostrar-nos como podemos chegar a ele; mas que em suma, todas as histórias de velhas que nos contam sobre esse Assunto são de facto histórias de velhas, e nada mais.

NÃO POSSO abandonar esta Parte do meu Assunto sem observar que, de facto, se desistirmos de todas as Histórias de Fantasmas e Aparições, e Espíritos caminhando para descobrirem Dinheiro que está escondido, perderemos para a época metade dos bons velhos Contos que servem para compor a Conversação das Noites de Inverno, e privaremos a Doutrina das Almas partidas que voltam aqui para falar connosco sobre tais coisas do seu principal Suporte; pois este é de facto um dos principais recados a que tais Aparições vêm.

É SEM dúvida que a Fantasia e a Imaginação formam um mundo de Aparições nas Mentes de Homens e Mulheres; (pois não devemos excluir as Senhoras nesta Parte, façamos o que fizermos) e as Pessoas saem tão plenamente possuídas com a Realidade de terem visto o Diabo, como se conversassem Face a Face com ele; quando em suma a Matéria não passa de um Vapor do Cérebro, um fumo doentio e delirante de fumaça no Hipocôndrio; formando-se em tal e tal Figura para a vista da Mente, bem como da Cabeça, a qual toda olhada com uma calma Revisão apareceria, como realmente é, nada senão um Nada, um Esqueleto do Cérebro, uma Fantasia, e nada mais.

*Assim Vapores Hipocondríacos representam Navios, Exércitos, Batalhas, no Firmamento: Até que a vista firme a exalação resolve, E tudo em sua primeira Matéria de Nuvem dissolve.*

É INQUESTIONÁVEL que a Imaginação forma mui muitas destas Visões nas Cabeças das Pessoas que as relatam de novo para nós; e elas acreditam nelas tão firmemente como sendo reais Aparições, quanto eu acredito serem elas nada senão Vapores e Nuvem. Mas por outro lado não se pode negar que existe uma estranha Prontidão entre o nosso povo para propagar, aliás, para levantar e inventar tais Histórias de Aparições e Visões; para as equipar com circunstâncias populares, e para as espalhar como Realidades, meramente e de propósito para formarem uma Relação plausível; e talvez alguns, de acordo com o Costume,

caiam naquele velho Erro de rapaz de escola, de contar o Conto tantas vezes até acreditarem que é Verdade.

MAS toda esta Ficção e Fábula, de que o Mundo está tão cheio, não diminui em nada a Parte sólida que primeiro avancei, e na qual ainda insisto, a saber: A Realidade das Aparições em geral; pois a fertilidade da Imaginação de outros Homens em cunhar Falsidades não diminui de todo a Validade de uma Verdade que a Mentira é feita para Mimetizar e Falsificar.

TEMOS um mundo de Contos impostos ao Mundo sobre Aparições mostrando-se a abundância de Pessoas, antes, durante e depois do recente Massacre na Irlanda, Ano 1641, e isso encheria um Volume por si só para dar um Relato dos mesmos; nem é possível distinguir entre aqueles que são Reais e aqueles que foram Imaginários, especialmente a esta Distância de Tempo; mas se posso acreditar no Relato daqueles que estiveram no local, e de outros que receberam os relatos dos mais Criteriosos e mais Considerados daqueles que estiveram no local, os Medos e Apreensões do Povo, especialmente em Dublim, onde esperavam que os Assassinos lhes entrassem por casa todos os Dias, encheram-nos de Sonho e Fantasma, Visão e Aparição, quando na verdade não havia nada nisso senão as suas próprias pavorosas Apreensões.

NEM poderiam eles ser tão culpados como noutros Casos, pois aqui estavam Pessoas escapadas dos Assassinos, mesmo das suas próprias Mãos; alguns que tinham visto as suas Mulheres, Filhos, Pais, Mães, Maridos, Vizinhos carniceados diante das suas Faces; e não admira se estes tivessem as Imagens da Morte diante dos seus Olhos, após terem chegado; não admira se tivessem Aparições e Visões de Males semelhantes a cada Hora.

Não admira se vissem Nuvens de Exércitos Irlandeses no Ar, ouvissem Gritos de Mulheres e Crianças assassinadas a morrer, e que afiançassem estas coisas com a máxima Solenidade. Ora é verdade que nas noções comuns de Humanidade não se poderia senão ter pena daquelas pobres pessoas, e dar abono aos seus Medos, e ao Susto e Horrores que estavam nas suas Mentes; contudo não se segue de todo que nós, que não estamos sob as mesmas Impressões, devamos entrar na Delusão com eles, entregando o nosso Entendimento e a nossa Razão às suas imaginadas Visões.

DEVEMOS julgar essas coisas pelas Regras pelas quais deveríamos julgar em Casos semelhantes, e depois de terdes feito Abonos para os Terrores e Susto em que as pobres pessoas poderiam estar então, deveríamos considerar a parte racional, pois onde a Aparição é real, a Parte Racional é sempre aparente bem como a Parte Visionária: por exemplo, QUE Aparições vieram de uma boa Mão, e para o bem das pessoas inocentes cujos Perigos eram tão iminentes, viriam

certamente num Espaço de Tempo antes do Perigo, quer para darem Oportunidade de Fuga, quer pelo menos Avisos Preparatórios, para que as pessoas pudessem ter tempo de olhar para o Céu, o qual o carniceiro Inimigo não lhes pouparia; e a tais Aparições como estas eu estaria inclinado a dar o maior Crédito; mas destas lemos mui poucas.

POR outro lado, para que Propósito poderiam Aparições mostrar-se depois? e de quem vieram elas? Se as Almas dos Protestantes assassinados pudessem aparecer e clamar por Vingança, por que não apareceram todas, bem como uma Mulher em *Bandon-Bridge*? Por que não assombraram os Assassinos de uma maneira mui assustadora, e os aterrorizaram Noite e Dia, até trazerem a sua própria Culpa a ser a pior das Aparições para eles? Por que não jazia sobre eles o Terror do Sangue, como um constante Diabo fustigando as suas Almas, e aterrorizando-os até serem feitos os seus próprios Executores? Não vimos nenhuma destas Coisas acontecer quer a eles, quer aos Assassinos, Atores e Diretores do Massacre Parisiense. Carlos IX, Rei de França, por cuja direção tudo fora gerido, morreu tão composto, sem qualquer Arrependimento por tal, como se nunca tivesse estado envolvido nisso; calmamente dando direções para a Administração dos Assuntos do governo após si, e disse à sua Mãe como agir com os Huguenotes até que o seu Irmão, o Rei da Polónia, chegasse.

NA Irlanda os Padres e Zelotas, aliás as próprias Mulheres, vangloriavam-se do Número que tinham morto; mostravam as suas Facas ou Punhais com que cortaram as Gargantas dos Protestantes; um tantos, e outro tantos; os seus soldados lutaram tão destemidos depois disso como antes, nem qualquer Aparição os assombrou, de que eu alguma vez tenha encontrado qualquer Relato. Por outro lado, quanto ao Diabo os perturbar, não vejo Razão nisso; o Diabo não ficou de todo desagradado com o Facto; pelo que os haveria ele de perturbar? ele antes apareceria para os ajudar, encorajar, endurecê-los nisso, tirar-lhes todo o Remorso e reprochá-los com Cobardia se mostrassem a mínima Inclinação para a Piedade; embora eu não ouça falar da mínima Culpa que o próprio Diabo lhes pudesse imputar desse género.

QUANTO a Aparições após tudo ter terminado, não vejo Espaço para as considerar sequer como Racionais; não houve a mínima Ocasião para elas, ou Uso para elas; o Mal estava feito; o que poderia o mundo invisível ter a dizer a alguém sobre isso depois de estar feito? Não lemos de quaisquer Aparições, Vozes, Ruídos, Sinais ou Prodígios em Jerusalém após o Templo ser destruído, embora mais de um Milhão de Pessoas se diga (por Josefo) terem ali perecido. Houve Sinais e Ruídos horríveis, Aparições e Vozes antes disso, em vários Lugares, mas nenhuns depois; os miseráveis Mortos jazeram quietos nos seus

Montes, Covas não se lhes podiam chamar, e não deram nem aos seus Amigos nem Inimigos qualquer Perturbação.

PARA concluir: as falsas Aparições que as Pessoas impõem a si próprias são de facto mui muitas; e a nossa gente Hipocondríaca vê mais Diabos ao meio-dia do que Galileu viu Estrelas, e mais por muitos do que alguma vez realmente apareceram. Mas isto de modo algum Impugna a proposição principal, a saber: Que existem realmente e verdadeiramente Aparições de vários tipos; e que Espíritos ou Anjos (chame-se-lhes o que quisermos), Habitantes de espaços invisíveis e vazios, nos visitam aqui em muitas Ocasiões, quer para o Bem quer para o Mal, conforme Aquele que os fez se digne dirigir.

O FIM geral e Desígnio da Providência ao sofrer tais coisas, e o Uso e Aplicação para nós próprios que somos dirigidos a fazer delas em Prudência comum; até que ponto são, ou não, misericordiosamente contidos de nos ferir, e até de nos aterrorizar e assustar, se a nossa Razão pudesse ser o nosso Governador em tais Casos, com um grande Número de Exemplos em História do efeito de tais Aparições como as que foram permitidas visitar a Humanidade, quer pacificamente quer de outra forma; estas ocupariam muito mais espaço: Mas eu cheguei ao meu limite na presente Relação, e o Leitor deve contentar-se em tirar Consequências para si próprio do que é dito, para guiar o seu Julgamento na variedade de tais Casos que possam acontecer: o seu único caminho, em nossa Opinião, é manter um passo uniforme entre a Apreensão e o Contempto; nem temê-las nem desejá-las; mas resolver agir com a Calma e a Coragem de um Cristão, no que quer que possa ser o seu Caso.

MAS acima de tudo eu pediria aos meus amigos leitores e alegres do tipo despreocupado que não fiquem tão surpreendidos com as Aparições do seu próprio Cérebro; que não se assustem e fiquem aterrorizados quando primeiro criam Diabos à Luz do dia, e depois os veem no escuro; e como podem estar assegurados de que dificilmente verão alguma coisa pior do que eles próprios, assim que resolvam não se assustar com Sombras, nem se entreter com Vapor; confundindo o Diabo com um Asno, e contando-nos sobre os Olhos de Pires de um Urso de olhos-rosados; nem imaginem que veem um Carro fúnebre com Cavalos sem cabeça, e tomem o Carro do lixo por um Carro de fogo, o qual um pensaria poderem distinguir pelos seus Narizes, a menos que queiram admitir que o seu Medo lhes deu um Cheiro pior do que o do Diabo.

> "Em 1570... Ludvig Lavater, no seu De Spectris, dedicou vários capítulos a imposturas romanistas, com quase um capítulo inteiro sobre a fraude de Jetzer... A história de Jetzer e dos monges de Berna, contada de forma bastante completa, uma história que aparecera em forma de livro e fora contada repetidamente, Defoe evidentemente retirou-a da versão autenticada e publicada por Gilbert

Burnet nas suas Some Letters ([1708], pp.30-42)" (Defoe and the Supernatural, p.82-3).

Uma cidade na Suíça central. The Times Concise Atlas of World History, p.54.

O "Santo Seráfico" fundador da Ordem dos Frades Menores, n.1182 (81?), m. 3 de outubro de 1226 (dia festivo, 4 de outubro). New Catholic Encyclopedia. V.6., p. 28-31.

Fundador e primeiro geral da Companhia de Jesus (Jesuítas), n. Casa Torre de Loyola em 1491, m. Roma, 3 de julho de 1556. (dia festivo, 31 de julho) New Catholic Encyclopedia, V.7, p.354.

Abade, teólogo monástico e Doutor da Igreja, n. 1090, m. 20 de agosto de 1153. New Catholic Encyclopedia, V.2., p.335. A fonte da história é desconhecida.

Igreja de São Pedro. Ver capítulo catorze, nota #40.

Feliz.

Zeloso (ou cumpridor do dever).

Santa.

Estar bem (ou em boa saúde).

Dr. Gilbert Burnet (1643-1715) Bispo de Salisbury. DNB, Vol.2, p.394-405.

Some Letters Containing an Account of What Seemed Most Remarkable in Travelling Through Switzerland, Italy, and Some Parts of Germany in the Years 1685 and 1686. Escrito pelo Dr. Burnet em 1687, p.63-117. Contudo, a história de São Bernardo não aparece nas primeiras edições. Rodney Baines menciona que está na edição de 1708, p.30-42. (Defoe and the Supernatural, p.83).

Nos braços da morte.

"Defoe retirou histórias brevemente relatadas de anjos a aparecer a São Francisco de Assis e Inácio de Loyola, e a aparição do próprio Loyola ao seu discípulo Leonard Kessel de Colónia, de forma fragmentada e quase verbatim da polémica de Henry Wharton Enthusiasm of the Church of Rome (1688)" (Defoe and the Supernatural, p.83).

Talvez Lawrence Surius, um escritor espiritual cartuxo, n. 1522, m. 1578. New Catholic Encyclopedia. V. 13., p.820.

Incapaz de localizar nos escritos de Surius.

Surius em nota a Boaventura na Vida de São Francisco.

Ver capítulo catorze, nota #43.

Na província de Lorena, Colónia é uma cidade que se situa no Rio Reno. The Times Concise Atlas of World History, p.54.

Beneditino, Arcebispo, n. 909, m. 988 (dia festivo, 19 de maio). Em 940 [algumas fontes dizem 942 outras 943] o Rei Edmundo fê-lo Abade de Glastonbury. São Dunstan usou os fundos para ampliar a Igreja e o Mosteiro, bem como a sua coleção de livros. [Não há aqui menção a ele ter voado do Tor quando rapaz] New Catholic Encyclopedia, V.4., p.1107.

Glastonbury Tor é a colina que domina a cidade de Glastonbury. Pensa-se que o Rei Artur possa ter sido sepultado na ilha. Glastonbury, em si, é uma vila de mercado no condado de Somerset. Topographical Dictionary of England, V.2.

Um condado marítimo, limitado a noroeste pelo Canal de Bristol, a sudoeste por Devonshire, a sudeste por Dorsetshire, a leste por Wiltshire e a nordeste por Gloucestershire. Topographical Dictionary of England, V.4.

A história histórica diz que enquanto Inácio defendia o castelo de Pamplona contra o Rei Francisco I de França, Inácio foi atingido por um tiro de canhão. Este feriu uma perna e partiu a outra. Ele leu Flos Sanctorum de Jacobus de Voragine e Vita Christi de Ludolfo da Saxónia enquanto convalescia e jurou ir à Terra Santa porque foi inspirado por estes dois livros. Fez os seus votos de castidade antes de chegar a Montserrat. [Não há menção a São Pedro neste relato] New Catholic Encyclopedia, V.7., p.355.

Existe um relato disto em Lives of the Saints de Butler (V.4, p.22-31); contudo Defoe provavelmente retirou isto da mesma fonte que a nota #26 deste capítulo.

Indivíduo desconhecido.

História desconhecida.

Foi um diácono romano e mártir, m. aproximadamente 258. (dia festivo, 10 de agosto). New Catholic Encyclopedia, V.8., p.566.

O Oxford English Dictionary diz que um depoente é alguém que depõe ou faz uma deposição sob juramento; alguém que dá testemunho escrito como prova num tribunal de justiça ou para outro propósito (p.480). Assim, a frase de Defoe provavelmente significa que esta testemunha nada diz. Talvez seja algo equivalente à frase "remeter-se ao silêncio".

A espiritualidade dominicana é teocêntrica, cristológica, contemplativa, monástica, sacerdotal, apostólica, penitencial e doutrinária. A Ordem dos Frades Pregadores (Dominicanos) é composta por: a primeira ordem, padres e irmãos leigos; a segunda ordem, freiras contemplativas; e a terceira ordem em duas partes 1) a terceira ordem conventual e 2) territórios leigos. New Catholic Encyclopedia, V.4, p.971-974.

A espiritualidade franciscana, também chamada "espiritualidade seráfica", enfatiza a perfeição cristã através do amor de Deus. São Francisco também queria que os seus seguidores vivessem em pobreza, como Jesus na Terra. A Ordem consiste em três comunidades independentes: 1) Frades Menores, 2) Frades Menores Conventuais, 3) Frades Menores Capuchinhos. New Catholic Encyclopedia, V.6., p.37-8.

Os Franciscanos eram de opinião que "a Virgem Maria, prevenida pela graça do Espírito Santo, foi tão santificada, que nunca esteve sujeita um momento na sua conceção ao pecado original. A opinião [dos Dominicanos]... era esta: que a Virgem Maria foi concebida como todos os outros filhos de Adão; de modo que o privilégio pertence apenas a Cristo, de ser concebido sem pecado original" (The Acts and Monuments of John Foxe. V.4, p.167).

Culpa.

Fazer com que (o corpo, a carne, etc.) definhe ou se desgaste, esp. através do jejum. OED, p.154.

Virgem e mártir (dia festivo, 4 de dezembro) a lenda é de origem egípcia. A sua informação remonta ao século VII. New Catholic Encyclopedia, V.2., p.86.

Papa Júlio II: pontificado de 1 de novembro de 1503 até 2 de fevereiro de 1513. New Catholic Encyclopedia. V.8., p. 52.

Referência desconhecida.

Informação adicional desconhecida.

Forma obs. de Brahmin [Bramane]: Um membro da casta mais alta ou sacerdotal entre os Hindus. OED, p.477.

História desconhecida.

Cochinchina, uma região do sul da Indochina. The Times Concise Atlas of World History, p.160.

Não há menção ao Diabo no livro de Borri: Cochin-China.

Christoforo Borri (1583-1642) escreveu Cochin-China Containing Many Rarities of that Country em 1633.

Está provado (ou aprovado).

Capítulo Quinze

Forma obs. de Hypo (OED p.583). Hypo: [Abreviatura de Hipocondria] depressão mórbida dos espíritos. OED, p.569.

Referência desconhecida.

Referência desconhecida.

Apocalipse 12:3.

Apocalipse 13:1.

Uma alcunha para um marinheiro ou navegante, esp. um marinheiro comum. Agora raro ou arcaico. OED, p.645.

Hydra: Uma coisa, pessoa ou corpo de pessoas comparado à hidra de Lerna no seu carácter pernicioso ou destruidor, o seu aspeto multifacetado ou a dificuldade da sua extirpação. OED, p.525. Pater: duas definições em combinação funcionam aqui para esta palavra 1) Um padre, um monge e 2) Usado familiarmente para pai. OED, p.335. Juntos, este composto significa provavelmente algo como "pai da destruição".

O DNB lista dois possíveis candidatos 1) Zachary Mayne (1631-1694), um escritor religioso (Vol.13, p. 1678) ou 2) Zachary Mudge (1694-1769), teólogo (Vol.13, p.1157).

Existem duas fortes possibilidades para isto no DNB: 1) George Dodington (1691-1762) Barão Melcombe Vol .5, p.1071-75; ou 2) George Douglas (m. 1741) 4.º Barão de Mordington Vol.5, p.1202-3.

Literalmente adeus, sê forte, ou passa bem. Usado aqui provavelmente como "Avé Maria".

Ver este capítulo, nota #7 definição dois, em referência ao "Pai Nosso".

Recebe o seu nome do hospital para mulheres leprosas que foi reconstruído como Palácio de St James. O mais antigo dos parques reais de Londres, estende-se por cerca de 90 acres com The Mall como limite norte e Birdcage Walk como sul. The London Encyclopedia, p.716.

Fonte desconhecida.

Janota, arrumado, elegante no traje ou aparência. Das faculdades mentais: rápido, pronto, esperto. OED, p.791. Talvez uma personificação da palavra num tom depreciativo.

Mentir, praticar o engano; esquivar-se a um dever, fingir doença. OED, p.366.

"Defoe poderá ter construído isto a partir de uma sugestão no Pandemonium de Richard Bovet [p.122], que relata como o cavalo do Sr. Edmund Ansty foi assustado pelo Diabo na forma de um 'enorme Urso' com 'um par de olhos flamejantes muito grandes'" Defoe and the Supernatural, p.85.

Uma acumulação ou desenvolvimento de gases no estômago ou intestinos. OED, p.1027.

Um burrico. OED, p.418.

Grafado Dorking, uma vila de mercado em Surrey. Topographical Dictionary of England. V.4. Para mais informações sobre Surrey, por favor veja capítulo 13, nota #45.

Fonte desconhecida, contudo, Defoe diz que se lembra dela, pelo que poderá ter sido popular.

O Topographical Dictionary of England lista um Cobham Down que é uma charneca perto de Surrey, mas nenhum Cottman Dean. V.4.

Fonte desconhecida.

Fonte desconhecida, embora possa estar publicada, visto que Defoe menciona que está "em Registo".

Vila desconhecida.

Um condado marítimo limitado a leste pelo Mar do Norte, a norte por Norfolk, a oeste por Cambridge e a sul por Essex. Topographical Dictionary of England. V.4.

Uma meia-porta, portão ou postigo com um espaço aberto por cima; a metade inferior de uma porta dividida, que pode ser fechada enquanto a metade superior está aberta. OED, p.2.

Fontes desconhecidas, contudo parecem contos populares.

Um condado interior limitado a sul, sudoeste e sudeste por Berkshire, a leste por Buckinghamshire, a nordeste por Northamptonshire, a norte e noroeste por

Warwickshire e a oeste por Gloucestershire. Topographical Dictionary of England. V.3.

Fonte desconhecida.

Instigado pelos Jesuítas, o Massacre da Irlanda foi uma rebelião de Católicos irlandeses contra Protestantes ingleses. An Account of the Bloody Massacre in Ireland.

Fonte desconhecida.

Na área de Cork, Bandon Bridge foi o local de uma rebelião católica contra os Protestantes ingleses a 23 de novembro de 1642. A Certain and True Relation of a Great and Glorious Victory Obtained by the Protestant Party in Ireland.

FINIS

## UM RELATO VERDADEIRO

## DA

## APARIÇÃO DE UMA CERTA SR.ª VEAL, NO DIA SEGUINTE À SUA MORTE,

## A UMA TAL

## SR.ª BARGRAVE, EM CANTUÁRIA,

## A 8 DE SETEMBRO DE 1705

Aparição esta que recomenda a leitura do

Livro de Consolações contra os Medos da Morte, de Drelincourt.

## PREFÁCIO

Este relato é matéria de facto, e acompanhado de tais circunstâncias que podem induzir qualquer homem razoável a acreditar nele. Foi enviado por um

cavalheiro, juiz de paz em Maidstone, em Kent, e pessoa muito inteligente, a um seu amigo em Londres, tal como aqui se expressa; discurso este que é atestado por uma fidalga muito sóbria e entendida, parenta do dito cavalheiro, que vive em Cantuária, a poucas portas da casa em que vive a abaixo mencionada Sr.ª Bargrave; o qual acredita ser a sua parenta de espírito tão criterioso que não se deixaria enganar por qualquer falácia; e que lhe assegurou positivamente que toda a matéria, tal como é relatada e estabelecida, é realmente verdadeira; e o que ela própria ouviu pelas mesmas palavras, tanto quanto possível, da própria boca de Sr.ª Bargrave, a qual, sabe ela, não tinha razão para inventar e publicar tal história, nem qualquer desígnio de forjar e contar uma mentira, sendo mulher de muita honestidade e virtude, e toda a sua vida um curso, por assim dizer, de piedade.

O uso que devemos fazer disto é considerar que há uma vida por vir depois desta, e um Deus justo, que retribuirá a cada um segundo as obras feitas no corpo; e portanto refletir sobre o curso de vida passado que temos levado no mundo; que o nosso tempo é curto e incerto; e que se quisermos escapar ao castigo dos ímpios, e receber a recompensa dos justos, que é o alcançar da vida eterna, devemos, no tempo que virá, converter-nos a Deus por um pronto arrependimento, deixando de praticar o mal e aprendendo a praticar o bem: a buscar a Deus cedo, se porventura ele se deixar achar por nós, e levar tais vidas de futuro que possam ser bem agradáveis aos seus olhos.

## UM RELATO

## DA

## APARIÇÃO DA SR.ª VEAL.

Esta coisa é tão rara em todas as suas circunstâncias, e de tão boa autoridade, que a minha leitura e conversação não me deram nada que se lhe compare: é adequada para satisfazer o mais engenhoso e sério investigador. Sr.ª Bargrave é a pessoa a quem Sr.ª Veal apareceu após a sua morte; ela é minha amiga íntima, e posso afiançar a sua reputação, por estes últimos quinze ou dezasseis anos, por conhecimento próprio; e posso confirmar o bom carácter que teve desde a sua juventude até ao tempo do meu conhecimento.

Embora, desde este relato, ela seja caluniada por algumas pessoas, que são amigas do irmão desta Sr.ª Veal que apareceu; os quais pensam que o relato desta aparição é um desdouro, e esforçam-se quanto podem por arruinar a reputação de Sr.ª Bargrave, e por descredibilizar a história com zombaria. Mas pelas circunstâncias da mesma, e pela disposição alegre de Sr.ª Bargrave, não obstante

os maus-tratos de um marido muito perverso, não há ainda o menor sinal de abatimento no seu rosto; nem nunca a ouvi deixar cair uma expressão de desespero ou murmúrio; aliás, nem quando estava sob a barbaridade do marido; da qual fui testemunha, assim como várias outras pessoas de indubitável reputação.

Ora deveis saber que Sr.ª Veal era uma fidalga solteira de cerca de trinta anos de idade, e por alguns anos passados fora perturbada por *ataques*; os quais se percebia estarem a chegar pelo facto de ela se desviar do seu discurso muito abruptamente para alguma impertinência. Era mantida por um único irmão, e cuidava da casa dele em Dover. Era uma mulher muito piedosa, e o seu irmão um homem muito sóbrio por toda a Aparição; mas agora ele faz tudo o que pode para anular ou abafar a história.

A Sr.ª Veal era intimamente conhecida de Sr.ª Bargrave desde a infância. As circunstâncias de Sr.ª Veal eram então remediadas; o seu pai não cuidava dos filhos como devia, de modo que estavam expostos a privações; e Sr.ª Bargrave, naqueles dias, tinha um pai igualmente indelicado, embora não lhe faltasse nem comida nem vestuário, enquanto à Sr.ª Veal faltavam ambos; a tal ponto que ela dizia frequentemente: Sr.ª Bargrave, vós sois não apenas a melhor, mas a única amiga que tenho no mundo, e nenhuma circunstância da vida dissolverá jamais a minha amizade. Elas frequentemente condoiam-se das fortunas adversas uma da outra, e liam juntas *Drelincourt sobre a Morte*, e outros bons livros; e assim, como duas amigas cristãs, confortavam-se mutuamente na sua dor.

Algum tempo depois, os amigos de Sr. Veal conseguiram-lhe um lugar na alfândega em Dover, o que fez com que Sr.ª Veal, a pouco e pouco, se afastasse da sua intimidade com Sr.ª Bargrave, embora nunca tivesse havido tal coisa como uma zanga; mas uma indiferença surgiu por graus, até que por fim Sr.ª Bargrave não a via há dois anos e meio; embora por mais de doze meses desse tempo Sr.ª Bargrave tenha estado ausente de Dover, e este último meio ano tenha estado em Cantuária cerca de dois meses do tempo, habitando numa casa própria.

Nesta casa, a 8 de setembro de 1705, estava ela sentada sozinha pela manhã, refletindo sobre a sua vida infeliz, e predispondo-se a uma devida resignação à providência, embora a sua condição parecesse dura. E, disse ela, tenho sido provida até agora, e não duvido que o continuarei a ser; e estou bem satisfeita de que as minhas aflições terminem quando for mais adequado para mim: e então pegou no seu trabalho de costura, o qual mal iniciara quando ouve bater à porta. Foi ver quem estava lá, e verificou-se ser Sr.ª Veal, a sua velha amiga, que estava em trajes de montaria. Naquele momento o relógio deu as doze horas ao meio-dia.

Senhora, diz Sr.ª Bargrave, estou surpreendida por vos ver, tendes sido tal estranha por tanto tempo; mas disse-lhe que folgava em vê-la, e ofereceu-se para a saudar; o que Sr.ª Veal aceitou, até os seus lábios quase se tocarem; e então Sr.ª Veal passou a mão pelos seus próprios olhos e disse: não estou muito bem; e assim o evitou. Disse a Sr.ª Bargrave que ia de viagem, e que tivera grande vontade de a ver primeiro. Mas, diz Sr.ª Bargrave, como viestes de viagem sozinha? Estou espantada com isso, porque sei que tendes um irmão extremoso.

Oh! diz Sr.ª Veal, escapei ao meu irmão, e vim porque tinha um desejo tão grande de vos ver antes de partir na minha viagem. Então Sr.ª Bargrave entrou com ela, para outra sala dentro da primeira, e Sr.ª Veal sentou-se numa cadeira de braços, na qual Sr.ª Bargrave estava sentada quando ouviu Sr.ª Veal bater. Então diz Sr.ª Veal: Minha querida amiga, venho renovar a nossa velha amizade de novo, e pedir-vos perdão pela minha quebra da mesma; e se me puderdes perdoar, sois a melhor das mulheres. Ó, diz Sr.ª Bargrave, não mencioneis tal coisa; não tive um pensamento inquieto sobre isso; posso perdoar facilmente.

O que pensastes de mim? disse Sr.ª Veal. Diz Sr.ª Bargrave: pensei que éreis como o resto do mundo, e que a prosperidade vos fizera esquecer de vós mesma e de mim. Então Sr.ª Veal lembrou a Sr.ª Bargrave os muitos ofícios amigáveis que ela lhe prestara em dias passados, e muito da conversação que tiveram uma com a outra nos tempos da sua adversidade; que livros leram, e que conforto, em particular, receberam do *Livro da Morte de Drelincourt*, que era o melhor, disse ela, sobre esse assunto alguma vez escrito. Mencionou também o Dr. Sherlock, os dois livros holandeses que foram traduzidos, escritos sobre a morte, e vários outros.

Mas *Drelincourt*, disse ela, tinha as mais claras noções da morte, e do estado futuro, de qualquer um que tivesse tratado esse assunto. Então perguntou a Sr.ª Bargrave se ela tinha o *Drelincourt*. Ela disse que sim. Diz Sr.ª Veal: Trazei-o. E assim Sr.ª Bargrave sobe as escadas e traz o livro. Diz Sr.ª Veal: Querida Sr.ª Bargrave, se os olhos da nossa fé estivessem tão abertos como os olhos do nosso corpo, veríamos números de anjos em nosso redor para nossa guarda. As noções que temos do céu agora não são nada parecidas com o que ele é, como diz *Drelincourt*; portanto sede confortada nas vossas aflições, e acreditai que o Todo-Poderoso tem um particular cuidado convosco; e que as vossas aflições são marcas do favor de Deus; e quando tiverem feito o trabalho para que foram enviadas, ser-vos-ão retiradas.

Mas acreditai-me, minha querida amiga, acreditai no que vos digo, um minuto de felicidade futura recompensar-vos-á infinitamente por todos os vossos sofrimentos. Pois, nunca poderei acreditar, (e bate com a mão no joelho com

grande fervor, o qual de facto perpassou a maior parte do seu discurso,) que alguma vez Deus permita que passeis todos os vossos dias neste estado aflito; mas ficai assegurada de que as vossas aflições vos deixarão, ou vós a elas, em pouco tempo. Falava ela dessa maneira patética e celestial que Sr.ª Bargrave chorou várias vezes, de tão profundamente afetada que ficou.

Então Sr.ª Veal mencionou o *Ascetick* do Dr. Kenrick, ao fim do qual ele dá um relato das vidas dos cristãos primitivos. O padrão deles recomendou-o à nossa imitação, e disse que a conversação deles não era como esta da nossa época: Pois agora, diz ela, não há senão discurso espumoso e vão, que é muito diferente do deles. O deles era para edificação, e para se fortalecerem uns aos outros na fé; de modo que não eram como nós somos, nem somos nós como eles eram: mas, diz ela, devemos fazer como eles faziam. Havia uma amizade sincera entre eles; mas onde se encontra ela agora? Diz Sr.ª Bargrave: é difícil de facto encontrar um verdadeiro amigo nestes dias. Diz Sr.ª Veal: Sr. Norris tem uma bela cópia de versos, chamada *Friendship in Perfection*, que eu maravilhosamente admiro. Vistes o livro? diz Sr.ª Veal. Não, diz Sr.ª Bargrave, mas tenho os versos pela minha própria escrita. Tendes? diz Sr.ª Veal, então trazei-os.

O que ela fez do andar de cima, e ofereceu-os a Sr.ª Veal para ler, a qual recusou, e evitou a coisa, dizendo que baixar a cabeça a faria doer; e então desejou que Sr.ª Bargrave lhos lesse, o que ela fez. Enquanto admiravam a amizade, Sr.ª Veal disse: Querida Sr.ª Bargrave, amar-vos-ei para sempre. Nestes versos usa-se duas vezes a palavra *Elysian* [Elísio]. Ah! diz Sr.ª Veal, estes poetas têm tais nomes para o céu. Ela frequentemente passava a mão pelos próprios olhos e dizia: Sr.ª Bargrave, não pensais que estou poderosamente debilitada pelos meus *ataques*? Não, diz Sr.ª Bargrave, penso que pareceis tão bem como alguma vez vos conheci.

Após todo este discurso, o qual a aparição pôs em palavras muito mais finas do que Sr.ª Bargrave disse que poderia pretender, e muito mais do que ela consegue lembrar-se (pois não se pode pensar que uma conversação de uma hora e três quartos pudesse ser toda retida, embora o principal dela ela pense que o retém), disse ela a Sr.ª Bargrave que gostaria que ela escrevesse uma carta ao seu irmão, e lhe dissesse que ela queria que ele desse anéis a tais e tais; e que havia uma bolsa de ouro no seu gabinete, e que ela queria que duas peças largas fossem dadas ao seu primo Watson.

Falando a este ritmo, Sr.ª Bargrave pensou que um *ataque* se aproximava dela, e assim colocou-se numa cadeira precisamente diante dos joelhos dela, para a impedir de cair ao chão, se os seus *ataques* o causassem: pois a cadeira de

braços, pensava ela, impedi-la-ia de cair para qualquer dos lados. E para distrair Sr.ª Veal, conforme pensava, pegou na manga do vestido dela várias vezes e elogiou-a. Sr.ª Veal disse-lhe que era uma seda lavada, e feita de novo recentemente. Mas por tudo isto, Sr.ª Veal persistiu no seu pedido, e disse a Sr.ª Bargrave que ela não lhe devia negar: e queria que ela contasse ao seu irmão toda a conversação delas, quando tivesse oportunidade.

Querida Sr.ª Veal, diz Sr.ª Bargrave, isto parece tão impertinente que não sei como anuir a tal; e que história mortificante será a nossa conversação para um jovem cavalheiro? Ora, diz Sr.ª Bargrave, é muito melhor, parece-me, fazê-lo vós mesma. Não, diz Sr.ª Veal, embora vos pareça impertinente agora, vereis mais razão para isso futuramente. Sr.ª Bargrave então, para satisfazer a sua importunidade, ia buscar pena e tinta; mas Sr.ª Veal disse: Deixai estar agora, mas fazei-o quando eu me for; mas deveis ter a certeza de o fazer: o que foi uma das últimas coisas que lhe encomendou ao partir; e assim ela lhe prometeu.

Então Sr.ª Veal perguntou pela filha de Sr.ª Bargrave; ela disse que não estava em casa: Mas se tendes vontade de a ver, diz Sr.ª Bargrave, mandá-la-ei buscar. Fazei-o, diz Sr.ª Veal. Sobre o que ela a deixou, e foi a casa de um vizinho ver por ela; e pelo tempo que Sr.ª Bargrave estava a regressar, Sr.ª Veal chegara fora da porta na rua, em frente ao mercado de gado, num Sábado, que é dia de mercado, e estava pronta a partir, assim que Sr.ª Bargrave chegou junto dela. Perguntou-lhe por que tinha tanta pressa. Ela disse que tinha de ir andando, embora talvez não partisse na sua viagem até Segunda-feira; e disse a Sr.ª Bargrave que esperava vê-la de novo no seu primo Watson, antes de ir para onde ia. Então disse que se despedia dela, e afastou-se de Sr.ª Bargrave à vista dela, até que uma curva interrompeu a visão dela, o que era três quartos para a uma da tarde.

Sr.ª Veal morreu a 7 de setembro, às doze horas do meio-dia, dos seus *ataques*, e não teve mais de quatro horas de sentidos antes da sua morte, tempo em que recebeu o sacramento. No dia seguinte ao aparecimento de Sr.ª Veal, sendo Domingo, Sr.ª Bargrave estava poderosamente indisposta com uma constipação e uma dor de garganta, que não podia sair nesse dia; mas na Segunda-feira de manhã enviou uma pessoa ao capitão Watson, para saber se Sr.ª Veal estava lá. Eles estranharam a inquirição de Sr.ª Bargrave; e mandaram-lhe dizer que ela não estava lá, nem era esperada.

Perante esta resposta Sr.ª Bargrave disse à criada que ela certamente se enganara no nome, ou fizera algum erro crasso. E embora estivesse doente, pôs o seu capuz e foi ela própria ao capitão Watson, embora não conhecesse ninguém da família, para ver se Sr.ª Veal lá estava ou não. Disseram que estranhavam a

sua pergunta, pois que ela não estivera na vila; tinham a certeza de que, se tivesse estado, teria estado ali. Diz Sr.ª Bargrave: tenho a certeza de que ela esteve comigo no Sábado quase duas horas. Disseram que era impossível; pois deveriam tê-la visto se tal tivesse sido.

Entra o Capitão Watson, enquanto estavam em disputa, e disse que Sr.ª Veal estava certamente morta, e que os seus escudos funerários estavam a ser feitos. Isto surpreendeu estranhamente Sr.ª Bargrave, quando ela enviou à pessoa imediatamente que tinha o cuidado deles, e verificou ser verdade. Então relatou toda a história à família do capitão Watson, e que vestido ela trazia, e como era listado; e que Sr.ª Veal lhe dissera que fora lavado. Então Sr.ª Watson exclamou: Viste-la de facto, pois ninguém sabia, senão Sr.ª Veal e eu própria, que o vestido fora lavado. E Sr.ª Watson confessou que ela descrevera o vestido exatamente:

Pois, disse ela, ajudei-a a fazê-lo. Esta Sr.ª Watson espalhou isto por toda a vila, e afiançou a demonstração da verdade de Sr.ª Bargrave ter visto a aparição de Sr.ª Veal. E o capitão Watson levou dois cavalheiros imediatamente à casa de Sr.ª Bargrave, para ouvirem a relação da sua própria boca. E quando tal se espalhou tão depressa que cavalheiros e pessoas de qualidade, a parte criteriosa e cética do mundo, afluíram sobre ela, tornou-se por fim tal tarefa que ela foi forçada a ausentar-se. Pois eles estavam, em geral, extremamente satisfeitos da verdade da coisa, e viram claramente que Sr.ª Bargrave não era hipocondríaca; pois ela aparece sempre com tal ar alegre, e semblante agradável, que ganhou o favor e estima de toda a nobreza; e é considerado um grande favor se conseguirem apenas obter o relato da sua própria boca.

Eu deveria ter-vos dito antes que Sr.ª Veal disse a Sr.ª Bargrave que a sua irmã e cunhado tinham acabado de chegar de Londres para a ver. Diz Sr.ª Bargrave: Como viestes a ordenar as coisas tão estranhamente? Não pôde ser evitado, diz Sr.ª Veal. E o seu irmão e irmã de facto vieram vê-la, e entraram na vila de Dover precisamente quando Sr.ª Veal estava a expirar. Sr.ª Bargrave perguntou-lhe se ela beberia algum chá. Diz Sr.ª Veal: Não me importo se o fizer; mas garanto-vos que este sujeito louco (referindo-se ao marido de Sr.ª Bargrave) quebrou todas as vossas bugigangas. Mas, diz Sr.ª Bargrave, arranjarei algo onde beber apesar disso; mas Sr.ª Veal evitou-o e disse: Não importa, deixai estar; e assim passou.

Todo o tempo que estive sentado com Sr.ª Bargrave, que foram algumas horas, ela recordou novos ditos de Sr.ª Veal. E uma coisa material mais ela disse a Sr.ª Bargrave: que o velho Sr. Breton dava a Sr.ª Veal dez libras por ano; o que era um segredo, e desconhecido para Sr.ª Bargrave até Sr.ª Veal lho contar.

Sr.ª Bargrave nunca varia na sua história; o que intriga aqueles que duvidam da verdade, ou estão relutantes em acreditar nela. Um criado no quintal do

vizinho, contíguo à casa de Sr.ª Bargrave, ouviu-a falar com alguém uma hora do tempo em que Sr.ª Veal esteve com ela. Sr.ª Bargrave saiu para o seu vizinho do lado no preciso momento em que se separou de Sr.ª Veal, e contou-lhe que conversação arrebatadora tivera com uma velha amiga, e contou-a toda.

O *Livro da Morte de Drelincourt* é, desde que isto aconteceu, comprado estranhamente. E deve observar-se que, não obstante todo o trabalho e fadiga que Sr.ª Bargrave sofreu por este motivo, ela nunca aceitou o valor de um centavo, nem permitiu que a sua filha aceitasse nada de ninguém, e portanto não pode ter interesse algum em contar a história.

Mas o Sr. Veal faz o que pode para abafar o assunto, e disse que veria Sr.ª Bargrave; contudo é facto certo que ele esteve no capitão Watson desde a morte da sua irmã, e no entanto, nunca se aproximou de Sr.ª Bargrave; e alguns dos seus amigos relatam ser ela uma mentirosa, e que ela sabia das dez libras por ano de Sr. Breton. Mas a pessoa que pretende dizer tal coisa tem a reputação de mentiroso notório entre pessoas que sei serem de crédito indubitável. Ora, o Sr. Veal é demasiado cavalheiro para dizer que ela mente; mas diz que um mau marido a enlouqueceu. Mas basta que ela se apresente, e isso refutará eficazmente tal pretensão.

O Sr. Veal diz que perguntou à sua irmã no leito de morte se ela tinha vontade de dispor de alguma coisa? E ela disse que Não. Ora, as coisas de que a aparição de Sr.ª Veal queria dispor eram tão insignificantes, e nada de justiça se visava na sua disposição, que o desígnio disso me parece ser apenas para fazer Sr.ª Bargrave demonstrar de tal modo a verdade do seu aparecimento, que satisfizesse o mundo da realidade do mesmo, quanto ao que vira e ouvira; e para assegurar a sua reputação entre a parte razoável e entendida da humanidade. E depois, novamente, o Sr. Veal admite que havia uma bolsa de ouro; mas não foi encontrada no seu gabinete, mas numa caixa de pentes. Isto parece improvável; pois Sr.ª Watson admitiu que Sr.ª Veal era tão cuidadosa com a chave do gabinete que não a confiava a ninguém.

E, sendo assim, sem dúvida não confiaria o seu ouro fora dele. E o frequente passar da mão de Sr.ª Veal pelos olhos, e o perguntar a Sr.ª Bargrave se os seus *ataques* não a tinham debilitado, parece-me ser feito de propósito para lembrar Sr.ª Bargrave dos seus *ataques*, para a preparar para não achar estranho que ela a instasse a escrever ao seu irmão para dispor de anéis e ouro, o que parecia tanto o pedido de uma pessoa a morrer; e colheu em conformidade com Sr.ª Bargrave, como os efeitos dos seus *ataques* a sobrevir; e foi uma das muitas instâncias do seu maravilhoso amor por ela, e cuidado com ela, para que não se assustasse; o que de facto aparece em toda a sua gestão, particularmente no vir ter com ela

durante o dia, no evitar a saudação, e quando ela estava sozinha; e depois a maneira da sua despedida, para evitar uma segunda tentativa de a saudar.

Ora, por que haveria o Sr. Veal de pensar que este relato é um desdouro, como é claro que pensa, pelo seu esforço em abafá-lo, não o consigo imaginar; porque a generalidade acredita ser ela um bom espírito, tão celestial era o seu discurso. Os seus dois grandes recados foram confortar Sr.ª Bargrave na sua aflição, e pedir-lhe perdão pela quebra de amizade, e com um discurso piedoso encorajá-la.

De modo que, afinal, supor que Sr.ª Bargrave pudesse chocar tal invenção como esta de Sexta-feira ao meio-dia até Sábado ao meio-dia, supondo que soubesse da morte de Sr.ª Veal no primeiríssimo momento, sem misturar circunstâncias, e sem qualquer interesse também; ela teria de ser mais engenhosa, afortunada e perversa também do que qualquer pessoa indiferente, ouso dizer, admitirá. Perguntei a Sr.ª Bargrave várias vezes se tinha a certeza de que sentira o vestido?

Ela respondeu modestamente: Se se pode confiar nos meus sentidos, tenho a certeza disso. Perguntei-lhe se ouvira um som quando ela batera com a mão no joelho? Ela disse que não se lembrava de ter ouvido; mas disse que ela parecia ser tanto uma substância quanto eu, que falava com ela. E poderei eu, disse ela, ser tão depressa convencida de que a vossa aparição me está a falar agora, como de que não a vi realmente: pois não tive nenhum tipo de medo, e recebi-a como amiga, e despedi-me dela como tal.

Não daria eu, diz ela, um centavo para fazer alguém acreditar nisso: não tenho interesse nisso; nada senão problemas me estão reservados por muito tempo, por tudo o que sei; e se tal não tivesse vindo a lume por acidente, nunca teria sido tornado público. Mas agora, diz ela, fará disso o seu próprio uso privado, e manter-se-á fora do caminho tanto quanto puder; e assim tem feito desde então. Diz ela que teve um cavalheiro que viajou trinta milhas para a ver e ouvir o relato; e que o contou a uma sala cheia de gente de cada vez. Vários cavalheiros particulares tiveram a história da própria boca de Sr.ª Bargrave.

Esta coisa afetou-me muito, e estou tão satisfeito como estou da matéria de facto mais bem fundamentada. E por que haveríamos de disputar a matéria de facto, por não conseguirmos resolver coisas de que não podemos ter noções certas ou demonstrativas, parece-me estranho. A autoridade e sinceridade de Sr.ª Bargrave, por si sós, teriam sido indubitáveis em qualquer outro caso.

## AO LEITOR

A origem da curiosa história precedente parece ter sido a seguinte: — Um livreiro aventureiro atrevera-se a imprimir uma edição considerável de uma obra do Reverendo Charles Drelincourt, ministro da igreja calvinista em Paris, e traduzida pelo Sr. D'Assigny, sob o título de "*A Defesa do Cristão contra o Medo da Morte, com várias direções sobre como nos prepararmos para morrer bem*." Mas, por mais certa que seja a perspetiva da morte, ela não é tão agradável (infelizmente) que convide à contemplação ansiosa do público; e o livro de Drelincourt, sendo negligenciado, jazeu como *stock* morto nas mãos do editor. Nesta emergência, ele recorreu a De Foe para o auxiliar (por meio de tais expedientes que eram então, tanto como agora, bastante bem entendidos no mundo literário) no resgate do infeliz livro da morte literária à qual a negligência geral parecia prestes a consigná-lo.

O génio e a audácia de De Foe conceberam um plano que, pela segurança e engenho, desafiou até os poderes de Sr. Puff em *The Critic*: pois quem senão ele próprio pensaria em convocar um fantasma do túmulo para dar testemunho a favor de um claudicante corpo de teologia? Há um estilo pragmático e de negócios em todo o relato da transação, que revela inefáveis poderes de autodomínio.

A narrativa é redigida "*por um cavalheiro, Juiz de Paz em Maidstone, em Kent, uma pessoa muito inteligente*." E, além disso, "*o discurso é atestado por uma fidalga muito sóbria, que vive em Cantuária, a poucas portas da casa em que Sr.ª Bargrave vive*." O Juiz acredita ser a sua parenta de espírito tão criterioso que não se deixaria enganar por qualquer falácia — e a parenta assegura positivamente ao Juiz "*que toda a matéria, tal como é relatada e estabelecida, é realmente verdadeira, e o que ela própria ouviu, tanto quanto possível, da própria boca de Sr.ª Bargrave, a qual, sabe ela, não tinha razão para inventar ou publicar tal história, nem qualquer desígnio de forjar e contar uma mentira, sendo mulher de muita honestidade e virtude, e toda a sua vida um curso, por assim dizer, de piedade*." O próprio ceticismo não poderia resistir a este triplo tribunal de evidência tão artisticamente combinado: o Juiz atestando pelo espírito criterioso da fidalga sóbria e entendida sua parenta, e a sua parenta tornando-se fiadora da veracidade de Sr.ª Bargrave.

Mas aqui, gentil leitor, admirai a simplicidade daqueles dias. Tivesse a visita de Sr.ª Veal à sua amiga acontecido no nosso tempo, os condutores da imprensa diária teriam dado a ordem, e sete cavalheiros à dita imprensa pertencentes teriam, com um arranque obediente, partido para Kingston, para Cantuária, para Dover — para Kamtschatka se necessário — para interrogar o Juiz, inquirir Sr.ª Bargrave, confrontar a parenta sóbria e entendida, e desenterrar Sr.ª Veal da sua

sepultura, antes que não chegassem ao fundo da história. Mas no nosso tempo duvidamos e escrutinamos; os nossos antepassados admiravam e acreditavam.

Antes de a história começar, a fidalga entendida (não o Juiz de Paz), que é a relatora, toma algum cuidado em repelir as objeções feitas contra a história por alguns dos amigos do irmão de Sr.ª Veal, que consideram a maravilha como uma calúnia sobre a sua família, e fazem o que podem para a desacreditar com zombaria. De facto, admite-se, com admirável imparcialidade, que o Sr Veal é demasiado cavalheiro para supor que Sr.ª Bargrave inventou a história — o próprio escândalo mal poderia ter suposto tal — embora um mentiroso notório, que é castigado para o final da história, se atreva a lançar tal insinuação.

Nenhuma pessoa razoável ou respeitável, contudo, pôde ser encontrada para apoiar a suspeita, e o próprio Sr Veal opinou que Sr.ª Bargrave fora enlouquecida por um marido cruel, e sonhara toda a história da aparição. Ora tudo isto é suficientemente astucioso. Ter afiançado o facto como universalmente conhecido e acreditado por todos, *nem. con.*, não teria sido nem metade tão satisfatório para um cético como admitir honestamente que a narrativa fora impugnada, e sugerir o carácter de um desses céticos, e os motivos de outro, como suficientes para explicar a sua falta de crença. Agora ao facto em si.

Sr.ª Bargrave e Sr.ª Veal tinham sido amigas na juventude, e tinham protestado que a sua afeição duraria enquanto vivessem; mas quando o irmão de Sr.ª Veal obteve um cargo na alfândega em Dover, seguiu-se alguma cessação da sua intimidade, "*embora sem qualquer zanga positiva*." Sr.ª Bargrave mudara-se para Cantuária e residia numa casa própria quando foi subitamente interrompida por uma visita de Sr.ª Veal, enquanto estava sentada em profunda contemplação de certas angústias suas.

A visitante estava em trajes de montaria e anunciou-se preparada para uma jornada distante (o que parece insinuar que os espíritos têm uma distância considerável a percorrer antes de chegarem à sua estação designada, e que as fêmeas, pelo menos, envergam um traje para a ocasião). O espírito, pois tal era a aparente Sr.ª Veal, continuou a dispensar a cerimónia da saudação, tanto ao ir como ao vir, o que lembrará ao leitor a resposta de um amante fantasmagórico à sua amada na bela e antiga balada escocesa:—

*Por que haveria eu de entrar no teu aposento? Não sou nenhum homem terreno; E se beijasse os teus lábios rosados, Os teus dias não seriam longos.*

Começaram então a conversar no estilo caseiro de senhoras de meia-idade, e Sr.ª Veal discorre longamente sobre as conversas que anteriormente tiveram e os livros que leram juntas. A sua experiência muito recente levou provavelmente Sr.ª Veal a falar da morte e dos livros escritos sobre o assunto, e ela pronunciou,

*ex cathedrâ*, como uma pessoa morta está em melhor posição para fazer, que "*o livro de Drelincourt sobre a Morte era o melhor livro sobre o assunto alguma vez escrito*." Mencionou também o Dr. Sherlock, dois livros holandeses que tinham sido traduzidos, e vários outros; mas *Drelincourt*, disse ela, tinha as mais claras noções da morte e do estado futuro de qualquer um que tivesse tratado esse assunto.

Pediu então a obra [admiramo-nos de que a edição e a chancela não tivessem sido mencionadas] e dissertou sobre ela com grande eloquência e afeição. O *Ascetick* do Dr. Kenrick foi também mencionado com aprovação por este espectro crítico [a obra do Doutor era sem dúvida inquilina da estante em alguma loja de um editor favorito]; e o *Poema sobre a Amizade* de Sr. Norris, uma obra pela qual duvido que, embora honrada com a aprovação de um fantasma, possamos agora procurar tão em vão como Corelli atormentou a sua memória para recuperar a sonata que o diabo lhe tocou num sonho.

Logo a seguir, por hábitos antigos podemos supor, a hóspede deseja uma chávena de chá; mas, lembrando-se do seu novo carácter, escapa à sua própria proposta ao recordar que o Sr. Bargrave tinha o hábito de quebrar a porcelana da sua mulher. Teria sido de facto estranhamente fora de carácter se o espírito tivesse merendado ou almoçado chá com torradas. Tal consumação soaria tão ridícula como se a estátua do comendador em *Don Juan* tivesse não só aceitado o convite do libertino para cear, mas tivesse também confiado um bife às suas mandíbulas de pederneira e estômago de adamante. Seguiu-se um pouco mais de conversa de natureza menos séria, e tendendo a mostrar que até a passagem da vida para a morte deixa a ansiedade feminina sobre a pessoa e o traje de algum modo viva. O fantasma perguntou a Sr.ª Bargrave se não a achava muito alterada, e Sr.ª Bargrave, claro, elogiou-a pela sua boa Aparição.

A Sr.ª Bargrave admirou também o vestido que Sr.ª Veal trazia e, como marca da sua confiança perfeitamente restaurada, o espírito revelou-lhe o importante segredo de que era uma seda lavada, e feita de novo recentemente. Informou-a também de outro segredo, a saber, que um tal Sr. Bretton lhe dera dez libras por ano; e, por último, solicitou que Sr.ª Bargrave escrevesse ao seu irmão, e lhe dissesse como distribuir os seus anéis de luto, e mencionou que havia uma bolsa de ouro no seu gabinete.

Expressou algum desejo de ver a filha de Sr.ª Bargrave; mas quando essa boa senhora foi à porta ao lado procurá-la, encontrou no seu regresso a hóspede a deixar a casa. Ela chegara fora da porta, na rua, em frente ao mercado de gado, num Sábado, que é dia de mercado, e estava pronta a partir. Disse que tinha de ir, pois tinha de passar no seu primo Watson (isto parece ser um *gratis dictum* por

parte do fantasma), e, mantendo o carácter de mortalidade até ao fim, virou calmamente a esquina e afastou-se da vista.

Chegou então a notícia de Sr.ª Veal ter morrido no dia anterior ao meio-dia. Diz Sr.ª Bargrave: "*Tenho a certeza de que ela esteve comigo no Sábado quase duas horas*." E entra o capitão Watson, e diz que Sr.ª Veal estava certamente morta. E então chegam todas as peças de evidência, e especialmente o vestido de seda listado. Então Sr.ª Watson exclamou: "*Viste-la de facto, pois ninguém sabia senão Sr.ª Veal e eu que aquele vestido fora lavado*"; e exclamou que o vestido fora descrito exatamente, pois, disse ela, "*ajudei-a a fazê-lo*."

E a seguir temos as tolas tentativas feitas para desacreditar a história. Até o Sr. Veal, seu irmão, foi obrigado a admitir que o ouro fora encontrado, mas com uma diferença, e pretendeu que não fora encontrado num gabinete, mas noutro lugar; e, em suma, temos toda a coscuvilhice do "digo eu" e "penso eu", e "diz ela" e "pensa ela", que assuntos disputados costumam excitar numa vila de província.

Quando assim viramos o conto, com a costura para fora, poderá ele ser julgado demasiado ridículo para ter atraído atenção. Mas quem quer que o leia tal como contado pelo próprio De Foe, concordará que, pudesse a coisa ter acontecido na realidade, assim teria sido contada. A sobriedade de toda a visita sobrenatural na linguagem da vida média ou baixa dá-lhe um ar de probabilidade mesmo na sua absurdidade. O fantasma da governanta de um funcionário da sisa, e uma costureira, não haveriam de conversar como Bruto com o seu Mau Génio.

E as circunstâncias de sedas lavadas, porcelana de chá quebrada, e coisas do género, sendo os tópicos naturais da conversa de tais pessoas, seriam, poder-se-ia pensar, as últimas que um inventor introduziria numa pretensa narrativa entre os mortos e os vivos. Em suma, o todo é tão distintamente circunstancial que, não fosse pela impossibilidade, ou extrema improbabilidade pelo menos, de tal ocorrência, a evidência não poderia senão apoiar a história.

O efeito foi o mais maravilhoso. O *Drelincourt sobre a Morte*, atestado por quem podia falar por experiência própria, teve uma saída sem igual. Os exemplares tinham pesado nas mãos do livreiro como uma pilha de balas de chumbo. Agora atravessavam a cidade em todas as direções, como as mesmas balas disparadas de uma peça de artilharia. Em suma, o objetivo da aparição de Sr.ª Veal foi perfeitamente atingido.—

Vide *The Miscellaneous Prose Works of Sir Walter Scott, Bart.* vol. iv. p. 305. ed. 1827.